

Carmen Seganfredo / A. S. Franchini

100
AS
MELHORES
HISTÓRIAS
DA
BÍBLIA

LPM

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

**A. S. FRANCHINI
&
CARMEN SEGANFREDO**

**AS 100 MELHORES HISTÓRIAS
DA BÍBLIA**



Prefácio

A. S. Franchini e Carmen Seganfredo

Recontar, a nosso modo, aquelas que julgamos ser as cem melhores histórias da Bíblia é o objetivo deste livro. São quase infinitas as versões que todas as artes já apresentaram para os episódios bíblicos. Entretanto, se formos analisar os detalhes de cada uma dessas versões, quantas variações e novidades vamos ali encontrar! É que a Bíblia, sendo um livro extremamente sucinto e econômico nos detalhes, deixa sempre uma grande margem para a improvisação do artista, o qual procura, sempre que possível, dar a sua “cor pessoal” aos episódios, de modo a tornar-se, de alguma maneira, co-autor da história que decidiu recriar. Basta pegarmos, por exemplo, dez versões para o episódio do Dilúvio e veremos que cada autor se encarregou de acrescentar, por conta própria, um detalhe novo e surpreendente, às vezes num tom mais sisudo, às vezes noutra mais descontraído, e sempre evitando desfigurar a essência da história.

Mas, apesar de tantas versões, ainda causa espanto o fato de o público conhecer tão mal a Bíblia – na verdade, a imensa maioria só conhece as suas histórias mais famosas (e, mesmo assim, indiretamente, já que raríssimos são aqueles que as leram na sua fonte original).

Estamos certos, portanto, de que a maioria desses leitores irá se surpreender, à medida que for avançando na leitura, ao descobrir histórias das quais nunca ouviu falar e que talvez venham a lhe agradar até mais do que aquelas que a tradição consagrou. Estamos certos também de que o público jovem – especialmente aquele apaixonado pelas sagas épicas – ficará

agradavelmente surpreso ao descobrir nestas histórias vários elementos ficcionais que está acostumado a ler em seus livros de RPG. (O guerreiro Josué e o “mago” Moisés, por exemplo, são protótipos de qualquer personagem cultuado na moderna ficção de aventura.)

Uma última advertência: um dos objetivos a que nos propusemos ao escrever este livro foi o de não fazermos aqui, em momento algum, proselitismo religioso. Ainda que a grande protagonista deste livro seja a fé que ainda hoje inspira milhões de seguidores, nos abstermos de acrescentar à narrativa quaisquer comentários apologeticos (como é de regra em adaptações do gênero), preferindo deixar que o leitor se inflame, ou não, por conta própria. História verídica ou saga de cunho mitológico, o que importa é que este livro fala de uma fé extraordinária e de como ela operou sobre uma legião de homens bravios, os quais a praticaram conforme as circunstâncias – e as conveniências – do seu tempo.

Nossa única obrigação, como escritores, é a de tentar reproduzir estes feitos com o máximo possível de isenção e talento.

PREFÁCIO

1. A CRIAÇÃO

Houve um tempo em que Deus não era deus de ninguém. Não havendo, ainda, criatura alguma para adorá-lo ou temê-lo, Deus só era deus de si mesmo. Pois nada havia no universo, a não ser Ele próprio. Houve, é certo, a partir de certo instante, os Anjos e o Caos, tão antigos que preexistiram ao mundo, mas não a Deus, que é anterior a tudo. Pois somente Deus é eterno. Somente Ele verdadeiramente *É*, para trás e para diante, antes de tudo e para além de qualquer coisa.

Para sermos mais exatos: Deus era Deus, mas não ainda o *Senhor* – pois, para que haja um senhor, é preciso que haja um servo. Não sendo assim, Senhor de quem Ele seria? Deus, contudo, já era, desde sempre, Todo-Poderoso. Porque fazer e desfazer – ou mesmo deixar de fazer – para Ele é sempre e tudo o mesmo.

Sendo, então, Todo-Poderoso, houve um instante indeterminado no qual Deus, decidido a fazer uso de seu poder absoluto, quis que houvesse no universo algo mais além de si. Algo que estivesse submetido a Ele e ao qual pudesse retribuir a adoração, cumulando-o de bênçãos. Deus começava, então, a tornar-se também o *Senhor*, ao expressar o seu incomensurável poder. E foi assim que o Senhor Deus, a partir desse instante maravilhoso, começou a criar.

Imensa treva preenchia o vasto abismo que era então nosso planeta, enquanto o espírito de Deus pairava livremente sobre as águas. Fazendo uso pleno do seu Verbo vivificante, Ele disse com voz cheia de autoridade: “Haja luz!” – e houve a luz. Depois de apreciar o resultado, e de chamar “dia” ao período luminoso e “noite” ao período obscuro, Ele sentiu-se satisfeito. *E esse foi o primeiro dia da Criação.*

Depois o Senhor Deus disse: “Haja uma cobertura, para que as águas de

cima estejam dispostas sobre as águas de baixo”. E a esta cobertura anil, que separou as alturas do baixo, Ele chamou de “céu”. *E esse foi o segundo dia da Criação.*

Depois o Senhor Deus disse: “Haja um recuo das águas de baixo, até que fiquem descobertas grandes porções de solo seco – eis que o seco será, doravante, a antítese do úmido”. E à porção molhada chamou “mar” e à seca, “terra”. Isto feito, sentiu-se novamente satisfeito. Mas indo mais adiante, o Senhor Deus ainda disse: “Haja um imenso tapete verde estendido sobre a terra e uma miríade de árvores plenas dos mais diversos e coloridos frutos. E que esses frutos sejam dotados de árvores em miniatura, chamadas ‘sementes’, as quais, retornando à terra, façam brotar outras árvores de sua mesma espécie e estatura”. E tudo saiu tão perfeito que o Senhor Deus sentiu-se novamente satisfeito. *E este foi o terceiro dia da Criação.*

Depois, Deus disse: “Haja pontos luminosos sobre o céu noturno, para que eles ponham diferença entre a noite e o dia”. E assim foi feito. Mas Deus foi ainda mais além, ao criar dois grandes luzeiros, um para iluminar o dia e o outro para amainar a treva da noite. (E se já antes havia criado a Luz, nem por isso Deus foi redundante, pois ninguém há que saiba qual intensidade tinha aquela Luz primeira, ou mesmo a que Luz específica Ele se referia.) Ao farol do dia o Senhor Deus chamou de “sol”, e ao farol da noite chamou de “lua”, os quais haveriam de servir também de marcos fixos para o calendário, com seus dias, meses e anos. Houve, como se vê, motivos de sobra para que Deus se sentisse novamente satisfeito. *E esse foi o quarto dia da Criação.*

Depois, o Senhor Deus disse: “Haja vida sob e sobre os mares”, de tal sorte que o ar e o mar se viram infestados de seres vivos dotados de respiração. E como pela primeira vez se visse diante de seres vivos, dignou-se a lhes dirigir a sua bênção, expressão mais suave do seu divino Verbo: “Espalhem-se e multipliquem-se à vontade sob os mares e sobre os ares”. *E esse foi o quinto dia da Criação.*

Depois o Senhor disse: “Haja vida também sobre a porção seca – antítese da úmida –, e que ela se manifeste em diferentes espécies, e que estas se reproduzam com a mesma facilidade dos seres do mar e dos seres do ar!”.

Surgiu, então, quantidade quase infinita de seres irracionais, de tão perfeita constituição que Deus se permitiu novamente declarar-se satisfeito.

Mas como este fosse o último dia antes do sétimo, e o Senhor estivesse verdadeiramente entusiasmado, antes de ter encerrado a Criação resolveu ainda criar um derradeiro ser – o melhor que de suas mãos saísse –, ao qual deu o

nome de Homem. Então, disse a si mesmo: “Seja ele feito à minha imagem e semelhança” – com o que, guardadas as infinitas proporções, temos hoje uma vaga idéia de como deve ser aquele que nos lançou à vida. E tão assemelhado a Deus saiu o Homem que Ele decidiu que àquele também caberia uma parcela de autoridade sobre o mundo. E foi assim que o Criador submeteu ao império do Homem todas as demais criaturas, tornando-o, destarte, também um pequeno senhor, guardadas as infinitas proporções. Para concluir a sua obra, Deus declarou que as ervas dos campos e os frutos das árvores passariam a ser o alimento único, tanto do homem quanto dos animais, e depois, passando em revista tudo quanto havia feito, sentiu-se, pela última vez, plenamente satisfeito. *E esse foi o sexto dia da Criação.*

Finalmente, chegou o último dia da Criação, que o Senhor Deus consagrou inteiro para o seu merecido descanso.

E esse sétimo dia calmo e sereno e manso e infinitamente aprazível da Criação foi já, também, o segundo dia da conturbada história humana.

2. ADÃO E EVA

Deus havia, finalmente, concluído o nosso mundo. Durante seis dias – que os inimigos da concisão podem estender, à vontade, para seis imensas eras –, o Criador espalhou sobre a Terra toda a espécie de seres vivos ou inanimados. O mundo já era, portanto, uma festa da vida quando, no último dia da Criação – posto que o sétimo ele reservara para seu justo e merecido descanso –, o Senhor decidiu criar aquela que deveria ser a melhor de suas invenções: o Homem.

– Que ele seja a coroa de mirto posta à testa de toda a Criação – disse o Senhor, decidido a superar-se em sua última obra.

Deus tomou, então, um punhado de barro em suas mãos e pôs-se a modelar o novo ser. Sendo Ele próprio o modelo, além de artífice consumado, Deus não encontrou dificuldade alguma para dar à argila a sua forma definitiva.

– Está feito – disse Deus, ao depor o pequeno e frágil ser de volta ao leito da terra. – Eu o chamarei de “Adão”, em homenagem à sua mãe.

Como em todas as coisas perfeitas, havia aqui um toque de feliz e adequada simplicidade, pois “Adão”, em hebraico, quer dizer “barro”, ou “pó”.

Adão, entretanto, ainda não passava de um boneco de carne e osso, jazendo aos pés de Deus, a dormir o sono profundo da não-existência. Suas feições, que chamaríamos, em outras circunstâncias, de “serenas”, não traíam aqui o menor sinal dessa emoção. Pois, ao contrário dos mortos, que, por terem provado um dia da serenidade, podem reter eventualmente em sua derradeira máscara os traços que essa suave emoção um dia lhes imprimiu, Adão ainda não havia experimentado emoção alguma, sendo o seu rosto a mais perfeita representação da inexpressividade humana.

Deus, então, tomando do corpo inerte de Adão, suspendeu-o até o seu divino rosto, soprando em seguida sobre suas narinas o seu hálito divino. Adão, sentindo o sopro invadir cada célula do seu corpo, teve um ligeiro estremecimento. Deus, vendo que era o bastante, recolocou o homem de volta ao leito de sua mãe. Adão remexeu-se sobre o solo, como quem desperta do melhor dos sonos, e depois lançou para os lados os seus braços, num gesto quase igual ao do nosso moderno espreguiçar. Em seguida seus olhos abriram-se e ele viu-se frente a frente com o Criador.

– Quem sou eu? – perguntou ele, que já nascera com o dom da fala e do raciocínio.

– Tu és Adão – disse Deus.

– E tu? – disse o primeiro homem.

– Eu sou quem sou.

Adão compreendeu isto imediatamente, pois dentro de si circulava o hálito divino, que lhe dava o conhecimento imanente do seu Criador.

Dizer-se que Deus não tinha, então, nenhuma expectativa quanto às primeiras reações de sua nova criatura é dizer também que nada se conhece sobre Ele. Apesar de onisciente, o Criador acompanhava a evolução de sua obra com os mesmos sentimentos de expectativa que acometem a todo verdadeiro artífice. Além do mais, Deus defrontava-se com a maravilhosa novidade de, pela primeira vez em toda a sua existência, poder trocar palavras com um ser dotado, tal como Ele, de raciocínio e capacidade de articulação.

Adão, que até então estivera de joelhos, em muda reverência ao Criador, quis ficar em pé, e para tanto apoiou-se sobre seus quatro firmes e sólidos membros.

– Não – disse Deus, com um suave balançar de sua divina cabeça.

Na verdade nem teria sido preciso o alerta divino, pois logo Adão percebeu que para ficar em pé duas pernas só bastavam.

– Vê, tudo isto é teu – disse Deus, com satisfação.

Os olhos de Adão vagaram ao redor com infinito deleite.

– É tudo maravilhoso, meu Pai! – disse o Homem, extasiado.

– Mas existe ainda um outro lugar – disse Deus. – Um lugar muito especial que será a tua morada principal.

“Um outro lugar?”, pensou Adão, algo intrigado.

Deus o conduziu até lá, por entre veredas amenas.

– Aqui está o Jardim do Éden, lugar que criei especialmente para ti – disse Deus, mostrando uma espécie de oásis, que conseguia ser ainda mais delicioso do que o restante da Criação. Além da exuberante vegetação, Adão teve sua atenção despertada por um grande manancial de água, formado por quatro braços, que irrigava o Jardim, tornando-o sempre fresco e vicejante.

O Éden era, na verdade, uma espécie de morada de campo de Adão, o local mais aprazível de todo o universo, do qual ele deveria cuidar e preservar.

– Daqui sairá o teu sustento – disse Deus, mostrando ao Homem campos abundantes e férteis, aos quais as sementes, espargidas generosamente pelo vento, depositavam-se sem o auxílio do homem, fazendo brotar, em muito pouco

tempo, os mais perfeitos grãos.

– E o que devo fazer para ser digno de tantas benesses? – inquiriu Adão, ligeiramente apreensivo.

– Nada, pois são benesses – respondeu o Senhor. – No Éden, tu estás isento de trabalho.

– *Trabalho?* O que é isso? – disse Adão, que tivera o doce privilégio de nascer sem essa noção.

– É tudo quanto fiz nestes seis últimos dias – respondeu o Criador. – Mas tu, meu filho, dele estás dispensado, eis que sou um Deus bom e generoso. Tudo quanto exijo em troca de minha liberalidade é a tua mais honesta obediência.

– Oh, meu Pai, quão pouco pedes em troca de tão vasta bênção! – disse Adão, reconfortado. Afinal, que fardo representaria obedecer a um Deus tão amigo e generoso?

Deus continuou a mostrar a Adão todos os recantos do Jardim, até que este deparou-se, subitamente, com um muro esverdeado, ao centro do qual despontava um enorme portão.

– O que há por detrás dele? – disse Adão, curioso.

– Ainda não é hora de saberes – disse o Senhor, de maneira algo enigmática.

Na verdade, antes disso, Ele tinha uma coisa mais importante a comunicar ao seu filho.

– Ouça antes o que tenho a te dizer – disse Deus.

O Homem apurou os seus ouvidos.

– Não me agrada a idéia de que estejas só, mesmo num lugar tão aprazível – disse Deus, com ar austero.

– Mas não estou só, meu Pai – disse o homem. – Tua companhia me é mais que suficiente.

– Não, tu precisas de outras companhias, além da minha.

Deus, então, chamou à presença de Adão todas as criaturas da Terra para que ele as conhecesse.

– A ti entrego a tarefa de nomeá-las uma a uma – disse Ele. – Veja, aí está a primeira delas – disse Deus, chamando logo um animal de quatro patas, robusto e dotado de sólidos cascos.

– Verdadeiramente forte – disse Adão. – E seu olhar é muito manso.

– Que nome lhe darás? – inquiriu-lhe Deus.

Depois de estar atentamente a observá-lo, Adão, como num estalo, respondeu:

– Boi! – disse ele, radiante. – Eu o chamarei de boi!

E ao ver a sua companheira, imediatamente acrescentou:

– E ali está a vaca!

Adão repetiu muitas vezes os nomes, para testar-lhes a sonoridade:

– O boi e a vaca...!

Deus observava, deliciado, a alegria do filho – eis que sua alma, naqueles dias, estava feliz e sem travo algum de amargura –, enquanto os animais iam desfilando diante do primeiro homem, que nomeou-os um a um, numa distração que consumiu ainda o dia e a noite inteiros. No dia seguinte, Adão descansou, tal como seu Pai o fez – pois que era o sétimo da Criação –, retomando a distração no outro dia, no qual viu desfilar à sua frente tal número de seres diferentes, e mesmo extravagantes, que o tédio não encontrou meios de insinuar-se em sua alma.

Mas, enfim, acabou-se o majestoso desfile, e com ele a distração. E finda a distração, Adão pôs-se a refletir. E refletindo chegou a uma triste conclusão, que é o prêmio habitual de quase toda reflexão.

– Senhor – disse ele, clamando por seu divino Pai. – Já estão todas as criaturas devidamente batizadas, e meu coração se regozijou imensamente com isso.

– Muito bem – disse a voz de Deus, pois desta vez ele não estava à vista.

– Uma coisa, no entanto, ligeiramente me constrange – disse Adão, timidamente.

– O Éden, por certo, não é lugar para tristezas – disse a voz, em meia-advertência.

– Oh, certamente que aqui sou imensamente feliz! – respondeu Adão, apressadamente. – E estou pronto a esmagar minha ligeira contrariedade se isto te trazer o menor aborrecimento.

– Alegra-me muito escutar tais palavras, filho meu – disse Deus, e uma brisa forte soprou pelos galhos, arrancando das folhas uma espécie de suspiro. – Mas diga, afinal, qual era o motivo para a tua ligeira contrariedade.

– Eis o que se passa: constatei, depois de muito ver tão belos e variados animais, que quase todos eles traziam consigo uma espécie de cópia de si mesmo, e que isto parecia alegrá-los imensamente.

Uma nova remessa de brisa agitou o arvoredo, antes que a Voz soasse novamente:

– Verdadeiramente, agora estou aliviado – disse Deus, de maneira surpreendente.

– Algo te oprimia, Senhor? – disse Adão, sem entender.

– Era meu desejo que, vendo os animais aos pares, chegasses tu também a desejar ter a teu lado a melhor companhia que ao Homem eu pudera dar.

– A melhor companhia, meu Pai, eu já a tenho.

– Guarda as tuas lisonjas, caro Adão, pois sei bem o quanto o teu coração me adora. Mas não é bom que o homem esteja só, sem a sua dedicada parelha.

Adão sentiu que algo de muito bom estava se preparando novamente. “Que mundo...!”, pensou, eufórico. Primeiro o Éden, depois o soberbo desfile, e agora uma nova e deliciosa surpresa! Então a vida seria sempre isto, uma sucessão de surpresas maravilhosas, encadeadas umas às outras?

Adão, então, decidiu nesse momento dar adeus, de uma vez por todas, à pequeníssima nostalgia que às vezes ainda sentia do sono sem sonhos que antecederia o seu nascimento. (Naturalmente que em momento algum declarara tal sentimento ao Senhor, pois conhecia o alto teor de ingratidão que ele encerrava.) – O que farás, Senhor, para que eu me torne ainda mais feliz?

Sem nada dizer, Deus Todo-Poderoso tomou Adão em suas mãos e depositou-o outra vez sobre o leito de sua mãe terra. Depois, fazendo com que o filho caísse num estado próximo à letargia, aproximou suas miraculosas mãos do seu flanco esquerdo.

Adão, mergulhado numa espécie de sonho divinal, sentiu que algo penetrara o seu flanco, provocando uma sensação invasiva, porém nada dolorosa, eis que naqueles dias a dor estava exilada de toda a Terra.

Com a visão turva, o primeiro homem viu nas mãos de Deus um pequeno osso, gotejante de um estranho líquido escarlate. Percebendo que aquilo fora retirado de dentro dele próprio, Adão levou inconscientemente a mão ao local onde sentira o contato e pôs-se a apalpar. Sim, algo faltava, um pouco abaixo do seu braço.

E então Adão adormeceu profundamente.

Quando acordou, a tarde já avançara. Sentando-se com alguma dificuldade, Adão procurou pelo Senhor, mas não o avistou.

– Senhor Deus...! – clamou, algo inquieto.

Não houve resposta.

Curioso, percorreu algumas veredas do Jardim, até escutar o ruído de passos por detrás de uns arbustos altos. Acostumado aos passos firmes de seu

pai, Adão estranhou. Pareciam mais os passos de uma delicada corça.

– Quem está aí? – perguntou, em excitante expectativa.

Então, surgindo num repente, apresentou-se diante dos olhos a figura de um ser, à primeira vista, muito parecido consigo.

Adão, intrigado, mirou a criatura longamente. Bem observada, ela não era exatamente idêntica a si mesmo (Adão, naturalmente, já conhecia sua própria figura, depois que estudara o seu corpo, em pé, diante das águas paradas de um lago). O rosto dela, por exemplo, apesar de glabro como o seu – pois Adão não tinha barba e apresentava bem poucos pêlos sobre o corpo –, tinha o formato mais ovalado. Suas feições, bem mais delicadas, denunciavam uma natureza diferente. Mas as maiores diferenças começavam logo abaixo do pescoço. Seus ombros, infinitamente mais delicados – os quais, comparados aos de Adão, pareciam verdadeiramente frágeis –, recebiam uma digna e espetacular compensação apenas alguns dedos abaixo.

“O que são aqueles dois belos gomos proeminentes?”, pensou, estupefato.

Adão abaixou instintivamente os olhos para o seu próprio peito, alisando-os. Depois mirou outra vez aquelas duas protuberâncias inacreditavelmente firmes, em cuja frente equilibravam-se duas pontas rosadas. “Agradam-me infinitamente!”, pensou ele.

Depois, descendo alucinadamente, percebeu o contorno perfeito de um ventre, que parecia ter sido moldado pelas mãos do mais fino dos oleiros. Como num despenhadeiro, entretanto, aquelas formas deslizantes mergulhavam num pequeno triângulo aveludado. Adão, abaixando novamente o olhar, percebeu que aqui havia uma diferença verdadeiramente importante. Esse pequeno (mas fundamental) mistério, entretanto, ele decifraria mais adiante. Agora ele estava decidido a estabelecer um contato maior com a encantadora criatura.

– Quem é você? – perguntou ele, com uma nota indisfarçada de nervosismo.

– Sou aquela que nosso Pai destinou para ser sua companheira – disse ela, com uma voz suave e um brilho nos olhos que fizeram Adão experimentar uma sensação deliciosa e até então jamais sentida.

Os olhos dela desceram, e desta feita foi ela quem pareceu ligeiramente intrigada.

– Sou uma mulher – completou ela, com as duas mãos entrelaçadas às costas.

– *Mulher!* – disse Adão. – *Mulher... mulher... mulher...!*

Mas ele sabia que aquele não era, ainda, o seu nome pessoal, e que a ele

certamente caberia novamente nomear um novo ser – o melhor de todos eles!

– Eva! – disse ele, noutro repente, pois que agora estava realmente preparado.

E não escolheu mal, pois que Eva queria dizer “vida”.

Adão aproximou-se mais dela, e pela primeira vez na história da humanidade um homem abraçou uma mulher. Não foi um abraço fervoroso, mas delicado, que lhe provocou de novo a mesma sensação gostosa, e uma renovada surpresa em sua companheira.

Depois de estarem sós por um longo tempo, escutou-se novamente a voz do Criador.

– E então, Adão, gostou da sua companheira?

O Homem ergueu a cabeça para o alto e exclamou, verdadeiramente feliz:

– O Senhor é infinitamente generoso, eis que me deu o mais belo dos presentes! Agora tenho a certeza de que nada mais há de perturbar a minha felicidade!

Um silêncio misterioso, no entanto, pareceu indicar que ainda não era exatamente assim.

– Por que silencia, meu Pai? – disse Adão.

– Só dependerá de ti, e de tua companheira, para que a felicidade de vocês seja sempre isenta de qualquer mácula.

– Como assim? – disse Adão, novamente um pouco apreensivo.

– Desde hoje o Bosque das Duas Árvores está aberto ao acesso de vocês – disse Deus, mudando o tom paternal da voz para um tom algo severo.

Imediatamente Adão lembrou-se do muro e do imenso portão negro.

– O que esconde esse bosque, capaz de macular a nossa felicidade?

– Lá estão duas árvores, repletas de apetitosos frutos – disse Deus. – A primeira é a Árvore da Vida; dela poderão comer os frutos sempre que quiserem. Mas a segunda, a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, desta não deverão jamais se aproximar, sob pena de minha ira.

Ira! Pela primeira vez Adão escutava da boca de seu próprio Pai esta palavra curta, porém terrível.

– O que é “bem” e “mal”? – quis saber Adão.

– Muito me desagrade ouvir tal pergunta – disse Deus, em tom de censura. – Isto significa que a tua alma já se inclina a provar do amargo fruto. Pois saibam que se desta árvore comerem um único fruto, estarão irremediavelmente condenados a morrer – disse o Senhor, de maneira categórica.

– *Morrer?* – disse Adão, levando outro susto. – O que é isso, divino Pai?

- Equivale a cessar de existir – disse o Senhor.
- Oh! Voltarei, então, a ser o que era antes de nascer?
- Assim será.

Adão lembrou-se quase involuntariamente da blasfema nostalgia, antes de afirmar a si mesmo que não tinha mais vontade alguma de voltar a desfrutar daquele longo sono sem sonhos. Mesmo com o acréscimo desagradável que o Éden sofrera com a introdução da apreensão, ainda assim valia mil vezes mais continuar vivo, agora que, além da Presença divinamente zelosa, ainda possuía a companhia inestimável de sua encantadora companheira.

– Como saberemos diferenciá-las? – quis saber Eva, que parecia a mais curiosa.

– A Árvore da Vida é luminosa, banhada sempre pelos raios do sol – disse o Senhor. – Já a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal está imersa na penumbra, embora possa parecer tão atraente.

– Mais do que a própria Árvore da Vida? – perguntou Adão.

– Depende da inclinação de cada um – disse Deus, laconicamente. – Mas fazem perguntas demais, e isto já é um mau sinal, pois não lhes disse anteriormente que o fruto desta árvore é tão somente a morte?

Dito isto, o Senhor retirou-se, sem mais nenhuma palavra.

– O que lhe parece tudo isto? – disse Eva, voltando os olhos para Adão.

– Melhor esquecermos as tais árvores e seguirmos felizes com nossa vida – sugeriu Adão, numa frágil tentativa de afastar da mente tais cogitações.

Mas Eva estava inquieta: como poderia continuar feliz, estando intranquilha? Pode alguém ser feliz sob uma ameaça permanente, capaz de destruir uma vida inteira de felicidade?

Eva perdera para sempre a tranqüilidade. A perda da inocência, contudo, teria de esperar ainda mais um dia.

Eva dormiu muito pouco durante a noite. Nem bem o dia clareara e ela, a pretexto de um passeio, separou-se de Adão, rumando para o Bosque das Duas Árvores.

Atravessando um pequeno vale, cuja vegetação rasteira tinha a maciez de um tapete, Eva desfilou diante de uma natureza em estado de absoluta inocência. Animais das mais diferentes espécies passavam uns pelos outros, para mais um dia de existência amena e despreocupada. Iam em busca de sua primeira

refeição, farta e pura, pois naqueles dias dourados nenhum havia ainda que se alimentasse da substância de outro. Era assim que se podia ver os animais que a zoologia dos dias de corrupção haveria de chamar de “predador” e “presa” indo juntos colher no solo e nas árvores o alimento inocente e abundante. Embora ocupada com seus pensamentos, Eva não pôde deixar de dar um sorriso feliz ao ver um leão de furtas e esvoaçantes jubas a brincar inocentemente com um cordeiro, o qual, deitado despreocupadamente aos pés do leão, estava à inteira mercê de suas inocentes presas.

Depois de percorrer todo o pequeno vale, Eva ingressou no meio das árvores do bosque principal, embora ainda não fosse aquele que ela buscava inconscientemente. Uma sensação de tensa expectativa invadia o seu peito.

“Se sem provar do fruto, já tenho a alma oprimida, como será, caso cometa a transgressão fatal?”, pensou, tentando se defender da tentação que sentia avizinhar-se. Depois, revoltando-se ainda mais com a sua própria fraqueza, chegou a dirigir uma censura a si própria: “Eva imprudente, este sentimento desagradável não é aviso suficiente para que ponha um fim a tudo isto, retornando imediatamente para os braços de Adão e ao rebanho do Senhor?”.

Mas nem assim deixava de avançar, roçando a ponta dos dedos sobre a casca nodosa dos troncos das árvores, como se inconscientemente tentasse deter o avanço dos seus passos. “Mas, por outro lado”, pensava contraditoriamente, “a perda do sossego, manifesta por esta ardente curiosidade, não é prova suficiente de que já estou inoculada, de maneira irremediável, pelo germe do conhecimento?”

A curiosidade mesclada à dúvida logo levou Eva para um estado próximo da angústia. Eva caminhou mais um pouco até ver-se, finalmente, diante do grande muro recoberto de hera que protegia o Bosque das Duas Árvores.

– Eis o Bosque Proibido! – disse ela, com um misto de apreensão e alívio na voz.

Depois de contornar o muro imenso, Eva avistou os dois batentes do portão, outrora vedado. Suas portas largas, de grades negras retorcidas em elegantes filigranas, estavam totalmente escancaradas.

“Aberto...!”, pensou ela, numa confirmação tão indesejada que lhe pareceu uma autêntica surpresa.

Apesar dos dois batentes abertos, Eva entrou pé ante pé, como uma intrusa. Seus passos não faziam o menor ruído, pois, a exemplo do restante do Jardim, não havia pelo solo uma única folha caída – sinal sublime de uma

natureza intocada e permanentemente vicejante. Foi assim que, avançando lentamente, avistou, por fim, bem ao centro do Bosque, uma árvore gigantesca e verdadeiramente maravilhosa.

– A Árvore da Vida! – exclamou ela, sem poder conter o espanto.

Sim, o Senhor estava certo quando dissera que ela seria imediatamente reconhecível, logo à primeira vista. Ali estava ela, muito alta, a espraçar seus galhos peizados de frutos em todas as direções. Sua copa, de folhas douradas (mas de um dourado vivo, e não aquele produzido pela mão fria do outono), lançava-se para o alto até quase espanejar os céus.

Tão forte foi a impressão causada por essa árvore que Eva não conseguiu perceber que um pouco mais ao lado havia uma outra, muito diferente. Meio escondida num bosque estava a árvore fatal, cujas raízes, troncos e galhos estavam repletos de uma seiva tão forte e espessa que chegava a transpirar dos frutos alaranjados que dela pendiam em abundância.

No entanto, Eva, satisfeita com a visão da primeira árvore, não teria sequer pensado em procurar a segunda, não fora uma pequena e inesperada ajuda.

– Psssssiu!

Eva, ignorando a segunda árvore, ainda observava a Árvore da Vida, enquanto sua mão se estendia para tomar um dos seus dourados frutos.

– Psssssiu!

Eva sentiu um puxão firme em sua longa cabeleira, a qual lhe escorria livremente sobre o corpo como uma delgada cascata negra, detendo-se um pouco abaixo das suas nádegas firmes e pequenas. Voltou-se e viu uma criatura incrivelmente esguia estirada sobre o chão.

– Uma cascavel...! – exclamou, sorridente.

Depois, voltando os olhos para a Árvore da Vida, comentou:

– Não é a coisa mais linda que seus olhos já viram?

Entusiasmada, Eva esquecera-se de que falava a um ser desprovido de entendimento. Conquanto quase que inteiramente absorvida pela muda contemplação, escutou um ruído parecido ao de uma cusparada.

– Grande besteira! – disse a serpente, imprevistamente.

Tomada por viva surpresa, Eva voltou-se para o estranho ser:

– O que é isso? – disse ela. – Então aqui os seres brutos falam?

– Na verdade, somente eu – disse o animal, ainda estirado sobre o solo.

– E por que está deitada deste modo?

– Não queria assustá-la, criatura encantadora – disse a outra, erguendo-se

do chão a uma altura assustadora.

Eva, ligeiramente arrependida por ter feito o reparo, viu a serpente crescer a tal ponto que a obrigava a suspender a cabeça para poder encará-la nos olhos.

– Por que se detém tanto na contemplação desta árvore, quando há esta outra, quase ao lado, infinitamente mais bela e sedutora? – disse a cobra, apontando para a árvore rival.

– Oh, é aquela a árvore do...

Eva, sem saber direito a razão, hesitou em pronunciar o nome.

– A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal? – disse a serpente, aproximando de Eva o seu rosto, onde destacavam-se desagradavelmente os grandes olhos, cujas pupilas verticais refulgiam dentro de cavidades desprovidas de pestanas.

– Mas espere aí – disse Eva, reassumindo o controle. – Você ainda não me explicou por que tem o dom da fala. Isso para mim é uma coisa inteiramente inédita, já que o Senhor não havia me avisado de tal possibilidade. Por favor, explique-me.

A cascavel afastou-se na direção da outra árvore, fazendo um sinal para que Eva a acompanhasse. Então, ao chegar ao pé da árvore, apanhou um dos frutos úmidos.

– Não, não toque nesses frutos...! – gritou a mulher, quase em desespero.

– Ora, não se assuste, jovem criatura! – disse a serpente, lambendo-se toda. – Eles são muito deliciosos!

– São venenosos, pois trazem dentro de si a morte!

– Tolice!

– Vai explicar ou não por que tem o dom da fala? – disse Eva, já desgostosa dos modos daquela criatura vagamente repulsiva.

– Minha querida, eu falo porque penso.

– Como pode ser isto?

– Muito simples! – disse a cascavel, dando uma valente dentada no fruto.

Diante do gesto, Eva recuou, horrorizada, sensação esta aumentada pelo ruído horripilante que o ato de ingerir produziu no corpo do animal. De fato, as contrações que percorriam como uma onda, de alto a baixo, o corpo da cascavel faziam com que as escamas sobrepostas roçassem umas nas outras, produzindo um ruído rascante profundamente repulsivo.

– O que fez? O Senhor proibiu terminantemente que se comessem os frutos desta árvore! – disse Eva, profundamente assustada.

– Proibiu a quem...? – disse a serpente.

– A nós... A mim, e Adão, e...

– E só! – disse a serpente. – Não me meta nisto, por favor.

– Então é graças a este fruto que você pode falar? – disse Eva, vendo o último pedaço do fruto desaparecer dentro da boca vermelha da cobra, descendo em seguida com o mesmo ruído incômodo.

– Vamos, prove você também! – disse o animal, apontando a árvore.

Eva tentava raciocinar de todos os modos para opor alguma resistência às palavras da tentadora, que se enredavam cada vez mais nas teias intrincadas da razão.

– O prêmio de todo aquele que come deste fruto maldito é a morte! – disse, finalmente, como se tivesse encontrado seu melhor argumento.

– Oh, sim? – replicou a serpente, rodopiando elegantemente ao redor de si mesma. – *Eu pareço morta?*

Eva ficou confusa.

– O que os dois querem é a sua completa *sujeição*! – disse de súbito a serpente, sibilando de maneira tão agressiva que Eva não pôde deixar de odiá-la.

– Porque saiu de uma costela, deverá estar sujeita a eles para sempre? – acrescentou a cobra.

Eva, no entanto, não cedeu tão facilmente ao jogo baixo da rival.

– Por que deseja espalhar a intriga? – defendeu-se, furiosa.

– Eva, Eva...! – disse a serpente, apaziguadoramente. – Não brigue comigo, jovem encantadora! Tudo o que desejo é provar que a proibição não é tão absoluta quanto vocês dois pensam. Veja, não estou viva e saudável? E meu cérebro jamais esteve tão lúcido! Que mal resultou, afinal, de meu singelo gesto? O problema é que vocês dois ainda não entenderam direito o espírito de seu boníssimo Pai! Ele adora parábolas e metáforas. É, na verdade, um poeta incomparável, a tentar compor a sua magnífica cosmogonia!

Eva escutava atentamente o discurso insidioso da serpente.

– A única morte que este saboroso fruto trará é a morte da sua ingenuidade. Ou, se quiser, da sua “pureza”. Mas que espécie de pureza é essa, filha da ignorância? Deseja mesmo manter-se “puramente ignorante” para todo o sempre? E acredita que seu Pai, inteligentíssimo do jeito que é, vai querer conviver eternamente com dois bobos, que mais tarde povoarão o Éden inteiro de uma legião de eunucos mentais?

– Não somos idiotas! – disse ela, defendendo-se às cegas, como uma pessoa atacada por um enxame de abelhas. – Você mistura deliberadamente as coisas!

– E quanto à sua descendência? – continuou a serpente. – Julga, então, que dentre todos os seus milhões de descendentes não haverá um único valente capaz de burlar a proibição, provando do fruto, afinal?

Eva parecia cada vez mais disposta a ceder.

– Por que não ser, então, a primeira a provar do fruto? – disse a serpente, cravando a última estaca do convencimento no terreno firme do orgulho.

Eva, dando as costas à serpente, rumou decididamente para a árvore. Depois, sem vacilar, tomou um fruto sumarento em suas mãos.

– Isto! Cumpra o plano divino! – continuou a dizer a serpente, num cicio manso e persuasivo. – Eu própria faço parte dele! Faça agora também a sua parte, ajudando seu Pai a levar adiante esta belíssima história. No começo ele parecerá meio zangado – afinal, ele não pode contradizer-se! –, mas não se importe, pois é tudo fingimento. O que ele quer, na verdade, é que você cresça. Logo você verá como vai estar nas graças dele outra vez! Será a predileta! E assim como eu, graças ao maravilhoso fruto, ascendi da condição de bruto para a humana, você logo será alçada à condição divina!

Eva, de olhos cerrados, cravou os dentes no fruto de polpa macia. Seus lábios cheios brilharam com o suco que a fruta transpirava, ao mesmo passo em que sentia na língua um gosto tão amargo que quase a fez cuspir longe o pedaço que arrancara. Mas antes que o fizesse, sentiu uma doçura tão grande espalhar-se pela boca inteira que seus olhos refulgiram de um brilho intenso. E logo seus dentes cravaram-se outra vez – e outra, e outra, e muitas outras vezes ainda –, até Eva não ter mais nada em suas mãos, pois o fruto daquela árvore não possuía caroço algum. Quando ela descobriu que havia devorado o fruto inteiro, sentiu o chão tremer debaixo de seus pés, e ouviu um ruído terrível, vindo de muito longe, como se a Criação toda gritasse de horror.

Eva estava tão absorta nas delícias daqueles frutos – pois comera muito mais que um – que não percebeu que sua companheira havia desaparecido inteiramente.

Depois de ter se fartado à vontade, Eva escutou passos vindo em sua direção. Rapidamente tentou limpar das mãos o suco espesso do fruto, esfregando-as na relva.

– Eva, Eva! – disse a voz. – Onde está você?

Adão surgiu por uma vereda, pondo logo os olhos sobre ela e as duas árvores.

– Oh, aí está! – disse ele, como que aliviado de um mau pressentimento. Assim que ela pôs os olhos nele, seus olhos encheram-se de lágrimas.
– Oh, Adão, que bom que veio! – disse ela, abraçando-se ternamente a ele.

– O que houve, querida? – disse ele, espantado da reação. – E que coisa pegajosa é esta em suas mãos?

Adão passou também a mão sobre os seus lábios.

– O que andou comendo? – disse ele, com um mau pressentimento.

Eva baixou os olhos, mas logo em seguida os reergueu.

– Eu o fiz! – disse ela, com um brilho trágico no olhar.

– Fez o quê? – disse Adão, amargurado, pois no fundo já sabia do desastre.

– Comi do fruto do conhecimento!

Adão sentiu um desfalecimento tão forte que seus joelhos se dobraram, a ponto de obrigá-lo a sentar-se sobre a relva.

Eva o acompanhou, ficando de joelhos, bem à sua frente.

– Cedo ou tarde, isto aconteceria, meu amor – disse ela. – Nenhum de nós poderia resistir eternamente a esta tentação!

– Miserável! – repetia Adão, descontrolado. – Você nos lançou na perdição!

– Ganhei o conhecimento, meu amado!

– O que está dizendo? – bradou ele, enfurecido.

– Não suportaria viver para sempre sob esta dúvida torturante – disse ela, tentando justificar-se. – Se nosso Pai fazia tanta questão de que não comêssemos desta árvore, por que razão, então, liberou-nos o acesso, escancarando os portões?

– Louca! Ainda acusa o Senhor?

– Mas será que não entende, Adão amado? – disse ela, tomando a cabeça dele em suas mãos. – Você o teria feito, de qualquer jeito!

– Não me atribua seus atos culposos, mulher insensata!

Eva caiu deitada para trás, num choro convulso. Adão, embora ainda furioso, sentiu, no entanto, sua ira amainar-se ao observar o desespero da esposa. Ali estava o corpo que acariciara tão poucas vezes, do qual agora teria de abrir mão, pois sabia que Eva estava irremediavelmente condenada a morrer.

“Como poderei viver sem ela?”, pensou Adão, estupefato, pois jardim de delícias algum poderia fazê-lo feliz se ela não estivesse sempre ao seu lado.

De repente Eva parou de soluçar e Adão foi tomado por um súbito pavor. E se fosse já a morte a chegar?

Adão lançou-se sobre o corpo adorado e abraçou-se a ele outra vez.
– Não, não morra, Eva querida! – disse, aos prantos, colando seu peito ao dela.

Mas ele sentiu que o coração da mulher ainda batia de encontro ao seu.
– O que será agora de mim? – perguntou ela, olhando-o novamente nos olhos.

Adão depositou-a mansamente sobre a relva e aproximou-se da árvore.

– Não, não faça isso! – disse ela.

– Você faria o mesmo no meu lugar? – disse ele, detendo o passo.

Eva vacilou, mas acabou admitindo que sim.

– Sim, eu o faria – disse ela, baixando os olhos.

Ela disse isso quase num sussurro, pois sabia que ao pronunciar-se dessa maneira estaria autorizando o gesto insensato de Adão.

No mesmo instante ele mordeu, com decisão, o fruto do pecado.

Tão logo Adão terminou de saciar-se, foi tomado, juntamente com Eva, de um frenesi mental incontrolável. Ambos se puseram a conversar sobre coisas as quais jamais haviam antes pensado. As dúvidas, que antes pareciam inócuas, agora eram assuntos de vida ou morte. Queriam explicação para tudo. Por que o mundo era assim e não de outro jeito. E de tanto argumentarem chegaram a questionar a própria divindade e seus processos. E então, a certa altura, esgotados de tanto perquirir, descobriram que uma nova excitação, muito mais violenta, viera substituir a primeira.

Depois de silenciarem suas bocas, ficaram a observar mutuamente os seus corpos, como se estivessem vendo-se um ao outro pela primeira vez. Logo, presos de um furioso desejo, entregaram-se a práticas que jamais antes haviam experimentado, nas quais misturavam-se confusamente o prazer com a dor e o amor com o ódio.

Depois disso permaneceram longo tempo estirados sobre a relva, até que Adão, suspendendo a cabeça, disse a Eva: – Ouça, são os passos Dele...!

Imediatamente Adão ergueu-se, cobrindo com as mãos, num gesto instintivo, o seu sexo. Eva, ainda deitada, fez o mesmo, encolhendo-se até ocultar sua nudez com seus próprios cabelos.

– Adão, onde estás? – disse a voz de Deus.
– Aqui estou – disse o homem, num tom vexado.
– Por que te escondes?
– Perdão, meu Pai, mas estou nu!
– Sempre estiveste – disse a voz. – Por que dás importância a isso, agora?
Adão nada respondeu, e ouviu-se novamente a voz de Deus:

– Por acaso comeste do fruto que te proibi?

Adão curvou a cabeça, amedrontado. E, num gesto impensado, disse:

– Foi Eva! Foi ela quem me fez comê-lo!

Pela primeira vez o homem conheceu o olhar de ódio de uma mulher.

– Sim, fui eu quem o comi em primeiro lugar! – disse ela, olhando com raiva para Adão, pois com este ato covarde ele anulava o nobre gesto anterior. – Mas fiz isso influenciada pelas palavras enganosas da serpente!

Então Deus, encerrando de maneira surpreendentemente rápida esse que foi o primeiro inquérito humano, passou imediatamente a proferir o seu veredicto.

– Por teres induzido Eva ao mal, condeno-te para sempre, traiçoeira serpente, a rastejar e a comer o pó do chão. Adão, teus filhos e os de Eva estarão em contínua briga, até que a cabeça da serpente seja finalmente esmagada.

O filho do Senhor, sedento de saber, fez menção de pedir explicações sobre essa estranha profecia, mas Eva impediu-o com um beliscão.

Em seguida, Deus voltou seu olhar severo para o casal.

– Quanto a ti, mulher, terás de parir teus filhos em meio à dor, estando para sempre submetida ao império do homem.

Eva curvou a cabeça.

– A ti, Adão, caberá o castigo do trabalho – disse o Senhor Deus.

– Terei de trabalhar? – disse Adão, sentindo os joelhos fraquejarem outra vez.

– Sim, terás de arrancar com suor o teu alimento da terra, até que um dia retornes ao seio de tua mãe, pois assim como vieste do pó, a ele certamente voltarás.

E, dizendo isso, Deus desapareceu.

Adão e Eva ainda ficaram largo tempo a recriminar-se, até que decidiram tentar, num último e desesperado esforço, mover o Senhor à piedade. Foi assim que, durante vários dias, estiveram ajoelhados diante da Árvore da Vida, a implorar o perdão ao seu Criador.

– É chegada a hora de partirem – disse Deus, secamente.

O casal ficou mortalmente pálido.

– *Partir?* – disse Adão, sem poder acreditar que ainda faltava o pior dos castigos. – Não poderemos remir nossa culpa aqui mesmo, no Éden?

– Não – disse o Senhor Deus. – Este lugar deve permanecer puro, e vocês, não sendo mais puros, não podem permanecer aqui.

Os olhos de Adão encheram-se de água, enquanto o queixo de Eva começou a tremer convulsivamente.

– Levem isto consigo – disse Deus, mostrando um embrulho que estava sobre uma pedra. – Confeccionei especialmente para vocês.

Eva caminhou até lá com passos pesados, de quem sabia que nenhum presente poderia minorar a dor daquele terrível castigo. Depois trouxe o embrulho até Adão, e ambos começaram a desfazê-lo, com evidente desanimação. Logo descobriram o conteúdo: eram duas peças de roupa, costuradas com peles de ovelha.

– Isto será útil – disse Deus –, pois o clima fora do Éden deixou de ser ameno desde o dia em que consumaram a sua desobediência.

– O que queríamos, mesmo, era continuar aqui no Éden, junto do Senhor.

Num movimento abrupto o Senhor Deus deu-lhe as costas e desapareceu.

No mesmo instante surgiram dois querubins portando duas espadas horrendamente flamejantes e com elas apontaram para longe, como a indicar que era chegada a hora irremediável de partir.

Chorando copiosamente, Eva abraçou-se a Adão, e ambos começaram a caminhar, como dois réprobos que eram, a caminho do exílio. Dolorosa via cumpriram, revendo em cada pedra ou árvore os marcos dos momentos felizes que ali haviam desfrutado, até que finalmente alcançaram o portão.

– Estão proibidos de tornar a colocar aqui dentro os seus pés – disse um dos querubins, com voz atoadora.

Tão logo o casal de exilados transpôs os limites do Jardim, os querubins cerraram os portões e foram postar-se à entrada, com suas espadas flamejantes nas mãos.

Adão deu uma última olhada para trás, enquanto Eva, mais realista, estreitava ao peito o precioso embrulho, pois sentira uma brisa gelada soprar em seu rosto.

– Vamos, Adão – disse ela, tomando o esposo pelo braço.

Adão abraçou-se a Eva, sentindo-se ligeiramente reconfortado ao pensar que, ao menos, levava consigo a coisa que mais adorava depois do seu Criador.

Não muito tempo decorrera desde que o casal transpusera os portões do Éden. Os dois querubins, algo cansados, já haviam deposto suas espadas e entreolhavam-se, imaginando o quanto iria durar aquele encargo.

Nesse momento, um deles, que já havia até se recostado, ergueu-se de um pulo, terrivelmente assustado.

– Levante-se já! – disse ele ao companheiro.

Logo surgiu o Senhor, o qual, vindo de dentro do Jardim, caminhou com firmeza até parar diante do portão. Como os dois querubins demonstrassem não saber o que fazer, Deus os olhou com ar severo.

Imediatamente os anjos compreenderam e correram a escancarar os imensos portões que separavam o Criador do restante do universo.

– Senhor...? – disseram ambos, em coro, perplexos com a atitude de Deus, que parecia abandonar (também Ele!) os limites do paradisíaco jardim.

Como o Ser Supremo nada respondesse, fechando ainda mais a carranca a fim de evitar perguntas incômodas, eles repetiram seu apelo: – Senhor...! Deus Todo-Poderoso...! Soberano Absoluto do Universo...!

Imperturbável, o Pai seguiu, a passos firmes, no mesmo rumo dos seus filhos.

3. CAIM E ABEL

Adão e Eva, expulsos do Paraíso, descobriram muitas coisas novas desde que transpuseram, para sempre, as portas do ameno Jardim do Éden. A primeira delas foi que o ar se tornara súbita e desagradavelmente frio. Por isso trataram logo de vestir as roupas que seu Pai providente lhes dera antes de sua partida.

– Vista logo a sua pele, Adão – disse sua esposa Eva, quase obrigando-o a proteger-se do vento cortante que soprava livremente.

Mas o Homem primordial estava, na verdade, triste demais para perceber alguma coisa. Tudo o que importava, dizia ele a todo instante, é que havia lançado fora, com a mesma inconsistência de uma criança, o afeto de seu divino Pai, além de um mundo perfeito, de onde estavam ausentes toda dor e sofrimento.

Eva, contudo, parecia mais conformada. Seus olhos curiosos perscrutavam tudo quase alegremente, pois, imersa ainda na ignorância da extensão dos males que desencadeara sobre a Terra com a sua desobediência, parecia que as coisas haviam mudado muito pouco em seu novo lar – na verdade, quase idêntico ao antigo.

Um pôr-do-sol maravilhoso manchava o horizonte de um festival de cores, que seriam alegres não fosse o estado de espírito que ambos traziam.

– Não fique triste, meu amor – disse ela, alisando as costas de Adão num afago suave. – Não sei por que, mas tenho a sensação de que nosso Pai não nos abandonou, afinal, e que segue diligentemente os nossos passos.

Adão, entretanto, parecia pouco convicto disso:

– Somos réprobos – disse, num murmúrio desanimado. – Logo o Éden estará povoado de criaturas mais dignas que nós.

Sua cabeça curvou-se ainda mais.

– Sim, logo Ele terá nos esquecido totalmente e a morte nos chegará sem que Ele se digne a nos lançar um simples olhar de piedade!

– Adão! – disse sua esposa. – Agora sim está agindo como uma criança! Lembre-se de que Ele prometeu a reconciliação à nossa descendência.

– A eles, talvez – retrucou Adão, acabrunhado. – Mas nós, com toda certeza, jamais estaremos de volta à sua companhia, pois nosso destino é a

morte.

– Não seja tão sombrio! Se agirmos corretamente a partir de agora, quem sabe não seremos chamados um dia, também, a partilhar dessa divina reconciliação?

– Estaremos mortos nesse dia.

– Que seja. Mas se nosso Pai teve um dia o poder de nos tirar do nada para a vida, por que não teria o poder de nos devolver a essa mesma vida? Não subestime os dons Dele, nem a Sua infinita misericórdia!

Adão silenciou, e assim continuaram os dois a caminhar vagarosamente e sem destino certo.

– Este outro pedaço do mundo parece ser infinitamente maior do que aquele pequeno jardim que habitávamos – disse Eva, procurando dar um outro rumo à conversa. – Temos um mundo inteiro a desbravar!

Os dois, tendo subido ao alto de uma pequena montanha, sentaram-se numa saliência e ficaram observando, longo tempo, o sol morrer no horizonte, até que Adão tocou no ombro de Eva e disse, num tom um pouco mais animado:

– Vamos procurar um abrigo para passarmos a noite.

Eva sorriu ao descobrir que tinha, outra vez, um verdadeiro homem ao seu lado.

Depois de vasculharem as proximidades – pois as trevas desciam rapidamente –, encontraram, afinal, uma pequena gruta, onde foram alojar-se.

– É meio apertada, mas por hoje não há meios de encontrarmos outra melhor – disse Adão.



Mas nem todos os dias de suas longas vidas seriam tão suaves quanto foi esse começo quase idílico de exílio. Já na manhã seguinte ambos tiveram uma primeira amostra das terríveis diferenças que havia entre o novo mundo que deviam desbravar e o paraíso para sempre perdido do qual tinham sido expulsos.

Logo depois de descerem de volta para a planície, Eva teve sua atenção atraída por um ruído que não lhe era nada estranho.

– Venha, Adão – disse ela, tomando o esposo pela mão. – Acho que há um leão logo atrás daqueles arbustos!

Habitados à mansidão dos animais do Éden, ambos rumaram apressadamente para o local. Entretanto, logo ao romperem a moita depararam-se com uma visão de pesadelo: um leão, de fato, ali estava, agachado sobre algo. Porém, tão logo percebeu a presença do casal, encarou-os com um olhar tão feroz que Eva quase desfaleceu.

– Sua boca... está toda manchada de sangue! – disse ela, e no mesmo instante lembrou-se do aspecto que Adão apresentara ao provar do fruto maldito, com a boca toda lambuzada do sumo vermelho.

Somente então perceberam aquilo que o leão tentava esconder sob as suas poderosas patas.

– Meu Deus... *é uma ovelha!* – disse Adão, horrorizado.

Sim, era uma ovelha, ainda a debater-se num último e desesperado espasmo para tentar se livrar das garras implacáveis de seu agressor.

O homem fez um movimento na direção da fera para tentar evitar que a morte se consumasse, mas foi impedido por um grito de sua mulher:

– Não, não faça isso!

E o fez em boa hora, pois o predador, pondo-se em pé, num salto, pareceu disposto a liquidar com toda e qualquer coisa que tentasse impedi-lo de se fartar com a sua presa.

Adão e Eva afastaram-se levando o horror na alma, enquanto o leão, reclinado novamente sobre a ovelha, pressionava ainda mais as suas presas sobre o pescoço do animalzinho, sufocando-o lentamente.

– O mais forte, doravante, a massacrar o mais fraco! – disse Adão, com o rosto coberto pelas mãos.

Eva, sentada numa pedra, também deixou que as lágrimas corressem livremente pelo rosto, até que uma folha caiu sobre o seu cabelo, deslizando até o seu regaço. Num gesto mecânico, ela a apanhou delicadamente, apenas para vê-la esfarelar-se entre os seus dedos. E então outras – muitas outras! – começaram a descer sobre si como uma lenta e persistente chuva da morte.

Os dois, abraçados, observaram aquele espetáculo deprimente, sem conseguir mover os pés do lugar, até verem-se rodeados por um tapete dourado de folhas secas e completamente mortas. O outono estava chegando e tudo na natureza parecia tornar-se sombrio, como que num prenúncio de morte. Os animais, tomados por um furor assassino, tratavam de prover-se, a qualquer custo, para os tempos difíceis que se anunciavam. Para toda a parte onde

voltavam seus olhos, Adão e Eva viam cenas de ininterrupto morticínio – na terra, no céu e nas águas –, de tal sorte que Adão chegou a convencer-se de que eles próprios não estavam a salvo de se converterem, também, em presas de algum outro animal. Tendo sido retirado de todas as criaturas o privilégio da isenção da morte, a natureza parecia bradar através do vento cortante: “Nada mais de favoritos em meu reino!”. O mundo passara a ser uma guerra aberta, onde ao fraco e ao imprudente estava reservada a pior parte. Tomando de um pedaço de madeira, Adão começou a desbastá-lo desesperadamente com uma pedra.

– O que está fazendo? – perguntou Eva.

– Precisamos nos defender – disse ele, arfando, na ânsia de ter logo nas mãos algo afiado que pudesse ajudá-los a se defender.

Entregue desesperadamente ao seu ofício, sentiu que algo lhe escorria pela frente, descendo do alto da testa. Levando a mão às faces, recolheu delas uma linfa incolor e pegajosa:

– O que é isto? – disse para si mesmo.

– Suor – respondeu Eva, cabisbaixa, esfregando o líquido entre os dedos.

Adão nada mais disse – pois lembrara-se imediatamente da maldição que o Senhor lhe lançara no dia da expulsão – e recomeçou a trabalhar arduamente.

O primeiro homem sabia que desde aquele instante nada mais conseguiria obter deste mundo sem verter, em troca, grandes quantidades daquela linfa amaldiçoada.

Foi um tempo difícil aquele. Adão e Eva, submetidos à dura privação do primeiro inverno sobre a face da Terra, julgaram que dali para a frente o mundo seria sempre daquele jeito, sombrio e sem vida.

– A morte chegou também à natureza – dizia Adão, quase todos os dias, pois rara era a ocasião em que não era surpreendido pelos sinais inequívocos daquela.

Entretanto, Deus, apesar de parecer ausente todo este tempo, havia preparado algumas surpresas verdadeiramente reconfortantes, que davam ao casal original a idéia de que nem tudo estava inteiramente perdido.

– Veja, Eva, a neve começa a derreter! – disse Adão, um belo dia, à sua esposa.

A mulher correu a ver aquilo que parecia ser um verdadeiro renascimento.

De fato, um aquecimento gradual da atmosfera começara a trazer de volta à Terra os sinais de um renascer de toda a natureza. Flores brotavam debaixo do solo úmido numa profusão milagrosa, enquanto nos céus os pássaros retornavam em verdadeiras legiões, numa alacridade ensurdecadora.

Adão e Eva observavam o dia todo os efeitos desse esplendoroso desabrochar, em especial o comportamento dos animais, que pareciam dominados por um intenso desejo de coabitarem com seus pares.

– A vida renasce, Adão querido! – disse Eva, abraçada a ele, sem perceber que ambos também estavam sob a mesma influência.

A partir daquele dia tiveram muito pouco tempo para admirar fosse o que fosse, entregues sempre a um furor sensual que os fazia esquecer de tudo o mais.

E foi sob esse estado de extrema excitação – que, em alguns momentos, lhes parecia sublime, para logo depois lhes parecer uma perfeita abominação, fruto equívoco do seu pecado – que Eva concebeu o seu primeiro filho. Tendo observado repetidas vezes os animais pejados pelos campos, não foi difícil à futura mãe associar o seu estado ao deles. “Deverei, então, tal como estes brutos, ver romperem-se minhas entranhas, num dilúvio de sangue, para lançar ao mundo um novo ser?”, pensava, numa angústia que crescia junto com o seu ventre, monstruosamente disforme.

Então, nove meses depois da concepção, numa noite tempestuosa, Eva viu chegada a hora de cumprir a sua parte na maldição divina. Enquanto a chuva desabava fora da gruta, acompanhada de violentos trovões, Eva tornou-se presa de incríveis e inenarráveis tormentos, que a obrigaram a misturar os seus gritos estertorantes ao rugido selvagem dos ventos que a tempestade desencadeara.

– Oh, Senhor! Livrai-me desta aflição! – disse ela, quando, exausta já do seu martírio, elevou aos céus o seu pedido.

Como por milagre, Eva viu cessarem seus tormentos com a expulsão de dentro do seu ventre daquilo que tão terrivelmente a oprimia.

– Procriei-o com a ajuda do Senhor! – disse ela, reclinando a cabeça para o lado.

Adão, atento a tudo, aparou o novo ser em seus musculosos braços. Num misto de nojo e estupefação, ficou alguns segundos sem saber o que faria daquele ser, tão diferente dele próprio, que só sabia gritar alucinadamente.

“Santo Deus! Então será sob esta forma miseravelmente fraca que todo homem deverá ingressar neste mundo?”, pensou ele, atônito.

Eva, contudo, recebeu o filho com indizível emoção, estreitando-o imediatamente nos braços – o que, como num passe de mágica, teve o efeito de

fazer com que a criança diminuísse o choro até aquietar-se completamente, de maneira tão repentina que Adão chegou mesmo a temer por sua frágil vida.

Mas o pequeno ser vingou plenamente, pois era um bebê robusto, cujos cabelos vermelhos denunciavam uma constituição sangüínea e viril. Foi chamado de Caim – pois esta palavra semítica tem o sentido de “procriar” – e seu nascimento precedeu em menos de um ano ao de outra criança, de constituição mais delicada, que se chamou Abel.

Durante muito tempo a única distração dos raros momentos de folga de Adão foi observar o rápido crescimento dos seus filhos. Ao mesmo tempo em que ficava encantado, acompanhando as travessuras daquelas duas parodiazinhas infinitamente ternas e engraçadas dele mesmo, também escandalizava-se com a terrível contradição de vê-las expostas, frágeis daquele jeito, a um mundo tão selvagem e ameaçador. Quantas vezes, por exemplo, não vira nos indefesos filhotes dos animais, estraçalhados brutalmente pelas garras de predadores, a imagem aterrorizante de seus próprios filhos!

– Eva, tudo isso é profundamente desolador! – dizia ele, nos momentos em que expunha à esposa o seu desânimo, pois sabia que a segurança dela e daqueles dois seres indefesos repousava exclusivamente sobre a sua firmeza de alma.

Durante um breve tempo a pequena família sobreviveu da cultura de alguns poucos legumes, arrancados a duras penas da terra insubmissa, até que Adão se viu obrigado a tomar a mulher e os filhos e partir em dura peregrinação, em busca de campos novos e férteis. Depois de colocar os três dentro de uma espécie rudimentar de carroça, Adão partiu com eles, numa manhã bem cedo, para desbravar aquele mundo vasto e desabitado. Durante todo o longo trajeto, que percorreu às cegas, fez questão de ele próprio conduzir o desajeitado veículo.

– Por que teima em esfalfar-se à frente desta coisa? – dizia Eva ao marido, o qual, preso numa espécie de arreio improvisado, se fazia de surdo, apressando ainda mais o passo pelos campos repletos de pedras e de cardos.

Eva queria que Adão domesticasse um animal de tração qualquer para realizar a penosa tarefa, mas ele, surdo aos argumentos, recusava-se terminantemente a fazê-lo. Convicto de que não tinha o direito de estender às outras criaturas uma pena que era exclusivamente sua, Adão recusou-se

soturnamente – não só daquela vez, mas até o fim da sua longa vida – a escravizar qualquer animal, mesmo o menor deles, para qualquer coisa que ele próprio pudesse realizar.

Adão, realmente, tornara-se um outro homem. Quanta diferença daquele ser puro (mas tão ingenuamente tolo!) que saíra um dia das mãos do Criador.

Esta viagem teve tantos destinos quantos foram os anos que Caim e Abel levaram para crescer e atingir a juventude. Acostumados a ajudar os pais na árdua tarefa da sobrevivência, acabaram sendo, ao mesmo tempo, amigos e inimigos um do outro.

Caim, embora tivesse um gênio mais feroz, jamais fora inimigo acerbo de seu próprio irmão, tendo ambos tido uma convivência pacífica. Somente quando um terceiro e fundamental elemento entrou em cena é que se instalou na alma de Caim (e por sua própria culpa) o veneno que o corromperia, maculando para sempre a sua alma – e também a sua carne.

Os dois irmãos cresceram. E logo atrás deles vieram uma infinidade de filhos e filhas do casal primordial, os quais, tão logo atingiram a idade da razão, partiram para o mundo, decididos a povoar por conta própria o vasto universo, de tal sorte que em pouco mais de vinte anos viram-se apenas os quatro sozinhos outra vez.

– Permanecemos sempre juntos, nós, que começamos tudo isto – dizia sempre Adão aos dois filhos e à adorada esposa.

Caim e Abel ainda eram jovens – atendendo-se ao fato de que naqueles dias a vida humana era extraordinariamente longa (Adão, por exemplo, viveu bem mais que novecentos anos) – e viviam ocupados em seus afazeres. Caim, o primogênito, gostava de cultivar a terra, enquanto que Abel tomara gosto pelo pastoreio dos animais – tarefa que tanto repugnava a seu pai, Adão. Essa divergência de gostos entre os irmãos, que por si só não poderia jamais originar a discórdia que tão fatal seria a ambos, mostrar-se-ia, no entanto, decisiva na hora em que, fazendo cada qual uso de suas habilidades, viram-se obrigados a provar qual delas era mais agradável ao Senhor, aquele ente misterioso do qual seus pais falavam com tanto carinho, mas também com bastante temor.

E tudo deu-se assim: um dia Adão cozia alguns vegetais quando percebeu que a fumaça que saía do cedro ardente subia numa coluna retilínea, em direção aos céus. Ora, Adão sempre tivera uma profunda nostalgia das conversas que tivera com seu Pai nos dias amenos do Jardim. Então, decidido a restabelecer de alguma forma o vínculo sagrado, confeccionou com algumas pedras uma espécie de “mesa sagrada” – que nada mais era do que o protótipo rudimentar do primeiro altar – e nela fez arder alguns cereais recém-colhidos, como maneira de agradecer ao Criador pela abundância, além de tê-lo como participante, ainda

que simbólico, de sua ceia.

A todos agradou essa idéia, principalmente a Eva, que ansiava por ver seus filhos receberem a bênção que ela própria perdera de seu Deus.

No mesmo dia, fez-se a queima das oferendas. Caim, tomando dos produtos da terra, fez uma fogueira enorme para si, enquanto Abel colocou sobre a sua as entranhas de algumas ovelhas abatidas. Logo as duas fogueiras começaram a arder, sob os aplausos do manso Abel. Para seu irmão, no entanto, aquilo se convertera em uma disputa surda, na qual esperava levar a melhor.

– Vejam como a fumaça de minha oferta sobe diretamente às narinas do meu Senhor! – disse ele, forçando muito as coisas, pois na verdade se alguma fumaça subia retilineamente aos céus era justamente a de seu irmão.

– Caim, não seja injusto – disse Eva. – Admita que a oferta de seu irmão Abel está sendo muito melhor acolhida pelos céus do que a sua. Cumpra a você resignar-se e acatar com humildade o veredicto do Senhor.

Mas Caim não queria ser humilde, e por isso deu as costas a todos e foi morder a mão de raiva numa gruta afastada.

– Miserável bajulador! – rosnou ele, com os dentes cravados na mão.

Então, inesperadamente, escutou uma voz retumbante, que só poderia pertencer ao misterioso Ser.

– Por que estás escondido e de cabeça baixa? – disse a voz. – Faze o bem e poderás andar sempre de cabeça erguida. Mas se fizeres o mal, logo terás erguido diante de ti o teu pecado. Trata, pois, Caim, de refrear teus maus instintos!

Infelizmente as palavras do Senhor não deram o fruto esperado na alma de Caim, pois, na verdade, ele esperava ouvir palavras muito diferentes.

Vendo, então, que Deus não o deixava descarregar em paz o ódio que o sufocava, Caim abandonou a gruta e retornou para onde seu irmão estava, decidido a aliviar seu desgosto fazendo uma besteira. Quando enxergou o irmão, este estava inclinado sobre a oferenda.

– Obrigado, Senhor, por ter honrado a minha oferenda! – dizia ele, contritamente. – Tomo isto como sinal evidente de minha eleição!

Caim, vesgo de ódio, tomou uma grande pedra e correu até onde Abel estava. Este, contudo, estava tão absorto em sua ação de graças que não percebeu o rápido aproximar-se do irmão. Ainda com a pedra erguida, Caim não esperou mais nada e descarregou-a com toda a força sobre a cabeça de Abel. Escutou-se um ruído terrível de algo que se rompe e logo em seguida a vítima desabou sobre os restos de sua oferenda, misturando seu sangue ao do cordeiro que ainda chiava sobre as brasas.

Certo de haver matado Abel, Caim fugiu. Entretanto, não nos lancemos

afoitamente no seu encalço, pois, acostumados, neste ponto da história, a dirigir nossas vistas ansiosas para o primeiro de todos os assassinos, esquecemos sempre de que tão ou mais importante do que o drama de Caim é a tragédia de seu irmão, caído ao solo com um rombo profundo na cabeça.

Abel, pois, jazia de bruços sobre o solo. Sem ainda estar inteiramente morto, num gesto mecânico escarvou a terra com seus dedos encurvados, ao mesmo tempo em que sentia na boca o gosto do pó que sua respiração espalhava em pequenas nuvens. Logo em seguida virou-se, num movimento estranho, como se duas mãos desajeitadas o tivessem virado de costas sobre a terra. Seus olhos quase vidrados ficaram voltados para o céu, e então ele soube que estava prestes a conhecer o terrível mistério da maldição suprema que Deus havia lançado a seus pais e a toda a sua descendência. Os olhos arregalados de Abel vasculhavam na claridade algo a que se apegar, enquanto seu cérebro, sem dúvida abalado pelo tremendo golpe, em vão tentava ordenar as idéias.

Abel, entretanto, era um homem de fé. Podemos ter quase a certeza de que, de alguma maneira, a imagem daquela divindade que ele jamais pôde ver, ou da qual nunca ouviu a voz, esteve presente em suas visões, ainda que de um modo dramaticamente confuso. Em pleno delírio, remexeu os olhos num espasmo que deixou à mostra duas escleróticas muito brancas, dando ao seu rosto a aparência angustiante dos que nada podem ver. Cego para as coisas deste mundo, Abel contemplava agora as coisas divinas. Seu rosto impassível e seu peito imóvel eram a denúncia mais expressa de que o alento divino finalmente o abandonara.

E acabou-se.

Caim corria loucamente para longe do seu crime. Um misto de remorso e de receio de ser punido o impelia para longe da cena do crime. Caim pressentia que aquele ser misterioso, que lhe dirigira uma censura antes mesmo que ele cometesse o ato hediondo, poderia, a qualquer momento, voltar a falar-lhe. Além do mais, como poderia ele encarar seu pai e sua mãe depois do que fizera?

Nesse instante, porém, Caim teve seus passos detidos justamente por aquela voz.

– Caim, onde está teu irmão Abel?

Atemorizado, num primeiro momento, o assassino encolheu-se junto a um

rochedo, como um lagarto. Acuado, entretanto, por nova indagação, Caim sentiu-se tomado por uma súbita revolta e disse, abandonando seu esconderijo:

– Sei eu onde Abel está? Sou, por acaso, pastor de meu irmão?

Deus, entretanto, voltou à carga.

– Não adianta tentar me enganar, filho de Adão. A voz de teu irmão sobe até mim da terra encharcada de sangue.

O Senhor falava essas coisas, entretanto, num tom surpreendentemente calmo. E mesmo quando sua voz retornou, mostrando que já concluía seu julgamento pouco favorável, não foi com voz demasiado severa que se pronunciou:

– Porque tua presença tornou-se amaldiçoada neste mesmo chão onde derramou o sangue do teu irmão, condeno-te a vagar pelo mundo, como malfadado errante, sem que possas retirar mais nada desta ou de qualquer outra terra.

Caim ficou ligeiramente surpreso. Sim, era uma punição, mas nem de longe tão severa quanto se poderia esperar. Pelo menos saíra de tudo aquilo com o corpo intacto, ao contrário do irmão, que lá ficara estendido sobre o pó, inerte.

– Senhor, aceito a tua punição – disse, com ar contrito. – Meu crime pesa horivelmente sobre mim! Mas como, a partir de hoje, estarei a salvo da ira de meus semelhantes? Todos haverão de me apedrejar como a um cão, até a morte!

– Nada temas, Caim amaldiçoado – disse a voz –, pois todo aquele que erguer a mão contra ti será punido sete vezes mais. E para que todos te conheçam como amaldiçoado, porei um sinal sobre o teu corpo.

Caim sentiu uma espécie de paralisia tomar todos os seus membros, enquanto sua testa começava a arder, como se Deus nele desenhasse, com a ponta da unha, um estigma sangrento. Sem poder levar as mãos ao local da ardência, Caim teve de suportar o martírio até que cessasse. Então correu até a primeira fonte para ver que espécie de sinal o Senhor gravara em sua pele.

– Oh, é horrível...! Oh, odiosa marca! Tem a mesma cor rubra do sangue que derramei! Miséria e punição! Será, então, com esta marca infamante que deverei cumprir meu duro exílio, repetindo, de um modo sete vezes pior, a triste sina de meus pais?

Deus, no entanto, já havia partido, e Caim fez o mesmo instantes depois.

Os anos se passaram e Caim estabeleceu-se em diversos lugares, tentando arar a terra. Mas esta só lhe dava cardos, enquanto as pessoas o maldiziam sempre que o vento levantava a sua comprida franja. Depois de vagar por muitos anos, Caim chegou finalmente à distante terra de Nod, a leste do Éden. Aquela terra lhe pareceu bastante aprazível, a começar pelo próprio nome – pois Nod quer dizer “errante” –, e apesar da maldição que carregava, ainda assim

encontrou uma mulher que não se importou nem um pouco com isto.

Caim e a mulher – cujo nome a tradição perdeu – casaram-se, e dessa união surgiu o pequeno Enoque (o qual não se deve confundir com outro de mesmo nome, de quem logo se fará menção, e que foi possuidor de um destino verdadeiramente invejável).

Farto de tentar plantar e colher, sem obter sucesso, Caim disse:

– Desta vez vou fazer diferente.

Tendo certa habilidade na arte de construir, começou a erguer uma casa, e depois outra, e tantas ajuntou que logo fundou a primeira cidade do mundo, que batizou com o nome de seu filho, Enoque. Este, por sua vez, retribuiu a homenagem mantendo viva a história do crime do seu pai, o qual foi cantado em versos por um descendente seu, chamado Lamec.

E assim Caim, abandonado pelo Senhor (embora protegido por uma estranha maldição), viveu ainda longos anos sob o peso do crime que cometera.

Mas com que cara teriam recebido Adão e Eva a notícia da morte de Abel e da fuga do outro filho? Evidentemente que desgosto algum – nem mesmo a expulsão de ambos do Paraíso – sequer chegaria aos pés dessa terrível provação.

– Eis, Eva desgraçada, que nos chega, enfim, das mãos do Senhor o nosso grande e verdadeiro castigo! – dizia Adão, arrancando maços inteiros de sua longa cabeleira. – Para o dia de hoje estava reservada a grande punição! Maldição eterna ao meu e ao seu pecado, Eva infausta!

Sua esposa, estupidificada pela inesperada tragédia, caíra num pasmo mudo. Jamais pudera imaginar que a ira do Senhor pudesse, um dia, alcançar tamanho grau de dureza, apresentando-se, assim, tão despida de qualquer misericórdia.

– Deus guardou o melhor de sua ira para hoje – repetia ela, em sombria contrição. – Pois que faz do sangue do inocente a paga do meu pecado. E tão mais grandioso é seu castigo, que mal posso compreendê-lo. Hosanas à justiça do Senhor! Hosanas sempre a ele!

Adão e Eva não ousaram revoltar-se diante desse medonho castigo, pois, sendo os autores de suas próprias desditas, tinham ainda bem presente a falta que os provocara.

– Eis que o bom Abel retorna ao pó antes de mim – dizia Adão, amargurado, enquanto fazia descer para o ventre da Terra a carne da sua carne. – Graças ao Senhor, pois que teve a piedade de não me fazer prever, quando enxergava o inocente ainda em seu berço, a pedalar alegremente o ar, que tal

destino o aguardava. Sim, Eva desgraçada, hosanas a Deus! Hosanas ao Senhor!

E assim estiveram muitos e muitos dias a se lamentarem, até que o bálsamo do tempo criou sobre a ferida de ambos uma frágil crosta que lhes permitiu voltar os olhos novamente às tarefas do dia-a-dia. Voltaram a sorrir, por certo, também – e muitas vezes –, pois tendo vivido ainda muitos anos, tiveram a ventura de encher o mundo de descendentes, muitos dos quais, a exemplo do bom Abel, viram-se obrigados a restituir ao pó.

Um desses filhos, chamado Set, deu origem a uma estirpe eleita.

Adão viveu até cumprir exatos 930 anos. Quanto a Eva, ninguém sabe – o que nos impede, para sempre, de saber quem antecedeu a quem no grande mistério da morte. Mas podemos imaginar, com razoável certeza, que nenhum sobreviveu muito tempo ao outro, e que estejam ambos unidos, desde então, a aguardar o cumprimento da promessa divina de estarem reconciliados, outra vez, com o Criador, que era sua única esperança e consolo desde o primeiro dia em que haviam começado o seu áspero peregrinar.

4. A ARCA DE NOÉ

Depois de ter gerado os infaustos Caim e Abel, Adão foi pai, ainda, de inumerável prole. O tronco mais nobre desta verdadeira árvore da vida que foi Adão chamou-se Set. Dele veio, algumas gerações mais tarde, um certo Enoque, homônimo do filho de Caim, mas tão infinitamente superior ao filho deste que mereceu o maior dos favores de Deus, sendo dispensado de morrer. O Criador, de fato, extremamente agradado de sua fidelidade, arrebatou-o aos céus, um certo dia, como a um Ganimedes ancião, quando completara 365 anos de idade.

Também a seu filho Matusalém esteve reservada outra graça – um pouco menor que a conferida a Enoque, mas ainda assim invejável –, pois que chegou a viver mais do que qualquer outro ser humano sobre a Terra. O bom Matusalém, enfim, viveu nada menos que 969 anos de idade – ou “31 menos que mil”, como diziam os amigos, para acentuar ainda mais o maravilhoso prodígio.

Matusalém ainda vivia quando já andava pelo mundo o seu netinho Noé. Este patriarca ilustre, que a tradição nos apresenta sempre como um ancião severo – que, de fato, realmente foi, especialmente no período da grande tribulação –, era, no entanto, nos seus verdes dias, um menino muito alegre e que, como todos os outros, também gostava de brincar. Um desses brinquedos já era um sinal de sua futura eleição. Era assim que, desde o raiar do dia, o pequeno Noé já andava por toda parte à cata de insetos e pequenos animaizinhos para juntá-los, sempre aos pares, encerrando-os depois em minúsculas caixinhas. Tão logo reunia nova parelha, corria radiante até o avô e lhe estendia a caixinha, num grande sorriso ainda sem dentes.

O bom Matusalém recebia o presente com um sorriso divertido e o colocava de lado, para mais tarde soltar os pequeninos prisioneiros – pois o moleque, incansável na sua obra, esquecia-se sempre de libertá-los.

Mas o pequeno Noé cresceu, afinal, e tornou-se um robusto jovem, casando-se mais tarde com uma dedicada mulher (que a tradição identificou, posteriormente, como Naamá). Para sustentar a esposa e seus três filhos – Sem, Cam e Jafé –, o incansável Noé fez-se carpinteiro, talvez o melhor que já houve em todos os tempos.

Entretanto, no mundo, as coisas andavam de mal a pior, em termos

morais. Totalmente corrompida, a raça humana entregara-se a todos os excessos, de tal sorte que um dia, enquanto Noé – já um velho de veneráveis barbas – trabalhava em sua oficina, foi visitado pela voz de Deus.

– Noé, largue a enxada e ouça a voz do Senhor!

O velho carpinteiro, tomado pelo assombro, obedeceu.

– Estou farto desta humanidade corrompida – disse Deus, com uma nota evidente de amargura. – Por isso decidi apagar da face da Terra os sinais não só da presença dela, como também dos animais que por aí andam e das aves que voam pelos céus.

Noé, pálido pelo simples de fato de estar diante da presença divina, ficou estupefato diante daquele terrível anúncio.

– Exterminar... *a todos*, meu Senhor? – disse ele, quase incrédulo.

– Não – disse a voz. – A ti e aos teus pouparei do castigo.

Noé sentiu-se um pouco mais aliviado, mas não a ponto de esquecer da desgraça que poria fim aos dias de todas as coisas vivas sobre a Terra.

– Farei desabar sobre a Terra inteira todas as águas represadas no céu, de tal sorte que em muito pouco tempo tudo perecerá debaixo d’água – disse Deus.

Um estupor de espanto substituiu as feições normalmente serenas do patriarca.

– Mas como poderá minha família escapar à tua ira, Senhor?

– Assim será, se fizeres como agora vou te dizer.

Então Deus ordenou a Noé que construísse uma grande arca, de três pavimentos, a qual encheria de todas as espécies de animais – um casal para cada espécie; deveria embarcar nela junto com os seus familiares, e lá deveriam permanecer durante quarenta dias e quarenta noites, que seria o tempo de duração para o Dilúvio.

– Esteja alerta – concluiu a voz, num tom admoestatório –, pois quando começar a grande tribulação, daqui a sete dias, não haverá muito tempo para providências.

No mesmo dia Noé reuniu a esposa e os três filhos, além das noras, e deu-lhes a conhecer o terrível veredicto proferido pelo Senhor.

– Começemos imediatamente a construir a Arca – disse aos filhos, que, apesar de um tanto incrédulos, não ousaram pôr em dúvida a veracidade das palavras do velho pai.

Nos sete dias seguintes Noé e seus parentes não conheceram um único segundo de descanso, consumindo todo o tempo a recolher material para a construção da arca, além de reunir animais aos pares, deixando-os ajuntados numa espécie de redil enorme construído nos fundos da casa. Naamá, a esposa de Noé, também ficou encarregada de juntar quantidades enormes de alimento

para manter vivos a família e os animais durante a longa quarentena sobre as águas. Durante todos esses dias de preparativos – mesmo naquele que antecedeu ao sétimo –, não se viu uma única nuvem cruzar os céus, pois Deus queria testar a fé de Noé, ver se ele era digno de sua escolha. Noé, contudo, nem por um instante, durante todo esse período, ergueu os olhos para o céu; ao contrário, manteve-os sempre voltados para a terra, pois sabia que o tempo urgia.

– Depressa com o betume! – dizia ele a seus filhos, que engrossavam numa caldeira o material destinado a calafetar todas as frestas da grande nave.

Aos poucos a imensa arca foi ganhando forma, suspensa sobre dois gigantescos tripés de madeira que Noé fizera erguer, com a ajuda de outros homens, os quais, assalariados para tal, o faziam com empenho, mas também com grandes mostras de deboche.

– O velho endoideceu – dizia um, enquanto enfiava as cunhas das juntas.

– Também, seiscentos anos nas barbas...! – dizia outro, a serrar uma tábua.

E não só entres estes, mas também em meio à população do lugar se espalhou a maledicência, a ponto dos fofoqueiros se reunirem em pequenos bandos para perturbar o trabalho do velho marceneiro:

– Lá vem a chuva, Noé! Larga a arca e dá no pé!

Mas o forte ancião, a quem a escolha divina dava uma segurança acima de qualquer escárnio, continuava inquebrantável em sua obra.

E assim foi até que chegou a noite que antecedeu o dia fatal.

Uma verdadeira multidão acompanhou o extraordinário movimento daquela última e memorável noite sobre a terra. Sob a luz espectral de dezenas de archotes, uma extraordinária procissão de animais começou a subir a enorme rampa que dava acesso aos dois primeiros pavimentos da enorme arca.

Foi, realmente, um espetáculo magnífico, uma noite de sonho que antecedeu o pesadelo: debaixo de uma mistura de aplausos e assobios, subiam os animais, tendo por fundo o grande disco prateado da lua. Elefantes prodigiosos, leões selvagens, tigres inquietos, zebras – toda espécie, enfim, de animais de grande porte precederam a entrada dos menores, como ovelhas, lobos, coelhos, cães e vários tipos de animais domésticos.

– Venha logo, Mimi! – disse Jafé ao velho gato de estimação, que surgira com a fêmea no seu manso passo aveludado

Logo atrás veio o grande cortejo dos insetos, guardados em pequenas caixas, o que trouxe de imediato à memória de Noé o seu brinquedo antigo, além do saudoso avô, fazendo com que seus olhos se enchessem subitamente de lágrimas.

E assim, ainda antes que a aurora se anunciasse com seu rubor no horizonte, estavam já todas as criaturas irracionais acomodadas no interior da grande arca suspensa sobre os dois gigantes tripés.

Então foi a vez de Noé e sua família adentrarem a grande nau. Apoiado em seu bastão, o velho patriarca subiu levando ao lado a esposa, os filhos e as noras, debaixo do riso delirante da multidão. Noé, porém, assim que pisou no terceiro pavimento, sentiu uma pena tão grande daquelas pobres almas chafurdadas no pecado, que lhes dirigiu, ainda, um último apelo:

– Porcos! Até quando desafiarão a ira do Senhor?

Um coro sonoro de risos estourou lá embaixo, com alguns chegando mesmo a lançar objetos sobre a arca.

Entretanto, apesar do tom de deboche, a maioria daquelas pessoas eram mais supersticiosas do que cínicas, e por isso resolveram esperar até o fim para ver no que ia dar aquilo tudo. “Vai que o velho maluco estava certo?”, pensavam secretamente.

Mas quando o sol surgiu outra vez no horizonte, espalhando amplamente os seus raios, a expectativa do povo esmoreceu. Entendendo que aquela anedota já se estendera em demasia, aos poucos a multidão começou a dissolver-se, indo no rumo de suas mesquinhas tarefas cotidianas. Logo a barca ficou entregue à solidão, debaixo de um sol abrasador.

– Meu pai, como faremos para zarpar aqui de cima? – disse o jovem Cam ao velho marceneiro, ao perceber que não teriam quaisquer meios de fazer a arca se liberar dos dois tripés onde estava assentada.

– Deus o fará – disse Noé, laconicamente.

Mal Noé terminara de pronunciar essas palavras e uma pequenina nuvem surgiu, bem ao longe, no horizonte. Avançando velozmente, foi logo sucedida por mais algumas, e logo atrás, por um exército de outras, de uma cor ferruginosa verdadeiramente assustadora.

– Veja, Noé! – disse Naamá.

O ancião voltou suas barbas naquela direção e disse, com vigor na voz:

– Chegou a hora de o Senhor demonstrar todo o seu poder!

Um rumor surdo, como que de rochedos a rolar sobre a cúpula côncava dos céus, desceu do alto, enquanto o firmamento escurecia como a mais negra das noites.

Apesar de as nuvens correrem alucinadamente pelos céus, na terra o ar estava morbidamente parado. Então uma lufada de vento surgiu de repente, levantando uma nuvem de pó e indo de encontro à arca. Os tripulantes oscilaram para trás, como se uma mão invisível os tivesse empurrado ao mesmo tempo.

– Sem! – berrou Noé. – Recolha as escadas!

Imediatamente Sem deu cumprimento às ordens do pai. Outra lufada abateu-se sobre a arca, fazendo com que os tripés de madeira que a sustentavam rangessem lá embaixo. Jafé viu a arca desprendendo-se das escoras e indo mergulhar sobre o solo ainda seco, num espalhar de madeira e animais. Mas sua visão foi obstada pelo ruído desses mesmos animais, os quais, inquietos com a escuridão, começaram a remexer-se nos pisos abaixo, fazendo tremer a arca toda com os golpes surdos de suas patas.

Noé mirava o céu, numa espécie de transe místico, quando sentiu nas barbas a primeira gota da chuva prometida. E então, o temporal verdadeiramente começou. Numa fração de segundos, a chuva fina evoluiu para uma tempestade de impressionante violência. As águas caíam dos céus com tanta intensidade que parecia que o mundo recebia sobre si o jorro contínuo de uma gigantesca cachoeira. Em menos de um minuto a terra desapareceu sob os olhos dos marinheiros improvisados, e a única coisa que puderam ver lá embaixo eram formas opacas a correr alucinadamente de lá para cá, com as pernas já submersas até os joelhos.

– Pobres coitados! – gritava Naamá.

– Silêncio, mulher! – disse-lhe Noé, com autoridade. – Quer atrair, também sobre nós, a ira que o Senhor destinou aos imprevidentes?

Uma legião de desesperados – que a chuva espessa tornava meros vultos – arremessava-se aos tripés, tentando escalá-los desesperadamente para alcançarem o primeiro pavimento da arca. Entretanto, um a um, iam sendo arrancados antes que conseguissem alcançar seu objetivo, mergulhando de ponta cabeça para a morte. Apenas um destemido conseguira colocar a mão sobre a madeira lustrosa da grande nau, mas, sem poder encontrar um apoio, fora perdendo aos poucos o fôlego, até que, afinal, vencido pela adversidade, foi juntar-se à massa dos desgraçados no turbilhão das águas.

Rapidamente as casas foram sendo engolidas pela elevação das águas.

Pessoas e animais rodopiavam como bonecos desengonçados em gigantescos redemoinhos até desaparecerem na vastidão do grande mar no qual a Terra ia se convertendo.

– Meu pai, a água está quase alcançando o casco da arca! – berrou Jafé.

– Segurem-se todos! – disse Noé, sabendo perfeitamente o que os aguardava.

Tão logo o nível das águas alcançou o casco, a arca foi subitamente impelida para cima, provocando um violento movimento que fez todas as juntas da mesma rangerem. Ao mesmo tempo, o barulho dos animais em desespero atroou a arca inteira. Uma gritaria sobrenatural elevou-se de todas aquelas criaturas espremidas em seus compartimentos, num grito único de mil vozes estridentes e desparelhas que fez eriçarem os cabelos de toda a família de Noé.

O tripé dianteiro, entretanto, tendo perdido sua base de sustentação, saiu fora do lugar e terminou sendo levado pelas águas, o que fez a arca, ainda presa ao tripé traseiro, mergulhar a proa violentamente para baixo. Agarrado a escoras e cordames, Noé viu a proa onde estava inclinar-se de tal modo que chegou a ficar numa posição horizontal sobre as águas abaixo de si.

– O Senhor nos reerguerá! – bradou ele, frente a frente com a morte.

No mesmo instante o tripé traseiro, não suportando o peso inteiro da arca, partiu-se em dois sob as águas revoltas, e desta vez a popa da embarcação, até então suspensa, desceu para as profundezas com toda a força. Convertida num balanço diabólico, a arca oscilou várias vezes, fazendo com que a proa fosse arremessada ora para as nuvens, ora para um vórtice profundo, a ponto de colocar grande quantidade de água para dentro. Noé e seus familiares, solidamente agarrados, estiveram submetidos a este vaivém contínuo até que a arca, finalmente liberta de seus dois entraves, conseguiu estabilizar-se livremente sobre a água.

A chuva, entretanto, continuava a cair com fúria inacreditável. Tudo era escuridão, somente quebrada pelos estilhaços dos relâmpagos, que permitiam aos ocupantes da arca ter uma brevíssima visão do que acontecia ao redor.

– Oh, não há mais nada sobre o mundo! – lamentava-se a esposa de Noé.

– Quando não existir mais o Senhor, então me unirei aos seus lamentos – disse Noé, entrando para o interior da nave, pois agora nada mais havia a fazer senão entregar-se aos desígnios do Criador, uma vez que a arca não tinha leme algum.

Enquanto a chuva durou, não foi possível distinguir o dia da noite, de tal sorte que o mais exato seria dizer que a arca navegou no curso de oitenta noites. Empurrada pelo ímpeto desencontrado das águas, a arca de Noé flutuou durante todo o tempo, porém não tão mansamente quanto se podia esperar de uma nau comandada pelo Senhor. Depois de sofrer diversos abalroamentos, a arca começou a apresentar algumas sérias avarias.

– Não imaginaram, decerto, que o Senhor os colocaria aqui dentro para que estivessem a se fartar o tempo todo – disse o patriarca à família, vendo em tudo, sempre, a mão de Deus. – O Senhor tem duas mãos: com a destra nos abençoa e com a outra nos experimenta.

A maior parte dos quarenta dias passados sobre as águas – que não devem ser tomados, necessariamente, ao pé da letra, pois quarenta era um número genérico usado pelos cronistas para representar um tempo muito longo (assim como os quarenta anos que os fugitivos do Egito passariam no deserto) – os sobreviventes do dilúvio gastaram em dar de comer à verdadeira legião de animais encerrada na arca, além de mantê-la limpa, expulsando do seu interior a quantidade enorme de dejetos.

Então aproximou-se, finalmente, o termo do prazo dado por Deus para que a chuva cessasse. Sem e Jafé estavam de pé, ao abrigo da grande coberta, observando o temporal, que continuava a cair com semelhante intensidade.

– É inacreditável! – disse Jafé a seu irmão, apontando para o cume de uma elevadíssima montanha, quase inteiramente submersa pela água. – Até onde irá a elevação das águas?

– O Senhor é quem sabe – disse Sem, piedosamente, mas também com grande temor em sua alma.

Entretanto, naquele mesmo dia a chuva começou a amainar, enquanto um grande sopro varria a superfície das águas, tornando-a prateada. Noé e os demais foram chamados aos gritos pelos dois irmãos, e logo surgiram todos juntos para contemplar o abrandamento da ira de Deus.

– Nada pode ser mais doce sobre a Terra do que o momento em que a ira do Senhor começa a aplacar-se – disse Noé, com os olhos rasos d'água.

Em seguida o comandante da arca ergueu uma ação de graças junto com toda a sua família. Em resposta, surgiu no grande teto coberto de nuvens escuras uma pequena brecha por onde insinuou-se um estreito porém vívido raio de sol, que foi bater em cheio sobre a arca.

– Bendito seja o Senhor! – disse a esposa de Noé.

– É o primeiro sinal da reconciliação! – disse Sem, com um alívio

profundo.

As águas, porém, continuavam muito altas, e a arca ainda navegou o dia e a noite inteiros sem que fosse possível imaginar haver alguma parte seca em toda a Terra.

– É cedo, ainda – disse Noé.

E realmente era. Mas em breve um pequeno susto, muito parecido com aquele que dera início à imprevisível jornada, veio alterar a situação.

Repentinamente, a arca cessou de navegar.

– Acho que encalhamos – disse Jafé, correndo de um lado a outro da borda da nave para ver se enxergava algo.

Mas ainda não era possível saber exatamente no que eles haviam encalhado, o que só aconteceu quando as águas baixaram mais um pouco.

– Se não estou enganado, meu pai – disse ainda o mesmo Jafé –, acho que encalhamos sobre o Monte Ararat.

De fato, a arca havia encalhado sobre uma encosta daquela montanha, localizada na Armênia. À medida que as águas baixavam, a arca foi ajustando-se sobre o terreno elevado, de tal sorte que em alguns dias já podiam avistar boa parte da montanha abaixo de seus pés.

– Chegou a hora – disse Noé, saindo do convés.

Logo em seguida retornou trazendo um corvo sobre o pulso, à maneira dos falcões.

– Vá, ave escolhida – disse Noé, liberando-a para o vôo. – Vá e somente regresse se não houver solo onde pousar.

E assim fez o corvo, regressando depois de algum tempo, pois ainda não havia nada sobre a superfície da Terra senão água. Mais adiante Noé soltou uma pomba, que não teve melhor sorte. Mas na segunda tentativa, esta regressou trazendo no bico um ramo de oliveira.

– Glória a Deus! – disseram todos, pois agora tinham certeza de que a água já havia secado em algum lugar da Terra o suficiente para descobrir a vegetação.

Sete dias depois, Noé soltou novamente a pomba, mas desta feita ela não regressou, dando a todos a certeza de que já havia condições sobre a Terra para ser novamente habitada.

– Vamos descer! Vamos descer! – disseram as noras de Noé.

– Aquietem-se – disse o sogro, rudemente. – Sabem vocês, por acaso, se o Senhor já decretou a hora do retorno?

Um silêncio obediente seguiu-se às palavras do velho, pois naqueles

piedosos dias uma palavra do patriarca era o bastante para pôr fim a qualquer alarido.

Algun tempo depois, o próprio Senhor tratou de confirmar a atitude de seu servo, declarando a Noé, com suas próprias palavras:

– Já podes desembarcar, Noé. Leva contigo os teus e todos os animais, pois a terra já está completamente seca. Ali homens, animais e toda espécie de seres poderão procriar livremente, enchendo-a novamente de vida.

As rampas foram baixadas e os casais de animais começaram a descer, cada qual tomando o seu rumo para poder se multiplicar e povoar a Terra inteira, até que não restasse mais nenhum dentro da arca.

Assim que Noé pôs seu pé sobre o solo, mandou erigir um altar a Deus e ofereceu-Lhe um holocausto com alguns animais (o que deve ter feito com as crias dos casais, pois senão alguma espécie inevitavelmente seria extinta).

Quando a fumaça chegou ao nariz do Senhor, este regozijou-se a tal ponto que afirmou jamais voltar a inflingir um flagelo igual àquele à Terra e a todas as suas criaturas. (Deus, depois de ter se arrependido de criar o Homem e os demais seres, parecia agora arrependido de quase tê-los exterminado.)

Outra vez o Senhor entregou às mãos do homem o império de toda a natureza, declarando que maldito seria aquele que tornasse a verter o sangue de outro homem. Ele estava, de fato, tão feliz com aquele recomeço de sua criação que estendeu por sobre o céu um grande arco colorido.

– Este é o sinal da aliança que solenemente renovo com o Homem – disse o Criador –, e desde hoje, todas as vezes que vir este arco suspenso sobre as nuvens me lembrarei da aliança que fiz convosco neste dia, suspendendo todo e qualquer novo dilúvio.

Depois da nova aliança, Noé estabeleceu-se com sua família em tendas, para dar início à nova era. O patriarca, feliz em poder ser o novo Adão, abandonou o seu ofício de marceneiro e decidiu tornar-se agricultor.

– Plantarei a vinha e verei o que dela sairá – disse Noé.

De fato, algum tempo depois, a vinha brotou com extraordinária vitalidade. Noé, provando dos frutos da videira, teve a idéia de transformá-la numa bebida saborosa, dando origem ao vinho. O velho patriarca gostou tanto da bebida que se embriagou em sua tenda.

Coube ao seu filho Cam a sorte funesta de entrar inadvertidamente na tenda do pai e encontrá-lo caído sobre os tapetes e inteiramente nu.

– Sem...! Jafé...! – gritou ele, saindo da tenda, ansioso para contar a novidade. – Venham ver em que estado se encontra nosso venerável pai!

Os dois irmãos correram até lá, mas, tendo sido informados em qual estado iriam encontrar o velho, tiveram a precaução de apanhar um manto e de cobrir seus próprios olhos.

– Cubramo-lo de uma vez, antes que as mulheres o vejam neste estado e percam todo o respeito que lhe devem – disse Jafé a Sem, lançando sobre a nudez do pai o manto protetor.

No dia seguinte, entretanto, Noé, ao ficar sabendo da atitude de Cam, bradou:

– Maldito seja Cam! Por causa de seu desrespeito, sua descendência será serva de Sem e de Jafé!

Depois deste incidente as coisas tomaram o rumo normal, e Noé pôde desfrutar ainda de anos bastantes para ver sua raça multiplicar-se, morrendo apenas aos 950 anos de idade (contando apenas 19 anos menos que seu avô Matusalém).

Dos três ramos de sua descendência – Sem, Cam e Jafé – fez-se a base para as raças futuras que se espalhariam por toda a Terra. Sem, o mais importante, segundo a ótica divina, se tornaria o tronco dos hebreus ou “semitas” (palavra derivada de Sem); Jafé viria a ser o tronco das nações gentias; e finalmente a Cam seria atribuída a descendência de todos os habitantes de Canaã, bem como dos povos de pele escura das partes da África e do Egito.

5. A TORRE DE BABEL

Durou pouco tempo a nova trégua estabelecida entre Deus e suas criaturas. Nem bem havia secado a última poça d'água do devastador Dilúvio e já os descendentes de Noé haviam começado a reincidir alegremente na prática do mal.

Espalhados pelo mundo, os filhos de Sem, de Cam e de Jafé construíram grandes civilizações, tão adiantadas materialmente quanto eram atrasadas espiritualmente (segundo a ótica do Senhor). Uma dessas civilizações era a babilônica, cuja capital era a cidade de Babel, lugar onde viviam seres muito industriais, porém pouco morais.

Naqueles distantes dias, todos os povos falavam a mesma língua, pois ainda era recente a época em que haviam coabitado sob as mesmas tendas. E, sendo fácil a comunicação, igualmente fácil era fazer circular toda a espécie de idéias soberbas. O ser humano, como que renascido das águas, sentia-se senhor do seu destino. A velha história do castigo divino havia sido relegada à condição de fábula, da qual se riam os homens abertamente pelas ruas da grande cidade erguida sobre a planície de Shinar.

– Que Deus, que nada! – diziam os potentados, dos quais os grandes construtores eram os maiores. – Basta dessas bobagens! O que vale é construir, construir cada vez mais!

Empolgados por um frenesi construtivista, espalhavam-se canteiros de obras por toda parte, e o que mais se via em toda Babel eram andaimes espalhados pelos ares, repletos de formigas humanas com seus instrumentos de trabalho.

– Vamos lá, temos de entregar ainda este mês este maldito palácio! – berravam os construtores, de chicote em punho.

Ao mesmo tempo, circulavam pela corte as mais extravagantes idéias. Tomados pela inveja, ao saberem que os egípcios haviam erguido uma monumental pirâmide para louvar o seu faraó corrupto (a célebre pirâmide de Gizé), os babilônios decidiram erguer um majestoso zigurate – palavra sumeriana que significava “pináculo” – para homenagear os governantes e os deuses do seu país.

– Pirâmide alguma chegará aos pés de nossa elevada torre – dissera um

dos construtores ao rei da Babilônia. – Será tão imensamente alta que tocará os portões do céu e dilúvio algum poderá submergi-la.

Os babilônios também pretendiam que o topo da torre fosse a habitação do deus Marduk, divindade suprema que haviam criado para substituir o velho Jeová de Noé, divindade arcaica que os tempos modernos, empreendedorísticos e amorais haviam tornado obsoleta.

– O grande Marduk estará instalado num enorme aposento, no topo do zigurate, onde receberá as oferendas de seus fiéis – dissera o mesmo construtor.

Aprovado o projeto audacioso, o rei deu a ordem para que comesçassem as obras imediatamente. Em poucos dias, a construção, que mais parecia um vasto cupinzeiro, já havia crescido de maneira espantosa. Ultrapassando em muito o tamanho do maior dos palácios existentes, elevava-se cada dia mais, de tal sorte que em um mês já não se podia mais divisar seu topo.

Todos os dias um mensageiro corria ao rei para levar a notícia do andamento da prodigiosa obra.

– Já tocou o céu? – perguntava o soberano.

– Ainda não, alteza, mas já alcança as nuvens – dizia o leva-e-traz.

– Redobrem, então, os trabalhos, até que perfure o céu – dizia o rei, ávido de realizar o inédito prodígio.

No outro dia, nova remessa de material era enviada para o local da construção, juntamente com mais alguns milhares de homens. Famílias inteiras estavam entregues à tarefa exaustiva; muitas centenas de pessoas morriam no duro afã de escalar as escadas que conduziam até o pináculo, atravancando os degraus, e acabavam sendo arremessadas do alto para desobstruir os caminhos que levavam ao céu.

Os milhares de andaimes, suspensos por um verdadeiro emaranhado de cordas, subiam e desciam como pequenos elevadores de madeira, levando aos céus homens e materiais, e era uma verdadeira festa quando os trabalhadores se cruzavam, e então irrompiam os gritos, cumprimentos e brincadeiras que uns dirigiam aos outros.

Depois de uma certa altura, dependendo do clima que reinava no dia, era impossível enxergar-se algo embaixo, e era, então, como se os trabalhadores estivessem a construir um palácio sobre as nuvens.

– Até onde isto nos levará? – perguntavam-se, invariavelmente.

E assim foi até que o Senhor, tomando conhecimento da grande irrisão, perdeu finalmente a paciência diante do atrevimento daquelas formigas.

– Então ajuntam-se todos sob uma mesma língua para desafiar o meu poder?! – disse Deus, enfurecido.

Decidido a colocar um ponto final em tanta soberba, o Senhor fez, então, com que descesse sobre toda a terra dos babilônios uma grande confusão.

Era a manhã de mais um dia de trabalho na grande torre de Babel. Os operários, espremidos em seus andaimes, começavam a ser suspensos outra vez para as nuvens, enquanto, pelas escadarias, milhares de trabalhadores galgavam exaustivamente os infinitos degraus. Os feitores e capitães-de-obra acompanhavam o serviço, impedindo por todos os meios que a preguiça se introduzisse na alma dos assentadores de tijolos.

O dia começara nublado, mas não foi assim por muito tempo, já que de repente o sol surgiu no horizonte, banhando a construção com seus raios ofuscantes.

– Blofé liziu diguritu, fegumibe! – disse um feitor a outro, com o semblante alegre. (Na verdade, ele dissera: “Vamos ter um lindo dia de sol!”, e o que reproduzimos não era, naturalmente, o novo idioma que surgira, senão a tradução figurada de como ela soara aberrantemente aos ouvidos do outro.)

– Hunjí-kinjú? – perguntou o companheiro. (“Como é que é?”)

Os dois olharam-se com o pasmo estampado no rosto.

Então um dos feitores, ao perceber dois operários que conversavam – e que também não conseguiam se entender de modo algum –, os interrompeu com uma chicotada no lombo.

– Plotatunda, fadú! – disse o feitor, enfurecido (“Ao trabalho, ralé!”)

Entre os andaimes a coisa se repetia.

Por toda parte a desinteligência estava instalada. Não havia duas pessoas que se entendessem entre si, de tal sorte que um alarido infernal ergueu-se em poucos minutos em todos os andares da construção. Homens agarrados às barbas dos outros tentavam fazer-se entender a qualquer custo.

A verdade é que Deus, decidido a impedir o avanço da obra blasfema, decidira também poupar, por esta vez, as suas criaturas da sua fúria sanguinária (pois não lhe custaria nada fazer ruir a torre inteira, sepultando em seus escombros toda a legião de obreiros), fazendo simplesmente com que as línguas

se embaralhassem num caldeirão de idiomas diferentes e ininteligíveis.

A partir daquele dia, não houve mais quem se entendesse em toda a Babel. Dispersos pelo mundo, seus construtores foram buscar outros lugares para viver, fundando comunidades onde pudessem se desentender no mesmo idioma. A torre gigantesca, por sua vez, abandonada como lugar de maldição, permaneceu como um monumento inconcluso da vaidade e do orgulho humanos frente ao poder soberano do Deus supremo de Adão e de Noé.

6. ABRAÃO E O RESGATE DE LOT

Abraão é até hoje tido entre judeus, cristãos e muçulmanos como “o pai dos crentes”. Ninguém simbolizou tão bem como este patriarca hebreu a virtude da confiança e da submissão aos decretos divinos.

Descendente direto de Sem, um dos filhos de Noé, e de Heber (do qual derivou o termo “hebreu”), Abrão, que como se verá passou a se chamar Abraão, era filho de Taré, um descendente de Noé que se tornara idólatra – ou seja, passara a venerar outro deus que não o deus de seus antepassados.

Vivendo na cidade babilônica de Ur, localizada na margem ocidental do rio Eufrates, Abrão (que quer dizer “pai exaltado”) cresceu sob o ambiente materialista dos grandes comerciantes caldeus. Isto não impediu, contudo, que procurasse desde cedo informar-se sobre o velho deus de Noé, pois ainda eram bastante vívidas as histórias que os velhos contavam sobre ele.

– Por favor, fale-me mais sobre Deus – dizia o jovem Abrão a Taré, seu pai, na tentativa de compreender melhor aquele ser misterioso do qual tanto ouvira falar.

Seu pai, no entanto, totalmente comprometido com a adoração aos deuses de Ur, expulsava o filho de sua presença todas as vezes que ele vinha com o mesmo assunto.

– Lá vem você de novo com estas bobagens! – dizia o velho, envolvido nos seus negócios. – Esqueça suas devoções e vá ganhar dinheiro! Veja, lá está chegando a nova caravana de mercadores!

Abrão, contudo, dava logo um jeito de safar-se do meio daquela balbúrdia – onde homens exaltados regateavam um dia inteiro por uma mísera moeda – e ia procurar um lugar sossegado para oferecer seus holocaustos em paz ao único deus que considerava verdadeiro: o deus eterno de Noé.

Abrão era casado com uma mulher chamada Sarai, a qual, embora bela e honesta, era estéril.

Então um dia seu pai, o velho Taré, decidiu deixar a cidade de Ur e estabelecer-se em Haran. Para tanto levou consigo o filho Abrão, a nora Sarai e o neto Lot, filho de Arão, irmão de Abrão. Os quatro chegaram à nova cidade, e ali Abrão viveu com sua esposa, mais o pai e o sobrinho, até completar 75 anos de

idade. (Seu pai morreu nesta mesma cidade, aos 205 anos.)

Abrão, malvisto sempre por causa de sua fé, considerada ultrapassada e inconveniente, não mudou nunca seus hábitos, adorando o seu próprio deus a seu modo, até que um dia, sentado em frente à sua casa, recebeu, para seu tremendo espanto, um chamado dos céus.

– Deixa a tua casa, a tua família e os teus bens, Abrão, e parte para a terra que vou te mostrar – disse a voz misteriosa.

– Deixar... *tudo*?

– Leva contigo apenas a tua mulher e o teu sobrinho, eis que decidi tornar-te pai de uma grande nação – acrescentou a voz, com grande autoridade.

Abrão não precisou escutar mais nada. Alguma coisa lhe dizia, desde sempre, que um dia receberia algo parecido com este chamado. Agora que ele se concretizara numa ordem expressa, Abrão não esperou mais um único segundo para fazer suas malas e partir, mesmo com a severa oposição do obtuso Taré e dos demais parentes.

O verdadeiro motivo da partida, entretanto, ele só revelou à sua mulher e a Lot, o seu sobrinho.

– Vamos, Sarai, partamos – disse à esposa. – O Senhor decidiu curar a sua esterilidade, mas muito longe daqui.

Influída por essa promessa, Sarai concordou imediatamente, e logo, montada sobre um burrico, partia com seu marido, o sobrinho e a esposa deste para a terra distante de Canaã.

Foi uma longa viagem aquela à qual os quatro emigrantes tiveram de se submeter para alcançar o lugar prometido. Depois de chegar a Siquém – lugar que os filhos de Jacó haveriam de celebrar tristemente muitos anos depois –, junto ao carvalho de Betel, Abrão recebeu outra visita do Senhor, que lhe disse:

– É esta a terra que prometi a ti e à tua descendência.

O patriarca ergueu um altar em louvor a Deus e seguiu adiante até alcançar os campos de Mambré, e bem depois o vale do Negueb, já nos limites do Egito.

Ali reinava grande fome, e por isso decidiu ir até a cidade do Faraó, para encontrar guarida. Antes, porém, resolveu prevenir sua esposa.

– Sarai querida, precisamos combinar uma coisa – disse ele, olhando-a com severidade. – Talvez você não saiba, mas o Faraó é senhor de tudo quanto

entra em suas terras. Uma vez que chegue ao conhecimento dele que você é uma mulher de grande beleza, tudo fará para tirá-la de mim e colocá-la em seu harém.

Sarai arregalou os olhos de espanto: o que um Faraó iria querer com a esposa idosa de um homem de 75 anos de idade? Deus, porém, havia feito com que, apesar da adiantada idade, ela mantivesse toda a sua antiga beleza, e assim não eram poucos os homens que ainda a cobiçavam.

– Entendido isto, faremos, então, o seguinte – continuou Abrão. – Em vez de minha esposa, você dirá a qualquer um que indagar que é minha irmã.

– Irmã? – disse ela, com um sorriso.

– Exatamente.

– E isso me livrará do harém do Faraó?

– De modo algum. Isso apenas evitará que eu seja morto, pois é costume nesta terra de ímpios matar-se um homem para tomar sua esposa. Sendo minha irmã, os seus raptos me deixarão em paz e eu poderei tramar a sua libertação.

– Deverei, então, coabitar com o Faraó?

– O Senhor não o permitirá. Mas deverá fazer parte do seu harém por um tempo que, espero, seja o mais curto possível.

E tudo se deu como Abrão dissera. Sarai terminou sendo levada para o harém do Faraó, e lá esteve como legítima prisioneira, enquanto seu marido – que os tolos tomaram, efetivamente, por seu irmão – foi cumulado de benesses pelo soberano.

Mas Abrão queria mesmo era sua esposa de volta e, por isto, tratou de pedir a Deus que a livrasse das mãos daquele bárbaro governante. Logo obteve sua resposta, quando uma praga irrompeu nas margens do Nilo, levando a miséria e a doença a todo o país. Desconfiado de que aquela estranha mulher recém-chegada tinha algo a ver com a desgraça, o Faraó mandou chamá-la diante de si.

– Quem é você? – disse o Faraó, o qual, inexplicavelmente, ainda não conseguira coabitar com a bela esposa do homem de 75 anos de idade.

Sarai explicou francamente, dizendo quem era e qual a razão da praga que infestava o Egito.

– Traição e feitiço! – disse ele.

No mesmo instante, aterrorizado daquela presença ao mesmo tempo sedutora e repulsiva, ordenou que ela fosse imediatamente devolvida ao esposo.

– Levem esta demônia! – disse o Faraó, cobrindo o rosto com o manto real.

No mesmo dia, Abrão e Sarai deixaram as terras do Faraó, na condição de

exilados perpétuos. Repleto das riquezas com as quais o Faraó o havia cumulado – e as quais não tomara de volta, no temor de que nova desgraça sobreviesse ao Egito –, Abrão retornou com os seus para os campos de Betel, em Canaã.

– Aqui seremos todos felizes – disse o patriarca, tão logo seus pés tocaram a terra prometida.

Infelizmente não o foram, pois logo a discórdia estalou entre Abrão e seu sobrinho Lot. Este, tendo se tornado insubmisso às ordens do tio – influenciado, talvez, pelas opiniões de sua esposa –, logo começou a fazer exigências descabidas, querendo ficar com as melhores terras e a melhor parte dos tesouros arrecadados no Egito. Por fim, a coisa evoluiu a tal ponto que os pastores de um e de outro se desentenderam violentamente.

– Lot, meu sobrinho, precisamos acabar de vez com esses desentendimentos – disse um dia o seu tio, apaziguadoramente. – Uma vez que não podemos estar juntos sem rixas contínuas, deixo a você a liberdade de escolher a parte desta terra que mais lhe agrada. Se escolher o norte, irei para o sul; se escolher o sul, irei para o norte.

Lot gostou imensamente da idéia. Tomando o rumo do oriente, não se fez de rogado e apossou-se de todas as terras férteis do Jordão, restando a Abrão as terras de Canaã. Mais tarde Lot estabeleceu-se em Sodoma, onde dois desastres o aguardavam.

Abrão, estabelecido em Hebron, ergueu ali o santuário de Mamrê, onde recebeu novamente a visita do seu deus, o qual renovou as promessas anteriores acerca da terra em que já estava e de sua descendência, que outra vez declarou que viria a ser tão inumerável quanto os grãos de areia que recobrem a terra.

A primeira das duas desgraças a aguardarem Lot se desencadeou pouco tempo depois que ele se estabelecera em Sodoma. Quatro soberanos de pequenos reinos próximos decidiram fazer guerra a Sodoma e a outros pequenos reinos adjacentes. Houve vários combates em toda a região, que se tornou, assim, assolada pela guerra. Quatro reis combatiam aguerridamente contra cinco, até que os primeiros obtiveram finalmente a vitória sobre esses. Os reis de Sodoma e Gomorra acabaram presos nos poços de betume que havia naquela região, como em verdadeiras armadilhas, e viram seus reinos serem pilhados pelos invasores.

Abrão, enquanto isso, continuava entregue aos seus afazeres, até que um

fugitivo chegou certo dia para anunciar a queda de Sodoma e dos reinos aliados. Mas, muito pior que isso, trazia uma notícia ainda mais infausta.

– Abrão, senhor das terras de Canaã! – disse o mensageiro, esbaforido. – Seu sobrinho Lot foi levado com sua família e os bens como mero despojo de guerra.

Sem pestanejar, Abrão correu imediatamente a reunir homens.

– O que pretende fazer? – disse sua esposa Sarai, atemorizada.

– Naturalmente que irei resgatar meu sobrinho das mãos dos reis perversos – disse ele, em meio aos preparativos.

– Mas Abrão... E a promessa? – disse a velha esposa, temerosa de que ao perecer seu marido nessa temerária expedição se acabassem todas as suas esperanças de ser mãe da progênie eleita.

– O Senhor estará à minha frente – replicou ele.

Logo Abrão tinha reunido 318 homens – poucos, em comparação com a missão arriscada, mas prontos para o que desse e viesse.

– Meu esposo, são só 319 homens, incluído você!

– Trezentos e dezenove e mais Deus – disse Abrão, afivelando o cinto. – Somos, portanto, ampla maioria, minha doce Sarai.

Junto com seu pequeno exército, o velho patriarca marchou na direção de Dã. Como estivesse em inferioridade numérica, resolveu fazer uso do velho stratagema da surpresa. Depois de dividir seus homens em dois grupos, deu início ao assalto, que resultou bem-sucedido, perseguindo os quatro reis inimigos até Hobá, que fica ao norte de Damasco.

Abrão sagrou-se vitorioso, naquela que foi a primeira guerra patrocinada pelo Senhor dos Exércitos. Depois de tomar a cidade onde estava aprisionado seu sobrinho, libertou-o, levando-o consigo de volta a Sodoma, juntamente com suas riquezas, das quais se decidiu a não tomar para si uma única moeda.

No caminho de volta, na altura do vale de Shavê, Abrão encontrou-se com o rei de Sodoma e seus aliados, que também retornavam da áspera campanha.

– Salve Abrão! – disse o rei de Sodoma. – Aqui tenho comigo Melquisedeque, rei de Salém, e sacerdote de Deus, o Altíssimo, que o abençoará.

Melquisedeque, segundo se dizia, era sacerdote de Jeová, embora haja quem afirme que o deus que ele adorava era outro, porém quase idêntico ao deus de Abrão. De qualquer forma, Abrão aceitou a bênção do sacerdote supremo de Salém – que ficava no ponto exato onde hoje se encontra a cidade santa de Jerusalém –, que este lhe ofertou sob a forma de pão e de vinho, reconhecendo, assim, de maneira algo profética, a importância que Abrão tinha perante a sua divindade.

– Bendito seja Deus Altíssimo que entregou às suas mãos os seus adversários! – disse o velho sacerdote, impondo as mãos sobre os cabelos brancos do velho peregrino, convertido subitamente em guerreiro.

– Agora, tome a sua parte nos despojos – disse o rei de Sodoma, alegremente.

Abrão, entretanto, dando voz à sua decisão, tornou explícito seu desejo de nada pegar para si.

– De ninguém tomarei sequer uma correia de sandália – disse ele, com altivez –, de modo que ninguém poderá dizer que enriqueci às suas custas. Que meus auxiliares diretos tomem o que julgarem justo e necessário para si próprios.

Abrão foi recompensado por seu deus com mais uma renovação de sua promessa – pois Ele parecia fazer questão de lembrar sempre ao seu servidor que não o esqueceria jamais.

– Nada temas quanto à tua parte – disse o Senhor –, pois ela te será alcançada.

Desta vez, contudo, Abrão se permitiu argumentar.

– Mas que coisa devo esperar, Senhor, se não tenho filhos, e o único herdeiro de que disponho é meu criado Eliézer?

– Não será, decerto, o teu mordomo quem herdará a tua descendência – retrucou a voz divina –, mas um ser que sairá de tuas próprias entranhas. – Então Deus chamou Abrão para fora de sua tenda.

– Estás vendo todas estas estrelas que espalhei sobre o firmamento? Podes me dizer quantas há? Pois nesta mesma quantidade serão os teus descendentes.

Abrão contemplou, extasiado, o grande manto estrelado que se estendia acima de sua cabeça e sentiu-se reconfortado.

– Não, o Deus que me fez sair de Ur e atravessar os inóspitos desertos para tomar posse desta terra, que em seu nome herdei, não irá, igualmente, faltar nesta outra promessa! – disse ele, repleto de confiança.

No dia seguinte, Deus ordenou a Abrão que lhe fizesse uma oferenda de animais, o que o patriarca prontamente cumpriu. Depois disso Abrão sentiu um profundo cansaço tomar conta dos seus membros. Uma treva desceu sobre os seus olhos e ele escutou, outra vez, a voz divina.

– Tua descendência errará numa terra que não lhe pertencerá. Durante quatrocentos anos ela será escravizada e oprimida, até que a libertarei dos seus opressores. Quanto a ti, terás uma velhice feliz antes de seres sepultado. Enfim, na quarta geração teus descendentes voltarão para cá.

7. O RISO DE SARA

Abrão e sua esposa Sarai viviam um dilema verdadeiramente angustiante: apesar de já estarem em plena velhice, ainda desejavam ardentemente ter um filho. Esse desejo, já de si natural, havia se tornado uma verdadeira obsessão para ambos – especialmente para a pobre Sarai –, quando o deus de Abrão se manifestara, anunciando-lhe que ele seria pai de numerosa descendência.

– Abrão, isto não pode ser – dizia a velha esposa, quase todas as noites em que ambos, dividindo o leito, rediscutiam pela milésima vez o assunto. – Como poderei eu, uma velha de mais de setenta anos, procriar?

– O Senhor pode tudo – dizia Abrão, diante do incômodo argumento.

– Se é assim, por que Ele não faz com que seja de uma vez? – dizia a velha Sarai, depois de nova pausa.

– Será quando Ele quiser – dizia Abrão.

Era um belo argumento. Mas ele sabia que ainda não era o fim.

– Por que Ele repete sempre a mesma promessa, mas nunca a cumpre? – dizia ela, penetrando numa fronteira que sabia ser perigosa.

– Seremos nós quem vamos pedir contas ao Senhor de suas promessas? – dizia, então, Abrão, suspendendo levemente a cabeça para que suas palavras se tornassem perfeitamente audíveis.

Um novo silêncio descia sobre as cabeças grisalhas do casal angustiado. Abrão, entretanto, mantinha os olhos abertos, pois sabia que não dormiria tão cedo.

– Faz tempo que ele renovou a sua promessa? – dizia Sarai, mais suavemente.

– Algum tempo – respondia laconicamente Abrão.

– Quem sabe, então, a bênção já esteja operando?

Então Abrão sabia que era chegada a hora de virar de lado, porque de outro modo não poderia, jamais, ingressar no seu sono.

Alguns dias depois Sarai lhe aparecia, de olhos baixos.

– Nada, Abrão.

E então, à noite, sob o manto cintilante e figurado da descendência inteira de Abrão, o velho servo de Deus preparava-se para recomeçar tudo outra vez.

As coisas estavam assim quando, depois de nova frustração, Sarai apresentou-se diante de seu marido.

– Abrão, eu desisto – disse ela, tomando finalmente uma decisão.

– Desiste do quê?

– Definitivamente, o Senhor não quer que eu procrie – disse ela, desalentada. – Tome, então, nossa escrava Agar, e tenha um filho com ela.

– O que está dizendo? – falou Abrão, arregalando os olhos.

– É isto mesmo o que eu disse, meu esposo – insistiu a desiludida Sarai. – Agar será a mãe do filho que não posso nem nunca poderei lhe dar.

E dando as costas, encerrou o assunto, pois era humilhante demais para ela estar a pedir ao marido uma tal coisa.

Abrão alisou as barbas alvas durante um dia inteiro, enquanto observava a escrava no seu ir e vir cotidiano.

“Agar, uma escrava, mãe de minha descendência?”, pensava ele, demoradamente. Então, sem receber qualquer outro sinal de seu deus, indicando que tal não fizesse, decidiu-se a acatar a sugestão da esposa.

– Agar, irei à sua tenda esta noite – disse ele, um dia, à escrava.

Submissa, ela acatou a ordem do seu senhor.

– É vontade minha e de minha esposa que coabitemos, para que desta união resulte um filho que leve adiante o meu nome.

Os olhos amendoados da escrava de pele escura – eis que era egípcia – arregalaram-se ligeiramente.

– Importa muito que você saiba, entretanto, que o filho desta união não será seu, mas como se fosse meu e de minha esposa Sarai.

– Será como diz, meu senhor – disse Agar, curvando-se.

E então, nessa mesma noite, Abrão adentrou a tenda de Agar, que já o esperava de olhos baixos e discretamente enfeitada. Sem que nenhum deles dissesse qualquer palavra, Abrão a possuiu, enquanto sua esposa, sozinha na tenda do casal, fazia um esforço sobre-humano para converter a humilhação em humildade.

No dia seguinte, a escrava Agar ergueu-se com novo semblante.

– Será de meu ventre que sairá a descendência prometida – dizia ela, orgulhosa.

No mesmo dia, de maneira imprudente, perdeu toda a consideração pela

sua senhora, passando a andar de ventre empinado em meio às tendas.

– Tem o ventre mais liso que a palma da mão e, no entanto, parece que já leva a descendência inteira dentro dele! – diziam as más vozes.

Sarai, naturalmente, era a mais revoltada com aquele desplante.

– Por que não abaixa um pouco a crista, escrava? – dizia ela, irada.

– Quem carrega no ventre o filho de Abrão não tem, então, motivo de erguê-la até as estrelas?

Aquilo de estrelas já era, claro, outra provocação que a rival lhe lançava às faces. Então Sarai, arrependendo-se totalmente de ter permitido tal afronta à sua autoridade, resolveu interpelar o marido.

– Abrão, sua escrava tomou-se de tal presunção que muito me custa não chicoteá-la, mesmo carregando nas entranhas o fruto de sua virilidade! – disse ela, adentrando um dia a tenda do esposo.

– Mas Sarai, foi você quem assim o quis...!

– Nunca pretendi ser humilhada, por certo! Decida-se já entre mim e a escrava!

Abrão, pouco disposto a bate-bocas, resolveu lavar as mãos naquele caso.

– Ela é sua escrava – disse ele, meio encolhido. – Faça o que achar melhor.

No mesmo dia, Sarai fez o que achava melhor, e tanto maltratou a pobre Agar, que esta, temendo pela vida do filho, fugiu para o deserto.

Agar fugira na calada da noite, levando consigo uma trouxa de roupa e o filho no ventre. Temerosa de que sua senhora a fizesse perder a coisa mais preciosa de sua vida – e única oportunidade de vir a ter uma dignidade infinitamente superior à dos meros escravos –, Agar errou pelo deserto até buscar refúgio numa fonte, que ficava no caminho de Shur.

Ali estava ela, recostada e exausta, com o ventre suado da longa caminhada, quando viu surgir à sua frente uma criatura resplandecente.

– Quem é você? – exclamou, assustada.

– Um anjo do Senhor – disse ele, calmamente. – O que está fazendo aqui?

– Fui expulsa da presença de minha senhora.

– Volta até ela e curva-te às suas ordens.

– Meu filho corre perigo diante da ira desta terrível mulher!

– Nada temas. Teu filho nascerá e se chamará Ismael, porque o Senhor te

escutou. Ele será um verdadeiro jumento selvagem e dará origem a uma nação imensa e poderosa. Todos erguerão sua mão contra ele, e ele, a sua contra todos.

Ora, depois de ter recebido a honra de dirigir a palavra ao próprio anjo do Senhor (privilégio que a própria esposa de Abrão não merecera), Agar encheu-se de coragem e determinação. Por isso, resolveu seguir as ordens de Deus e retornar para o convívio dos seus senhores, deixando para trás o poço de Lahai, que se chamou assim porque foi ali que o Senhor a viu em sua aflição.

Por certo que Agar não foi recebida de braços abertos pela sua senhora. Muita briga e desaforo teve de suportar, mas ainda assim resistiu até que suas entranhas pudessem liberar o produto do seu ventre, que se chamou efetivamente Ismael.

Abrão tornou-se pai, deste modo, aos 86 anos – o que não deixava de ser uma primeira, ainda que incompleta, confirmação da promessa divina. Mas a verdadeira promessa ainda não se concretizara. Mais treze anos se passaram, até que Abrão, contando então com 99 anos de idade, recebeu nova visita do seu deus, que começou por lhe repetir os mesmos termos de sua velha promessa. Apesar de seus ouvidos escutarem mais uma repetição das mesmas coisas, em momento algum Abrão pensou em perder as estribeiras e lhe dizer, inconformado: “Agora chega, Senhor! Falta um ano para eu completar cem anos de vida, e o Senhor vem de novo com a mesma conversa?”.

Desta vez, porém, Deus tinha uma novidade concreta a apresentar.

– Já que estás destinado a te tornar pai de uma multidão de nações – disse o Senhor –, desde hoje passarás a chamar-te não mais de “Abrão” (“pai exaltado”), mas sim Abraão (“pai da multidão”), ao passo que tua mulher deixará de se chamar “Sarai” (“senhora”) para chamar-se “Sara” (“grande senhora”). Este é o primeiro sinal da nova aliança que estabeleço entre nós.

O Senhor repetiu, então, de maneira quase inacreditável, aos ouvidos atentos de Abraão, a sua velha promessa – a da terra prometida e a da descendência inumerável como as estrelas –, praticamente nos mesmos termos, de tal sorte que o esposo de Sara chegou a cogitar se o Senhor não estivera durante todos esses anos repetindo-lhe uma anedota. Mas as palavras que se seguiram trouxeram, desta feita, uma verdadeira novidade.

– Como sinal da aliança que estabeleço entre mim e teu povo, exijo que todos os homens nascidos de tua fecundidade sejam circuncidados.

– Circuncidá-los, Senhor?

– Sim, tomarás o prepúcio de todo menino nascido de ti e o cortarás no oitavo dia após o seu nascimento.

Agora, sim, estava-se diante de algo verdadeiramente concreto, pensou Abraão, quase eufórico. Se o Senhor já descia a detalhes, então era porque a promessa finalmente se realizaria. Abraão, prostrado de joelhos, apesar de seus 99 anos, indagou do seu Senhor: – Mas como poderei gerar filhos, quase aos cem anos de idade? E Sara, como poderá parir um filho aos noventa?

Depois de todo esse tempo, Abraão parecia ter se convencido dos argumentos de sua incrédula esposa.

– Senhor – disse ele, amigavelmente –, que Ismael, já vivo, seja o primeiro elo de nossa aliança, e que através dele sigam todos os demais, para que não se exija de uma carne quase morta o que ela não mais pode obrar.

Mas a voz do Senhor retumbou:

– Não. Sara, tua mulher, é quem vai gerar o primeiro filho da minha aliança, e ele se chamará “Isaac”. A Ismael caberá a ascendência sobre outra grande nação, mas a minha aliança estará estabelecida a partir do filho teu e de Sara.

Dito isso, o Senhor desapareceu, deixando Abraão banhado em euforia.

No mesmo dia, o velho patriarca tomou Ismael, que já tinha treze anos de idade – e, por via das dúvidas, também os escravos e todos os homens de sua tribo –, e cortou, pessoalmente, o prepúcio de todos eles. Depois, tomando do mesmo instrumento, fez a operação em si mesmo, para que não fosse ele o único a não trazer no corpo o sinal divino da sagrada aliança.

Alguns dias depois, Ele ressurgiu novamente, desta feita sob a forma de três enviados.

Abraão estava sentado em frente à sua tenda. Fazia muito calor, e ele tentava aliviar-se gozando da brisa quente que soprava. Era quente, mas era vento, afinal. Então, subitamente, viu surgir ao longe os tais três personagens. Algo lhe dizia que eram pessoas muito importantes, pois, desde que pusera os olhos sobre eles, sentira uma sensação extraordinária percorrer-lhe os membros. Um deles, em especial, parecia trazer um ar de autoridade, o que o tornava superior aos demais.

Quando se aproximaram da tenda de Abraão, este correu até eles, rojando-se ao solo.

– Forasteiros, não passem reto por minha tenda! – disse ele, humildemente. – Entrem e descansem, enquanto minha mulher prepara coisas deliciosas para que renovem as suas forças.

Os três estrangeiros concordaram e foram sentar-se ao pé de um dos carvalhos de Mamrê. Enquanto isso, Abraão corria até a tenda onde estava sua

mulher.

– Ande, Sara, prepare bolos deliciosos para os forasteiros que aí estão! – disse ele, convicto de que era necessário agradá-los a todo custo.

Depois correu até o redil das ovelhas e ordenou a um dos tratadores que escolhesse a melhor ovelha e a preparasse do modo mais saboroso.

Quando tudo ficou pronto, a refeição foi servida aos três forasteiros, que a saborearam com muito gosto. Ao cabo disso, o principal deles começou a falar.

– Onde está a tua esposa Sara?

Assim que ele falou, Abraão sentiu que estava diante do próprio Senhor.

– Oh, ela está em sua tenda, Senhor! Ela é um pouco envergonhada.

– Envergonhada?

– Sim. Na verdade, está escondida porque sou um pouco ciumento, também.

– Então ela deve ser muito bela.

– Verdadeiramente, apesar da idade, que se aproxima da minha. Embora pareça vanglória, ainda assim direi que chegou a ser desejada pelo próprio Faraó.

– Muito bem – disse o Senhor. – Então ouve o que agora vou dizer.

Abraão afinou bem os ouvidos e permaneceu em atenta expectativa.

– No próximo ano retornarei, e quando o fizer tua esposa será mãe de um menino.

O velho patriarca ficou a mirar o vazio.

– No ano que vem...? – repetiu maquinalmente.

– No ano que vem, nesta mesma época.

Sara, entretanto, que estava escondida em sua tenda, um pouco atrás, escutou aquelas palavras com infinito estupor. Na verdade, foi como se tivesse escutado aquela promessa pela primeira vez em sua vida. Afinal, desde que entrara na casa dos noventa anos havia abandonado de vez a velha esperança.

“Há quanto tempo deixei já de menstruar!”, pensou ela, diante da surpreendente notícia. E, passando a mão em seu rosto e suas formas, não pôde deixar de constatar: – Não adianta, estou murcha e seca como uma velha tâmara. E meu marido, o pobre, não está em melhor situação. Como esperam, então, que eu volte a parir?

Porém, nem bem terminara de pronunciar esta palavra e viu-se acometida por um repentino acesso de riso. Cobrindo a boca com a ampla manga de seu manto, a velha senhora de cabelos brancos começou a rir como nunca o fizera, a ponto de seus olhos encherem-se de lágrimas.

“A velha Sara... esposa... do arquívelho Abraão... ...dando à luz...!”,

sussurrava ela, tentando controlar o acesso.

Então ouviu a voz do Senhor, que estava entre seus dois anjos, elevar-se.

– Por que Sara está rindo, lá atrás, em sua tenda? Julga, porventura, que haja algo impossível ao Senhor?

Abraão ficou pálido como as suas barbas e endereçou um olhar faiscante para a tenda onde sua esposa se ocultava.

– Oh, não! Eu não estava rindo! – disse ela, lá de dentro, sem aparecer, no entanto.

– Estavas, sim, Sara – retorquiu o Senhor, como se tivesse pego um faltoso num jogo do sério.

E foi por causa desse riso franco que o filho de Sara, que efetivamente nasceria no ano seguinte, receberia o nome de Isaac, que quer dizer “riso”.

Anunciada a boa nova, o Senhor ergueu-se, junto com os seus anjos, e fez menção de partir. Antes, porém, para que não ficasse nenhuma dúvida a respeito, repetiu pela última vez a promessa de que seu escolhido seria pai de uma grande nação, bendita entre os povos, e que tanto ele como seus sucessores deveriam seguir sempre nas suas veredas. Depois o Senhor declarou que ia para Sodoma e Gomorra, pois queria ver com seus próprios olhos se era verdade que o pecado havia se assenhoreado da gente perversa que lá habitava.

Abraão e seu deus ainda estiveram conversando longamente sobre o assunto, mas Sara, que ainda permanecia em sua tenda, não queria saber de mais nada, a não ser do filho que tinha, a partir de agora, data certa para nascer.

8. SODOMA E GOMORRA

Quando o deus de Abraão estava sentado à sombra dos carvalhos de Manrê para anunciar ao seu servo a feliz notícia de que sua mulher Sara iria conceber um filho (apesar de seus quase cem anos de vida), anunciou também, à sua partida, que pretendia ir até as cidades vizinhas de Sodoma e Gomorra.

– Quero ver se é mesmo verdade que lá reina grande pecado – dissera Ele, com o semblante carregado.

Abraão, sabedor de que seu sobrinho Lot residia em Sodoma com sua família, mostrou-se grandemente preocupado, pois temia que Deus fizesse desabar sobre as duas cidades um castigo parecido com o que fizera por ocasião do grande Dilúvio.

– Por certo que lá reina grande impiedade, Senhor – disse. – Sendo assim, o que pretende fazer com aquele povo corrupto?

– Hei de destruir até os alicerces esses dois antros de corrupção – disse o Senhor, confirmando as mais negras suspeitas de Abraão.

Enquanto o Senhor rumava naquela direção, juntamente com os dois anjos que o acompanhavam, Abraão seguia ansiosamente seus passos.

– Mas e se houver cinqüenta justos naquelas cidades, o Senhor estaria disposto a perdoar todo o restante? – disse Abraão, com uma esperança na alma.

– Certamente que perdoaria a todos – disse o Senhor, sem deter, contudo, os seus passos.

Abraão, apoiado a seu bordão, suspirou aliviado, e parou de caminhar, achando que já podia retornar. Porém, pensou melhor e decidiu garantir-se. Deu uma ligeira corrida para emparelhar novamente com o Senhor e seus velozes anjos.

– Senhor! Senhor! – disse ele, esbaforido. – Perdoa minha insolência, mas e se não fossem cinqüenta, mas apenas quarenta e cinco os justos, ainda assim livraria a todos do seu castigo?

– Certamente que livraria a todos – disse o Senhor, sempre marchando.

Abraão parou e deu outro grande suspiro. “Agora acho que está bom!”, pensou, dando as costas.

Porém, ao voltar-se, foi assaltado por nova dúvida. “Quarenta e cinco

justos!”, pensou, agoniado.

– Senhor! Senhor! – bradou ele, arregaçando o manto e dando nova corrida.

Depois de um esforço tremendo, estava outra vez ao lado do Criador.

– Perdoa mais uma vez se eu, que sou a poeira de suas sandálias, ousa erguer novamente a voz até o Senhor! Mas, por favor, diga-me: e se forem tão somente quarenta justos?

– Pouparei a todos por esses quarenta – disse o Senhor.

Abraão suspirou outra vez, mas logo estava de volta nas pegadas do Senhor, e tantas vezes repetiu o vaivém em favor dos ímpios que da última vez a coisa ficou somente em dez únicos justos.

– Se houver dez únicos justos – disse o Senhor –, todos os demais serão poupados.

Abraão ficou, então, satisfeito. “Lot, sua mulher e mais as duas filhas perfazem já quatro. Será preciso que existam apenas mais seis justos e tudo estará bem”, pensou. Infelizmente, ele não conhecia direito nem a esposa, nem as duas filhas de Lot.

O fato é que, ciente de que as coisas iam ainda pior do que Ele pudesse imaginar, Deus decidiu lançar imediatamente o castigo sobre as duas cidades. Para tanto, mandou que os dois anjos da sua escolta fossem resgatar Lot e sua família de Sodoma antes do extermínio dos demais habitantes.

À noite, os dois emissários divinos entraram na cidade de Sodoma. Lot, que estava à porta de sua casa, logo os reconheceu como seres angelicais.

– Por favor, adentrem a minha morada e permaneçam comigo e minha família – disse, acenando para os dois forasteiros.

Os anjos, entretanto, avisados dos perigos que rondavam aquele antro de perdição, recusaram com firmeza.

– Não, obrigado, ficaremos na praça – disse um deles, aligeirando o passo.

Mas Lot insistiu tanto que eles concordaram, principalmente depois que descobriram estar tratando com o irmão de Abraão.

– Mulher, prepare para estes dois forasteiros pão sem fermento, e que seus pés sejam lavados enquanto descansam – disse Lot ao abrir a porta de sua casa.

Anjos e humanos jantaram fraternalmente e já se preparavam para ir dormir quando escutaram um berreiro vindo de fora da casa.

– Ei, forasteiros! Já sabemos que estão aí! – disse uma voz em falsete.

– Venham para fora! Queremos ver se são tão belos quanto dizem! – disse

outra voz masculina.

Lot, então, foi até a janela e viu verdadeira multidão de homens – e apenas homens – reunida à porta de sua casa. Os dois forasteiros fizeram menção de sair, mas Lot os deteve e saiu ele próprio.

– Meus senhores, o que pretendem? – perguntou, face a face com a turba de pederastas.

– Sabemos que esconde em sua casa dois jovens encantadores – disse um velho careca e barrigudo, de barbas grisalhas. – Não arredaremos pé daqui enquanto não pudermos saciar nossa curiosidade e também nosso desejo.

Lot, temendo pela integridade dos mensageiros divinos, teve uma idéia feliz, porém não muito moral.

– Senhores, proponho outra coisa – disse Lot. – No lugar dos forasteiros, ofereço a vocês minhas duas filhas, que ainda são virgens. Sirvam-se delas à vontade, mas poupem meus dois hóspedes.

Caretas de asco desenharam-se em todos aqueles rostos cúpidos e corrompidos, até que o mesmo velho barrigudo exclamou: – Fora! Você também é um estrangeiro por aqui, afinal! Por que pretende arvorar-se em juiz de nossos atos?

E depois de dar um empurrão em Lot, rumou enfurecido para a porta.

– Vamos, companheiros! Arranquemos à força os dois forasteiros!

Uma gritaria infernal levantou-se da malta degenerada, e já se preparavam todos para invadir a casa quando os dois anjos surgiram à porta.

Um rugido de prazer levantou-se da massa enlouquecida:

– Oh, são verdadeiramente encantadores! – diziam, maravilhados.

No mesmo instante, os dois forasteiros ergueram seus braços, fazendo com que toda multidão se tornasse imediatamente cega. Trombando entre si, os pederastas ganiam de pavor, sem encontrar o seu rumo.

Lot foi trazido outra vez para dentro de casa.

– Junta tudo quanto é teu, irmão de Abraão, pois o Senhor vai destruir esta cidade às primeiras horas do dia de amanhã – disse um dos anjos.

Sem pestanejar, Lot foi falar com seus dois futuros genros, mas estes não lhe deram ouvidos. Lot chamou, então, sua mulher e suas duas filhas.

– Que história é esta de deixarmos nossa casa? – disse a esposa, que se mostrava pouco disposta a abandonar aquela odiosa cidade.

– Não ouviu o que eles disseram? – disse seu esposo, irritado.

– Ora, e por que não vão divertir-se com os outros? – disse ela, mal-humorada.

Mas acabou concordando com a ordem do marido, o qual, nem bem amanhecera, foi despertado pelos anjos.

– De pé – disse um deles. – Daqui a instantes tudo se acabará.

Enquanto avançavam para os limites da cidade, viram casais de pederastas embriagados caídos sobre as pedras das calçadas, enquanto prostitutas, voltando de sua faina, observavam-nos com um sorriso azedo nos lábios.

– Vamos, falta pouco para o castigo! – diziam os anjos, apertando o passo. – Fugam para a montanha e não voltem jamais os seus olhos para o que vai acontecer às suas costas, sob pena do castigo também recair sobre vocês!

Lot, entretanto, pediu para que ficassem todos na pequenina cidade de Zoar, e que por isso ela fosse poupada do terrível flagelo.

– Está bem, refugiem-se lá – disse o anjo. – Nada acontecerá às duas cidades amaldiçoadas antes que coloque seu pé em Zoar.

E assim foi. Tão logo Lot, a mulher e suas duas filhas pisaram os limites da pequena cidade, escutaram um ruído forte atrás de si.

– O que é isto? – exclamou a mulher de Lot, fazendo menção de virar-se, pois estavam todos de costas, ainda avançando para dentro da cidade.

– Não olhe para trás! – disse Lot, travando seu braço.

Todos os quatro permaneceram avançando – agora quase numa desabalada corrida –, pois temiam que a ira de Deus pudesse alcançá-los de alguma maneira. Clarões impressionantes começaram a se refletir nas fachadas das casas caiadas, à sua frente, enquanto silvos contínuos e chilreantes soavam às suas costas.

– A ira do Senhor começou – disse Lot, transformado numa espécie de novo Noé, mas sem o privilégio de poder assistir à consumação da cólera divina.

Estrondos pavorosos começaram a soar atrás de si, como se as duas cidades pecaminosas estivessem sob um bombardeio, e em meio a eles podiam captar também os gritos lancinantes dos seus moradores clamando por misericórdia.

Logo uma fumaça espessa envolveu a família de fugitivos, deixando-os completamente cobertos de cinzas. Não só a mulher de Lot, mas ele próprio, além das suas filhas, sentiram um vivo desejo de voltar-se para contemplar ao menos uma vez o horrendo castigo, mas sempre que intentavam fazê-lo eram obstados uns pelas mãos dos outros. Mas finalmente houve um descuido. Pretextando ajeitar uma tira de sua sandália, a mulher de Lot ficou um pouco para trás. Assim que se viu livre dos demais, curiosa, virou-se de corpo inteiro.

– Oh, é magnífico! – disse ela, arregalando os olhos. – A ira do Senhor! A

ira do Senhor! – berrou ela, eletrizada, momentos antes de converter-se numa estátua de sal.

– Mamãe! – gritou uma das filhas, querendo retornar.

– Não olhem para trás! – disse Lot, empurrando-as para diante. – Eu vou buscá-la.

Com os olhos cobertos pelo braço, Lot tateou até encostar os dedos num ombro, que se esfarelou entre eles.

– Oh, Senhor! – disse ele, abrindo os olhos e olhando para a ex-esposa.

Lot tentou arrastá-la consigo, mas a estátua permaneceu fixa no solo, e assim tiveram de seguir adiante apenas ele e suas filhas.

Entretanto, antes de ingressar na cidade, Lot mudou de idéia.

– Não entremos em Zoar, pois tenho medo de que nos considerem amaldiçoados – disse às duas filhas.

Tomando-as, então, pelas mãos, rumou com elas até uma gruta nas montanhas adjacentes.

– Aqui estaremos mais seguros – disse ele.

Agora que o cataclismo já havia se encerrado, eles puderam voltar seus olhos para as duas cidades castigadas. Nada mais havia delas senão uma grande fumaça a evolar-se para o alto, que o vento lentamente espalhava por toda a região, como uma grande e ameaçadora nuvem.

As duas filhas de Lot, observando os destroços de Sodoma e Gomorra, puseram-se a confabular, dando vazão às suas angústias: – E agora, o que será de nós, minha irmã? – disse a mais velha. – Que homem haverá de se interessar por nós duas, sabendo que somos sobreviventes do pecado?

– Então nunca mais coabitaremos com homem algum? – disse a caçula.

– Certamente que não – disse a mais velha, com o ar sombrio.

– E isso significa que não teremos descendência alguma?

– Certamente que sim – disse a mais velha, com o ar duplamente sombrio.

A caçula mordeu os lábios de frustração ao imaginar que jamais poderia vir a ser mãe, reação parecida com a que teve sua irmã.

– Mas isso não será assim! – disse a mais velha, subitamente.

– Como não...?

– Temos vinho bastante nos alforjes, não temos?

– Sim, trouxe um odre inteiro.

– Ótimo, nosso pai ainda não dorme. Vamos até ele e façamos com que beba até perder a noção do certo e do errado.

– O que pretende fazer? – disse a caçula, espantada.

– Isto mesmo que você está pensando – disse a mais velha, com um furor maligno nos olhos. – Afinal, ele não nos ofereceu às mãos imundas daqueles pederastas?

A caçula, ao lembrar o episódio, sentiu uma raiva crescer em seu peito.

– Sim, ele procedeu de modo vil conosco!

– Vamos embebedá-lo e conceber cada qual um filho dele. Eu serei a primeira.

No mesmo instante o velho Lot surgiu à procura das filhas.

– O que estão tagarelando aí no escuro? Venham, vamos dormir.

– Sim, papai, com todo o prazer – disse a mais velha, olhando significativamente para a caçula.

Quando estavam os três reunidos à entrada da gruta, a filha mais velha ofereceu ao pai um gole do vinho, que ele aceitou prontamente. E assim, de gole em gole, o velho Lot chegou a perder a noção de tudo.

– Acho melhor nos recolhermos, meu pai – disse a filha mais velha, tomando o pai pelo braço.

– Sim, vamos, minha querida – disse o velho, apoiando o braço sobre os ombros da filha.

E assim entraram para a escuridão da caverna, onde consumou-se o grande pecado – embora Lot não tivesse pecado intencionalmente, senão por ter abusado demais da bebida. Na noite seguinte, foi a vez de a caçula repetir a infâmia, tomando o lugar da irmã no ato pecaminoso.

Nove meses depois as filhas de Lot pariram seus filhos – ao mesmo tempo filhos e netos de Lot. O da mais velha chamou-se Moab, que mais tarde daria origem à estirpe dos moabitas, enquanto o da caçula chamou-se Ben-Ami, tornando-se, posteriormente, pai dos amonitas.

9. O SACRIFÍCIO DE ISAAC

Depois que Abraão recebera de Deus a notícia de que sua esposa Sara iria ter finalmente o filho que ambos esperavam há tanto tempo, partiu com ela para a região do Negueb, indo habitar no reino de Guerar. Entretanto, ali passou por uma aventura muito parecida com a que vivera no Egito, quando recém era um emigrante vindo da distante Ur dos caldeus.

Nem bem chegara a Guerar, com sua mulher Sara, e já o rei, chamado Abimelec, a cobiçou ardentemente – apesar de ela ser, então, uma mulher de mais de noventa anos de idade. Mas, atendendo-se ao fato de que ela ainda tinha mais 37 anos de vida pela frente e de que ao decidir torná-la mãe o Senhor a ornara de novos encantos, nada há aqui que se possa tomar como verdadeiro disparate.

Quando os oficiais de Abimelec chegaram para levar a bela Sara, Abraão repetiu o mesmo feliz estratagema empregado com o Faraó, dizendo ser irmão dela.

– Está bem – disse um dos raptadores, de modo condescendente. – Por ser apenas irmão dela, pouparemos a sua vida.

Contudo, o deus de Abraão estava atento à vilania, e logo tratou de enviar um sonho funesto ao rei, prevenindo-o de que males terríveis desceriam sobre ele por ter tomado para si uma mulher casada.

– Mas, Senhor – disse Abimelec, no mesmo sonho –, se eu não sabia de nada! O próprio marido me disse que a bela Sara era sua irmã, e só por isto a tomei para mim. Estou completamente inocente nesta história.

– Foi por saber disto que impedi que tocasses na bela Sara – disse o Senhor –, e só por isto é que ainda não fiz desabar sobre ti o meu terrível castigo, que será a tua morte e a de todos os teus.

No dia seguinte Abimelec acordou em grande sobressalto e, no mesmo instante, mandou chamar Abraão à sua presença.

– Por que me mentiu, forasteiro, dizendo que sua esposa era sua irmã? – disse o rei, atarantado. – Por sua causa me vejo em grande risco de perder a vida e o reino, já que seu deus me ameaçou, além de ter tornado estéril toda mulher deste reino.

Abraão explicou-lhe dizendo que usava daquele estratagema para evitar que o matassem, sabendo que era marido de uma mulher tão cobiçada. Mas logo em seguida fez outra revelação realmente estarrecedora.

– Na verdade, minha bela Sara, além de minha esposa, é de fato minha irmã – disse ele, usando de sinceridade.

Abimelec arregalou os olhos.

– Sim, rei de Guérar – confirmou Abraão, de modo impassível. – Sendo filha de meu pai com outra mulher, certo dia a tomei também como esposa.

“Estarei diante de novo ardil?”, pensou Abimelec, sem atinar, contudo, com a razão da malícia.

Não querendo mais saber, então, o que era e o que não era, Abimelec decretou:

– Tome de volta a sua mulher – ou sua irmã, ou as duas coisas – e instale-se livremente em qualquer parte de meu país, para que assim se evite que a destra do seu deus desça com força sobre a minha cabeça.

Recompensado – tal como o fora da outra vez com o Faraó – com mil siclos de prata, além de grande número de ovelhas e servos, Abraão e sua disputada Sara se reconciliaram com Abimelec, o que representou verdadeira bênção para esse monarca, pois logo sua mulher e suas servas voltaram a ser férteis, enchendo o país de novos descendentes.

Depois disso, Sara concebeu de Abraão, finalmente, o seu filho tão desejado.

– Aqui está, meu amado esposo, o tão esperado fruto! – disse ela, tomando em suas próprias mãos o filho recém-nascido e ofertando-o ao marido.

Abraão chorou de emoção ao tomar nos braços o seu verdadeiro rebento.

– Ele se chamará Isaac – disse o velho pai, pois lembrara do grande riso que Sara dera ao receber do Senhor a notícia de que iria parir aos noventa anos de idade.

E ao ver a velha Sara tirar para fora seu seio redondo como um grande mamão, a fim de dar alimento ao seu filho, pensou, num novo e agradabilíssimo acesso de espanto: “Quem haveria de dizer que minha Sara, quase centenária, ainda daria de mamar a uma criança! Grande é o Senhor!”.

Aos oito dias, o pequeno herdeiro foi circuncidado, como mandara outrora o Senhor.

No dia do desmame de Isaac, Abraão deu uma grande festa para comemorar o evento. Sara, entretanto, ao ver Ismael, o filho da escrava Agar e de seu marido, brincar com seu próprio filho, tomou-se de grande ira.

– Expulse este bastardo daqui! – disse ela, ao seu marido. – Não quero que ele venha a herdar junto com o meu filho.

Abraão, entretanto, acendeu-se de ira e disse:

– Nada disto! Ismael também é meu filho!

Entretanto, Abraão recebeu, mais tarde, a visita do Senhor, o qual lhe ordenou que fizesse tal qual sua esposa ordenara.

– A estirpe que te prometi deve provir de Isaac, e não de Ismael – disse Ele. – Do filho de Agar, entretanto, farei também uma grande nação.

No dia seguinte, o próprio Abraão tomou para si a triste incumbência de expulsar para o deserto Agar e seu filho Ismael. De manhã bem cedo, tomou de um odre d'água e de um pão e os levou até eles, dizendo: – Devem partir imediatamente.

E sem escutar mais nada, deu-lhes as costas, pois sendo Deus quem lhe ordenara, não havia mais o que discutir.

Agar, desesperou-se.

– Ai de mim e de você, filho amado! Para nós está tudo acabado!

A pé, ela e Ismael tomaram, então, o rumo do deserto de Bersebá.

Andaram muito, e quando o último gole de água desceu do cantil, ela depositou o exaurido Ismael debaixo de um arbusto, indo desabar ela própria um pouco mais adiante.

– Não, não assistirei à morte de meu próprio filho! – disse ela, cobrindo a cabeça com seu manto coberto de poeira.

Nesse instante, porém, ela escutou a mesma voz que escutara da outra vez em que fugira para o mesmo deserto, a fim de escapar à ira de Sara.

– Nada tema, Agar, nem por ti nem por teu filho. Já disse outrora, e agora repito, que ouvi a voz de Ismael e que farei dele pai de uma grande nação.

O anjo do Senhor estava outra vez em pé, ao lado dos dois desgraçados.

– Vai, levanta e dá de beber a teu filho – disse ele, apontando para uma nascente d'água que brotara subitamente da areia.

Desde então Deus não mais abandonou a Ismael, o qual se tornou, sob as vistas do Senhor, emérito caçador e chefe dos povos do deserto. Mais tarde casou-se com uma mulher, egípcia tal como sua mãe, e é considerado patriarca dos povos árabes seguidores da lei do profeta Muhammad (ou Maomé). Ismael morreu com 137 anos.

Depois que Isaac nasceu, Abraão fez um novo pacto de aliança com Abimelec, pois vivia ainda em suas terras. O tratado foi firmado sobre o poço de Bersebá, e desse modo Abraão ainda residiu por muito tempo na terra dos filisteus.

Tudo parecia ir maravilhosamente bem quando, certo dia, o Senhor apareceu novamente a Abraão. O que Ele tinha a dizer, no entanto, iria abalar profundamente a alma do seu velho servo.

– Deixa tudo, toma o teu filho e parte já para Moriá – disse o Senhor.

– Para Moriá? – disse Abraão, com um mau pressentimento. – O que terei de fazer lá, meu Senhor?

– Vou indicar-te uma montanha, a qual deverás subir, junto com teu filho Isaac.

Abraão sentiu um calafrio na alma.

– Perdão, Senhor, mas ainda não entendi o que queres – balbuciou ele.

– Quando lá chegares, sacrificarás a mim o teu filho Isaac, como prova de tua submissão – disse Deus, desaparecendo em seguida.

Abraão, tateando o ar, como um cego, procurou o apoio de uma pedra.

“Como pode ser isto?, perguntava-se, incrédulo. “Como direi tal coisa a Sara? E o que restará de minha descendência, inumerável como as estrelas?”

Abraão deitou-se à noite como quem deita para morrer. Na manhã seguinte, entretanto, ergueu-se bem cedo – pois não dormira – e, tomando do machado, foi cortar a lenha para o terrível holocausto.

Enquanto fazia descer o machado, a cabeça do pai de Isaac parecia tomada por uma nuvem, e por mais que tentasse não conseguia visualizar a cena que fatalmente teria de protagonizar dali a alguns dias. “Devo cortar a lenha em grandes pedaços”, pensava ele, e isto era tudo quanto sua mente podia alcançar. “Pedaços bem grandes.”

Então, depois de completada a tarefa, viu o filho surgir à sua frente. Ele já era um rapaz, mas ainda guardava no rosto os traços da criança recente.

– Toma este feixe de lenha seca, filho meu, e me acompanha – disse ele a Isaac.

Abraão seguiu montado sobre um jumento, enquanto seu filho ia um pouco mais atrás, a carregar o seu feixe às costas. Junto com ambos ainda iam dois servos.

– Por que vamos subir a montanha? – perguntou o jovem, curioso.

Abraão nada disse e permaneceu soturno, sob o passo bamboleante do

jumento. Com o feixe disposto horizontalmente sobre os ombros, Isaac foi galgando os caminhos, cada vez mais intrigado com tudo aquilo. Às vezes dava uma olhada para os dois servos, mas estes logo desviavam as vistas, pressentindo o pior. Isaac também notou que de tempos em tempos ambos pareciam tomados por uma espécie de espasmo, que os fazia se retorcerem. Na verdade, eles também estavam muito agitados, pois pressentiam estar envolvidos num grande acontecimento. Ao mesmo tempo em que pressagiavam uma desgraça, também se rejubilavam interiormente com ela. “Em algum dia distante será conhecido de todos que Abraão e seu filho marcharam certa feita para as montanhas de Moriá, a fim de fazerem o que quer que seja de importante que estejam prestes a fazer”, pensavam eles (pois, estando na mesma situação, ambos pensavam exatamente a mesma coisa). “Talvez, com um pouco de sorte, se dirá também que junto deles seguiam dois modestos servos. Ora, os dois servos somos justamente nós!”, acrescentavam, apalpando-se, enquanto procuravam esconder os seus arreganhos de euforia.

Isaac, porém, ao ver as caretas dos dois tolos, interpretava-as de modo diferente. “Eles choram”, pensava ele, o que o deixava ainda mais alarmado.

E assim seguiu o pobre Isaac, junto com o pai e os servos, durante três dias, o seu périplo pelas veredas que conduziam até a montanha fatídica.

– A partir daqui vocês dois ficam, até retornarmos – disse Abraão, sem olhar para o rosto dos dois servos. Depois, voltando-se para o filho, disse: – Isaac, meu filho, tome seu feixe e venha nos meus passos.

Os servos, sem dar um pio – obedientes que eram –, ficaram a observar o velho senhor e o jovem infeliz, e só quando ambos sumiram em meio à vegetação foi que os dois tolos se olharam, e o olhar perfeitamente desolado do primeiro dizia: “Não, não veremos jamais o que sucederá”, ao que o olhar do outro concordava plenamente, dizendo: “Por certo que não, o que é, sem dúvida, uma lástima”.

Enquanto isso, Abraão e Isaac seguiam, avançando pelas subidas íngremes. Isaac, bastante exausto pela carga de lenha que carregava havia já três dias, fez várias paradas, no que era acompanhado por Abraão.

– Bom é parar, mas o melhor é sempre chegar – dizia o pai, mecanicamente, depois de cada parada.

Isaac, então, tomando de sua carga, retomava a subida junto com o pai.

Quando o dia já estava alto, os dois chegaram finalmente ao seu destino.

– É aqui – disse o velho patriarca, com a voz cavernosa.

– É aqui o quê, meu pai? – disse o jovem, depondo a carga ao chão.

– Façamos agora um holocausto para o Senhor – disse o velho pai.

– Como quiser – disse o jovem, pegando as madeiras. – Onde erguerá o altar, meu pai?

– Ali, sobre aquela grande pedra – disse o velho, de cabeça curvada.

Então, assim que estava tudo arrumado, o jovem perguntou para o pai, com um ligeiro tremor em sua voz:

– Mas e o cordeiro, meu pai? Onde está que não o vejo?

– Isto a Deus compete, meu filho – disse Abraão.

E como não surgisse cordeiro algum, senão o cordeiro de Abraão, este tomou-o nos ombros e o conduziu até a pira, ainda apagada, sem dizer uma única palavra. Isaac soube, então, que era ele o cordeiro escolhido. Sem dizer, igualmente, uma única palavra, deixou que seu pai o deitasse sobre o lenho e amarrasse seus membros. Abraão, tomando da adaga afiada que trazia oculta sob o manto, somente a fez ver ao filho quando não havia mais outro meio de escondê-la.

– Eis que o Senhor me impele à maior das provas, meu filho muito amado! Console-se, pois logo estará na companhia dos outros justos como você, que também souberam se submeter à inteira vontade Daquele que é maior do que qualquer de nós.

Depois de erguer hesitantemente o punhal, Abraão fez uma prece ao Senhor, mas tão logo a terminou e preparava-se já para fazer descer a lâmina mortal foi impedido por uma voz retumbante que dizia: – Basta, Abraão! Nada faças a teu cordeiro escolhido.

Os olhos de Abraão encheram-se de lágrimas.

– Agora sei que me tens inteira dedicação, pois não me recusaste o teu único filho. Retira-o logo do altar e põe em seu lugar aquele carneiro que ali está.

Abraão voltou os seus olhos para um denso espinheiro e ali viu, com efeito, um carneiro preso pelos grandes chifres anelados.

E antes que Abraão desse início ao verdadeiro holocausto, o Senhor repetiu do alto dos céus a sua promessa de que a Abraão estaria destinada uma descendência mais numerosa que as estrelas do céu e os grãos de areia da praia.

Cumprido o rito, Abraão e Isaac retornaram até onde haviam deixado os dois criados. Estes, ligeiramente perplexos, chegaram a temer que nada de importante houvesse realmente acontecido. Mas, ao verem o brilho de felicidade nos olhos do pai e do filho, tiveram a certeza de que a fama do ato que ambos recém haviam protagonizado também lhes respingaria, de alguma maneira, para todo o sempre.

10. ISAAC E REBECA

Abraão e Sara não foram os únicos a procriar no período em que tiveram seu filho Isaac. O patriarca hebreu tinha um irmão chamado Naor que, junto com sua esposa Milká, teve vários descendentes, dentre os quais Betuel, que seria, mais tarde, pai de uma linda moça chamada Rebeca. Mas para que esta nova e fresca personagem entre em cena é preciso antes que uma outra, bem mais velha, dela se retire.

Estamos falando, é claro, da encantadora Sara.

A esposa de Abraão, depois de ter alcançado do Senhor a grande graça de gerar um filho após os noventa anos, viveu ainda até alcançar a propecta idade de 127 anos. Sara morreu na terra de Canaã, em Hebron, e por isso Abraão negociou a compra de um túmulo para sua adorada esposa ali mesmo, na caverna de Makpelá, que o novo proprietário fez questão de pagar, embora lhe tivesse sido ofertada como presente pelos habitantes locais.

– Pagarei quatrocentos siclos de prata – disse Abraão, firmando o negócio.

E foi assim que Sara adentrou de pés juntos a caverna na qual, além do próprio Abraão, entrariam um dia, entre outros, seu filho Isaac e o neto Jacó, que ela jamais conheceria.

Estando Abraão viúvo, e já entrado em anos, começou a temer pela descendência maior que as estrelas, pois seu filho Isaac, um homem calmo e pouco dado a namoros, já andava perto da casa dos quarenta anos.

– É preciso que Isaac faça a sua parte para que a minha noite, que já se aproxima, se povoe de estrelas – disse um dia Abraão a seu administrador Eliézer.

O administrador concordou.

– Coloque, então, a sua mão sobre os meus testículos – disse Abraão, exigindo que Eliézer fizesse esse tipo de juramento, então corriqueiro. – Prometa que não permitirá jamais, mesmo que eu desapareça, que meu filho Isaac se case com uma mulher desta terra de Canaã, mas antes com uma de minha própria família.

O administrador ficou em dúvida.

– Imagino que deva levar seu filho até a distante terra de Haran – disse ele.

– Imagina errado, caro Eliézer – disse Abraão. – Você fará sozinho tal jornada, pois o lugar de Isaac é aqui, e aqui me será dada a descendência. Faça esta jornada sozinho e, quando estiver na minha antiga terra, lá o Senhor fará com que venha ao seu encontro aquela que, indubitavelmente, será a minha nora. Agora vá, pois a minha idade já me pesa e os últimos grãos da ampulheta sempre escorrem mais rápido. Ande, pois não quero morrer sem conhecer aquela que será para meu filho o mesmo que foi para mim a saudosa Sara.

Eliézer partiu rumo a Haran, levando consigo dez camelos. Durante todo o transcurso da viagem, esteve preocupado sobre como faria para alcançar o sinal do Senhor, até que, depois de muitos dias, finalmente chegou à entrada da cidade, num final de tarde.

– É aqui o lugar onde devo encontrar a esposa para Isaac – disse ele para si mesmo. – Que o Senhor me ilumine e não permita que volte para Abraão sem a sua nora.

Ali onde estava, Eliézer divisou um poço onde as pessoas vinham buscar água em grandes cântaros e teve a idéia de orar ao Senhor.

– Senhor do meu amo! – disse ele, ajoelhando-se. – Faze com que eu identifique a esposa de Isaac da seguinte maneira: quando ela se aproximar, direi: “Dê-me, por favor, um pouco da água de seu cântaro”, e depois, caso ela me atenda, aguardarei que diga: “Darei, também, água para os seus camelos”, e se ela assim o fizer, então é porque é ela a escolhida. Pois esse será o sinal da eleição.

Nem bem o mordomo de Abraão havia terminado sua prece quando surgiu uma bela mulher carregando um grande cântaro vermelho. Seu vestido alvo contrastava deliciosamente com o objeto, e Eliézer sentiu seu coração vibrar de expectativa. “Será ela, meu Senhor?”, pensou, emocionado.

– Bom dia, jovem filha de Haran – disse o emissário de Isaac.

– Bom dia – disse ela, sem olhar-lhe no rosto, pois, sendo virgem, era também muito arisca.

A jovem aproximou-se do poço e, depois de mergulhar o cântaro escarlate na fonte, retirou-o gotejante de lá. Eliézer observou tudo, encantado, e aproximou-se da jovem, como que impelido por uma força superior.

– Poderia me dar um pouco da sua água, pois tenho muita sede? – disse, educadamente.

No mesmo instante, e sem pestanejar, a jovem inclinou o seu cântaro para

que o servo de Abraão saciasse a sede.

Com as barbas grisalhas molhadas pelo líquido, Eliézer aguardou que Deus tornasse efetiva a segunda parte do ajuste, o que, para sua felicidade, não tardou a acontecer, pois logo a jovem anunciou, retornando para o poço:

– Aguarde, que também darei de beber aos seus camelos.

“Graças ao Senhor!”, pensou ele, prosternando-se, enquanto ela se afastava.

Então, depois que ela havia saciado a sede dos camelos, Eliézer perguntou:

– Como é o seu nome, bela jovem?

– Sou Rebeca, filha de Betuel – disse ela, erguendo ligeiramente os cílios.

Novamente o servo de Abraão prosternou-se, agora diante das vistas da jovem.

– Bendito seja sempre o Senhor, que não me abandonou! – exclamou, extasiado, ao descobrir que estava diante da neta do irmão de Abraão.

A moça contemplou, surpresa, a reação daquele estranho homem.

– Meu senhor lhe oferece este anel de ouro e estes dois braceletes de ouro para que resplandeça ainda mais a sua beleza – disse Eliézer, estendendo-lhe os presentes.

Rebeca fez menção de partir, vagamente ofendida com a oferta.

– Não se ofenda, bela Rebeca, pois estes presentes vêm da mão de Abraão, irmão de seu avô.

Rebeca, encantada com a notícia, correu ligeiro até a sua casa para dar a boa nova aos seus parentes. Seu irmão Labão – que anos mais tarde iria desempenhar um papel fundamental na vida de um dos filhos de Rebeca – também estava ali, e foi com grande alegria que todos correram a receber o servo de Abraão.

Naor, que ia à frente de todos, abraçou a Eliézer, perguntando pelo irmão.

– Abraão é um grande senhor em Canaã – disse Eliézer, com orgulho.

Rebeca, com o anel colocado no nariz, à maneira oriental, e com os braceletes a penderem dos pulsos, assistia a tudo, maravilhada.

Eliézer fez o pedido em nome de Isaac, tal como ordenara seu amo, explicando as circunstâncias milagrosas do encontro. Diante disso, todas as cabeças inclinaram-se.

– É esta a sua vontade? – perguntou Labão à irmã.

– Sim – disse ela, satisfeita.

Rebeca retornou, então, com Eliézer, e depois de vários dias de viagem,

quando haviam entrado nos limites da terra de Abraão, surgiu-lhes adiante a figura de Isaac, que estava por ali a meditar, já que esta era sua natureza.

– Quem é este homem que vem até nós? – disse Rebeca, cobrindo o rosto.

– Este é Isaac, filho de Abraão e o seu futuro esposo – disse Eliézer.

E assim se deram os primeiros passos da união de Isaac e Rebeca, que se casaram na cidade de Haran, indo em seguida viver em Canaã, juntamente com Abraão.

Antes de morrer, Abraão ainda pôde desfrutar da companhia de sua nova nora, à qual coube consolar, a exemplo do que já fizera durante muitos anos com sua falecida Sara, pois a jovem Rebeca também encontrou dificuldades para gerar um filho.

– Confie nas palavras do Senhor, assim como Sara confiou – dizia ele, todas as vezes que a jovem vinha até a sua tenda lamentar a desdita.

Isaac, no entanto, com seu temperamento calmo, parecia não estar muito preocupado com o assunto, talvez porque soubesse, como o pai, que o Senhor não faltava jamais com uma promessa.

Entretanto, antes que o rebento de Rebeca pudesse vir ao mundo, tiveram todos de haver-se com um fato entristecedor, que foi a morte de Abraão. O velho patriarca, cujo nome seria exaltado para sempre, depois de ter perdido sua primeira esposa, ainda tomara outra, de nome Cetura, e com ela tivera mais seis robustos filhos.

Vivendo cercado por sua prole, Abraão teve um final de vida pacífico e feliz, morrendo aos 175 anos. Seus filhos, capitaneados pelo manso Isaac e o selvagem Ismael, conduziram o corpo do velho patriarca até a caverna de Makpelá, onde Sara já repousava há bom tempo. Rebeca, profundamente entristecida pelo fato, sentiu-se sozinha, já que agora não tinha mais a presença reconfortante daquele delicado sogro, que tinha sempre uma palavra de consolo e carinho a lhe prodigalizar. Por isso, logo depois dos funerais, tomou uma decisão.

– Isaac, preciso muito lhe falar – disse, com firme determinação.

Seu esposo, embora parecesse meio desligado das coisas terrenas, quando se tratava da esposa, tinha sempre um olhar de atenção.

– O que foi, minha Rebeca? – disse ele, tomando os cabelos dela em suas mãos.

– Quero retornar para a terra de meus pais.

Isaac ficou perplexo.

– Retornar? Para quê?

– Algo me diz que só conceberei nosso filho quando estiver de volta ao meu lar.

Isaac pediu um tempo a ela para pensar no assunto. Será que ele se adaptaria a viver na planície de Haran? Mas depois de refletir que seu próprio pai de lá viera, decidiu fazer a vontade da esposa.

– Está bem, Rebeca amada, iremos para junto dos seus – disse ele, fazendo com que a esposa desse pulos de alegria.

De volta a Haran, fizeram muitos passeios até a fonte de Lahai-Roí, onde o servo Eliézer a encontrara com seu cântaro na mão.

E foi assim que se anunciou o ingresso no mundo dos filhos dos dois, Esaú e Jacó, cuja amarga contenda – parecida com aquela que opusera um dia Isaac a Ismael – iria repetir-se num nível muito maior.

11. ESAÚ E JACÓ

– Lembra, Isaac? Foi exatamente aqui que, de certo modo, nos conhecemos – disse um dia Rebeca, à beira da fonte de Lahai-Roí, encostando a cabeça ao ombro do marido.

Isaac sorria ao pensar na estratégia inventada pelo servo de seu pai, quando fora arrumar a sua esposa na distante terra de Haram.

– Verdadeiramente tudo se deu conforme os planos Dele – disse Isaac, dando novas graças ao Senhor.

Eliézer, com efeito, após haver orado ao Senhor, conseguira identificar em Rebeca aquela que a providência havia destinado para ser a esposa do filho de Abraão.

E foi instalados nas proximidades da velha fonte, na cidade natal de Rebeca, que ela e seu marido tiveram a ventura maior de sua vida. Rebeca, depois de lamentar-se seguidas vezes pela sua esterilidade, chegou a provocar em Isaac uma dolorosa pena, que o fez clamar certa noite ao Senhor, sob o brilho daquelas mesmas estrelas que Abraão tantas vezes vira como uma metáfora de sua futura descendência.

– Faze, meu Pai – disse ele, prostrado sobre a areia –, com que a minha doce Rebeca possa conceber, também, um filho!

Na mesma noite Isaac dormiu com sua esposa, e desta união veio o fruto de seu amor. Na verdade, dois frutos, pois desde os primeiros meses da sua gestação Rebeca sentia em seu ventre os espasmos de algo parecido a uma luta.

Assustada, ela clamava aos céus:

– Oh, Senhor! Soubesse eu quão rude espera me aguardava!

Deus, entretanto, respondeu às suas queixas, dizendo:

– Dois povos se debatem em teu ventre. Eles disputarão um com o outro, de tal sorte que ao fim o mais fraco estará submetido ao mais forte.

Rebeca teve de sofrer o restante da gestação com todo o ânimo que pôde reunir, até que finalmente chegou a hora de lançar os dois irrequietos produtos do seu ventre para a luz do dia. O primeiro a sair foi um garoto de cabelos ruivos, que por isto mesmo mereceu o nome de Esaú (ou Ruivo). Já o segundo,

que saíra com uma das mãos agarradas ao tornozelo do outro, como que para tentar tomar-lhe a dianteira, era muito diferente, e recebeu o nome de Jacó, ou seja, “aquele que domina”.

Com o passar do tempo, as diferenças entre ambos foram se acentuando: enquanto Esaú, o primogênito, era amante da caça – o que, por alguma razão estranha, fazia dele o predileto de seu pai –, Jacó era um espírito contemplativo, o que o tornava o predileto de Rebeca.

Rebeca, na verdade, identificava em Esaú, com seus modos rudes e seu corpo recoberto por um espesso pêlo ruivo, uma espécie de sucedâneo de Ismael, o turbulento tio dos gêmeos, que vivera sempre em meio as rudes tribos do deserto.

– Jacó, sim, puxou a mim e a Isaac – dizia ela –, e por isso deveria caber a ele o direito de herdar a bênção paterna.

A esposa de Isaac, com o passar dos anos, fora perdendo a sua candura de moça virgem e adstrita à autoridade dos pais, para adquirir a frieza do instinto maternal ameaçado. Sim, porque Esaú, embora saído de suas entranhas, tinha pouco ou quase nada do seu sangue, e era com certo asco que sentia o cheiro deste, quando ele retornava de suas correrias sangüinárias pelos campos, suarento e pegajoso.

Jacó, entretanto, apesar do gênio mais manso, também havia herdado a lábia tardia que sua mãe desenvolvera (porque uma mulher sem filhos é uma coisa, e a mesma, virada em mãe, é outra). Foi assim que, certo dia, estando Jacó sentado diante de uma pequena fogueira, a preparar sua comida, viu chegar seu irmão Esaú, completamente exaurido.

– Jacó, que bom que você está aí a cozinhar! – disse, com o pêlo ruivo lustroso. – O que temos para matar a nossa fome?

– Tenho uma succulenta sopa de lentilhas e um pedaço de pão fresco – disse o irmão, de olhos fitos nas labaredas do fogo, que brotando debaixo da caldeira pareciam dedos amarelados a suspendê-la sobre os gravetos.

– Deixe-me sentir o aroma – disse o Ruivo, aproximando o nariz lustroso de suor da nuvem esbranquiçada que se erguia da caldeira. – Hum! Vejo que pôs também alguns tomates!

Jacó sentiu o cheiro do irmão, e isto o irritou profundamente.

– Esta sopa só dá para um – disse ele, com franqueza.

– Não diga tal – disse o irmão. – Há na panela o bastante para dois.

– Comerei, então, por nós dois – respondeu secamente Jacó.

Esaú estava tão fraco da infrutífera caçada que teve de apoiar-se ao tronco

de uma árvore, antes de retrucar: – Estou com muita fome, Jacó.

– Eu também – disse o irmão, de maneira fria.

Esaú sentiu a água crescer em sua boca, a ponto de escorrer pelos cantos dos lábios.

– O que quer em troca de um prato destas saborosas lentilhas? – disse ele, afinal.

– Quero o seu direito de primogenitura – respondeu Jacó, sempre de cócoras.

Esaú refletiu longamente e terminou com uma conclusão pouco sensata.

– Está bem, mais vale estar vivo sem a primogenitura do que estar morto e enterrado junto com ela.

– Jure, então, pelo Senhor de nosso pai, que é assim que você quer.

Só depois de Esaú jurar solenemente que cedia o seu direito em troca do alimento foi que Jacó se retirou, deixando o irmão a sós com a caldeira fumegante.

Isaac envelhecera assustadoramente em seus últimos anos de vida. Transformado num velho praticamente cego, vivia recluso em sua tenda. Rebeca, sua esposa, apesar de também ter se transformado numa velha, ainda guardava intactos os sentidos.

– Preciso vigiar todos os atos de meu amado Isaac, antes que ingresse também na caverna de Makpelá – dizia ela, todo dia, ao levantar-se.

Um dia, então, escutou o velho Isaac chamar por seu filho dileto.

– Esaú, venha até mim! – berrava ele, de dentro da tenda.

O filho peludo surgiu no mesmo instante.

– Aqui estou, meu pai – disse ele, pressuroso.

– Vá até o campo, mate um animal e faça para mim um assado saboroso – disse o velho. – Sinto que o momento de minha morte se aproxima com celeridade e quero, antes de partir, dar a você minha bênção.

Esaú tomou do arco e das flechas e saiu campo afora, como um alucinado.

Rebeca, contudo, escutara tudo do lado de fora, e tão logo vira o filho sumir-se, correu até Jacó, que estava a meditar, e lhe disse, não sem rudeza: – Jacó, venha até a minha tenda!

Jacó seguiu a mãe, e, sob o abrigo das espessas lonas, ela disse:

– Chegou a hora de endireitarmos as coisas por aqui – disse ela, com

determinação. – Vá agora até o redil e mate dois cabritos. Depois prepararei um belo assado que você levará ao seu pai, que se ensaia já para deixar este mundo.

Assim que Jacó cumpriu as ordens, ela o tomou novamente pelo braço e o fez vestir as vestes de seu irmão.

– Mas minha mãe – disse o atônito Jacó –, como poderei enganar as mãos videntes de meu pai?

Rebeca, que já havia pensado no caso, tomou de alguns pedaços de pêlo de cabra e prendeu-os ao redor dos braços e do pescoço do filho.

– Pronto – disse ela, cheirando-o e apalpando-o. – O cheiro é o mesmo, e a pele é a mesma. Vá e cumpra o seu papel, que é o de ser Esaú.

Jacó, carregando nas mãos a terrina com o alimento, caminhou de maneira vacilante até a entrada da tenda do velho Isaac.

– Pai, posso entrar? – disse, engrossando um pouco a voz.

– Quem está aí? – disse o velho, inclinando a orelha direita para a entrada.

– Sou Esaú, seu filho, que retorna com a caça olorosa.

– Entre, de qualquer modo, ainda que eu saiba que não é meu filho Esaú.

Jacó paralisou-se. Por um instante sentiu vontade de jogar a terrina para o alto e sair correndo. Mas agora era tarde, não podia mais recuar, e assim, avançou.

– O que diz, meu pai? – falou, fazendo um grande esforço para tornar sua voz parecida com a do irmão.

– Como você caçou tão rápido? – disse o velho, sem lhe dar ouvidos.

– A caça veio até mim, por obra de Deus.

Isaac silenciou. Depois disse:

– Largue tudo e venha até mim.

Jacó obedeceu.

– Vejamos se você é mesmo meu filho Esaú – disse o velho, tomando as mãos de Jacó, recobertas pelo pêlo espesso da cabra.

Depois de alisar longamente as mãos e de espichar alguns fios enovelados, o ancião quase cego pareceu convencido.

– Está bem. O cheiro também me parece o mesmo – acrescentou ele, dilatando as grandes narinas avermelhadas.

– Dê-me, agora, a comida, pois o cheiro está delicioso.

Jacó deu de comer ao pai e baixou reverentemente os olhos ao ver os pedaços de carne serem consumidos pela velha boca.

– Estava muito bom – disse o velho, ao fim. – Agora dê-me de beber.

Jacó serviu-lhe um grande copo de vinho, que o velho repetiu.

Depois que esteve novamente recostado sobre os travesseiros, Isaac disse:
– Agora, Esaú, aproxime sua cabeça peluda da minha destra, eis que vou abençoá-lo.

E assim o fez, vertendo sobre a cabeça do falso Esaú a sua bênção poderosa e fazendo deste o último herdeiro legítimo e senhor da casa dos descendentes de Abraão.

– Que os filhos de sua mãe se prostrem diante de você! – disse ele, encerrando a bênção fatal.

Jacó, então, se retirou, e o fez em boa hora, pois nesse instante Esaú retornava trazendo a sua caça, que ainda precisava cozinhar.

Durante um bom tempo preparou a carne até que, estando tudo pronto, dirigiu-se com a sua terrina à tenda do pai.

– Com licença, meu pai – disse ele. – Cá estou com a delícia prometida.

– Esaú, outra vez? – disse o velho, suspendendo a cabeça. – O que você ainda quer? Já não lhe dei a minha bênção?

– Desculpe, meu pai, mas não o entendo.

Rebeca viu ao longe o pano da entrada da tenda descer. Um ligeiro e abafado altercar de vozes soou e então ela compreendeu que o filho enganado já era sabedor de sua constrangedora e irremediável situação.

– Traído! – berrou Esaú, arrancando os cabelos avermelhados. – Miseravelmente enganado!

Ainda assim tentou arrancar uma bênção do velho pai, mas este não podia tornar atrás.

– Você viverá desde hoje sob o jugo do seu irmão, até que ele, em suas andanças, se rompa naturalmente.

Foram estas as palavras mais suaves que Isaac encontrou para dizer ao filho mais amado.

Depois disso Esaú silenciou, pois sabia que, enquanto o pai vivesse, ele não poderia tirar a desforra – que outra não era senão matar o irmão usurpador.

Rebeca, no entanto, sabia perfeitamente dos propósitos do Ruivo. Por isso chegou até Isaac e disse: – Isaac, não é bom que Jacó esteja a misturar-se com essas mulheres daqui. Faça como seu pai fez com você: não permita que seu filho se case com uma cananéia.

– Jacó não desposará nenhuma filha de Canaã, como Esaú – disse o velho cego.

Na verdade o Ruivo casara-se havia tempos com duas mulheres do lugar, as quais, desde então, infernizavam a vida de Isaac e Rebeca.

– Mande Jacó à terra de Abraão para que lá tome por esposa uma das filhas de seu irmão Labão – disse Isaac.

E assim Jacó partiu escondido, a fim de evitar a ira de Esaú. Quanto a Rebeca, a causadora de tudo, despediu-se do filho sem saber que jamais tornaria a revê-lo.

12. JACÓ NA TERRA DE LABÃO

Jacó era agora um mero exilado, pois sabia que se permanecesse na Canaã de seus pais encontraria morte certa às mãos de seu irmão. Depois de alguns dias de viagem, vendo que o pôr-do-sol tingia outra vez o horizonte, decidiu parar num lugar seguro para passar a noite.

– Acho que aqui está bom – disse ele, acomodando-se num recanto meio escondido, a fim de estar a salvo do ataque de alguma fera ou de salteadores.

Depois de tomar uma pedra e ajeitá-la sob a cabeça, Jacó fechou os olhos e começou a rever em sua mente as imagens do passado antes de adormecer. De repente, porém, viu-se colocado ao pé de uma imensa escadaria de cristal, como se fosse ela a entrada de um vasto e magnífico templo. Seres angelicais, de formas também cristalinas, subiam e desciam os amplos degraus, num vaivém ordenado e silencioso. Jacó ergueu sua cabeça para ver aonde a imensa escadaria conduzia, mas só conseguiu ver ao alto uma luz intensa e diferente de qualquer outra que antes já vira. E foi então que escutou uma voz a dizer em seu interior: – Eu sou o Senhor, deus de Abraão e de teu pai Isaac. A terra sob a qual estás deitado será tua e de tua descendência, que será numerosa como o pó que recobre a terra. Nada temas em teus caminhos, pois estarei sempre contigo até que retornes a esta terra, sem que, em momento algum, te abandone.

Quando Jacó acordou, era um outro homem. Pois quando deitara a cabeça sobre aquela pedra providencial, era um homem arrasado, coberto pelo sentimento de culpa e pela certeza de haver perdido para sempre a graça divina. Como Caim, Jacó imaginava-se condenado a errar pelo mundo a fim de expiar um crime que, se não era tão grave quanto o que maculara a carne do perverso antepassado, tinha, no entanto, um componente de vileza talvez ainda maior. Jacó, orientado pela mãe, premeditara uma fraude, abusando da confiança de seu velho pai, cego e inválido, para tomar para si algo que por direito não lhe cabia. O resultado fora o exílio, a amargura em sua família e a certeza da maldição eterna do deus de Isaac.

Entretanto, ao acordar, Jacó descobrira-se subitamente elevado por aquela bênção inesperada que, além de ser um sinal inequívoco do perdão divino, era ainda a confirmação da sua escolha para a chefia espiritual da descendência

eleita. Deus, apesar de tudo, tomara surpreendentemente o partido do defraudador, em vez do defraudado!, pensava ele, estupefato, sem cogitar se o segundo – o rude caçador desprovido de luzes – teria condições de exercer o papel de guia espiritual do povo eleito. Jacó preferia ver nessa decisão desconcertante apenas uma manifestação da razão superior e incompreensível de Deus, mas logo descobriria que a santificação desta eleição por vias tortas teria o preço de incontáveis dissabores.

Jacó ergueu-se e a primeira coisa que fez foi tomar da pedra que usara como travesseiro e ungi-la com óleo.

– A partir de hoje este lugar passará a chamar-se Betel, pois verdadeiramente estou na entrada da Casa de Deus – disse, prosternando-se diante da pedra.

Em seguida fez uma oração, através da qual firmou um pacto pessoal com o deus de Isaac.

– Se me proteger em minha viagem e eu puder voltar são e salvo para a casa de meu pai, aceitarei-o como o meu Deus, dando-lhe o dízimo de tudo quanto me der.

Depois disso, Jacó partiu para a antiga terra de Abraão, até chegar próximo a um poço, tal como Eliézer chegara num dia muito distante para encontrar a noiva de Isaac. Depois de acomodar-se com seus camelos, puxou conversa com os guardadores de ovelhas que ali estavam aguardando para dar de beber aos seus animais.

– De onde são vocês, amigos? – perguntou Jacó aos guardadores.

– Somos de Haran – disse um deles, apoiado a seu cajado.

– Por acaso conhecem Labão, filho de Naor?

– Claro, não há quem não o conheça por aqui.

Os pastores pareciam cada vez mais curiosos com aquele forasteiro.

Nesse instante, porém, a conversa foi interrompida pela chegada de uma bela moça, também pastora, de longos cabelos negros presos às costas.

– Aí vem Raquel, sua filha, dar de beber aos animais – disse o mesmo sujeito do cajado.

Os olhos de Jacó cerziram-se para observá-la melhor.

“Eis aí a filha de Labão!”, disse ele, admirado. “Será com ela que irei me casar.”

Então Jacó, tomando uma atitude audaciosa, correu até o poço e moveu sozinho a grande pedra que o cobria. Normalmente era preciso o concurso de dois ou mais homens para fazê-lo, mas, para impressionar a parenta, Jacó decidiu fazê-lo sozinho.

Raquel, algo assustada pelo gesto abrupto de Jacó, recuou alguns passos e ficou-se a observar o esforço daquele estranho.

Depois que havia afastado a pedra, Jacó aproximou-se respeitosamente de Raquel e lhe disse, com os olhos cheios d'água: – Como está, minha prima? Sou seu primo Jacó, filho de Rebeca, irmã de seu pai Labão, e viajei até aqui só para conhecê-la. Foi Deus, com certeza, quem a pôs assim tão espontaneamente no meu caminho, para que já na chegada nos encontrássemos.

Raquel ficou tão emocionada com a novidade que se abraçou ao parente vindo de tão longe, sob os olhares admirados dos assistentes.

– Venha até a casa de meu pai para que lhe apresente a todos – disse ela, tomando-o pela mão.

Labão, ao saber quem era o forasteiro, correu a abraçá-lo.

– É você, então, o filho de minha irmã Rebeca? – disse ele, enlevado.

Junto do tio estava também uma outra jovem, irmã de Raquel, que se chamava Lia. Apesar de não poder ser chamada de feia, sua beleza estava longe de fazer frente à de Raquel, pois além de ser levemente vesga seus olhos estavam sempre inflamados.

Jacó, feliz pela boa recepção, permaneceu por cerca de um mês na casa do tio, período mais que suficiente para que tivesse a certeza de que desejava tomar Raquel para esposa. Durante esse tempo, trabalhou gratuitamente para o tio, a fim de cair-lhe nas graças, mas este, homem de negócios, resolveu pôr logo as coisas a claro: – Já vi perfeitamente que tipo de homem você é, responsável e trabalhador – disse, puxando as barbas como o artesão espicha os fios do linho em sua roca. – Vamos, diga qual é o salário que você quer para estar sob as minhas ordens.

Jacó não hesitou um único segundo.

– Quero a mão de sua filha Raquel.

– Bem... – disse, estudando o caso.

Depois de um certo tempo, retomou a fala.

– Não é uma má escolha, admito. Sendo filho honesto de minha irmã Rebeca, dará, com certeza, um bom esposo à minha doce Raquel. Proponho, então, o seguinte: depois de ter me servido durante sete anos, poderá, então, casar-se com a jovem.

Jacó selou no mesmo instante o acordo, afinal passaria os sete anos próximo de sua amada, com a certeza de que ao cabo a teria por esposa.

Os sete anos passaram voando, e quando o prazo estava prestes a expirar, Jacó lembrou ao tio a promessa.

– Certamente que lhe darei a filha em casamento – disse Labão, puxando

a barba pintada de branco.

Os festejos iriam durar uma semana e grandes foram os preparativos. Enquanto isto, Raquel desaparecera das vistas do noivo, o qual só poderia tornar a vê-la no leito de núpcias – espera que lhe foi mais agonizante do que os sete anos inteiros, nos quais a tinha constantemente sob os olhos.

Mas, enfim, o grande dia chegou, e depois das comilanças nauseantes, das bebedeiras, dos cumprimentos lacrimosos, dos discursos enfadonhos, das danças extravagantes, das gritarias despropositadas e das piadas de mau-gosto, Jacó foi conduzido sozinho ao quarto onde deveria aguardar a chegada da prometida. Mantido no escuro, teve tempo de sobra para preparar-se para o grande momento, até que viu surgir a figura da desejada, envolta num comprido manto que lhe tapava até o último fio de cabelo, pois, segundo lhe disseram, era costume do lugar que o noivo não pudesse ver a noiva no momento do deflora mento.

Jacó tomou a noiva nos braços, na mais completa escuridão, e desde esse instante esteve finalmente casado com... *Lia!*

Isso, porém, ele só descobriu no dia seguinte, quando, ao acordar, deparou-se com o rosto de Lia desenhado nas feições daquela que imaginava ser Raquel.

– Lia! – gritou, coberto de espanto. – Em nome de Deus, o que está fazendo aqui no leito meu e da doce Raquel?

– No nosso leito – disse ela, laconicamente.

– Está maluca? Vamos, saia já daqui! Onde está minha esposa Raquel?

– Sua esposa sou eu.

– Deixe de graças; onde está Raquel?

– Está onde deve estar: nos seus aposentos.

Ao ver que alguma coisa estava realmente errada, Jacó deu um pulo da cama, vestiu às pressas a sua túnica e correu até o sogro, o grande tratante.

– Labão! Labão! – berrou ele, à porta dos aposentos do sogro.

O homem das barbas retintas surgiu com um ar de perfeita inocência.

– O que foi, meu genro? O que significa esta balbúrdia, e a estas horas?

– Não se faça de desentendido! Quero saber que maldita peça foi esta que me pregaram!

– Peça? Que peça?

– Ora, vai negar que não sabe que é Lia dos olhos estrábicos quem está deitada, desde a noite de ontem, em meu leito?

– Por certo que não. É certamente Lia quem lá está, embora me ofenda

um pouco que você se refira de modo tão pouco gentil à sua esposa.

– Com mil demônios se ela é minha esposa!

– Decerto que é.

Jacó cerrou os punhos com tanta força que as juntas dos dedos tornaram-se brancas:

– Vai ou não explicar o há? – disse, por fim, controlando-se para não fazer uma besteira.

– Não há coisa alguma – disse o sogro, começando a espichar um a um os fios da barba amassada. – É o costume da terra. Lia é a primogênita, e ninguém por aqui aceitaria que a filha mais nova fosse entregue em casamento antes da mais velha.

Jacó esteve longo tempo a estudar o rosto do tio, até que indagou:

– E Raquel, como fica? Era a ela que se referia o maldito trato!

– Oh, ainda a quer? Bem, pois leve-a também! É o costume: primeiro a mais velha, depois a mais nova.

Jacó pareceu mais conformado. Afinal de contas, ficava com sua doce Raquel, embora casado com a outra irmã.

– Mas alto lá – disse o ladino Labão. – Assim como houve um preço para a primeira, certamente haverá um preço para a segunda.

– Diga logo! – explodiu Jacó.

– Terá de me servir por mais sete anos.

– Tratante maldito! Mais sete anos para apossar-me do que já era meu?

– Quem disse “daqui a sete anos”? Vamos, acalme-se; não é bom que sogro e genro estejam a altercar na primeira manhã após o casamento da primogênita.

Jacó deu um passo atrás em sinal de boa vontade, pois parecia que as coisas não tomariam um rumo tão desesperador, afinal. Labão, por sua vez, sentindo que readquiria o comando da situação, decretou: – Raquel também será sua, tão logo se encerre a semana de festejos de Lia. Desse modo, entrará no gozo quase simultâneo das maiores preciosidades de minha casa, o que não é pouca generosidade da parte deste Labão que aqui está.

O tio de Jacó afetava agora uma generosidade soberana, e nada neste mundo, a partir desse instante, poderia fazê-lo crer que era um embusteiro, uma vez que até lágrimas já lhe assomavam aos olhos.

Tudo se fez, afinal, segundo o arbítrio do patriarca. Jacó casou-se, com efeito, na semana seguinte com a desejada Raquel. Antes, porém, que consumasse o matrimônio, acendeu uma lamparina que introduzira furtivamente

no quarto, para certificar-se de que não seria enganado novamente.

Jacó teve doze filhos de suas duas esposas, embora quatro mulheres tivessem parido todos eles. Explica-se a incongruência contando-se a marcha dos partos: num primeiro estágio, Lia pariu a Ruben, a Simeão, a Levi e a Judá. Então Raquel, que a exemplo de Sara e Rebeca, também esteve às voltas com o demônio da esterilidade, disse a Jacó que ou pariria também, ou então morreria. Jacó, enraivecido, exclamou que não estava no lugar de Deus para prover ao que não podia. Então Raquel, mordendo os lábios de humilhação, lhe disse que tomasse sua escrava Bala e fizesse nela um filho, como se fosse nela própria. Como uma nova Agar (aquela que parira Ismael a Abraão), a sorridente Bala pariu sobre os joelhos de Raquel (costume imprescindível para a transferência nominal da maternidade). O produto dessa troca se chamou Dã, e de uma segunda, se chamou Neftali.

Diante disso, Lia dos olhos turvos também declarou-se estéril, e repetiu o mesmo gesto de Raquel, parindo por intermédio de outra escrava, chamada Zelfa. Desse modo, Zelfa lançou ao mundo Gad, e ainda um outro rebento chamado Aser.

Já eram oito filhos, portanto, mas achou-se pouco. Afinal, Raquel, embora mãe nominal de duas crianças, permanecia sem ter parido filho algum.

Um dia, o jovem Ruben retornava do campo com algumas frutinhas, consideradas afrodisíacas, e as entregou à sua mãe estrábica. Raquel, com inveja, correu até Lia e lhe implorou as tais frutinhas. Lia negou, alegando que Ruben, seu filho, as colhera para ela. Raquel propôs a Lia que esta dormisse aquela noite com seu esposo Jacó em troca das frutinhas (talvez aquela fosse a noite de Raquel, senão como compreender tal proposta a uma mulher que já era esposa, e com mais direitos, já que era a primeira?). Lia dormiu aquela noite com Jacó, e desse sono prazeroso surgiu Issacar, e depois, ainda, um certo Zabulon.

Lia estava então com oito filhos (seis de suas entranhas e dois da escrava), enquanto que Raquel só tinha dois, e por empréstimo.

Então, do meio dessa prole varonil brotou uma única haste feminina, também filha de Lia, que se chamou Diná (ou antes, a desditosa Diná, como adiante se verá).

Raquel, diante de uma derrota tão humilhante, conheceu, então, as vertigens do desespero, e foi somente graças à misericórdia do Senhor que a

preferida de Jacó concebeu José, aquele que valeria por todos os outros (infelizmente ela não viveria o bastante para saber). Depois disso, Raquel ainda trouxe ao mundo o último rebento da casa de Jacó, que se chamou Benjamin e que foi, também, o encerramento de sua vida, pois que morreu ao dar-lhe à luz.

Dos doze filhos de Jacó (afora a pouco ditosa Diná) sairão as famosas Doze Tribos de Israel, essenciais ao ulterior desenvolvimento da história do povo eleito: *Filhos de Raquel*: José e Benjamin.

Filhos de Bala, serva de Raquel: Dã e Neftali.

Filhos de Lia: Ruben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zabulon.

Filhos de Zelfa, serva de Lia: Gad e Aser.

Como se viu, antes de dar à luz Benjamin e mergulhar na escuridão, Raquel pariu a José. Tão logo teve o primeiro filho nos braços, viu seu marido chegar até si e lhe comunicar que pretendia retornar à distante Canaã de seus pais.

– Seu pai pretende manter-me em cruel sujeição e matar-nos todos à míngua – justificou ele.

Na verdade, não era bem assim. Jacó havia enriquecido sobremaneira desde que pisara sobre o chão de Labão. Entretanto, vivia sempre a queixar-se do “pouco muito” que tinha, hábil estratégia que todo acumulador de bens conhece e do qual faz largo uso para aumentar ainda mais as suas posses. Além disso, havia ainda a inveja dos filhos de Labão, os quais não cessavam de imaginar que Jacó, através da astúcia, ia acrescentando ao seu patrimônio o que diminuía misteriosamente do patrimônio de seu velho pai.

Ao saber, entretanto, da própria boca de Jacó, que este pretendia deixá-lo, levando consigo as esposas e a infinidade de netos, Labão fez-lhe uma proposta.

– Fique – disse ele – e lhe pagarei um salário.

– Não quero salário – disse Jacó.

Não queria salário, mas isto não queria dizer que não queria coisa alguma, como bem inferiu o negociante Labão.

– Bem – disse o sogro, juntando todos os fios da barba grisalha numa única mão. – O que quer exatamente para permanecer em minhas terras?

– Quero uma retribuição condizente com o tamanho de minha família.

– Muito justo, já havia pensado muitas vezes nisso.

– Eu também, mas temi que, se não lhe dissesse agora, ambos

desceríamos ao túmulo ainda pensando.

– Não seria, decerto, assim.

– Não será, decerto, assim.

– Bem, vamos ver o que pretende sacrificar da minha penúria – disse ele, juntando as sobrancelhas – Farei o seguinte – disse Jacó –: depois de revistar suas ovelhas e cabras, escolherei dentre elas somente as fecundas, isto é, as malhadas e as manchadas, e esta será a paga dos estafantes serviços que lhe prestei durante todo este tempo. Em troca, você também passará em revista o meu rebanho. Então, tudo quanto for animal despido de manchas que ali encontrar, tomará para você, sem piedade.

Labão gastou alguns minutos pensando – não na proposta, está visto, mas no meio de ludibriá-la (ou então não seria o voraz comerciante que era) –, até que disse: – Está feito. Dê-me apenas três dias para ajuntar o rebanho.

Três dias dá para esconder muita coisa. Na verdade, teria bastado um só, pois já no primeiro dia o velho Labão retirara de todo o seu rebanho as cabras e ovelhas malhadas – ou seja, as fecundas – e as repassara aos rebanhos distantes de seus filhos.

Enquanto isso, Jacó concebera um original estratagema para passar a perna em Labão. Depois de arranjar algumas varas frescas de álamo, de amendoeira e de plátano, pintou-lhes algumas faixas brancas e colocou-as diante dos animais do seu rebanho, bem em frente aos bebedouros. Ora, sabendo que era também na região dos bebedouros que os animais entravam no cio, tudo quadrou à perfeição no seu plano, pois os animais, acasalando-se com as vistas postas nos feixes malhados, concebiam somente filhotes malhados. Jacó pôs também somente os animais robustos para se acasalarem diante dos feixes, deixando os fracos separados, para que Labão os levasse, e foi assim que o sogro levou do rebanho de Jacó somente a escória.

Desde esse dia, as relações de Labão e Jacó tornaram-se frias, e o sogro, até então temeroso de que algum mal sobreviesse ao genro – já que desde a sua chegada seus negócios haviam prosperado imensamente –, deixou de se preocupar com os cochichos de seus filhos, nos quais as palavras “morte” e “Jacó” andavam sempre demasiado próximas.

Mas o Senhor não dormia, e por isso surgiu a Jacó, dando-lhe o alerta.

– Retorna já à terra de teus pais, eis que estarei sempre ao teu lado.

No mesmo dia, Jacó foi até as suas esposas.

– Raquel e Lia – disse ele, surgindo de repente –, tomem suas coisas, no maior silêncio e discrição possíveis; depois juntem as escravas e nossos filhos e

ponham-se em alerta, pois vamos viajar subitamente.

– Vamos fugir? – disseram as duas.

– Viajar subitamente – reafirmou Jacó, dando-lhes as costas.

E assim foi. Durante uma viagem a negócios que Labão fizera, Jacó partiu com sua família no rumo de sua terra, levando consigo todos os rebanhos e bens que adquirira no longo período de exílio que passara nas terras do rude Labão.

No terceiro dia, Labão ficou sabendo da fuga e, inconformado, saiu previsivelmente no encalço dos fugitivos. Dois motivos básicos o levaram a isso: primeiro, o fato de querer reaver suas filhas, e o segundo o furto blasfemo dos seus deuses domésticos – os chamados “terafins” –, que Raquel, por um ato de tola superstição, havia levado às escondidas do esposo, que por certo não toleraria a presença em seu séquito de quaisquer outros deuses que não o deus único de seu pai Isaac.

– Sem os terafins a casa inteira ruirá – dissera a esposa de Labão, pois que eles eram guardados nos porões da casa principal habitada pelo casal.

Após alguns dias de inteira perseguição, Labão conseguiu alcançar Jacó e seu numeroso e lento cortejo nas proximidades do monte de Guilead, não sem antes ter tido um sonho, durante uma das paradas noturnas, na qual o deus de seu genro Jacó o ameaçava com esta paralisante ameaça: – Guarda-te de dizer qualquer coisa de bem ou de mal ao meu servo Jacó.

Assim que teve o genro ao alcance da voz, Labão lhe disse, modulando a voz para que ela tivesse um tom nem muito severo, nem muito brando: – Enfim, depois do logro, a traição.

Como Jacó nada dissesse, Labão voltou à carga:

– Por que fugiu de minhas vistas, sem sequer se despedir? Por que me privou de beijar minhas filhas e netos antes da separação? Pois se era essa a sua decisão, eu a teria acolhido com grande festa e zabumba.

Jacó, sem achar o que dizer, ainda e de novo silenciou.

Então Labão lembrou-se subitamente dos seus amados terafins.

– Mas o pior de tudo foi ter levado os meus deuses, numa afronta imperdoável à minha devoção. Por que cometeu tal impiedade?

Jacó, então, regozijando-se em escutar uma acusação da qual estava inteiramente inocente, concentrou-se na sua áspera refutação.

– O que está dizendo, ocultador de ovelhas na calada da noite?

– Quero meus terafins de volta, para que ao menos o teto de minha casa não venha a desabar sobre a minha cabeça após a minha volta.

– Nada sei de terafins, pois me basta o deus único que trago comigo – disse Jacó.

Mas Labão estava por demais afrontado e indisposto a acreditar nas palavras do genro.

– Daqui não voltarei sem revistar camelo por camelo e arca por arca – disse o velho, vendo que tudo o mais estava perdido.

– Reviste à vontade – disse Jacó, indo comer a sua janta.

Labão, injuriado, revistou tenda por tenda, consumindo toda a noite na busca dos seus deuses de barro. Estes, entretanto, estavam escondidos sob a sela de um dos camelos, sobre a qual Raquel sentava-se. Quando seu pai avançou na direção dela, Raquel curvou a cabeça e disse, num tom vexado: – Perdoe, meu pai, se não posso agora erguer-me, pois estou nos meus dias de incômodo.

Labão deu-lhe as costas e revirou cada caixinha que encontrou no acampamento, até que Jacó finalmente perdeu a paciência por causa daquilo que considerava uma solene bobagem.

– Ora, basta! – disse ele, próximo da ira. – Quando foi que furtei algo de seus bens durante o longo tempo em que estive sob a sua férula? Tudo isto já passou há muito tempo do tolerável. Tudo o que aqui está é meu e foi ganho com o suor do meu rosto e o poder do deus de Isaac.

Labão retrucou, tartamudeando:

– Essas meninas são minhas – disse, apontando para Lia e Raquel, com os olhos cheios de lágrimas –, e esses netos também são meus, e essas cabras e tudo quanto está aqui saíram do meu patrimônio.

Depois, vendo que suas palavras ecoavam no vazio, e que dali não levaria nada – nem mesmo os malditos terafins –, Labão resolveu firmar o entendimento como único meio de não perder o poder sobre as filhas e os netos.

– Façamos um acordo, meu genro, e ponhamos um fim ao rancor – disse ele, abrandando o olhar.

Labão, afinal, não era bom nem mau – como sugerira o Senhor em sua intrigante advertência –, senão um verdadeiro comerciante. Pois jamais o autêntico negociante, vendo fracassar um negócio, toma-se de rancor pelo adversário, conhecedor que é da estreiteza do mundo e de que em alguma de suas muitas voltas poderá, quem sabe, precisar de seus préstimos – ou mesmo ter a ventura de lhe dar o troco.

Jacó juntou algumas pedras e, junto com Labão, erigiram ambos uma pequena mesa. Ali mesmo fizeram uma lauta refeição, observados com infinita admiração e respeito pelos demais. Pareciam, de fato, tio e sobrinho a repartirem amigavelmente o alimento. Depois de estarem em pé, erigiram uma estela sob a qual firmaram o mais doce dos pactos, no qual comprometiam-se, sob pena da maior das desgraças, a não ultrapassarem jamais aquela marca, mantendo-se

cada qual em seu lado, sem nunca tentarem se prejudicar reciprocamente – único compromisso capaz de ser cumprido à risca por dois seres cujos interesses e gostos se tornaram irreconciliáveis.

– Nem você virá de lá para cá, nem eu irei daqui para lá – disse Labão, com tanta serenidade, e até uma certa doçura na voz, que chegou a arrancar lágrimas de algumas almas verdadeiramente sensíveis.

Depois, passaram juntos o restante da noite, sob o frescor da montanha. Labão conversou com as filhas, brincou com os netos, e chegou mesmo a dar algumas boas risadas com o genro.

Na manhã seguinte, o negociante levantou bem cedo, abençoou filhas e netos, e regressou, já quase consolado de tantas perdas, à sua casa – da qual, segundo consta, nem uma única telha chegou jamais a lhe desabar sobre a cabeça.

13. JACÓ LUTA COM DEUS

Depois que se separara do sogro no monte de Guilead, onde fora firmado o pacto, a cabeça de Jacó só tinha uma única preocupação: que espécie de recepção teria, após tantos anos, de seu irmão Esaú, ao qual usurpara a bênção paterna.

Ao aproximar-se das terras de Seir, onde o peludo Esaú ainda vivia – local também chamado de campos de Edom, por causa do apelido de Esaú (“Edom” quer dizer “Ruivo”) –, Jacó decidira destacar alguns mensageiros para que fossem à frente, levando uma mensagem fraterna ao irmão. Seu plano era testar o estado de ânimo de Esaú e ver se podia apresentar-se diante dele sem temer qualquer vingança.

Jacó aguardou o retorno dos mensageiros, os quais voltaram depois de algum tempo dando conta de que Esaú rumava ao seu encontro com quatrocentos homens.

– Com quatrocentos homens? – disse Jacó, tornando-se pálido.

Num relance Jacó olhou para as suas mulheres e os filhos – na maioria, ainda pequenos – e imediatamente temeu pela vida deles. Afastando-se de todos e tomado pelo medo, foi pedir auxílio ao seu deus.

– Ó deus de Isaac! – disse ele, prosternado. – Recorda a promessa que me fizeste, de que ao retornar para a terra de meu pai o Senhor estaria sempre comigo. Olha para mim agora, e para os meus familiares! Salva-nos da ira de Esaú, pois tenho muito medo, Senhor! Lembra-te da promessa na qual prometeste fazer de mim uma grande descendência!

Durante a noite toda Jacó orou. Porém, na manhã seguinte, mandou destacar dos seus rebanhos uma grande quantidade de animais e ordenou a seus servos que os levassem adiante, a fim de comprar a simpatia do irmão.

– Quando o encontrar – disse ele ao servo encarregado de ir ao encontro de Esaú –, mostre-lhe todos estes animais e diga a meu irmão que são um presente que o servo Jacó faz ao seu senhor, e que logo atrás deles estaremos eu e minha família para lhe render vassalagem.

Assim se fez, embora Jacó e sua família tivessem ficado ainda acampados às margens do vau de um riacho, que se chamava Jaboque. Durante a noite, Jacó

ordenou à família que transpusesse o riacho. Ele, entretanto, permaneceu a orar e refletir do outro lado, sozinho. De repente, porém, viu que um homem marchava em sua direção.

– Quem vem lá?

Era noite e Jacó, já um homem idoso, não pôde ver direito de quem se tratava. Pensando que fosse algum espião de Esaú, sentiu medo em sua alma. Já ia repetir a pergunta, quando o forasteiro, sem dizer qualquer palavra, atracou-se com ele numa luta selvagem. Abraçado ao estranho, Jacó trocou golpes com ele, até que ambos caíram ao solo. Durante muito tempo estiveram a rolar sobre o pó, trocando golpes surdos, sem que a vantagem se declarasse a qualquer das partes.

Enquanto lutava, Jacó teve a certeza de não estar diante de um ente meramente humano, mas de uma presença divina. O rosto do seu agressor, embora apresentasse as feições alteradas de um homem entregue a uma luta renhida, tinha ao mesmo tempo os traços de uma certa altaneria superior. Jacó, em suma, sentiu que aquele ser não o odiava e nem queria, tampouco, a sua morte.

Ambos estavam no furor do enfrentamento quando, durante uma das trocas de golpes, Jacó foi atingido violentamente na curva do fêmur, um golpe profundamente dolorido que lhe deslocou parte do osso. (Desde esse dia Jacó passaria a mancar devido ao ferimento, o qual faria questão de converter numa espécie de galardão.)

Então, quando os primeiros raios da aurora iluminaram os céus, o adversário de Jacó exclamou:

– Deixe-me partir, pois o dia já amanhece!

Jacó, entretanto, agarrou-se ao ser, impedindo-o de partir.

– Não, não o deixarei partir antes que me abençoe! – disse, ofegante.

– Diga-me o seu nome – falou o ser misterioso.

– Eu sou Jacó – disse este, face a face com o adversário.

– Pois a partir de hoje passará a se chamar Israel.

Jacó, sem entender direito, permaneceu a encarar o oponente.

– Sim, pois lutaste com Deus e os homens e venceste – disse o ser, de maneira enigmática.

O filho de Isaac tinha agora a certeza de que lutava com o próprio deus de Abraão – pessoalmente, ou com a figura de algum de seus anjos.

– Diga agora você o seu nome! – disse Jacó, buscando a confirmação.

Mas o agressor recusou-se a fazê-lo. Em vez disso, ergueu as mãos e as impôs sobre a cabeça de Jacó, dando-lhe a bênção que este exigira.

Somente então Jacó deixou que o ser misterioso partisse. Mancando, o filho de Rebeca ergueu um pequeno altar e passou a denominar o local de Peniel (Face de Deus), pois ali estivera diante de Deus.

Quando Jacó atravessou o Jaboque, era outro homem. Havia, finalmente, conseguido arrancar de seu deus a bênção, numa luta franca e justa, a qual, de resto, não provocara. Ninguém vira o tremendo embate, e por isso não poucos consideraram o episódio verdadeiramente surpreendente como uma espécie de sonho ou visão que Jacó tivera. De qualquer modo, Jacó – que agora também era Israel – havia vivido o momento mais profundo de sua existência, o qual carregaria consigo para sempre.

No dia seguinte, Jacó avistou seu irmão Esaú aproximar-se com os quatrocentos homens. Israel não tinha, agora, mais medo algum em sua alma – pois quem lutou com Deus não podia temer mais coisa alguma –, embora tivesse tomado a precaução de manter resguardadas as esposas e os filhos.

Jacó adiantou-se e prostrou-se sete vezes sobre a terra. Esaú, descendo do camelo, correu de mãos limpas até o irmão e abraçou-se tão violentamente com ele que Jacó imaginou-se envolvido em nova luta corporal.

– Oh, Jacó, irmão querido! – disse Esaú, com as faces banhadas de lágrimas.

Depois, voltando os olhos para a família do irmão, Esaú perguntou:

– Quem é toda essa gente, meu irmão?

– São as esposas e os filhos que Deus concedeu ao seu servo – disse Jacó, sorridente.

Então, todos, mulheres e filhos, avançaram e também se prostraram.

Tudo parecia estar esquecido – trapaças, dores e mágoas –, pois Esaú tinha uma alma boa e nela o ressentimento não encontrava guarida por muito tempo.

Então quis saber por que Jacó mandara todo aquele gado na sua frente.

– É um presente ao meu senhor Esaú, pois quero repartir os bens que o Senhor me deu no curso de todos esses anos – disse Jacó, obsequioso.

Esaú recusou, mas tanto Jacó insistiu que o irmão acabou aceitando. Depois sugeriu a Jacó que rumassem juntos para as terras de seu pai.

– Obrigado, mas receio atrasá-lo com a minha longa e morosa comitiva – recusou polidamente Jacó.

Esaú insistiu em ir junto, mas Jacó fez pé firme, exigindo que Esaú fosse bem à frente. Na verdade, Jacó queria ver-se livre do irmão, pois bastara estar apenas alguns instantes próximo dele para que voltasse a sentir aquele velho mal-estar que sempre sentira em sua presença. Esaú e Jacó, como tantas vezes acontece, eram irmãos apenas no sangue, mas sabiam que jamais o seriam na alma. Tudo quanto poderia se esperar da amizade de ambos era que cada qual se mantivesse pacificamente em seu canto (tal como Jacó e Labão haviam sensatamente acordado alguns dias antes), sem quaisquer prevenções ou ressentimentos, e que seu contato ficasse restrito a alguma raríssima – ou mesmo nenhuma – eventualidade.

Vencida a pendenga que durante toda a vida pesara sobre a sua alma, Jacó, ingressando já na velhice, esperava agora poder desfrutar calmamente da vida. Mal sabia, contudo, que entrava na fase mais tormentosa de sua existência, e que ela principiaria por um episódio de inaudita crueldade e violência.

Jacó havia finalmente chegado às planícies de Siquém, situada na terra de Canaã. Ali governava Hamor, senhor do lugar, secundado pelo filho Siquém. Jacó comprou ao senhor do lugar um grande pedaço de terra diante da cidade, sobre o qual se instalou com suas tendas, erigindo um templo ao deus de Israel.

As coisas corriam bem – pois a gente de Israel havia estabelecido uma convivência respeitosa com os senhores de Siquém – até que um dia Diná, a filha de Jacó e de Lia, acabou sendo o pivô involuntário de uma espantosa discórdia.

Siquém, filho de Hamor, avistara a jovem hebréia, certo dia, quando esta saíra para encontrar algumas amigas. Sentindo-se completamente atraído por sua beleza, não conseguira controlar seus instintos e a raptara, levando-a para o interior da cidade. Ali, instalou-a em sua casa e posteriormente a violou – ao menos assim se disse. Siquém, entretanto, quis regularizar a sua situação com a jovem Diná e, para tanto, procurou logo o seu pai.

– Meu pai – disse ele –, estou perdidamente apaixonado por esta jovem. Por favor, peça ao pai dela que permita que nos unamos em casamento.

Hamor não havia gostado nem um pouco daquela situação criada pelo filho.

– Você é mesmo um imprudente! – disse, enfurecido. – Não conhece, então, a presunção desses forasteiros? Como acha que o chefe deles irá reagir

diante do rapto e da violação de sua própria filha?

– É por isso que estou lhe pedindo que fale a ele – disse Siquém. – Estou disposto a fazer qualquer sacrifício para tê-la para sempre ao meu lado.

Hamor sabia que cedo ou tarde teria de entender-se com aquela gente sisuda, sempre ensimesmada com o seu deus exclusivista. Por isto tratou de ir logo procurar Jacó e os seus. Depois de insistir que seu filho tinha as melhores intenções com relação a Diná, propôs que os filhos de Jacó tomassem as mulheres da terra para suas esposas, unindo dessa forma os dois povos em um único.

A negociação foi árdua, pois os filhos de Jacó estavam profundamente revoltados e queriam punir Siquém da maneira mais feroz possível.

Então um deles disse ao emissário de Siquém que eles estavam dispostos a celebrar a paz e mesmo a união com os siquemistas, desde que estes aceitassem ser circuncidados. Hamor e seu filho Siquém reuniram o povo da cidade e comunicaram a proposta. Todos os homens aceitaram submeter-se à dolorosa operação para que a paz voltasse a reinar, e assim tudo parecia encaminhar-se para um termo feliz.

Entretanto, não passava de um plano maquiavélico engendrado pelos irmãos de Diná. Sabendo que a operação à qual os varões de Siquém haviam se submetido acarretaria graves incômodos ao terceiro dia, decidiram vingar-se exemplarmente em tal data. Simeão e Levi, ajudados pelos irmãos (pois seria impossível que só eles dois pudessem levar a cabo a sangrenta desforra), tomaram de suas armas e partiram, sem o conhecimento de Jacó, para penetrar durante a noite na cidade e dar início à feroz vingança.

Simeão e Levi, os dois mais ferozes do bando, invadiram a casa onde sua irmã Diná estava instalada e a resgataram, depois de terem matado Hamor e o filho Siquém, além de todo homem que encontraram pela frente.

– Aqui está o castigo, verme idólatra, pelo crime de ter tratado nossa irmã como uma de suas prostitutas! – dissera um deles, antes de cortar a cabeça do violador.

Sob o pretexto da vingança, os filhos de Jacó pilharam tudo quanto encontraram de valioso na cidade, levando gado e riquezas de toda espécie.

Quando retornaram, contudo, à presença de seu pai, este os censurou asperamente:

– Loucos! O que pretendem com esse morticínio? Lançar sobre todos nós a ira dos povos de Canaã?

Simeão, que era o mais exaltado, retrucou:

– O que queria que fizéssemos, meu pai? Que assistíssemos a nossa irmã ser tratada como uma prostituta, dia após dia, no leito daquele infame?

Jacó dispensou os filhos, aos quais nunca perdoaria o ato de selvageria – em especial aos dois mais ferozes, Simeão e Levi, pois haviam demonstrado com sua atitude possuir uma natureza completamente avessa da sua.

Sob a asa de um grande temor, Jacó viu-se, entretanto, mais uma vez acalmado pela voz do seu deus, que o procurou naquela noite para ordenar-lhe que subisse outra vez até Betel, o lugar onde tivera o sonho da escadaria.

Jacó, reunindo os seus, primeiro lhes ordenou que destruíssem as imagens que haviam trazido dos estrangeiros, e que tudo quanto pertencesse aos idólatras – imagens, roupas e anéis – fosse enterrado debaixo de um terebinto próximo a Siquém. Depois rumou com todos até o sítio sagrado de Betel, onde erigiu um altar ao Senhor Deus de Israel. Logo Jacó recebeu Dele uma nova visão.

Deus desapareceu e Jacó, cercado dos seus, tomou novamente o rumo de Canaã, certo de que o terror de Issac – como também chamava ao seu deus – havia espalhado a submissão dos outros povos à nação de Abraão.

Ora, por essa ocasião Raquel, amada de Jacó, estava grávida outra vez, prestes a parir finalmente Benjamin, o último filho da linhagem de Jacó. Quando partiram de Betel, ela já começara a sentir as dores do parto, de tal sorte que no meio do caminho da volta tiveram de suspender a viagem. Raquel, que a natureza não dotara de uma estrutura física ideal para o penoso dever da reprodução, sofreu longamente no trabalho de parto, e somente depois de muitas horas de verdadeiro martírio pôde expulsar de suas entranhas o autor das suas dores. Estavam todos, então, a meio caminho de Efrata.

– Benoni – disse ela, num quase delírio. – Ele se chamará Benoni.

Benoni queria dizer Filho do Luto, mas o nome desagradou tanto a Jacó que ele resolveu mudá-lo por conta própria para Benjamin, que queria dizer Filho da Mão Direita.

Raquel viveu pouco tempo depois do nascimento do filho, expirando nos braços de seu amado Jacó, e foi enterrada no mesmo lugar, onde o esposo erigiu uma estela para sinalizar o local.

As desgraças, no entanto, ainda não haviam acabado. Depois que Jacó estabeleceu provisoriamente as suas tendas em Migdal-Eder, descobriu-se que seu filho primogênito Ruben havia se deitado com Bala, escrava de Raquel e

concubina de Jacó, profanando o leito paterno. Graças a esse desrespeito, Ruben perderia a bênção paterna, que lhe teria dado direito à ascendência espiritual sobre o povo eleito, após a morte de Israel.

Quando Jacó finalmente retornou à terra onde seu pai ainda vivia, descobriu que sua mãe, Rebeca, já estava morta e enterrada na famosa gruta de Makpelá. Isaac também estava a um passo de tomar o rumo de sua esposa e de seus antepassados. Isaac morreu aos 180 anos de idade e foi enterrado na mesma caverna onde um dia ele próprio levava seu pai Abraão – com a mesma tristeza que agora estampavam no rosto os seus filhos Esaú e Jacó – a tomar a sua residência definitiva na Terra.

14. JOSÉ E SEUS IRMÃOS

José, o primogênito de Raquel, não passava de um presunçoso.

Pelo menos era essa a opinião que, desde muito cedo, prevalecera entre os seus outros irmãos. Havia, é certo, o mais novo, Benjamin, que não fazia coro com eles. Mas este era a exceção. E uma exceção muito suspeita, pois era o único, além de José, a ser também filho de Raquel, esposa de Jacó, a qual falecera logo após o seu nascimento.

A exemplo dos outros oito irmãos por parte de pai, Simeão e Levi não podiam mais suportar o aumento progressivo da presunção de José.

– A vaidade dele só aumenta com a idade – dizia Simeão.

José, por seu lado, nada fazia para minimizar a antipatia que provocava em seus irmãos. Além disso, o velho Jacó, como todo pai ou mãe, tomava sob sua proteção aquele no qual vislumbrava a maior carga de defeitos, e José não hesitava jamais em levar ao seu conhecimento qualquer falta ou deslize de seus irmãos.

José atraía a ira dos seus irmãos, também, porque tinha o hábito de relatar, a propósito de nada, os sonhos extravagantes que volta e meia dizia sonhar. Sonhos bem atrevidos, diga-se a bem da verdade, e que beiravam mesmo o deboche. Foi assim, por exemplo, que um dia chegou diante dos irmãos, reunidos após um dia estafante nos campos – trabalho ao qual raríssimas vezes comparecia –, para lhes contar o novo e maravilhoso sonho que tivera.

– Irmãos, irmãos! – gritava, eufórico. – Este sonho todos vocês devem ouvir!

Depois de instalar-se no centro do círculo que eles formavam de cócoras, como um sol dentro do sistema solar, não começava sua arenga sem antes ter passado em revista, de maneira ansiosa, as feições de cada um dos irmãos.

– Ei, Gad! Acorde e ouça o que tenho para contar! – dizia, sacudindo pelo ombro o mais exausto de todos.

Ruben, o mais velho, baixava os olhos, pensando consigo mesmo:

“Lá vem o imprudente outra vez!” Pois Ruben era o mais tolerante de todos – e tinha de ser, pois já cometera uma falta grave diante do pai, que deveria marcá-lo pelo resto da vida – e temia sempre pelas bazófias de José, pois

sabia que, cedo ou tarde, elas poderiam provocar uma briga.

– Vejam, então, que sonho magnífico o Senhor me revelou! – dizia José, tendo a certeza de todas as atenções. – Havíamos recém, todos nós, amarrado feixes em pleno campo... – prosseguiu José a contar – até que, de repente, todos puseram-se em pé, lentamente começaram a cercar o meu feixe e, finalmente, prostraram-se diante dele.

Um rubor de cólera foi colorindo os rostos dos irmãos dispostos em círculo, como lamparinas que um facho veloz vai incandescendo uma a uma. Quando finalmente a cor do entendimento incendiou a face do mais curto de idéias, um rumor de raiva cresceu entre o grupo.

– Isso significa que não sabemos amarrar direito nossos feixes? – disse Zabulon, mordendo nervosamente uma casca de terebinto.

Todo o círculo lançou-lhe um olhar de profundo desprezo.

– Ou talvez o queridinho de Israel queira dizer que deveríamos nos lançar agora a seus pés, como vassalos? – perguntou Judá.

José não era tão tonto, por certo, que não visse o mau efeito que suas palavras haviam produzido em seus irmãos. Então, como sempre acontecia, retirava-se às pressas da sua companhia, indo buscar o regaço do pai.

– Meu pai – dizia ele, introduzindo-se na tenda do velho Jacó. – Decididamente, meus irmãos implicam comigo.

– Por que me diz isso, meu filho? – perguntou o velho, acariciando a cabeça daquele que era tudo quanto lhe restara de sua Raquel, a mais amada.

– Contei-lhes um sonho verdadeiramente sublime e eles se enfezaram estupidamente.

– Oh, mais um sonho! – disse o velho, com um sorriso inconseqüente. – Diga lá qual foi, para que seu velho pai possa sorrir um pouco com você.

Então José repetiu o sonho atrevido, que o velho acolheu com um sorriso um pouco menos divertido que esperava, pois não podia deixar de dar razão aos demais pela reação demonstrada.

– Você não devia sair a contar sonhos dessa natureza – disse o velho, num leve tom de censura.

– Mas se foi Deus quem me inspirou! – disse José, ligeiramente amuado.

– Não fale em vão do nome Dele – disse Jacó, que tinha sérias desconfianças acerca desses sonhos, embora guardasse uma pequena margem de tolerância.

Outro fato que enchera os irmãos de raiva fora o fato de Jacó haver presenteado a José com uma túnica colorida, que fora usada por sua mãe na noite

de núpcias, um verdadeiro tesouro que o esposo de Raquel guardara sempre em sua arca.

– Posso ver perfeitamente a face radiante de sua mãe outra vez! – disse o velho Jacó, com os olhos cheios d’água, ao ver José encobrir o corpo todo com a túnica listrada, deixando de fora apenas seu rosto de traços ligeiramente femininos.

Algum tempo depois, José referiu outro sonho, ainda mais atrevido, que tivera durante a noite. Nele o Sol, a Lua e mais onze estrelas vinham postar-se de joelhos à sua frente, numa repetição ainda mais afrontosa do primeiro sonho, já que expandia numa escala cósmica a sua vaidade.

Dessa vez até Jacó, que também se chamava Israel, perdeu a paciência.

– Silêncio, menino! – bradou o velho, de maneira surpreendente, pois que escutara o sonho junto com os demais. – Imagina, então, que seu pai, sua mãe e seus irmãos deveriam curvar-se aos seus pés?

Jacó, entretanto, carregara na rudez mais para aplacar a fúria dos irmãos do considerado José do que propriamente para extravasar a própria ira. Sabia que se aquela afronta passasse sem uma censura áspera de sua parte, poderiam os demais tomar à sua conta vingar-se de tamanho atrevimento. Além do mais, desconfiava se aqueles sonhos não eram realmente proféticos.

Certo dia, Jacó mandou seus filhos irem apascentar um rebanho em Siquém. Foram todos, à exceção de José e do pequeno Benjamin. Os dois filhos de Raquel eram muito apegados e passavam longas tardes juntos, conversando e percorrendo campos e vales. Jacó, entretanto, preocupado com a demora dos filhos – pois fora em Siquém que se dera o massacre promovido por eles para vingar a violação de sua irmã Diná –, resolveu mandar José até eles para ver se tudo corria bem.

José, eufórico pela missão – e também pela oportunidade de fazer sua primeira viagem sozinho –, correu até a tenda do pai e tomou da túnica listrada. Depois de escondê-la sob a sela do jumento que o levaria até o seu destino – pois algo lhe dizia que o pai não lhe permitiria aparecer naquele traje diante dos outros –, José se despediu de Jacó e de Benjamin, sem saber que somente os tornaria a ver depois de longuíssimos anos e de alguns reveses extremamente amargos.

Montado em seu burrico, José partiu, então, para Siquém. Orientado pelas

instruções do pai, não lhe foi difícil chegar à região, e logo, informado por passantes, vislumbrou os irmãos à distância, sentados à beira de um poço, como da vez em que contara o sonho dos feixes.

Extremamente nervoso, José puxou de sob a sela o seu traje magnífico. Depois de sacudi-lo várias vezes ao vento para expulsar dele o odor da alimária, vestiu o traje listrado com o coração aos pulos.

– O que não dirão ao me verem assim todo enfeitado? – disse para si mesmo.

Montado em seu burrico, José aproximou-se dos irmãos numa pose verdadeiramente solene, erguendo o braço numa saudação que era uma verdadeira bofetada em seus rostos.

– Vejam só quem vem lá – disse Simeão, mordendo a articulação do dedo indicador até tirar sangue.

– Olá, irmãos! – disse José, pulando para o chão com vivacidade. – Que tal estão? – acrescentou, como se dissesse “que tal *estou?*”.

No mesmo instante, os dez irmãos ergueram-se como um só homem e marcharam na sua direção. Os dois mais furiosos – Simeão e Levi – o agarraram pelos braços e o derrubaram ao chão.

– Tiremos já a túnica maldita! – disse um deles, dando um grande talho através da gola que abriu a veste de alto a baixo, expondo a nudez de José.

Logo em seguida uma chuva de socos, chutes e até mordidas abateu-se sobre o jovem, tão violenta que ele, sem nada poder dizer, não teve outro recurso senão encolher-se sob a saraivada dos golpes. Cessada a fúria inicial, todos o creram morto, pois permanecia nu e imóvel, com o corpo recoberto de manchas. Então recolheram-no do chão e o lançaram para dentro do poço, que sabiam vazio. O ruído assustador do corpo do irmão tombando no fundo, no entanto, acordou neles um sentimento novo.

– Decerto que o matamos! – exclamou Dã, filho da escrava Bala.

– E em boa hora – disse Aser, cujo nome significa “Feliz”. Mas apesar disso, não parecia nem um pouco feliz em afirmá-lo.

Todos, na verdade, esgotado o ímpeto inicial da ira, pareciam um pouco menos enfurecidos, e já espiavam com terror – e até com uma certa piedade – para o corpo do irmão enrodilhado ao fundo do poço, como um animal desfalecido. Quando José remexeu-se um pouco, não poucos suspiros de alívio viram-se fortemente represados em mais de um robusto peito.

– Ainda vive o desgraçado! – disse Judá, olhando para os demais.

– Fechemos o poço e o deixemos aí – disse Simeão, que sentia renascer

um pouco da ira ao ver que José recomeçava novamente a adquirir seu antigo e irritante magnetismo.

– Está bem, vamos todos embora – disse Ruben, assumindo o comando do grupo, como bom primogênito que era.

– E vamos deixá-lo assim? – disse Judá, que não parecia disposto a deixar seu irmão morrer à míngua. Na verdade, para ele, como para a maioria dos irmãos, a lição já estava dada, e o melhor que poderia fazer agora seria retirar-se José da imundície e levá-lo de volta para casa.

– Certamente que vamos deixá-lo assim! – disse Zabulon.

– E o que dirá disto tudo nosso pai? – inquiriu Judá.

– Diremos que ele foi morto por alguma fera – disse Issacar.

Depois, tomando da túnica enxovalhada, mostrou-a aos irmãos.

– Vamos ensopá-la no sangue de um bode – disse, satisfeito com a boa idéia. – Então a mostraremos a nosso pai e diremos: “Veja, nosso pai, o que os dentes do cruel javali fizeram a nosso pobre irmão enquanto nos procurava na solidão do deserto!”.

Todos acharam a idéia admirável. Sem precisarem manchar mais uma vez as mãos no sangue do cordeiro de Israel, os irmãos de José podiam seguir adiante, deixando ao poço sinistro a tarefa de esconder para sempre do mundo a figura do grande impertinente.

José, embora zozado da surra e da queda, ouvira perfeitamente quando os irmãos combinaram forjar perante o pai a sua morte. Imerso numa quase total escuridão – já que seus irmãos haviam tapado a boca do poço com a pedra que normalmente o cobria – e deitado sobre o fundo limoso, recoberto de insetos, José refletia sobre o triste estado a que o levava a sua presunção.

“Como fui tolo e imprudente!”, pensava, reavaliando, ainda que tardiamente, os seus atos.

Nu e oculto ao mundo, estava como que de volta ao útero – um útero, no entanto, muito diferente do primeiro, cálido e acolhedor. Nessa sua segunda gestação, José estava envolto por paredes geladas, onde passeavam vermes, lacraias e escorpiões, tendo sob o corpo um chão duro e recoberto de imundícies. Um fedor insuportável de dejetos, de organismos em decomposição e do seu próprio sangue e suor tornavam aquele local mais parecido com um túmulo, do qual tinha pouquíssimas chances de vir a ressuscitar.

Somente um pequeno fio de luz iluminava a negrura do poço, descido do alto, de uma antiga rachadura existente na pedra que cobria a boca do poço. Pedacinhos iridescentes de pó e sujeira dançavam na pequena listra dourada que lentamente ia avançando na direção do poente. José acompanhou o movimento da pequena listra pelo chão, a qual, após deslizar-lhe pelo corpo, cruzara quase toda a extensão do poço até finalmente desaparecer. Então José foi obrigado a admitir que teria de enfrentar uma noite dentro daquele abismo horrível. Seus olhos encheram-se de lágrimas, ao lembrar do pai distante, o único que poderia tirá-lo da sua prisão. José estudou cada recanto do seu cárcere úmido, para reter na memória os lugares mais abjetos e evitar aproximar-se deles na escuridão, e com muita dificuldade conseguiu pôr-se em pé, escorado em uma das paredes.

“Graças a Deus, nenhum osso quebrado!”, pensou, após firmar-se nas pernas. De fato, tinha apenas algumas luxações num dos braços, além de diversos hematomas espalhados no rosto e por todo o corpo.

Depois de olhar para cima e passar a mão pelas paredes úmidas e recobertas de limo, não foi difícil concluir que não haveria a menor chance de escapar dali pelos próprios meios. Pela primeira vez, então, ocorreu-lhe gritar.

José gritou por socorro durante muito tempo, aumentando a intensidade da voz na mesma medida em que a luz ia desaparecendo. Mas, enfim, cansou-se. Esfomeado e sem fôlego, caiu sentado no chão, outra vez, e, depois de cruzar os braços ao redor dos joelhos, aninhou-se sobre si mesmo para proteger-se do frio e dos insetos que começavam a brotar de todas as partes, subindo de maneira atrevida pelos seus pés.

José teve um único consolo naquela noite de pesadelo, o qual lhe surgiu sob a forma repetida de um novo raio de luz, a descer pela mesma fresta da tampa ao alto. Era um frágil e prateado raio de luar, que, aparecendo de repente, viera substituir a pequena listra dourada do dia.

Um novo e radiante dia, após uma noite trevosa e aflitiva, traz inevitavelmente consigo uma quase eufórica esperança. Foi com esse estado de espírito que José viu o fio de luar ser substituído pelo fio de sol, acompanhado pelo estrídulo animador dos passarinhos. Espichando os músculos doloridos da longa vigília – pois, compreensivelmente, quase não dormira durante a noite –, José pôs-se em pé, sem queixar-se da dor, tomado pelo sentimento de que logo estaria livre da sua prisão.

– Eeeeeei, alguém! Eeeeeei! – começou ele a gritar, certo de que alguma pessoa já devia andar pelas proximidades.

Embalado pela esperança, não chegou a pensar que um poço notoriamente abandonado e sem qualquer outra utilidade a não ser a de esconder o produto de algum crime não poderia estar no caminho de muitas pessoas. Depois de perceber que a coisa não seria tão fácil assim, decidiu poupar o seu fôlego.

– Preciso encontrar algo que faça ruído – disse ele, sem dar-se conta de que já entrara na fase em que precisava ouvir alguma voz, nem que fosse a sua própria, para não sentir-se inteiramente abandonado.

Acostumado à penumbra do poço, José percorreu com os olhos o chão imundo. Sua mão espalhou as folhas podres e os insetos mortos que juncavam o chão, sem encontrar nada que lhe pudesse servir de instrumento.

Havia, é certo, um amontoado suspeito, bem ao canto do poço, do qual ele não ousara ainda se aproximar. Um fedor hediondo erguia-se daquele local, de tempos em tempos, vindo acertar-lhe em cheio as narinas, o que o obrigava a trancar a respiração. Mas chegara, afinal, a hora de descobrir o que havia ali.

José resvalou até lá, com a respiração presa, até tocar no pequeno monte. Já nos primeiros instantes viu que se tratava de uma carcaça – talvez de um cachorro, ou de outro pequeno animal. Metendo as mãos no meio dos restos já quase totalmente putrefatos, arrancou deles um osso de razoável tamanho. Depois, com um asco profundo, conseguiu arrancar também o crânio do animal. José retornou de rastos até o centro do poço, dominado por uma náusea indescritível. Depois, tomando de seus dois bizarros instrumentos, começou a percuti-los, arrancando um ruído razoável, mas que a pedra acima abafava quase ao ponto de torná-lo inaudível no exterior. Com as forças quase no fim, José ainda assim teria levado um pouco adiante o derradeiro esforço, caso não tivesse sido subitamente assaltado pela consciência do miserável estado a que chegara, nu como um selvagem, a percutir atabalhoadamente o crânio e a tíbia de um cão. E então começou a chorar.

Faltava muito pouco para que José lembrasse, afinal, do deus de Israel.

Os dez irmãos estavam acampados, a meio caminho de casa. Caía já a terceira noite desde que haviam abandonado José à sua sorte no nefando poço. Novamente reunidos ao redor de uma fogueira, resmungavam como verdadeiros conjurados que eram. Há muito tempo a unanimidade havia deixado de ser lema

constante no grupo.

– Deixar morrer o cisne no poço não é possível – dizia Judá.

Ruben, que era quem mais desejava livrar logo o irmão da sua agonia, também era da mesma opinião.

– Está bem, livramos o protegido de Israel – disse Simeão, o mais empedernido no castigo e também, decerto, o mais amedrontado com a provável reação do pai. – Mas e depois? Quem aqui imagina que ele deixará de contar a nosso pai acerca do que lhe fizemos?

Todas as cabeças balançaram em assentimento.

– Nem ele deve morrer, nem nos delatar – disse Neftali, resumindo o negócio.

Então Levi ergueu-se, pois tivera uma idéia excelente.

– Vamos vendê-lo! – disse ele, num repente. – Vendê-lo aos nômades do deserto!

Ruben agradeceu-se logo da sugestão, pois vender José pressupunha retirá-lo antes do poço, a coisa mais urgente a se fazer.

– Muito bem – disse ele, pondo-se em pé. – Vou já retirá-lo do poço.

Ruben tomou de uma corda e voltou correndo, mesmo na escuridão da noite, pois o tempourgia e cada minuto podia significar a diferença entre a vida e a morte do cordeiro de Jacó.

O sol já surgira e percorrera quase todo o seu curso no céu quando Ruben, exausto, avistou à distância o lugar, meio escondido por trás de algumas árvores.

– Deus, faça com que ele ainda esteja vivo – pedia ele, contritamente.

Mas ao aproximar-se do poço, sofreu um choque. Diante dos seus olhos estava a tampa, em pé e encostada na amurada. Instintivamente, ele olhou ao redor.

“Não pode ter fugido sozinho!”, pensou, verdadeiramente atônito.

Aproximando-se pé ante pé da boca do poço, espiou para dentro. Estava escuro, mas ainda assim dava para ver que nada havia ali dentro.

– Vazio! – exclamou.

O eco de sua voz reverberou no interior da cisterna. Inclinando metade do corpo para dentro, Ruben gritou com todas as suas forças:

– José, onde está você?

– Você!, você!, você!, você!... – fez o eco, tripudiando do seu desespero.

Ruben ergueu a cabeça e pôs-se a vasculhar ao redor do poço, em busca de algum sinal, até que avistou no chão pegadas recentes de camelos. E também de sandálias.

– Alguém o levou – disse, de cócoras, alisando as pegadas.

O bem-amado de Israel não morrera, afinal, pensou Ruben, sentindo uma regozijante sensação de alívio. Mas ao mesmo tempo um travo de amargura vinha misturar-se ao alívio, enchendo sua alma de uma terrível apreensão.

– Oh, Senhor Deus de Abraão! Para onde levaste o pobre cordeiro? – disse ele, lançando os braços musculosos aos céus.

O primogênito de Raquel chegara à segunda noite de seu exílio mergulhado no desespero. Quando os pássaros recomeçaram a cantar, repetindo o alarido matinal que pressagiava a chegada da noite, José já perdera todas as esperanças de voltar a tomar parte na festa da vida. Completamente exaurido pela fome e pela desidratação, começara a delirar, misturando seus pensamentos e palavras com orações desconexas endereçadas ao deus de Isaac e de Abraão. Toda a noite José passou imerso num pesadelo, sem pregar os olhos um único instante, até amanhecer novamente. Completamente esgotado, não chegou, dessa feita, a perceber direito a transição. Tendo se acalmado apenas o suficiente para sentir que ainda vivia, aproximou os joelhos do peito, colando a face direita à pedra úmida, decidido a esperar a chegada da morte, que não tardaria.

O tempo passou e o dia inteiro ele esteve nesta mesma posição, até que o crepúsculo aproximou-se novamente. Então, inteirando-se sobre a pedra, ficou de bruços, com os braços espichados ao longo do corpo. Alternando períodos de inconsciência com uma vigília febril, percebeu apenas um rumor acima de si, como um trovão distante que ribombasse no céu que a grande pedra lhe vedava para todo o sempre.

De repente, porém, escutou um novo ruído, agora bem mais forte, e uma luz extraordinariamente ofuscante iluminou tudo ao seu redor, mas com tanta brevidade que imaginou estar em pleno delírio. Entretanto, nos interstícios dos ruídos mais fortes havia também um ruído menor, como que de murmúrios, que aos poucos foi crescendo até transformar-se positivamente em gritos.

Sim, gritos desciam do alto!

Debruçado, um beduíno espiava para baixo e depois voltava a cabeça para o lado para comunicar o que via.

– Há um homem nu caído lá embaixo!

José, fazendo um esforço sobre-humano, voltou seu corpo sobre si mesmo, encarando a boca do poço, onde algumas sombras inquietas agitavam-

se, empurrando-se umas às outras.

– É sim, um homem está lá embaixo! – disse outra voz, alterada.

Entre uma sombra e outra, José pôde também perceber que fagulhas brilhantes desciam, brilhando, principalmente quando um novo clarão ofuscava os céus e os seus olhos – sim, a eles também, pois que não havia mais pedra alguma a interpor-se entre seus olhos e o céu imenso. Sobre o seu corpo caíam as gotas espessas de uma chuva copiosa, lavando a imundície que o emporcalhara durante o período de exílio. José abriu a boca e deixou que a água lhe penetrasse na boca, umedecendo a sua língua ressequida, enquanto escutava a gritaria infernal que vinha de cima.

– Vamos, retirem-no de lá! – disse uma voz que transmitia autoridade.

Percebendo que estava a salvo, José fechou os olhos e dormiu profundamente, com a tranqüilidade de quem se sabia já em segurança.

Quando acordou, muitas horas mais tarde – pois o trabalho de resgate fora demorado –, descobriu-se outra vez vestido e no convívio de seres humanos.

Estava em poder de comerciantes madianitas, os quais, depois de lhe fazerem algumas perguntas – que José respondeu de maneira evasiva, alegando ter sido assaltado por malfeitores e depois lançado ao poço –, decidiram levá-lo consigo.

Ruben, depois de sua descoberta – a qual ainda não sabia dizer se fora mais feliz do que amarga –, correu até seus irmãos, que o aguardavam ansiosamente com a notícia do que sucedera a José.

– José não está mais no poço! – disse, ao avistá-los.

Todos puseram-se em pé, como que impelidos por uma mola.

– Desapareceu? – disse Dã, enterrando os dedos na cabeleira.

– Como pode ser isso? – perguntou Aser, arregalando tanto os olhos que parecia que seus dois globos oculares iam cair na areia.

– Nada mais sei, a não ser que o maldito poço está vazio! – disse Ruben, retomando o fôlego da longa corrida.

– O desgraçado foi levado por alguém! – disse Gad.

– E jamais saberemos o que foi feito dele – acrescentou Issacar.

Então, sem alternativa, os irmãos de José decidiram fazer o que já anteriormente haviam combinado. Após tomarem da veste esfarrapada de José, embeberam-na no sangue de um bode, a ponto de deixá-la num estado

lamentável.

– Quando estivermos próximos de nossa casa – disse Judá –, pagaremos a um desgraçado qualquer para que leve a veste até nosso pai, dizendo: “Toma o que restou de teu filho, eis que uma fera o levou deste mundo”, ou o mesmo em termos mais suaves, mas que dêem a nosso pai a certeza de que José não mais existe, para que não haja o risco de vermos o infeliz ressurgir para contar tudo quanto se passou entre nós e ele, que o diabo o carregue, uma vez que está vivo e são em algum lugar.

Este “algum lugar” ficava, mais exatamente, no Egito. José não foi, como dizem, vendido pelos irmãos por vinte siclos de prata aos beduínos, e muito menos aos egípcios. Não se pode imputar a eles mais esse agravante, pois quem o vendeu foram os madianitas que o resgataram do poço. Estes, levando-o cativo, venderam-no mais tarde a beduínos ismaelitas, que por sua vez o levaram até os egípcios, onde o filho de Jacó foi servir, na condição de escravo, à casa de um potentado eunuco da corte do Faraó.

15. JOSÉ E A MULHER DE PUTIFAR

Putifar era despenseiro-mor do Faraó do Egito, um cargo de alta hierarquia na corte egípcia. Tendo ido um dia à feira em busca de escravos, avistara José, filho de Jacó, cercado por um grupo ruidoso de ismaelitas, que o andavam apregoando em altos brados.

– Eis aqui um escravo de altíssimo valor, saudável e de magnífica compleição! – dizia o líder do bando, um velhote ladino de barbas brancas . – Jamais encontrarão outro por preço menor, estou avisando!

De fato, José, mesmo sujo e envolto por um manto ordinário de saco, esplendia sobre a malta vulgar dos escravos como um diamante numa peneira de seixos.

Putifar, um homem obeso de beijos grossos e úmidos, aproximou-se dos ismaelitas com seu pequeno bastão apontado para José.

– De onde vem? – perguntou.

O comerciante, reconhecendo logo o grande valido do Faraó, tratou logo de fazer propaganda.

– Grande Putifar, este escravo é coisa que nunca se viu igual – disse o velho das barbas nevadas. – Faço este aviso ao amigo do Faraó para que não deixe escapar esta magnífica oportunidade.

Com seu narigão adunco (do qual escapavam fios compridos e ásperos como espinhos) quase colado ao rosto do potentado, o velhote elencou todas as virtudes do escravo.

– Está bem, quanto quer? – disse Putifar, convencido da qualidade da peça.

Começou, então, um regateio que só foi parar às barras da noite.

– Não se arrependerá jamais do excelente negócio! – disse o beduíno, embolsando avidamente as suas queridas moedas.

No mesmo dia, José foi levado à casa do potentado, onde começou assumindo funções modestas, porém jamais aviltantes. Isto porque havia um magnetismo superior em sua figura – incluída aqui a sua proverbial beleza – que impedia qualquer pessoa de humilhá-lo. Graças a isso – e principalmente à extraordinária eficiência que demonstrou em seu trabalho –, José, em pouco

tempo, tornou-se administrador da casa, mesmo sendo hebreu, oriundo de um povo considerado pelos egípcios como a escória da “plebe das areias”.

Mas José não despertara somente a simpatia em sua nova terra. Havia uma pessoa dentro da casa – mais exatamente a mulher do despenseiro-mor – que avançara muito além deste sentimento inofensivo, chegando a nutrir pelo novo administrador um sentimento bem mais intenso, que se revelaria, ao cabo, funesto para ambos. É certo que para ela havia a circunstância atenuante de estar casada há muito tempo com um eunuco.

De qualquer forma, diante da tentação, uma das partes soube resistir bravamente, enquanto a outra sucumbiu miseravelmente, e nisto está toda a moral da história (já que é da essência da mesma que ambas não estejam jamais separadas).

No princípio, a mulher de Putifar ignorou a presença do estrangeiro. Entregue às suas ocupações de esposa de um homem abastado, além de sacerdotisa de Amon – função que também exercia –, a esposa do valido não teve olhos para José.

Mas chegou afinal o dia em que a natureza resolveu cobrar o tributo daquela privação renitente e antinatural. Então, os olhos da mulher de Putifar abriram-se de par em par e José lhe apareceu diante deles como por mágica.

Limitando, no começo, o seu contato com o jovem hebreu a meras formalidades relativas ao serviço da casa, a esposa do despenseiro logo evoluiu para algumas intimidades aparentemente triviais.

– Fale-me, José, sobre a sua família – disse ela, certo dia, depois que ambos haviam feito as contas da semana.

Pela primeira vez o chamara pelo nome, e tão encantada ficara com a simples pronúncia que não percebeu absolutamente nada do que depois ele lhe respondeu, senão que lhe pareceu muito pouco à vontade.

Essa distância reservada do jovem, no entanto, em vez de acalmar, serviu apenas para excitar ainda mais a curiosidade da mulher. A partir desse dia ela voltou a puxar assunto com o administrador sempre que podia, tornando-se tão insistente em suas investidas que o jovem hebreu decidiu esquivar-se a tais encontros.

A mulher de Putifar, percebendo que não só as coisas não evoluíam, como haviam mesmo estagnado, decidiu, então, ousar um pouco mais.

“Hoje perguntarei a José por que tem me evitado”, pensou, antes de levantar-se, pois adorava passar as primeiras horas do dia em deliciosos devaneios. Depois de imaginar mil vezes que palavras usaria para inquiri-lo (sem

que isso pudesse sugerir uma cobrança sentimental), planejou ainda uma pequena mas muito significativa audácia. “Tocarei nele, pela primeira vez!”, decidiu, sentindo um frêmito intenso. Inflamada pela idéia, colou os lábios ao travesseiro e repetiu, abafadamente: “Sim, tocarei nele!, tocarei nele!”

Uma descarga febril ainda mais forte penetrou cada nervo do seu corpo.

“Quanta diferença entre pensar e dizer!”, refletiu ela, numa quase euforia.

Dizer, de fato, era tornar um desejo quase palpável, e por isso ela continuou a repetir as palavras inebriantes até o travesseiro tornar-se úmido da sua expiração.

Mas, como normalmente acontece em situações de grande expectativa, as coisas não saíram exatamente como ela esperava. Logo foi informada de que José viajara, descendo o Nilo, para ir negociar, junto com Putifar.

– Viajaram, os dois?! – exclamou, com os cantos dos lábios caídos.

Sim, tinham viajado e só retornariam três dias depois.

Um rubor de cólera coloriu-lhe as faces.

“O covarde foge de mim!”, pensou, imersa já naquele estado delirante no qual só se vê adiante dos olhos a flor ou o punhal. “Não é homem, decerto, já que prefere estar com o grande enfadonho do que perto de mim!”, acrescentou.

Então uma hipótese terrível cruzou-lhe a mente com a rapidez ofuscante de um archote.

– Oh, Amon supremo! – disse ela, aterrada. – Será José, também, um eunuco?

A mulher do despenseiro passou o primeiro dia imersa na mais torturante das dúvidas, sentimento que evoluiu para a mais irritante das surpresas quando seu marido retornou, logo à noite, anunciando que regressara sozinho, deixando José a negociar lá para baixo do Nilo.

– Ficará ainda mais uma semana – anunciou placidamente.

– *Uma semana?* – exclamou ela, num repente involuntário.

– Sim, por quê? – disse ele, fazendo bico com os lábios lustrosos. –

Eficiente como é, dei-lhe autorização para percorrer os principais mercados do Baixo Egito.

Exteriormente, ela simulou uma desculpa qualquer:

– Tanto tempo sem ele pode acabar sendo prejudicial ao bom andamento da casa.

As bochechas de máscara de Putifar ergueram-se num sorriso deliciado.

– Oh, não se preocupe, querida. Até lá as coisas se mantêm.

Uma semana sem José. Uma semana com Putifar. Uma semana sem

emoção.

– Não, você está cometendo um terrível pecado...!

Pecado: fora essa a palavra que José usara depois da primeira e última audácia que a mulher de Putifar ousara cometer, num desastre total das suas melhores previsões.

Paralisada pela palavra, a mulher egípcia vira-se obrigada a confessar ao jovem a sua ignorância acerca daquele termo bárbaro.

– Mas do que está falando, jovem adorado?

José, então, tentara explicar à idólatra o significado daquela terrível palavra.

Pecado. Culpa. Remorso. Castigo. Um a um José fora explicando os termos conexos, na tentativa de extirpar da mulher aqueles furores insensatos. Mas a sua obtusidade de gentia a impedia de compreendê-los perfeitamente.

– Pecado tem algo a ver com eunucos? – perguntara ela, angustiada.

Não, não tinha, afirmara ele peremptoriamente.

Na verdade, o pecado começara com o regresso de José. Depois de desembarcar, ele fora apresentar-se imediatamente a Putifar para relatar-lhe o sucesso dos negócios. A esposa do despenseiro sentira o coração disparar ao vê-lo colocar seus pés novamente no mesmo chão que ela pisava todos os dias. (Depois que ele desaparecera para os aposentos de Putifar, ela sentira o desejo frenético de lançar-se sobre o pedaço de mármore que ele pisara e cobri-lo de beijos.) E teria tido tempo de sobra para fazê-lo, pois a entrevista estendeu-se longamente. Embora Putifar fosse homem alheio a negócios, a ponto de interessar-se somente pelas funções do seu estômago, nem por isso José deixava de lhe relatar todos os passos dos negócios atinentes à casa. O resultado é que a entrevista só foi acabar no final do dia, e José partiu sem nem cumprimentar a dona da casa.

Um ódio incontrollável apossou-se mais uma vez da mulher do despenseiro.

– Mas isso é uma desfeita intolerável!

Por um instante de delírio ela chegou a pensar em exigir do marido uma reparação sangrenta pela afronta. Uma surra de chicote, o corte de um dos polegares – a castração, mesmo, do infame! –, tudo isso lhe passou pela cabeça, numa vertigem sanguinária e desproporcionada de vingança.

Entretanto, passado o furor, ela logo voltou a si. “Muito bem, rato das tendas, esquecerei você!”, pensou, erguendo a cabeça com altivez. “Quem você acha que é, afinal, para que eu, a segunda mulher mais importante do Egito, esteja a rastejar pelo seu amor?”

No outro dia, a mulher de Putifar ergueu-se decidida a ignorar solenemente o administrador presunçoso. Durante dez impiedosos minutos, submeteu-o àquilo que julgava ser a pior das torturas existentes em todo o Egito: a sua cruel indiferença.

José, entretanto, depois de cumprimentá-la ligeiramente, dera-lhe as costas também, e não mais lançara um único olhar em sua direção. Enquanto ela fingia ignorá-lo, ele ignorava-a de fato.

Foi então que o movimento pendular em que a mulher se debatia oscilou para o lado da indignidade.

Não havia ninguém na casa naquela manhã. Era dia de comemoração de uma divindade egípcia, e seu marido saía. Ela ficara, alegando uma indisposição. José também, já que a fidelidade a seu deus o impedia de fazer coro com a idolatria dos filhos de Cam.

Quando passou inadvertidamente perto de si, ela tocou, muito suavemente, o pulso do jovem, e foi o que bastou para quase fazê-la perder o juízo.

“Quanta diferença entre dizer e fazer!”, pensou, sentindo um calor incendiar-lhe as faces.

– José, espere – disse ela, gaguejante. – Preciso falar-lhe.

O jovem robusto voltou-se, surpreso, com aquele inesperado contato.

– Pois não, grande senhora – disse ele, atenciosamente.

Ela ainda estava sentada e permanecia a segurar delicadamente o pulso de José.

– Por que me tem evitado? – perguntou, olhando para cima, em total humildade.

José olhou para a testa dela e respondeu.

– Perdão, mas não a compreendo.

– Eu é que não o compreendo – disse ela, aumentando o volume da voz.

José não soube mais o que dizer, embora pressentisse o que estava para acontecer.

– Vai deixar que eu continue me humilhando diante de um servo da casa? – disse ela, com uma listra de água acumulada sobre cada uma das pálpebras inferiores.

– Por favor, senhora, não sei o que se passa aqui.

– Oh, jovem adorado, deixe, então, que lhe diga o que se passa comigo! – disse a mulher de Putifar, caindo de joelhos e abraçando-se à cintura de José.

– Por favor, erga-se, não faça isto! – disse José, pálido de terror.

A mulher do despenseiro, no entanto, esteve alguns instantes a encharcar de lágrimas o manto do jovem. Somente depois de ter desabafado aquela mágoa tão longamente represada foi que ela se firmou sobre os pés e lentamente começou a ascender até ver-se face a face com o atônito José.

Sem poder evitar, José acompanhou a ascensão daquele rosto verdadeiramente belo (embora alguns anos mais velho que o seu), com as marcas úmidas das lágrimas ainda estampadas na face, até vê-lo emparelhado ao seu.

– Como pode fingir não saber o quão desesperadamente o amo? – disse ela, estudando cada ponto do rosto do jovem, em busca da angustiante resposta.

Um ar de espanto juvenil desenhou-se no rosto de José, tão intenso que ele pareceu readquirir as mesmas feições dos seus já distantes dezessete anos.

Ao perceber essa mudança, o rosto da mulher contorceu-se numa careta de profundo enternecimento, que era um misto de choro e de riso.

– Oh, meu adorado jovem! – disse ela, antes de esfregar alucinadamente os lábios no rosto de José.

Foi então que ele a empurrou para longe de si, anunciando aos ouvidos da sedutora a temível expressão.

– Não, você está cometendo um terrível pecado!

Ela, como já vimos, não entendera nada do discurso do jovem.

– Nada sei de pecado – dissera, desistindo de tudo. – Só sei que o amo.

– Esqueça isso.

– Por que me trata como quem sente repulsa?

– Você não é repulsiva.

– Sei disso. Se fosse velha e feia não estaria me oferecendo.

José baixou os olhos, constrangido.

– A hora do pudor, para mim, já passou – disse ela, de cabeça erguida.

– Não permita isso, grande senhora.

– Você é eunuco, como o outro?

José ficou rubro outra vez.

– Vamos, responda.

– Não, não sou.

– Então, por que age como um?

- Tenho um deus que abomina o pecado.
 - Tenho um corpo que abomina a mutilação.
 - Então não peque, senhora.
 - Nada sei de pecado, já disse.
 - Age como quem sabe.
 - Ajo como quem ama. E aprendi com você.
 - Nada tenho a ensinar-lhe sobre isso.
 - Mas eu quero imensamente ensinar-lhe.
- Então foi a vez de ela mostrar-se constrangida.
- Está bem, quem sou eu para ensinar?
- Depois reergueu os olhos, com um doce sorriso.
- Oh, meu amado, aprendamos juntos a amar!
 - Aprenderemos somente a pecar.
 - Fale por si. Quem entende de pecado é você.
 - Então ouça-me e dê as costas a ele.
 - Ao inferno com o pecado...!

Tendo perdido a paciência, a mulher agarrou-se novamente ao manto do jovem.

– Devo partir – disse José, dando um passo atrás e virando o rosto para a porta de entrada. – O senhor e os demais criados não tardam a voltar.

– Ouvirei qualquer um deles chegar – disse ela, com perfeita segurança. – Conheço os passos da chegada e da partida de cada um de meus carcereiros.

José pareceu indeciso, com receio de cometer, num gesto brusco, alguma indelicadeza para com a sua senhora.

– Vamos, dê-me o manto – disse ela, por fim, estendendo-lhe a mão.

José pareceu, desta vez, ofendido, o que ela logo compreendeu.

– Está bem, você é o homem – disse ela, condescendente. – Sou sua superiora. Poderia exigir isso de você. Mas compreendo que queira ser, ainda e sempre, o homem. Vá, abdicando também de minha autoridade. Sou agora, apenas, uma mulher – uma mulher loucamente apaixonada que só deseja ser possuída.

A mulher de Putifar afrouxou os laços da sua túnica (mantendo-a, porém, ainda fechada) e estendeu os braços para ele: – Cumpra agora o seu papel.

José, diante daquela visão inusitada, foi invadido por uma sensação tão inexplicavelmente superior que lhe expulsou instantaneamente do corpo qualquer lubricidade. Sem nada mais dizer, deu as costas à mulher, que se lançou como uma perdida no seu encalço. Com as abas abertas da túnica a esbaterem-se como duas asas, ela correu até alcançá-lo, enterrando os dedos no manto do

fugitivo. Este, entretanto, continuou a caminhar com tanta resolução que a mulher caiu ao chão, agarrada ao manto. Sem se importar, José arrastou-a um longo trecho pelo salão até que o manto desprende-se e ela ficou lançada de bruços sobre a roupa, a observar o jovem afastar-se em passadas ainda mais rápidas.

– Eu vi o pecado! Eu vi o pecado! – gritou ela, em prantos, colando a boca ao manto, tal como fazia todas as manhãs com seu travesseiro.

Ela esteve nesse estado lamentável, atirada de bruços no grande salão, durante muito tempo, até que escutou o ruído de retorno dos seus carcereiros. Sem forças para erguer-se ou improvisar uma nova dissimulação – e sabendo que não havia mais um único degrau a descer dignidade abaixo –, ela decidiu pôr um ponto final naquela história.

E então começou desesperadamente a clamar por socorro.

Logo toda a casa estava em rebuliço, e José, acostumado a sonhos, viu tudo evoluir numa progressão de pesadelo. Tendo buscado refúgio em seus aposentos, foi logo procurado pelos lacaios da casa, os quais se arrastaram até a presença de Putifar. Ali foi informado pelo próprio senhor de que sua esposa lhe imputava a gravíssima acusação de haver tentado violentá-la, a qual José – por piedade ou por entender que jamais sua versão iria prevalecer sobre a dela – recusou-se a refutar.

Posto imediatamente a ferros, foi levado dali e mantido prisioneiro até a manhã seguinte, quando embarcou com destino à distante fortaleza do Faraó, lugar onde eram abrigados os presos de todo o Egito.

Nunca mais José tornou a ver a mulher de Putifar, a qual, tendo vivido ainda muitos anos, jamais chegou a entender o que era o pecado.

16. JOSÉ E OS SONHOS DO FARAÓ

Na fortaleza do Faraó, graças ao Senhor e àquele natural magnetismo que lhe granjeava sempre a simpatia de todos, logo José caiu nas graças do comandante. Assim, apesar de manter o status de preso, foi aos poucos transformando-se numa espécie de homem de confiança do comandante, realizando tarefas cada vez mais importantes junto à administração.

Ora, passado algum tempo desde a chegada de José, chegaram à fortaleza dois funcionários do palácio do Faraó – mais exatamente o copeiro-mor e o padeiro oficial da corte –, presos sob a grave acusação de traição.

O comandante da fortaleza encarregou José de prover às necessidades da dupla que, apesar da situação aflitiva em que estava, nem por isso havia perdido totalmente a esperança, uma vez que ainda pairava sobre ambos a possibilidade de uma reversão em seu processo.

– Eu sou inocente! – disse o copeiro-mor, tão logo vira adentrar a sua cela o jovem administrador.

– E eu também! – disse o padeiro, de olhos baixos.

José, que apesar de tudo também não deixava de ser um prisioneiro, recebeu-os com a simpatia devida a sócios de um mesmo infortúnio.

– Estejam calmos, pois também sou inocente – disse José, ao trazer-lhes a comida. – E vejam, meu estado não é tão desesperador, afinal.

Os dois acusados entreolharam-se, tornando-se um pouco mais calmos.

Os dias se passaram, até que numa mesma noite os dois prisioneiros tiveram sonhos intrigantes que os deixaram profundamente inquietos.

José, bom observador, não pôde deixar de notar o estado deprimido que eles apresentavam na manhã seguinte, quando foi levar-lhes o café-da-manhã.

– Por que voltaram a ficar acabrunhados? – perguntou, logo ao entrar na cela.

– Tivemos um mau sonho – disse o copeiro-mor – e não sabemos se trata-se de um mau presságio.

José, que gostava muito de sonhos, sentiu grande interesse em saber o que ambos haviam sonhado. O copeiro-mor foi o primeiro a falar.

– Sonhei que estava diante de uma vinha – disse ele. – Dela brotavam três galhos, dos quais, por sua vez, pendiam cachos enormes de uvas maduras. Depois de colhê-las, espremi-as bem sobre uma taça, oferecendo-a ao Faraó.

José, que escutara ao relato atentamente, não teve dificuldade alguma em interpretar as palavras do copeiro-mor.

– Seu sonho é muito fácil de ser explicado – disse, com o semblante risonho. – Os três galhos representam três dias, o prazo que deverá aguardar para ser retirado daqui e elevado outra vez à condição de copeiro do Faraó.

O rosto do copeiro-mor iluminou-se de esperança.

Mas ainda restava o sonho do padeiro.

– Conte-me agora o seu sonho – disselhe José.

O padeiro disse, então, que vira a si mesmo no sonho com três cestos repletos de comida sobre a cabeça, até que algumas aves pousaram sobre o de cima, comendo tudo quanto ali encontraram.

José escutou com atenção e, quando finalmente compreendeu, não conseguiu evitar de desviar os olhos do pobre padeiro.

– Não vai me explicar? – disse ele, de olhos ansiosos.

– Seu sonho significa o seguinte – disse, por fim, José –: você também será retirado daqui dentro de três dias, e será elevado... a um poste.

– Como? – disse o padeiro, fazendo-se mais branco que a farinha que usava.

– Infelizmente devo preveni-lo de que a imagem das aves bicando o cesto acima de sua cabeça anuncia que você será enforcado, e que as aves virão comer sua carne.

E assim foi. Dentro de três dias o copeiro-mor foi retirado da fortaleza e restabelecido em seu antigo cargo, enquanto o padeiro foi miseravelmente enforcado.

José despediu-se do copeiro-mor, rogando-lhe que não se esquecesse de pedir ao Faraó pela sua libertação, em retribuição ao favor que lhe fizera. O copeiro jurou com tanta ênfase que assim o faria que José teve a certeza de que não o faria.

Cerca de dois anos haviam se passado desde a chegada de José à fortaleza. O copeiro-mor, outra vez debaixo das graças do Faraó, efetivamente se esquecera da promessa que fizera ao filho de Jacó e vivia feliz no palácio real.

Tudo parecia ir bem até que certa manhã o rei dos egípcios acordou em grande sobressalto.

– Tragam os adivinhos – disse ele, tão logo ergueu-se do leito.

Já instalado em seu trono, o Faraó recebeu os adivinhos da corte – astrólogos, arúspices e magos de diversas escolas –, aos quais expôs na íntegra o sonho inquietante que tivera.

– Na verdade, não sei se foram um ou dois sonhos – disse o Faraó.

– Dois? – disse o astrólogo.

– Sim, mas tão parecidos que talvez não passem de um só – disse o Faraó.

Diante dele estavam os magos, em pé, todos na mesma posição, alisando as barbas, com o cotovelo direito apoiado sobre a mão esquerda espalmada. Todos estavam muito tensos, pois aquele começo ambíguo lhes advertia de que dessa vez a interpretação seria muito difícil.

– Prestem atenção – disse o soberano. – O primeiro sonho começou assim: estava eu à beira do sagrado Nilo quando vi sair, de repente, das suas águas, sete vacas sadias e bem nutridas, que se puseram a pastar nos juncos. Logo em seguida surgiram outras sete vacas, só que extraordinariamente magras. Elas aproximaram-se, então, das gordas e as devoraram, sem que com isso deixassem de parecer menos magras.

Os magos cerraram os olhos e alisaram as barbas, disfarçando a sua confusão.

– O segundo sonho decorreu da seguinte maneira – disse o Faraó, após uma ligeira pausa –: estava eu no mesmo lugar, quando vi brotar sete espigas do chão, rechonchudas e apetitosas. Logo depois, surgiram outras sete, porém ressequidas e sem viço algum. Então um vento forte as sacudiu e fez com que as espigas secas absorvessem as boas. E esse foi o final do segundo sonho, ou da segunda parte do primeiro. Vocês o dirão.

“Vocês o dirão.” Isto significava que nada mais havia a ser dito pelo soberano e que cabia agora aos adivinhos destrinçarem o sentido de suas palavras.

Novamente todas as barbas foram alisadas nervosamente.

– Vamos nos reunir, grande Faraó – disse o principal deles.

Os adivinhos saíram juntos por uma porta lateral, arrastando os seus pesados mantos. Uma vez reunidos, mergulharam num profundo e acirrado debate, que durou quase o restante do dia.

Em primeiro lugar, seriam um ou dois sonhos? Esse debate preliminar consumiu boa parte do concílio. Tomando por base a obra *Exposição douda acerca do sonho continuado*, que havia escrito anos antes, o arquimago imaginou ter provado de maneira categórica que o sonho do Faraó não passava

de um “sonho duplo de natureza continuada” (uma forma mista do sonho unívoco e do sonho continuado).

– A diferença está, apenas, na interrupção – disse ele, com segurança.

Nem por isso deixaram de haver objeções. O segundo mago da corte, por exemplo, rival contumaz do primeiro e autor da *Refutação cabal à existência do sonho continuado*, não hesitou em sair em defesa da verdade, ou seja, daquilo que sua obra afirmava – ou antes, negava.

– A interrupção líquida com qualquer possibilidade de continuidade, uma vez que com ela rompe-se o liame da conectividade onírica – dissera ele, cujo abuso de termos complicados fazia desconfiar da consistência dos seus argumentos.

A discussão acendeu-se. Da exposição das teses passaram, sem interrupção alguma, ao rancor continuado, e teriam ido além se alguém não tivesse lembrado aos sábios que ainda faltava o principal, que era interpretar o sonho.

Depois de quase um dia inteiro de debates, os adivinhos viram-se obrigados a retornar à presença do Faraó.

– A que conclusão chegaram? – disse o Faraó.

O mago superior adiantou-se e disse:

– É certo que o Faraó teve sonhos distintos, mas de uma mesma natureza.

– Muito bem. E por quê?

– Porque eles falam de duas coisas distintas, mas interligadas.

– Prove isso.

– Antes é preciso dizer que, além desta, elaboramos ainda várias outras teses, grande Faraó, tal a complexidade do sonho que nos apresentou.

– Diga-me, apenas, a mais importante. Conforme for ela, poderei imaginar a força das outras, menos importantes.

– Um sutil método, Faraó.

O arquimago inteiriçou-se e começou a falar, não sem antes narrar o método empregado pelos sábios para chegarem às suas conclusões, o que irritou tão profundamente o Faraó que este viu-se obrigado a interrompê-lo bruscamente.

– Basta de preâmbulos! Dê-me logo a explicação!

– O primeiro sonho, grande Faraó – disse o adivinho –, refere-se às vacas magras e às vacas gordas. As sete vacas gordas que surgiram primeiro representam as sete dinastias que reinarão de maneira gloriosa, a partir da sua. Depois da sétima haverá ainda outras sete, que reinarão de maneira medíocre, a

ponto de apagar o brilho das sete anteriores.

O Faraó escutou sentado, com o queixo apoiado ao pulso direito. Depois de estudar e pesar bem as palavras do mago, disse:

– Quer dizer que meu sangue gerará sete dinastias brilhantes e depois outras sete imbecis?

O adivinho curvou a cabeça.

– E que estes sete biltres derradeiros serão os últimos de minha linhagem?

– Se o erro não tiver, grande Faraó, se misturado às nossas cogitações.

– Imaginemos que o tenha feito. O que tem a dizer acerca do segundo sonho?

– As sete espigas magras que engolem as sete gordas querem dizer apenas que o Faraó irá tomar sete esposas fecundas e que depois destas, outras sete, estéreis, irão fechar o ciclo de sua história matrimonial.

O Faraó fez um esforço tremendo para crer nas palavras do adivinho, mas não conseguiu acreditar em uma única delas.

– Não entendi que ligação possa haver entre essas duas brilhantes interpretações – disse o Faraó, secamente. – Passemos à segunda tese.

– A segunda tese, que é bem menos consistente que a primeira, diz que as sete vacas gordas engolidas pelas sete vacas magras representam sete potências aliadas que o Faraó verá transformarem-se em potências inimigas.

– Oh, é mesmo? – disse o Faraó, afetando espanto.

– Sim, e as setes espigas gordas absorvidas pelas setes espigas secas significam que nesse período sete astros favoráveis serão eclipsados por sete astros desfavoráveis.

– Surgirão sete novos astros na cúpula dos céus, é isso? – disse o Faraó.

– Não exatamente – disse o astrólogo, cujas barbas já estavam orvalhadas de suor. – Haverá uma revolta entre os astros, de tal sorte que os astros desfavoráveis tomarão ascendência sobre os favoráveis.

– Explique-me, exatamente, como tal se dará – disse o Faraó, erguendo a voz.

– Bem, exatamente como, grande Faraó, eu ainda não saberia precisar...

– Quantas teses magníficas ainda restam?

– Nove teses.

– Se eu estivesse com ânimo para gargalhar, certamente que não sairia daqui sem escutar a última – disse o soberano, com profundo desprezo.

O Faraó estava prestes a mandar pendurar todos os charlatões pelas orelhas no portão principal do palácio, quando observou as cabeças dos magos

totalmente pendidas e as barbas coladas aos peitos, e só por causa disso desistiu do projeto.

– Desapareçam todos – disse ele, simplesmente.

Os magos sumiram-se num atropelo, deixando o Faraó entregue outra vez às suas preocupações.

A noite chegou e ele ainda estava sentado em seu trono, numa posição derreada que era a mais perfeita expressão do seu desânimo. Nesse instante, o copeiro-mor adiantou-se para servir-lhe uma taça de vinho.

– Entende, por acaso, de sonhos, copeiro? – disse o soberano, observando de modo displicente o lacaios verter sobre a taça o conteúdo da dourada jarra.

– Infelizmente não, grande Faraó – disse o copeiro, humildemente.

O Faraó tomou a taça em suas mãos e, após estudá-la detidamente, disse:

– Nem tomando uma jarra inteira se animaria a interpretar um sonho que tive acerca de vacas gordas e vacas magras?

– Receio que após uma jarra inteira, grande Faraó, seria bem pouco conveniente o que teria a dizer acerca de vacas gordas e magras.

O Faraó contraiu ligeiramente o músculo do lábio esquerdo, num arremedo de riso.

O copeiro-mor já retirava-se à maneira dos escaravelhos, quando foi assaltado, porém, por uma súbita lembrança.

– Grande Faraó, lembrei-me de alguém que talvez possa auxiliá-lo! – disse ele, quase eufórico.

A taça já vazia caiu da mão do Faraó e foi rolar pelo chão, num ruído saltitante que era um perfeito acompanhamento para o seu novo estado de espírito.

– O que disse? – falou o Faraó, endireitando-se no trono.

– Conheci um homem na prisão que tinha um talento verdadeiramente assombroso nessa arte – disse o copeiro, dando uma grande palmada no joelho.

Instado pelo rei, o copeiro-mor disse tudo que sabia sobre José, de tal sorte que no mesmo instante foi despachado um emissário à fortaleza para libertar o filho de Jacó e trazê-lo até o palácio do Faraó.

José estava entregue às suas atividades na fortaleza quando o emissário chegou. Ao ser informado de que deveria deixar imediatamente o lugar e rumar até a presença do Faraó, José não demonstrou grande surpresa, pois pressentira,

desde os dias de Canaã, que um dia chegaria a estar entre os grandes do mundo.

No mesmo instante, largou o que fazia e seguiu os passos do emissário. Quando deu as costas às muralhas da prisão, sabia que jamais tornaria a pisar naquele lugar.

– Amanhã estará diante do Faraó – disse o homem, tão logo haviam deixado a fortaleza. – De como se comportar diante do filho do Sol dependerá o seu destino.

José entrou com o emissário numa embarcação ligeira, e logo ambos desciam o Nilo estuante. O emissário percebeu nos traços de José que ele parecia razoavelmente animado, e concluiu daí que era produto da perspectiva de conhecer o Faraó.

Mas o emissário estava errado. A animação de José provinha da constatação de que era novamente um homem livre – ou, ao menos, de que havia uma grande possibilidade de que muito em breve assim viesse a ser. Pois apesar de ter sido bem tratado na fortaleza, nem por isso ela deixara de representar um outro poço – um poço amplo e arejado, por certo, onde tinha um bom grau de liberdade em seus movimentos, mas ainda assim um poço. Agora, contudo, estava novamente a céu aberto. Do seu recanto podia observar as pessoas saudáveis e bem dispostas irem e virem em suas ocupações cotidianas. Elas eram, bem ou mal, senhoras do seu destino.

O juncos que o levava chegou à cidade do Faraó ao final do dia, e já na manhã seguinte foi levado à presença do Faraó.

Assim que José pôs os olhos sobre o grande personagem, sentiu que poderia perfeitamente enfrentá-lo. Ele era apenas um homem, pensou o ex-prisioneiro, e bem longe de estar sob o favor divino. José concluiu, enquanto escutava as palavras iniciais do soberano, que não sentia diante dele nem um terço do respeito que sentia diante de seu pai, no qual sentia pairar uma aura superior, alheia a ele próprio. Jacó só transcendia ao meramente humano por causa daquela aura permanente que o envolvia – e isso o Faraó não possuía de jeito algum.

– Meu copeiro disse que sabe interpretar como ninguém qualquer sonho – disse o Faraó, a quem agradara o aspecto sereno de José.

– Deus é quem o sabe – respondeu ele, definindo as coisas.

Apesar de nutrir um certo desprezo pelo Faraó – príncipe de uma nação de

gentios que era –, nem de longe José sentiu o asco que seu pai certamente deveria ter sentido naquele instante, tomando ares naturais daquilo que um futuro distante chamaria de um autêntico cosmopolita.

O Faraó contou então a José os dois sonhos que tivera, com grande expectativa da resposta que teria. O segundo, por sua vez, escutou a narrativa dos estranhos eventos de olhos fechados, como se ele próprio devesse sonhar os sonhos do Faraó.

Assim que o Faraó encerrou a narração, José sentiu-se rejubilado.

“Muito fácil, na verdade!”, pensou ele.

– O Faraó teve um único sonho – começou ele dizendo, sem qualquer preâmbulo.

– Um único sonho! – exclamou o Faraó. – Sim, já havia pensado nisso!

José fez silêncio, esperando que o rei terminasse seus comentários.

– Adiante, adiante – disse o rei, pressentindo um feliz resultado.

– O sonho das sete vacas gordas devoradas pelas sete vacas magras quer dizer que estão para vir sete anos de fartura, e que, após estes, outros sete de absoluta carestia sobrevirão.

O Faraó arregalou os olhos e assim que conseguiu ordenar as idéias sentiu que elas tinham aquele mesmo cunho de veracidade que emana de uma charada corretamente solucionada.

– É claro! Por que não pensei nisso antes?

Tão logo o Faraó encerrou suas expansões de entusiasmo, José recomeçou a falar.

– A segunda parte do sonho (já que ambas as visões fazem parte, inequivocamente, de um mesmo sonho), na qual as espigas murchas absorvem as viçosas, quer dizer o mesmo, ou seja, que sete anos de abundância antecederão a sete anos de miséria.

Desta vez o Faraó pareceu um pouco menos entusiasmado.

– Mas que necessidade haveria de dois sonhos iguais?

– Um vem em reforço do outro – disse José, calmamente. – Enquanto o sonho das vacas refere-se à pecuária, o sonho das espigas diz respeito à agricultura.

“Que gênio!”, pensou o Faraó, sendo tomado logo em seguida por uma raiva homicida contra os seus magos de araque.

– E o que mais? – perguntou, esperando escutar outra maravilha.

– O que há mais – disse José, olhando para o Faraó com toda a firmeza, sabendo que jogava naquele instante os dados de toda a sua sorte futura –, o que

há mais é que o Faraó deverá se acercar de um homem capaz de levar adiante todas as providências para evitar que os sete anos de abundância se percam nos sete anos de carestia.

Durante alguns instantes os olhos do rei estudaram detidamente as feições de José, como se investigassem nelas o menor sinal da ambição. José suportou o exame com o mesmo ar desassombrado de quem sabe o que diz e o que deve ser feito, sem que com isso pareça estar transpondo os limites da presunção ou da cupidez.

– Você é o homem – disse o Faraó, após alguns minutos.

José não moveu um único cílio, como se aquela conclusão devesse parecer uma consequência perfeitamente natural dos fatos que ele anunciara.

E assim efetivamente foi. Ao consultar seus ministros, o Faraó não encontrou resistência da parte de nenhum deles para levar adiante o seu plano de nomear José o grande provedor do Egito – embora, sem dúvida, devesse parecer extraordinariamente improvável que o soberano do país mais poderoso do mundo houvesse por bem instalar no segundo cargo mais importante do Egito um ex-escravo e prisioneiro hebreu, pertencente a uma raça execrada, e isto pelo simples fato de ele haver decifrado um sonho bizarro. Os espíritos mais piedosos, no entanto, encontrarão aqui a oportunidade que aguardavam para suprirem largamente a ausência de milagres mirabolantes que até este passo ainda não haviam surgido na história de José, tomando essa decisão do Faraó como uma verdadeira intervenção sobrenatural daquele mesmo espírito superior que comandou os passos de Abraão e de Isaac.

Uma vez instalado no cargo – tão importante que o Faraó havia declarado com todas as letras que ninguém levantaria o dedo mínimo em todo o Egito sem a sua anuência –, ficou José de mãos livres para tomar as medidas que julgou cabíveis para enfrentar os dias bons e maus que se aproximavam.

– Durante os sete primeiros anos de fartura construiremos locais para a armazenagem dos grãos em todos os recantos do Egito – disse ele aos seus auxiliares diretos –, de tal sorte que quando sobrevierem os anos de penúria haja comida bastante para distribuir aos necessitados e ainda vender aos povos de todas as nações, que para cá acorrerão em desespero, a fim de não perecerem de fome.

José, como estadista nato que já era, certamente que não planejava seus atos movido unicamente pelos cordéis da caridade. Entre seus planos estava o de cobrar preços elevadíssimos pelo alimento estocado às ricas nações vizinhas e rivais, transferindo, destarte, a riqueza daquelas nações para os cofres do Faraó.

Tal plano, decerto, deveria ter contribuído poderosamente para que José fosse cada vez mais bem visto pelos egípcios, pois sempre será bem-vindo, pelos séculos dos séculos, aquele que souber fazer frutificar, de maneira generosa, a árvore sagrada do dinheiro.

Quando teve a certeza de que José era o homem ideal para fazer frente às adversidades, resolveu que ele deveria tornar-se, de certo modo, também um egípcio.

– E se, algum dia, ele resolver voltar para os seus? – disse o Faraó, um dia, secretamente, a amigos e conselheiros.

E que outro meio melhor haveria para fixá-lo para sempre no Egito senão lhe dando uma esposa e posteriormente uma família?, raciocinou, ainda.

Já no primeiro ano, o Faraó tratou, então, de arrumar uma esposa para o provedor, que se chamou Asenat. Ela era filha de Potifera, poderoso sacerdote de On, e dessa união surgiriam os dois filhos de José – Manassés e Efraim –, que mais tarde dariam nome a duas das doze tribos de Israel.

Quando os anos de fartura se acabaram, sobrevieram, com efeito, os sete anos de carência. Se até ali havia ainda alguma dúvida quanto ao valor e à integridade do estrangeiro alçado a tão elevada posição na terra do deus Amon, depois que a primeira cheia do Nilo simplesmente não aconteceu, privando a terra do húmus nutritivo que todo ano ele deitava às terras do Egito, deixou de haver qualquer resistência em relação ao Provedor. Os silos e depósitos de grãos em todo o Egito estavam abarrotados até as bocas, de tal forma que não se podia temer em parte alguma do Egito pela fome severa que se anunciava.

Mas isso foi no Egito. Nos países vizinhos – mesmo nas grandes nações, dotadas de muitos recursos –, já no segundo ano da carestia fizeram-se sentir os primeiros e desesperadores efeitos da fome. Levas imensas de comerciantes começaram a afluir para diante dos portões que cercavam a terra do Faraó, a fim de tentar adquirir, pela mão do grande Provedor – cuja fama já se espalhara por todo o Oriente – o alimento que escasseava por toda a parte.

Enquanto José atendia a toda essa gente – além do seu próprio povo, ao qual dispensava gratuitamente o alimento –, foi certo dia assaltado por uma repentina constatação.

“Meu pai e minha família! Em que situação estarão, na distante Canaã?”

Angustiado por essa nova dúvida – já que até ali não havia tido tempo para pensar em outra coisa a não ser em consolidar o seu poder na terra adotiva do Faraó –, José determinou que doravante todas as sentinelas que guardavam as portas que davam acesso ao Egito deveriam estar de sobreaviso para a

possibilidade de que por elas cruzasse algum membro – ou mesmo todos – de sua família, vindos das areias do deserto, que como um mar de pó circundava todo o vasto império. José, de fato, não custaria muito a ter uma notícia a esse respeito.

17. JOSÉ E A RECONCILIAÇÃO

– Até quando vão ficar aí parados, a olharem uns para os outros?

Quem disse essa frase foi um velho de barbas brancas, apoiado a seu bordão.

– Não escutam suas esposas e filhos gemerem por pão, há já longo tempo?

Os filhos do velho ancião – todos homens adultos e de barbas grisalhas – escutaram a admoestação com evidente constrangimento.

Ruben, o mais velho, tomou a palavra.

– Aguardávamos, apenas, a sua autorização, meu pai.

– De modo que, se eu perdesse a lucidez, pereceríamos todos à míngua? – disse o velho, numa censura fingida à subserviência deles, já que no fundo lhe agradava saber o quanto ainda imperava sobre aqueles homens já quase entrados na velhice.

Na verdade, Jacó, o velho que dirigia a áspera censura, ainda enxergava naqueles onze homens as crianças parvas a que se habituara, desde sempre, a repreender com severidade. Repreendê-los era sua forma de comunicar-se com eles, já que o afeto estava banido desde o dia negro em que uma tragédia terrível se abatera em sua vida. Pois, apesar de tantos anos passados, Jacó ainda não pudera esquecer o dia em que lhe haviam colocado sobre os braços a túnica ensangüentada do seu filho predileto, dizendo-lhe simplesmente: “Veja se esta é a túnica de seu filho José, ou não”.

José fora o único filho a merecer o afeto expresso de Jacó, homem avesso a demonstrações de ternura. Sendo filho de Raquel, a eleita do coração de Jacó, era unicamente para ele que este último guardara, depois da morte da esposa, os restos escassos de sua afeição. Desastradamente, cometera o mesmo erro da maioria dos pais ao haver tornado evidente essa preferência, dando origem ao rancor que havia culminado naquele dia negro, quando a túnica rasgada e coberta de nódoas fora deposta em suas mãos.

“Veja se esta é a túnica de seu filho José, ou não.”

Desta maneira sinistramente prosaica é que lhe fora dada a pior notícia de sua vida. Uma maneira propositadamente árida para um homem notoriamente

seco. Imaginou-se que dessa forma o golpe terrível soasse também de maneira discreta.

Durante muito tempo aquele complemento final da notícia – o falsíssimo “ou não” – lhe ficara a martelar na cabeça. “Ou não” queria dizer que “talvez não fosse dele”. Era essa a idéia que aquelas duas minúsculas e enganosas palavras sugeriam, dando à vítima uma última e falaz esperança. Jacó sentiu-se vilipendiado como um afogado a quem se retira por alguns breves instantes do rio, para em seguida mergulhá-lo definitivamente até as profundezas.

Mas não fora só isso que contribuía para afastar Jacó dos seus filhos (embora ainda mantivesse viva aquela espécie tribal de afeição paterna, expressa pela sua condição de chefe do clã). Ele guardara também uma séria desconfiança com relação ao episódio. Que espécie de participação teriam tido os irmãos na morte de José?

“Não pusemos nossos olhos, em momento algum, no filho de Raquel”, haviam dito eles, numa uniformidade de jogral.

Eram inocentes de tudo, portanto, segundo suas palavras. *Ou não?*

Passado o primeiro paroxismo da dor, Jacó começara a pressioná-los para ver se lhes arrancava a verdade. A negativa, porém, estava sempre em suas bocas.

“Nada vimos, de nada sabemos.” Era esse o refrão invariável, dito sempre de olhos baixos.

– Por que estudam o chão ao responder? – disse Jacó, um dia.

– Sabemos o quanto lhe é doloroso o assunto – respondiam, laconicamente.

– E a vocês, não é? – retorquia Jacó, desesperado por arrancar-lhes uma expressão solidária de dor, ou mesmo de remorso. (Como seria imensamente reconfortante ver o remorso desenhado em suas feições! Diante do remorso – que equivaleria a uma confissão tácita –, Jacó sentia-se com forças até para perdoá-los.) Porém, pensando melhor, decidiu que jamais os perdoaria. Mas não tocaria, também, nunca mais no assunto.

Os irmãos de José – à exceção do inocente Benjamin –, entretanto, não respondiam nunca à pergunta do pai, recolhendo-se a um mutismo irritante, pois, apesar da culpa que sentiam, também não era menor o sentimento de inveja que ressurgia em seus peitos toda vez que o velho vinha falar do predileto sumido.

Mas, passada a raiva momentânea, ressurgia logo o remorso, que terminava por tornar-se mais insuportável do que a própria confissão. Era assim que se via os irmãos, depois do regresso, a andarem feito tontos de lá para cá, cruzando entre si de cabeça baixa, e às vezes também de olhos arregalados,

como quem tivesse tomado súbita consciência da enormidade que haviam cometido.

Permanentemente assustados, os irmãos de José viviam desde então em contínuo sobressalto, encolhendo-se como crianças à simples aproximação do pai. E foi nesse mesmo estado de espírito que escutaram as suas palavras de censura.

– Ouvi dizer que há cereais em abundância no Egito – disse o velho. – Vão até lá, todos vocês, e tragam alimento para que não morramos de fome.

No mesmo instante, todos haviam se erguido e rumado para suas tendas, para prepararem a longa jornada. Já no dia seguinte, bem cedo, estavam os onze irmãos com os jumentos aprestados. Entre eles estava também Benjamin, o mais novo, que, apesar de ser o caçula, era já um homem perto dos quarenta anos de idade e pai de nada menos que dez filhos.

– O que faz aí, Benjamin? – disse o velho, ao passar em revista a tropa.

– Não nos disse que fôssemos todos? – disse Ruben, o primogênito.

– Querem levar para os dentes do javali, também, o último filho de Raquel? – disse o velho, puxando Benjamin para si.

Apesar do ridículo da situação, ninguém mais, a não ser o próprio Benjamin, sentira-se mal diante do episódio. Todos os outros compreendiam que Benjamin, na condição de caçula e de irmão integral de José, acabasse sendo o substituto do afeto do velho pai. Não que Jacó o adorasse (pois como poderia adorar aquele que tirara a vida, ao nascer, da suave Raquel?), mas não podia suportar a idéia de não ter mais ninguém neste mundo que lhe trouxesse de maneira tão vívida a lembrança da esposa – já que o mais adorado fora devorado pela fera. Na verdade, Benjamin, desde o desaparecimento de José, passara a ser vigiado o tempo todo pelos olhos temerosos de Jacó, o qual, por nada deste mundo, permitia que ele se afastasse de si, tendo chegado a transferir a tenda de Benjamin, com esposas e filhos, para o lado da sua, onde pudesse tê-lo sempre sob o alcance das vistas.

A caravana teve de partir, então, com um a menos dos onze.

Foi uma longa viagem, que culminou com a chegada dos dez filhos de Jacó aos portões do Egito. Ali, depois de inquiridos pelos sentinelas, foram admitidos com surpreendente facilidade, ao passo que os demais companheiros de caravana – ismaelitas, madianitas e mercadores de outros “povos das areias” – foram impedidos de segui-los.

Ruben e Judá, que lideravam o grupo dos hebreus, entreolharam-se

desconfiados.

Mas, enfim, era preciso seguir adiante, e logo foram levados ao palácio do provedor do Egito, a quem deveriam fazer seus pedidos.

Introduzidos nas dependências, tiveram de aguardar algum tempo até que José – que eles, evidentemente, sequer imaginavam que o fosse – adentrou o salão.

Caindo de braços sobre o assoalho, os onze irmãos prestaram-lhe a reverência de praxe. José, sabedor de quem eles eram, trazia um lenço permanentemente posto sobre o rosto, para ajudar a disfarçar sua identidade. (Ruben e seus irmãos haviam sido alertados de que o provedor estava com uma infecção nos olhos, causada pela poeira da seca interminável.) Nunca, na verdade, um lenço fora tão providencial, pois ao colocar os olhos sobre os irmãos e constatar o quanto o rigor do deserto os havia envelhecido, não pôde impedir que algumas lágrimas lhe rolassem pelo rosto. Auxiliado por um intérprete, para simular que não dominava o idioma deles – considerado baixo e desprezível demais para ser entendido por um egípcio –, José, depois de dominada a primeira emoção, começou a lhes fazer perguntas. Por meio delas, ficou sabendo que eles vinham de Canaã em busca de alimento. Mas não era exatamente isso que o interessava.

- São irmãos todos, ao que vejo – disse ele, por meio do intérprete.
- Sim, com a graça de Deus – disse Ruben.
- Estão todos ou falta algum? – disse José.
- Faltam dois, grande senhor – respondeu Ruben, respeitosamente.
- Dois? Mas se vieram dez, por que não vieram logo os doze?
- O mais jovem, que se chama Benjamin, ficou com nosso pai, que de modo algum quer ver-se dele apartado. Quanto ao outro, não vive mais.

José sentiu outra onda de violenta emoção embargar-lhe a voz. “Jacó ainda vive!”, pensou ele.

- E o nome do pai de todos, qual é? – disse José, após ligeira pausa.
- Jacó, filho de Isaac – disse Ruben.
- E o nome do desaparecido?
- José.
- Desaparecido ou morto?
- Desapareceu, mas, por uma evidência certa, é tido por morto.
- Ruben baixou os olhos, como sempre fazia diante do assunto.
- Imagino que seu velho pai tenha sofrido muito com isso.
- Quase desceu à casa dos mortos, grande provedor.

José sentiu novo nó na garganta tolher-lhe as palavras.

Depois, controlando os nervos, tratou de levar adiante o que planejava

para aquela entrevista. Após fazer um breve silêncio, transmutou seu semblante de doce em irado e disse, suspendendo o queixo: – Embora tudo isso, quero que saibam que faço um péssimo juízo de todos.

Um grande assombro desceu sobre as feições dos dez irmãos ao escutarem pela boca do intérprete tais palavras surpreendentes.

– Sei perfeitamente que todos vocês não passam de miseráveis espiões – disse José, num tom cavernoso.

– Por certo que não somos espiões – disse Judá, tomando a palavra.

– Como é o nome desse atrevido que toma ao irmão a palavra? – disse José, simulando verdadeira irritação.

– Meu nome é Judá – disse ele, ligeiramente ofendido.

– Seus olhos fulguram como os dos leões – disse José. – Mas não é bom que o façam diante de minha presença.

Judá baixou a cabeça com reverência.

– Não entendemos o que queira dizer com isto de “espiões”, grande senhor – disse Ruben, inquieto com o rumo da conversa.

– Eu o entendo – disse José, de maneira brusca, sempre com o lenço a tapar parcialmente o rosto. – Pela vida do Faraó que não sairá ninguém desta terra sem que antes tenha vindo também para cá o mais novo dos filhos do pai de todos vocês.

Os olhos dos dez irmãos arregalaram-se de pavor.

– Perdão, grande senhor, mas creio já haver dito que nosso pai não permite que ele se afaste jamais de sua presença – disse Ruben.

– Ficaré, então, doravante, com este único filho – disse José, secamente.

Simeão e Levi, que estavam um pouco mais atrás de Ruben, enterraram os dedos nas barbas grisalhas. Sabiam eles que Jacó, tendo de optar, terminaria ficando com Benjamin, restando aos demais a escravidão perpétua nas terras do Faraó.

A audiência encerrou-se abruptamente, e os dez irmãos foram mantidos prisioneiros no palácio durante três dias, ao cabo dos quais José os trouxe outra vez à sua presença. Ali declarou que todos poderiam regressar a Canaã, com exceção de um, que ficaria na condição de refém até a volta dos demais e de Benjamin.

Apesar de certo alívio, era ainda positivamente uma desgraça.

“Como chegaremos diante de nosso pai sem um de nós?”, perguntou-se Judá.

Ruben, como que entendendo sua dúvida torturante, começou então a

lamentar-se em altos brados, imaginando que o provedor jamais o entenderia.

– Aí está, irmãos, a conta que nos chega, afinal, de nosso antigo e tão grande crime! Sim, quantas vezes fizemos ouvidos moucos aos gritos de aflição de nosso irmão, pedindo para que o retirássemos do negro poço em que o lançáramos! Eis aí a conta que nos chega, afinal!

Enquanto Ruben arrependava as barbas, José ocultava novamente os olhos sobre o lenço, vendo perfeitamente que o irmão referia-se a ele, tomado pelo arrependimento.

Na verdade, José encenava toda aquela cena para avaliar se os irmãos eram merecedores ou não do seu perdão. Desde que se mostrassem arrependidos do crime que haviam cometido contra si – e mais ainda, contra seu pai –, estava ele disposto a perdoá-los, vendo em tudo aquilo apenas a mão de Deus, que assim dispusera das coisas para que José um dia estivesse ali onde estava.

Satisfeito com o que ouvira, José ordenou em seguida que escolhessem o refém.

Depois de uma breve reunião, Simeão acabou sendo o escolhido para ficar. Quanto aos outros nove, receberam todo o trigo e demais cereais que haviam ido buscar, levando os alforjes cheio até as bocas. No topo de cada um deles José ordenou que colocassem de volta o dinheiro que cada qual havia pago pelo alimento, coisa que só foram descobrir no meio da viagem, o que encheu a todos de nova apreensão.

– Como vieram parar aqui? – disseram uns aos outros. – E se o provedor imaginar que furtamos o dinheiro, o que será do pobre Simeão?

De qualquer forma, Ruben e seus irmãos regressaram à terra de Canaã.

Quando Jacó percebeu que eles retornavam, foi recebê-los. Entretanto, logo num primeiro golpe de vista, percebeu que faltava um dos dez que haviam partido.

– Embora tenha havido um pequeno contratempo, fizemos excelentes negócios, meu pai – foi logo dizendo Ruben, para preparar o terreno para a desagradável notícia.

– Partiram dez e voltaram nove – disse ele, antes de qualquer outra coisa.
– Onde está Simeão?

– Meu pai, é bom saber que o provedor do Faraó nos foi tão gentil quanto nos foi também molesto – disse Judá, tomando novamente a palavra ao irmão.

– Onde está Simeão? – disse o velho, surdo a qualquer outra coisa.

– Primeiro dissemos que éramos doze irmãos, e que dois de nós não podiam lá estar de maneira alguma, o que lhe provocou a curiosidade de saber o

motivo.

– Onde está Simeão?

– Diante da pergunta, fomos obrigados a dizer que Benjamin ficara debaixo de sua asa e que o outro já não mais existia.

– Onde está Simeão?

– Tudo parecia encaminhar-se bem, até vermo-nos tratados, de maneira injusta e inesperada, como reles espiões.

– Onde está Simeão?

– Como se iso não bastasse, ainda o potentado exigiu que lhe levássemos, numa viagem posterior, o caçula de Jacó.

– Pela última vez, falador maldito, onde está Simeão? – disse Jacó, assestando um golpe do seu bordão à cabeça de Judá.

– Simeão ficou no Egito, meu pai.

– Venderam-no a troco de comida?

– Não, ele ficou na condição de refém.

– Refém em nome do quê? Quem lhes deu autorização para deixar um de meus filhos em terras de gentios, a troco de garantia do que quer que fosse?

Ruben e seus irmãos tiveram de explicar longamente, passo a passo, tudo quanto se passara nas terras do Faraó.

– Quer dizer que, além de terem deixado lá Simeão, ainda pretendem levar Benjamin, o filho de Raquel, privando-me assim do terceiro filho?

– Nada podíamos fazer – disse Levi, intrometendo-se. – Ou ficava um de nós ou todos seríamos obrigados a lá permanecer para sempre.

– Preferem, então, ir ficando um a um, até que nenhum filho me reste. É isso?

A conversa tornou-se impraticável. Durante um ano inteiro Jacó não quis nem ouvir falar em deixar apartar-se de si o caçula Benjamin, pai de dez mocetões, até que os víveres se acabaram e a fome veio juntar ao debate o seu invencível argumento.

Um dia Jacó foi até os filhos e disse:

– Não enjoaram ainda de ouvir seus filhos clamarem por pão?

– Pão só há no Egito, meu pai – disse Ruben.

– Qual o mais fácil: que o Egito venha até vocês ou que vocês vão ao Egito?

– Só podemos ir lá se levarmos Benjamin conosco – disse Ruben, emburrado como uma criança birrenta.

– Pois então seja – disse o velho, dando as costas.

No mesmo instante um grande suspiro conjunto elevou-se aos céus. A fome curvara, finalmente, a espinha do grande teimoso.

Na manhã seguinte, os dez irmãos apresentaram-se diante do pai. Benjamin, ao centro, reluzia de alegria – afinal era a primeira vez que saía de baixo da asa do pai.

Jacó, ao ver-lhe o semblante eufórico, lembrou-se imediatamente da manhã em que o jovem José, também prestes a fazer sua primeira incursão pelo mundo, partira para a morte. Assaltado por esse temor, chegou a pensar em arrancar do jumento o caçula de cabelos grisalhos a fim de impedi-lo de consumir a loucura.

– Não se preocupe com o caçula, meu pai – disse Judá. – Que meus filhos sirvam de vingança à sua ira se deixar que toquem num único fio de seu cabelo.

– Vão logo e tragam Simeão de volta – disse Jacó, com o semblante carregado. – Quanto a mim, ficarei aqui, privado de filhos, como se nunca tivesse tido nenhum.

E assim partiram os dez filhos de Jacó de volta ao Egito.

Ruben, Benjamin e os demais chegaram à terra do Faraó depois de nova e cansativa viagem. Desta feita foram recebidos na casa de José, onde foram convidados a privarem da mesa do provedor. Ali já estava Simeão, o qual lançou-se aos prantos aos braços dos irmãos, magoado pelo longo exílio.

– Que tal lhe trataram? – disse Issacar, um dos irmãos.

– Muito bem – disse Simeão. – Na verdade, fui mais um hóspede durante todo este tempo do que propriamente um prisioneiro.

Muito surpresos com mais essa novidade, todos assentaram-se à mesa. Benjamin ficou sentado ao lado de José, que surgira com a cara limpa, à exceção de uma maquiagem sobre os olhos, ao estilo dos egípcios, que lhe serviu, de certo modo, como uma espécie de máscara, ajudando a disfarçar-lhe as feições.

Ruben, antes de mais nada, havia explicado ao mordomo de José acerca do dinheiro encontrado milagrosamente nos sacos, quando de seu primeiro regresso, o que ele colocou à conta do deus deles.

– Foi o deus de vocês quem obrou o feito – disse ele –, pois recebi perfeitamente de suas mãos a quantia exata.

José, tão logo os teve diante dos olhos, lhes perguntou se o pai deles ainda vivia.

– Sim, grande senhor, com a graça de Deus, ainda vive – disse Ruben.

– Ótimo – disse José, tomando assento, sendo seguido pelos demais.

Então fixou seus olhos penetrantes em Benjamin, ao qual imediatamente reconheceu.

– É este, então, o irmão que estava faltando? – disse ele, fazendo um esforço tremendo para não romper num choro descontrolado.

– Sim, verdadeiramente esse é Benjamin, o caçula de Jacó, irmão consangüíneo do outro que já não mais existe.

Então José, não podendo mais conter-se, pretextou qualquer coisa e correu para seus aposentos, onde chorou livremente. Depois de desabafar, retornou, com uma camada extra de tinta sobre os olhos para disfarçar a vermelhidão de suas pálpebras.

Depois de ter tomado lugar em seu assento, ordenou que servissem a todos. Benjamin, no entanto, teve seu prato cinco vezes mais bem servido, o que certamente o encheu de espanto.

Na verdade, ele já havia notado que aquele homem tinha semelhanças muito fortes com seu irmão, ao qual por certo não esquecera jamais. Embora a grande diferença de idade – pois José já havia transposto a casa dos cinquenta anos –, ainda se percebia os sinais de sua juventude, especialmente no modo de olhar e de sorrir, que nem os anos têm o poder de modificar.

“Será verdadeiramente ele?”, perguntava-se Benjamin, todas as vezes que o encarava. Vendo o rumo que as coisas tomavam, bem como o interesse que o provedor demonstrava por ele e pelos demais, não lhe era totalmente injustificado que ousasse cogitar em tal possibilidade.

A hora do reencontro, no entanto, ainda não soara para José, pois ele tinha uma última brincadeira a fazer com seus irmãos. Depois de ter-lhes enchido novamente os alforjes de cereais – tomando o cuidado de mandar introduzir o dinheiro deles na boca dos sacos, tal como fizera da outra vez –, ordenou ainda a um dos lacaios que introduzisse sua taça de ouro no alforje de Benjamin.

Os irmãos de José partiram mais uma vez, e iam muito felizes do bom resultado quando escutaram pelas costas o galope e a corrida de alguns carros.

– O que será, agora? – disse Aser, um dos irmãos.

O mordomo de José logo lhes surgiu, de semblante carregado.

– Alto lá, traidores! Onde pensam que vão com o produto do roubo?

– *Roubo?* – exclamou Judá, tomando o aspecto leonino outra vez.

– Sim, velhacos do deserto! – disse o mordomo, com voz estridente.

– Aqui não há velhaco algum! – disse Zabulon, secundado por Gad.

– Oh, não? – disse o mordomo, com áspera ironia. – Diga-me, então, que nome merece quem, após desfrutar da mesa do segundo homem mais importante do Egito abaixo do Faraó, surrupia-lhe em seguida a sua taça de beber e de prever?

(Aquele taça era usada também para práticas de adivinhação.)

Os rostos bronzeados dos viajantes tornaram-se ligeiramente pálidos.

– Que morra aquele de nós com o qual esteja essa maldita taça! – exclamou Judá, encolerizado.

Começaram-se imediatamente as buscas, que foram encerrar-se com a vistoria à bagagem de Benjamin, deixada propositadamente para o fim.

– Aqui está! – disse o mordomo, triunfalmente.

Diante dos olhos de todos surgiu a taça.

– Benjamin, foi então para perder-nos a todos que vieste? – disse Gad, seu irmão, enquanto os demais rasgavam suas vestes em sinal de vergonha.

Por mais que o caçula de Jacó protestasse inocência, ninguém lhe deu ouvidos.

Levados de volta a José, foram recebidos por ele com a frieza natural que seria de se esperar. Todos traziam suas cabeças inclinadas, mergulhados que estavam em profunda humilhação.

– Estamos prontos a servi-lo para sempre como seus escravos – disse Judá ao provedor, depois de lançar-se ao solo.

– Quero somente o culpado – disse José, soturnamente, lançando os olhos sobre Benjamin. – Os demais podem regressar à sua terra de larápios.

Judá tornou-se mortalmente pálido.

– Isto não pode ser, grande senhor – disse ele.

– Como ousa dizer, em minha casa, o que pode ou não ser? – disse José.

– Se o mais moço ficar aqui prisioneiro, nosso pai certamente morrerá.

– Sem dúvida que ele ficará.

– Grande senhor, prometi a meu pai que o filho remanescente de Raquel não sofreria nada em um único fio de seus cabelos – disse Judá, com as faces lavadas em pranto. – Deixe, então, que eu fique em seu lugar, mas não afaste do pai o irmão daquele que todos nós, num dia para sempre funesto, afastamos da sua presença. Não suportaria ser o causador de uma segunda desgraça, semelhante em tudo àquela que já uma vez criminosamente lhe impingimos.

Aquele inesperado ato de contrição foi, então, a gota d'água. José, não suportando mais tanta emoção, deu-se finalmente a conhecer.

– Meus irmãos, sou eu! – disse ele, limpando a maquiagem com um

lenço.

Boquiabertos, todos os dez irmãos de José puseram-se a observá-lo.

– Sim, sou eu. José! – repetiu o provedor, lançando-se aos braços de Benjamin.

– José... o desaparecido? – balbuciou Dã, seu irmão.

– O filho de Raquel? – disse Neftali, de braços arriados.

– Sou eu! – disse ele, estendendo os braços aos demais, que foram juntar-se a ele num grande abraço.

Na verdade, os irmãos de José estavam mais apavorados com o ressurgimento de José do que propriamente felizes. Afinal, que espécie de vingança poderia ele estar preparando, agora, sendo o favorito do Faraó?

José, no entanto, tratou logo de acalmá-los, perguntando pelo pai.

– Ele ainda vive? Está bem de saúde?

Sim, ele estava com plena saúde, asseveraram todos.

José, então, permitiu que todos regressassem a Canaã com os víveres e a boa nova, o que eles imediatamente fizeram.

– Tragam-no até mim o mais rápido possível, pois meu coração anseia revê-lo após todos esses anos! – dissera ele, antes que partissem.

Os onze irmãos partiram a toda brida e chegaram logo à terra de seu pai.

A primeira coisa que Jacó fez foi contar, num único apanhado, quantas cabeças retornavam.

– Ali está Benjamin, e ali Simeão, e aí estão todos os onze – disse o velho, sem conseguir disfarçar sua satisfação.

– Doze, meu pai! – disse Benjamin, abraçando-se ao ancião.

– Onze, onze – disse o velho, corrigindo o equívoco do caçula. – Os onze aí estão.

– Não, meu pai – insistiu ele. – Dez partiram, mas doze regressam!

Jacó abanou a cabeça com decisão, a fim de afastar a blasfêmia.

– Não diga asneiras – disse Jacó, impacientando-se. – São onze, pois o décimo segundo não tornará jamais. Não estrague um momento de alegria com uma triste lembrança.

Os olhos de Jacó, que já haviam vertido uma ou duas lágrimas de enternecimento, agora começavam a verter muitas outras de amargura, pois desde que uma perda profunda se instala em uma alma, toda nova alegria

transforma-se, como num automatismo, em uma nova e pungente tristeza.

– José não morreu, somos doze outra vez! – disse Benjamin, libertando-se dos braços do velho.

Jacó, que havia deixado cair o bordão, tateou às suas costas, sendo logo amparado pelas mulheres de seus filhos, que ali estavam também a confraternizar.

– Como se atreve a brincar com minha dor? – disse o velho, que parecia disposto a surrar o caçula caso insistisse com aquele disparate.

Logo, porém, os demais filhos de Jacó se associaram a ele para confirmar aos ouvidos incrédulos do pai que assim era, de fato.

– José vive! José vive! – exclamaram todos.

Mas Jacó só acreditou que assim verdadeiramente era quando um dos seus netos, encantado com o coro divertido, se destacou do grupo e desceu a planície numa corrida desenfreada, a gritar para toda a imensa tribo de Jacó: – *Joje vive! Joje vive!*

Aquela vozinha esganiçada a ecoar pelos vales, anunciando algo que para ela não passava de uma brincadeira de repetição, soou finalmente ao ancião como a própria trombeta divina.

– José vive – disse mansamente o velho pai, sustentado pelos braços de todos, não como se fosse cair ao solo, mas como se devesse, a qualquer instante, alçar-se ao céu infinitamente azul do deus de Israel.

José mandou enormes carroções para que toda a sua família fosse transportada às terras do Egito, já que a fome se estabelecera em Canaã. Jacó, confortavelmente instalado, enfrentou a viagem cercado pelos filhos, noras e netos, até alcançar Bersebá, onde novamente conversou com o seu deus, agradecendo por tê-los tirado da fome e levado até o Egito da fartura, onde seu filho José imperava, um degrau abaixo do Faraó.

No Egito, Jacó foi habitar as terras de Gessen, onde viveu com os seus durante mais dezessete anos, até a sua morte. Antes, porém, ainda faltava experimentar a grande alegria de sua vida, que foi rever José, o filho ressuscitado.

Assim que chegou próximo às terras nas quais deveria habitar, já lá ele o esperava, com um grande sorriso no rosto. Entretanto, foi um outro José que Jacó estreitou nos braços, um José algo obeso, com alguns fios de cabelos

grisalhos e outras tantas rugas nos olhos. Jacó chorou ao abraçar o filho, e no meio de tantas lágrimas, uma delas, pelo menos, chorava secretamente pela morte definitiva daquele garoto que ele vira partir um dia montado no burrico, cheio de energia e juventude, e que se acostumara a enxergar sempre igual na sua memória.

“José vive”. Mas qual José?

José ressuscitara transformado num homem prático e mundano – mundano demais para o gosto do velho Jacó – e perfeitamente integrado àquele povo cuja idolatria repugnante ele sempre condenara.

“São esses os caminhos do Senhor Deus”, pensou Jacó, depois de estar longamente a cismar, confirmando mais uma vez o quanto aprazia ao seu deus dar à vida humana a mesma imprevisibilidade de um jogo de enganos. “Bendito seja ele por isso e por tudo o mais”, acrescentou, por fim, pois continuava absolutamente fiel ao deus de Noé, que lhe devolvera sadio e bem nutrido o filho que um dia lhe tomara dos braços, repetindo, num outro plano, o drama de Abraão e Isaac.

Os anos se passaram até que Jacó finalmente viu aproximar-se a hora de sua morte. Depois de chamar José à sua presença, fez o filho jurar que iria enterrá-lo no mesmo local onde estavam sepultados Abraão e Isaac. Mais tarde, em outra ocasião, fez com que José levasse até ele seus dois filhos, Manassés e Efraim.

– Vou abençoá-los – disse Jacó, recostado em seu leito –, de tal sorte que passarão a ser como se fossem meus próprios filhos.

José entregou-os às mãos do velho pai, deixando que Manassés, o primogênito, ficasse à sua direita, e Efraim ficasse à sua esquerda – e isto para que a bênção mais forte, vinda da destra, recaísse sobre o primogênito.

No último momento, porém, Jacó cruzou os braços, fazendo com que sua mão direita pousasse sobre a cabeça de Efraim e a esquerda, sobre a de Manassés.

– Meu pai comete um engano – disse José, tentando repor as coisas no seu lugar.

Jacó, no entanto, não permitiu que José efetuasse a troca. Acostumado às linhas tortas do seu deus, decidira inverter a sua bênção também, tal como num dia distante acontecera consigo próprio. Desse modo, Efraim, ao receber a bênção que deveria ter cabido ao primogênito Manassés, entrava também – pelo menos assim supunha o velho ancião – nos direitos que somente a inversão divina proporcionava.

Mas isso ainda não foi o fim de Jacó, o qual somente se deu depois que ele reuniu os filhos ao redor do seu leito de morte, onde pronunciou suas últimas palavras. Um a um, seus filhos foram abençoados – numa bênção curiosa, que era a um só tempo bênção e maldição.

Ruben, por exemplo, teve retirada de si a bênção da liderança, pois havia manchado o leito do próprio pai ao possuir-lhe uma das concubinas. A Judá coube a chefia do povo eleito, já que José – aquele que Jacó naturalmente teria eleito – era agora muito mais um egípcio do que um judeu. Simeão e Levi foram amaldiçoados por causa de sua cólera, que havia manchado o nome de Jacó no episódio do estupro de Diná.

– Maldita seja a cólera deles, tão violenta! – disse ele, encontrando, no próprio leito de morte, energia bastante para exprobrar-lhes a ira e a má conduta.

Todos os demais escutaram sua cota de bênção e de amarga crítica, até que Jacó, perdendo definitivamente as forças, expirou, indo reunir-se aos seus.

Jacó tinha 147 anos quando sua morte se deu. Depois de embalsamado, foi conduzido em grandiosa procissão, que José liderou, até a caverna de Makpelá, em Canaã, onde repousavam Abraão, Isaac e Rebeca.

Assim que Jacó havia sido encerrado na caverna, os irmãos de José tomaram Benjamin de lado e lhe disseram, com os rostos pálidos de medo: – Vá até o seu irmão e diga que nosso pai rogou que ele não nos fizesse mal algum depois de sua morte, e que nos perdoasse todo o mal que lhe fizemos anteriormente.

José, ao escutar aquelas palavras, que sabia de antemão falsas, em vez de raiva, sentiu, ao contrário, imensa piedade pelos irmãos quando os viu prostrarem-se diante de si, dizendo: – Aqui estão os seus escravos!

José fez com que se erguessem. E ao ver aqueles rostos enrugados e emoldurados por barbas e cabelos brancos – os quais lembravam antes o de crianças terrivelmente assustadas, pois temiam em seus corações que a ira de José viesse a descer sobre eles e a multidão de seus filhos –, José enterneceu-se ainda mais.

– Meus irmãos – disse, com um sorriso. – Estou eu, por acaso, no lugar de Deus, para exercer a vingança sobre meus próprios irmãos? Pois lhes digo que nada temam. Fizeram-me o mal, é certo, mas Deus o converteu em bem. Por que deverei, agora, converter o bem de Deus em novo mal?

Tão francas soaram as palavras de José, que logo estavam todos os espíritos em paz, e foi assim que retornaram ao Egito, ao mesmo tempo sob o peso do luto e da mais fraternal concórdia.

José ainda governou o Egito por muitos anos, vindo a falecer com a idade de 110 anos. Antes de fazê-lo, profetizou aos irmãos que um dia todos os descendentes das doze tribos de Jacó deixariam o Egito – que se tornaria, então, local de escravidão para eles – e iriam reunir-se na terra que o Senhor prometera um dia a Abraão.

18. A HISTÓRIA DE TAMAR

Enquanto se davam os eventos importantíssimos da história de José, ocorria, ao mesmo tempo, um episódio não menos importante na vida de seu irmão Judá.

José ainda estava desaparecido em terras do Egito, quando Judá – o filho que Jacó escolheria mais tarde para sucedê-lo no comando do povo escolhido – casou-se com uma mulher canaanita e com ela teve três filhos, chamados Her, Onã e Sela.

Her, o primogênito, casou-se com uma mulher chamada Tamar, que é também a protagonista desta curiosa história. Eles viveram juntos até que Her, tendo incorrido, por algum motivo, na ira do Senhor, acabou sendo morto por Ele. (Em se tratando de Her, tudo é mistério, pois nem a razão nem o modo pelo qual morreu foram referidos.) O fato é que a jovem Tamar, depois da morte misteriosa do esposo, ficou viúva. Viúva e sem filhos.

Ora, se havia alguma coisa que Tamar queria neste mundo era gerar um filho.

“Não posso morrer sem uma descendência!”, pensava ela, dia após dia, ao perceber que corria o risco de ver-se esquecida por Deus e pelos homens. Não ter um filho era a desonra maior a que podia estar exposta uma mulher naqueles dias.

Porém, ter um filho não lhe bastava. Tamar queria que ele pertencesse à linhagem de Judá. Um novo casamento com descendentes dos outros filhos de Jacó não servia.

“A eleição não recairá jamais sobre qualquer dos irmãos de Judá, o que tornará suas descendências desprezíveis”, pensava ela, pois Tamar, a exemplo de Sara e de Rebeca, queria ter seu nome inscrito no drama divino que sabia estar em pleno curso.

“Além de tudo, não passam de uns asnos”, pensava ela, duramente. Gad, por exemplo, era “uma nulidade”; Benjamin, “o caçula parvo e mimado”; Aser, “o glutão insosso”; Issacar, “o jumento ossudo”.

“Como ter um filho de alguém cujo pai tem esse apelido horroroso?”, perguntava-se ela, penteando as madeixas em frente a uma das tendas, enquanto

observava o vaivém atarefado dos filhos de Jacó.

“José seria o ideal, mas está morto”, disse ela para si mesma, pois o filho predileto de Jacó ainda não reaparecera, e era tido por todos como morto.

Tamar concluiu, pelo método da exclusão, que a bênção terminaria recaindo sobre Judá (já que o primogênito Ruben incorrera na ira de Jacó ao deitar-se com Bala, uma sua concubina) e que de sua descendência abençoada é que surgiriam homens do mesmo porte de Noé, Abraão e Jacó, até culminar no aparecimento de um novo Adão, aquele que forçosamente teria de vir para restabelecer o Éden em toda a Terra. Tamar pensava tudo isso e queria a todo custo que seu nome viesse a constar um dia da honrosa lista dos seus ascendentes.

Isto posto, um dia ela se dirigiu com determinação ao sogro e disse:

– Judá, dê-me seu outro filho, Onã, para que eu possa gerar uma descendência.

Judá não ficou muito surpreso com o pedido, pois, segundo a lei do levirato, era costume que o irmão do falecido gerasse uma descendência à viúva. Erguendo-se, Judá foi logo levar a intimação ao seu filho.

– Onã, venha para fora, um instante – disse o pai.

O jovem estava encerrado numa das tendas e custou um pouco a aparecer.

– Sim, meu pai – disse ele, que tinha olheiras ligeiramente pronunciadas.

– Desde o dia em que Deus levou seu irmão Her, há uma mulher solitária e sem filhos entre nós.

Onã baixou a cabeça, contrafeito, pois já sabia o que o esperava.

– O que aguarda para procurar Tamar e gerar nela uma descendência? – disse Judá, com ares de poucos amigos.

Onã sabia que sua cunhada poderia perfeitamente exigir dele o cumprimento do dever, e caso ele, ainda assim, insistisse em negá-lo, ela estaria autorizada, segundo a tradição, a tomar-lhe o calçado do pé e a cuspir-lhe no rosto, dizendo: “Assim se faz com o homem que não quer dar um filho a seu irmão”. Como se isso não bastasse, sua família passaria a ser chamada de “a casa do descalço”.

Se Onã, porém, decidiu curvar-se à tradição, o fez à sua maneira.

“Por que deverei gerar um filho que será tido como filho de Her?”, dizia a si próprio, inconformado com o papel aviltante que lhe destinavam.

O irmão do morto procurou a cunhada e ambos deitaram-se para procriar.

Entretanto, se Tamar amou a Onã, Onã não amou a Tamar, pois no instante fatal ele interrompeu o ato, lançando seu sêmen sobre a terra.

– Por que fez isto? – disse ela, erguendo-se do leito, furiosa.

Onã nada disse e retirou-se, deixando Tamar a sós com sua decepção.

A cena repetiu-se outras vezes, até que a maldição divina recaiu também sobre Onã, fazendo-o descer à casa dos mortos.

Diante dessa segunda morte quase miraculosa, Tamar convenceu-se, afinal, de que Deus estava ao seu lado.

– Ainda resta Sela – disse ela, lembrando-se do terceiro e último filho de Judá.

Tão logo Onã baixou à sepultura, a viúva negra procurou novamente o sogro.

– Judá, dê-me seu último filho, Sela, para que eu possa gerar uma descendência.

Desta vez, porém, Judá mostrou-se reticente, pois, tendo perdido já dois filhos às mãos daquela mulher de mau agouro, temia muito vir a perder o último.

– Sela é muito jovem para casar-se – disse ele, desconversando. – Fique na casa de seu pai até que ele tenha idade bastante para unir-se a você.

Tamar, não encontrando outro jeito, fez o que o sogro dizia.

Um, dois, vários anos se passaram, e nada de Sela vir procurá-la.

– Basta de paciência, Tamar – disse ela para si mesma.

Depois de procurar novamente a Judá, sofreu nova decepção.

– Espere mais um pouco – disse ele, tentando despachá-la.

Mas ela não queria esperar mais um pouco, e tratou logo de imaginar um plano para ganhar a sua tão sonhada descendência.

– Não estou interessada em Sela – disse Tamar, com decisão.

Seu objetivo, agora, era o próprio Judá.

Todas as vezes que os caminhos da bela Tamar pareciam truncados, a mão do Senhor surgia, lançando para fora o escolho. Tamar teve essa certeza quando uma terceira morte veio trazer-lhe a confirmação.

Dessa feita fora a mulher de Judá quem falecera.

“O Senhor Deus age novamente!”, pensou Tamar.

Passado o luto por sua esposa, Judá foi à região de Tamna com seu amigo Hira de Odolam, para a tosquia das ovelhas. Tamar, informada alguns dias antes do projeto de seu ex-sogro, decidiu que chegara a hora e partiu na mesma direção.

Quando Judá passava pela entrada do povoado de Enaim, viu sentada sob a sombra de um alpendre uma mulher, cujo véu denunciava seu ofício.

– Vamos – disse Judá, parando ao pé dela.

– O que me dá? – disse ela, sem descobrir o rosto.

– Eu lhe mandarei, mais adiante, um cabrito de meu rebanho.

– Quero uma garantia.

– Que espécie de garantia?

– O sinete, o cordão e o bastão que traz em sua mão.

Judá entregou os objetos à mulher, pois estava muito interessado nela.

Dali a instantes, Judá estava nos braços da desconhecida do véu, e do amor que fizeram resultou que ela ficou grávida.

– Adeus – disse ele, vestindo-se. – Logo o cabrito lhe chegará às mãos.

Judá encarregou seu amigo Hira de levar o pagamento combinado à mulher, no mesmo local em que a havia encontrado.

– Onde está a mulher que faz a vida sob este alpendre? – perguntou Hira a um passante.

– Não existe prostituta alguma em Enaim – disse o sujeito, ofendido.

Hira retornou até Judá e lhe repetiu o que o sujeito dissera.

– Então em Enaim não há mulheres – disse Judá, com uma ironia séria. – Muito bem, esqueçamos então a tal prostituta antes que o assunto caia no ridículo.

O tempo passou e Judá já havia retomado normalmente a sua vida quando um dia um terrível escândalo estourou.

– Judá, a sua nora está grávida! – disse Hira, com raiva.

– Tamar... *grávida*? – disse Judá, incrédulo.

– Sim, ela não passa de uma rameira imunda!

Logo outras vozes vieram juntar-se à de Hira, exigindo a punição de Tamar:

– Que seja apedrejada! Que seja queimada! – bradavam.

Tamar foi retirada de sua tenda. Seu ventre, inchado de três meses, já não podia ocultar o crime.

– Prostituta! – gritaram-lhe, em meio às cuspidas e aos assovios.

Tamar, entretanto, impassível em meio ao coro, tirou do seio dois pequenos objetos, enquanto erguia com a outra mão um bastão.

– O pai da criança é o dono destas três coisas – disse ela, com serena impassibilidade. – Que o dono delas responda pela minha vida.

Trouxeram até Judá os objetos e imediatamente ele os reconheceu como

sendo os seus. Com o rosto escarlate, anunciou o fato à multidão.

– Sou o pai desta criança – disse ele, grandemente vexado. – Tamar foi mais honesta do que eu, pois não lhe dei meu filho Sela para marido, conforme manda a lei.

Tamar foi deixada em paz e pôde retornar à sua tenda. Naturalmente que pagou um preço alto por sua ousadia. Sabia que havia perdido para sempre a respeitabilidade e que nunca mais pessoa alguma da tribo lhe dirigiria a palavra.

Decidida apenas a gerar seus dois filhos – pois eram gêmeos que ela abrigava em seu ventre –, Tamar ignorou olímpicamente a malta dos murmuradores. Agora ela fazia parte do ramo nobre da árvore do Senhor e nada mais tinha a tratar com a “escumalha”. Verdade que fora obrigada a fazer, de uma maneira não muito piedosa, o enxerto no tronco sagrado. Mas Deus, que inequivocamente encaminhara tudo para aquele desfecho, daria um jeito também de santificar o fruto do seu pecado.

Tamar estava grávida de gêmeos, está dito. E este fato era mais uma prova de que a mão poderosa de Deus andava naquilo tudo.

“Gêmeos, como os filhos de Isaac”, pensou ela. “Deus é grande, nada é por acaso.”

Antes, então, de lançar ao mundo os frutos do seu ventre, tratou de ordenar à parteira que cuidasse bem para ver qual dos dois se daria a ver primeiro.

– Importa muito saber isso, pois tal será o primogênito – disse, decidida a evitar equívocos.

Durante o parto, a parteira esteve de olho arregalado a espiar a porta por onde os dois bebês lutavam para atravessar primeiro. E eis que uma minúscula mãozinha surgiu. Rapidamente a parteira atou nela um pequeno laço vermelho, antes que ela retornasse para a cálida escuridão dos não-nascidos.

– De todo jeito, este foi o primeiro a sair – disse a parteira à sua senhora. Tamar reclinou a cabeça e aguardou.

Dali a instantes surgiu, em definitivo, o primeiro dos dois.

– É o segundo que sai em primeiro – disse a parteira a Tamar.

Este se chamou Farés, cujo nome quer dizer “brecha”.

Logo depois veio o último, com o laço atado ao pulso.

– É o primeiro que sai em segundo – disse a parteira a Tamar.

Este se chamou Zara, cujo nome evoca a cor vermelha.

O Senhor, no entanto, não aprovou o arranjo, e fez com que a descendência nobre recaísse sobre Farés. De sua descendência surgiram nada

menos que dois reis (Davi e Salomão) e um deus (Jesus, o filho putativo de José). Quanto a Tamar, teve, de fato, seu nome registrado para sempre na genealogia de Jesus (Mt 1.3).

DO ÊXODO

19. NASCIMENTO E MISSÃO DE MOISÉS

José do Egito, o hebreu que se tornara todo-poderoso entre os egípcios, já havia morrido há muito tempo. Fora ele quem levava os judeus para as terras do Faraó, salvando-os da fome que se instalara em Canaã. Seus irmãos também já haviam desaparecido e agora eram seus descendentes que viviam no Egito.

Entretanto, se nos dias de José o povo hebreu era bem tratado, muito diferente passou a ser no período que antecedeu o nascimento de Moisés, o seu futuro libertador. O número dos descendentes de Abraão havia aumentado tanto que o novo Faraó tornara-se incomodado com sua presença.

– Logo começarão as revoltas – disse um dia o Faraó a seus conselheiros.
– Além do mais, os hebreus podem resolver aliar-se a nossos inimigos em caso de guerra, o que nos levaria à derrota certa.

Decidido a exterminar aquela população imensa de estrangeiros dentro do seu território, o Faraó impôs aos judeus o trabalho forçado.

– Que trabalhem até a morte.

Chegara a hora da escravidão para os filhos de Abraão, como tantas vezes fora profetizado. Colocados sob o jugo do chicote, os hebreus viram-se obrigados a construir, sob as condições mais exaustivas e desumanas, as cidades de Píton e Ramsés, além de realizar toda espécie de tarefa vil nos campos e nas cidades.

Entretanto, quanto maior era o peso que se punha às costas deles, mais eles cresciam e se multiplicavam, conforme o preceito do seu deus.

– Agora basta – exclamara o Faraó, ao constatar o recrudescimento da ameaça.

Depois de refletir longamente, o soberano egípcio mandou chamar ao seu palácio Sefra e Fua, as duas principais parteiras dos egípcios.

– A partir de hoje – disse o Faraó –, sempre que uma hebréia estiver para dar a luz, vocês deverão estar atentas. Se for menino o produto de seu ventre, deverá ele ser morto incondicionalmente. Se for menina, poderá viver.

Evidentemente que não eram apenas Sefra e Fua as duas únicas parteiras em todo o Egito. Elas foram encarregadas de expedir essa ordem a todas as demais colegas, encarregadas de ajudarem as israelitas a dar à luz.

Mas as duas parteiras não se sentiram nem um pouco à vontade com a ordem.

– Em vez de ajudarmos a dar à luz as crianças, ajudaremos agora a dá-las às trevas? – disse Sefra a Fua, inconformada.

Passou-se algum tempo e o Faraó notou que, ao contrário do que esperava, o número de judeus aumentava dia a dia. Furioso, mandou chamar as duas parteiras.

– Idiotas! – exclamou ele. – Por que deixaram viver os meninos?

– Perdoa-nos, Grande Faraó! – disse Sefra. – Acontece que as mulheres hebréias são muito mais fortes e ágeis do que as nossas, de modo que quando uma das parteiras chega para fazer o parto, elas já estão com os bebês aninhados nos braços.

A verdade é que as parteiras, sugestionadas por Séfra e Fua, ignoravam a ordem do Faraó, permitindo que os meninos vivessem, tomadas que estavam pela piedade (que os judeus atribuíam ao temor que elas tinham pelo seu deus).

Então o Faraó decidiu radicalizar.

– A partir de hoje todos os meninos israelitas recém-nascidos serão lançados ao rio. Quem descumprir minha ordem será morto sob a acusação de insubordinação.

Quando essa notícia chegou aos ouvidos dos hebreus, foi grande o terror que se apossou de suas almas. Logo o Nilo tornou-se coalhado de pequenos corpos inocentes a boiarem tristemente.

Por essa época uma mulher hebréia da tribo de Levi, chamada Jocabed, deu à luz um menino. Inconformada com a obrigação de ter de lançá-lo às águas, a mulher manteve-o escondido durante três meses. Mas era impossível mantê-lo ocultado para sempre.

– Miriam! – disse Jocabed, chamando sua filha mais velha. – Não posso mais esconder o pobrezinho.

– O que faremos, então? – disse a garota, tão aflita quanto a mãe.

A mulher surgiu, então, com um cesto feito de papiro.

– Vamos colocá-lo aqui dentro e lançá-lo ao Nilo – disse a mãe.

A pequena Miriam ficou horrorizada.

– Mas é o mesmo que seguir as ordens do perverso Faraó!

– Vou colocá-lo no local onde a filha do Faraó costuma banhar-se todas as manhãs – disse a mulher. – Dizem que ela é uma moça de bom coração. Pode ser que ao encontrá-lo sinta piedade e lhe dê um destino feliz.

Depois de calafetar o cesto com betume e piche, Jocabed introduziu a criança no seu interior. Durante a noite ela rumou silenciosamente para as margens do grande rio, levando consigo o precioso receptáculo. Miriam seguia logo atrás, observando tudo atentamente sob a luz do luar. Logo ambas estavam metidas no meio dos juncos, sentindo bater-lhes pelo corpo as cilíndricas protuberâncias das plantas.

– Acho que aqui está bom – disse a mãe do pequeno garoto, que dormia inocentemente no fundo do cesto.

Com todo o cuidado, ela depositou o cesto em meio aos juncos.

– Adeus, meu menino! – disse Jocabed, com lágrimas nos olhos. – Que Deus o proteja, iluminando o coração da princesa.

A mãe afastou-se, enxugando as lágrimas com o véu. Miriam, porém, decidiu ficar, pois tinha um plano ainda melhor para o pequeno irmão, o qual, caso desse certo, poderia trazê-lo de volta para os braços da mãe. Determinada a levar o plano até o fim, ela esperou, oculta entre os juncos, que a noite se acabasse, enquanto um balanço suave mantinha o cesto a oscilar permanentemente, como um berço flutuante, favorecendo o sono do seu pequeno ocupante.

Quando o sol lançou sobre o Nilo os seus primeiros raios, Miriam, exausta da vigília, estava adormecida sobre o chão. Dentro do cesto, porém, acontecia justamente o inverso com seu pequeno ocupante, pois embora tivesse os olhos protegidos parcialmente pelos caniços ondulantes, nem por isso os tinha inteiramente a salvo dos raios do sol. Feridos pelos primeiros estilhaços de luz, os olhos do bebê abriram-se repentinamente. Um amontoado de formas esguias e compridas agitava-se suavemente acima de si, tendo por fundo uma vasta tela azulada, enquanto o suave balanço continuava a agitar seu improvisado berço. Para quebrar a monotonia que pudesse introduzir-se nesse pequeno idílio aquático, de vez em quando surgia algum pequeno inseto que vinha pousar sobre a borda do cesto. Com os olhinhos fixos no estranho e minúsculo ser, o bebê

observava atentamente o percurso que ele fazia ao longo da borda, contornando quase todo o cesto, até alçar um vôo repentino para nunca mais reaparecer.

De repente, porém, o menino sentiu um ligeiro baque abaixo de si, e num segundo a grande tela diante dos seus olhos começou a mudar. Os fios verdes e compridos praticamente desapareceram, dando lugar a algumas manchas brancas de diversas formas, que se alternavam sucessivamente sobre o fundo azul.

O cesto rodava – sim, positivamente rodava! – em direção a qualquer coisa.

Enquanto isso, o seu inerte ocupante podia escutar alguns ruídos vindos de fora. No começo, eram apenas piados de pássaros, mas logo misturaram-se a eles vozes humanas, alguns gritos esparsos e muitas risadas.

– Nossa, como está gelada, hoje, esta água! – disse uma voz feminina.

No mesmo instante em que escutou esse som, os olhos do garotinho arregalaram-se nas profundezas do cesto. Pela sua mente passou, como num relâmpago revelador, o retrato de um rosto essencial. E foi somente então que ele descobriu que faltava uma coisa fundamental naquele paraíso: a sua mãe.

Esquecido já de tudo, o pequeno ser começou a mexer-se inquietamente dentro do cesto. Já não o interessavam mais insetos, nem céu azul, nem nuvens que mudavam de forma e tamanho. Com o retrato poderoso da mãe na mente, ele estava cego para tudo o mais, e como a imagem estava associada diretamente ao alimento, logo começou a sentir uma fome terrível que em poucos minutos evoluiu para o desespero. No mesmo instante, as comportas das suas minúsculas glândulas lacrimais foram abertas, e sua voz, liberada do túnel onde estivera aprisionada até então.

O alarido das vozes humanas logo cessou, restando apenas o choro potente do pequeno e solitário navegador. Um ruído de água sendo espanejada chegou aos seus ouvidos, até que viu surgir acima de si a cabeça de uma mulher.

Com os olhos ainda úmidos das lágrimas, foi difícil, a princípio, distinguir de quem se tratava. Mas, apesar da imagem ainda desfocada, podia perceber nitidamente que a criatura possuía cabelos compridos, como os da sua mãe, e que sua voz dizendo “Vamos, venham ver o que achei!” também era muito parecida com a dela.

Um sorriso franco imediatamente suspendeu as bochechas rosadas do menino, que, no entanto, foram aos poucos novamente caindo, à medida que ia descobrindo que, apesar da semelhança, ainda não estava diante da sua mãe.

– É um bebezinho! – disse a mulher.

– Deve ser dos hebreus – disse outra voz. – Eles estão por toda parte.

Então a mulher – que outra não era senão a filha do Faraó, que ali estava a banhar-se desde muito cedo – pegou o bebê nos braços, retirando-o do seu cesto. O garoto, apesar de não reconhecer naquela mulher a sua mãe, nem por isso deixou de perceber que ela tinha à mostra algo muito importante que a sua mãe também possuía, e por isso estendeu logo sua mãozinha até tocar no seio da princesa.

– Oh, pobrezinho! – disse ela, defendendo-se. – Está com fome!

Miriam, a irmã do garoto, acordou com toda a balbúrdia e a primeira coisa que enxergou foi a princesa, cercada por suas aias, a carregar o irmão no colo. Sem pestanejar, lançou-se naquela direção, até estar diante dela.

– Grande princesa, filha do Faraó – disse Miriam, de olhos postos no chão. – Se vossa alteza quiser, posso arrumar uma mulher hebréia que amamente esta criança.

– Está bem – disse ela, satisfeita. – Eu tomarei sob a minha guarda tão logo ela esteja desmamada.

No mesmo instante, Miriam correu até Jocabed para lhe dar a boa notícia. Não demorou muito e ambas estavam de volta.

– Eis a mulher, grande princesa – disse Miriam, procurando ocultar a euforia.

A filha do Faraó estudou bem a mulher para ver se servia para a incumbência.

– Parece perfeitamente adequada – disse a princesa, provando que tinha um olho verdadeiramente clínico para as coisas da maternidade. – Mas antes que se vão, deixem-me dar-lhe um nome, já que sou, desde já, a sua mãe.

A filha do Faraó esteve algum tempo pensando, até que finalmente decidiu-se.

– Moisés – disse ela. – Tal será o seu nome, pois que o retirei de dentro das águas.

Moisés, em hebreu, quer dizer “retirado”, e em egípcio, “filho de”.

E assim o pequeno Moisés, depois de ter sido criado nos primeiros anos por sua própria mãe, foi entregue depois aos cuidados da filha do Faraó, crescendo e tornando-se adulto em plena corte dos egípcios.

Criado no luxo da alta sociedade egípcia, Moisés esteve longo tempo impedido de vivenciar o drama que pesava sobre seus irmãos sob o regime

despótico do Faraó. Nem por isso deixou de sentir, ainda que de maneira velada, o preconceito que advinha do fato de pertencer a uma raça execrada por “todo bom egípcio”. Ele sabia que, apesar da consideração artificial que muitas vezes alguns figurões da corte lhe rendiam, jamais seria alguém naquele meio. Os dias de glória de José do Egito, seu famoso antepassado, pertenciam ao passado. Os judeus, agora, representavam uma ameaça permanente ao império – um câncer em desenvolvimento que precisava ser cauterizado a qualquer preço.

Então, um dia, Moisés teve um encontro que mudaria a sua vida. Estava andando por entre um canteiro de obras no qual seus irmãos israelitas se esfalfavam, quando deparou-se, num lugar afastado, com uma cena revoltante. Um feitor egípcio, de chicote na mão, surrava impiedosamente um escravo judeu.

– Vamos, preguiçoso! – dizia ele, fazendo zunir o látigo sobre as costas do escravo. – Vou lhe ensinar, verme hebreu, a não usar de fingimento para fugir ao trabalho!

O chicote curto subia e descia numa cadência rápida e implacável, arrancando espirros de sangue da pele esfolada do ser humano caído.

Não podendo suportar aquela cena aviltante, Moisés olhou para os lados para ver se havia alguma testemunha próxima. Depois, sacou de seu punhal e avançou decididamente para o feitor.

– Deixe-o em paz, covarde! – disse, tomado pela cólera.

O feitor voltou-se, arquejante, para Moisés, no qual reconheceu logo outro hebreu. Embora pudesse ver pelo traje do seu oponente que este não era um escravo qualquer, ainda assim decidiu tratá-lo como tal.

– Guarde esta faca, hebreu maldito, ou vou cobri-lo também de chicotadas! – disse ele, avançando para Moisés.

Moisés investiu na direção do feitor e ambos atracaram-se numa luta corporal. Aproveitando-se de um descuido do adversário, Moisés enterrou-lhe a faca na garganta. Só depois de ver o corpo inerte do egípcio, deu-se conta da gravidade do que fizera.

– Matei um egípcio! – disse ele, sentindo que selara seu destino.

Jamais Faraó algum admitiria que um hebreu, fosse quem fosse, assassinasse um egípcio.

Depois de constatar a morte do feitor, Moisés voltou os olhos para o local onde estava anteriormente caído o escravo. Mas, para sua surpresa, não havia mais ninguém ali. Quase em desespero, Moisés voltou-se para todos os lados para ver se o avistava. Precisava falar-lhe e pedir-lhe descrição. Mas por mais

que procurasse, não pôde encontrá-lo.

Então tratou de cavar na areia, com suas próprias mãos, um buraco para ocultar o corpo do feitor assassinado, fugindo às pressas do local.

Nos dias seguintes, viveu em angustiosa apreensão. Por onde andasse podia sentir – ou seria sua imaginação? – todos os olhos postos sobre si.

“Certamente alguém já terá dado pela falta do feitor”, pensava, caminhando solitariamente, quando escutou novo altercar de vozes. Dessa vez deparou-se com dois hebreus discutindo por causa de uma ninharia qualquer. Um deles esmurrava violentamente a cara do outro, o que fez brotar novamente em Moisés aquele mesmo desejo de intervir para fazer cessar a querela.

– Vamos, parem já com esta briga estúpida! – disse com autoridade.

O agressor parou por um instante e encarou Moisés com o ódio estampado no rosto.

– Ora, é o maldito protegido da princesa! – disse, debochando. – Quer ser juiz, agora, de todos nós? Vai condenar-me a morte, também, como fez ao egípcio?

Moisés sentiu um medo terrível descer sobre a sua alma. “Então já sabem!”, pensou ele.

Sem tempo para verificar se aquele homem era o mesmo que testemunhara o seu crime, Moisés deu as costas aos dois e foi refugiar-se em casa. Mas já ali haviam chegado também os primeiros rumores acerca do seu crime.

– Moisés – disselhe alguém, em segredo. – Tome as suas coisas e desapareça do Egito, pois o Faraó já sabe do crime e pretende puni-lo com a morte.

Na mesma noite, ele deixou para sempre o palácio luxuoso que habitava. Acabara, definitivamente, a vida de protegido do Faraó. Doravante, até a sua morte, teria de viver sob tendas improvisadas, exposto às intempéries do deserto. Moisés voltava a ser o que sempre estivera destinado: um pária judeu.

Durante uma noite inteira Moisés errou pelos desertos da Arábia, até chegar a Madiã, uma cidade situada próxima do golfo de Akaba. Tendo sido fundada, provavelmente, por Madiã, filho de Abraão e sua segunda mulher, Cetura, era habitada pelos madianistas, tribo nômade com a qual os judeus haveriam de desavir-se muitos anos depois, para se estabelecerem na terra

prometida.

Dessa feita, no entanto, Moisés estava destinado a ter um feliz encontro com aquela gente. Após chegar à beira de um poço – tal como Jacó o fizera num dia distante, fugindo também de um ato equívoco que lhe pusera a vida em risco –, Moisés sentou-se para descansar e beber um pouco de água fresca.

De repente, o fugitivo foi brindado com uma visão que parecia mais um delírio provocado pela sede. Sete lindas jovens avançavam para o poço com seus cântaros coloridos, dando uma nota alegre àquela manhã.

Moisés pôs-se em pé, respeitosamente, cedendo lugar às jovens.

Mas nesse instante chegou também um grupo ruidoso de pastores, que pareciam desconhecer completamente o significado da palavra cortesia.

– Saíam daqui com seus cântaros! – disse o mais ignorante deles. – Primeiro vamos dar de beber aos nossos animais.

Moisés, sentindo outra vez a ira enrijecer-lhe as veias do pescoço, tomou a frente dos tais pastores.

– Elas chegaram antes – disse ele, enfrentando o atrevido. – Não recebeu educação de seus pais, condutor de ovelhas?

Intimidados pela autoridade do forasteiro, os pastores acabaram cedendo a vez às mulheres, que se aproximaram alegremente do poço.

– Deixem que eu encha os seus cântaros – disse Moisés, tomando a dianteira.

E assim não só encheu os recipientes como ainda deu de beber aos animais das sete jovens, que ficaram encantadas com o cavalheirismo do jovem e audaz hebreu.

Feito isso, elas partiram, agradecendo-lhe muitas vezes, até retornarem à casa de seu pai, um certo Jetro, sacerdote de Madiã.

– Por que voltaram tão cedo? – disse ele.

– Um forasteiro fez o serviço por nós, além de nos ter defendido de alguns pastores mal-educados – disse Séfora, uma das filhas de Jetro, e que parecia a mais entusiasmada do grupo.

Jetro mostrou-se muito interessado em saber quem era o tal forasteiro.

– Tragam-no até mim – disse. – Preciso recompensá-lo de alguma maneira.

E desse modo Moisés ficou conhecendo aquele que viria a ser o seu futuro sogro, pois passado algum tempo Jetro lhe deu sua filha Séfora em casamento. Dessa união veio ao mundo Gérson, o primeiro filho de Moisés, cujo nome provinha do hebraico “ger”, que quer dizer “estrangeiro”.

Moisés e sua família viveram em paz durante muitos anos. Nesse período, o Faraó havia morrido e, embora outro o houvesse sucedido, nem por isso as coisas haviam melhorado no Egito para os judeus. E tantos eram os gemidos que exalavam os filhos de Abraão que o deus hebraico finalmente apiedou-se do seu povo e pôs seus olhos sobre o filho de Jocabed. Deus decidira que era chegada a hora de ter o primeiro de muitos encontros com Moisés.

Foi numa manhã clara que Moisés deixou a sua casa para levar as ovelhas do sogro até o monte Horeb, ou Sinai, como é mais conhecido. Após despedir-se da esposa e do filho, ele desapareceu no rumo do distante Sinai. Um imenso descampado plano e amarelado descortinava-se à sua frente. As ovelhas espalhadas ao seu redor podiam desgarrar-se à vontade que ainda assim o pastor as enxergava, sem medo de vir a perder um único animal.

Quando o sol havia alcançado o zênite, Moisés alcançou o sopé do monte. Iluminado por uma luz plana, o monte parecia misturar-se à própria paisagem, como se tudo – até mesmo o pastor e suas ovelhas – fizesse parte de uma mesma unidade densa e sufocante. Após subir uma encosta suave, Moisés notou que suas ovelhas pareciam subitamente agitadas.

– O que houve, Manhosa? – disse, afagando o pêlo espesso de um dos animais.

Então percebeu que pouco mais adiante ardia um arbusto.

– Qual é o problema? – disse ele, tentando acalmar as ovelhas. – É só uma velha sarça a arder.

Moisés ia passando ao largo quando percebeu, no entanto, que por mais que a moita ardesse, jamais se consumia. Intrigado, já deixara para trás as ovelhas e ia se aproximando do estranho fenômeno, quando foi surpreendido por uma voz que partia do meio das chamas.

– Moisés! Moisés! – dizia a voz, com insistência.

O pastor aproximou-se, de maneira ainda reticente.

– Sou eu – disse ele, colocando timidamente a mão sobre o próprio peito.

– Não avances mais sem antes tirar as sandálias – disse a voz. – Este terreno é sagrado!

Moisés estacou, sem mover um único músculo. Permaneceu com o pé direito suspenso no ar, apoiando-se ao bordão que trazia consigo. Logo em seguida desatou as tiras e descalçou seu pé direito, fazendo o mesmo com o outro.

– Agora avança – disse a voz, tão firme que não havia meios de desobedecê-la.

Moisés, descalço, aproximou-se cautelosamente da sarça – que permanecia a queimar como se o incêndio houvesse começado naquele exato instante –, até que a voz finalmente revelou quem se ocultava por trás do brilho das chamas.

– Eu sou o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó! Tomei conhecimento da aflição que oprime o teu povo, e que também é o meu.

Moisés, assustado, cobriu o rosto, temendo que algo de ruim lhe acontecesse se continuasse a olhar para o seu deus como um homem olha para outro.

– Decidi livrar meu povo da escravidão no Egito e levá-lo de volta à terra que prometi a Abraão – continuou a dizer o Senhor. – Lá o leite e o mel correm livremente e sujeição alguma há de pesar sobre o meu povo.

Moisés limitava-se a escutar atentamente.

– Vai até o Faraó e diz a ele que deixe partir os judeus do Egito; depois traze-os a este mesmo lugar para que me seja feita uma oferenda.

– Mas quem sou eu, Senhor, para que o Faraó me ouça?

– Nada temas, pois estarei ao teu lado.

– E como os meus irmãos saberão de que deus lhes falo?

– Diga aos anciãos de Israel que vem da parte de YHWH (Eu Sou Quem Sou), pois eu fui, sou, e serei para sempre o seu deus.

Logo depois deu outras instruções para que Moisés soubesse como agir diante do Faraó quando este quisesse conhecer o poder do deus de Israel.

Quando terminou de falar, a sarça deixou também de arder, permanecendo viçosa como sempre fora.

Moisés reuniu apressadamente os animais e tomou o caminho de casa, para devolvê-los ao sogro. Sabia que deveria partir novamente, o mais breve possível, desta vez não com a missão singela de guiar ovelhas de um lugar para outro, mas de conduzir seu próprio rebanho em direção à liberdade.

20. AS DEZ PRAGAS DO EGITO

Moisés, a princípio relutante quanto à sua capacidade em cumprir a missão, foi instruído por Deus para procurar seu irmão Aarão, que ainda vivia no Egito, a exemplo de sua irmã Miriam. Três anos mais velho do que Moisés, Aarão era o homem indicado para convencer os hebreus.

– Falarás pela boca de Aarão – dissera Deus a Moisés, pois este temia não ter aptidão para a oratória.

Depois de despedir-se do sogro, Moisés tomou sua esposa e seu filho e voltou para o Egito. A primeira coisa que fez ao chegar lá foi procurar o irmão.

– Moisés, você de volta? – disse Aarão, ao mesmo tempo feliz e preocupado.

– Sim, uma força superior impeliu-me a retornar – disse Moisés, com o semblante firme e decidido.

Aarão, sem suspeitar da grandiosidade dos planos do irmão, ficou observando-o com preocupação cada vez maior.

– O Senhor mandou-me com a ordem de libertar nosso povo – disse Moisés.

E passo a passo foi explicando a sua missão, até conseguir convencer o irmão da verdade de suas palavras, e só depois é que ambos rumaram ao conselho dos anciãos de Israel para que esses também tomassem conhecimento do que o seu deus pretendia fazer para livrá-los da sujeição egípcia.

Custou ainda outro tanto, mas finalmente todos ficaram convictos da veracidade das palavras de Moisés, principalmente depois de presenciarem certos pequenos prodígios que Deus ensinara ao seu enviado e que ele deveria repetir mais tarde na presença do Faraó.

Moisés ainda descansou alguns dias – pois, além da estafa natural da viagem, trazia ainda a febre de uma operação improvisada que tivera de realizar no meio do deserto. Deus surgira, de repente, decidido a matá-lo, pois descobrira que Moisés era ainda incircunciso. Séfora, entretanto, aplacara a ira divina ao fazer a operação em seu filho e sugerir que o esposo logo faria o mesmo. Somente então Deus o deixara prosseguir, pois a oblação do prepúcio era o sinal da aliança que o Senhor firmara outrora com Abraão, o patriarca supremo dos

hebreus.

Alguns dias depois, ambos rumaram para o palácio do soberano egípcio. Moisés era já um velho de oitenta anos, e seu irmão tinha três a mais. Admirado da audácia do hebreu, o Faraó mandou que ambos fossem levados imediatamente à sua presença.

– O que querem, velhos hebreus? – disse o Faraó, em tom cavernoso.

Aarão, que tinha melhor o dom da palavra, respondeu:

– Queremos pedir, Faraó, permissão para que nosso povo possa ir oferecer uma oferenda ao nosso deus no deserto, pois assim ele nos ordenou.

– O que está dizendo? – falou o Faraó, quase incrédulo.

– Estou repetindo o que o Senhor nos disse: “Deixem tudo e partam para o deserto, a três dias de caminhada, para que ali me façam uma oferenda”.

– Querem que seu povo abandone o trabalho para ir passear no deserto e lá fazer festas, é isto? – disse o Faraó, sardonicamente. – Vamos, dêem meia-volta e retornem às suas tarefas!

Moisés e Aarão foram despedidos da presença do Faraó, que mandou chamar imediatamente um de seus ministros.

– Esses escravos andam sem ter o que fazer – disse ele. – De hoje em diante determine que os hebreus recolham eles mesmos a palha com a qual deverão fazer os tijolos. Mas atenção: nem por isso a produção deverá diminuir! Desse modo deixarão de pensar em festas no deserto e outras frivolidades.

Começou, então, para os judeus, um período de nova e mais dura provação. Obrigados a fazer como o Faraó determinara, os escravos viram aumentados seus trabalhos e também os castigos, já que não conseguiam recolher a palha e preparar os tijolos sem provocar um decréscimo na produção.

Com as costas lanhadas pelos açoites, os capatazes judeus foram até Moisés e Aarão fazer-lhes amargas queixas.

– Aí está o que ganhamos com suas idéias de fuga do Egito! – disse um deles. – Agora temos trabalho e açoites redobrados!

Moisés, sem ter o que dizer, afastou-se e foi queixar-se ao seu deus.

– Meu Deus, por que maltratas o teu povo? Fiz o que mandaste e tudo resultou em mais opressão e nenhuma libertação!

Então o Senhor lhe respondeu:

– Nada temas. A partir de agora farei com que o Faraó conheça meu poder e seja, finalmente, coagido a deixá-los partir. Volta à presença do Faraó e faz diante dos seus olhos aquilo que já lhe ensinei. Não imagines, porém, que a coisa se dará já desta vez, pois endurecerei o coração do Faraó para que ainda agora

não os permita partir.

Moisés era um homem de fé, e, mesmo sabendo que dessa visita nada resultaria – já que o próprio Deus afirmara que endurecer o coração do Faraó era um de seus propósitos –, lá se foi com o irmão até o soberano empedernido.

– Deixe nosso povo partir, pois assim quer o poderoso deus de Israel – disse Moisés, pela boca de Aarão.

– Poderoso? – disse o Faraó. – Onde está a prova do seu poder?

Aarão pegou, então, a vara que Moisés trazia nas mãos e lançou-a ao chão. No mesmo instante ela transformou-se numa enorme serpente.

Entretanto, o rosto do Faraó permaneceu impassível.

– É só esse truque vulgar o que o seu deus tem a exhibir? – disse, com desprezo.

No mesmo instante mandou chamar seus magos, que entraram no salão com grande pompa.

– Vamos, repitam o conhecido truque do cajado que vira serpente – disse o Faraó, em tom de mofa.

Os magos ergueram seus bastões, balançando as cabeças com um sorriso de superioridade, e os arremessaram logo em seguida sobre o mármore polido. Instantaneamente, os cajados converteram-se em outras tantas serpentes.

– Aí está – disse o Faraó, com profundo desprezo. – Seu deus poderoso não passa de um mago de feira.

Porém, nem bem o Faraó havia terminado de fazer a sua troça quando a serpente de Moisés avançou sobre as demais e engoliu-as uma a uma.

Os magos entreolharam-se, assombrados, e o próprio Faraó hesitou por alguns instantes, antes que seu coração tornasse a endurecer pela vontade divina.

– Tudo isto é muito bonito, mas ninguém sairá do Egito – disse, encerrando a entrevista.

Moisés e Aarão retiraram-se, desgostosos, mas na mesma noite o Senhor tornou a aparecer ao primeiro, dizendo-lhe: – Retorna amanhã ao Faraó e faz o que ordeno.

No dia seguinte começaram a desabar, uma a uma, as dez pragas do Egito.

Era uma linda manhã de sol. O Faraó e sua comitiva acabavam de deixar o palácio para ir até o Nilo sagrado, onde pretendiam embarcar para uma viagem, quando depararam-se com Moisés e seu irmão Aarão.

– Vocês dois de novo! – exclamou o Faraó, ao avistá-los.

– O Senhor nos remeteu de volta à sua presença – disse Moisés –, com a ordem para que deixe partir nosso povo para o deserto.

– Ah, é? – disse o Faraó, com desdém. – E por que deveria? Qual é o novo truque que tem para apresentar?

Aarão ergueu, então, o cajado de Moisés, e o encostou nas margens do Nilo. Instantaneamente, suas águas tornaram-se tintas de sangue, em toda a extensão. Os peixes subiam à tona, todos mortos, e não só ali, mas em toda parte. Na verdade, não havia uma única poça em todo o Egito que não tivesse se transformado em sangue, prodígio espantoso que aterrou a população inteira, menos o Faraó, cujo coração havia sido endurecido outra vez pelo Senhor Deus.

– Venham, meus magos – disse ele, num tom enfadado.

Os magos destacaram-se da comitiva, trazendo novamente nos rostos sorrisos de auto-suficiência.

– Repitam o truque do rio que vira sangue – disse o Faraó.

No mesmo instante, os magos ergueram suas varas e repetiram o milagre de Moisés.

– Tudo isto é muito bonito, mas ninguém sairá do Egito – disse o Faraó, dando as costas a Moisés, Aarão e os magos.

Porém, parece que somente as águas emersas do Egito estavam viradas em sangue, já que os egípcios, depois de cavarem poços, conseguiram encontrar água potável para beber, o que salvou a todos de morrerem de sede.

E esta foi a primeira praga: a praga das águas ensangüentadas.

Sete dias depois da conversão das águas em sangue, Moisés e Aarão apresentaram-se novamente diante do Faraó, quando este regressava de sua viagem.

– Mas como! Ainda estão aí? – disse ele, irritado.

– Viemos pedir uma vez mais, em nome do Senhor Deus, que libere nosso povo para que lhe possamos fazer uma oferenda em pleno deserto – disse Moisés, que perdera a vergonha de falar pela própria boca.

– Ah, sim? – disse o soberano. – E se eu não quiser que seja assim?

– Então infestaremos seu país de rãs, de tal sorte que não se dará um único passo em todo o Egito sem que se tropece num desses animais pegajosos.

– Isso eu quero ver – disse o Faraó, descrente.

Então Aarão estendeu outra vez o cajado sobre as águas e no mesmo instante uma legião de rãs começou a emergir não só do Nilo, mas dos rios, lagos, charcos, banhados e pântanos de todo o Egito. Saltitando alegremente, os pequenos anfíbios invadiram as casas, palácios e templos de todas as cidades e vilarejos, à exceção da terra de Gessen, onde viviam os israelitas. Não havia, na verdade, um único recanto oculto de onde eles não saltassem abruptamente na cara dos habitantes do país do Faraó. Este, entretanto, permanecia irredutível, já que Deus havia endurecido outra vez o seu coração.

– Repitam o truque das rãs multiplicadas – disse ele aos seus magos, que não tardaram a levar a cabo a ordem, aumentando de tal sorte o número daqueles animais em todo o Egito que ninguém dava mais um único passo sobre o solo egípcio sem esmagar um desses animais repulsivos.

Entretanto, a situação se tornara tão insuportável com a presença das rãs que mais tarde o Faraó viu-se obrigado a mandar chamar os dois irmãos hebreus.

– Está bem – disse ele –, façam desaparecer as rãs e deixarei que vocês viajem até o deserto, como quer o seu poderoso deus.

Moisés prometeu que no dia seguinte as rãs cessariam de atormentar os egípcios. Depois de acolher as súplicas de Moisés feitas em favor do Faraó, o seu deus fez com que todas as rãs que estavam fora dos rios morressem – o que foi um alívio apenas parcial, pois eram tantas as rãs mortas espalhadas por toda parte que logo um fedor insuportável inundou o Egito inteiro.

De qualquer modo, no palácio do Faraó as coisas já haviam voltado ao normal, e não seria necessário que o deus de Israel lhe endurecesse novamente o coração para que ele recaísse outra vez na mais torva intransigência.

– Tudo isto é muito bonito, mas ninguém sairá do Egito – disse ele a Moisés, tão logo ele foi pedir a autorização para a partida dos seus patrícios.

E esta foi a segunda praga: a praga das rãs.

Depois da segunda negativa, o Senhor decidiu que Moisés não precisaria mais lançar advertências ao Faraó, dando cumprimento imediato às suas pragas.

– Diz a Aarão que estenda seu cajado sobre a poeira do chão – disse Deus a Moisés – para que nova praga desça sobre o Egito inteiro e seu Faraó recalcitrante.

Aarão fez o que Deus ordenara e no mesmo instante em que golpeou o solo ergueu-se dele uma multidão incalculável de mosquitos, como se um vento

houvesse erguido toda a poeira existente no deserto. Era tão grande o número desses exasperantes insetos que logo o céu encheu-se de um zumbido ensurdecedor e as pessoas viram-se atormentadas pelas suas picadas doloridas. Mosquitos bojudos de sangue, porém cada vez mais insaciáveis, percorriam toda a terra do Faraó, atacando pessoas e animais indiscriminadamente.

O Faraó, cercado por quatro escravos a lhe espanejarem os insetos do corpo, determinou a seus magos que repetissem o milagre dos mosquitos, pois queria estar sempre empatado com a divindade dos judeus. Desta feita, porém, não foram eles capazes de repetir o feito, o que desagradou profundamente ao seu senhor.

– Idiotas! – rugiu ele, com a boca cheia de insetos. – Se podem multiplicar rãs, por que não podem fazer o mesmo com reles mosquitos?

Os magos – que estavam com as cabeças cobertas pelos mantos, para se defenderem dos mosquitos – silenciaram, como se não coubesse a eles a resposta.

Então um descobriu levemente o rosto e disse:

– Inequivocamente, há aqui o dedo de Deus!

Ao escutar esse nome o Faraó sentiu o coração endurecer novamente.

– Pois façam saber a esses dois velhacos hebreus que, por mais bonito que seja tudo isso, ninguém sairá do Egito.

E esta foi a terceira praga: a praga dos mosquitos.

No dia seguinte, Moisés e Aarão repetiram a estratégia de pegar o Faraó de surpresa, quando este rumava para o rio.

– Não acredito! – disse ele, enterrando as unhas nas palmas das mãos.

– Deixe que meu povo vá ao deserto prestar culto a Deus – disse Moisés.

– *Não! Não! Não!* – esbravejou o Faraó.

– Se não o fizer, o Senhor mandará à sua terra, e somente à sua, já que a terra de Gessen, onde vivem os judeus, estará excluída, um enxame prodigioso de moscas-varejeiras para atormentar pessoas e animais.

– E quando será isso?

– De amanhã não passará – disse Moisés.

– Então, até amanhã – disse o Faraó, que gostava de pagar para ver.

No dia seguinte, tudo se cumpriu: uma multidão abominável de moscas-varejeiras infestou os céus de todo o Egito, invadindo as casas do Faraó, dos seus

ministros e de qualquer cidadão daquela terra amaldiçoada. Os insetos caminhavam por tudo, deixando atrás de si um rastro de fezes hediondo. Os pratos de sopa cobriam-se de moscas esverdeadas, de tal sorte que não se podia erguer uma colher sem que pelos menos quinze delas estivessem ali ajuntadas, de asas amassadas e meio afogadas.

Completamente tomado pelo nojo, o Faraó mandou chamar imediatamente os autores daquela desgraça.

– Muito bem, permito que façam a oferenda ao seu deus, desde que seja aqui mesmo em solo egípcio – disse ele, tentando contemporizar.

– Isso não é possível – disse Aarão. – Os egípcios apedrejarão nosso povo, pois consideram nossos sacrifícios como abominações.

– O Senhor especificou claramente que deveríamos caminhar três dias no deserto até chegarmos ao local que ele próprio indicaria – acrescentou Moisés.

– Está bem – disse o Faraó, aquiescendo. – Assim seja, desde que não se afastem em demasia de minhas fronteiras. Façam cessar a praga e orem por mim.

Moisés disse que assim seria, e que no dia seguinte não haveria mais uma única mosca-varejeira em todo o Egito. Antes de sair, porém, voltou a cabeça para trás e disse ao soberano, com o cenho franzido: – Esperamos, apenas, que o Faraó não nos engane outra vez.

Sem dúvida, mais que uma advertência, aquilo era uma ameaça.

Mas nem ela pôde contra a dureza de coração do Faraó – uma vez que era patrocinada pelo próprio Deus –, e assim, tão logo a última mosca-varejeira desapareceu dos céus do Egito, o Faraó, mais aliviado, repetiu de novo o seu bordão: – Tudo isto é muito bonito, mas ninguém sairá do Egito.

E esta foi a quarta praga: a praga das moscas-varejeiras.

Novamente Moisés e Aarão retornaram à presença do Faraó.

– O que lhe dissemos da última vez? – falou Moisés, com uma raiva incontida.

– Não me lembro – disse o Faraó. – O que eu disse, porém, me lembro perfeitamente: ninguém sairá do Egito, nem por bem, nem por mal.

– Melhor fará se der ouvidos ao que o Senhor ordena – disse Aarão.

– Sim, abdique de uma vez de sua intransigência e permita que nosso povo vá oferecer uma oferenda a nosso...

– Basta! – disse o Faraó. – Já sei perfeitamente o que querem, mas vocês

fingem não entender que não cederei jamais às suas ameaças!

– O Senhor não desistirá enquanto não fizer o que ele ordena – disse Moisés. – Eis o que acontecerá agora, caso persista em sua teimosia: seus rebanhos serão atacados por uma peste tão devastadora que não restará ao cabo um único filhote de cabra em todo o Egito.

– E isso demorará muito a acontecer?

– Até amanhã, sem falta.

– Até amanhã, também, hebreus – disse o Faraó, dispensando a ambos.

Na manhã seguinte, os bois, ovelhas, cabras e camelos amanheceram cobertos de pústulas totalmente repulsivas aos olhos e ao olfato. Feridas do tamanho de um pêssego negrejavam de vermes, deitando fora um suco leitoso feito de pus azedo e listras de sangue infectado. Em menos de um dia pereceram todos os rebanhos dos egípcios.

Mortos totalmente os rebanhos, o Faraó pensou, então, consigo mesmo:

“Morreu, acabou-se. Foi tudo muito bonito, mas nem por isso judeu algum sairá do Egito”.

E esta foi a quinta praga: a peste dos animais.

Moisés estava em casa. Ligeiramente cansado daquela disputa, preparava-se já para ir dormir, quando a voz de Deus soou novamente aos seus ouvidos.

– Levanta, Moisés, e toma em tuas mãos um punhado de fuligem do forno.

Sem pestanejar, Moisés ergueu-se e rumou seus passos cansados até o forno. Depois de abrir a portinhola, tomou em suas mãos a fuligem espessa.

– Agora sai para fora e lança a poeira aos quatro ventos – disse a voz.

Moisés assim fez e logo a fuligem dispersou-se na direção da casa do Faraó e de todas as outras casas onde havia egípcios, sem que tenha restado um único grão entre os dedos do velho servo de Deus.

No dia seguinte os egípcios acordaram com seus corpos recobertos de pústulas e inchaços doloridos. Os animais também foram acometidos do mesmo mal, em que pese tivessem sido exterminados todos os rebanhos egípcios na praga anterior (Êx 9.6).

Os magos, que haviam desaparecido desde o fracasso da multiplicação dos mosquitos, desta vez também não apareceram, pois estavam com seus corpos cobertos de feridas purulentas, de tal modo disseminadas que seus mantos

recobertos de estrelas fediam mais que a mortalha dos judeus mortos (já que os egípcios eram embalsamados com essências odoríferas).

O Faraó, no entanto, não fora atingido pessoalmente pela praga, e por isso permaneceu insensível às queixas e lamentos dos pesteados.

– Judeu algum sairá do Egito – ordenou, enquanto ao redor todos coçavam desesperadamente as suas feridas.

E esta foi a sexta praga: a praga dos tumores.

Na manhã do dia seguinte, Moisés e Aarão compareceram novamente à presença do Faraó. Este os recebeu uma vez mais, disposto a ver até onde os hebreus levariam a disputa. Moisés, verdadeiramente encolerizado, dirige-lhe estas palavras: – Deixe partir o povo do Senhor Deus, para que lhe preste culto no deserto.

O Faraó lhe responde nestes termos:

– Esta parte já conheço. Adiante.

Moisés, impassível, retoma a palavra.

– Até aqui o Faraó tem sido dispensado de sofrer na própria pele os dissabores das pragas de nosso deus. Mas, cuidado! Não será assim para sempre. Se Deus quisesse, já teria fulminado o Faraó há muito tempo. Se foi poupado, foi apenas para que o mundo tomasse conhecimento do poder do Senhor e tivesse com que celebrar seu nome eternamente. Mas agora ouça: se persistir em sua prepotência contra meu povo, amanhã descerá sobre o Egito uma tal tempestade de granizo que, após sua passagem, não restará viva coisa alguma. Mande recolher pessoas e animais, pois todo aquele que estiver sob a inclemência dos céus perecerá com certeza.

Moisés e Aarão, feita a terrível advertência, retiraram-se. O Faraó espreitou o céu da grande janela central. Nada. Nem uma única nuvem manchava o céu egípcio.

– É o que veremos – diz ele, retomando seus afazeres.

O dia amanheceu escuro como um prolongamento da noite. Relâmpagos iluminavam as trevas. Ainda assim os imprudentes saíram para as ruas, levando consigo seus animais (em que pese Êx 9.6), como se fosse um dia normal. Mas não era um dia normal. Logo uma chuva pavorosa de granizo desceu das nuvens pejadas. Pessoas e animais pereciam pelas ruas e campos, num verdadeiro apedrejamento celestial. Casas e templos se esfarelavam com o vigor das

pancadas das pedras, do tamanho e do peso de enormes batatas. Era o caos.

– Chamem os dois hebreus, pois temos o caos entre nós – diz o Faraó.

Alguém conseguiu romper a chuva de granizos e trazer incólumes até o palácio Moisés e Aarão. O Faraó os aguardava, transido de terror.

– Desta vez passei dos limites – diz o Faraó, assustado. – Por favor, façam com que cessem estas terríveis trovoadas de granizo! Podem partir, podem partir!

– Quando eu tiver saído da cidade – diz Moisés –, estenderei meu bastão e a chuva cessará, embora saiba que o Faraó e seus ministros ainda assim não terão aprendido verdadeiramente a temer o Senhor.

O Faraó admitiu e consentiu tudo, até que a chuva cessasse. Então o Senhor Deus endureceu novamente o seu coração, pois ainda tinha algo para mostrar a ele e a todas as gerações (especialmente algo muito importante acerca de pães e fermentos).

– Que permaneça tudo como antes – diz o Faraó, mais aliviado.

E esta foi a sétima praga: a praga do granizo.

Os judeus permaneciam sob a odiosa sujeição egípcia. Então o Senhor Deus chamou Moisés e lhe disse:

– Vai até o Faraó, pois endureci novamente o seu coração.

Aarão, que escutava a tudo, teve vontade de perguntar ao seu Senhor por que não lhe amolecia o coração em vez de endurecê-lo continuamente. As palavras do Senhor, entretanto, foram explicação suficiente para seus ouvidos.

– Endureci o coração do Faraó para que eu possa operar meus prodígios, os quais servirão de ensinamento e lição às gerações futuras acerca do meu poder e do quão perniciosa pode ser ao homem a recusa em obedecer aos meus decretos.

Aarão curvou a cabeça, reverentemente.

– Agora ouve o que dirás ao Faraó.

O Senhor Deus disse e eles repetiram o seguinte ao Faraó:

– Até quando recusarás a me obedecer? Pois fica sabendo que se até amanhã não liberares meu povo para que me preste o culto devido, farei descer sobre o Egito inteiro uma nuvem de gafanhotos que devastará até o último talo de tuas colheitas.

O Faraó escutou essas palavras e prometeu pensar no assunto. E cumpriu,

de fato, a promessa, pois pensou no assunto até adormecer. Mas para o Senhor Deus não foi o bastante, e por isso uma gigantesca nuvem de gafanhotos adentrou o Egito, tão grande que escureceu o astro luminoso venerado pela idolatria do Faraó. Um grande tapete esverdeado cobriu todas as ruas e o chão das casas, com os insetos saltando uns por cima dos outros e alimentando-se de tudo quanto encontravam pela frente.

Então os ministros do Faraó, fartos de tanta desgraça, clamaram ao soberano:

– Até quando esses hebreus malditos nos atormentarão com suas pragas? Deixe que partam de uma vez para o deserto, antes que nada mais reste em nosso país.

O Faraó refletiu e mandou chamar de volta Moisés e Aarão.

– Ainda bem, aí estão vocês – disse ele. – Desta vez pequei como nunca e seu deus castigou-me com inteira justiça. Perdoem só mais esta vez a minha perversidade e supliquem ao seu deus para que afaste esses insetos detestáveis do meu reino.

Moisés sabia que o Faraó ainda não aprendera a lição, mas foi fazer o que seu deus ordenou:

– Ergue teu bastão e afugenta os gafanhotos do Egito.

Moisés fez o que Deus lhe ordenara. Todos os gafanhotos foram carregados por um forte vento e lançados ao Mar Vermelho, que neste dia tomou uma coloração fortemente esverdeada.

Quanto ao Faraó, teve seu coração novamente endurecido.

– Os gafanhotos saem, mas os judeus ficam – disse ele, empedernidamente.

E esta foi a oitava praga: a praga dos gafanhotos.

Deus aguardou apenas que o Faraó pronunciasse as palavras que ele próprio lhe inspirara (já que era também o autor do endurecimento do seu coração) e disse a seu servo Moisés: – Ergue tua mão e estende-a na direção do céu.

Moisés assim o fez. No mesmo instante uma treva desceu sobre o Egito, tão espessa que era possível apalpá-la. Durante três dias inteiros – ou antes, *três noites inteiras*, já que o dia confundira-se inextrincavelmente com a noite –, os habitantes do Egito não puderam mover-se dos seus lugares, pois a escuridão era absoluta. Os cegos deram graças ao Senhor, pois enxergaram melhor neste dia do que os de vista sã. Entretanto, na terra de Gessen, onde viviam os israelitas, havia luz de sobra, mesmo à noite.

O Faraó, aterrado com aquela escuridão sinistra, mandou chamar os hebreus.

Moisés e Aarão (os quais podiam mover-se perfeitamente nas trevas, graças à luz interior do Senhor Deus) chegaram à presença do Faraó, que permanecia também imerso nas trevas.

– Estão os dois aí? – disse o Faraó.

– Sim, Faraó empedernido – disse Moisés, enxergando tudo perfeitamente.

– Verdadeiramente excedi-me ao máximo desta vez – disse ele, lamentoso. – Podem ir todos ao deserto prestar culto ao seu Senhor, inclusive as crianças. Os bois e ovelhas, entretanto, deixem-nos aqui, pois já não há mais animal algum em meu reino.

– Isso não é possível – disse Moisés. – Nosso gado deve ir conosco, pois não sabemos ainda quantas cabeças de gado teremos de ofertar ao nosso deus em meio ao deserto.

Então o Senhor tornou a endurecer ainda outra vez o coração do Faraó, que desta vez excedeu a qualquer perfídia.

– Sumam das minhas vistas e cuidem de não tornar a ver a minha face, pois no dia em que isso acontecer, com certeza vão morrer!

Moisés o encarou e disse:

– Bem o disseste, pois nunca mais tornaremos a ver a sua face!

E esta foi a nona praga: a praga das trevas.

Até aqui, as pragas haviam sido como que brincadeiras de criança, destinadas a tirar o Faraó de sua teimosia inconseqüente. A décima e última das pragas, entretanto, estava destinada a não ser, nem de longe, uma brincadeira.

– Desta vez, o Faraó não só os deixará partir, como ainda os expulsará definitivamente do Egito – disse o Senhor a Moisés, que escutou essas palavras com infinito alívio.

A seguir, Deus deu uma série de instruções a Moisés e a seu irmão Aarão.

– Que os hebreus, antes de partir, peçam aos seus vizinhos egípcios objetos de ouro e de prata, para que não saiam do Egito de mãos abanando, tendo ao mesmo tempo nisso a paga justa de seus serviços.

Deus fez nesses dias com que o ódio que os egípcios votavam encarniçadamente aos judeus se transformasse em cordialidade e a mais franca

simpatia, de tal forma que até o próprio Moisés foi muito bem tratado pelos ministros do Faraó e pelos grandes da corte. E então o Senhor tornou a falar com seu profeta.

– Nos próximos dias farei uma passagem pela terra do Faraó. Será uma passagem terrível, pois, quando minha sombra cair sobre as casas que não estiverem sob a minha proteção, cairão mortos os primogênitos de cada uma delas. Na verdade, até os primogênitos dos escravos e dos animais serão exterminados, para exemplo eterno do que acontece aos que se encarniçam contra a minha vontade.

Moisés e Aarão escutaram as palavras do Senhor com a alma coberta de medo.

– Mas o meu povo nada deve temer – disse Deus –, e eis a razão: num determinado dia deste mês, que passará a ser o primeiro mês de cada ano para os judeus, todas as famílias deverão se reunir em suas casas para sacrificar um animal – um cordeiro ou um cabrito – em meu nome. Morto o animal, separarão o seu sangue para tingir com ele as ombreiras das portas, pois este será para mim o sinal dos justos. Onde enxergar a listra de sangue, ali não porei meus pés e ali também não exterminarei o primogênito. Isto feito, deverão reunir-se todos e fazer às pressas uma refeição desse cabrito ou cordeiro, juntando a ele ervas amargas e pão ázimo.

– Pão ázimo? – disse Aarão.

– Sim, pão sem fermento algum – disse o Senhor Deus, enfatizando bem estas palavras. – Quem comer pão com fermento nos sete dias que antecederem à minha passagem será eliminado de Israel. Este dia deverá permanecer como uma instituição perpétua a todos os judeus: o dia da festa dos pães sem fermento.

Moisés e Aarão instruíram bem o seu povo acerca do terrível prodígio que Deus preparava. Reunidos cada qual em suas respectivas casas, aguardaram pela passagem do Senhor. Onde quer que houvesse uma porta besuntada do sangue do cordeiro, ali Deus não entraria para exercer sua vingança.

Caiu a noite. O Senhor marcara a hora da sua passagem para a meia-noite do décimo quarto dia do mês vigente. Os judeus, reunidos e de cajados na mão – pois que à morte dos primogênitos egípcios deveria seguir-se a fuga imediata dos judeus –, fizeram sua refeição às pressas e aguardaram o terrível momento. Quando a meia-noite soou, escutou-se um primeiro e terrível grito, vindo de muito longe.

– Eis que o Senhor começa a caminhar – disse Moisés à sua família.

Logo em seguida escutou-se outro grito de pesar, e outro, e ainda outro, e

num crescendo ensurdecedor todo o Egito foi sendo tomado pelos gritos dos pais e mães dos primogênitos golpeados pela mão poderosa do deus de Israel.

Os judeus permaneceram quietos, agarrados aos seus pertences e de cajados na mãos. Meninos, escapulindo à vigilância severa dos pais, conseguiam, às vezes, correr até as janelas para observar a Passagem do Senhor. Uma treva densa inundava as ruas, mas eles podiam sentir a aproximação divina pelo crescendo dos gritos e lamentos.

– Ele está chegando! – disse um desses meninos para os irmãos, agachado à janela.

Todos sentiram um profundo arrepio quando uma sombra mais espessa que a noite pôs-se de frente à porta da casa. O Anjo Exterminador alisou a moldura da porta e se retirou logo em seguida sem cometer dano algum.

Então o Faraó – que também tivera seu primogênito arrebatado pela vingança divina – mandou chamar Moisés até si.

– Desapareçam já do meu país, livrando-o da ira do seu poderoso deus! – disse ele, esquecido de que prometera a morte a Moisés caso tornasse a ver novamente a sua face.

– Partiremos ainda hoje, Faraó – disse Moisés, que também se esquecera de que afirmara jamais tornar a ver a face do Faraó.

Reunidos os judeus – que somavam cerca de seiscentos mil –, partiram todos a pé no rumo do deserto, onde pretendiam fazer, finalmente, a oferenda ao seu deus.

E esta foi a décima e última das pragas: a praga da morte dos primogênitos.

21. A TRAVESSIA DO MAR VERMELHO

- Que caminho tomaremos? – perguntou Aarão ao líder dos hebreus.
- Vamos adentrar o deserto que costeia o Mar Vermelho – disse Moisés.

Aarão mostrou-se grandemente surpreso:

- Por que simplesmente não entramos pela terra dos filisteus?
- Não julgo conveniente – disse Moisés. – Os filisteus certamente nos atacariam, o que poderia provocar o retorno precipitado dos nossos para o Egito.

Uma imensa coluna serpenteante de seres humanos avançava pelo deserto quando o sol lançou seus primeiros raios sobre ela. Homens, mulheres, velhos e crianças caminhavam penosamente, carregando seus pertences sob o terreno pedregoso, levando no coração a esperança de que dias melhores, de liberdade e abundância, os esperavam na terra “onde corria o leite e o mel”. Depois de quatrocentos anos de escravidão – que começara com a chegada das tribos de Jacó, levadas para as terras do Faraó pelas mãos de José, administrador do Egito –, abria-se para o povo escolhido o período das lutas para estabelecer-se na terra prometida.

Moisés, sempre à frente do cortejo, olhava com grande orgulho para o esquife de José, o antepassado que os salvara da fome. Sem esquecer jamais do último pedido deste, que era ter seus ossos levados de volta para a terra de seus pais, Moisés fizera questão de não deixar o Egito sem levar consigo o ilustre antepassado.

Miriam, a irmã de Moisés, também seguia junto com os demais.

- Será uma longa jornada, não é? – disse ela ao irmão Aarão.
- Sem dúvida, mas não esqueça que levamos também Ele conosco – disse o irmão, apontando para a grande coluna de nuvens que os precedia.

O deus de Israel ali estava, oculto entre as nuvens, a conduzir o seu povo silenciosamente.

- Sob esta proteção divina, que perigo devemos temer? – disse Aarão.
- O mais insidioso de todos, que somos nós próprios – disse Moisés, que escutava atentamente a conversa dos irmãos.

Como bom profeta, ele já pressentia os problemas que teriam de enfrentar no caminho que os levaria à terra prometida, a grande maioria deles provocada

pela fé vacilante do seu próprio povo.

À noite acamparam todos em Etam, na periferia do deserto. A coluna de nuvens, que os acompanhara durante todo o dia, fora substituída por uma coluna de fogo, para iluminar os passos dos fugitivos durante a noite.

“Fuga.” Desde o começo a história de Israel parecia estar indissociavelmente ligada a esta palavra. Adão expulso do Jardim do Éden; Noé a errar pelas águas com sua arca; Abraão deixando sua terra para seguir o chamado do seu deus; Jacó fugindo de casa para escapar à ira do irmão; José levado para o Egito, como escravo; Moisés a conduzir seu povo para longe da tirania do Faraó. Sempre uma perseguição e sempre uma fuga. Sempre a errância. Sempre o êxodo.

“Será este, para sempre, o nosso destino?”, perguntava-se Moisés, sentado sobre uma pedra, enquanto observava a grande coluna vermelha suspensa nos céus.

Não, no fundo ele sabia que não poderia ser sempre assim, que havia uma promessa e um deus poderoso como fiador. Um dia o povo judeu teria sua própria terra, onde viveria a salvo de qualquer opressão. Mas sabia também que isso dependeria da fé que provassem ter pelo deus que os tomara sob sua proteção.

Nesse instante, como que em resposta às suas apreensões, Deus lhe falou.

– Acampa com tua gente às margens do Mar Vermelho, pois mais uma vez irei endurecer o coração do Faraó para que os persiga, tentando impedir a fuga de vocês.

Moisés tornou-se subitamente alarmado:

– Oh, Senhor! – disse ele, erguendo as mãos. – Como farei para evitar que os exércitos do Faraó massacrem esta pobre gente?

– Nada temas, pois endureci o coração dele para que mais uma vez o meu nome se cubra de glória – disse Deus. – Farei isso para que todos saibam que sou o Senhor e que exército algum prevalecerá sobre o meu poder.

De fato, a essa altura os carros de guerra do Faraó, levando o próprio à frente, já rumavam a toda velocidade para impedir a fuga dos judeus.

Instalados às margens do Mar Vermelho, os judeus descansavam, fazendo sua refeição, quando alguém deu o alarma, apontando na direção do Egito.

– Vejam, vejam! Os exércitos do Faraó vêm em nosso encalço!

Gritos de terror encheram o espaço, ao mesmo tempo em que todos se puseram em pé atabalhoadamente, recolhendo às pressas as suas coisas.

– Vamos todos morrer às mãos dos soldados! – bradavam as vozes.

– Maldita hora em que demos ouvidos a esse criador de casos! – bradou outra voz. – Antes tivéssemos ficado no Egito, em pacífica sujeição!

Diante dessa primeira queixa, Miriam e Aarão entreolharam-se, lembrando-se das proféticas palavras de Moisés.

– Ergam-se e preparem-se para a fuga – disse Aarão, animando o povo.

– Fuga? Está louco? – disse um homem de semblante irado. – Não vê que estamos encurralados entre os exércitos do Faraó e as águas profundas do mar?

Realmente, as pessoas davam as costas para os carros de guerra que avançavam ao longe, erguendo uma grande nuvem de pó, então defrontavam-se com a imensa toalha d’água, e depois davam as costas a esta para defrontarem-se com os exércitos, e assim sucessivamente, sem conseguir decidir qual deles era o mal menor.

– Fiquem tranquilos – disse Moisés à multidão –, pois hoje assistirão à vitória do Senhor, tão grande como jamais haverá outra igual, em qualquer tempo.

Então Deus ordenou a Moisés que pusesse o povo em marcha, na direção do Mar Vermelho, o que ele fez imediatamente, sem cogitar um único segundo na extravagância de tal plano.

– Está delirando, velho maluco? – disse o sujeito intratável, ao escutar a ordem. – Onde estão os barcos? Quer matar-nos todos afogados?

Moisés sentiu ganas de esbofetear o insolente, mas foi interrompido pela voz do Senhor, que lhe disse:

– Ergue teu bastão na direção do mar.

Moisés obedeceu. Era noite, ainda, e a nuvem que protegia os judeus postou-se entre eles e os exércitos do Faraó. Tão logo o profeta ergueu o braço, um vento leste muito forte começou a soprar, encapelando as águas do Mar Vermelho. Um murmúrio de espanto elevou-se da multidão, enquanto um grande corredor começou a se formar com o afastamento das águas do leito do mar.

– O Senhor está abrindo, dentro do mar, um corredor seco para nós! – disse uma voz, num tom estridente de incredulidade.

Todos acorreram para as margens do mar, que recuavam, lançando para o alto grandes jorros de água e espuma. Durante a noite inteira os exércitos do Faraó, detidos pela nuvem que se interpusera entre eles e suas vítimas, nada puderam enxergar do que se passava com os judeus, que contemplavam, assombrados, o recuo miraculoso das águas.

– Aí está o caminho que o Senhor preparou para a nossa fuga – disse Aarão, feliz por mais essa demonstração inequívoca do poder absoluto do seu

deus.

Moisés tomou a frente e disse:

– Vamos, atravessemos todos o leito do mar, a pé enxuto, pois nada de mal nos acontecerá.

A multidão, no entanto, ainda hesitava em lançar-se naquele caminho assustador. Diante dos seus olhos estavam duas colunas imensas de água, que a mão de Deus afastara para os lados, deixando-as imóveis como duas imensas paredes líquidas. Sob o solo estrebuchavam milhares de peixes, sem uma única gota do elemento que os permitia respirar.

– Levaremos um dia inteiro para atravessar o lodo que deve estar sobre o leito – disse um dos recalcitrantes.

– Não há lodo algum – disse Moisés. – Se Deus foi capaz de afastar as águas, por que não seria capaz de secar um resto de água ajuntado sobre a terra?

De fato, o chão estava seco como o solo do deserto, de tal forma que todos puderam lançar-se sobre o corredor e atravessá-lo a toda brida.

– Depressa! – gritava Aarão, agitando a mão. – Não há tempo a perder!

A coluna imensa dos retirantes começou a atravessar o estreito corredor. Alguns mais incrédulos – aos quais não bastava somente ver, mas tocar também – iam esfregando as mãos na parede d'água, durante a corrida, para ver se era verdade o que seus olhos viam. Ao mesmo tempo, descia do alto uma chuva fina, do alto de duas gigantescas paredes de água prestes a desabarem a qualquer momento.

Quando o dia amanheceu, já o último judeu havia alcançado a outra margem, em segurança, para aguardar os acontecimentos.

Somente então Deus liberou a nuvem que confundia os egípcios, os quais imediatamente puseram-se em alerta. O Faraó, montado em sua biga, não acreditou no que seus olhos viram.

– O que é isso? – disse ele, arregalando os olhos.

Os soldados estavam boquiabertos, até que o Faraó, retomando o controle, ordenou peremptoriamente:

– O que estão esperando? Vamos, avancem também!

Montados em suas bigas, eles arremeteram cegamente para o mesmo corredor que os israelitas haviam atravessado, instantes antes, a pé enxuto. Logo um imenso comboio desses carros puxados por cavalos velozes avançava por entre as duas prodigiosas massas d'água, alcançando já a metade do trajeto.

– Aí está! – disse um dos israelitas a Moisés. – Abriu uma passagem para nós, que servirá também para que nossos inimigos nos alcancem!

Moisés nem sequer se dignou a lançar um olhar para o atrevido que pronunciara tais palavras, permanecendo atento e confiante na promessa do Senhor.

Já o último carro egípcio havia ingressado no corredor – menos o do Faraó, que tivera a prudência de ficar com seus oficiais, para ver no que iria dar aquela travessia –, quando as rodas das bigas subitamente emperraram, dificultando o avanço. Chicotes zuniam sobre o lombo dos cavalos, arrancando-lhes da boca uma espuma alva e espessa.

– Vamos, malditos! – gritavam os cocheiros, pressentindo o pior.

E realmente tinham motivos para tanta pressa, pois na verdade haviam caído numa apavorante armadilha.

– Estende teu braço na direção do mar – disse o Senhor Deus a Moisés, que havia galgado uma pequena elevação.

Moisés assim fez e no mesmo instante as duas colunas d'água afrouxaram, como se as duas paredes invisíveis que as sustinham desaparecessem instantaneamente.

Um dos soldados que havia descido da biga para desenterrar as rodas sentiu a iminência do desastre quando sentiu nas costas os primeiros respingos da água que descia.

– Voltem, malditos! Voltem todos! – berrou ele, com pavor.

Os condutores tentaram virar as bigas em sentido contrário, mas trombaram com os demais, que tentavam fazer o mesmo. Numa fração de segundos o céu sobre suas cabeças desapareceu, e só houve uma massa única e compacta das duas colunas descendo do alto como duas montanhas de água misturando-se.

Abandonando em pânico as suas bigas já inúteis, os soldados correram de volta para terra, trepando por cima dos carros e dos cavalos e pisoteando os homens mais vagarosos. Mas já era positivamente tarde para qualquer um deles. Logo a massa d'água desabou de uma só vez sobre todos, os quais foram esparramados para todos os lados como miseráveis formigas. Os que não morreram instantaneamente, esmagados pelo impacto, tiveram uma morte mais atroz pelo afogamento. Homens, cavalos e bigas despedaçadas surgiram boiando sobre as águas, depois que o mar havia acalmado e preenchido novamente todo o seu leito, sendo lançados às margens, onde o Faraó se quedara a observar o pavoroso espetáculo.

Nesse dia o Faraó conheceu, em toda a extensão, o poder vingativo do deus daquele povo de escravos que ele tanto menosprezara.

Do outro lado do mar, Moisés observava a tudo, lançando um olhar de vitória sobre o seu oponente, o qual jamais voltaria a fazer descer sobre as costas dos judeus um único golpe de chicote.

– Quantos milagres desde o começo de tudo isto! – disse Miriam, que assistia à cena, embevecida.

– Verdadeiramente o Senhor obrou milagres jamais vistos – disse Aarão –, mas talvez o maior de todos eles tenha sido a inacreditável teimosia desse rei. Quem pois, tendo visto tantos sinais e prodígios, não teria cedido logo?

– Disse bem – respondeu Moisés. – Mas desde o início o Senhor afirmou que faria endurecer o coração desse homem para que, vendo todos os prodígios, ainda mais se encarniçasse no desafio ao seu poder.

– Graças a Deus! – disse Aarão, secundado por Miriam e todos os demais.

De fato, naquele dia, os judeus haviam visto algo que deveria tê-los convencido para sempre de que Deus estava ao seu lado e que nele deveriam depositar incondicionalmente todas as suas esperanças.

Mas Deus – decidido, talvez, a também endurecer seus corações – fez com que eles não fizessem tal, e por causa desta inacreditável descrença teriam os hebreus de suportar ainda quarenta longos anos de errância pelo deserto, até se decidirem a crer naquilo que não precisava ser crido, uma vez que lhes seria demonstrado todos os dias pelo Senhor, das mais diversas maneiras.

22. OS DEZ MANDAMENTOS

Dando as costas ao Mar Vermelho, os hebreus avançaram sobre o deserto de Sur, numa longa caminhada que durou três dias, até alcançarem um lugar chamado Mara. Esse lugar tinha tal nome por causa da água amarga que brotava do seu solo. Como fosse muito grande a multidão que seguia Moisés e demasiado o calor que descia do céu deserto de nuvens (a não ser aquela que os precedia, levando o Senhor Deus no interior), logo surgiram as primeiras queixas.

– Esta água é intragável! – bradou alguém.

– Foi para nos matar de sede no deserto que nos tirou do Egito? – disse outro.

– Queremos voltar à terra do Faraó! – disse ainda um terceiro. – Lá pelo menos tínhamos à vontade água boa e ninguém nos obrigava a caminhar três dias seguidos sob o sol abrasador!

Moisés sentiu ímpetos de mandar apedrejar os mais exaltados, para servir de lição aos murmuradores. Entretanto, nessa época ele ainda era um homem tolerante e por isso afastou-se da multidão e foi clamar ao seu Deus.

– Vê, Senhor, o desespero de toda esta gente! – disse ele, de mãos postas.

Então Deus atendeu ao pedido de Moisés, ordenando que ele apanhasse uma certa planta e a jogasse sobre a fonte de água. Tão logo Moisés fez o que o Senhor ordenara, a água tornou-se instantaneamente doce e potável. O povo inteiro saciou-se daquela água deliciosa e depois seguiu com seu líder até Elim, onde encontraram nada menos que doze fontes de água e setenta palmeiras para descansarem à sua sombra. Nesse dia não houve um único murmúrio.

Terminado o descanso, partiram todos novamente, até alcançarem o deserto de Sin, próximo ao Sinai. Entretanto, assim que puseram o pé sobre as areias escaldantes, recomeçaram as reclamações.

– Quem dera jamais tivéssemos saído do Egito! – disse um. – A esta hora estaríamos todos sentados à sombra das pirâmides, regalando-nos com a carne de nossas panelas e esfregando no suco o pão abundante!

No mesmo instante dezenas de pares de olhos voltaram-se tantalizados na sua direção, como se ele próprio fosse a panela repleta de carne, de suco e de

pão.

– Foi para nos matar de fome que nos tirou do Egito?

Moisés clamou outra vez ao Senhor, e novamente foi atendido.

– Farei chover carne e pão do céu para que conheçam o meu poder – disse Deus.

Mas apesar da promessa, as reclamações não cessaram até surgir, no final do dia, uma grande nuvem no horizonte, que avançou rapidamente na direção dos hebreus.

– Vejam, um terrível temporal se aproxima! – disse um dos que reclamavam. – Com certeza pereceremos todos sob a sua inclemência!

– Sim, foi para isso que esse velho teimoso nos arrancou da segurança do Egito: para que morrêssemos de sede, de fome e de raios! – disse outro.

Mas não era nada disso, como logo puderam constatar. Aquela nuvem era formada de apetitosas codornizes, que começaram a cair mortas sobre o acampamento como uma verdadeira chuva de alimento.

– Vamos, recolham-nas! – disse uma mulher, que já trazia o regaço repleto delas.

As pequenas aves caíam sobre a areia fazendo um ruído seco e continuado, e, ainda a estrebucharem, eram recolhidas avidamente pelas mãos dos viajantes esfomeados. Naquela noite, os hebreus fugitivos comeram codornizes até se fartarem.

Mas a prodigalidade do Senhor ainda não havia terminado. Durante a noite, enquanto todos dormiam sob as tendas improvisadas, desceu mansamente do céu uma chuva de algo parecido com orvalho, só que mais consistente. Quando os primeiros homens ergueram-se, logo ao alvorecer do dia, depararam-se com aqueles flocos macios e apetitosos espalhados por todo o chão.

– O que é isto? – se perguntavam, enquanto pegavam os pequenos flocos, cheirando-os e colocando-os na boca.

– Parece bolo de mel! – diziam os mais gulosos, com os cantos da boca cheios de farelos daquele pão original.

Todos chamaram o alimento de maná, pois esta palavra provinha da exclamação “man hu” ou “o que é isto?” que todos haviam feito ao encontrá-lo.

– Esse é o pão que o Senhor lhes mandou – disse Moisés. – Cada qual recolha conforme a necessidade sua e de sua família, mas que ninguém guarde nada para o dia seguinte, pois o Senhor fará descer todo dia um novo alimento.

A julgar, no entanto, pela quantidade que cada homem carregou para sua tenda, poderia-se pensar que cada um deles era pai de um exército. Mas foi tudo

em vão, pois no dia seguinte o alimento amanheceu estragado.

– Raça de víboras! – esbravejou Moisés. – O que eu lhes disse?

Na sexta-feira, porém, o Senhor autorizou que recolhessem o dobro de maná, pois sábado era o seu dia de descanso, e, portanto, ninguém podia realizar nele qualquer tarefa. De fato, nesse dia sagrado, o maná que sobrara não bichou nem apodreceu. Ainda assim houve alguns que às primeiras horas do sábado saíram para recolher o maná que não havia. Irritado, o Senhor Deus disse a Moisés:

– Até quando duvidarão da minha palavra?

Moisés, no entanto, intercedeu mais uma vez pelo seu povo.

– Perdoa-os, Senhor! São pobres idiotas que só pensam em comer!

Deus, na verdade, ficou tão satisfeito com sua invenção que mandou recolher um jarro cheio do alimento que ele inventara (e que até hoje ninguém sabe exatamente qual fosse) e depositá-lo diante do seu altar, para que as gerações futuras soubessem com o que Deus alimentara o seu povo durante os quarenta anos que ainda erraria pelo deserto.

Saciada a fome e a sede daquela gente, Deus ordenou que partissem, indo acampar em Rafidim, lugar que logo seria motivo de maldição para o povo, outra vez rebelado.

– Não há uma gota de água por aqui! – disse um hebreu. – Aqui, pelo visto, secaremos todos pela vontade desse velho tratante!

Então Moisés perdeu, pela primeira vez, a paciência.

– Por que estão sempre a alterar comigo? – disse, agitando o bastão na cara dos que reclamavam. – Até quando irão provocar a ira do Senhor Deus?

– Quer que morramos em silêncio? – disse outro.

Os ânimos haviam se exaltado poderosamente. Algumas mãos já apalpavam as vestes à procura do punhal escondido, enquanto olhos irados vasculhavam o chão à procura de pedras pontiagudas.

Moisés tratou logo de afastar-se prudentemente da turba e procurar refúgio em Deus.

– Não sei mais o que fazer com este povo, Senhor! – disse Moisés, atônito. – Veja, por pouco não me apedrejaram!

Então Deus disse ao servo fiel:

– Vai ao monte Horeb e faz o que vou te dizer.

Moisés tomou mais uma vez a frente da multidão, levando ao lado alguns anciãos respeitáveis, até chegar ao sopé do monte que Deus indicara. Depois de subir a encosta, a ponto de ficar à vista de todos, o velho guia tomou nas mãos o

mesmo bastão com o qual transformara em sangue o Nilo.

– Agora verão o quanto pode o Deus que nos guia! – disse ele, golpeando a rocha.

O povo, agrupado mais abaixo, observava num estado de agoniada expectativa, quando a ponta do bastão estalou sobre as pedras. No mesmo instante um único fio transparente de água começou a minar da rocha bruta, descendo pelas estrias como uma delgada serpente prateada.

– É água, é água...! – disse uma mulher, transfigurada, pois há dois dias não colocava uma única gota de água na boca.

Aos poucos o fino veio foi se transformando numa grande vertente, que descia em diversas cordas de água. O povo encheu seus cântaros e bilhas, além das peles de animais costuradas, munindo-se de água suficiente para vários dias.

Desde aquele dia o local passou a se chamar de Massa e Meriba, que quer dizer Prova e Discussão, pois ali os hebreus haviam colocado em dúvida as palavras divinas.

As coisas pareciam tranqüilas em Rafidim, onde os judeus permaneceram um bom tempo, até que alguns rumores preocupantes chegaram aos ouvidos de Aarão.

– Moisés, trago más notícias – disse seu irmão, alarmado.

O velho profeta, que estava sentado à frente de uma tenda, voltou seus olhos cansados para Aarão:

– O que houve, agora? – perguntou.

– Os amalecitas marcham contra nós – disse Aarão, objetivamente.

Moisés esperava que mais cedo ou mais tarde a presença dos hebreus fosse provocar desavenças entre os povos que habitavam as terras vizinhas de Canaã, dando pretexto a que algum rei tentasse expulsá-los da região pela força. Por isso, quando da retirada do Egito, havia insistido para que todos os homens estivessem bem armados e preparados para a eventualidade de algum confronto.

– Traga Josué até mim – disse Moisés, laconicamente.

Josué era um homem corajoso que descendia da tribo de Efraim. Moisés não teve dúvida alguma em chamá-lo para assumir o comando dos combatentes judeus.

Logo Josué, um homem alto, corado e de cabelos negros e compridos como a crina de um cavalo estava diante do ancião.

– Mandou me chamar? – disse, postando-se diante de Moisés.

– Logo teremos de combater – disse o velho, sem qualquer preâmbulo. – Organize nossos homens em grupos de ataque e defesa e coloque-os de prontidão para que possam entrar em ação a qualquer momento. Assistirei ao combate do alto da colina, com o bastão erguido, até que tenham expulsado os amalecitas de volta para o deserto. Sem contrapor nada, Josué retirou-se para dar cumprimento às ordens de Moisés.

Já na manhã seguinte as tropas estavam a postos quando surgiram os exércitos inimigos, erguendo grande nuvem de pó.

– Não espere que eles ataquem. Ataque-os primeiro – disse Moisés, no alto da colina.

Josué despediu-se do grande líder e foi juntar-se na planície com as suas tropas. Junto a Moisés ficaram apenas seu irmão Aarão e Hur, um outro homem temente a Deus.

Os amalecitas eram um povo que descendia de Amalec, um dos netos de Esaú e que vivia há muito tempo na região da península do Sinai. Por isso, identificaram logo na presença dos judeus uma ameaça às suas pretensões possessórias.

– Expulsemos daqui esses errantes antes que decidam permanecer para sempre em nossas terras – disse um dos chefes, pouco disposto a entendimentos.

Surpreendidos pelo avanço das hostes de Josué, os soldados de Amalec tomaram rapidamente as suas posições.

– Em nome do Deus de Israel! – bradou Moisés, erguendo com os dois braços o seu bastão divino.

Quando os dois exércitos finalmente se defrontaram, houve uma grande gritaria de ambas as partes, e como ninguém se mostrasse disposto a recuar, logo começaram a soar os golpes das lanças e das espadas, e muito em breve a areia do deserto começou a beber o sangue dos dois lados. Num primeiro momento a vitória pareceu pender abertamente para o lado de Josué, mas quando Moisés, do alto da colina, sentiu seu braço fraquejar, obrigando-o a depor momentaneamente o seu cajado, a vitória pendeu para o lado dos amalecitas.

Aarão, vendo que a sorte da batalha dependia do fato de Moisés manter suspenso o seu cajado, decidiu ajudar o irmão na penosa tarefa.

– Hur, segure o outro braço! – disse ele ao companheiro.

Moisés permaneceu o restante do tempo que durou o combate sentado sobre uma rocha, enquanto Hur e Aarão mantinham suspensos os seus dois braços, que seguravam, sem jamais largar, o cajado da vitória. O povo, que

observava a tudo de maneira apreensiva, não sabia o que mais admirar, se o vigor dos soldados de Josué ou a resistência tenaz do velho líder, o qual, auxiliado por Hur e Aarão, não renunciava jamais à tarefa que Deus lhe entregara.

De olhos fechados, Moisés parecia imerso numa espécie de transe, enquanto um suor copioso descia pela sua fronte, como se ele próprio, personificando os exércitos de Israel, estivesse na planície lutando contra os inimigos do seu deus. Somente quando o sol começou a se pôr foi que a sorte da batalha foi decidida, cabendo a vitória a Josué e seus combatentes.

– Já pode descansar agora, meu irmão! – disse Aarão, abaixando o braço exausto de Moisés.

Hur também ajudou o velho líder a descer a colina e ir repousar, o que este não fez sem antes ir cumprimentar o grande guerreiro que retornara coberto de sangue e de pó, mas com a vitória nas mãos.

– Graças ao Senhor! – disseram ambos, abraçando-se.

Depois disso Moisés ergueu um altar a Deus, conforme este ordenara, com os seguintes dizeres: “Porque levantaste a mão contra o Senhor Deus, por isso ele estará em guerra contra ti, Amalec, de geração em geração”.

Jetro, sogro de Moisés, que ficara sabendo de tudo, decidiu levar até ele a sua filha e os netos, que Moisés havia deixado com ele.

Gérson e Eliézer já eram homens feitos, e foi com grande ternura que abraçaram-se ao velho pai. Moisés contou tudo ao sogro acerca dos detalhes da fuga do Egito, gastando nisso todo o restante do dia.

Na manhã seguinte, Jetro observou Moisés receber centenas de judeus para consultar acerca de todos os assuntos possíveis, desde pequenas questões e disputas pessoais, como juiz universal dos feitos, até orientação religiosa, já que era o principal interlocutor do Senhor perante todo aquele povo.

– Como consegue fazer tudo isso sozinho? – disse Jetro, espantado.

Então o genro escutou do velho sogro alguns conselhos que lhe terminaram sendo valiosíssimos.

– Não é possível que esteja a se preocupar o dia inteiro com as questões de toda essa gente – disse Jetro, que era sacerdote e entendia muito do assunto. – Faça o seguinte, para que as suas forças não se acabem em muito pouco tempo: delegue atribuições a alguns juízes, anciãos probos e de conduta exemplar, e resguarde-se para o papel de juiz supremo, ao qual somente se recorrerá em última instância.

A idéia pareceu excelente a Moisés, que passou a adotar, desde aquele

dia, o engenhoso sistema sugerido pelo sogro.

Depois de ter dado esse conselho valioso, Jetro partiu de volta para a sua terra, provando que era um homem verdadeiramente discreto e agradável, enquanto o povo de Israel erguia suas tendas para tomar o destino do deserto do Sinai.

Depois de outra longa marcha, os hebreus acamparam ao pé do monte Sinai. Moisés ergueu os olhos para o alto da montanha, sentindo um chamado irresistível descer do alto.

– O que foi, meu irmão? – disse Aarão, observando seu aspecto alheado.

– Muito em breve terei um novo encontro com o Senhor – disse Moisés, entre honrado e atemorizado, pois era sempre um momento difícil para ele ver-se face a face com um ser tão poderoso.

Era o terceiro mês desde a fuga do Egito. Os judeus haviam chegado ao deserto do Sinai depois de muitas privações e agora estavam acampados diante do monte que em breve se tornaria um dos locais mais importantes na história do povo de Israel.

Moisés, sentindo o chamado do Senhor, comunicou a seu irmão a decisão de subir sozinho até o alto do monte.

– Não quer que eu o acompanhe? – ofereceu-se Aarão, sempre solícito.

– Não, este é um encontro que devo manter a sós – disse Moisés, tomando o seu bordão.

O dia amanhecia quando o velho peregrino começou a subir as veredas do monte Sinai. Sabedor de que no deserto o dia não custava a esquentar, Moisés quisera aproveitar ao máximo o pouco tempo de que dispunha para fazer uma subida razoavelmente confortável. Depois de fazer diversas paradas, finalmente chegou às proximidades do topo, onde, envolto numa grande nuvem escura, Deus já o aguardava. Depois de prostrar-se diante dele, Moisés recebeu a incumbência de preparar o povo de Israel para um encontro que Deus queria ter com todos eles.

– Vai e ordena a todos que se purifiquem, lavando suas vestes hoje e amanhã – disse ele –, pois no terceiro dia descerei diante de todos. Incumbe-te de fixar um limite em torno à montanha, para que ninguém ouse transpô-lo sem que recaia sobre si o castigo da morte imediata. Somente depois que escutarem o soar das trombetas é que poderão ascender até mim.

Moisés foi até o povo e repetiu as determinações do Senhor, ordenando que todos lavassem suas vestes e que, além disso, guardassem abstinência até o grande momento do encontro com Deus.

Nos dois dias seguintes, foi grande a lavagem de roupas em todo o acampamento. Enquanto as mulheres esforçavam-se para lavar as vestes que noventa dias de caminhada exaustiva haviam tornado quase podres de pó e suor, as crianças aproveitavam a balbúrdia para divertir-se com aquela inédita profusão de água. Logo em seguida a esse verdadeiro festival da água sucedeu-se um drapejar de vestes que alegrou todo o acampamento até finalmente chegar o grande dia.

Entretanto, o dia que prometia ser um grande evento festivo surgiu mais como um evento algo ameaçador. Os judeus acordaram, de manhã bem cedo, com o ruído de trovões e relâmpagos. Com efeito, a grande nuvem que escondia o Senhor surgira, nesse dia, escura e tonitruante. Aos poucos a multidão foi se reunindo, sob a liderança de Moisés, para que este os levasse até o local do encontro.

Depois que todos estavam próximos à base do monte Sinai, escutou-se um grande ruído de trombetas atoar os céus.

– É este o sinal do Senhor – disse Moisés a Aarão.

Uma fumaça espessa subia do topo da montanha, como se um vulcão houvesse entrado em erupção abruptamente, fazendo sacudir o chão e enchendo a todos de apreensão. Então Moisés destacou-se do seu povo e mais uma vez subiu até o seu deus. Lá, escutou do Senhor as leis que doravante o povo de Israel deveria seguir, as quais repetiu para eles.

– Atenção, todos! – disse Moisés, com autoridade. – Eis que o Senhor manda até vocês os mandamentos de sua vontade! Todo aquele que os guardar no seu coração, obedecendo-os, terá o favor de nosso Deus, e todo aquele que os negligenciar terá o seu castigo.

O povo escutava atentamente as palavras do velho profeta. Dessa vez não eram bolos doces, codornizes ou água refrescante que ele vinha lhes dar, mas leis às quais todos deveriam doravante estar submissos. Uma ligeira decepção errava em todos os rostos, suplantada porém pelo sentimento do poder reverente do deus que estava logo ali, acima de suas cabeças atemorizadas.

– Estes são, pois, os mandamentos do Senhor Deus de Israel – disse Moisés, alteando ainda mais a voz: – Em primeiro lugar, não terão jamais outro deus além dele; em segundo, não farão imagens de nada sobre o céu ou sobre a terra; em terceiro, não pronunciarão o seu santo nome em vão; em quarto,

guardarão o sábado como dia sagrado e nele ninguém trabalhará; em quinto, honrarão pai e mãe; em sexto, não matarão ninguém; em sétimo, não cometerão adultério; em oitavo, não furtarão; em nono, não levantarão falso testemunho contra o próximo; e em décimo, não cobiçarão nada que pertença ao próximo.

Moisés fez uma pausa e concluiu:

– Estes são os mandamentos do Senhor para todos aqueles que o temem.

O povo, entretanto, mais do que temente, estava verdadeiramente apavorado diante daquela demonstração de poder de Deus, e talvez, também, porque imaginava que jamais poderia cumprir à risca todos aqueles mandamentos.

– Não o deixe dirigir-se diretamente a nós ou morreremos! – disse a Moisés um sujeito de olhos esgazeados.

Deus repetiu, então, a Moisés, algumas de suas palavras, enfatizando que não se fizessem ídolos de prata ou ouro para substituí-lo. Depois ordenou que fizesse um altar de holocaustos para ele, especificando mais uma série de condutas que lhe eram agradáveis ou desagradáveis. Entre elas estavam a famosa sentença de morte pronunciada contra as feiticeiras, que tem servido, ao longo dos séculos, para justificar a perseguição às pretensas bruxas (Êx 22.17) e aos homens que copulam com animais (Êx 22.18). Deus também incluiu como diretriz ao seu povo uma proibição expressa de que se cobrassem juros aos pobres, afirmando expressamente que os hebreus não deveriam jamais agir como agiotas. (Êx 22.24).

O povo soube de todos os termos da conversa e proclamou com grande alívio:

– Faremos tudo o que o Senhor nos disse!

Todos, então, dispersaram-se, mas Moisés foi convocado a estar novamente com Deus, pois o Senhor queria entregar-lhe as tábuas onde inscrevera todas as leis. Aarão e Hur ficaram junto com o povo até que Moisés retornasse.

– Controle toda essa gente e os mantenha no temor ao deus de Abraão – dissera Moisés a seu irmão antes de desaparecer para o alto do monte Sinai.

Durante o período em que esteve a sós com o Senhor, Moisés recebeu diversas outras recomendações, entre elas a de fazer para si um santuário e uma arca revestida de ouro com querubins postados de cada lado, que chamou de “arca da aliança”. Dentro dela Moisés deveria colocar as tábuas da lei.

Mas nem Moisés imaginou que sua visita a Deus poderia demorar tanto tempo. De fato, durante quarenta dias e quarenta noites esteve ele isolado dos

homens, a conversar com Deus, sem imaginar que sua longa ausência seria o pretexto para uma nova desobediência, de conseqüências funestas para todos.

23. O BEZERRO DE OURO

Depois que os judeus haviam acampado ao redor do monte Sinai e recebido do Senhor os dez mandamentos, Moisés, o líder judaico, havia subido outra vez para o monte, a fim de receber novas instruções da divindade. Entretanto, dessa vez sua permanência havia se estendido tanto que o povo começara a tornar-se inquieto.

– Por que Moisés demora-se tanto por lá? – disse um judeu de olhar atrevido a Aarão, irmão do profeta.

Aarão não sabia dizer o que estava acontecendo, pois Deus proibira que qualquer outra pessoa se aproximasse do local onde ele estava se revelando.

– Só nos cabe esperar – disse.

Mas o povo foi tornando-se, com o passar do tempo, cada vez mais inquieto.

– Basta de espera! – disseram várias vozes, um dia. – Até quando permaneceremos sem deus ou um líder nesta solidão embrutecedora?

Como ovelhas desamparadas, os judeus não se sentiam capazes de dar um passo sem a presença protetora de um pastor humano ou divino, e por isso foram em comissão até Aarão para que este tomasse uma providência imediata.

– Queremos um deus! – disse um velhote, com cara de choro.

– Deus está ocupado com o seu servo – disse o irmão de Moisés.

– Não queremos saber! – retrucou o velho.

Aarão tentou de todos os modos acalmar os ânimos, mas sentiu que logo as pedras começariam a voar, caso não apresentasse uma solução.

– Está bem – disse, cedendo, afinal. – Tragam todos os brincos e adornos de ouro que puderem juntar e verei o que posso fazer.

Aarão havia pensado em confeccionar algo que pudesse distrair a atenção do povo enquanto Moisés não regressasse. No mesmo dia, homens e mulheres apresentaram-se e depuseram diante dele uma pilha enorme de anéis, brincos e colares de ouro.

– Aí está – disseram eles, impositivamente. – Dê-nos um deus, agora.

Aarão ordenou a alguns artífices e artesãos que fundissem todo aquele ouro e o mergulhassem num molde com a forma de um bezerro, forma

aproximada do boi Ápis, que era uma das principais divindades dos cananeus. Sem dar-se conta, Aarão lançava o povo na idolatria que alguns dias antes o próprio Deus condenara. Numa única tacada, Aarão desrespeitava os dois primeiros mandamentos, que proibiam a adoração de qualquer outro deus além do Senhor Deus e a confecção de imagens.

Durante o restante do dia os artífices trabalharam, derretendo o ouro, obra que o próprio Aarão completou, dando forma ao bezerro dourado.

– Aí está o deus que pediram! – disse Aarão, que a esta altura estava já tomado, ele próprio, pelo espírito da idolatria.

Gritos de júbilo ergueram-se entre a plebe ajuntada.

– Viva o bezerro! Ele é o nosso novo deus! – gritavam as vozes. – De hoje em diante será ele o nosso guia!

Aarão, inflamado pelo entusiasmo da ralé, construiu imediatamente um altar para o bezerro, que esplendia sob a luz dos archotes e das estrelas. O povo, prosternando-se diante dele, começou depois a desnudar-se e a dançar orgiasticamente ao redor da imagem. Homens e mulheres cabriolavam ao redor da estátua, sob o olhar complacente do sacerdote do novo deus – um deus que, no delírio do novo culto, lhe parecia agora bem mais simpático do que aquele outro severo e repleto de leis e ameaças, e que talvez tivesse sido consumido pela própria ira no topo da montanha juntamente com o seu servo dedicado.

– Ora, basta de tirania! – disse Aarão, arrepanhando as dobras do seu manto e indo juntar-se também ao bando ululante dos devotos do bezerro.

Uma vertigem deliciosa, completamente diversa daquela que lhe proporcionava o deus deposto, lhe encheu a alma. Pela primeira vez na vida Aarão sentiu-se invadido por uma irresponsabilidade total que o liberava da submissão a quaisquer ditames morais. Depois daquela enxurrada de ordens e proibições que o antigo deus fizera desabar sobre todos, era com uma espécie de alívio prazeroso que ele celebrava a nova divindade.

De qualquer modo, imerso no seu delírio, Aarão, irmão de Moisés e servo de Deus, foi um bom pagão durante algumas horas de sua vida.

Enquanto isso, no alto da montanha, Moisés recebia de Deus essa má notícia:

– Desce de volta ao teu povo, pois ele corrompeu-se na tua ausência!

Moisés sentiu um desfalecimento total dos membros.

– Corrompeu-se... como? – perguntou, incrédulo.

– Vai e vê tu mesmo! – disse o Senhor, encolerizado. – Estão todos a cultuar um novo deus, proclamando-o como seu novo guia. Verdadeiramente

este é um povo desprezível, indigno de ti. Façamos o seguinte trato: exterminarei imediatamente todos aqueles ímpios e farei, a partir de ti, uma nova descendência abençoada.

Moisés, entretanto, apiedado do seu povo e não desejando repetir a história que Noé, de outra maneira, já protagonizara, implorou pelo seu povo:

– Não faça isso, Senhor! O que diriam os egípcios se descobrissem que o Senhor retirou seu povo da tirania do Egito para depois ir exterminá-lo nas montanhas? Perdoa a iniquidade do seu povo!

Deus ouviu os apelos do profeta e decidiu poupar os idólatras, ao menos momentaneamente, ordenando que Moisés fosse até eles, levando consigo algumas tábuas de argila onde a própria mão divina inscrevera os seus mandamentos – as chamadas “tábuas da lei”. Carregando-as nos braços, o velho profeta desceu as encostas, com um peso infinitamente maior a oprimir-lhe a alma. “O que encontrarei lá embaixo?”, pensava ele. “E Aarão, que papel terá tomado nisso? Por que não impediu a degeneração dos costumes? Ou, impotente para deter o curso do desregramento, terá sido morto pelos adversários?”

Josué, que estivera longe todo o tempo do acampamento, aguardando o regresso de Moisés na base do monte Sinai, recebeu-o com o rosto alarmado.

– Parecem gritos de guerra – disse Josué.

Moisés, que já sabia de tudo, corrigiu-o.

– Não são gritos, mas cantos. E não são de guerra, senão aquela que a impiedade move contra o Senhor Deus.

Os dois seguiram a passos rápidos até alcançarem o acampamento, onde finalmente avistaram o povo reunido ao redor do bezerro infame. Sem dar pela chegada do ancião, os judeus continuaram a requebrar-se como sátiros, e as mulheres, como enlouquecidas bacantes.

– Que horrível impiedade é esta? – bradou Moisés, farto daquela indecência.

Rostos contorcidos pelo esforço voltaram-se em sua direção. Iluminados pela luz dos archotes, pareciam ainda mais repulsivos.

Erguendo as tábuas que trazia nos braços, Moisés arremessou-as sobre o solo, esfarelado-as completamente:

– Raça de víboras! – bradou. – O que fizeram em minha ausência?

Um silêncio aterrador desceu sobre todo o acampamento.

Depois de passar os olhos sobre o povo paralisado, Moisés voltou-se para Aarão, que infelizmente parecia ser um dos líderes daquilo tudo.

– Preferia tê-lo encontrado morto – disse ele, olhando friamente para o

irmão.

Sem dizer mais nada, avançou para o bezerro e retirou-o do pedestal em que estava. Nem uma única mão moveu-se para defendê-lo.

– Este é o novo deus de vocês? – disse Moisés, golpeando-o com toda a força. – Vejam o que vale o seu novo deus!

Arrojado ao chão, o ídolo dourado foi lançado em seguida de volta à forja, onde perdeu sua forma, voltando a ser um monte de ouro retorcido. Depois que esfriou, Moisés ordenou que ele fosse reduzido a pó.

– Agora misturem o pó à água e dêem de beber a todos aqueles que o reverenciaram – disse Moisés.

Depois, voltando-se para seu irmão, censurou-o severamente.

– Por que permitiu que este povo cometesse tamanho pecado?

Aarão, de cabeça baixa, tentou explicar-se alegando a inclinação natural daquele povo para o mal.

– Eles obrigaram-me a fazer um ídolo – disse Aarão, envergonhado –, dizendo que tanto você, Moisés, quanto o nosso deus nos haviam abandonado.

Moisés estava com o semblante carregado. Nunca antes ele se parecera tanto com o seu deus como naquele momento. Dando as costas ao irmão, dirigiu-se a todo o povo, dizendo:

– Quem for servo do deus verdadeiro, que venha até mim!

Os descendentes da tribo de Levi imediatamente foram postar-se ao lado de Moisés. Vendo que estes eram os mais fiéis, Moisés deu-lhes, então, esta terrível ordem:

– Que cada um de vocês coloque a espada na cintura e percorra todo o acampamento atrás dos instigadores da revolta contra o Senhor. Matem-nos no mesmo instante, sejam eles parentes, amigos ou vizinhos.

Sem ousar contestar a ordem, os levitas partiram de espada em punho para dar início ao expurgo sangrento. Homens e mulheres foram arrancados de suas famílias e mortos a golpes de espada, numa maneira de aplacar a ira do Senhor. “Talvez o Senhor, vendo os culpados punidos, não volte também a sua ira contra os inocentes”, pensava Moisés, enquanto reboavam os gritos de desespero por todo o acampamento.

Cerca de três mil israelitas pereceram dessa forma às mãos dos levitas, numa expiação à quebra que haviam feito da aliança com Deus. Quando os executores da ordem retornaram até Moisés, trazendo as lâminas de suas espadas gotejantes de sangue, foram exaltados por ele.

– O Senhor os abençoa – disse Moisés –, mesmo que o tenham feito às

custas de seus próprios filhos e parentes.

No dia seguinte, Moisés dirigiu-se outra vez para o monte Sinai, disposto a buscar o perdão para todos os outros que, influenciados pelos sediciosos, haviam tomado parte na adoração do bezerro.

– Perdoa-os, Senhor! – disse Moisés, frente a frente com a divindade. – Perdoa-os, ou risca meu nome do livro da vida!

O Deus de Israel, provando a grande estima que tinha por seu profeta, decidiu que não exterminaria todos os outros, mas que ainda assim iria punir os culpados no dia do castigo. Depois ordenou que Moisés retirasse seu povo daquele lugar e o levasse para a terra prometida.

Moisés recebeu outra vez das mãos do próprio Criador uma segunda cópia das tábuas da lei – já que as primeira o profeta havia destruído no seu ímpeto de raiva –, renovando-se a aliança que o povo havia desfeito por ocasião de sua idolatria.

Quando Moisés desceu da montanha, seu rosto refulgia, a tal ponto que até Aarão e os anciãos de Israel temeram chegar próximos a ele. Então ele disse que era preciso dar início à construção do Tabernáculo, pois ali Deus habitaria entre eles. Fez-se uma coleta entre o povo, homens e mulheres, de tal sorte que sobrou material para a confecção da Casa do Senhor e também da Arca da Aliança, um receptáculo de madeira revestido de ouro, destinado a guardar as tábuas da lei.

Quando a obra ficou pronta, uma grande nuvem desceu sobre o santuário e, somente quando ela se ergueu novamente os judeus puderam dar início à sua jornada rumo à terra prometida. Doravante, o Deus de Israel marcharia junto com o seu povo, dentro de sua própria casa, para levar adiante a promessa que um dia fizera a Abraão, a de que seus descendentes teriam uma terra maravilhosa para morar.

DO LIVRO DOS NÚMEROS

24. AS VACILAÇÕES DO POVO DE DEUS

No segundo ano após a saída dos judeus do Egito, Deus ordenou a Moisés que fizesse um recenseamento entre o povo, o qual revelou que havia entre eles cerca de seiscentos mil homens aptos para a guerra, que era o que interessava naqueles dias sangrentos. Os membros da tribo de Levi, no entanto, foram recenseados à parte, pois estavam encarregados da conservação do Tabernáculo, uma tenda enorme que servia de local de culto e abrigo dos objetos sagrados hebreus, como a arca da aliança.

Mas guardar a casa do Senhor não era uma tarefa isenta de perigos, como Nadab e Abiú, filhos de Aarão, puderam constatar, pois, estando um dia a adorar a Deus no interior do templo, cometeram não se sabe que grave deslize no culto que fez o Senhor fulminá-los instantaneamente. De qualquer modo, os descendentes da tribo de Levi continuaram a officiar os serviços divinos, tornando-se, destarte, os mais respeitados membros da grande comunidade judaica.

Durante o dia uma grande nuvem cobria o Tabernáculo, tomando durante a noite a aparência de uma coluna de fogo. Então um dia a nuvem se elevou e Moisés ordenou ao povo que erguesse suas tendas, pois o Senhor ordenara a partida de todos do Sinai.

Todos partiram em nova marcha pelo deserto, com os levitas transportando a tenda do Senhor, até que a nuvem pousou novamente sobre ela, no deserto de Fará.

– Ergamos aqui as nossas tendas – disse Moisés, ao observar o estranho fenômeno.

Entretanto, depois de três dias de viagem e privação, o povo começou,

outra vez, a queixar-se das condições de vida a que estava submetido.

– Isto não é vida! – disse um dos queixosos. – Até quando vamos errar por estes desertos horríveis, mal-alimentados e pior vestidos?

– É isto mesmo! – disse outro, não menos exaltado. – Chega de perambulações!

As queixas avolumaram-se tanto que chegaram aos ouvidos do Senhor, o que significava que o castigo não tardaria, como de fato não tardou.

– Fogo! Fogo! – bradou uma voz, em desespero, não muito tempo depois.

Um grande incêndio rompera nas tendas de uma das extremidades do acampamento, alastrando-se com grande velocidade.

Naqueles dias em que Deus andava tão próximo do povo, não se tropeçava numa pedra sem que se atribuísse imediatamente a autoria do desastre ao deus encolerizado. Por isso, logo o povo tratou de procurar socorro junto ao interlocutor privilegiado dessa divindade ameaçadora.

– Moisés! Socorre-nos, pois vamos todos morrer queimados! – diziam os insubmissos, com as mãos na cabeça.

– Reclamar e depois implorar por perdão! – disse Moisés, enterrando seu bastão com fúria na areia. – É só isso o que sabem fazer, miseráveis?

Apesar disso, Moisés intercedeu junto a Deus e este fez cessar o fogo. Desde esse dia aquele lugar passou a ser chamado de Tabera, que quer dizer “incêndio”.

Mas aquele castigo só não bastou. Havia no meio dos judeus um grupo de mestiços não-israelitas que os judeus chamavam de “rabble”, o qual, cessada a função do incêndio, entendeu de começar outra revolta.

– Chega de maná! – disseram eles, lançando longe o alimento que Deus lhes mandava dos céus todas as manhãs. – Já não agüentamos mais comer isso!

Logo os israelitas uniram as suas vozes ao coro dos revoltosos.

– É isso mesmo! – bradaram eles. – Lembra da fartura que havia no Egito? Oh, os nossos queridos peixes, melões, cebolas e alhos!

Todos pareciam enxergar à frente aquela antiga abundância.

– Se Deus nos mandasse, ao menos de vez em quando, alguma coisa diferente, quem sabe? – disse uma velha, seca como um feixe. – Mas não. Tudo o que enxergamos pela frente é sempre esse maná detestável!

À noite, os queixosos reuniram-se em romaria e foram fazer fila diante da tenda de Moisés, para exigir mudanças. E tanto o importunaram que o pobre profeta não teve outro remédio senão ir importunar, também, ao próprio deus. Este, por sua vez, recebeu-o com a ira habitual.

– Malditos! – disse o Senhor Deus. – Até quando demonstrarão ingratidão?

Moisés, metido entre dois fogos, sentiu, então, pela primeira vez, uma revolta crescer em seu coração, não só contra os sediciosos, mas contra o próprio Senhor.

– Senhor! – disse ele. – Por que maltratas tanto a este seu servo? Por que devem repousar sempre sobre os meus ombros as traições que este povo não cessa de praticar? Por acaso fui eu que pari toda esta gente, para que a esteja a carregar de lá para cá feito uma babá, até depositá-la na terra que foi prometida não a mim, mas a Abraão?

Moisés ergueu-se e pôs-se a caminhar nervosamente sob as estrelas.

– Eles querem carne de novo, Senhor! – prosseguiu Moisés a lamuriar-se. – Mas onde poderei arranjar carne para alimentar toda essa gente, todos os dias? Acaso está em meu poder lançar carne para todos os lados como um chafariz?

Moisés sentou-se, desanimado, e disse, num tom de voz lastimável:

– Já não posso mais suportar sozinho todo esse peso. Se o Senhor pretende continuar a me tratar dessa maneira, peço que me tire logo a vida, ou me livre então de toda essa desgraça.

Um silêncio opressivo envolveu o velho servo. De sua cabeça inclinada pendiam, como um véu prateado e sutil, os cabelos embranquecidos pela longa jornada. Por um momento o velho crente sentiu vontade de abandonar aquela ralé imbecil e seu deus colérico e cair no deserto, onde estaria livre para sempre daquelas malditas querelas, sob o doce abrigo da paz da descrença. Depois de alguns instantes, porém, a voz do Senhor retornou, um pouco mais calma.

– Reúna setenta anciãos de Israel e os leve até a Tenda do Encontro – disse o Senhor. – Ali farei com que reparta com eles um pouco do meu espírito, já que ele tornou-se pesado demais para ti.

Só de ouvir isto, Moisés já sentiu um alívio sobre os ombros. Agradecido, já ia retirando-se quando Deus recomeçou.

– Espera; ainda há mais. Diga ao povo que se santifique, pois amanhã farei chover carne outra vez sobre suas cabeças, e comerão dela a fartar, pois a chuva irá durar não um nem dois dias, mas um mês inteiro.

Moisés, no entanto, chegou a duvidar do Senhor.

– Esta gente conta seiscentos mil homens a pé, fora os inúteis para a guerra – disse Moisés, incrédulo ele também. – Nem que se matassem todos os nossos rebanhos não seria o bastante para lhes aplacar a fome!

– Então vou mostrar-te se minha palavra se cumprirá ou não – disse Deus,

laconicamente.

Quando os setenta anciãos estavam postados à frente do Tabernáculo, Deus fez como dissera, espalhando sobre eles o seu espírito e aliviando a carga dos ombros de Moisés. Nesse mesmo instante todos eles começaram a profetizar. Na verdade, sessenta e oito, pois dois haviam ficado no acampamento. Eldad e Medad eram seus nomes. Mas enquanto os demais cessaram logo o surto, esses dois permaneceram a profetizar sem parar, de tal sorte que Josué correu até Moisés para fazer-lhe queixa.

– Moisés, Eldad e Medad não param de profetizar em meio ao povo! – disse Josué, alarmado. – Mande-os se calarem!

– Por que deveria? – disse Moisés, irritado. – Por acaso Deus ficou diminuído por causa disso? Deixe que profetizem à vontade! Quem dera Deus transformasse todos em profetas.

Nas horas seguintes, um vento forte trouxe até o acampamento um bando inumerável de codornizes, tão grande que juncavam o chão por toda a parte. Imediatamente o povo saiu de suas tendas e pôs-se a recolher o alimento abundante, e o fez com tanta gana que aquele que menos recolheu ajuntou dez cargas de asno. Não satisfeitos em cozinhar as carnes, ainda as colocaram a secar ao redor de todo o acampamento, para garantir que não se estragasse.

Deus, no entanto, vendo aquilo, ofendeu-se poderosamente.

– Por que as põem para secar? – perguntou, enfurecido. – Acaso duvidam que eu lhes mande outra leva nova e fresca amanhã?

Farto, então, da descrença daquele povo, o Senhor Deus fez com que a carne se transformasse em veneno no estômago dos glutões. Imediatamente começaram a soar os gritos das vítimas envenenadas a estorcerem-se pelo chão, presas de uma náusea violentíssima. Milhares morreram dessa forma, pois duvidaram da palavra do Senhor, e desde aquele dia aquele local passou a se chamar de Cibrot-Ataava, que quer dizer Sepulcros da Cobiça. Os que sobreviveram partiram com Moisés para irem acampar em Haseroth.

Tudo parecia em paz em Haseroth, até que Aarão e Miriam, irmãos de Moisés, surgiram para levantar nova questão. Enciumados pelo fato de que Deus falava apenas por meio do irmão, ignorando-os completamente, os dois resolveram inventar um pretexto para pôr em dúvida a autoridade de Moisés.

– Sua mulher é uma madianita – disse Miriam, encolerizada. – Não

poderia comandar nosso povo, uma vez que tomou uma não-israelita para esposa!

Então Deus cochichou ao ouvido de Moisés:

– Leva-os até a Tenda do Encontro.

Moisés fez como o Senhor mandou, e tão logo estiveram os três adiante da tenda, Deus desceu sobre eles sob a forma de uma nuvem e disse aos dois contestadores:

– Moisés é meu servo escolhido. Aos demais faço com que profetizem, mas não a ele, pois com ele falo face a face e não preciso de inspirações ou de enigmas para comunicar-me. Como se atrevem, pois, a criticar meu servo escolhido?

Instantaneamente a nuvem se retirou, fazendo com que a pele de Miriam ficasse coberta com as chagas esbranquiçadas da lepra.

Aarão, apavorado com a visão da irmã, clamou a Moisés para que intercedesse junto a Deus. Moisés, mais uma vez penalizado das loucuras do seu povo – agora patrocinadas pelos próprios irmãos –, atendeu ao pedido de Aarão e foi falar mais uma vez com o Senhor.

– Que ela seja confinada fora do acampamento durante sete dias, e só depois readmitida – disse Deus, decretando o castigo da irmã de Moisés.

Encerrava-se assim mais um capítulo – mas nem de longe o último – das revoltas do povo contra seu próprio Deus. Acampados nas proximidades da terra de Canaã, Deus entendeu que era hora de alguns hebreus irem espionar a terra prometida, para ver quem lá habitava e quais eram as condições para que o povo judeu pudesse nela ingressar com segurança.

– Manda alguns homens para fazer o reconhecimento da terra de Canaã – disse um dia o Senhor a Moisés.

Dentre esses espiões arregimentados estava Josué, também chamado Oséias, que liderou o grupo pelo deserto do Negueb, até que alcançassem, com a máxima descrição, o vale do Escol, que queria dizer vale do Cacho, pois ali havia grande plantação de vinhas, com uvas tão grandes que um único cacho ocupava um galho inteiro. Josué cortou um deles para levar de volta, como prova da fertilidade da terra.

Depois de quarenta dias, a expedição retornou ao acampamento montado em Cades, trazendo muitos frutos, mas também a notícia de que a terra era habitada por muitos povos, os quais possuíam grandes cidades com muralhas sólidas ao redor.

O povo, para variar, mostrou-se revoltado com as notícias, embora o

fizesse com a boca cheia das uvas que Josué e seus homens haviam trazido de Canaã.

– Fomos enganados! – bradaram estes. – Fizemos toda esta viagem pelo deserto apenas para nos defrontar com a terra prometida já habitada e fortificada.

– E agora? – gritou outro. – Vamos voltar ao Egito e dizer “Perdoa, Faraó, aceite-nos de volta, pois fomos enganados. Não havia terra alguma para nós em Canaã!”.

Caleb, da tribo de Judá, que tomara parte na expedição, tentou acalmar o povo:

– Marchemos contra eles! – disse, entusiasmado. – Somos fortes e temos Deus ao nosso lado.

Mas alguns dos outros homens que haviam retornado puseram-se a contestar amargamente as palavras de Caleb.

– Você está delirando! – disseram. – Eles são muito mais fortes do que nós. Como poderemos enfrentá-los, se há entre eles até mesmo uma raça de gigantes?

Eles referiam-se aos descendentes de Enac, raça descomunal que vivia em Canaã, e da qual surgiria um dia um certo Golias.

Uma grande choradeira ergueu-se de novo, para tormento renovado de Moisés.

– Vamos voltar para o Egito! – diziam uns.

– Escolhamos um novo líder, já que esse perverso pretende entregar nossos pescoços ao fio da espada dos caananitas!

Josué e Caleb escutavam, horrorizados, o discurso daquela gente.

– A terra que o Senhor nos prometeu é excelente! – disse Josué. – Se Deus disse que nela irá nos introduzir é porque não nos deixará perecer às mãos da gente que lá vive!

– Sim, o Senhor nos ajudará a conquistar a terra que prometeu a Abraão! – disse Caleb, tentando encorajar novamente o seu povo.

Mas de nada adiantaram as palavras dos dois. O povo, amotinado no último grau e aterrado com a possibilidade de ter de enfrentar as armas dos cananeus, amalecitas, amorreus, jebuseus e outros povos que viviam na terra da promessa, intentaram apedrejar Josué e Caleb e, finalmente, o próprio Moisés.

Mais uma vez o Senhor chamou Moisés para lhe repetir a velha ameaça.

– Agora basta! – disse ele, dominado novamente pela cólera. – Desta vez exterminarei totalmente esta raça de víboras, fazendo a partir de ti uma nova e justa descendência.

Outra vez Moisés viu-se obrigado a interceder, para evitar a catástrofe definitiva.

– Senhor, peço que reconsideres! – disse o seu servo mais fiel. – Pensa no que dirão os povos quando souberem que retiraste teu povo da escravidão no Egito para depois ir exterminá-lo no deserto como a escorpiões daninhos. “Ele quis dar uma terra a seu povo, mas como não conseguiu, achou melhor massacrá-los para que não testemunhassem seu fracasso!” Eis o que dirão do Senhor! Perdoa, e mesmo que decidas punir mais esta ofensa, não permita que por meio dela pereça todo o teu povo!

Deus fez novamente aquele silêncio angustiante que Moisés tão bem conhecia, até que a voz divina tornou a soar aos ouvidos do profeta.

– Muito bem, eu os perdorei, uma vez mais. Mas juro que nenhum desses que por mil vezes afrontaram minha autoridade chegará a colocar os pés na terra do promissão. Todos aqueles com mais de vinte anos que se opuseram de maneira vil aos meus decretos terão os ossos enterrados nestas areias. Nenhum desfrutará da promessa, a não ser Josué e Caleb.

A sentença severa dessa vez alcançou o próprio Moisés, o qual aceitou a sua parte da punição sem esboçar o menor sinal de contrariedade. Afinal, fora ele o guia daquele povo, e fora sob as suas ordens que tantos motins haviam surgido para contestar a palavra do Senhor. Nada mais justo, portanto – pensava ele – que recebesse juntamente com eles a mesma punição. Moisés, coerente consigo mesmo, mais uma vez não fugia à sua responsabilidade.

Deus decretara em quarenta o número de anos que os judeus deveriam errar ainda pelo deserto, até que o último dos revoltosos houvesse deixado de existir. Somente então os restantes ingressariam na terra prometida.

Mas a primeira parte do castigo aconteceu naquele mesmo instante. Dez dos companheiros de Caleb e Josué, que haviam ido com eles espionar a terra prometida e se associado depois aos queixosos, caíram mortos diante dos olhos de todos.

O povo, atemorizado diante da demonstração do poder de Deus, veio, então, até Moisés, declarando-se pronto a marchar imediatamente contra os inimigos.

– Estão loucos? – disse o velho líder. – Já não viram que Deus os abandonou e que não contam mais com o favor divino?

Mas os hebreus amaldiçoados teimaram que deveriam enfrentar os cananeus, mesmo sabendo que Deus não estaria com eles, e partiram armados de espadas e lanças, subindo a montanha, no rumo de Canaã. Moisés, no entanto,

permaneceu no acampamento, proibindo que a arca da aliança fosse levada para o campo de combate.

– Desistam! – bradou Moisés, vendo as forças partirem para a derrota inevitável. – Deus não estará, em momento algum, ao lado de vocês!

Todos os seus avisos, porém, não foram suficientes para impedir mais este gesto de loucura da parte estragada do rebanho divino. Os amalecitas e os cananeus, percebendo por meio de espiões que parte dos israelitas marchavam contra suas cidades, decidiram mandar-lhes ao encontro uma força militar muito mais numerosa, que terminou por destroçar miseravelmente os agressores israelitas.

Mas os desentendimentos entre Deus e seu povo não terminaram por aí. Logo depois do desastre militar, três israelitas chamados Coré, Datã e Abidam decidiram levantar novo motim contra Moisés e Aarão, comandando cerca de outros 250 revoltosos. Dessa feita a disputa girava em torno do sacerdócio e dos privilégios que os sediciosos alegavam recair somente sobre os dois irmãos.

– Por que isso, se todos os membros da comunidade são consagrados? – disse Coré a Moisés, com inveja.

No dia seguinte, o deus dos israelitas anunciou a Moisés que o atrevimento dos revoltosos não ficaria impune.

– Afastem-se deste bando, pois liquidarei com todos – disse o Senhor.

Moisés tentou moderar mais uma vez a ira desmedida do seu Deus, mas ele repetiu novamente, com a mesma ênfase, a sua advertência.

– Afastem-se das proximidades das moradias de Coré, Datã e Abidam.

Moisés, sabendo que a sorte daqueles desgraçados estava definitivamente selada, ordenou aos membros da comunidade para que se mantivessem longe das tendas dos insubmissos, os quais permaneceram ali com suas famílias, mulheres e filhos.

– Agora irão saber se sou ou não o escolhido de Deus e se as atitudes desses rebeldes ofenderam ao Senhor! – disse ele, com o semblante carregado.

Mal Moisés acabara de pronunciar estas palavras e um grande tremor atingiu o local onde estavam situadas as tendas dos rebeldes. Um grito de pavor ergueu-se não só das bocas dos atingidos, mas de todos que contemplavam a cena.

– Vejam, a terra está se abrindo! – gritou alguém, apontando para o grupo.

De fato, num segundo a terra se abriu e as tendas de Coré, Datã e Abidam foram engolidas, junto com eles e seus familiares. Depois a terra os cobriu, como a um sepulcro, silenciando para sempre as suas vozes, sem deixar deles um único vestígio sob o sol. Ao mesmo tempo, o restante dos 250 seguidores de Coré, que portavam incensórios diante do Tabernáculo, na presunção de serem também admitidos ao ofício divino, foram instantaneamente consumidos pelo fogo que Deus mandou.

– Pegue o que restou dos incensórios – disse Moisés a um dos sacerdotes, filho de Aarão – e os reduza a lâminas para revestir o altar.

Essa foi a forma que Deus usou para advertir aos israelitas de que ninguém estranho à descendência de Aarão poderia se aproximar de seu altar para oferecer sacrifícios.

Depois de um castigo de tal magnitude, era de se esperar que os recalcitrantes retornassem à razão – ou, ao menos, à prudência. Mas tal não se deu, e assim, já no dia seguinte, novo motim se estabeleceu no acampamento. Dessa vez a revolta se espalhou por toda a comunidade, de tal modo que uma grande comitiva dirigiu-se ao Tabernáculo, onde estavam Moisés e Aarão, disposta a fazê-los em pedaços.

– Foram vocês que mataram o povo do Senhor! – disseram eles, irados.

– O sol cozinhou, então, os miolos de todos, neste maldito deserto? – exclamou Aarão ao seu irmão, sem conseguir compreender a persistência de toda aquela gente em querer provocar a ira de Deus. – Decerto que desta vez não sobrá viva uma única pessoa!

E a julgar pelas palavras do Senhor, era justamente isso que estava prestes a acontecer.

– Afastem-se daqui para que eu possa acabar com eles num instante – disse o Senhor, e Moisés e seu irmão mais uma vez se lançaram de joelhos diante dele para implorar que não o fizesse.

Deus, surdo aos apelos, começou a mortandade. Uma terrível peste espalhou-se por todo o acampamento, dizimando milhares de pessoas, até que Moisés ordenou a Aarão que fosse fazer expiações a Deus em nome do povo.

Aarão permaneceu com um incensório nas mãos, no meio dos mortos e dos agonizantes, até cessar a ira de Deus. Quatorze mil e setecentas pessoas morreram, as quais, somadas aos 250 homens e mais as famílias de Coré, Datã e Abidam, perfaziam um número assombroso de mortos por conta de desentendimentos entre Deus e seu povo.

Então o Senhor decidiu esclarecer de uma vez por todas o assunto da

primazia de Aarão como sacerdote principal do Tabernáculo – querela que ameaçava, cedo ou tarde, exterminar toda a comunidade israelita.

– Que o chefe de cada uma das doze tribos traga até ti uma vara, cada qual com o nome de sua casa nela inscrita – disse o Senhor Deus. – Depois coloquem todas diante da arca da aliança para que eu declare qual será a escolhida, pondo um fim nesta disputa, a qual nem mesmo eu posso mais suportar.

Assim se fez, e durante toda a noite as varas estiveram depositadas na Tenda do Encontro, até que na manhã seguinte Moisés entrou lá dentro e encontrou a vara de Aarão, da casa dos levitas, recoberta de brotos, flores e até amêndoas maduras.

– Aqui está a confirmação da eleição divina! – disse Moisés, mostrando ao povo a vara de Aarão, num milagre que punha em evidência a escolha do Senhor.

(Milagre ainda maior foi que o povo não tivesse acusado Moisés de embusteiro, já que fora ele o único a ter acesso à Tenda do Senhor desde que as varas haviam sido ali depositadas.)

De qualquer modo, serenados, finalmente, os ânimos, tiveram todos tempo para, numa trégua, prantear e sepultar Miriam, a irmã de Moisés, que havia falecido, para só então retomar as disputas.

25. O ASNO DE BALÃO

Acampados em Cades, próximo ao deserto de Sin, os israelitas aguardavam uma boa oportunidade para ingressar na terra da promessa. Moisés, que fora eleito líder pelo próprio deus dos judeus, teve de enfrentar diversas revoltas daquela multidão que ele devia pastorear pelos desertos até lhes dar o destino final, profetizado por Deus. Ele próprio, no entanto, sabia que seus pés jamais haveriam de pisar na terra onde corria o leite e o mel, mas nem por isso descuidara um instante do seu dever. A essa altura, depois de tantas revoltas e punições que se vira obrigado a pôr em prática, o velho Moisés não esperava outra coisa senão concluir sua tarefa e regressar ao seio de Abraão, como então se dizia.

Antes disso, porém, ainda deveria enfrentar grandes percalços em sua longa jornada. Depois de ter enfrentado uma nova revolta provocada pela falta de água e de ter repetido o milagre de fazer jorrar água das pedras, Moisés, sabendo que deveria atravessar as terras dos edomitas (descendentes idólatras de Esaú) para poder chegar à terra prometida, resolvera enviar emissários aos líderes dessa poderosa tribo para que dessem livre acesso à multidão errante que ele liderava.

– Não passaremos por dentro de suas cidades nem beberemos uma única gota de sua água, mas seguiremos sempre pela estrada real, sem jamais nos desviarmos dela – asseverara Moisés, pela boca dos seus emissários.

O rei de Edom, no entanto, recusou-se terminantemente a permitir a passagem dos israelitas, temeroso de que estes logo desencadeassem uma pilhagem em suas terras.

– Ninguém pisará as minhas terras sem que eu lhes saia ao encontro de armas em punho – disse ele, eliminando qualquer possibilidade de diálogo.

Então Moisés decidiu desviar prudentemente a marcha das terras de Edom, chegando depois de dias de penosa marcha ao monte Hor. Ali o Senhor anunciou a Moisés que seu irmão Aarão estava prestes a morrer.

– Suba com Aarão e o filho dele, Eleazar, até o topo do monte, e entregue as vestes sacerdotais a este.

Tudo fez-se conforme as ordens do Senhor. Eleazar foi investido na

condição de sacerdote e logo depois Aarão faleceu, fazendo com que Israel inteiro lamentasse o desaparecimento daquele que tantas vezes contestara.

Cessado o luto, a imensa leva de expatriados seguiu seu rumo até chegar às proximidades de Arad, no deserto do Negueb. Ali vivia um rei que não era menos desconfiado que o rei de Edom, e por isso resolveu impedir também a passagem dos judeus. O rei de Arad ordenou a seus homens que atacassem os israelitas, o que estes fizeram com sucesso, aprisionando alguns judeus. Então Moisés decidiu que era hora de enfrentar os inimigos de Israel e pediu auxílio ao seu deus, pois sabia que sem o auxílio Dele não poderia jamais derrotar os inimigos bem armados.

Dessa vez o Senhor esteve ao lado dos israelitas e deu-lhes a vitória sobre o rei de Arad. Inspirados pela sua fé, os homens de Israel lutaram bravamente até derrotar o inimigo. Entretanto, vencido o inimigo externo, logo ressurgiu o interno, sob a velha forma da vacilação da fé – talvez o mais perigoso dos inimigos que Israel deveria enfrentar em suas inúmeras campanhas. Exaustos de percorrerem aquele deserto, sem água e roupas, o povo começou novamente a reclamar das péssimas condições de vida a que estava submetido. E assim, pediram água, outra vez. E reclamaram do maná intragável, outra vez. E o Senhor tomou-se de ira contra eles, outra vez. Só que desta feita Deus mandou sobre o povo um conjunto de serpentes venenosas, que aos poucos foi levando a morte aos revoltosos.

– Senhor! Senhor! Livra-nos dessas serpentes venenosas! – clamava o povo, em desespero, pois não sabia mais como livrar-se daquele terrível flagelo.

Então Moisés, mais uma vez, viu-se obrigado a interceder.

– Ergue uma cruz no meio do acampamento e enrola nela uma serpente de bronze – disse o Senhor. – Todo aquele que for picado pelas cobras e olhar para a serpente no alto do poste estará salvo.

Moisés fez tal como seu Deus ordenara, e logo multidões de envenenados rojaram-se diante do poste, recebendo a benção da cura. “Graças ao Senhor que também não transformaram a serpente em novo deus!”, pensou Moisés, temeroso de que estivesse para surgir um novo bezerro de ouro.

Dali os israelitas partiram, indo acampar em Obot, e mais tarde em Abarim, nas proximidades do reino dos moabitas, que eram descendentes de Moab (filho de Lot com uma de suas próprias filhas). Dali seguiram até o poço de Beer e percorreram ainda muitos outros lugares, sempre na rota para Canaã, até se defrontarem com o reino dos amorreus (amorreu era uma palavra semita que significava “oeste”, pois esse povo estava instalado a oeste da

Mesopotâmia). Moisés repetiu o mesmo estratagema que empregara com os edomitas e não obteve melhor resultado.

– Em minhas terras não entrarão – disse Seon, rei dos amorreus.

Mas Seon não ficou só nisso, e no mesmo instante mandou preparar seus exércitos para expulsar de suas fronteiras aquele povo errante.

Entretanto, seus planos deram totalmente errado, pois ao travar batalha contra os israelitas, em Jasa, foram os amorreus inapelavelmente derrotados, e os judeus apoderaram-se de suas terras, expulsando-os de suas moradias. Mais adiante os israelitas também enfrentaram e derrotaram, da mesma maneira, Og, o rei de Basã. Desta feita não deixaram vivo um único homem, apoderando-se de toda a terra.

E então chegou a vez dos israelitas subirem as planícies de Moab. Situada a leste do rio Jordão, era um local perfeito para que a comunidade de Moisés – a essa altura convertida em verdadeiro exército de nômades – se instalasse e se preparasse para os próximos embates. Moisés era agora o verdadeiro chefe militar, e seu povo era temido em toda região como uma nação de invasores.

– Não passam de bárbaros – disse Balac, o rei dos moabitas, que estava apavorado diante da ameaça concreta de invasão do seu país. – Se entrarem em nossas terras devorarão tudo, como o boi devora um pasto abandonado.

O rei de Moab conhecia, entretanto, uma espécie de “profeta de aluguel” que vivia numa localidade próxima do Eufrates. Ele se chamava Balaão e suas adivinhações, bênçãos e maldições eram tidas e havidas como muito poderosas.

– Que Balaão lance a maldição divina sobre estes bárbaros – disse Balac, rei dos moabitas, certo de que o profeta itinerante iria resolver o seu dilema.

O que o rei de Moab não sabia era que o deus de Israel guardava para o profeta um de seus milagres mais surpreendentes.

Então, era uma vez um profeta itinerante chamado Balaão, que vivia às margens do Eufrates, em Petor, no nordeste da Mesopotâmia. Tendo sido agraciado por Deus com o dom da previsão, era ele muito requisitado por todos os reis e potentados da região, cumprindo muitas viagens para tal fim. Ora, um dia, estando a orar em sua casa, teve interrompida sua prática com a chegada de vários anciãos de Moab.

– Balac, rei de Moab, tem um trabalho para você – disse o líder dos anciãos.

Balaão olhou para o velho sem deixar transparecer o menor sinal de espanto.

– Já esperava por isso – disse ele, com as pálpebras entrecerradas.

– O verdadeiro profeta vive em estado de permanente espanto – dissera certa vez um rival, que sabia interpretar à perfeição o tipo do “profeta estarecido”. – Nem que seja para afastar a suspeita de charlatanismo – acrescentara.

Mas Balaão, fiel ao papel que Deus – dizia – lhe confiara, permanecia sempre firme na serena impassibilidade de quem já tudo sabe porque tudo previu.

– Vou consultar Deus – disse ele – e amanhã lhes darei a resposta.

Balaão despediu a comitiva, mas nem por isso deixaram de ressoar em sua cabeça, ainda por muito tempo, estas palavras sublimes que o rei de Moab lhe dissera no fecho do discurso: “Porque sei que abençoado fica aquele que você abençoa, e amaldiçoado aquele que você amaldiçoa”.

Os anciãos ficaram alojados na casa de Balaão, enquanto este consultava a vontade de Deus.

– Quem são esses homens que aí estão em sua casa? – disse Deus a Balaão, durante a entrevista que ambos entretiveram na calada da noite.

Deus estaria testando a sua sinceridade?, pensou Balaão. Porque, sendo Deus, deveria saber perfeitamente quem eram aqueles homens.

– São emissários do rei Balac, dos moabitas – disse, como quem descobre um segredo que só a Deus se revela. – Ele quer que eu vá até ele e amaldiçoe um bando de nômades rapineiros que estão às portas do seu reino para devastá-lo e pilhá-lo.

– Não faças tal – disse Deus –, pois este povo é um povo abençoado.

“Nômades rapineiros *abençoados?*”, pensou o profeta itinerante, suspeitando de outra cilada. Nesse momento, porém, a frase do rei moabita, que tanto o impressionara, retornou com um vigor ainda maior: “Porque o que ele abençoa está abençoado, e o que ele amaldiçoa está amaldiçoado”.

Ora, o que valia alguma coisa para ele, mísero profeta, deveria valer um milhão de vezes mais para Deus, pensou Balaão, e esse argumento pôs um fecho na questão.

No dia seguinte Balaão reuniu os anciãos e lhes disse, sem rebuscos:

– Digam ao rei de Moab que Balaão, príncipe dos profetas, não irá.
Os velhos entreolharam-se, profundamente contrariados.

– E por que não irá? – disse o líder.

– Balaão, príncipe dos profetas, não irá porque Deus não quer que vá – disse Balaão, de maneira categórica.

Os anciãos regressaram até Moab e repetiram a Balac os termos do profeta.

– Balaão, príncipe dos profetas, manda dizer que não vem porque Deus não quer.

Balac, rei dos moabitas, mandou, então, outra embaixada até Balaão, carregada de tesouros a fim de encorajar o profeta itinerante a vir até si.

Balaão recebeu os embaixadores e lhes deu abrigo outra vez, enquanto foi entreter nova conversa com Deus.

– Já que eles insistem, vai – disse Deus. – No entanto, dirás apenas o que eu mandar.

Balaão comunicou a boa nova aos embaixadores, que arreganharam os dentes de satisfação, e foi depois aprestar o seu jumento, velho companheiro de jornadas pelas estradas poeirentas do Oriente Médio.

No mesmo dia, Balaão partiu no rumo da terra dos moabitas.

Nesse meio tempo, porém, Deus havia se irritado – um tanto tardiamente – com a decisão de Balaão de ir ao encontro de Balac, rei de Moab. Na verdade, fora uma cólera um tanto incompreensível também, já que ele próprio dissera expressamente ao profeta “Levanta-te e vai com eles”. De qualquer modo, Deus resolveu impedir o avanço de Balaão, postando no meio da estrada um anjo com uma espada ameaçadora.

Um pouco antes, vinha vindo Balaão montado em seu jumento, sem saber do anjo. Num trote pausado, nem apressado e nem vagaroso, decorria a viagem, enquanto Balaão aproveitava o trajeto para observar a paisagem, ao mesmo tempo árida e convidativa à reflexão. De repente, porém, viu o asno estacar o passo abruptamente, lançando-o de encontro ao pescoço do animal.

– Mas o que foi isto? – disse ele, lutando para manter-se sobre as ancas do asno.

“Talvez tenha visto uma serpente”, pensou ele, lembrando-se de episódios parecidos. Mas se o asno vira alguma serpente, ele, Balaão, não vira nada. Quase de ponta-cabeça, revistou tudo, atrás, embaixo e adiante do animal. O jumento, no entanto, mantinha os olhos esgazeados de pavor.

Metido numa estreita plantação de vinhas, ladeada por dois muros de

pedra, Balaão decidiu seguir adiante, e para tanto empunhou a sua vara de comando.

– Eia, adiante, animal! – disse, vergastando as ancas do jumento.

As orelhas pontudas do animal tremeram e ele sacudiu sua grande cabeça, que antes convidava ao afago que à agressão, pois à sua frente permanecia postado o anjo de carranca severa – coisa que só o asno podia enxergar.

Decidido a não enfrentar aquela figura ameaçadora, o animal desviou-se dos muros e ganhou os campos.

– Aonde pensa que vai, animal estúpido? – disse seu condutor, tomando as rédeas nas mãos, com redobrado vigor.

O asno zurrou, mas de nada adiantou, e ele viu-se obrigado a tomar o rumo anterior, bem na direção do anjo, que vibrava a espada ameaçadoramente.

Entre a vara e a espada, o jumento concluiu que a primeira ainda representava um mal menor, e por isso desviou-se radicalmente, indo de encontro ao muro. Porém o fez com tanto descuido que a perna de Balaão raspou na pedra áspera, rasgando-lhe o manto e ferindo a pele da perna.

Enfurecido, Balaão desceu do jumento e pôs-se a chicoteá-lo.

– Animal estúpido! – bradou, enfurecido. – Veja só o que fez!

Mas a mula, vendo que era impossível avançar sem ter de enfrentar o anjo, estacou definitivamente e caiu sobre o solo, recusando-se a seguir adiante.

– Maldito animal! – disse o profeta, no último grau da ira.

Balaão surrou tanto o pobre animal que o teria matado caso Deus não intercedesse e pusesse em ação um milagre verdadeiramente singular.

– Por que me bate desta maneira? – perguntou o jumento, voltando finalmente a cabeça na direção do seu dono.

Balaão estava tão inflamado pela ira que não percebeu o milagre e prosseguiu surrando o indefeso animal.

– Maldito provocador! – disse Balaão. – Se eu tivesse uma faca na mão, acabaria de uma vez com a sua raça!

– Mas não sou eu a mula que sempre o guiou confiavelmente pelos caminhos? – disse ainda o animal, arreganhando seus grandes dentes amarelos na cara de Balaão. – Alguma vez agi mal com você?

Balaão, acalmada a ira, pôs-se aos poucos a raciocinar.

– Não, você nunca agiu mal para comigo – disse ele, dando-se conta, de repente, da maravilha que Deus operara.

No mesmo instante em que percebeu o milagre da mula falante, percebeu também o milagre do anjo postado à sua frente com a espada. Balaão ingressara

naquela mesma esfera mágica na qual entrava quase todos os dias quando fazia seus miraculosos oráculos. Caindo de joelhos, cobriu a cabeça com as mãos.

– Por que teima em espancar o animal? – disse o anjo. – Se ele tivesse avançado eu teria matado você, para que não seguisse adiante.

Balaão imaginou, então, que Deus não aprovava a sua ida até os moabitas.

– Voltarei sobre os meus passos, se esta é a vontade divina! – declarou, reverentemente.

Mas não era isso o que Deus desejava.

– Segue adiante, mas fala somente o que eu te inspirar – disse ele.

Então Balaão ficou sabendo que Deus não dava tanta importância ao fato de que ele tivesse resolvido ir até os moabitas, afinal. Deus surgira ali por outro motivo, e esse outro motivo só podia ser este: queria demonstrar a ele que, a exemplo do jumento, o profeta sóalaria aquilo que Deus desejasse. Sim, era essa a lição.

“Mas se não está nas minhas mãos impedir que Deus fale por mim, como não o pôde impedir o jumento, por que, afinal, a advertência?”, pensou Balaão, enquanto avançava.

Nesse momento o jumento sacudiu a grande cabeça, fazendo esvoaçar a crina sedosa, com o que espantou uma mosca importuna que o incomodava.

Balaão tomou isso como um novo sinal de Deus e calou seus pensamentos.

Doravante, nem ele – nem o jumento, decerto – deram mais um único pio até estarem diante de Balac, rei dos moabitas, que aguardava o profeta ansiosamente.

– Balaão chegou – disse um servo a Balac, rei dos moabitas.

O rei recebeu o profeta itinerante com todas as honrarias e na manhã seguinte fez com que ele subisse o monte Bamot-Baal (“Topo de Baal”), de onde poderia avistar parcialmente o imenso acampamento dos hebreus.

– Ali estão os bárbaros invasores – disse o rei Balac.

Milhares de tendas encardidas estendiam-se a perder de vista, drapejando os seus panos, enquanto os hebreus perambulavam como formigas de lá para cá.

– Quero que ergam sete altares e que imolem sobre cada um deles um touro e um carneiro – disse Balaão ao rei moabita.

Balac cumpriu e logo os sete altares arderam, enquanto o profeta afastava-

se sozinho para o pico de uma colina sem vegetação.

– Vá e amaldiçoe lindamente esses bárbaros – disse o rei moabita.

Balaão, porém, ao chegar lá foi visitado pelo deus de Israel. Dominado por uma força infinitamente superior à sua, Balaão, em vez de amaldiçoar o povo hebreu, começou a fazer um discurso completamente oposto.

– O rei de Balac chamou-me dos montes do Oriente para que amaldiçoasse a toda essa gente – disse o profeta, de mãos erguidas na direção do vasto acampamento. – “Venha e rogue lindas pragas ao povo de Israel”, disse ele. Mas como amaldiçoarei a quem Deus não amaldiçoou? Verdadeiramente, este é um povo imenso, inúmero como o pó! Que forças terei eu para fazer o que Deus não quer que se faça? Que meu destino seja igual ao deles, nação eleita pelo Senhor!

Balac, rei de Moab, ao escutar essas palavras, bradou de punho cerrado na direção do profeta:

– Que asneiras está dizendo aí? Disse para que os amaldiçoasse lindamente, mas em vez disto os abençoa horrendamente!

Balaão voltou-se para o rei e respondeu com serena altivez:

– Da minha boca não deve sair somente o que Deus inspira?

Balac, imaginando que o profeta não podia cumprir a ordem por não ter senão a visão parcial do acampamento israelita, decidiu fazer uma segunda tentativa.

– Desça daí e venha comigo – disse o rei, encaminhando-se para o cume do monte Fasga (“A Espreita”). – Do alto daquele pico poderá ver o povo inteiro e amaldiçoá-lo corretamente.

Outra vez foram erguidos sete altares e, em cada um deles, imolados um touro e um carneiro. Depois Balaão afastou-se de Balac e foi ter novamente com o Senhor. Enquanto o profeta afastava-se, produzindo um ruído de pedrinhas esmagadas, o rei lhe preveniu:

– Veja lá, hein? Desta vez quero que os amaldiçoe lindamente!

Mas novamente o profeta teve sua língua tolhida e as maldições foram substituídas por novas bênçãos, de tal sorte que quando Balaão repetiu ao rei moabita as palavras que dissera, este o censurou amargamente.

– Imbecil! Se não consegue amaldiçoá-los, ao menos não os abençoe!

– Não sou eu quem o faz, mas o próprio Deus – disse Balaão, imperturbável.

Balac, então, tomou Balaão pela mão e lhe sugeriu que repetisse as mesmas coisas num terceiro monte.

Confiante de que dessa vez seus ouvidos escutariam as mais lindas maldições já proferidas por uma boca humana, Balac, rei de Moab, instalou o profeta no alto do monte Fegor e lhe disse:

– Amaldiçoa-os, agora, com todo o seu vigor!

Balaão ergueu os braços e disse vigorosamente:

– Como são belas as suas tendas, ó Jacó, e as suas moradas, ó Israel!

Bendito quem os abençoar e maldito quem os amaldiçoar!

– Maldito seja você, idiota! – rugiu Balac, arrancando os cabelos. – Já pela terceira vez mandei que fizesse uma coisa e você fez outra!

Então, perdendo o resto da sua paciência, Balac desistiu da empreitada.

– Vá embora de volta para sua casa – disse o rei dos moabitas. – Porque não fez o que lhe pedi, dando ouvidos a Deus, perderá a maravilhosa recompensa que eu tinha em mente lhe dar.

– Nem que você me desse o seu palácio cheio de prata e de ouro poderia falar outra coisa que não o que o Senhor me inspirou – disse Balaão, irredutível.

– Antes, porém, ainda tenho outras coisas a lhe dizer acerca deste povo e seu futuro.

Balaão profetizou grandes triunfos para os hebreus e grandes desgraças para os moabitas e nações rivais de Israel, o que não soou nem um pouco bem para os ouvidos endurecidos do rei de Moab.

– Adeus, charlatão – disse Balac, já que não ouvira nada do que quisera ouvir.

26. O MASSACRE DOS MEDIANITAS

Os israelitas haviam se instalado provisoriamente em Setim, após chegarem próximo à fronteira de Canaã, a terra que Deus havia prometido um dia ao patriarca Abraão e a toda a sua inumerável descendência.

Moisés era o líder militar e espiritual daquela imensa multidão de errantes que há anos vagava pelos desertos escaldantes do Oriente Médio. Apesar de seus 120 anos de idade, continuava a comandá-los, embora soubesse que jamais haveria de entrar com eles na terra da promessa. Tendo enfrentado inúmeras rebeliões do povo – provocadas pela péssimas condições de vida a que estavam todos submetidos desde a fuga do Egito –, Moisés ainda não encontrara um único instante de sossego desde que começara sua longa peregrinação pelo deserto. Depois de tantos percalços, uma nova apostasia surgiu no meio dos israelitas.

– Moisés, o povo está adorando os deuses de Moab – disse-lhe um dia Josué, seu mais fiel e valoroso soldado.

– Quando acabará tudo isso para mim, ó Senhor? – disse o velho guia, levando as mãos à cabeça.

A verdade é que Moisés já não fazia mais questão de ingressar na terra prometida, mas antes ser enterrado no seio dela, único lugar onde poderia encontrar a paz tão almejada.

De fato, os israelitas haviam começado agora a cultuar Baal, o deus dos moabitas, provocando grande ira no Deus de Moisés. Imediatamente ele deu ordem a este para que os apóstatas fossem mortos:

– Reúna os chefes de cada tribo e ordene que pendurem os idólatras no patíbulo, ao sol, como castigo.

Como se tudo isso não bastasse, Zambri, um israelita, havia surgido no acampamento acompanhado de uma madianita. Finéias, filho de Eleazar e neto do falecido Aarão, vendo aquilo, enchera-se de ira contra ele:

– Por que traz essa idólatra para nossa comunidade?

– Ora, que mal há nisso? – disse o infrator, com um ar de deboche. – O próprio Moisés não se casou com uma madianita?

A madianita – que se chamava Cozbi – deu uma gargalhada de escárnio,

estreitando-se ainda mais ao peito de Zambri. Logo em seguida, ambos rumaram para uma das tendas, onde pretendiam consumir a relação proibida.

Finéias, inconformado com o desafio, tomou de uma lança à vista de todos e rumou para a tenda onde o atrevido Zambri fora misturar seu sangue abençoado ao sangue impuro dos idólatras. Ao abrir o pano, descobriu o hebreu deitado sobre a madianita, a gozar do seu prazer e alheio a tudo o mais. Sem hesitar, Finéias suspendeu a enorme lança e a atravessou nas costas do desgraçado, matando a ambos, homem e mulher, no melhor momento da vida.

Deus apreciou tanto o gesto de Finéias que decretou a suspensão das mortes que havia ordenado em todo o acampamento – que já haviam chegado a 24 mil –, além de ter garantido a toda a descendência de Finéias o sacerdócio do Templo.

Quanto aos madianitas, a ira do Senhor recém havia começado.

– Ordena a teus homens – disse o Senhor a Moisés – que ataquem e matem os madianitas, como castigo pela insolência desse povo para comigo.

Outra vez as espadas de Israel, depois de terem justificado os membros impuros de seu próprio povo, correram a massacrar aquele povo rival e idólatra.

Depois de mais essa matança foi preciso fazer-se novo recenseamento, para ver quantos israelitas ainda haviam nas hostes de Moisés e quantos haviam perecido no castigo e nos combates. Haviam, aptos para a guerra, exatos 601.730 homens. Nesse censo não constava mais nenhum dos homens que haviam saído do Egito – à exceção de Moisés, Caleb e Josué –, pois Deus os amaldiçoara por suas reiteradas desobediências, garantindo que jamais pisariam na terra prometida.

Entretanto, ainda faltava desaparecer o último homem daquela geração, e este era o próprio Moisés, já que o servo mais fiel de Deus também fora incluído na maldição por haver duvidado do poder divino durante uma revolta.

– Sobe, Moisés, ao topo do monte Abarim – disse o Senhor ao velho de 120 anos –, pois lá te farei contemplar a terra que darei a teu povo.

Moisés sentiu um frêmito interior, que lhe anunciava que sua longa jornada estava prestes a chegar ao fim. Tomando de seu cajado, sem jamais discutir, fez o que Deus ordenara e galgou o alto monte, não se importando com a exaustão da penosa subida.

Tão logo alcançou o topo, Moisés pôde observar, em toda a extensão, a terra que Deus havia prometido num dia muito distante a Abraão, o patriarca dos hebreus. Era um fim de dia; o sol batia às costas do velho profeta, iluminando toda a terra, que se tornara de variadas cores, com seus montes e picos repletos

de luz e de sombra. “Aí está ela!”, pensou Moisés, emocionado.

Por alguns instantes seus olhos nublaram-se de lágrimas ao dar-se conta de que jamais iria colocar seus cansados pés naquela terra. Mas Moisés, mais que profeta, era homem prático e vivido, e por isto mesmo pouco dado a sentimentalismos. Algo no seu interior lhe dizia que seus olhos seriam poupados de ver novas e espantosas desgraças e que as alegrias ali seriam contadas um dia nos dedos de uma só mão.

Recompondo o semblante, Moisés preparou-se para a sua grande hora.

– Logo chegará o momento de te reunir a Abrão, a Isaac, a Jacó, a teu irmão Aarão e a todos aqueles que te precederam no caminho da morte – disse o Senhor, com satisfação, pois sabia que logo teria em seu seio um de seus servos mais fiéis.

Moisés recebeu a notícia com alívio, mas apesar disso ainda guardava uma preocupação em sua alma.

– Senhor – disse ele –, não posso partir sem que designes o meu sucessor, para que este povo imenso não fique como um rebanho de ovelhas desprovida de pastor!

Então o Deus de Israel designou Josué como sucessor legítimo no comando do povo escolhido. Seguindo as instruções do Senhor, Moisés impôs suas mãos sobre Josué, o qual foi indicado novo líder de Israel à vista de todos e de Eleazar, sacerdote do Templo.

Antes de morrer, entretanto, Moisés recebeu mais um encargo: o de armar um poderoso exército para marchar contra os madianitas. Doze mil homens postaram-se diante do velho profeta, além do sacerdote Eleazar, encarregado de conduzir com os demais oficiantes do Templo a arca sagrada, que tanto pavor incutia nos adversários.

Israel saiu-se vitorioso nos combates, nos quais tombaram os cinco reis de Madian, além do profeta Balaão.

Todos os prisioneiros – somente mulheres e crianças, já que os homens haviam sido passados todos a fio de espada – foram levados até o acampamento judeu, às margens do Jordão. Moisés, tomado por uma cólera incomum num homem de 120 anos, correu até os soldados que traziam os prisioneiros e lhes disse rudemente:

– Por que deixaram vivas as mulheres? Não foram elas que induziram os homens de Israel ao pecado, instigadas por Balaão?

Centenas de mulheres e crianças cativas escutavam aterrorizadas a conversa que o enfurecido ancião entretinha com seus oficiais, pressentindo o

destino que as aguardava.

– Matem todos os meninos e toda mulher madianita que já teve relações com algum homem! – disse Moisés, que nunca se parecera tanto com o seu próprio deus como naquele instante. – As meninas virgens, porém, tomem para vocês.

Uma das condenadas bradou, então, em desespero:

– Oh, perversa contradição! Então esse homem manda matar nossas mulheres porque fornicaram com os hebreus – ele, o esposo de uma madianita! –, mas autoriza que a partir de agora eles possam fazer o mesmo com nossas meninas? Pune com a morte um delito que logo em seguida autoriza, de um modo ainda mais vil!

Sua voz, no entanto, perdeu-se em meio aos gritos desesperados das mulheres e das crianças, as quais foram levadas rapidamente para longe dali para serem executadas. Era a lei do deserto – lei universal naqueles tempos bárbaros – que mais uma vez triunfava. Moisés sabia que as coisas seriam assim, também, com a sua gente, caso se invertessem os papéis.

Os soldados que procederam ao morticínio foram impedidos de pisar dentro do acampamento durante sete dias, para que se purificassem do contato com as crianças e mulheres impuras, e somente depois de cumprido o prazo é que foram readmitidos novamente ao convívio de Israel. Enquanto durou o período de purificação, Moisés procedeu a partilha dos despojos com seus soldados e oficiais: bois, jumentos, ovelhas, pilhas de ouro e 32 mil meninas virgens, que os soldados hebreus repartiram entre si.

Moisés estava ultimando os preparativos para a travessia do Jordão – passo fundamental para o ingresso de Israel na terra prometida –, quando recebeu emissários de algumas de suas tribos (dentre os quais destacavam-se os descendentes de Ruben e de Gad), que pediram encarecidamente para permanecer naquelas terras, sem precisarem atravessar o rio para ir enfrentar os canaanitas.

– Querem, então, que seus irmãos vão à guerra, enquanto vocês ficam aqui, pastoreando pacificamente seus rebanhos? – disse Moisés, irando-se outra vez. – Corja de pecadores! Repetem, então, o erro de seus pais, quando se recusaram a ir para a terra da promessa por mera covardia? Não sabem que por causa disso Deus os condenou a vagar pelo deserto durante quarenta anos, sem

jamais poderem ingressar em Canaã? Querem que a ira do Senhor, depois de ter descido sobre os pais, desça agora também sobre os filhos?

Mas, ainda assim, os recalcitrantes teimaram:

– Estamos dispostos a marchar com os demais e a enfrentar também as armas dos canaanitas – disse o porta-voz do grupo –, desde que nossos filhos permaneçam nestas terras aqui, pastoreando os animais em segurança. Depois que os demais estiverem instalados na terra prometida, nosso grupo retornará para a margem oriental do Jordão, pois aqui está a herança que decidimos tomar para nós.

– Se for assim, então está bem – disse Moisés.

E assim ficou acertado que os gadistas, rubenitas e também os descendentes de Manassés (um dos filhos de José) ficariam com as terras de Galaad, na margem oriental do Jordão, depois que tivessem ajudado os demais israelitas a tomar posse da terra da promessa, na margem ocidental.

Então o Senhor falou novamente a Moisés, instruindo-o sobre a maneira como deveriam proceder à invasão das terras de Canaã.

– Quando tiverem entrado na terra que prometi a Abraão – disse o Senhor –, deverão expulsar de lá todos os seus habitantes, destruindo todas as imagens e ídolos, fazendo o mesmo com seus altares. Se não expulsarem todos os habitantes de Canaã, eles serão futuramente para vocês como espinhos nos olhos e agulhões nas costas e continuarão a hostilizá-los para todo o sempre.

E dessa maneira ficou quase tudo pronto para que os judeus pudessem finalmente ingressar na terra prometida.

DO DEUTERONÔMIO

27. A MORTE DE MOISÉS

Moisés, depois de ter libertado o povo hebreu da servidão no Egito e de o ter conduzido por mais de quarenta anos pelos caminhos sufocantes dos desertos, pressentia que seu fim estava próximo. Com 120 anos de idade, o velho profeta era já um homem alquebrado, embora seu espírito ainda se mantivesse plenamente lúcido.

“Deus meu, o que mais, ainda?”, pensava ele todas as manhãs, ao erguer-se do leito para mais um novo dia de tensa expectativa. Sabia que tanto ele quanto seu povo estavam prestes a fazer uma travessia, e que a dele seria absolutamente solitária.

– Não ingressarás na terra prometida – dissera-lhe Deus, muitos anos antes, por causa de uma vacilação que Moisés demonstrara durante uma apostasia do seu povo.

Moisés, contudo, nem por isso desanimara de levar adiante o duro encargo de pastorear o seu povo, persistindo com firmeza na tarefa de conduzi-lo até as portas da terra da promessa. Na verdade, isto não o incomodava muito, pois os anos de experiência lhe haviam ensinado que o caráter dos homens não mudava com as latitudes. Sem precisar exercitar dom profético algum, era perfeitamente capaz de prever que a Canaã tão ambicionada nem de longe seria para os descendentes de Adão um novo jardim do Éden. “Josué terá muito trabalho pela frente”, pensava, quase penalizado daquele homem cuja robustez talvez não chegasse a bastar para arcar com o pesado encargo de comandar toda aquela multidão instável de homens e mulheres.

Moisés estava entregue a essas reflexões quando foi abruptamente arrancado pelo chamado inesperado do seu Deus.

– Vai e dirige tuas últimas palavras aos israelitas – disse-lhe o Senhor.

Moisés ergueu-se e mandou que organizassem todo o povo à sua vista. Depois, pronunciou um longo discurso, no qual relembrou todos os episódios, bons ou ruins, desde a fuga do Egito até a chegada às margens do Jordão. À maneira de um pai consciencioso, juntou à rememoração dos fatos algumas prédicas úteis, a fim de prevenir os israelitas de que se mantivessem sempre fiéis à palavra do seu Deus. Essa, acrescentou, seria a única maneira de não serem derrotados e expulsos da terra que agora estavam prestes a receber como fruto da aliança que haviam firmado com o Senhor de Israel.

– Não pratiquem jamais a idolatria – disse ele, alertando-os em sonora voz –, pois o Senhor é um deus que não admite parceiros na adoração.

Moisés também explicou a razão de tantos padecimentos a que foram

submetidos os israelitas em seu duro peregrinar pelo deserto.

– Ele os pôs à prova – disse o ancião –, para saber se teriam constância na observação dos seus preceitos. Depois de tê-los feito provar da fome, lhes deu do céu o seu divino pão para que soubessem que nem só de pão há de viver o homem, mas de tudo quanto saia da boca de Deus. Agora, depois de tudo isso, ele vai introduzi-los na boa terra, onde manam em abundância o leite e o mel. Ali, se souberem guardar zelosamente o pacto que com ele acertaram, viverão imersos nas delícias, fartando-se e bendizendo o Senhor por toda a eternidade.

Moisés fez uma pausa, enquanto observava as feições dos milhares de israelitas a olharem-no fixamente. Um misto de piedade e raiva misturava-se em sua alma, pois sabia que muitos daqueles que ali estavam – e não só eles como seus descendentes –, uma vez na terra santa, ainda infringiriam mil vezes cada uma daquelas regras que ele recapitulara com o zelo cuidadoso de um bom professor. Mas nem por isso deixou de seguir adiante em sua prédica, lembrando e acrescentando nova série de normas materiais e espirituais a serem observadas perpetuamente.

Foi um longo discurso. Ao cabo dele, estava quase sem fôlego, e seus membros tremiam. Mas, ainda assim, encontrou forças para comparecer à Tenda do Encontro, onde deveria conversar com Josué, seu sucessor.

Entretanto, quem encontrou ali foi novamente o Senhor, oculto numa coluna de nuvens, o que lhe deu a confirmação de suas mais negras previsões com relação ao destino dos israelitas na terra de Canaã.

– Tão logo tenhas ido reunir-te a teus pais, este povo vil me desobedecerá outra vez, indo prostituir-se alegremente aos deuses dos canaanitas, já dentro dos limites da terra que lhes darei em herança. Pois tal é o povo com o qual firmei minha aliança.

Moisés, embora já tivesse há muito essa intuição, não pôde, ainda assim, deixar de cerrar as pálpebras e contrair o rosto numa expressão de desgosto. Entretanto, logo ele relaxou serenamente as feições cansadas, como se tivesse resolvido abandonar-se ao mais profundo alívio. “Por mais que digas, nada disso verei”, pensou, enquanto a voz retumbante do Senhor prosseguia com o seu discurso cavernoso.

– Nesse dia minha ira tornará a acender-se, e então eu os abandonarei! – esbravejou Deus, inflamado por uma cólera premonitória.

“Grande é o Senhor”, pensou Moisés, sem uma única ruga na testa.

– Esconderei meu rosto e eles serão devorados!

“O cetro da justiça pertence ao Senhor.”

– Imensos males se abaterão sobre esse povo amaldiçoado!

“Porque nada se faz sem a sua vontade.”

– E então eles dirão: “O mal nos sobreveio porque demos as costas ao Senhor!”.

“Assim, com certeza, dirão os réprobos.”

– Mas eu continuarei a lhes esconder o meu rosto!

“O Senhor concede ou não o seu perdão.”

Então um longo minuto de silêncio pesou sobre ambos. Moisés, de olhos cerrados, perguntava a si mesmo se finalmente chegara a sua hora.

Mas dali a pouco a voz do Senhor fez-se ouvir novamente.

– Compus alguns versos. Repita-os ao povo, para que os decore.

– Versos? – disse Moisés, incrédulo, abrindo os olhos.

– Sim – disse o Senhor. – Eles servirão de justificativa à minha ira, quando ela descer sobre eles.

Os olhos de Moisés voltaram a se fechar e a sua testa tornou-se lisa outra vez.

“Ouvirei e reproduzirei os versos do Senhor, tantos quantos forem.”

Foi um cântico bem curto, na verdade, e Moisés, apesar dos seus 120 anos de idade, pôde guardá-lo inteiro na cabeça. Nele, o Senhor fazia questão de afirmar que sabia de antemão que seria traído por seu povo, e que este, tão logo estivesse instalado na terra prometida, desfrutando livremente das suas delícias, se entregaria impudentemente aos pérfidos deuses de Canaã.

O Senhor mandou que seu servo repetisse o cântico, o que ele fez com perfeição.

– Ótimo – disse o Senhor. – Ensine-o logo aos israelitas.

– Assim farei – disse Moisés, preparando-se para mais essa tarefa antes da morte infinitamente anunciada.

“Deus manifesta por esse estranho artifício a sua piedade para com o seu velho servo”, pensou Moisés, iluminado subitamente por um raio de compreensão, “eis que intenta exaurir-me até o último fio de energia para que quando a morte sobrevenha eu possa dizer-lhe, de braços abertos: ‘Vem, refrigerio dos exaustos, deixa-me pousar para sempre a cabeça em teu regaço!’.

Agradecido, Moisés deixou Josué a sós com o Senhor, para que este o abençoasse, o que ele fez logo em seguida, dizendo ao novo líder que fosse forte e corajoso, pois que estaria sempre ao seu lado.

Moisés fez cessar o alarido disparatado do povo, mas foi incapaz de repetir com exatidão, depois de algumas tentativas, a primeira linha do cântico que o Senhor exigira que ele decorasse. Repetiu-lhes pausadamente os primeiros versos, que diziam: “Pois, quando fizer entrar Israel na terra que jurei dar a seus pais, terra onde corre leite e mel...” e o povo lhe respondeu com pelo menos seis versões conflitantes, uma das quais dizendo: “Pois quando fizer entrar em Israel, juro que farei jurar aos meus pais dar na casa onde escorre o pão e o mel...”. Então Moisés compreendeu que seria muito mais difícil do que imaginara.

Armado, entretanto, da fé e da perseverança dos justos, conseguiu, finalmente, fazê-los repetir o curto poema. Logo em seguida, dirigiu-se até o Tabernáculo, onde ordenou aos levitas – tribo judaica encarregada do sacerdócio do Templo – que depositassem as leis sagradas junto da arca sagrada, para que servissem de testemunho contra as apostasias do povo.

– Pois se hoje, quando ainda estou no meio do povo, ele mostra-se rebelde, que tal será quando eu não mais estiver por aqui? – disse o velho líder, severamente.

Depois, inspirado pelos versos do Senhor, reproduziu perante todos um cântico dez vezes maior do que aquele que Deus lhe ensinara. Nele o servo mais fiel de Deus começou elencando todas as qualidades do seu Senhor, afirmando que ele era o rochedo, que eram perfeitas as suas obras e justos os seus caminhos.

Depois desse preâmbulo poético, Moisés passou às ásperas invectivas, chamando os israelitas de geração depravada e perversa e de povo louco e insensato. Lembrou aos depravados o quanto seu Deus era generoso e de quantos dons e benesses dotara os seus pais. Depois, do mesmo modo, lembrou as infinitas apostasias do povo, cometidas e por cometer, e de como o fogo da cólera divina arderia até o abismo mais profundo, consumindo os fundamentos das montanhas; afirmou em seguida, num rojo poético verdadeiramente magnífico, que o Senhor acumularia desgraça sobre desgraça, lançando sobre os réprobos todas as suas flechas, punindo-os com a fome, com a febre, com a peste mortal, com os dentes das feras e com o veneno das serpentes que se arrastam pelo pó. Disse que incluiria no mesmo castigo a criança de peito e o ancião, e que só não os exterminaria de todo para que os inimigos de Israel não se vangloriassem, invocando para eles a derrota do povo de Deus.

Então, tomado de súbito rancor contra seus verdadeiros inimigos, o profeta anunciou que o Senhor também abateria a estes, porque só Ele era capaz de ferir e de curar e de matar e de ressuscitar. Moisés concluiu seu poema

afirmando que o Senhor embeberia de sangue as suas flechas e que sua espada se fartaria da carne e do sangue dos mortos e dos cativos e das cabeças dos chefes inimigos, e que esta seria a sua maneira de vingar o sangue de todos os seus servos, purificando para sempre a sua terra e o seu povo.

Feito isso, o Senhor ordenou a Moisés que subisse ao topo do monte Abiram, para que dali descortinasse uma vez mais a terra de Canaã, uma vez que nela jamais pisaria. Assim como Aarão morreria no alto do monte Hor, assim Moisés, seu irmão, morreria no alto do monte em que agora estava. Moisés acatou suavemente a ordem de Deus, pois entendeu que desta vez, sem dúvida, era o fim.

Mas não era.

– Abençoa agora teu povo – disse o Senhor, dando a feliz oportunidade ao servo de despedir-se da sua gente para todo o sempre.

Moisés fez mais uma vez o que seu Senhor ordenara e rezou uma bela oração de despedida àquele povo junto do qual, durante mais de quarenta anos, sorria e padecera e se desentendera e se desesperara e se impacientara e se encolerizara a ponto de mandar matar milhares, já que outro meio não havia de manter sob controle, em pleno deserto, toda aquela multidão, que era mais uma turba de ignorantes sempre pronta a abraçar a insubmissão e a revolta e o deboche e a lascívia e o pecado.

Todas as tribos, enfim, foram abençoadas pelo velho e amado líder – tantas vezes também odiado –, antes que ele restituísse seu alento ao Senhor (e diz-se alento porque ninguém, então, acreditava possuir uma alma imortal distinta do corpo), e mais uma vez o Senhor mostrou ao seu servo dileto, do alto do monte, tudo quanto ele não poderia jamais desfrutar, porque foi essa a maneira que Deus encontrou de dar consolo ao servo dileto na hora de sua morte.

Moisés expirou e seu corpo foi enterrado nas terras de Moab, além de Canaã, e desde então todos os israelitas tiveram a certeza de que nunca mais surgiria entre eles alguém que tivesse tamanha intimidade com Deus e que lhe dirigisse a palavra face a face, ou que fizesse prodígios como os que Moisés fez, em nome do Senhor – à exceção do Messias divino, que um dia certamente haveria de vir, para logo depois partir, e depois retornar novamente, para todo o sempre.

DO LIVRO DE JOSUÉ

28. AS MURALHAS DE JERICÓ

Josué – cujo nome significa “O Senhor é o Salvador” – foi o sucessor indicado por Moisés para comandar o povo israelita após a sua morte. Ele fora, quarenta anos antes, um dos doze homens escolhidos para fazer a primeira inspeção na terra que Deus prometera dar à descendência de Abraão. Como somente ele e outro israelita chamado Caleb haviam demonstrado fé nas possibilidades de vitória do povo israelita, o Senhor determinara que apenas eles, dentre aquela geração, poderiam um dia ingressar na terra prometida. Deus os premiara, dessa maneira, pela fé e pela confiança que haviam demonstrado no plano divino para Israel.

Agora Josué era o líder militar e espiritual dos judeus, que estavam acampados às margens do rio Jordão, ultimando os preparativos para a invasão de Canaã.

Entretanto, ali viviam muitos povos, os quais os israelitas deveriam expulsar para que pudessem apossar-se integralmente da terra que, segundo eles, Deus lhes dera em herança. Josué, na condição de chefe militar, deveria dar início à guerra inevitável.

– Josué, levanta e atravessa o Jordão – disse o Senhor. – Conduz meu povo até a terra da promessa e subjuga todos aqueles que se antepuserem à tua frente, eis que estarei sempre contigo, onde quer que estejas.

Josué marcou para três dias depois de sua entrevista com o Senhor a partida das tropas e de toda a população israelita rumo a Canaã. Antes, porém, certificou-se de que os descendentes de Ruben, Gad e Manassés, que haviam proposto a Moisés permanecer nas terras orientais do Jordão, também iriam lutar contra os canaanitas.

– Assim como prometemos a Moisés, agora também prometemos a ti – disse a Josué o porta-voz daquelas tribos.

Josué, inspirado pela velha estratégia de Moisés, decidiu também mandar à frente do exército alguns espiões. Chamando dois homens, lhes disse com firmeza:

– Vão e vejam o que os canaanitas tramam contra nós.

Os dois espiões embuçaram-se e partiram, chegando já noite fechada diante das muralhas bem guarnecidas de Jericó, a cidade mais importante de Canaã. Ali havia, numa espécie de contraforte que dava para a ponte da cidade, a residência de uma prostituta muito famosa no lugar. Seu nome era Raab, e foi a ela que os dois espiões se dirigiram, simulando serem dois clientes estrangeiros.

– Olá, podemos entrar? – disse um deles, olhando para o alto, onde a

prostituta escorava seus seios voluptuosos sobre o vão de uma estreita janela.

A prostituta dirigiu o olhar para os forasteiros e, depois de estudá-los detidamente, disse:

– Trazem dinheiro?

– Certamente! – disse um dos espiões, agitando uma pequena bolsa.

A mulher desapareceu do vão para reaparecer logo em seguida na porta que dava acesso à residência. Suas vestes de seda caíam sobre as suas formas como uma fina gaze, projetadas para amoldarem-se perfeitamente ao desenho do seu corpo.

Ela recebeu-os e seguiu à frente deles, penetrando por um vão escuro.

– Cuidado – disse, laconicamente, enquanto os três mergulhavam num trecho de completa escuridão.

Os dois hebreus avançaram seguindo o rastro forte do perfume da bela Raab e o ruído cantante das pulseiras que ela trazia nos pulsos e nos tornozelos. Quando ressurgiram à luz de uma candeia colocada no centro do outro aposento, perceberam também que anéis e brincos não lhe faltavam, espalhados pelo corpo todo. Um, em especial, chamou a atenção do mais novo dos hebreus: era um brinco de prata, com finas estrias em relevo, ajustado à narina direita, que ela seguidamente alisava, de maneira distraída, como num antigo hábito.

– Vocês são hebreus, não é isso? – disse ela, assim que os acomodou em sua pequena peça.

Os dois espiões ficaram pálidos como a lua.

O sorriso franco da prostituta, entretanto, acalmou os seus piores receios.

– Não há ninguém por aqui que ainda não tenha ouvido falar dos prodígios que seu povo tem realizado – disse ela, alisando o anel do nariz com a ponta do dedo anular graciosamente estendido e destacado dos demais.

Depois de alguns instantes de um silêncio constrangedor, ela disse ao mais novo dos espiões:

– Fale-me mais sobre o seu povo e o seu Deus.

O jovem, bastante atrapalhado, não sabia exatamente como começar, pois temia blasfemar ao referir o nome do Senhor àquela mulher idólatra e de má vida.

Raab, percebendo a atrapalhação do jovem, voltou seus olhos para o outro.

– Diga-me você, então, quem exatamente são e que Deus poderoso é esse que guia seus passos de modo tão exigente, e ao mesmo tempo tão zeloso.

O espião mais experiente disse algumas coisas vantajosas acerca de seu

povo, enquanto ela o observava com atenção, desviando eventualmente seus olhos pintados de sombras azuis na direção do outro. Este, pego sempre de surpresa, não tinha tempo de disfarçar a admiração que sentia por aquela mulher – que, muito ao contrário de ser vulgar, era a mais serena e comedida que já vira em sua vida –, e por isso passava todas as vezes por uma grande aflição. Mas tão logo a prostituta tornava a voltar o rosto na direção do seu companheiro, o jovem quedava-se novamente a observar o estriado anel nasal e os movimentos involuntários que ele fazia sempre que a delicada asa do nariz de Raab dilatava-se para aspirar o ar com mais profundidade.

De repente, porém, foram todos surpreendidos por violentas batidas na porta.

– Subam até o terraço e escondam-se sobre os feixes de linho – disse ela, tomando a mão do israelita mais jovem.

Os dois subiram por outro vão escuro – desta vez sem perfume ou ruído de pulseiras a guiá-los. Ao mesmo tempo, Raab foi rapidamente até a porta, pois já imaginava quem seria pela violência das batidas.

– Por que demorou tanto? – disse o intruso, que era um dos guardas da muralha.

Depois de observá-la dos pés à cabeça, num rápida olhada, ele disse com uma evidente nota de desprezo:

– Está com visitas?

– Não, não estou com visitas – disse ela, com uma raiva surda.

O guarda tomou a prostituta violentamente pelos ombros.

– Mentirosa, como sempre! – disse ele. – Testemunhas viram dois homens entrando hoje em sua casa!

– E quem disse que não entraram? – disse ela, sustentando bravamente o olhar.

O guarda afrouxou as suas garras e foi o bastante para que ela se desvencilhasse rapidamente dos seus braços e do seu hálito fétido.

– Entraram, mas já foram embora – disse Raab, fuzilando um olhar de ódio.

– Ótimo, então não receba mais nenhum estranho esta noite – disse o guarda, ligeiramente intimidado –, pois há rumores de que os malditos hebreus pretendem infiltrar espiões em Jericó.

Raab simulou um ar de espanto.

– Então... irão *mesmo* nos invadir? – disse ela, juntando apressadamente as abas superiores do seu manto.

Os olhos do guarda recaíram sobre as mãos crispadas da prostituta.

– São nômade traiçoeiros e desta raça pérfida tudo se pode esperar – disse ele. – Faz tempo que saíram?

– Não muito. Se correr, talvez os alcance, pois cruzaram há pouco o portão.

No mesmo instante, o guarda deu as costas a Raab e foi perseguir os espectros, já que os dois judeus permaneciam escondidos sob os feixes de linho.

– Já podem sair – disse a prostituta aos hebreus.

Os dois surgiram com as roupas e os cabelos cheios de felpas, que ela ajudou a retirar do mais jovem, num evidente sinal da sua eleição, enquanto dizia:

– Sei o que pretendem – disse ela, com o semblante sério.

O outro hebreu não fez questão de esconder mais nada.

– O Senhor vai nos dar esta terra em herança – disse ele – e ninguém poderá impedi-lo de fazer isto, como ninguém até hoje pôde impedi-lo de fazer qualquer coisa que quisesse, pois só ele é o Deus verdadeiro.

Raab, intimidada, viu nas palavras do judeu uma ameaça à sua própria vida. “Certamente irão me matar, para que não os delate!”, pensou, numa súbita vertigem.

Acostumada a situações perigosas e inesperadas, Raab lançou-se imediatamente aos braços do mais jovem.

– Por favor, não façam nada de mal contra mim ou o meu pai! – disse ela, derramando lágrimas verdadeiras, já que todas o são.

O jovem, tendo aquela mulher maravilhosa nos braços, não sabia o que dizer.

– Nada tema – disse o outro, com altaneria. – Deixe-nos partir sem que nos percebam e a sua vida e a de seu pai serão poupadas no dia de nossa entrada.

Raab retirou a cabeça dos ombros do jovem israelita, e como se ele próprio tivesse dito aquilo, lhe deu um terno beijo de gratidão.

– Muito obrigada – disse ela.

O jovem quase perdeu os sentidos ao ver aquele rosto tão próximo do seu – e, em especial, aquele misterioso anel, agora umedecido pelas lágrimas, vibrando na mesma intensidade com que vibravam as narinas da moça, agora quase escarlates.

– Vamos, antes que nos descubram – disse o outro, alarmado.

Raab correu a buscar uma corda grossa e a estendeu pela janela, já que na escuridão da noite dificilmente alguém os perceberia.

Depois que o mais velho havia se pendurado e começado a descer, o jovem voltou-se para Raab e disse, estendendo-lhe algo:

– Quando nossos exércitos transpuserem os portões de Jericó, você deverá pendurar nesta mesma janela este cordão vermelho, para que saibam todos que aqui vive uma mulher que foi fiel a Israel. Neste dia ninguém erguerá a mão contra você ou contra ninguém da sua família.

Raab tomou o cordão com ambas as mãos, penhor maior de sua segurança, e deu novo beijo no jovem antes que ele desaparecesse na escuridão. Somente quando ele colocou novamente os pés sobre o chão foi que percebeu que na beleza enfeitiçante do rosto da prostituta o anel nada era, e que a narina – aquela asinha lindamente rósea e quase sempre dilatada – era tudo.

– Canaã inteira treme de medo diante de nosso Deus! – disseram, radiantes, os espiões, assim que estiveram diante de seu comandante Josué.

Este, entretanto, sem pretender deixar-se levar por excessos de entusiasmo, dispensou-os com uma boa recompensa, tornando a ficar a sós.

Depois de refletir bastante e de orar ao seu Deus, Josué disse aos seus auxiliares que logo ao amanhecer deveriam ser desfeitas todas as tendas do acampamento, pois pretendia começar a marcha rumo a Canaã com o sol ainda bem baixo.

Quando o novo dia surgiu, os sacerdotes levitas já estavam de pé, com a arca sagrada suspensa em dois enormes varapaus, que eles sustinham sobre os ombros.

O povo, tendo diante de si o emblema do seu deus, apressou-se em desfazer as tendas e preparar suas coisas para a travessia do Jordão.

– Vamos finalmente para a nossa casa! – diziam as mulheres umas às outras, sem acreditar que se acabaria de uma vez por todas aquele horrível perambular pelos desertos.

Os sacerdotes tomaram a dianteira – numa distância de cem metros, que nenhum israelita podia encurtar sob pena de um castigo instantâneo –, conduzindo o povo eleito no rumo do rio que deveriam transpor até chegarem às muralhas de Jericó.

Josué, vendo chegar aquele instante, sentiu-se poderosamente inflamado, e bradou a todo o seu povo:

– Hoje Deus realizará proezas jamais vistas aos olhos humanos!

Então a voz do Senhor soou aos seus ouvidos.

– Faça com que os sacerdotes que carregam a arca suspendam a marcha tão logo seus pés toquem as margens do rio Jordão.

Josué obedeceu às ordens, e assim que seus pés tocaram as águas, eles detiveram seus passos.

– Como faremos para transpor o Jordão caudaloso? – disseram os mais incrédulos.

Josué, entretanto, ordenou imediatamente que se calassem.

– Imbecis! Já não fez uma vez o Senhor com que se abrissem de par em par as águas do mar? O que será, então, para ele, deter as águas de um simples rio?

Todos os olhares voltaram-se para o curso impetuoso do Jordão, cujas águas normalmente eram rasas, mas que na época da colheita – justamente aquela que o Senhor escolhera para demonstrar o seu poder – tornavam-se abundantes por causa do derretimento das neves do monte Hermon e das chuvas primaveris.

Então, subitamente, um prodígio desenhou-se diante dos olhos estarecidos de todos. As águas acima de onde os israelitas estavam pararam de correr, como que detidas por uma barreira invisível, enquanto as águas de baixo seguiam seu rumo natural, até que o trecho que os sacerdotes deveriam atravessar, conduzindo a arca da aliança, tivesse se tornado completamente seco. Então Josué ordenou que um representante de cada uma das doze tribos tomasse de uma das inúmeras pedras que juncavam o leito seco do rio para que estas servissem de prova às gerações futuras de que tal prodígio havia realmente sido obrado pelo poder do Deus de Israel. Assim, Deus engrandeceu a Josué como engrandecera anteriormente a Moisés, para que o povo aprendesse a respeitá-lo como seu novo e confiável líder.

Colocando-se à parte, os levitas aguardaram, então, que todo o povo atravessasse o leito ressequido do rio, para que só então eles próprios abandonassem, fazendo com que as águas retomassem seu curso anterior e habitual.

Quarenta mil homens armados tomaram a dianteira dos israelitas, pois chegara a hora de tomar formação de combate e foram tomar posição em Guilgal, no limite oriental de Jericó. Enquanto isto, os amorreus e todos os demais reis de Canaã foram tomados por um terror sobrenatural diante daquele prodígio que o deus dos invasores havia operado diante de todos os olhos.

Enquanto estiveram acampados provisoriamente em Guilgal, os israelitas

que não havia ainda sido circuncidados tiveram de passar por esta dolorosa operação, já que eram muitos os que, nascidos no deserto, ainda não haviam firmado em seus corpos o sinal da aliança com o Deus de Israel. Desde então aquele local passou a ser chamado de Morro da Circuncisão.

Enquanto as feridas dos homens cicatrizavam, os hebreus comemoraram no acampamento a festa da Páscoa, que relembra os dramáticos episódios da fuga do Egito. Josué estava retemperando as forças para o combate que se avizinhava, quando avistou nas proximidades das muralhas de Jericó um homem enorme, de espada erguida. Intrigado, correu até ele.

– É amigo ou inimigo de Israel? – disse Josué, com a mão no cabo de sua espada.

– Eu sou o chefe dos exércitos do Senhor – disse o anjo.

Josué caiu de joelhos diante da aparição e disse:

– O que me ordena, Senhor?

– Tira dos pés as suas sandálias, pois este lugar é sagrado.

Josué fez o que o Senhor lhe ordenara.

– Logo entregarei às suas mãos a cidade de Jericó! Desde hoje, e nos próximos seis dias, todos os guerreiros de Israel darão uma volta em torno às muralhas uma vez por dia. Adiante da arca seguirão sete sacerdotes empunhando trombetas de chifre de carneiro. No sétimo dia darão sete voltas em torno à cidade e então os sete sacerdotes farão soar as suas trombetas, enquanto o restante erguerá tremendo clamor.

Josué escutou o restante das instruções do Senhor e foi levá-las aos demais. No mesmo dia, tendo à frente os levitas com suas sete trombetas, os israelitas marcharam ao redor das muralhas de Jericó, para grande estarrecimento do povo sitiado.

– O que pretendem estes loucos? – disse um dos chefes amorreus. – Será que pretendem tornar-nos surdos, para que não possamos entender-nos em combate?

O desfile impressionante durou mais cinco dias, até que no sétimo os israelitas, tendo sempre à frente a arca e o som das trombetas, deram sete voltas ao redor das muralhas, para espanto infinito dos canaanitas.

Josué, por sua vez, ordenara aos seus homens que não dessem uma palavra até que ele ordenasse. Quando finalmente completou-se a sétima volta, Josué voltou-se para o seu povo e bradou com todas as forças:

– Agora gritem!

Neste instante as trombetas soaram com toda a força, enquanto um

espantoso alarido ergueu-se dos milhares de israelitas comprimidos diante das majestosas muralhas de Jericó. Os de dentro das muralhas taparam os ouvidos com as duas mãos, pois aquilo parecia um sortilégio maldito destinado a enlouquecer a todos. Mas antes que pudessem destapar os ouvidos, viram um grande pedaço da muralha destacar-se do alto e cair ao solo com um estrondo maior do que qualquer outro.

– O que é isto? – exclamou o rei dos amorreus, tomado pela incredulidade.

Como num jogo de dominó, começaram a ruir uma por uma as torres das guarnições, e por fim as próprias muralhas, levando consigo milhares de guerreiros que escondiam-se no alto. Os gritos estertorantes passaram então para as gargantas dos canaanitas, que não podiam acreditar no que seus olhos assistiam.

Não houve um único trecho da muralha que tivesse ficado inteiro, de tal sorte que os soldados de Israel só tiveram o trabalho de olhar para a frente e entrar no caminho livre que tinham diante de si.

– Não poupem a vida de ninguém, à exceção da prostitua Raab e de todos quantos estiverem com ela, pois ela foi fiel ao Deus de Israel! – disse Josué, autorizando expressamente o massacre da população e a pilhagem das riquezas de Canaã para que fossem enriquecer o tesouro do Deus de Israel.

De espada em punho, os israelitas invadiram Jericó, passando a fio de espada homens, mulheres, velhos e crianças, sem poupar a nenhum. Logo em seguida ele lançou a maldição divina sobre todo aquele que pretendesse reconstruir um dia Jericó.

– Maldito seja diante do Senhor aquele tentar reconstruir esta cidade! Os alicerces lhe custarão o primogênito, e as portas, o caçula!

Depois, voltando-se para os dois espiões, disse:

– Não esqueçam de salvar Raab!

Ambos correram até a casa da prostituta, que reconheceram logo pelo cordão vermelho pendurado à janela. Abraçada aos seus pais e irmãos, escutando o terrível ruído da batalha e dos agonizantes, estava Raab no último limite do pavor.

Neste momento os dois israelitas bateram à porta.

– São eles! – disse a prostituta, arremessando-se à porta.

– Nada tema – disse o judeu mais jovem, que havia guardado sua espada.

Imediatamente todos foram retirados da casa e levados para os limites externos do acampamento judeu. Desde então a ex-prostituta de Canaã passou a

fazer parte do povo judeu, tendo-se tornado, inclusive, antepassada em linha direta de Davi, Salomão e Jesus, conforme a genealogia proposta por Mateus (Mt 1;5).

29. O ARDIL DOS GABAONITAS

Logo após a tomada de Jericó pelos hebreus liderados por Josué, aconteceu um episódio que serviria para mostrar como o pecado de apenas um israelita tinha o dom de levar todo o resto da nação à perdição.

Acã – cujo nome significa “encrenca” – foi o protagonista deste episódio. Descendente da tribo de Judá, ele apropriara-se às escondidas de alguns tesouros saqueados de Jericó, depois que os soldados de Josué haviam exterminado sua população até o último habitante (pois tal era o hábito naquela época rude de conquistas).

Sem saber do furto desautorizado, Josué enviara um destacamento para inspecionar a cidade de Hai (“Ruína”), a leste de Betel. Este punhado de homens retornara logo em seguida para dizer que não seria necessário um grande contingente para tomar posse da cidade.

– Três mil homens bastarão – disse, confiante, um dos espiões.

Mas não bastaram. Apesar de poucos, os defensores de Hai mostraram-se surpreendentemente audazes na defesa da sua cidade e do seu credo, rechaçando totalmente o pequeno contingente dos hebreus. Trinta e seis judeus pereceram nesta frustrada investida, enquanto o restante teve de fugir vergonhosamente, sendo finalmente derrotados, de maneira miserável, na descida de uma encosta.

Diante desta notícia o coração do povo derreteu-se e tornou-se como água. Josué, comandante dos hebreus, cobriu seus longos cabelos grisalhos de cinzas e rasgou as suas vestes.

– Vergonha e infâmia para Israel! – disse ele, inconsolável, diante de sua primeira e aviltante derrota.

Prostrado diante da arca da aliança, desde a tarde até a noite, Josué e os anciãos de Israel puseram-se a lamentar em altos brados a desdita.

– Por que nos fez atravessar o Jordão, Senhor, se era para nos entregar, de maneira ignominiosa, à espada de nossos inimigos? – clamou Josué, com as lágrimas empastadas pela cinza. – Por que permitiu que tivéssemos de dar as costas a eles, perecendo de maneira vil e desonrosa, para descrédito eterno de nossa descendência?

Então, subitamente, fez-se ouvir a voz do Deus de Israel.

– Por que está aí a lamentar-se? – disse o Senhor. – Israel pecou. Alguém furtou os objetos destinados a mim, e por isto abandonei-os diante do inimigo. E assim será daqui por diante caso não seja punido com a morte o autor da infração ao interdito.

Interdito era tudo aquilo quanto estivesse destinado ao Senhor por ocasião das conquistas, inclusive a vida dos homens e animais conquistados, que eram também sacrificados a ele.

Deus deu, então, instruções expressas a Josué para que na manhã seguinte fosse sorteada entre as tribos uma vítima expiatória para o crime.

Um clima de terror se estabeleceu nas hostes de Israel. Como descobrir quem havia cometido o furto antes que o sorteio decidisse a sorte de algum inocente? Pois nisto tudo somente uma coisa era certa: alguém deveria pagar pelo pecado para que o Senhor voltasse a estar ao lado dos israelitas. Se o crime era individual, a punição era coletiva, pois Israel era para o Senhor uma esposa una e indivisível.

A noite passou e a manhã chegou sem que ninguém houvesse se apresentado. Então Josué tirou a sorte entre as tribos, recaindo a indicação na tribo de Judá. Dentre os membros desta tribo, foi sorteado Acã, o autor do furto.

– Apresenta-te e confessa teu crime – disse Josué, pois depositava inteira confiança no sorteio do Senhor.

Acã, sentindo que a própria mão de Deus o apresentara, caiu de joelhos e disse com as mãos no rosto:

– Sim, fui eu que pequei contra o Senhor! – disse, aterrorizado.

Acã confessou que havia furtado uma capa babilônica durante a pilhagem de Jericó, e mais duzentas moedas de prata e uma barra de ouro, que havia escondido sob o chão de sua tenda.

– Revistem o lugar – disse Josué, tão logo Acã terminara de falar.

Dali a instantes os homens retornaram trazendo o produto do furto.

– É tudo verdade – disseram eles, lançando os objetos ao chão.

Nada mais havia a ser dito. Josué ergueu a cabeça e disse com severidade:

– Apedrejem até a morte Acã e sua família.

Acã, sua esposa e seus filhos e filhas – e até mesmo os seus animais – foram conduzidos até o vale de Acor.

– Porque trouxeste a desgraça a Israel, a desgraça agora também descerá sobre ti – disse Josué, momentos antes de ordenar o começo do apedrejamento.

Logo as pedras pontudas começaram a voar sobre os desgraçados, que procuravam defender-se inutilmente com as mãos, até que os corpos finalmente

jazeram imóveis e desfigurados sobre o solo, repleto de manchas vermelhas e pedras manchadas pelo sangue amaldiçoado.

Os pertences de Acã foram consumidos pelo fogo, enquanto os corpos foram sepultados sobre uma pilha enorme de pedras, para que todos soubessem que desta mesma forma seria punida toda desobediência aos decretos do Deus de Israel.

A partir desse dia, Josué teve a certeza de que Deus estava outra vez ao lado dos israelitas. Tomando o seu exército, subiu novamente até a cidade de Hai. Desta vez trinta mil homens – em vez dos primeiros três mil – marcharam armados de espadas, lanças e flechas, para levar a cabo a obra de conquista.

– Nada temam, guerreiros de Israel, pois o Senhor Deus está novamente conosco! – bradara Josué, à frente de suas tropas.

De fato, mais uma vez a arca sagrada precedia o exército, infundindo pavor no inimigo e enchendo de confiança os guerreiros das doze tribos.

Josué havia colocado de emboscada um grande número de soldados por trás da cidade, enquanto ele e um número limitado de homens haviam se aproximado dos portões da cidade. Era já madrugada quando os generais de Hai perceberam a chegada do pequeno grupo.

– Vejam, os ratos do deserto querem levar outra surra! – disse um dos oficiais da cidadela.

No mesmo instante, os portões foram abertos e um grande contingente de homens saiu para enfrentar Josué e seus homens. Este, percebendo que tudo saía conforme seus planos, ordenou a imediata – e fingida – retirada dos judeus.

Tão logo os hebreus começaram a correr desabridamente pelo campo, os soldados inimigos urraram de prazer.

– Vamos massacrá-los novamente! – disse um dos generais inimigos, saindo todos da cidadela para ir caçar os hebreus e deixando a cidade à mercê de um ataque imprevisto, o que de fato aconteceu, pois assim que o último homem de Hai transpôs os portões da cidadela, os homens de Josué, escondidos na retaguarda, surgiram para entrar livremente na cidade desprotegida.

– Traição! Traição! – berrou um dos soldados de Hai. – É uma maldita traição!

Mas já não havia mais tempo para nada. Os soldados de Josué já haviam entrado todos na cidade e começavam a passar a fio de espada toda coisa viva

que encontravam. Aturdidos, os soldados que perseguiam Josué e seus homens viram-se obrigados a retroceder, ficando entre dois inimigos.

– Malditos idólatras! – disse Josué, com rancor. – Chegou a hora de descer sobre vocês a vingança do Deus de Israel!

Os inimigos foram todos chacinados, à exceção do rei, que foi levado vivo até Josué. Na cidade de Hai, cerca de doze mil homens e mulheres pereceram pela espada ou pela lança – ou seja, toda a população. Não satisfeito, Josué ainda ordenou – sempre sob as ordens do seu Deus – que a cidade fosse inteiramente queimada.

– Agora vamos dar um jeito no último deles – disse, olhando com fúria para o rei de Hai, que curvou a cabeça, sabendo de antemão o que lhe esperava.

Levado até uma árvore, foi ele ali enforcado e assim permaneceu durante todo o dia até que ao anoitecer foi retirado, pois assim ordenava o preceito que Moisés estabelecera, ainda no deserto. O cadáver do rei foi lançado à porta da cidade e um monte de pedras empilhado sobre ele, fazendo assim para sempre.

Para comemorar a vitória, Josué ergueu um altar para o Senhor no monte Ebal, onde foram feitas as ofertas e depositada uma cópia das leis que Moisés havia escrito por inspiração divina. Depois leu-as para todo o povo, que estava espalhado ao redor do altar.

Diante desta demonstração de poder, os reis de todas as nações vizinhas – heteus, amorreus, cananeus, fereseus, heveus e jebuseus – decidiram se aliar para combater os hebreus, que haviam se tornado uma ameaça permanente.

Entre estes povos, contudo, havia o dos gabaonitas, os quais, sendo dotados de um pouco mais de malícia, decidiram usar um ardil para salvar, ao menos, as suas vidas, já que os judeus haviam dado prova bastante de que não pretendiam poupar a vida de nenhum estrangeiro. Como os judeus ainda não soubessem de sua existência – já que estavam a uma boa distância de Hai e Jericó recém-conquistadas –, um belo dia partiu de seu reino (que não era nada pobre) um grande grupo de homens, mulheres e crianças, todos esfarrapados, levando nas mãos embrulhos contendo pedaços mofados de pão e odres velhos contendo um resto de vinho azedado. Depois de marcharem longamente sob o sol inclemente – o que lhes tornou ainda pior o aspecto –, chegaram finalmente diante de Josué, implorando por uma audiência.

– Quem são estes mendigos? – perguntou Josué aos seus oficiais.

– Afirmam ser habitantes de um reino distante e paupérrimo, chamado Gabaon – disse um auxiliar –, e vieram implorar pela sua clemência, já que não dispõem de riqueza alguma para acrescentar ao tesouro do Deus de Israel.

Josué ordenou que lhe trouxessem os líderes, e logo viu diante de si alguns anciãos maltrapilhos e muito mal-cheirosos que se rojaram aos seus pés, como escravos infinitamente miseráveis.

– Chegaram a nossos ouvidos as notícias do grande poder do seu Deus – disse o porta-voz, aspirando o pó das sandálias de Josué –, e por isso viemos pedir clemência para nosso miserável povo. Somos teus servos desde hoje, mas poupa-nos a vida, pois nada mais temos a oferecer além da nossa lealdade!

O velho, erguendo-se com infinita dificuldade, tomou, então, das profundezas de sua túnica esfarrapada algumas migalhas de pão que se esfarelaram na palma de sua mão encardida e deu a Josué, para que este provasse, o conteúdo de um odre rasgado.

– Este é todo nosso alimento e toda nossa bebida – disse ele, com as lágrimas umedecendo a remela amarelada de seus olhos cansados.

Josué olhou para aqueles pobres restos e lembrou-se imediatamente dos terríveis dias de penúria que tanto haviam atribulado os judeus no deserto, e do maná e das codornas que Deus fizera então desabar generosamente sobre eles. Mas o que o decidiu mesmo a não mandar exterminar imediatamente com aquele bando de idólatras miseráveis foi os queixumes do velho e seu aspecto repugnante.

Os homens de Josué provaram do pão e do vinho e viram que eram mesmo duas solenes porcarias, afiançando ao comandante judeu que o velho dizia a verdade.

– Eia, basta! – disse ele, erguendo a mão com rapidez, para expulsar ao mesmo tempo o velho e o seu insuportável mau hálito da fome. – Firmemos logo um pacto de aliança para que eu não precise mais suportar os choramingos e o bafo de cloaca que se exalam de tua boca.

O velho, agradecido, entrançou os dedos encarquilhados de tal modo que parecia ser impossível que um dia pudesse vir outra vez a separá-los.

Josué prometeu solenemente, em nome do Deus de Israel, que iria poupar a vida dos gabaonitas, desde que estes se lhe mostrassem sempre fiéis.

– Sempre fiéis! – disse o velho, rojado novamente ao chão, antes de ser erguido novamente e de partir, felicíssimo, com o nariz cheio de pó.

Ora, três dias depois chegou ao conhecimento de Josué de que era tudo um embuste, e de que nada mais podia fazer contra a vida daqueles tratantes.

– Os desgraçados vivem aqui, quase ao nosso lado – esbravejou Josué –, e não são nem de longe os miseráveis que aparentavam ser!

Então ele decidiu que doravante os gabaonitas deveriam tornar-se

rachadores de lenha e carregadores de água para todo o povo de Israel.

– Porque nos enganaram com um vil artifício, serão a partir de hoje nossos escravos – disse ele ao rei de Gabaon.

– Trata-nos como teu Deus quiser, pois ele é sobre todos o mais poderoso, mas guarda o pacto que em nome Dele selaste de poupar nossas vidas – disse o rei, que conseguiu, afinal, o que pretendia, que era poupar a vida sua e a de seus súditos.

E foi assim que os gabaonitas ludibriaram Josué, com o consentimento tácito do próprio Deus israelita, provando definitivamente que à divindade de Jacó não aborreciam tanto as artimanhas da astúcia quanto os queixumes abertos da rebeldia.

30. O DIA QUE O SOL “PAROU”

Josué, depois de ter posto abaixo as muralhas de Jericó, graças à intervenção miraculosa do Deus hebreu, havia derrotado, também, o rei de Hai, outra importante cidade de Canaã que Deus prometera dar em herança a Israel.

Entretanto, depois destas duas magníficas vitórias, Josué havia sido também ludibriado pela astúcia do rei de Gabaon, o qual lhe mandara uma embaixada de fingidos mendigos para implorarem que ele os poupasse do extermínio (já que o Deus dos judeus havia ordenado a morte de todos os habitantes dos países considerados idólatras – ou seja, daqueles que não o cultuavam).

O ardil redundara em pleno êxito e Josué ficara de mãos atadas para punir os gabaonitas.

– Nada posso fazer, pois, quer queiramos ou não, Gabaon a partir de hoje está sob a proteção do Senhor – dissera Josué a seus conselheiros, ao ver que a maioria deles exigia a morte daqueles que haviam ludibriado a boa-fé de Israel.

Adonisedec, rei de Jerusalém, ficara sabendo de todos estes acontecimentos.

– Hai e Jericó ainda ardem e todos os seus habitantes estão mortos – disse ele, alarmado, aos seus oficiais. – Para piorar tudo, a traiçoeira Gabion aliou-se aos invasores. Precisamos fazer alguma coisa, ou seremos os próximos a ser mortos!

Um clima de terror instalara-se no conselho e ninguém ousava dizer uma palavra.

– Todos aqui sabem da importância do reino de Gabaon, da sua riqueza e do seu grande poderio militar – prosseguiu o rei de Jerusalém. – Não podemos permitir que os gabaonitas combatam ao lado do pérfido invasor.

No mesmo dia, Adonisedec enviou uma mensagem a outros quatro reis amorreus para que o ajudassem a lançar um ataque sobre Gabaon, o que logo ocorreu.

Tomados de surpresa, os gabaonitas correram logo a pedir socorro ao seu novo e poderoso protetor.

– Não nos abandone às mãos dos amorreus! – disse o emissário do rei agredido a Josué. – Que teu Deus poderoso venha em nosso auxílio!

Josué estava acampado em Guilgal, e no mesmo instante recebeu a ordem de Deus para que partisse na direção do conflito.

– Nada temas, pois entregarei meus inimigos às tuas mãos! – disse o Senhor.

Durante toda a noite os judeus marcharam na direção de Gabaon, até que ao amanhecer se defrontaram com os exércitos reunidos dos quatro reis amorreus. Um tremendo combate iniciou-se e depois de algumas horas de luta Israel triunfou plenamente, obrigando as forças inimigas a partirem numa fuga desordenada pelas encostas de Bet-Horon.

Então uma grande nuvem escura surgiu no horizonte e logo cobriu os exércitos inimigos de Israel, fazendo com que uma pavorosa chuva de granizo descesse sobre os fugitivos, tão intensa que provocou mais mortes entre eles do que a espada dos israelitas.

– Grande é o nosso Deus! – disse Josué, animado com esta prova evidente de que o Senhor combatia ao lado do povo.

Como em resposta, Deus voltou a dirigir a palavra a Josué, em pleno campo de batalha, para lhe anunciar aquele que seria, provavelmente, o maior milagre de todos quantos operara – ou ainda viria a operar – em toda a história do povo eleito.

– Persegue-os até exterminá-los – disse o Senhor Deus –, pois terás todo o tempo necessário para isso, eis que o sol permanecerá parado no céu até que esteja morto o último dos inimigos de Israel.

Sem duvidar um único instante do prodígio que seu Deus anunciava, Josué arregimentou os seus homens e deu a ordem para que perseguissem os amorreus colina abaixo, onde travariam um combate sem hora marcada para terminar.

– Mas eles são muitos! – disse um dos seus oficiais. – Mesmo que lutemos até a noite, ainda assim não conseguiremos desbaratá-los todos.

Josué, no entanto, surdo aos apelos do oficial, ordenou mais uma vez que atacassem.

– Tempo para isto não nos faltará, pois foi o próprio Senhor quem o garantiu – disse Josué, erguendo os olhos para o disco solar, que brilhava no zênite. – Desde este instante o sol não se moverá um único passo, até que tenhamos nos vingado dos inimigos do Senhor!

Os exércitos lançaram-se, então, no encalço dos amorreus com tanta gana

que os alcançaram em pleno campo, onde nova e encarniçada batalha se acendeu.

Enquanto tudo isto se dava, o sol permanecia sem se arredar do topo do céu.

As horas passavam e a luta prosseguia cada vez mais acirrada, até que os amorreus, exaustos, perceberam que algo estranho acontecia.

– Parece que estou lutando há mais de um dia! – disse, exausto, um dos reis amorreus, erguendo os olhos para o céu.

De fato, aquele meio-dia revelou-se o mais longo da história – um meio-dia que durou um dia inteiro! – e foi somente quando os reis inimigos de Israel deram as costas aos exércitos do Senhor que o astro recomeçou novamente a movimentar-se.

Apavorados, os cinco reis foram refugiar-se numa gruta em Maceda, enquanto seus homens eram miseravelmente massacrados pelos soldados de Josué.

Ao saber que os reis haviam se escondido na gruta, o chefe judeu deu a ordem de que os trancafiassem lá, rolando grandes pedras à entrada da caverna.

– Ali permanecerão cativos até que tenhamos exterminado com todos estes cães – disse ele, referindo-se aos soldados amorreus.

De fato, Josué procedeu a um verdadeiro massacre – do qual pouquíssimos soldados inimigos escaparam com vida –, findo o qual ordenou que reabrissem a entrada da gruta fatídica.

Presos e amarrados, foram levados os cinco reis – de Jerusalém, de Hebron, de Jarmut, de Laquis e de Eglon – até a presença do comandante hebreu. Uma grande multidão assistia ao momento culminante daquela batalha. Os soberanos não eram nada, agora, diante daquele comandante investido da nobreza suprema que somente a vitória dá.

Josué recebeu-os com o semblante carregado, denunciando que seu coração não conheceria a piedade. Depois de ordenar que os reis fossem postos deitados sobre o chão, dirigiu o olhar a alguns dos seus oficiais e lhes ordenou que se aproximassem.

– Agora coloquem o pé sobre os seus pescoços – disse ele, com dureza, pois assim procedia-se naqueles dias.

Com os rostos congestionados e as barbas pisadas, os reis assim estiveram até que Josué finalmente revelou um traço de humanidade. Infelizmente, para os cinco reis abatidos, a piedade destinava-se exclusivamente aos seus homens.

– Nada temam – disse ele, ao ver o receio dos seus oficiais de humilhar

daquela forma os reis abatidos —, pois é assim que o Senhor esmagará todos os seus inimigos.

Logo em seguida Josué ordenou que matassem os soberanos, pendurando-os em árvores, à vista de todos, para que tal castigo infundisse pavor nos futuros adversários de Israel.

A campanha de Josué não terminou com a morte dos cinco reis amorreus. Logo depois de mandar retirá-los das árvores, onde jazeram expostos durante todo o dia, o comandante ordenara que seus corpos fossem lançados de qualquer maneira no interior da gruta onde anteriormente tinham ido se esconder, e que a entrada fosse tapada com pedregulhos, para que ali eles jazessem para sempre, longe da vista de Deus e dos homens.

Mas Josué queria tirar vingança do rei de Maceda, que havia dado refúgio aos soberanos, e assim o fez, ao tomar a cidade e exterminar toda a sua população. Não houve um único sobrevivente, sequer seu próprio rei.

Seguindo adiante, Josué tomou pela espada os reinos que o haviam atacado, e não deixou sobrevivente algum destes lugares, tornando-se senhor de toda a região, e isto graças ao Deus de Israel, que estava o tempo todo ao seu lado, ordenando os ataques e os massacres para maior glória sua e do seu povo.

Findas todas as batalhas, Josué regressou com seus guerreiros de volta ao acampamento de Guilgal, onde todos receberam um justo descanso pelas proezas que haviam praticado.

Mas enquanto Josué descansava, outros soberanos, de reinos um pouco mais distantes, tramavam a queda de Israel, temerosos de que sua vez logo chegasse. Nova coligação se armou contra Josué, a qual foi acampar nas margens de Merom com seus exércitos inumeráveis como as areias na praia do mar.

Josué, entretanto, não se deixou impressionar, pois seu Deus lhe afiançara que ainda desta vez estaria ao seu lado. Marchando de improviso, o comandante hebreu caiu, então, sobre seus inimigos, e os expulsou até Sidônia-a-Grande, cortando os tendões de seus cavalos e exterminando todo aquele que tivesse levantado a espada contra Israel, e não só estes, mas as populações inteiras das cidades por onde passava o vento de fúria do Senhor Deus de Abraão.

Somente os gabaonitas, de todos os trinta e um povos com os quais Israel havia se defrontado, conseguiu um tratado de paz. Todos os outros povos foram ou aniquilados ou reduzidos à escravidão, única maneira que houve de se restabelecer a paz naquela região que a piedade futura haveria de chamar um dia de “Terra Santa”.

Quando Josué teve tempo para depor a sua espada, era já um homem velho. Deus, então, vendo que não poderia mais contar com aquele servo fiel – pois, em verdade, ainda faltavam muitas terras para conquistar, as quais ele elencou uma a uma a Josué –, ordenou-lhe que procedesse a partilha das terras que já havia conquistado.

Feito tudo isto, Josué chamou até si os judeus das tribos que haviam pedido para retornar às terras do Jordão oriental, onde haviam deixados suas famílias.

– Podem partir, mas não esqueçam jamais de seguir a Lei e os mandamentos que o Senhor nos deu por meio de Moisés – disse Josué.

Tão logo estas três tribos chegaram do outro lado do Jordão, edificaram um altar para o Senhor, mas Josué, temendo que aquilo fosse o começo de outra idolatria, mandou até eles uma expedição para preveni-los do mal que sobre eles se abateria.

– Erigimos o altar tão somente para que fosse um elo entre os povos das duas margens do Jordão, para que amanhã os descendentes de Canaã não dissessem de nós “Estes, que lá estão do outro lado, não são adoradores do mesmo Deus que nós!”, e por isto nos ultrajassem injustamente – disse um dos membros daquelas tribos.

A explicação agradou a Josué, e assim todos puderam viver pacificamente nos últimos dias que restavam de vida ao conquistador hebreu. Este, ao pressentir o fim, chamara todos os anciãos e juizes de Israel, para lhes fazer um último discurso.

Josué lembrou a todos que tudo quanto os israelitas haviam conquistado fora graças ao favor de Deus, afastando todos os povos que constituíam impedimento ao estabelecimento de Israel na terra da promessa.

– Não se misturem nunca com esta gente, nem tampouco com seus falsos deuses – disse o guerreiro moribundo –, mas antes sirvam sempre ao Senhor Deus com devoção e fidelidade, pois somente assim Ele continuará a combater ao nosso lado. Um só homem dos nossos vencerá mil deles enquanto o Senhor estiver ao nosso lado. Se, porém, quebrarem o pacto com Ele, então todas estas nações que nos espreitam serão como armadilhas montadas permanentemente, até que tenham nos derrotado e expulso da terra que o Senhor deu a Abraão, por legítima herança.

O velho líder curvou a cabeça, pois estava no mesmo estado em que

Moisés outrora também estivera, ao proferir suas últimas palavras.

– Hoje tomarei o caminho que é o de todo ser na terra – disse ele, conformedo. – Todas as promessas que o Senhor lhes fez foram cumpridas diante de seus olhos. Mas não esqueçam que, assim como o Senhor cumpriu as promessas, do mesmo modo cumprirá as ameaças, caso venham a desobedecê-lo.

O povo jurou, então, que jamais quebraria a aliança com o Senhor, pois era um pacto que lhes tinha sido imensamente benéfico.

– A partir de hoje são todos testemunhas de que escolheram servir a Deus – disse Josué, firmando novamente um severo pacto.

– Sim, somos para sempre testemunhas de Jeová! – disse o povo, reunido, repetindo entusiasticamente o nome do seu Deus.

Josué mandou que colocassem uma grande pedra sob a sombra de um carvalho, para que fosse um sinal indelével daquele pacto renovado. Depois disto, finalmente faleceu, com a idade de 110 anos, e foi enterrado em Tamnat-Sare, na montanha de Efraim. Ao mesmo tempo, os israelitas aproveitaram para sepultar os ossos de José – o sempre lembrado filho de Jacó – em Siquém, lugar onde José havia vivido boa parte de seus primeiros anos. Por esta mesma época faleceu também Eleazar, o filho de Aarão, que seu filho Finéias enterrou com todas as honras.

DO LIVRO DOS JUÍZES

31. DÉBORA, A JUÍZA GUERREIRA

Após a morte de Josué, os israelitas permaneceram em Canaã. Mas, a despeito de terem conquistado grande parte do território, ainda assim viram-se obrigados a conviver com remanescentes das antigas populações que ali habitavam, pois muitos reinos permaneceram intocados pela espada dos israelitas. Isto implicava num convívio forçado de homens dotados de costumes e religiões diferentes, o que daria motivos para muitas guerras e disputas territoriais. Convictos de que seu deus era superior ao de todos os outros povos da região, os líderes judeus encontrariam razões de sobra para promover conflitos sangrentos com seus vizinhos, temerosos de que o culto dos deuses “falsos” do paganismo circundante pudesse contaminar – como de fato o fez – o culto do “deus único” de Israel.

Desta forma, abria-se para os judeus o período dos Juízes, no qual o povo de Deus seria governado por líderes essencialmente militares, mais ou menos justos.

Antes, porém, que o primeiro destes juízes fosse indicado, Israel ainda teve de enfrentar alguns inimigos poderosos. Um destes foi Adonibezec, rei cananeu que os judeus enfrentaram em Bezek, derrotando-o em encarniçada batalha.

Adonibezec fugiu, mas terminou aprisionado, tendo os dedos das mãos e dos pés cortados pelos israelitas.

– Mandei cortar os dedos das mãos e dos pés de setentas reis que recolhiam as migalhas da minha mesa – disse o rei, prostrado. – Ai de mim! Hoje o Senhor me fez pagar, da mesma maneira, por todos estes crimes!

Adonibezec foi levado a Jerusalém, onde morreu.

Dando prosseguimento à campanha militar, os israelitas – representados pelas tribos dos descendentes de Judá e Simeão – derrotaram os cananeus que viviam em Sefat, passando a fio de espada toda a população. Depois, apossaram-se também de Gaza, Ascalon e Acaron, mas não conseguiram expulsar os habitantes das planícies, nem os jebuseus que moravam em Jerusalém, obrigando os israelitas a terem de conviver com este povo que sua fé exclusivista acusava de idólatra.

Em Betel os hebreus, além de tomarem a cidade – graças às informações que lhes prestou um homem dali, obrigado a mostrar a entrada da cidade –, ainda mataram toda a sua população, poupando apenas o informante e sua família.

Outros lugares permaneceram habitados por cananeus, já que era impossível exterminar todos os habitantes antigos de Canaã – embora fosse este

o desejo expresso dos líderes israelitas –, ficando todos estes povos submetidos à escravidão ou à tributação.

Mas por que razão o Senhor permitira que os judeus não conseguissem se livrar para sempre da companhia dos idólatras?, perguntavam-se os líderes hebreus, diante de cada nova derrota.

Esta resposta eles tiveram no dia em que um anjo do Senhor apareceu em Boquim e lhes disse com o semblante carregado:

– Porque romperam com a minha aliança, adotando o culto idólatra destes povos, permitirei que eles permaneçam espalhados em toda a terra prometida, para que sejam vossos adversários perpétuos e artífices de vossa futura ruína.

O povo ficou tão triste com este castigo que se pôs a chorar em altos brados, e por isto o lugar passou a se chamar Boquim, ou seja, “lugar dos que choram”.

A verdade é que alguns israelitas, mais de uma vez, haviam cultuado os deuses cananeus, sem que com isto tivessem abandonado de todo o culto ao seu deus. O mais importante rival do Jeová hebreu era Baal, o deus cananeu da agricultura, e Astarte, sua esposa, deusa do amor e da guerra. O culto destes dois deuses envolvia inclusive rituais de fertilidade protagonizados por prostitutas do templo, o que contribuía para aumentar o escândalo entre os israelitas mais puritanos.

O Deus de Israel, em retribuição, deixara de socorrer aos israelitas submetidos aos ataques de salteadores, que tudo faziam para reduzir o poderio dos adoradores de Jeová, na esperança de, mais cedo ou mais tarde, expulsarem-nos inteiramente de Canaã.

Então sobrevieram os juízes. Israel estava submetido ao poder do rei de Aram, da Mesopotâmia – submissão que durava já oito anos –, quando o Senhor suscitou entre os judeus o primeiro dos seus juízes, que se chamou Otoniel. Ele era irmão de Caleb (companheiro de Josué na primeira expedição que se fez à terra prometida) e liderou a campanha militar que pôs fim à sujeição dos hebreus.

Depois disto, Israel desfrutou de um período de quarenta anos de paz, até que o marasmo deste período deu ensejo a que o povo, sempre instável e mal-agradecido, voltasse novamente a prostituir-se alegremente aos deuses interditos de Canaã.

Como castigo, o Senhor fez com que Eglon, rei de Moab, se aliasse a outros povos da região e lançasse um ataque vitorioso contra Israel. Os judeus passaram, assim, a estar sob o império dos moabitas, numa sujeição que durou

dezoito anos, até que Deus fez surgir do meio do povo um novo juiz, que se chamou Aod, o qual se notabilizou por um feito de invejável destemor.

Um dia este juiz pediu a um ferreiro que lhe fizesse o punhal mais afiado que sua arte pudesse criar. Tão logo o obteve, escondeu-o sob as vestes, junto à coxa direita, e foi pessoalmente até o rei moabita, sob o pretexto de lhe levar o tributo devido.

– Seja bem-vindo, servo hebreu – disse Eglon, um homem apocalipticamente gordo, ao ver o israelita adentrar o seu palácio.

Aod cumpriu o dever, pagando o tributo, e retornou com os seus, até que, estando perto de Guilgal disse que devia retornar, pois tinha algo a oferecer ao rotundo rei.

– Oh, você de novo, servo hebreu? – disse o soberano, inflando as bochechas escarlates. – Traz mais alguma coisa para mim?

Aod observou os ávidos e arregalados globos oculares do rei, banhados num líquido ambarino parecido com o azeite.

– Tenho uma mensagem secreta para ti – disse Aod, num ar de cumplicidade.

Envaidecido, Aglon mandou que os serviçais se retirassem. Depois, confortavelmente instalado em seu descanso reforçado, no andar superior – neste que era o seu lugar de refúgio preferido durante o verão –, afiou os ouvidos para escutar as palavras do servo hebreu.

Aod, por sua vez, vendo-se absolutamente a sós com o rei moabita, aproximou-se mais dele, como quem pretendesse alcançar uma perfeita intimidade antes de lhe revelar o conteúdo de sua mensagem. O rei, verdadeiramente curioso, tentava colocar-se em pé quando foi surpreendido pelo gesto absolutamente inesperado do visitante sacando alguma coisa de sob a sua túnica e a enterrando rapidamente em seu prodigioso ventre.

Aod sentiu sua mão afundar numa massa mole e úmida. Logo um suco espesso e avermelhado lhe escorreu pela mão, como se ele houvesse furado um odre imenso de vinho. O sangue, entretanto, logo cessou de verter, pois a gordura se fechou por cima da ferida, deixando o rei obeso com o enorme punhal enterrado até o cabo no ventre.

O rei moabita arregalou ainda mais os olhos, a ponto de parecer que ambos fossem cair no chão, enquanto um mugido acolchoado escapava-se do interior de suas bochechas de máscara. E depois nada mais disse ou fez neste mundo, a não ser tombar de quatro sobre o chão, com as duas mãos postas sobre o cabo do punhal.

Aod, sem fazer qualquer ruído, retirou-se por uma abertura, mantendo a porta principal fechada, de tal sorte que quando os servos estúpidos do rei vieram para ver como estava o senhor de suas vidas, não puderam entrar na peça.

– Decerto está fazendo as suas reais necessidades – disse um dos lacaios.

O tempo passou até que ambos ficaram verdadeiramente confusos.

– Tanto tempo assim? – disse o segundo laiaio ao autor da conjectura.

Um mau pressentimento acometeu a ambos, até que resolveram bater na porta para ver se o rei dava sinal de vida. Bateram: nada. Bateram novamente: nada novamente.

– Vamos entrar, de qualquer jeito! – disse o primeiro, que era um pouco mais audaz que o segundo.

– Ah, é? E se ele nos mandar cortar a cabeça por isto? – disse o segundo.

Mas algo lhes dizia que Eglon, o poderoso rei de Moab, não tinha mais poder algum para mandar cortar coisa alguma de ninguém. Ambos entraram nos aposentos com a mesma cautela com que se adentra um lugar onde paira a suspeita de um assassinato, até que viram o corpo do rei caído de bruços. Depois de um esforço poderoso para virá-lo, descobriram-no com as mãos postas sobre o ventre.

– Finalmente a cólica monstruosa o matou! – disse um dos lacaios.

– Não, não, veja! – disse o outro, apontando para uma mancha de sangue.

Então, depois de afastarem as duas mãos bojudas e cinzentas, descobriram o cabo do punhal hediondamente enterrado.

A notícia recém começara a correr pelas ruas de Moab quando surgiram os exércitos dos hebreus, conduzidos por Aod, os quais, depois de atravessarem os vaus do Jordão, apoderaram-se de Moab, derrotando cerca de dez mil soldados. Os israelitas não pouparam a vida de nenhum deles, dando início a um novo período de paz, que Israel desfrutou durante largos oitenta anos.

A história dos hebreus é cheia de existências menores que parecem ser anúncios de outras mais importantes, que ainda estão por surgir. Foi assim, por exemplo, que tendo desaparecido Aod, foi este sucedido por Samgar, um homem que prefigurou de maneira notável a fortaleza de Sansão, o último dos juízes, pois num certo dia abateu com uma relha de arado – sozinho e de uma só vez – a seiscentos filisteus.

Com a morte deste temido Samgar, o terreno estava livre para o surgimento daquela que viria a ser a mulher mais surpreendente de todas as israelitas do Antigo Testamento: Débora, a juíza guerreira que derrotou espetacularmente os cananeus.

Israel, depois de nova recaída na idolatria, havia recaído também nas mãos de seus inimigos. Desta feita, o algoz dos judeus era um certo Jabin, um certo rei cananeu que reinava num certo reino de Hasor. Mas o verdadeiro carrasco da nação israelita se chamava Sísara, general daquele rei que dotara seu exército de novecentas bigas de ferro. Para aquele tempo era o mesmo que hoje ter-se de enfrentar a pé enxuto um exército dotado de tanques. Mas ainda assim o Senhor poderia tê-lo derrotado facilmente – como verdadeiramente o fez, mais adiante –, caso o seu povo não o tivesse ofendido mortalmente ao abraçar mais uma vez os odiados deuses de Canaã.

Faziam já vinte anos que o rei de Hasor oprimia os hebreus quando Débora – juíza que Deus surpreendentemente escolhera para dirigir os destinos de Israel – recebeu um aviso do Senhor, dando conta de que fosse combater o inimigo.

No mesmo instante, ela mandou chamar Barac, chefe dos exércitos de Israel, até a verdejante palmeira situada nas montanhas de Efraim, sob a sombra da qual ela estudava os litígios e proferia as suas decisões.

– Aqui estou, Débora, juíza de Israel – disse Barac, postando-se à sua frente.

A mulher, cujo aspecto era o de uma senhora de meia-idade, permaneceu sentada abaixo das folhas largas, que pendendo do alto esbatiam-se suavemente, refrescando a cabeça da sábia juíza.

– O Senhor determina que tome dez mil combatentes e os conduza ao monte Tabor – disse ela, com autoridade. – Lá deverá aguardar, pois em breve levarei até você Sísara, o comandante dos cananeus com suas bigas de ferro. Ali, o Senhor o entregará às suas mãos para que nele exerça a nossa vingança.

Barac, que não era um primor de valentia, concordou, mas com uma condição.

– Se você for comigo, irei; se não for, não irei – disse ele, irredutivelmente.

Débora dirigiu-lhe um olhar de irreprimido desprezo.

– Está bem, irei – disse ela. – Mas por causa disto, não caberá a você a honra de matar Sísara, mas a uma outra mulher.

Os dois puseram-se em marcha até que Jabin, o rei de Hasor, avisou a seu comandante Sísara que os judeus estavam acampados no monte Tabor.

O comandante cananeu reuniu todas as suas novecentas bigas de ferro e rumou até a planície que defrontava com o monte. Débora havia dito a Barac que nada temesse, pois o Senhor lutaria com ele, e isto fez com que ele descesse com seus dez mil homens para ir fazer frente às novecentas bigas de ferro comandadas por Sísara.

Foi uma refrega verdadeiramente espantosa, pois os hebreus não recuaram um instante diante daquela massa de soldados inimigos, e os enfrentaram com tanta valentia e denodo que, mesmo com seus poderosos carros de guerra, foram os cananeus derrotados fragorosamente, pois no auge do combate desceu sobre todos um temporal só igualado por aquele no tempo de Noé.

Ora, este temporal veio como uma ajuda divina, pois, sendo o terreno macio, logo os carros de Sísara emperraram e não puderam mais andar sobre a lama ajuntada, o que facilitou em muito o trabalho dos soldados judeus de aniquilar com os seus ocupantes. Muitos destes, com efeito, morreram ainda com as rédeas nas mãos, na tentativa desesperada de arrancar as rodas dos seus carros do barro.

Então Sísara compreendeu que estava tudo perdido. Depois de dar um salto muito bem calculado, largou a sua biga e saiu correndo campo afora para salvar a sua vida.

– É covardia! – disse ele, fugindo a toda brida. – Um deus mais poderoso que novecentas bigas luta ao lado deles!

Por mais que Sísara esbravejasse, todo o seu exército foi liquidado.

A ele, no entanto, ainda estava reservada uma sorte talvez menos desagradável.

Depois de correr como um alucinado, ele chegou à tenda de Jael, esposa de um quenita que viva em paz com o rei de Hasor. Julgando-se em perfeita segurança, ele pediu asilo à boa mulher.

– Jael... sei que és uma boa mulher...! Por favor... deixe-me ficar aqui.... por esta noite!

Jael, como boa mulher que era, respondeu:

– Claro, Sísara. Meu esposo é amigo de teu rei, logo sou amiga dele e tua também.

Depois de conseguir escapar vivo de um bando de guerreiros enfurecidos, estas palavras caíram como mel nos ouvidos do comandante derrotado, que logo entrou na tenda da suave Jael para ir repousar.

– Puxa, como estou exausto! – disse ele, estendendo-se no próprio leito da suavíssima Jael. – Estou com sede, também. Por favor, dê-me um pouco de água.

A bondosa Jael sumiu e retornou com um odre fresco de leite.

– Leite fresco! – disse Sísara, lambendo os bigodes.

“Uma mulher destas me servia!”, pensou ele, enquanto molhava as barbas do líquido, sujando o leito da dedicada Jael.

– Muito bem, agora vou dormir – disse ele, virando de lado e puxando o cobertor até a orelha. – Se por acaso alguém perguntar à entrada da tenda se me viu passar por aqui, dirá que nada viu, está bem?

A doce Jael confirmou que assim faria. O grandalhão Sísara mastigou o ar algumas vezes e logo mergulhou num sono profundo, que os sábios dizem irmão da morte. Então Jael – a doce Jael – desceu o seu rosto até o rosto do bruto e constatou verdadeiramente que ele dormia. Depois, ergueu-se e foi procurar alguma coisa, pois pretendia retornar com algo que garantiria um sono profundo ao seu protegido.

De fato, Jael retornou logo depois, pisando mansamente, pois jamais passaria em sua mente atrapalhar o sono de um homem que dorme sob a sua proteção. Novamente ela aproximou seu rosto do homem que dormia de lado e constatou que ele ainda estava preso de um sono absoluto. Então a dulcíssima Jael retirou de dentro de seu manto uma estaca, que servia para fixar as tendas no chão, e encostou-o com uma suavidade admirável na têmpora do adormecido Sísara. Logo a outra mão ergueu-se empunhando um martelo, o qual, apesar do peso, ela mantinha no ar sem o menor tremor.

– Em nome do Senhor Deus de Israel – sussurrou ela, baixinho, para não despertar o sono de Sísara adormecido, antes de fazer descer o martelo com toda a força sobre a cabeça chata do enorme prego.

Sísara não deu um único grito. Assim que o martelo enterrou o prego em sua têmpora, ele sacudiu-se um pouco, num espasmo horripilante. E foi só. Sísara ainda babou mais um pouco, desta vez um fio escarlata de sangue, que definitivamente inutilizou para sempre o travesseiro da doce Jael.

Quando Barac, o comandante judeu, chegou, Jael (decerto uma péssima anfitriã, mas amiga fidelíssima do Senhor) mostrou-lhe o cadáver do inimigo placidamente morto sobre o seu leito. Desde então, apesar de ser uma não-judia, Jael passou a ser respeitada por todos os israelitas como se fora uma delas, sendo celebrada nos versos do Cântico de Débora como a mulher que “a marteladas esmagou a cabeça de Sísara, partindo-lhe e atravessando-lhe as têmporas”.

E foi assim que Israel ingressou num período de quarenta anos de paz.

32. GEDEÃO, O LAVRADOR GUERREIRO

Encerrado o governo de Débora, os judeus voltaram a reincidir na idolatria, sendo castigados por isto com sete anos de sujeição às mãos dos madianitas, povo nômade do noroeste da Arábia e rival encarniçado dos israelitas.

A exemplo dos judeus, este povo era também descendente de Abraão, já que seu patriarca fora Madiã, filho de Abraão e Cetura, uma concubina. Infelizmente, para ele, Abraão decidiu um dia expulsá-lo de sua companhia, pois temia que ele pudesse reivindicar os direitos de seu filho predileto, Isaac.

Como bons primos que eram, hebreus e madianitas não se entendiam de jeito nenhum e viviam querendo destruir-se mutuamente. Mas nem sempre fora assim. Moisés, por exemplo, após a sua primeira fuga do Egito, fora acolhido por um sacerdote madianita, que chegou a lhe dar uma das filhas em casamento. O fato de ele, mais tarde, ter retribuído a gentileza de forma um pouco rude, ao mandar matar centenas de crianças e mulheres da tribo de seu sogro, deve ter contribuído, de alguma maneira, para azedar o relacionamento entre os dois povos.

De qualquer forma, o conflito estava novamente estabelecido, agora que os israelitas estavam parcialmente instalados em Canaã. Os madianitas, bem como outros povos inimigos dos judeus, estavam inconformados com a presença daqueles usurpadores e manifestavam seu ódio não deixando que os hebreus plantassem um único grão sem que em seguida lhes fossem pisotear as plantações, levando ainda consigo seus bois, jumentos e ovelhas.

Israel, reduzido quase à miséria diante das investidas das nações rivais, clamou, então, ao seu Deus, como fazia sempre que as conseqüências de sua infidelidade se faziam sentir de uma maneira insuportável. Deus, mais uma vez disposto a condescender, mandou, então, que um anjo fosse até o seu povo para lhe indicar um novo líder na pessoa de um quinto juiz.

Foi assim que, certo dia, estando Gedeão, o mais humilde dos lavradores, a debulhar pacificamente o seu milho, deparou-se repentinamente com um anjo sentado debaixo de um carvalho.

Assim que pôs seus olhos sobre Gedeão, o anjo disse:

– O Senhor é contigo, valente guerreiro.

Gedeão ficou olhando fixamente o seu divino interlocutor. “Valente guerreiro, eu, um juntador de esterco?”, pensou, coçando a orelha.

Então o anjo lhe explicou que fora ele, Gedeão, o escolhido para libertar os judeus da opressão madianita.

– Isto não pode ser – disse o jovem. – Sendo o último em minha casa, como poderei ser o primeiro em Israel?

Mas o Senhor conhecia melhor a Gedeão do que Gedeão conhecia ao Senhor.

– Estarei contigo – disse o Senhor, falando pela boca do anjo. – Derrotarás os madianitas como se fossem um único homem.

Gedeão, o camponês que até ali não servira senão para enfeixar a palha, logo estaria investido na condição de chefe militar de Israel. Fora isto que o anjo dissera.

– Definitivamente, isto não pode ser – disse o jovem, já que os homens do campo costumam ser muito desconfiados. – Dá-me uma prova de que és verdadeiramente um anjo do Senhor – completou Gedeão, audaciosamente.

O jovem não sabia o risco que corria, pois não era hábito do Senhor suportar dúvidas quanto ao seu poder. Desta vez, no entanto, o Senhor dispôs-se a lhe dar a prova que pedira, o que foi uma evidência incontestável do quanto apreciava a Gedeão.

– Traze-me uma oferenda – disse o anjo.

Gedeão foi correndo providenciar uma bela oferenda ao Senhor.

Quando retornou, trazia nos braços um cabrito com uma medida de farinha, além de pães ázimos e um caldo suculento, que ele pôs numa pequena vasilha.

– Aqui está, Senhor, uma saborosa oferenda para as suas narinas – disse ele, estendendo ao anjo a refeição.

O anjo observou tudo com seus olhos anis verdadeiramente gulosos.

– Coloca a carne e os pães ázimos sobre esta pedra e derrama-lhes por cima o caldo suculento – disse o anjo.

Gedeão fez como dissera o anjo.

– Pronto, Senhor.

Então o anjo tomou de uma vara que surgira abruptamente em suas mãos e encostou-a sobre a carne e os pães ázimos colocados sobre a pedra e cobertos pelo caldo suculento, e logo tudo começou a chiar poderosamente, levantando uma enorme labareda e consumindo todo o alimento e o próprio anjo, que

desapareceu no meio da fumaceira.

Então Gedeão teve a certeza de que estivera, realmente, diante do Senhor.

– Ai de mim, que vi o Senhor face a face! – disse Gedeão, com um tremor incontrolável nos joelhos, pois acreditava-se, então, que ver Deus era ver a morte.

Uma voz retumbante, entretanto, vinda de algum lugar, lhe acalmou os receios:

– Nada temas, Gedeão, pois não morrerás!

Gedeão, em retribuição, ergueu ali mesmo um altar ao Senhor.

Nesta mesma noite, Deus voltou a falar com Gedeão, pois tinha uma ordem importante a lhe dar.

Praticamente toda a população da cidade onde vivia o escolhido de Deus havia recaído na mais sórdida idolatria. Tendo erguido um altar a Baal, divindade rival dos cananeus, entregara-se abertamente à sua veneração, talvez por ver no deus da agricultura uma divindade mais propícia à lida nos campos.

Entretanto, na mesma noite em que se revelara a Gedeão, o Deus de Israel ordenara ao seu eleito que fosse derrubar o altar a Baal que os israelitas haviam erguido na cidade.

– Toma um touro de teu pai e corta a estaca de Asera que está junto do altar – dissera o Senhor.

(Asera era a deusa da fertilidade, cujo culto estava associado ao de Baal.)

Depois Gedeão recebeu ordens de tomar o touro e a lenha que restara da figura de madeira e queimar em sacrifício naquele mesmo local onde o Senhor se revelara.

Gedeão fez o que o Senhor ordenara, porém na calada da noite, para não atrair sobre si a ira do pai e dos adoradores do deus cananeu.

No dia seguinte, porém, tudo foi descoberto, e logo os habitantes da cidade foram até Joás, exigir a cabeça de seu filho pela afronta feita a Baal.

– Gedeão deve morrer! – exclamavam a Joás os devotos do deus profanado.

– Silêncio! – disse Joás, irado. – Acaso Baal precisa que alguém tome a sua defesa? Se ele é mesmo um deus, que se defenda a si mesmo!

Desde então Gedeão passou a ser chamado também de Jerobaal, que significa “Deixa Baal brigar” .

Baal, entretanto, não brigou coisa nenhuma, nem fez nada para punir a ofensa de Gedeão, coisa que o Deus de Israel certamente não teria deixado impune.

Com o passar do tempo, os madianitas, bem como os amalecitas e outros povos rivais de Israel, haviam decidido abandonar suas táticas terroristas e unir-se num único exército para esmagar de vez Israel. Depois de atravessarem o Jordão, haviam instalado acampamento às margens das fronteiras israelitas.

Inflamado pelo Senhor, Gedeão, entronizado já como novo juiz de Israel, tomou de uma trombeta e foi convocar dentre as doze tribos os exércitos do Deus de Israel. Mas, no fundo, Gedeão ainda tinha dúvidas se realmente Deus depositava tanta confiança assim no seu servidor.

– Dá-me outra prova de que verdadeiramente confia em mim! – disse Gedeão, em súplica ardente endereçada ao Senhor.

Estendendo, então, um manto de lã sobre a grama, ele disse:

– Se o orvalho que cair durante a noite umedecer somente este manto, então é porque o Senhor está verdadeiramente ao meu lado.

A noite passou e logo ao alvorecer Gedeão correu até o manto, que estava encharcado, enquanto a grama ao redor permanecia completamente seca.

– O Senhor é comigo! – disse Gedeão, com um grande sorriso, enchendo uma bacia inteira com a água que encharcara o manto.

Porém, logo em seguida seus lábios caíram outra vez, pois a dúvida novamente o acometera.

– Que sua ira não se inflame contra mim, Senhor, se eu ainda lhe pedir uma última prova – disse ele, imprudentemente, ao Deus de Israel. – Se esta noite ocorrer o contrário, ou seja, o manto ficar seco e a terra toda molhada, então terei finalmente a certeza de que o Senhor estará comigo na batalha contra nossos inimigos.

E assim foi. Na manhã seguinte a terra estava toda encharcada de orvalho, enquanto o manto permanecia completamente seco. De posse destas duas provas irrefutáveis, Jerobaal – que era o outro nome de Gedeão – foi acampar com suas tropas junto à fonte de Harad, enquanto o exército de Madiã estava mais ao norte, nas colinas de Moré.

Então o Senhor apareceu a Gedeão e lhe disse que havia gente demais com ele.

– Não quero que amanhã Israel diga que deveu a vitória somente a si mesmo – acrescentou o Senhor, pois era muito cioso dos seus triunfos.

– Mas quantos homens deverei dispensar? – disse Gedeão, ligeiramente contrafeito com aquela inesperada perda de braços para uma guerra que

prognosticava difícil.

– Lança a todos o seguinte pregão – disse o Senhor –: quem estiver apavorado que deixe já o acampamento.

Gedeão fez o que o Senhor dissera, e viu, para sua grande surpresa, dar-se uma debandada quase geral, pois dos trinta e dois mil homens que até então estavam ali ajuntados, só restaram pobres dez mil.

“Não deixa de haver, também aqui, uma coragem inaudita!”, pensou Gedeão, espantado. “Pois vinte e dois mil homens tiveram hoje a audácia de confessar abertamente, diante de mim e do Senhor, que não passam de covardes miseráveis!”

– Pronto, Senhor, restam ainda dez mil valentes – disse Gedeão.

– Ainda é muita gente – disse o Senhor. – Leva todos até às margens do rio e os põe a beber a água.

Gedeão fez o que seu Deus dissera.

– Agora separa toda esta gente em dois grupos – disse o Senhor. – Aqueles que beberam a água lambendo-a na cova das mãos, estes chama para o teu lado. Quanto aos que beberam ajoelhados, dispensa-os imediatamente.

Em momento algum o homem de fé que era Gedeão pensou em indagar de um critério tão estranho.

– Mas, Senhor, restaram-me apenas trezentos homens! – disse ele, desolado.

– É quanto basta – disse o Senhor. – Salvarei Israel com estes trezentos homens, entregando às suas mãos os madianitas, amalecitas e todos estes povos idólatras que enxameiam por aqui como gafanhotos.

Naquela mesma noite, o Senhor voltou a falar com o seu eleito.

– Se ainda está com medo, vai escondido até o acampamento inimigo e ouve lá o que dizem.

Gedeão tomou seu escudeiro Fara e foi espionar os madianitas.

Ao chegarem lá, imersos na escuridão, os dois escutaram um dos soldados relatar a um companheiro um sonho que tivera.

– Vi um pão de cevada gigante descer rolando das colinas até derrubar uma tenda – disse o sujeito, com o ar mais sério deste mundo.

Gedeão, inflamado pelo que escutara, voltou imediatamente ao acampamento, dando ordens para que seus homens se preparassem para o ataque.

– Hoje o Senhor entregará em nossas mãos os madianitas! – disse ele, quase eufórico.

– Mas o que queria dizer o sonho? – perguntou Fará, o escudeiro, que não tinha lá muita sutileza no espírito.

– Ora, é óbvio que o sonho era uma premonição de nossa vitória! – disse Gedeão, entusiasmado. – O pão de cevada representa nossos homens, lavradores e guerreiros, que derrubarão o poderio dos nômades, representados pela tenda derrubada.

Depois de arregimentar os trezentos homens, os dispôs à sua frente em três batalhões iguais e fez distribuir entre eles as armas que utilizariam no combate.

– Uma trombeta e uma bilha d’água com uma tocha dentro! São estas as nossas armas? – disse um dos soldados, incrédulo.

Sim, aquelas eram as armas que os trezentos homens usariam para derrotar os inimigos de Israel, garantiu Gedeão.

– Nossa verdadeira arma, entretanto, é a fé que depositamos em nosso Deus – afirmou ele aos trezentos homens.

Antes de partir, Gedeão deu as instruções de como deveriam proceder ao chegarem aos postos avançados do acampamento. O filho de Joás tomou a frente do seu batalhão e avançou silenciosamente, até avistar as tendas dos madianitas e amalecitas. Alguns homens andavam de lá para cá, mas a maioria já dormia, obedecendo às ordens dos seus comandantes.

Gedeão aguardou mais um pouco, até que começasse a troca da guarda.

– É agora – disse ele, fazendo um sinal aos seus homens.

No mesmo instante todos começaram a tocar suas trombetas, no que foram seguidos pelos outros dois batalhões, espalhados estrategicamente ao redor do acampamento. Ao mesmo tempo começaram a espatifar contra o chão as suas bilhas vazias, fazendo tudo um alarido tão aterrador que os madianitas saíram de suas barracas pálidos de medo.

– Pelo Senhor e por Gedeão! – bradavam as vozes dos trezentos homens, avançando sobre o acampamento de tochas e espadas nas mãos, como um exército de espectros.

Aturdidos, os soldados madianitas largaram tudo e saíram correndo campo afora.

– Persigam-nos até exterminá-los! – bradou Gedeão.

O exército de Israel – composto basicamente de homens das tribos de Aser, Neftali e boa parte da de Manassés – perseguiu os madianitas, tal como lhes ordenara Gedeão.

– Convoquem também os homens da tribo de Efraim, para que ocupem as

fontes de Bet-Bera e os vaus do Jordão – disse ele aos seus auxiliares.

Os efraimitas fizeram tal como Gedeão lhes ordenara, e trouxeram como prêmio de sua expedição vitoriosa as cabeças de Zeb e Oreb, os dois principais chefes madianitas. Entretanto, os membros da tribo de Efraim mostraram-se ofendidos.

– Como ousou ir enfrentar aos madianitas sem nos convocar antes para a luta? – disse um dos líderes desta tribo descendente de José.

– O que vocês fizeram colhendo as sobras das uvas dos parreirais foi tão importante quanto o que fizemos no campo de batalha – disse Gedeão, depois de escutar as ásperas censuras do efraimita. – Além do mais, cumpriram honrosamente seu papel ao capturar os líderes madianitas, que o Senhor colocou às suas mãos. Que mais eu poderia ter feito de maior?

Gedeão sabia que uma boa lisonja é o melhor bálsamo às feridas do amor-próprio, por isto viu logo serenarem os ânimos dos filhos de Efraim.

Mas a batalha ainda não havia terminado. Tomando seus homens, Gedeão foi perseguir o que restara dos madianitas, até chegar ao reino de Sucot, onde foi muito mal recebido pelos seus chefes, que se recusaram a dar alimento aos seus homens.

– Por acaso já capturaram os chefes madianitas, que perseguem com tanta empáfia? – perguntou o chefe do lugar, com um atrevimento que raiava a insensatez.

– Ainda não – disse Gedeão, escarlate de fúria. – Mas quando regressarmos com eles, de pés e mãos atados, podem estar certos de que não esquecerei de mandar açoitá-los com abrolhos e espinhos do deserto.

Subindo para Fanuel, Gedeão também foi ali desfeitoado pelos seus governantes.

– Quando retornar, colocarei abaixo esta torre – disse, apontando para uma construção que era o orgulho dos habitantes de Fanuel. Ora, a esta altura, dos cerca de 135 mil homens de que se compunham originalmente os exércitos de madianitas, não restavam vivos mais do que 15 mil. Portanto, 105 mil homens haviam perecido às mãos de meros 300, o que, sem dúvida, atestara um feito bélico tão espantoso quanto o que praticara anteriormente o velho Samgar com sua relha de arado, liquidando sozinho seiscentos filisteus.

Diante disto, Gedeão tinha agora uma tarefa fácil pela frente: derrotar 15

mil homens com seus 300 valorosos soldados (os quais, influenciados pelo Senhor, eram imensa maioria). Outra vez o vibrante grito de guerra “Pelo Senhor e por Gedeão!” soou pelos campos, e as armas dos filhos de Israel trabalharam com vigor renovado, até terem exterminado com o restante da chusma de madianitas, amalequitas e outros povos idólatras e inimigos de Deus.

Chegara, então, a hora de voltar para casa. Gedeão, tendo capturado os reis madianitas, não esqueceu, naturalmente, de cumprir sua outra promessa ao passar próximo de Sucot, a localidade onde fora ridicularizado. Ao aproximar-se, mandou capturar o primeiro desgraçado que viu passar.

– Dê-me o nome de todos os chefes de Sucot – disse Gedeão, laconicamente.

O pobre homem, apavorado, deu o nome dos 77 principais anciãos que tomavam parte no governo de Sucot.

– São estes, então, os tais que me desfeitearam – disse ele, correndo os olhos pela lista. – Entremos imediatamente na cidade.

Diante dos habitantes, Gedeão apresentou os dois reis que havia capturado, tal como prometera.

– Aqui estão os reis, a respeito dos quais me disseram da primeira vez: “Traz-nos os dois cabecilhas madianitas, antes que demos de comer a tua gente!” – disse o juiz israelita, com um olhar fuzilante.

Os 77 anciãos de Sucot – que os soldados de Gedeão já haviam também aprisionado – surgiram com os pulsos e canelas amarrados com cordas ásperas como urtigas. Empurrados até Gedeão, foram imediatamente expostos ao sol

– Agora açoitem as pelancas destes miseráveis com abrolhos e espinhos do deserto, pois também isto prometi antes de partir – disse Gedeão, que não fez cessar o suplício antes de ver formada uma piscina de sangue ao redor do patíbulo das punições.

Seguindo adiante, foi até Fanuel, onde também o haviam desprezado.

– Derrubem esta torre! – disse, pondo abaixo a construção que era o orgulho dos habitantes da perversa cidade.

Os habitantes, entretanto, não tiveram muito tempo para lamentar a destruição da malfadada torre, pois logo todos tiveram seus pescoços passados a fio de espada.

Ajustadas as contas com aquelas duas cidades, Gedeão voltou seu olhar raiado de sangue para os dois reis madianitas, os quais, diante dos exemplos edificantes a que haviam assistido, não auguravam nada de bom para si mesmos.

– Que tais eram os homens que mataram em Tabor? – perguntou Gedeão.

– Tinham o teu mesmo ar principesco – disseram os reis.

– Certamente, pois eram meus irmãos aqueles que vocês degolaram! – disse o israelita, encolerizado. – Pelo Senhor, que se tivessem poupado a vida dos filhos de minha mãe, agora teriam poupadas as suas próprias!

Gedeão voltou a cabeça na direção de Jeter, seu filho primogênito:

– Levante-se e mate-os! – esbravejou.

Mas Jeter não se levantou e nem matou os dois reis madianitas, pois era muito novo e ficou paralisado de medo diante da ordem.

Os dois reis condenados, vendo tudo perdido, exclamaram:

– Mata-nos você mesmo, confirmando sua bravura!

Mais que a vaidade própria de serem mortos pelas mãos da suprema autoridade israelita – já que eram reis e deveriam, por força de honra, serem mortos antes pelo pai do que pelo filho medroso –, na verdade pretendiam antes bajular a vaidade do algoz, temerosos de que antes de matá-los ele se lembrasse de mandar supliciá-los, como fizera aos 77 anciãos.

Gedeão matou, então, com a sua própria espada, Zebá e Sálmana – pois tais eram os nomes dos reis madianitas –, levando consigo, como prêmio do feito, os broches em forma de meia-lua que pendiam dos pescoços dos camelos, que mais adiante iriam lhe dar alguma dor de cabeça.

33. ABIMELEC E JEFTÉ

Gedeão, o quinto juiz israelita, ainda governou por muitos anos o destino de Israel antes que a morte o levasse deste mundo. Depois de ter expulsado de Israel os idólatras que haviam submetido os hebreus a infinitas humilhações, havia recebido uma comissão de seus patrícios, implorando que ele se tornasse rei de Israel.

– Que o governo de Israel esteja às suas mãos, de seus filhos e de seus netos, pois você é o homem mais justo que há em toda Canaã – dissera o porta-voz.

– Quem governa Israel é o Senhor, e ninguém há que seja mais justo do que ele – disse Gedeão.

Inexplicavelmente, depois de ter proferido palavras tão pias, Gedeão cometeu um deslize imperdoável que contradisse inteiramente a sua bela profissão de fé.

Alguns dias depois de haver derrotado os madianitas, Gedeão dera a ordem de recolher todos os objetos de ouro dos derrotados – incluindo os broches tirados dos pescoços dos camelos – e com o produto da pilhagem fabricara um *efod*, que era uma espécie de objeto de culto, que fez colocar num altar em Efra, sua cidade natal.

Instantaneamente ergueu-se contra ele a ira dos sacerdotes e anciãos, que viram naquele ato um gesto de idolatria e rebeldia às leis de Deus.

A despeito disto – pois ignora-se que fim teve o incidente –, Gedeão governou em paz o resto de sua vida, período de paz que durou quarenta anos, até que o juiz morreu e foi enterrado no sepulcro de seu pai Joás.

Não é preciso dizer que a morte de Gedeão foi o novo toque de rebate para que os israelitas voltassem a prostituir-se às divindades cananéias. Baal-Berit foi o escolhido, e assim todo o ciclo amaldiçoado de idolatria e punição recomeçou.

Desta vez, porém, o castigo viria de dentro do próprio ventre dos israelitas. O homem que se tornaria o flagelo dos israelitas nos próximos anos chamou-se Abimelec, e era um dos setenta filhos que seu pai Gedeão havia tido

com várias mulheres de Israel.

Ora, Abimelec era muito ambicioso, e como todo homem ambicioso temia muito toda e qualquer coisa que pudesse antepor-se aos seus planos pessoais. Por isto contratou logo um verdadeiro exército dos seus irmãos por parte de mãe – já que ele era filho de Gedeão com uma concubina – e mandou matar todos os seus irmãos por parte de pai, para que nenhum ousasse usurpar-lhe um mando que já julgava seu.

Deste massacre escapou com vida apenas Joatão, o caçula.

Mortos todos os demais, Abimelec fez-se proclamar rei diante de um carvalho na cidade de Siquém, pelos habitantes do lugar.

Joatão, aproveitando que seu pérfido irmão utilizara-se de uma árvore para sagrar-se rei, desceu do monte Garizim, onde fora buscar refúgio, para fazer um discurso em frente à mesma árvore, a fim de abrir os olhos do habitantes de Siquém, que haviam tomado parte na conspiração que roubara a vida aos irmãos do perverso rei.

– Cidadãos de Siquém! – começou dizendo Joatão. – Havia outrora uma grande floresta, e um dia as árvores decidiram escolher dentre elas um rei para si. Primeiro dirigiram-se todas à oliveira, dizendo: “Seja nosso rei!”, mas ela lhes respondeu dizendo que não renunciaria jamais ao seu azeite, que fazia as delícias dos deuses e dos homens para ir reinar sobre as demais árvores. Logo depois as árvores dirigiram-se à figueira e disseram: “Seja nosso rei!”, mas ela também negou-se a renunciar à doçura dos seus frutos para ir reinar sobre as suas irmãs. Então foram todas as árvores até a videira, dizendo: “Seja nosso rei!”, mas ela recusou-se a abrir mão do seu saboroso vinho, que alegrava aos deuses e aos homens para ir governar alguém.

O público seguia atentamente o discurso de Joatão, o qual continuou assim:

– Diante de todas estas recusas, as árvores decidiram ir até o espinheiro, e diante dele disseram: “Seja o nosso rei!”. O espinheiro, então, respondeu: “Se querem mesmo que eu seja vosso rei, venham deitar-se à minha sombra, mas se não o quiserem, que o fogo saia do espinheiro e devore todos os cedros do Líbano!”.

Joatão encerrou, assim, a sua fábula, embora a maioria não tivesse entendido o seu significado.

– Talvez ele tenha querido dizer que o espinheiro, com toda a sua esterilidade, teve ainda a empáfia de aceitar o que os outros logo recusaram – disse um dos ouvintes, um pouco mais atilado.

– E que nossa recusa em servi-lo fará acender uma tremenda revolta em todo Israel – disse um segundo.

Joatão encerrou seu discurso censurando os habitantes de Siquém por terem tomado parte no assassinio dos seus irmãos.

– Se Abimelec agiu bem, desonrando seu pai e sua família, então sejam felizes com ele. Se, porém, ele agiu mal, que o fogo da discórdia acenda-se entre ele e vocês, de tal forma que Abimelec consuma-se em seu próprio fogo.

Como estas últimas palavras haviam soado demasiado rude aos ouvidos sensíveis dos cidadãos de Siquém – que começaram a manifestar o incômodo varrendo com os olhos o chão, à procura de pedras pontudas –, Joatão, que era justo mas não era bobo, deu por encerrado seu discurso e foi esconder-se em Bara.

Três anos já durava a tirania de Abimelec quando o Senhor, farto dos crimes da ovelha negra de Gedeão, decidiu espalhar entre seus aliados o espírito da discórdia.

Logo o dente afiado da inveja começou a roer o espírito dos antigos aliados de Abimelec, que passaram até a ameaçá-lo com atentados à sua própria vida.

Por esta época o quadro complicou-se com a chegada a Siquém de um certo Gaal, filho de um certo Obed, que começou a insurgir o povo contra Abimelec.

Zebul, o prefeito de Siquém, partidário do tirano, ficou sabendo da conspiração e foi alertar em segredo a Abimelec.

– Saia da cidade – disse ele – e vá refugiar-se no campo. Quando os homens de Gaal saírem da cidade atrás de você, livre-se deles como puderes.

Abimelec fez o que Zebul, o pérfido prefeito, dissera e montou quatro emboscadas à saída de Siquém para receber os homens de Gaal.

Os homens de Gaal saíram da cidade, tal como Abimelec esperava.

Abimelec saiu da escuridão da tocaia, tal como Gaal não esperava.

Então o revoltoso Gaal disse a Zebul, o pérfido prefeito:

– Parece-me que uns homens avançam na escuridão em nossa direção.

Zebul, o pérfido prefeito, respondeu ao revoltoso Gaal:

– Você se engana.

(Antes deveria ter dito “Engano-te”.)

– São apenas as sombras das árvores dos montes, que parecem homens – completou Zebul, o pérfido prefeito.

– Não, são homens, deveras – insistiu Gaal.

Então Zebul, o pérfido prefeito, perdeu as estribeiras e disse:

– Onde está a sua coragem? Saia e combata contra Abimelec, pois é ele mesmo quem lá vem com seus exércitos!

Então feriu-se o combate: Gaal saiu contra Abimelec e Abimelec veio contra Gaal. Os dois exércitos engalfinharam-se numa efusão de sangue até que as forças de Abimelec se sobrepuseram às de Gaal, provocando uma correria dos partidários deste de volta para dentro das muralhas de Siquém.

Por fim, Abimelec triunfou e Gaal foi expulso de Siquém, juntamente com seus irmãos, por Zebul, o pérfido prefeito.

Mas, embora isto, Abimelec ainda não havia conseguido alcançar o seu principal objetivo, que era entrar na cidade e promover um massacre geral, a fim de punir o povo de Siquém por sua rebelião contra a sua autoridade. Isto ele fez logo na manhã do dia seguinte, quando o povo saía das portas da cidade para ir mourejar nos campos, conforme seu milenar e pavoroso hábito.

Abimelec esfregou as mãos e disse aos seus homens:

– É agora.

Divididos em três grupos, os soldados do tirano investiram contra o povo, enquanto Abimelec e seu grupo tomaram as portas da cidade, promovendo o seu sonhado massacre, matando quase todos os seus habitantes e depois salgando o seu amaldiçoado terreno.

– Aí está o preço da afronta que me fizeram! – esbravejou o cruel Abimelec.

Os habitantes da Torre de Siquém, no entanto, ainda estavam com vida, e por isto Abimelec decidiu que devia privá-los deste luxo. Correu até lá com seus homens, o que obrigou as suas vítimas a buscarem refúgio nos subterrâneos do templo de El-Berit.

Sabedor do ardil desesperado dos fugitivos, Abimelec nem por isto deteve a sua ira, e correu até o monte Selmon, onde cortou um grande galho de árvore e retornou para a entrada do esconderijo.

– Façam todos como eu – disse ele aos seus homens.

Logo havia empilhada sobre a entrada do abrigo uma grande pilha de lenha, que o tirano não hesitou em mandar acender de uma vez.

– Toquem fogo nesta galharada – disse ele, com um sorriso cruel.

Alguém chegou uma tocha aos galhos e logo uma imensa labareda cobriu a entrada do abrigo, fazendo com que perecessem todos os que lá estavam escondidos.

Feliz com o resultado de sua vingança, Abimelec seguiu até a cidade de

Tebes, a qual conquistou sem dificuldade. Outra vez seus habitantes correram a buscar refúgio em algum lugar, desta feita numa torre fortificada.

– Eles refugiaram-se no terraço da torre – disse um soldado.

– Ótimo – disse o tirano. – Façamos o mesmo que da outra vez.

De novo os machados trabalharam avidamente, enquanto as toras de madeira eram empilhadas na base da torre funesta. Abimelec acompanhava os preparativos, pronto para desfrutar de um novo genocídio.

Neste momento, porém, alguém lá em cima – mais exatamente uma mulher – teve uma idéia feliz. Tomando de uma grande pedra de moinho, ela debruçou-se sobre o parapeito e deixou cair o pedregulho exatamente sobre o tampo da cabeça de Abimelec, que depois de ter o crânio rachado, tombou ao chão quase sem sentidos.

Alguns homens correram para ver se ainda era possível fazer algo, e descobriram que realmente havia, graças a estas palavras que o usurpador ainda encontrou forças para pronunciar:

– Toma tua espada e mata-me, para que não digam que fui morto por uma mulher.

O soldado fez tal como o moribundo dissera, e este foi o fim de Abimelec, o primeiro tirano que Israel conheceu.

Morto Abimelec, retomou-se a cadeia dos juízes – já que o usurpador morto não fora, em momento algum, juiz de Israel –, com a subida ao cargo do sexto juiz, que era membro da tribo de Issacar. Tola, considerado um dos “juízes menores”, não teve grande destaque, pois governou Israel pacificamente durante 23 anos. A ele sucedeu o galaadita Jair, outro juiz menor, que governou Israel um ano a menos que seu antecessor. Jair e o número trinta foram amigos inseparáveis durante toda a vida, pois teve ele trinta filhos, que montavam em trinta jumentos, e que se tornaram donos de trinta cidades em Galaad, as chamadas “aldeias de Jair”.

Mas, enfim, Jair também morreu, preparando a chegada de Jefté, que seria, depois de Sansão, o mais trágico dos juízes que Israel conheceria.

Neto de Manassés, Jefté era filho ilegítimo de Galaad e de uma prostituta de Israel. Como geralmente acontecia, os filhos legítimos de Galaad, desgostosos com a presença do bastardo Jefté, o expulsaram de sua terra, receosos de que ele quisesse tomar parte na herança do pai.

– Vai e não volta, filho da prostituta – disseram eles.

Expulso, Jefté foi buscar refúgio na terra de Tob, que ficava ao norte de Galaad, um lugar habitado por arameus, aliados dos amonitas (tribo nômade, inimiga de Israel, que descendia de um dos filhos de Ló).

Por esta época, os hebreus já haviam reincidido novamente na idolatria, recaindo nos braços de Baal e Astarte, as duas principais divindades rivais do deus de Israel. Fazendo uso do seu habitual castigo, o Senhor permitiu que novamente os israelitas fossem atacados e subjugados, desta vez pelos amonitas. Durante dezoito anos os inimigos oprimiram os israelitas que viviam no outro lado do Jordão, nas terras de Galaad, chegando mesmo a atravessar o rio para combater as tribos de Judá, Benjamin e Efraim, provocando grande clamor do povo para que o seu Deus lhes perdoasse os grandes pecados que haviam cometido.

Enquanto isto Jefté, alheio a tudo e escondido nas montanhas de Tob, tornara-se um bandoleiro, junto com um grupo de foragidos iguais a ele.

Diante de tudo isto, o Senhor tomou-se uma vez mais de piedade e inspirou os anciãos de Israel a escolherem um novo juiz para o seu povo.

Sempre surpreendente, depois de ter escolhido anteriormente a Gedeão, o mais humilde dos lavradores, para que liderasse militarmente o seu povo, desta vez o Senhor ultrapassara todas as expectativas ao ordenar que fossem buscar o bandoleiro e filho da prostituta nas montanhas de Tob.

– Será ele o novo juiz de Israel – disse Deus, categoricamente.

Sem pôr em discussão a vontade do Senhor, os anciãos dirigiram-se para o refúgio de Jefté, onde lhe deram a inesperada notícia.

– Além de ter sido escolhido por Deus, você é um guerreiro nato – disseram eles, nem um pouco dispostos a escutarem uma recusa.

Jefté, ainda magoado com o banimento, relutou um pouco em aceitar a oferta, mas terminou cedendo. Afinal, passar da noite para o dia de reles bandoleiro a comandante militar do povo eleito não era coisa que sucedesse a qualquer um.

Assim, Jefté, a quem haviam dito um dia para que fosse e não voltasse, finalmente voltou, com o beneplácito, inclusive, daqueles que lhe haviam dado o rude ultimato.

A primeira medida que tomou o filho de Galaad (porque não era mais chamado de “filho da prostituta”) foi enviar uma amistosa embaixada ao chefe dos amonitas para que fizesse cessar a opressão sobre o seu povo.

– Ora, um bandoleiro com falas mansas...! – disse o amonita.

Depois de escutar a mensagem, o rei amonita mandou outra, na qual dizia que não estava a fazer outra coisa senão tomar de volta o que os judeus haviam tomado ilegitimamente para si, ao chegarem maltrapilhos do Egito.

– Retomar uma coisa furtada nunca foi furto, nem aquém, nem além do Jordão – completou o amonita, com razões que não pareciam tão más.

– Todos os idólatras são maus, logo também o são as suas razões – disse Jefté ao conselheiro que compartilhara da observação anterior.

Mas Jefté não tinha somente esta única razão – a qual, é preciso admitir-se, parecia bem fraca –, mas, dotado de boa memória, desfiou uma série de outras razões, relembrando todos os passos da errância que os israelitas haviam feito pelo deserto, até chegarem nas proximidades de Canaã.

– Onde quer que tenhamos chegado, pedimos sempre antes a permissão para passar – disse Jefté, relembrando um pouco da história de Israel. – Foi assim em Edom e foi assim em Moab, e como nenhum destes nos deu a permissão, em vez de invadirmos suas terras, as contornamos gentilmente. Depois – prosseguiu o juiz hebreu –, fizemos o mesmo com os amorreus, mas estes não só nos negaram a passagem, como ainda nos atacaram covardemente. Então o Senhor autorizou que os enfrentássemos e os derrotássemos, dando-nos, em prêmio, as suas terras, já que esta é a lei da guerra.

Este é o resultado que colheram – completou Jefté. – Agora que o Senhor de Israel expulsou justamente os amorreus das suas terras, você vai nos expulsar? Você teve trezentos anos para retomar as terras do Arnon e não o fez. Por que o quer agora, que já estamos todos instalados nas duas margens do Jordão?

Mas o rei amonita não estava para conversas, e por isto passou imediatamente a palavra à sua espada, que como todas as outras só dominava um único e sólido argumento: o da força.

Jefté, pronto para a guerra, marchou com seus soldados até Masfa, nas proximidades de Galaad, de onde podia avistar as tropas amonitas. Então, diante daquela visão assustadora – pois havia um exército verdadeiramente gigantesco à sua espera –, o ex-bandoleiro fez uma promessa ao Senhor.

– Se o Senhor entregar os amonitas em minhas mãos, prometo que lhe oferecerei em holocausto a primeira pessoa que surgir da porta de minha casa para me dar os parabéns pela vitória.

Uma péssima promessa, em verdade. Em primeiro lugar, porque o Senhor, por meio de Moisés, proibira há muito tempo os sacrifícios humanos em Israel, e em segundo lugar porque era uma ingratidão monstruosa eleger-se como

vítima uma pessoa que viria espontaneamente render-lhe uma homenagem.

De qualquer modo, a promessa estava feita, e Jefté lançou-se com seu exército, a toda brida, ao encontro das espadas, lanças, fundas, escudos, adagas, arcos, flechas, pedras e tudo o mais que tenha serventia para arrancar de dentro das carnes a alma indefesa de um ser humano.

Durante várias horas tudo retiniu de encontro a tudo debaixo do sol da Terra Santa, até que Jefté arrasou seus inimigos, conquistando-lhes vinte cidades e invertendo as coisas, tornando doravante os amonitas escravos dos israelitas.

Mergulhado na euforia, Jefté regressou à sua casa, esquecido de tudo a não ser da sua glória e do seu Deus. Tão logo entrou em Masfa foi recebido pelo povo nas ruas como um César hebreu, com gritos e pétalas de flores a juncarem o pó do chão, até que, sem dar-se conta disto, aproximou-se de sua morada.

Neste instante viu sair da porta da casa uma moça vestida numa túnica curta e branca, a vibrar um grande pandeiro de couro amarelado. Descalça, ela juntava ao ritmo das pancadas manuais um sapatear alegre, como se a terra inteira fosse um outro e gigantesco pandeiro empoeirado posto sob os seus delicados pés.

Fazendo graciosas circunvoluções, a jovem encantadora erguia do chão uma pequena nuvem de pó, enquanto no alto seus cabelos negros, lustrosos e perfumados de um óleo almiscarado, agitavam-se como uma grande e incontida ave negra, ansiosa por libertar-se num vôo cego em direção ao sol.

Jefté custou a reconhecer aquela como sendo a sua filha, mas quando o fez quase sentiu-se desfalecer. Depois, tendo a certeza de que realmente tinha diante dos olhos a sua filha única, começou a rasgar desesperadamente as suas vestes.

– O que fiz, Senhor Deus? – bradava ele, para assombro dos circunstantes.

Sua filha – cujo nome, infelizmente, a tradição não refere – parou subitamente de dançar e de agitar o seu pandeiro ao ver a reação do pai.

“Julgará leviana a minha atitude?”, se perguntou ela, procurando ocultar-se inteira atrás do redondo instrumento.

– Minha filha, até ver você era eu o mais feliz dos homens que andam sob o sol, e já agora sou o homem mais desgraçado que o mesmo sol contempla! – disse o pobre Jefté, que custou a encontrar coragem para dizer de uma só vez à filha amada que deveria matá-la em cumprimento de um miserável voto.

No entanto a jovem atilada compreendeu logo que tantas lágrimas só podiam significar a pior das catástrofes.

– Esteja calmo, meu pai – disse, resignada. – Imagino que voto seja este,

uma vez que não consegue reproduzi-lo àquela que, sem dúvida, deverá remi-lo.

Jefté, que a esta altura já tinha a cabeça coberta de pó e de cinza, deixou-a pender desoladamente sobre o peito, em muda aquiescência. Um pouco do pó foi cair sobre o pequeno e encoberto seio da adolescente, manchando a alva veste que o envolvia com aquele mesmo elemento ao convívio do qual ela deveria, muito em breve, ser novamente – e tão cedo! – restituída. Como um Agamenon hebreu, Jefté havia cometido a loucura de pôr em jogo a vida de sua filha em nome de um triunfo militar, o qual, para todo o sempre, lhe traria a mais amarga das lembranças.

– Acato qualquer que seja o voto que você fez, meu pai, porque o nome do Senhor está impresso nele com o seu selo indelével – disse a menina. – Apenas peço que me conceda mais dois meses de vida para que, junto de minhas amigas, possa ir chorar pelas montanhas a tristeza de minha virgindade, que agora, vejo, há de ser perpétua.

Dois meses depois, com efeito, ela retornou espontaneamente – virgem como partira – e foi oferecer-se ao cumprimento da promessa.

Jefté, que durante todo este tempo orara ao Senhor, na esperança de que a si acontecesse o mesmo que acontecera com Jacó, também posto na obrigação de imolar seu próprio filho ao Senhor, conduziu a filha ao local do sacrifício.

Jefté postergou, até o último momento, o gesto fatal, na esperança de que a simples intenção bastaria ao Senhor, como bastara ao velho patriarca, pai de Isaac. Várias vezes suspendeu a mão para recomeçar tudo outra vez. Porém, por mais que aguardasse, anjo algum surgiu dos céus para liberá-lo da negra prova, talvez porque, desta feita, a prova partira do homem, e não da divindade, de uma vaidade e não de uma verdadeira prova de amor e lealdade.

Somente então, quando Jefté compreendeu a amarga e infinita diferença que separava os dois gestos, foi que tudo verdadeiramente consumou-se.

Desde então, todos os anos, as filhas de Israel juntam-se para chorar o sacrifício da filha de Jefté.

Depois deste acontecimento, houve um novo incidente com os descendentes de Efraim, os quais, a exemplo do que anteriormente haviam feito com Gedeão, foram queixar-se do fato de Jefté ter ido combater os amonitas sem antes convocá-los também para a luta.

– Por causa disto vamos queimar você e a sua casa! – disseram os mais

exaltados.

– Vezes sem conta pedi auxílio à tribo de Efraim, mas dela não recebi qualquer resposta – argumentou Jefté. – Por que agora, covardes, vêm me pedir satisfação de uma luta que tive de travar sozinho?

Então, tendo os ânimos se exaltado poderosamente, lançaram-se todos numa guerra civil – já que a guerra intestina, desde Abimelec, parecia haver chegado para instalar-se definitivamente no seio do povo de Abraão.

Os homens de Galaad derrotaram, afinal, os homens de Efraim, e não mostraram a menor piedade para com estes, pois toda a vez que um efraimita fugitivo lhes caía às mãos, nada mais precisavam fazer que obrigá-lo a pronunciar a palavra *xibolet*. Se o desgraçado a pronunciava *sibolet*, então era porque provinha de Efraim, sendo degolado no mesmo instante, nos vaus do Jordão. Nada menos que 42 mil efraimitas pereceram por conta deste engenhoso ardil, que fez escola em muitas partes do mundo.

Depois de tantas desgraças, Jefté, que havia governado por apenas seis anos, entregou seu corpo ao mesmo pó ao qual ele entregara a sua filha, ficando enterrado para todo o sempre em Galaad.

Em seguimento a Jefté, vieram mais três juízes. Chamaram-se eles Abesã, Elon e Abdon.

O primeiro, Abesã, teve trinta filhos e trinta filhas, todos os quais, não se sabe bem por quê, ele casou com gente de fora. E por ter sido este o seu grande feito, resta dizer que depois de sete anos de juizado foi juntar-se a Abraão e seus antepassados.

O segundo, Elon, foi juiz de Israel durante dez anos.

Finalmente, o terceiro, chamado Abdon, governou durante oito anos e foi enterrado em Faraton – e dele a única coisa de sólida que se pode dizer é que foi o antecessor do maior de todos os juízes, chamado Sansão.

34. OS PRODÍGIOS DE SANSÃO

Israel teve muitos adversários desde a sua chegada à terra prometida: edomitas, moabitas, amalecitas, amorreus, madianitas e muitos outros povos que desde o primeiro momento recusaram-se a admitir a companhia dos israelitas nas terras de Canaã. Mas dentre todos, um pode ser considerado o seu arquiinimigo: os filisteus.

Acredita-se que este povo tenha vindo de Creta, devido a alguns traços que guardou de sua cultura mediterrânea. Vasos e outros objetos atestam isto, em especial cerâmicas, decoradas profusamente, à maneira dos gregos.

Os filisteus instalaram-se originalmente na faixa costeira do Egito e foram chamados pelos egípcios de “Peleset”, que em hebraico derivou para “Pelishtim”. Mais tarde o termo passou para o grego, que deu origem à palavra “Palestina”, denominação que identifica hoje, de maneira algo arbitrária, a nação que continua a disputar com os mesmos adversários de ontem a velha Canaã dos tempos bíblicos.

Hábéis artífices, os filisteus dominavam a arte do ferro e da fundição, tornando-se poderosíssimos militarmente – numa época em que a guerra era uma constante em estados incipientes e sujeitos a freqüentes conflitos –, até que por volta de 1200 a. C. eles invadiram a planície costeira de Judá, um dos domínios dos israelitas, dando início a novos confrontos na região.

Segundo o livro sagrado dos judeus, o novo domínio recaíra sobre os israelitas por culpa deles próprios. Mais uma vez, após a morte do juiz Abdon, eles haviam voltado a adorar as divindades dos povos rivais, dando as costas ao seu próprio deus.

Durante quarenta anos, os israelitas estiveram submetidos ao poder dos filisteus, e tão danoso foi este período que a tribo de Dã – uma das doze tribos de Israel – terminou sendo expulsa do lugar que ocupara durante muitos anos, tendo de ir habitar a parte setentrional do país.

Mais uma vez os judeus ergueram súplicas ardentes a deus, até que algo finalmente aconteceu. Desta feita o Senhor decidira fazer surgir um verdadeiro prodígio no meio do seu povo, pois a opressão tornara-se demasiada e um simples homem não seria capaz de expulsar os inimigos de Israel.

Como todo bom herói da Antigüidade, Sansão – o predestinado que Deus escolhera para ser o libertador do seu povo – teve um nascimento miraculoso.

Manué, membro da tribo expulsa de Dã, era casado com uma mulher que, a exemplo de Sara e Rebeca, era estéril. Ora, um dia, tendo já perdido todas as esperanças de gerar um filho, foi ela visitada por um anjo do Senhor.

– Gerarás um filho – disse ele, à queima-roupa.

A mulher de Manué caiu sobre os joelhos, enquanto o anjo, impassível, lhe prescrevia algumas ordens expressas para a criação do menino que sairia de suas entranhas.

– Não beberás nenhuma bebida embriagante e conservarás intactos os cabelos de teu filho, pois ele será, desde o seu nascimento, um nazireu.

Nazireu era, em Israel, toda pessoa votada ao Senhor desde o nascimento, para o cumprimento de um propósito elevado. Durante toda a sua vida Sansão deveria manter-se afastado da bebida e do contato com coisas impuras, a fim de que o Senhor pudesse manifestar-se livremente por seu intermédio.

A mulher de Manué, encantada não só com a notícia de que iria ser mãe, mas ainda com a perspectiva honrosa de vir a abrigar em seu ventre um nazireu, correu logo a contar a espantosa novidade ao marido.

– Manué! Manué! – gritava ela, a correr pelos campos.

Sem ter certeza de quem era aquele estranho ser que lhe aparecera, ela disse ao esposo tudo quanto ocorrera. Manué, tomado por dúvida, orou ao Senhor, pedindo-lhe que fizesse voltar o misterioso ser.

O Senhor atendeu e fez o seu anjo reaparecer à mulher de Manué.

– Manué! Manué! – gritava ela, outra vez, a correr pelos campos.

Desta vez o esposo quis verificar com seus próprios olhos, e por isto foi até o lugar onde estava o tal ser misterioso.

– Foi você quem conversou com minha mulher? – disse ele, tão logo pôs os olhos sobre o anjo, que não tinha aparência de anjo.

– Sim, fui eu – disse o ser intrigante, sem pestanejar.

– Diga-me, como haveremos de criar nosso filho? – disse Manué.

– Fazendo tudo quanto prescrevi – disse o ser, repetindo novamente todas as instruções.

Mas Manué ainda não estava convicto de que aquele ser estranho era, de fato, um anjo do Senhor, e por isto decidiu fazer mais uma prova.

– Fique conosco – disse ele. – Vou preparar-lhe um bom cabrito.

Mas o anjo não estava para comilanças.

– Ainda que fique, não provarei de sua comida – disse o anjo. – Fará

melhor oferecendo ao Senhor um oloroso holocausto.

Derrotado, Manué ofereceu, então, o holocausto, queimando o cabrito sobre uma rocha. Logo as chamas ergueram-se sobre a carcaça, desprendendo um espesso fumo que subiu diretamente ao céu, junto com o espírito do anjo.

Manué e sua mulher caíram de quatro sobre o pó, admitindo finalmente que haviam estado diante do Senhor (para os hebreus um anjo era um ser despersonalizado, visto sempre como uma extensão do próprio Deus).

– Ai de nós, que vimos a face do Senhor! – gemeu Manué, por si e por sua mulher, já que o maior terror de um israelita era defrontar-se com o seu Criador.

Mas a mulher de Manué resolvera raciocinar um pouco, e fora o quanto bastara para arredar de si o ultrajante medo.

– Manué, pensa comigo – disse ela, suspendendo o nariz e pondo as mãos nas cadeiras. – Por que haveria o Senhor de nos fulminar, se foi ele próprio quem nos procurou para nos avisar de todas estas coisas, sendo nós, além disso, parte fundamental do cumprimento da sua vontade?

Manué pensou com sua mulher e chegou bem perto de estar tão tranquilo quanto ela, não fosse a pequena dúvida que ainda restara em sua alma, a de que talvez ele, Manué, não fosse mais parte indispensável alguma no plano divino, já que sua mulher, trazendo no ventre o fruto do milagre – produto da semente dele ou do próprio Senhor –, não precisava mais dele para nada.

Manué só conheceu a paz quando o menino nasceu, sem que isto tivesse acarretado, em momento algum, em qualquer desgraça para a sua carne.

Sansão nasceu na ultrajada tribo de Dã. Sua pobre mãe sofreu bastante ao dar a luz a um menino enorme, o qual, fazendo jus às promessas do Senhor, cresceu com uma rapidez extraordinária.

Os ditos e feitos de sua infância, entretanto, são todos apócrifos e repletos de prodígios.

Na juventude, já de barba montada na cara e com suas sete tranças largas e negras derramadas pelos ombros maciços da cor do bronze, vamos encontrá-lo agora em plena estrada, de volta de Tamna, uma localidade filistéia, onde se apaixonara por uma bela jovem.

No caminho de casa cismava ele na dificuldade que encontraria para convencer seus pais a darem a aprovação à sua amada. “É bela, mas idólatra”, pensava, desanimado, ao sair de Tamna.

Mas enquanto andava, seu coração argumentava, até que ao chegar diante dos pais o músculo engenhoso já havia dado um jeito de embaralhar as palavras em sua boca.

– É idólatra, mas é bela – disse ele, justificando a escolha.

Os pais, entretanto, não se satisfizeram com o prosaico argumento.

– Ela não é das nossas – disse seu pai. – Por que, em vez de tantas mulheres israelitas, foi escolher logo uma filha de idólatras e incircuncisos?

Sansão, contudo, teimou:

– Não amo nenhuma israelita como amo a bela filistéia!

Como Sansão não era um frangote qualquer, Manué resolveu usar de cautela, embora sabendo que seu filho jamais infringiria o quinto mandamento.

– Está bem, vamos até lá pedir a mão dela – disse ele, novamente vencido.

No dia seguinte Manué e sua mulher partiram para Tamna, sendo seguidos pelo robusto e ansioso filho, que ia um pouco atrás.

Sansão, apesar da expectativa, estava alegre, e cumpria o trajeto como quem faz um passeio, admirando todas as coisas belas e amenas ao redor, tais como as árvores, os pássaros, os insetos, as flores e um leão enorme que pulou inesperadamente à sua frente. Felizmente ele foi capaz de abandonar logo o seu estado de espírito idílico e compreender que aquele ser enorme e cabeludo não estava ali para ser admirado, mas enfrentado.

Totalmente desarmado, Sansão, vendo a fera avançar com suas quatro presas arreganhadas, fez um meneio veloz de cintura, pondo-se de lado e sentindo passar rentíssimo ao corpo aquela massa compacta de pêlos, músculos e presas. Cegado momentaneamente pela juba espessa do leão, o herói sentiu nesta rapidíssima fração de segundos que uma força sobrehumana incorporara em si, muito maior do que aquela que ele tinha armazenada naturalmente em seus músculos.

Antes que a juba tivesse desobstruído os seus olhos, Sansão, num reflexo ainda mais rápido, abraçou-se num arremesso veloz às costas do leão e deu-lhe uma poderosa gravata que acabou levando ambos ao chão. Um ruído tremendo sacudiu o solo, como se algo monstruoso embaixo dele tivesse se remexido violentamente. Deitado sob a fera, o jovem gigante sentiu o braço direito afundar-se inteiro numa manta de pêlos que não parecia ter mais fim, até atingir-lhe a musculatura rígida do pescoço. Neste instante o animal, agoniado, pedalou as quatro patas no ar e arremessou-se para o lado com seu algoz, fazendo ambos rolares velozmente sobre o pó.

Sansão sentiu todo o peso da fera depositado sobre si, enquanto ambos

redemoinhavam num ciclone sufocante de pêlos, até sentir um doloroso impacto sobre as costas. Um uffff! profundo escapou de seus pulmões amplos como foles antes que pudesse perceber que ambos haviam se chocado contra uma espessa árvore, a qual, com a força do impacto produzido por aquele poderoso aríete, feito de um leão e um gigante amalgamados, partira-se imediatamente em duas. Mas nem assim Sansão desgrudou da fera, e logo deu um jeito de introduzir a mão na mandíbula inferior do leão, sem descolar o braço do pescoço da fera. Depois, com a outra mão tomou da mandíbula superior, e ainda deitado, abriu-as violentamente, com toda a sua força. Um ruído apavorante de ossos que se partem estalou no ar, seguido de um rugido fenomenal que abalou as montanhas das redondezas.

Convicto de haver matado o pobre leão, Sansão abandonou-o, pondo-se em pé.

O pobre leão, entretanto, ainda vivia, e também pôs-se em pé, com um rugido atoador. Seu aspecto, no entanto, tornara-se lamentável, quase convidando ao riso, pois suas duas mandíbulas partidas pendiam inúteis, enquanto uma cachoeira de sangue despejava-se do buraco rasgado em sua face.

Tudo parecia acabado, mas Sansão sabia perfeitamente que tudo o que parecia acabado nem sempre estava realmente acabado. Esta certeza ele teve quando viu saltarem das patas dianteiras do leão um jogo de unhas compridas e recurvas como punhais malaios. Num arremesso imprevisto o leão lançou-se sobre o seu oponente, obrigando—o a desviar-se. Desta vez, no entanto, eram tantas as armas que tinha contra si que Sansão não pôde evitar que uma destas unhas abrisse de alto a baixo a sua túnica, deixando em seu peito um grande talho escarlate.

Então foi a vez de Sansão rugir.

– Muito bem, patife, foi você quem começou isto! – disse ele, lançando-se destemidamente, face a face, contra o leão do queixo pendido.

Outra vez ele ajustou seu corpo ao do leão, agora num abraço frontal, e assim permaneceu algum tempo a aspirar o fedor hediondo que se escapava da caverna ensangüentada que era a boca do animal. Então Sansão repetiu seu gesto e tomou outra vez nas mãos as duas mandíbulas, apartando-as até estripar a cabeça inteira do miserável felino, pondo um fim definitivo à sua vida.

Sansão desmembrou todo o leão como se fosse um cabrito e abandonou a carcaça ao sol, apertando depois o passo para alcançar seus pais, que já iam bem adiante pela estrada que levava à terra de sua amada.

Sansão não contou nada a eles do terrível duelo que tivera com o leão, e

assim continuaram todos até Tamna, onde conversaram com a moça filistéia e os pais puderam constatar, realmente, o quanto ela era bela.

– Apesar de idólatra – disse o velho Manué, que só engolira a futura nora por causa de sua encantadora beleza.

Na volta Sansão cruzou outra vez com a carcaça do leão, longe das vistas dos pais, e percebeu que por baixo das costelas expostas havia um enxame de abelhas a esvoaçar alegremente.

– Ora vejam, as abelhas fizeram ali a sua colméia! – disse ele, surpreso.

Aproximando-se, tomou um pouco do mel em suas mãos, sem que as abelhas o incomodassem minimamente, e foi ter novamente com os pais.

– Mel para todos! – disse Sansão, que como bom filho, repartiu logo a delícia com seus progenitores.

O dia do casamento chegou, e houve uma grande festa. No meio dela, alguns filisteus aproximaram-se de Sansão, e este, talvez porque a festa estivesse meio chata, lhes propôs um enigma para alegrar os ânimos.

– Se acertarem a resposta, ao cabo dos sete dias que durará a festa, lhes darei trinta túnicas de linho e trinta mudas de roupa.

Os filisteus esfregaram as mãos, certos de que iriam passar a perna no hebreu grandalhão e presunçoso.

– Vamos, diga lá qual é o enigma! – disse um deles.

Sansão olhou-os bem e disse:

– “Do que come, saiu comida; e do forte, saiu doçura”.

Durante três dias os filisteus queimaram inutilmente o cérebro para decifrar o extravagante enigma, até que no quarto decidiram recorrer ao expediente ilícito de ameaçar a esposa de Sansão.

– Não esqueça que você é uma filistéia – disse o líder dos estultos. – Não deve, pois, permitir que um hebreu venha nos humilhar ou nos roubar.

– O que querem de mim, afinal? – disse a bela idólatra.

– Descubra o segredo do enigma – disse o outro –, ou então queimaremos você e seu pai dentro de sua própria casa. Entendeu bem?

Ela entendeu bem. Dali até o sétimo dia a bela filistéia ancorou seus olhinhos no ombro possante de seu esposo e lavou-o metodicamente com as suas lágrimas.

– Por que não revela à sua esposa a solução do enigma? – dizia ela,

– Não o revelei sequer aos meus pais – disse ele, amuado.

A jovem esguichou um torrente de lágrimas e disse, chorosa:

– Po-porque... s-sou... s-sua... e-esposa!

Mas tudo está na persistência. Na primeira vez, Sansão deu-lhe as costas e deixou-a em pé, sem ombro algum para recolher as suas lágrimas. Na segunda, foi o mesmo. Na terceira, ele já vacilou, mas mesmo assim a abandonou. Na quarta, ela redobrou as lágrimas, e assim conseguiu fazer com que Sansão revelasse o segredo.

Chegou, então, o sétimo dia. Sansão estava no último dia das comemorações de sua boda quando os filisteus apareceram para lhe dar a resposta do enigma.

– Digam lá – falou Sansão, certo de que ouviria apenas asneiras.

– A resposta é a seguinte – disse um deles –: “O que é mais doce do que o mel? O que é mais forte que o leão?”

Para quem não entendeu, convém repetir o enigma:

“Do que come, saiu comida”: ou seja, do leão que Sansão abatera.

“Do forte saiu doçura”: ou seja, o mel que brotara do leão morto.

Sansão, vexado da derrota, deixou bem claro aos filisteus – que deixavam escapar um risinho fungado e precavido – que sabia perfeitamente por quem fora traído.

– E então, vai ou não vai pagar a aposta? – disse um, mais atrevido.

– Vou – disse Sansão, desaparecendo rapidamente.

No mesmo dia, o gigante afrontado dirigiu seus passos até a cidade de Ascalon e ali ficou parado como um pilar, numa beira de estrada, a esperar a passagem de qualquer filisteu.

– Sua túnica de linho é nova? – disse ele, ao ver surgir um sujeitinho careca, cujo peito estufado surgia pela abertura da túnica.

– Ora, está estalando de nova! – disse o filisteu.

Sansão agarrou rapidamente o pescoço do desgraçado e fê-lo estalar em suas mãos. Depois, ficou aguardando a passagem de um segundo, e de um terceiro, e de um quarto, até completar os trinta trajés de que necessitava.

– Aí estão – disse ele, lançando as trinta túnicas às faces dos filisteus.

Logo em seguida retornou para a sua terra, magoado com a atitude de sua traiçoeira mulher.

Alguns dias depois, Sansão retornou a Tamna, pois sentira saudades de sua traiçoeira mulher. Trazia consigo um cabrito, mas tanto ele quanto o animal foram barrados na porta da casa pelo pai da sua esposa.

– Quero estar com a minha mulher! – disse Sansão.

– Ela não é mais sua esposa – disse o sogro. – Você a repudiou, e ela já tem um novo marido.

Sansão ficou vermelho de cólera.

– Mas ela tem uma irmã mais nova; se quiser, pode ficar com ela – disse o velho, cuja proposta lembrava uma outra feita há muito tempo por um certo Labão.

Sansão, que trazia na alma um certo remorso pela morte dos trinta filisteus bem vestidos, disse para si mesmo: “Desta vez não sentirei culpa alguma em infligir mal a estes filisteus!”.

No mesmo dia Sansão capturou trezentas raposas, amarrou-as de duas em duas e colocou uma tocha acesa nas caudas amarradas de cada par.

– Agora vão! – disse ele, espantando-as na direção das plantações dos filisteus.

As trezentas raposas, enlouquecidas de medo pelo fogo que ardia em suas caudas, lançaram-se numa corrida enlouquecida, metendo-se pelo meio dos trigais, vinhas e oliveiras, de tal sorte que em questão de minutos estava tudo em chamas.

– Maldição! – esbravejaram os filisteus. – Quem foi o responsável por isto?

Não foi necessária muita perspicácia para saber-se que o responsável fora Sansão.

Tomados de fúria, os filisteus correram até a casa da ex-esposa de Sansão, e depois de trancarem dentro dela a mulher e o pai, puseram fogo na casa, para que ambos pagassem pela catástrofe.

Sansão, sabedor do crime, correu até eles e provocou grande matança entre os filisteus. Depois da desgraça, foi morar numa gruta de Etam, enquanto os filisteus tramavam um meio de oprimir ainda mais os israelitas.

Depois de acamparem em Judá, os inimigos de Israel invadiram a região de Lequi, que significa “Queixada”. Os judeus, temerosos daquela invasão, correram até seus opressores para saber do motivo da nova agressão.

– Queremos a cabeça de Sansão – disse o líder filisteu, explicando as razões.

Então os habitantes de Judá foram até a gruta onde Sansão estava refugiado para lhe pedir contas do agravo feito aos filisteus.

– Por que os provocou desta maneira, sabendo que nos exporia à vingança deles? – disse o líder dos hebreus.

– Eu os fiz pagar pelo que me fizeram, apenas isto – disse Sansão, irredutível.

– Pouco importa – retrucou o outro. – Temos de levá-lo preso para que a ira deles cesse.

– Vão entregar-me às mãos de nossos inimigos? – perguntou Sansão, incrédulo.

– Havíamos pensado em matá-lo nós mesmos, mas preferimos deixar que eles o façam – respondeu o hebreu, muito naturalmente.

Sansão, estranhamente, pareceu muito satisfeito com aquela decisão, e chegou a pedir aos seus patrícios que não o matassem, pois voluntariamente renderia seus pulsos às cordas que eles traziam.

E assim, de fato, aconteceu. Sansão, de mãos amarradas, foi levado até os filisteus pelos seus próprios irmãos israelitas.

Ao chegar a Lequi, Sansão foi abandonado à própria sorte, nas mãos dos inimigos.

– Vai pagar, agora, hebreu maldito, as mortes e os prejuízos sem conta que provocou entre nós! – disse o líder dos filisteus, rangendo os dentes.

Sansão, vendo avançar sobre si uma malta de mais de mil filisteus enfurecidos, sentiu o mesmo fortalecimento sobrenatural que sentira quando vira o leão investir sobre si. Imediatamente expandiu o peito e os braços, rompendo as cordas novas como se fossem linhas de costura. Depois, estando completamente desarmado, viu no chão a queixada de um jumento. Num pulo ele agarrou o comprido osso – que se assemelhava vagamente a um enorme bumerangue – e postou-se sobre as duas pernas, com toda a firmeza.

Os filisteus, que vinham todos em bando, estacaram diante daquele visão, ao mesmo tempo risível e assustadora.

– O que estão esperando para atacar? – rugiu o líder dos filisteus. – Ele é apenas um contra mil!

Animados pelas palavras, os soldados avançaram com suas lanças e espadas, mas antes que pudessem ferir Sansão, este derrubou a primeira fileira com um único golpe da sua arma improvisada. Os outros avançaram num atropelo desesperado, mas, por mais que fizessem, nenhum deles conseguia chegar próximo o bastante para desferir um golpe no gigante, pois seu braço largo manejava a queixada com tanta destreza, vigor e rapidez que o único som que se ouvia em todo o vale era o das cabeças partidas dos seus agressores.

Cem, duzentos, trezentos, mil homens foram assim abatidos pela fúria sagrada de Sansão, o qual, sem dizer uma única palavra, foi devastando todos

aqueles que se antepunham à sua frente. Sua voz só fez-se ouvir ao final da carnificina, quando, terminado o transe enfurecido, viu a pilha de corpos estendida ao seu redor.

Então ele exclamou, com grande júbilo:

– Com uma queixada de burro matei mil homens!

Sansão somente largou a sua estranha arma quando percebeu que estava com uma enorme sede. Então ergueu os olhos ao céu e clamou por água ao Senhor.

No mesmo instante uma fonte cristalina d'água brotou das rochas e o gigante ajoelhou-se para beber o líquido em grandes sorvos. Naquele dia, a fonte passou a chamar-se “Fonte do Suplicante”, e Sansão, graças à sua espantosa vitória, foi investido na condição de juiz de Israel.

Alguns dias depois do seu grande feito, Sansão viveu um outro episódio que não ficou em nada a dever ao da queixada do burro. Tendo ido ele a Gaza, encontrou uma bela prostituta, e decidiu dar livre curso aos seus poderosos instintos.

Entretanto, os filisteus, sabendo do caso, decidiram armar-lhe uma emboscada na saída da cidade. Ali havia uma enorme porta de cedro encravada no meio da muralha, como era hábito nas cidades antigas, sempre temerosas de invasões e pilhagens. Ali estiveram os conspiradores de tocaia, protegidos pela escuridão da noite, até que por volta da meia-noite viram surgir, ao longe, o gigante hebreu.

– É ele! – ciciou um dos conjurados.

Todos sacaram de suas espadas, ávidos por cravá-las no arquiniimigo, e assim ficaram até que Sansão esteve ao alcance de suas afiadas lâminas.

– É agora, ataquem! – bradou o líder dos filisteus.

Sansão, contudo, alertado pelo rumor e pelas sombras que avistara ao longe, não foi pego de surpresa e desvencilhou-se com facilidade dos agressores, esmagando suas cabeças de encontro à muralha. Mas esmigalhá-los não bastara para que o gigante descarregasse a sua raiva, e por isto decidiu arrancar com suas próprias mãos a imensa porta da cidade.

– É para que saibam que a partir de agora entro e saio de Gaza a hora que quiser – disse ele, destruindo de uma só vez a porta de folha dupla.

Colocando a enorme porta sobre as costas, Sansão saiu campo afora até alcançar o monte que estava em frente a Hebron, onde abandonou, com desdém, o antigo – e agora inútil – símbolo da impenetrabilidade da cidade.

Israel, animado com o feito prodigioso do mais forte dos seus filhos, tinha

agora a esperança de ver-se finalmente livre da opressão dos filisteus. Havia, entretanto, uma outra filistéia no caminho de Sansão, justamente aquela que iria guiar os passos do gigante o rumo à sua ruína – mas também à dos próprios filisteus.

35. SANSÃO E DALILA

Havia no vale de Sorec uma linda filistéia chamada Dalila. Seu nome, de graciosa sonoridade, significava “flerte”, ou “delicadeza”, e condizia bem com o seu aspecto misteriosamente dúbio, em que uma sensualidade natural convivía harmonicamente com uma inesperada delicadeza. Tudo em seu corpo era um convite irresistível – e ao mesmo tempo, sedutoramente austero –, desde os seus lábios rubros e sempre úmidos até os dedos bem cuidados dos seus pés atraentes. Dotada de uma pele morena, Dalila andava sempre envolta em túnicas de linho negro que se ajustavam ao seu corpo como uma segunda pele escura e sedutora, como a das panteras.

Dalila, no entanto, não era, nem de longe, uma mulher vulgar. Apesar de sua vida amorosa ser um tecido de romances clandestinos – afinal, era a mulher mais cobiçada de toda a Filistéia –, pouco tinha, porém, da cortesã fatal. Ela não era um modelo de virtudes, mas tinha classe. Não era confiável, mas atraía.

Atração e traição. Certo ou errado, Dalila era ambos.

Porém, de sua vida pregressa nada se sabia, até o instante em que passa a dividir a cena com o seu novo e robusto amante.

– Sansão, estar em seus braços é como estar espremida entre as duas colunas que sustentam o mundo! – dizia ela, perfeitamente à vontade sem a sua segunda pele, nos raríssimos instantes em que se permitia elogiar, sem cálculo, a um homem.

Isto porque o dinheiro de um homem bem situado era o único meio que possuía uma mulher – que ambicionava ser mais do que uma mera escrava de um macho sisudo – de não ser ultrajada diariamente por sua condição servil de mulher.

Para Sansão, por sua vez, ter em seus braços rijos aquela serpente dotada de braços e de pernas era, ao mesmo tempo, um revigorante exercício de virilidade que envolvia um risco vagamente mortal.

Mas o que era, afinal, o desejo, sem o menor traço do risco?, perguntava-se ele, mesmo já tendo provado da falsidade que podia provir de uma mulher – e pior, ainda, de uma mulher idólatra, que servia voluntariamente a um deus de abominações.

O desejo tinha de ter algo de ameaça. Um beijo envolvia sempre um risco, ou então não era nada. Assim pensavam os dois, e por isto permaneciam tanto tempo juntos, durante os seus encontros furtivos, procurando extrair daquela espécie de duelo sensual o maior número de situações deliciosas e perigosas.

– Às vezes, em seus braços, sinto a volúpia da morte, uma outra morte que não sei explicar – dizia ela, depois de cessados os jogos amorosos. – Uma morte de tudo quanto há de aborrecido neste mundo, e dentro de mim mesma!

Sansão também sentia o mesmo, pois ele também transgredia. Ambos transgrediam, pois o amor de um israelita e de uma filistéia só podia ser mal visto por ambos os lados, entregues a uma disputa permanente e mortal.

Mas cessados os prazeres – durante os quais Sansão perdia a cabeça–, Dalila voltava a ser a mesma de antes de sua subida ao leito. Submetida às injunções de um mundo implacável, assim que tocava o primeiro dedo do seu pé sobre o frágil tapete, ela colocava a cabeça de volta no seu devido lugar e punha-se a raciocinar.

Isto ela fez com maior intensidade quando recebeu, certo dia, a visita de uma comissão de chefes filisteus – príncipes que governavam cada uma das cidades que compunham a confederação da chamada Filistéia – para lhe fazer uma gravíssima imposição.

– Dalila, sabemos que você mantém um romance, que imagina secreto, com o líder supremo de nossos inimigos – disse o líder do grupo, um velho filisteu de barbas brancas que trazia um segundo e inconfesso interesse naquela embaixada.

A bela filistéia, que recém havia se levantado do leito, tentou esconder o que estava à vista de todos.

– Não perca seu tempo tentando negar, pois será pior – disse o velho, que parecia verdadeiramente enciumado.

Dalila sabia reconhecer quando a situação lhe era irremediavelmente desfavorável. Nesses instantes, o princípio da realidade assomava em si, soberano. “Agora estou a sós com meus inimigos”, pensou, repetindo as palavras que sempre lhe acudiam à mente em situações parecidas.

Dalila, como todos os destemidos, capitulou apenas com o olhar.

– Queremos que descubra de onde Sansão retira sua força prodigiosa – disse o velho. – Pagaremos, por isto, mil e cem siclos de prata.

Dalila ficou paralisada. Todo e qualquer escrúpulo que lhe viera à mente diante das primeiras palavras do velho desaparecera diante da segunda parte de sua fala.

“Mil e cem siclos de prata!”, pensou, perdendo novamente a cabeça.

Então o escrúpulo inicial cedeu passo ao cálculo, expediente mental infinitamente mais útil e necessário a uma mulher que não deseja servir a ninguém. “Cedo ou tarde, Sansão me abandonará”, pensou ela.

Aquele foi um subterfúgio pouco nobre. Mas quem disse que ela amava a nobreza? Tudo o que Dalila queria era fugir da pobreza. Além do mais, mil e cem siclos de prata valiam cerca de 275 vezes o preço de um escravo.

“Duzentas e setenta e cinco vezes liberta!”, pensou ela, inebriada por aquela exorbitância de liberdade. Sim, aquilo era o bastante para fazê-la esquecer que seu gesto implicava não só uma traição, como também a possível morte do homem com o qual ela dividira apaixonadamente seu leito nos últimos meses.

“Sansão é homem, e esta é uma briga de homens”, pensou novamente. “Além do mais, ninguém ama uma prostituta, senão o prazer que ela dá.”

Com este pensamento esquivo, Dalila lançou a última pá de cal sobre os restos agonizantes de sua dignidade moral – pois se havia uma coisa de que estava inteiramente convicta era a de que num mundo material o que realmente importava era a dignidade material.

O velho não julgou necessário revelar a alternativa que restaria a Dalila, caso recusasse aquela estonteante oferta. Ela própria sabia que só tinha, agora, diante de si, a opção entre o luxo desonroso e o martírio moral. Dalila não tinha vocação alguma para mártir e fechou ali mesmo o negócio.

Naquela mesma noite ela recebeu Sansão novamente em seu leito, e depois de renovadas as carícias, pediu que ele revelasse a origem de sua força descomunal.

Sansão respondeu com novos afagos e um sorriso enigmático. Dalila enroscou, então, suas pernas na cintura do amante, voltando à carga.

– Que corda seria forte o bastante para segurá-lo? – disse ela, colando sua boca à dele.

Sansão gostou do brinquedo e resolveu também brincar.

– Se me amarrassem com sete cordas de arco novas e não curtidas eu estaria solidamente aprisionado – disse ele, num tom de voz convincente.

No outro dia, os filisteus conseguiram para ela as tais cordas, com as quais Dalila amarrou o gigante, como se aquilo fizesse parte de um novo jogo de amor.

– Agora está bem preso? – perguntou ela, depois de atar firmemente os nós.

– Preso para sempre! – disse ele, num tom deliciosamente dúbio.

Então, para testar sua sinceridade, ela fingiu escutar um ruído às suas costas.

– Depressa, meu amor, os filisteus estão vindo!

No mesmo instante, Sansão pôs-se de pé, esfarelando as sete cordas que envolviam seu tórax como se fossem sete teias de aranha.

– Seu mentiroso! – disse Dalila, terrivelmente amuada. – Por que me fez de boba?

Sansão abriu um grande sorriso, tomando-a nos braços.

Mas Dalila não desistia, e por isto renovou seu pedido, depois das mais ardentes carícias.

– Diga-me, agora, qual o segredo de sua força! – disse ela, quase desfalecida, fazendo deslizar por seus dedos uma das sete longas tranças do amante.

– Está bem, sua teimosa, direi a você! – ele falou, e fez uma pausa. – Amarre-me com sete cordas novas e grossas e estarei solidamente aprisionado.

Na noite seguinte, ela fez como ele dissera, mas outra vez o pretenso segredo revelou-se um novo ardil.

Com os olhos rasos de água, Dalila correu até ele e esmurrou contra o seu peito maciço os seus frágeis punhos de prostituta.

– Seu falso! Seu falso! – gritava, sinceramente ofendida.

Dalila sabia que cada insucesso seu aumentava-lhe o risco de ver não só desaparecerem os seus mil e cem siclos de prata, como também a sua linda cabeça.

– Muito bem, desta vez direi a verdade – disse ele, dizendo uma nova mentira. – Se tecer as sete tranças de minha cabeleira com a urdidura de um tear e fixá-las num único pino, estarei privado de toda a minha força.

Na noite seguinte, Dalila fez como ele dissera, até ver as sete tranças presas pelo pino que julgava fatal. Então repetiu seu estratagema de alertá-lo subitamente.

Sansão ergueu-se e arrancou o pino, liberando suas tranças.

Então Dalila compreendeu que teria de recorrer ao mais eficaz de todos os recursos, privando-o daquilo que ele tanto necessitava.

– Não provará mais do meu corpo até que tenha me revelado o seu segredo – disse a filistéia, de maneira taxativa.

Durante uma infinidade de noites Sansão ficou sem provar do corpo de Dalila, tendo, ao mesmo tempo, de escutar as suas lamúrias, até que perdeu finalmente a sua capacidade de resistência.

– Por que quer saber tanto o meu segredo? – perguntou Sansão, num último lampejo de bom senso antes do desastre final.

– Só acredito no amor de um homem que confia plenamente em mim – disse ela, vencendo o homem mais forte do mundo com uma simples frase de efeito.

Sansão, enfiado de tantas e úmidas indagações, revelou, então, o seu segredo:

– Minha força está nas minhas sete tranças – disse ele. – Sou consagrado ao Senhor desde meu nascimento, e a navalha não pode cortar jamais os meus cabelos.

Dalila sentiu que aquela resposta era sincera, e por isto avisou aos filisteus que na noite seguinte Sansão estaria em suas mãos.

Assim que ela teve o amante outra vez em seus braços, esperou que ele adormecesse para fazer um sinal ao barbeiro que cuidava dos seus próprios cabelos para que avançasse.

No mesmo instante, um anão surgiu por detrás de uma espessa cortina, trazendo em suas duas mãozinhas bojudas uma enorme tesoura de jardineiro – pois, esperto, não deixara de prever que os cabelos de um homem forte deveriam ser igualmente resistentes – e foi pé ante pé até onde estava o gigante hebreu adormecido.

Um sorriso matreiro enrugou ainda mais a pequena e repulsiva face do pequeno ser quando ele aproximou as duas lâminas da primeira trança.

A tesoura cortou na raiz a primeira trança, que foi cair ao solo como uma cobra d’água sem vida.

Um risinho fungado acompanhou a queda da serpente capilar esmorecida.

Logo em seguida, o anão – depois, é claro, de verificar se o gigante ainda dormia – aproximou as duas lâminas da segunda trança e começou a cortá-la.

E a tesoura deitou abaixo a segunda trança, sob o som silvado do riso nasal que escapava do nariz esborrachado do anão.

E assim foi até que a enorme tesoura houvesse extirpado a última das sete tranças de Sansão. Concluído o serviço, o anão retirou-se com tamanha empáfia que pareceu até haver aumentado alguns centímetros, enquanto Dalila preparava-se para despertar seu amado para o pesadelo que o esperava.

De repente, porém, viu irromperem de todos os lados os filisteus escondidos, decididos a não esperar mais nada para pôr suas mãos sobre o adversário odiado.

– Sansão, depressa, são os filisteus! – disse ela, com uma secreta

esperança de que ele ainda possuísse força bastante para livrar-se dos seus agressores.

Mas não foi assim. Sansão, livrou-se dos primeiros, mas sentiu que a força maior que até então o sustentara em seus combates o havia abandonado miseravelmente.

Agarrado por uma centena de braços, Sansão teve seus membros imobilizados, e antes que pudesse ver qualquer outra coisa sentiu que lhe agarravam a cabeça. A seguir, foi tudo tão rápido como se um raio cegante o houvesse atingido. Um dos filisteus havia vazado seus olhos com a lâmina ardente de sua espada, tornando-o cego para sempre.

Dalila retirara-se no mesmo instante em que os inimigos de Sansão haviam entrado no recinto e não chegou a ver a barbárie que praticaram contra seu ex-amante.

Na verdade, Dalila nunca mais pôs os olhos sobre o homem que desgraçara, pois não queria ver empanado, de jeito nenhum, o brilho das suas mil e cem moedas de prata – a passagem definitiva para a sua tão sonhada independência.

Sansão foi amarrado com duas pesadas correntes de bronze e conduzido até Gaza, debaixo de açoites, sem enxergar nenhum dos vilipêndios que lhe faziam, embora os sentisse perfeitamente em sua pele martirizada. Ao cruzar pela porta que alguns dias antes ele próprio arrancara dos gonzos, alguém lhe disse sardonicamente:

– Aí está a porta, gigante careca! Arranca-a, agora, se ainda tem força!

Um coro de risos estrugiu na escuridão, enquanto bofetadas traiçoeiras estalavam em sua face ensangüentada.

Levado até um moinho, Sansão, com as vestes em tiras, escutou outra voz dizer:

– Desatrelem o burro!

Um ruído rascante de arreios sendo retirados antecedeu um golpe violento nas suas costas, que o impeliu para diante.

– Vamos, assumo o seu lugar! – disse a mesma voz, golpeando-lhe novamente o flanco ensangüentado.

Sansão sentiu as grossas tiras de couro serem amarradas em sua cintura, enquanto suas mãos eram colocadas violentamente sobre a barra que deveria empurrar, no lugar do asno. Uma violenta chicotada foi o sinal para que começasse a realizar sua aviltante tarefa.

Um novo e repugnante coro de risos preencheu a escuridão do cérebro do

gigante, que, ainda assim, encontrou forças para dar graças ao seu deus por não poder ver os sorrisos hediondos que podia perfeitamente imaginar desenhados nas faces dos seus inimigos.

“Graças ao Senhor que nada vejo”, pensou, buscando ânimo justamente na sua maior desdita.

Durante meses Sansão, preso aos arreios permanentemente melados do seu próprio sangue e suor, arrastou de sol a sol a pesada mó do moinho, tendo por alimento o mesmo pasto que mantivera em pé o seu pobre antecessor.

Algun tempo depois, realizaram-se os festejos em homenagem a Dagon, um dos mais importantes deuses dos filisteus. Reunidos em seu majestoso templo, os devotos de Dagon entregaram-se a toda espécie de festejos, com muita comida, bebida e danças – que era, naturalmente, a parte mais apreciada da homenagem.

Mas apesar de tudo isto, ainda houve quem se sentisse entediado.

– Ora, mas que chatice! – disse um figurão enfasiado, que não por acaso era também o sacerdote oficiante do culto ao deus filisteu.

Então, antes que chegasse a hora dos ritos repetitivos e das homilias e das pregações e das cantorias das filhas santíssimas de Dagon, teve ele a iluminada idéia de animar os festejos com uma boa cena de humilhação pública. “Por que não desfeitear uma vez mais o maldito hebreu?”, pensou ele, animando-se um pouco.

Dando voz imediata ao seu pensamento, o sacerdote de Dagon, o deus magnífico, mandou que trouxessem Sansão do moinho.

Quando o prisioneiro surgiu, entretanto, não era nem sombra daquele ser assustadoramente forte que havia feito seus inimigos tremerem diante de sua simples aparição. Sansão, além de ter emagrecido espantosamente por força do severo regime a que fora submetido, parecia ter também diminuído de tamanho, devido ao hábito constante de andar em círculos e encurvado aos arreios.

Um silêncio involuntariamente constrangido desceu sobre o templo quando Sansão surgiu trazendo apenas um trapo rasgado pendido de sua cintura, detalhe que aumentava ainda mais a afronta dirigida à sua antiga dignidade de ex-juiz de Israel.

O sacerdote enfasiado que ordenara a vinda de Sansão enfureceu-se, entretanto, diante daquele silêncio, que parecia mais uma homenagem do que um vilipêndio ao maior dos inimigos da sua nação.

– Por que o silêncio, cretinos? – rugiu ele, espalhando perdigotos para todos os lados. – Vamos, riam...! Riam todos...!

Um dos algozes de Sansão deu um forte tapa na cabeça do prisioneiro e isto foi o estopim para que um rastilho de gargalhadas explodisse por todo o templo.

– Isto, riam, desgraçados! Riam mais, muito mais! – disse o sacerdote entediado, a rinchar uma paródia grotesca do riso humano, já que ele próprio, um impotente da alegria, era incapaz sequer de sorrir, quanto mais de rir.

Sansão, imobilizado na sua humilhação, permanecia, no entanto, com a cabeça erguida. Seus olhos vazados, cegos para tudo o mais, só tinham agora uma única coisa a enxergar: o velho deus de Abraão e de Jacó, que tantas vezes o engrandecera diante daquela malta de idólatras – o deus que ele seguidamente afrontara ao insistir em se envolver com as pérfidas mulheres da Filistéia amaldiçoada.

Nem por um único instante Sansão se preocupou em saber se Dalila, a amante que o atraíra de maneira tão vil, ali se encontrava. Ela simplesmente não existia mais em seu pensamento – nada mais existia a não ser o deus de Israel.

– Silêncio, imbecis! – disse o filisteu, autor da humilhação. – Quero ouvir o que o escravo hebreu está cantarolando.

Novo e opressivo silêncio desceu sobre as paredes jaspeadas do antigo templo. Entre os ruídos esparsos e ignóbeis de alguns arrotos e outras expulsões ainda mais torpes, escutou-se a voz grossa de Sansão entoar algumas palavras desconexas, que os ouvidos embriagados dos convidados tomaram por uma pequena canção.

– Vejam, o escravo canta! – disse uma voz em falsete, procurando imitar os resmungos desconexos do gigante.

Logo outros começaram a imitar os salmos que Sansão cantava, numa imitação vil da sua oração entristecida.

– Por que não dança para nós? – disse outra voz perdida no meio da chusma.

A idéia pareceu tão magnificamente original ao grão-sacerdote que ele não pôde evitar de esconder-se alguns instantes sob a mesa para dar vazão à sua frustração, mordendo a mão de despeito.

“Morrerá ainda hoje”, pensou o figurão vaidoso, ao erguer-se outra vez, antes de repetir a mesma idéia do outro, porém num tom autoritário que chamava imediatamente para si a sua autoria.

– Ponham-no para dançar! Que cante e dance para nós!

Nova onda de aplausos ergueu-se entre a massa, fazendo com que o

plagiário fosse ovacionado muito mais do que o verdadeiro autor.

“Ainda assim morrerá”, pensou o sacerdote, habituado a perdoar profissionalmente – ou seja, a só perdoar as ofensas que não lhe diziam respeito.

Sansão, recebendo nos rins os golpes violentos dos bastões dos seus algozes, viu-se obrigado a ensaiar os passos de uma dança esquisita – que aos olhos dos idólatras não passavam de grosseiras contrafações das suas danças promíscuas, mas que, na verdade, nada mais eram do que uma espécie de premonição dos passos extasiados que Davi, o futuro rei de Israel, repetiria um dia pelas ruas de Israel.

Nova remessa de risos subiu até a cúpula côncava do templo, descendo de maneira ampliada até o ponto onde as cabeças agitavam-se, exibindo o aspecto lamentável de suas bocas arreganhadas, onde negrejavam alguns restos de dentes podres e gengivas escuras, como que besuntadas de carvão.

O sacerdote enfarado, vendo, entretanto, o adiantado da hora, esperou que o último riso se extinguísse para declarar encerrados os festejos. Além do mais, ele tinha um certo compromisso secreto para logo mais, que o obrigava a passar de uma vez para a parte séria da homenagem.

– Basta! – disse ele, cerrando os olhos e dando um novo tom à homenagem.

Enquanto isto, Sansão foi deixado abandonado ao centro do templo. Tateando, ele procurava algo no qual se escorar, quando sentiu sua mão tocar numa pilastra. Com a outra mão ele apalpou o ar até encontrar a outra pilastra gêmea.

Então, subitamente, sua mente se iluminou. Ajeitando-se melhor entre as duas colunas, disse ao carcereiro que estava prestes a conduzi-lo de volta aos arreios da sua detestável prisão:

– Permita que eu me apóie a estas colunas, um pouco, para descansar.

O carcereiro franziu o canto inferior do lábio direito, mas acabou concordando.

– Só um instante! – disse ele, vibrando novo golpe nos rins do escravo, só para não perder de todo a autoridade.

Então, com os dois braços abertos e apoiados frouxamente nas duas colunas, Sansão começou a orar fervorosamente ao seu deus.

“Senhor Deus, não me abandone! Hoje sei que toda a minha força não era minha, na verdade, e que tudo quanto obrei foi por tua única e exclusiva vontade! Se hoje estou mais fraco do que jamais estive, minha fé está mais robustecida do que jamais estive. Faz com que sua força desça somente mais

uma vez sobre mim para que eu possa vingar todas as afrontas que me foram feitas, punindo-os pela perda de meus dois olhos!”

Os músculos das pernas e dos braços de Sansão, apesar do regime de fome a que estivera submetido, não encontraram dificuldade para retesarem-se uma vez mais, já que os empregava todos os dias no movimento da mó do moinho. Logo ele todo inteiriçou-se de tal maneira entre os dois sólidos pilares, com os braços inteiramente esticados, que parecia estar verdadeiramente crucificado a eles.

O esforço hercúleo que despendeu de seus músculos fez com que a frágil proteção de pano que recobria seus rins se desprendesse, deixando-o inteiramente nu diante da multidão, que a princípio não percebera suas reais motivações. Logo, contudo, alguns dedos apontaram na sua direção e outras vozes cochichadas exclamaram, como que abismadas, diante do que o gigante nu estaria pretendendo fazer.

Mas de repente todas as atenções desviaram-se da arenga que o sacerdote-mor pronunciava, e isto porque um estalo seco partira de uma das colunas. Um grito de terror varou o silêncio que se seguiu.

– Ele está derrubando os pilares!

Um uivo único subiu das gargantas filistéias quando todos perceberam o que estava prestes a acontecer. Sansão tinha os músculos do peito distendidos a tal ponto que os ossos lhe rompiam para fora da pele fazendo pequenas listras de sangue escorrerem pelo corpo, alcançando as pernas, também distendidas.

Logo outros dois ruídos pavorosos e quase simultâneos deram início à catástrofe final. Sansão finalmente conseguira romper as duas pilastras, que se partiram em quatro ou cinco pedaços, e suas partes desencaixadas rebolaram por alguns segundos aterrorizantes antes de ruir com um fragoroso estrépito.

Num segundo o teto côncavo do templo veio abaixo como uma prodigiosa tigela invertida de pedra e granito, indo cair bem ao centro do templo, onde estava a frágil estatueta do deus poderoso. Os destroços da cúpula, depois de caírem sobre o solo, esmagando centenas de devotos, saltaram novamente para cima, iniciando nova queda.

O sacerdote-mor, que durante a primeira fração de segundo julgara-se milagrosamente posto a salvo, teve de mudar seus prognósticos quando viu descer novamente do alto um enorme pedaço redondo de pedra manchado de sangue, como uma grande pedra de moinho, bem na sua direção. Ele deu dois passos para trás, erguendo o braço, mas nem que desse dez outros teria escapado ao seu destino fatal, pois a pedra colossal lhe caiu inteiramente por cima,

esmagando instantaneamente a sua cabeça e o seu corpo, indo depois saltar alegremente noutra direção.

Ninguém houve que se salvasse na catástrofe, incluindo o próprio Sansão, o qual conseguiu, no entanto, vingar o ultraje de que fora vítima, graças ao poder que o deus de Israel lhe infundira.

Ignora-se se a suave Dalila esteve no templo naquele dia. Tudo quanto se disser a este respeito não passará jamais de especulação, razão pela qual o leitor estará sempre livre para imaginar o desfecho que melhor lhe convenha: Dalila esmagada sobre os pedregulhos ou a gozar ainda, por longos anos, dos mil e cem siclos de prata tão arduamente conquistados.

36. DOIS EPISÓDIOS LAMENTÁVEIS

Após a morte de Sansão – que fora juiz de Israel durante vinte anos –, os israelitas continuaram a viver sob o regime dos juízes. O penúltimo deles chamou-se Eli e foi sacerdote do Tabernáculo em Silo durante quarenta anos.

Neste período, aconteceram dois episódios que fortaleceram no povo o desejo de pôr um fim àquele regime incapaz de realizar a unidade espiritual e territorial de Israel, dividida em diversas tribos nem sempre amistosas.

Havia, pois, em Efraim, um homem chamado Micas, que certo dia foi à presença de sua mãe para lhe confessar um crime praticado contra ela própria.

– Perdoa, minha mãe – disse ele, contritamente. – Fui eu quem furtou as suas mil e cem moedas de prata.

De fato, haviam desaparecido dos guardados da velha senhora as tais moedas, e por conta deste furto ela havia lançado uma maldição ao misterioso culpado.

– Que Deus o abençoe por isto! – disse ela ao filho, trocando imediatamente a maldição pela benção. – Agora já posso aplicar parte do dinheiro na fabricação de um ídolo de metal que tenho cá em mente.

A velha senhora, contaminada pelo convívio com os povos vizinhos, havia adotado o culto doméstico de um dos seus deuses, sem, no entanto, descuidar do deus de Israel – ou seja, estava fazendo tudo quanto o Senhor mais abominava, que era ter parceiros no seu culto. Sem ligar para o fato de que estava infringindo dois mandamentos divinos de uma só vez, a mulher levou rapidamente as duzentas moedas para o fundidor do lugar para que lhe fizesse logo a tal estatueta.

Alguns vizinhos, entretanto, observando a conduta da velha, exclamavam raivosamente, fazendo coro com outros que ansiavam também por uma mudança:

– Não termos rei dá nisso! Cada qual faz o que lhe dá na veneta!

Então um dia chegou à casa de Micas um levita (membro do clã escolhido por Deus para o serviço do Templo). Ele vinha de Judá e procurava nas terras de Efraim um lugar para viver.

– Fica conosco – disse Micas, após saber os objetivos do visitante, pois

dizia-se que ter um sacerdote dentro de casa atraía a sorte.

Micas contratou o jovem levita, pagando-lhe dez siclos de prata por ano, além da roupa e da comida, e assim viveram ambos satisfeitos até que um dia chegaram a Efraim cinco homens da tribo de Dã, tribo esta que estava sem terras para habitar. Sua missão era encontrar um lugar onde os danitas pudessem se estabelecer.

Os cinco foram recebidos por Micas, e depois de perceberem que havia na casa um sacerdote levita, pediram a este que consultasse a Deus.

– Queremos saber se teremos sorte em nossa missão – disse um dos danitas.

O sacerdote disse que tudo sairia bem e que Deus estaria com eles.

Felizes, os cinco partiram e chegaram à região de Lais, onde vivia uma população isolada, pacata e inimiga de toda e qualquer discórdia. Imediatamente retornaram ao local onde estavam vivendo provisoriamente para avisar que haviam descoberto uma região agradável para morar, onde vivia um povo inimigo da guerra.

– Eles são pacíficos e vivem num país de abundante riqueza – disse um dos cinco.

– Deus é grande – respondeu um dos chefes danitas. – Vamos atacá-los.

Seiscentos homens armados até os dentes partiram em direção à nova terra prometida, pois estavam todos convictos de que o Senhor lhes destinara, desde Adão, a posse perpétua daquela região.

Depois de passarem pelas terras de Judá, os seiscentos guerreiros de Dã atravessaram confiantemente as montanhas de Efraim, até avistarem a casa de Micas.

Um dos cinco que haviam desfrutado largamente da hospitalidade de Micas teve, então, a feliz idéia de lembrar aos guerreiros armados até os dentes de que naquela casa se cultuava um deus proibido.

– Vamos ver se tal coisa é verdade – disse um dos soldados mais inflamados.

Eles entraram na casa e retiraram a estatueta do altar, mas o sacerdote levita que ali residia viu tudo e lhes indagou por que faziam aquilo.

– Silêncio! – disse um dos soldados. – Pegue as suas coisas e venha conosco, pois será nosso sacerdote nas terras que pretendemos conquistar. Ou prefere continuar aqui, oficiando o culto sacrílego de um ídolo?

O sacerdote levita gostou da idéia e seguiu alegremente com os danitas. Iam todos, porém, já bem adiante, quando Micas os alcançou com alguns

homens.

– Onde pensam que vão, levando nosso deus e nosso sacerdote? – perguntou, enfurecido, aos danitas armados.

– Cale a boca! – disse o mesmo sujeito que antes lhe ordenara fazer silêncio. – Se gritar outra vez conosco, cultuador de ídolos, não faltará quem faça um estrago a si e a toda a sua família.

Micas, aconselhado pela prudência, deu meia volta e retornou para casa. Satisfeitos, os danitas seguiram até a região chamada Lais e ali passaram a fio de espada toda a população isolada, pacata e inimiga de toda e qualquer discórdia.

– Agora incendeiem a cidade – disse o líder dos seiscentos guerreiros danitas armados até os dentes.

A antiga cidade de Lais ardeu até a última trave e depois foi reconstruída sob o nome de Dã, para que todo o mundo soubesse a quem ela verdadeiramente pertencia.

Jônatas, descendente de Moisés, estabeleceu ali o culto ao deus de Israel, porém não exclusivo, pois agradara-se tanto da estatuazinha do deus rival que decidiu manter o seu culto, certo de que o Senhor não teria nada a temer daquele bonequinho inofensivo de metal.

E este foi o fim do primeiro episódio lamentável, ocorrido nos distantes e miseráveis dias em que Israel, para sua desgraça, ainda não possuía um rei.

O segundo episódio dos distantes e miseráveis dias em que Israel, para sua desgraça, ainda não possuía um rei, começa da seguinte maneira: havia, certa feita, um levita forasteiro que vivia nas montanhas de Efraim. Ora, este levita – quem quer que fosse – havia tomado para si uma concubina de Judá, a qual, por sua vez, tendo incorrido na infidelidade, voltara para a casa do pai, em sua terra natal.

Porém, depois de quatro meses de ausência e solidão, o levita traído decidiu ir atrás dela, levando consigo um criado e um par de jumentos. Assim que chegou diante da casa do sogro, este saiu para recebê-lo com grandes mostras de alegria.

– Seja bem-vindo, querido genro! – disse o velho.

Durante três dias, o levita esteve na casa do sogro, até que na manhã do quarto dia anunciou a sua partida, junto com a concubina que o traíra.

– Mas não pense que vai fazer a viagem sem antes fazer uma boa

refeição! – disse o velho, cruzando os braços com decisão.

Comeram e beberam os dois, até que o velho, vendo que o dia passara, sugeriu ao querido genro:

– Vamos, fique mais esta noite, pois já escureceu.

O levita traído ficou mais uma noite, pois já havia escurecido.

Na manhã seguinte, já estava pronto para partir junto com a concubina infiel, o criado e mais os dois jumentos, quando o velho lhe disse:

– Não irá, decerto, sem tomar a sua refeição.

O levita não teve outro jeito senão tomar a bendita refeição. Mas comida vai, bebida vem, o tempo passou e já o sol desmaiava outra vez no horizonte.

– Fica mais esta noite, pois viajar no escuro é perigoso – disse o velho.

Então o levita perdeu a paciência e disse:

– Não, parto agora mesmo.

– Parte agora mesmo? – disse o velho, descruzando os braços.

– Sim, parto agora mesmo.

– Quem sabe dorme aqui e parte amanhã bem cedinho?

– Não, parto agora mesmo.

E partiu, junto com a concubina, o criado e os dois jumentos, viajando toda a noite e a maior parte do dia seguinte até chegarem a cidade de Jebus (ou Jerusalém).

Então o criado, exausto, disse ao seu senhor:

– Passemos a noite aqui, para retomarmos a viagem pela manhã.

Mas o levita traído não queria estar muito tempo ali.

– É terra de gentios – disse ele. – Continuemos até Gabaá, que é terra de israelitas.

De fato, Gabaá era habitada por membros da tribo judaica de Benjamin.

– Aqui estaremos em casa – disse o levita traído, ao entrar na bela cidade.

Infelizmente casa alguma aceitou dar-lhes pousada, e por isto tiveram todos – o levita traído, a concubina infiel, o criado e os dois pobres jumentos – de acomodar-se na praça da cidade, onde estiveram até que um ancião bondoso apareceu.

– Olá – disse ele, que morava também nas montanhas de Efraim, não sendo, portanto, membro da tribo dos benjamins. – Para onde estão indo?

– Somos de Efraim e estamos no rumo de casa – disse o levita traído. – Infelizmente aqui ninguém mostrou-se disposto a nos dar pouso por esta noite.

– Oh, mas eu não sou daqui! – disse o velho, como quem diz “Oh, mas eu não sou mal-educado!”. – Por isto darei, de bom grado, pouso a todos vocês.

Todos suspiraram de alívio, inclusive os jumentos, que agitaram alegremente as orelhas, sentindo-se imediatamente incluídos no benfazejo convite.

Levados para a casa do velho de Efraim, ali estiveram gozando um bom tempo das delícias da hospitalidade quando subitamente escutaram, vindo do lado de fora, gritos irados de uma multidão suspeita.

– Eia, velhote! – disse uma voz levemente asquerosa. – Sabemos que você introduziu em sua casa um homem. Faça com que saia, pois queremos divertir-nos com ele!

– Querem o homem? – disse o velho, só por perguntar, pois conhecia bem o gosto daquela súcia depravada.

– Sim, queremos abusar dele enquanto mandar a nossa vontade! – disse outra voz, algo esganiçada.

Então o velho adiantou-se e disse:

– Isto não pode ser! Este homem está sob a minha proteção.

Novos gritos mandaram claramente ao diabo o seu argumento.

– Façamos, então, o seguinte – disse o velho –: mandarei a vocês minha filha virgem e a esposa deste homem, para que sirvam-se delas à vontade.

Mas os depravados não se sensibilizaram com a generosa oferta, o que obrigou o levita traído a sair porta afora, levando consigo a sua esposa.

– Aqui está – disse ele, lançando-a nos braços da escória com um gesto viril e retornando com passo firme para dentro da casa, como quem diz “E é só, pois não haverá novas concessões!”.

Durante a noite e a madrugada inteiras os depravados (que se mostraram, afinal, mais dispostos a transigir do que aqueles outros do episódio antigo) abusaram de todas as formas da concubina que o levita traído entregara valentemente às suas mãos, até que ao primeiro despontar da aurora abandonaram-na à própria sorte.

Depois de rastejar longamente pelo pó dos caminhos, com o corpo nu e recoberto de hematomas, ela foi parar diante da porta da casa de onde fora raptada, mais morta do que viva. Ali esteve, nua, desmaiada e machucada, até que o levita traído, exausto dos sucessos da noite anterior, finalmente conseguiu erguer-se do seu leito e rumar até a porta para ver se a esposa já retornara do divertimento.

– Oh, ela já está aí – disse ele, voltando a cabeça para dentro.

Ao ver, no entanto, que ela não se mexia – pois já estava morta –, lhe disse:

– Vamos, levante-se, pois já estamos de partida.

Mas ela não se mexeu, o que o obrigou a suspendê-la nos braços, colocando-a depois, de qualquer jeito, sob o lombo de um dos jumentos.

Dando adeus ao velhote bondoso, que tão amavelmente os acolhera, o levita partiu, então, levando consigo o cadáver da esposa violada, o servo fiel e os dois jumentos apavorados. Ao chegar em casa, lançou o corpo ligeiramente putrefato da esposa sobre o chão. Depois, tomando de uma faca, retalhou o corpo da miserável em doze pedaços e os deu a doze mensageiros, dizendo:

– Espalhem-nos por todas as tribos de Israel, para que saibam o que fizeram os benjaminitas com minha esposa.

Ignora-se de que forma tal história foi contada, mas o fato é que logo a revolta tomou conta de todos aqueles que não faziam parte da tribo de Benjamin.

– Temos de vingar o levita traído – diziam todas as vozes.

Quatrocentos mil combatentes reuniram-se imediatamente sob as ordens dos chefes de todas as tribos abençoadas pelo Senhor, dispostos a exterminar os amaldiçoados filhos de Benjamin.

Diante dos líderes dos exércitos, o levita traído repetiu toda a história, esquecendo, na pressa e na emoção do instante, de declarar que fora ele próprio quem entregara sua esposa nos braços dos depravados benjaminitas.

A fúria acendeu-se nos olhos de todos os guerreiros e logo os exércitos partiram no caminho de sua terrível e excitante expedição punitiva.

Adiante seguiram alguns mensageiros, encarregados de avisar aos benjaminitas de que deveriam entregar os depravados às mãos do exército de Israel, caso não quisessem ser protagonistas de um banho de sangue.

– Nada feito – disseram os líderes de Benjamin, que não temiam retóricas.

Logo formou-se um exército para receber aquele que avançava, também de quatrocentos mil homens, o que prenunciava, indiscutivelmente, um tremendo embate seguido de um pavoroso massacre, fosse quem fosse o vencedor.

Os israelitas, temerosos das notícias, mandaram seus sacerdotes consultar o Senhor, nos montes de Betel, sobre a sorte da batalha.

– Quem de nós deverá seguir na frente? – disseram os sacerdotes.

– Os filhos de Judá – respondeu o Senhor.

Vinte e dois mil filhos de Judá perderam, assim, as suas vidas, às mãos dos filhos de Benjamin.

Os sacerdotes, com lágrimas nos olhos, voltaram a Betel para consultar novamente ao Senhor dos exércitos.

– Ainda devemos lutar contra os filhos de Benjamin? – disseram eles.

– Ataquem-nos! – respondeu o Senhor.

Mais dezoito mil israelitas pereceram, assim, nesta nova e notável refrega.

Então não só os sacerdotes, mas a tropa inteira, subiram ao monte onde estava o Senhor e começaram a chorar abertamente.

Depois de jejuarem e oferecerem holocaustos a deus, os israelitas prostaram-se diante do Senhor e da arca da aliança, que ali fora levada para lhes dar a vitória.

– Devemos atacar os benjaminitas outra vez? – indagou um dos sacerdotes, temerosamente.

– Ataquem-nos, pois amanhã os entregarei às suas mãos – disse o Senhor.

A última parte da resposta animou os israelitas, que se puseram imediatamente em campo. Adotando uma estratégia hábil, alguns israelitas atraíram os benjaminitas para fora da cidade de Gabaá, enquanto outros esperavam para invadi-la pelas suas costas. Tão logo uma coluna de fumaça ergueu-se do interior da cidade – sinal combinado para que os demais israelitas contra-atacassem –, começou a virar a sorte daquela guerra. Confundidos pelo ataque simultâneo, os benjaminitas tentaram retornar à fortaleza, mas foram abatidos sob dois ataques opostos.

Vinte e cinco mil homens da tribo de Benjamin pereceram, desta forma, às portas da cidade de Gabaá, a qual foi tomada e sua população passada inteira a fio de espada, conforme a regra daqueles tempos francamente rudes. Apenas seiscentos homens de Benjamin restaram vivos da batalha, os quais correram a buscar refúgio nos rochedos do deserto de Remon, onde permaneceram durante quatro meses.

Terminada a luta fratricida, restara ainda na alma dos israelitas um resto de rancor pelos filhos de Benjamin.

– Nenhum de nós dará nossas filhas em casamento aos benjaminitas – disseram os líderes vitoriosos.

Entretanto, cessada a fumaça da cidade incendiada e enterrados os corpos da população massacrada, aos poucos foi surgindo no coração dos israelitas um certo sentimento de piedade para com os remanescentes da tribo de Benjamin.

– Foi descartada uma das tribos de Israel! – dizia-se boca a boca, com indizível tristeza.

Então novamente o Senhor foi consultado, e durante esta assembléia, que reuniu todas as tribos de Israel, chegou-se a perceber que ali não havia nem um único representante da cidade de Galaad. Isto enfureceu tanto aos demais que resolveram enviar até lá doze mil homens armados até os dentes.

– Por que não enviaram um único homem para a assembléia que pretendia reabilitar nossos irmãos benjaminitas? – perguntou o chefe da expedição.

E sem esperar resposta, ordenou que a cidade inteira fosse posta sob interdito – palavra medonha que significava que todas as pessoas e objetos ali existentes seriam imolados ao Senhor. Homens, mulheres, velhos e crianças foram mortos a espada, e, a cidade arrasada, em nova vindicação feita ao Senhor.

As moças solteiras, no entanto, foram poupadas, pois estas seriam dadas como esposas aos filhos de Benjamin, os pobres, que haviam ficado sem mulheres para reiniciarem a repovoação de sua honrosa tribo.

Infelizmente estas poucas mulheres não bastaram, e a tribo de Benjamin continuou sob a ameaça de extinção. Então os israelitas tiveram outra brilhante idéia.

– Raptemos as mulheres de Silo – disse alguém, decidido a ver repetir-se, de alguma forma, em terras de Canaã, o delicioso episódio do rapto das sabinas.

Acontecia, por esta época, uma festa em honra ao Senhor em Silo, que ficava ao norte de Betel. Os anciãos de Israel – decerto baseados em alguma experiência – disseram aos benjaminitas que se escondessem nas vinhas dos campos, preparando uma emboscada às moças de Silo, que rumariam neste dia para as danças dos festejos.

Os jovens de Benjamin, encantados com a idéia, assim fizeram, e tão logo tiveram sob os olhos aquele verdadeiro exército de jovens, avançaram sobre elas como verdadeiros faunos, cada qual agarrando uma das jovens e levando-a embora. Logo a cidade reverdesceu de mulheres e de crianças, de tal sorte que não se chegou mais a temer pela sorte da tribo de Benjamin, a qual, por um desvio originado pela desobediência dos sagrados preceitos do Senhor, quase havia sido votada ao extermínio.

E este foi o final feliz do segundo e lamentável episódio dos distantes e miseráveis dias em que Israel, para sua desgraça, ainda não possuía um rei.

DO LIVRO DE RUTE

37. RUTE E BOOZ

Ainda no tempo em que Israel estava sob o governo dos juízes, desenrolou-se uma terna história de amor protagonizada por uma estrangeira, a qual, após algumas amenas peripécias, terminou integrando-se à nação israelita e tornando-se bisavó de Davi, o maior dos reis que Israel conheceria.

Antes, contudo, é preciso falar-se de Noemi, uma filha legítima de Israel. Era ela casada com um homem de Judá que teve de abandonar Belém (“Casa do Pão”) porque um período intenso de seca privara de pão quase todas as casas.

Noemi (cujo nome significa “Doçura”) e seu esposo Elimelec (“Deus é rei”) viajaram até as terras de Moab, levando consigo seus dois filhos, que não prognosticavam um futuro muito promissor, a julgar pelos nomes que tinham: Maalon (“Doença”) e Quelion (“Fraqueza”).

Pouco depois de ter chegado às terras de Moab – terra estrangeira, e, portanto, rival de Israel –, a doce Noemi viu desaparecerem um a um, diante dos seus olhos, o esposo e os dois desafortunados filhos, personificações vivas da morte.

Antes de morrer, no entanto, Maalon e Quelion havia exaurido o resto de suas energias ao casarem-se com duas moabitas, chamadas Orfa (“Costas”) e Rute (“Amiga”). Diante do infortúnio de ver-se numa casa sem homens, numa terra estrangeira, restou a Noemi retornar para Belém. Mas embora as duas noras tivessem se prontificado a retornar com ela, Noemi recusou a oferta.

– Fiquem aqui na sua terra, pois não tenho mais filhos em Israel para lhes dar em casamento – disse ela, fazendo uso de seu melhor argumento.

Entretanto, Rute teimou e quis a todo pano ir para a terra de sua sogra, mesmo sabendo que lá seria uma estrangeira, tal como Noemi o fora em Moab.

– O teu deus será o meu deus e o teu povo será o meu povo – disse Rute.

Da pobre Orfa, que lá ficou, não se soube mais nada. Quanto a Rute, ainda teremos muito a dizer.

Quando Noemi chegou a Belém, era bem outra daquela que saíra. Velha e alquebrada, foi recebida com espanto por suas antigas amigas.

– Você não é a Noemi? – diziam, mal a reconhecendo.

– Não. Fui Noemi, mas agora sou Mara – respondia ela, amargamente, pois Mara queria dizer “Amargura”.

As duas viúvas instalaram-se na casa da mais velha e ali começaram a tocar de novo a sua vida.

Ora, duas mulheres viúvas, naquele tempo, não tinham muitos meios de se manter com dignidade, de modo que certa manhã, bem cedinho, Rute chegou à sua sogra – a quem já tratava de mãe – e lhe disse:

– Vou ao campo, minha mãe, catar as espigas que sobram.

A isto chamava-se “respigar”, pois era costume em Israel deixar-se as sobras das plantações para que os pobres, os órfãos, as viúvas e os estrangeiros pudessem retirar dali algum sustento para si. Noemi, entretanto, receosa de que algum lavrador pudesse abusar de Rute – a quem já tratava de filha –, respondeu:

– Vá, minha filha, mas toma cuidado com os homens.

Rute, enrolando um lenço branco na cabeça e um grande avental vermelho na cintura, para juntar as sobras das espigas, dirigiu-se à uma grande plantação, que por um feliz acaso pertencia a Booz (“Forte”), parente do falecido marido de Noemi.

Enquanto os plantadores iam à frente recolhendo as espigas, Rute, bem mais atrás, seguia seus passos, recolhendo aquelas que ficavam caídas pelo chão.

Neste instante, Booz chegou da cidade para inspecionar o campo, pois era um homem muito zeloso dos seus negócios. Estava observando a conclusão dos trabalhos da ceifa quando enxergou, um pouco afastada, a frágil Rute, descansando.

– Quem é aquela moça? – perguntou a um dos empregados.

– É a nora de Noemi – disse o empregado. – De manhã bem cedo ela pediu que a deixássemos respigar as espigas que ficassem pelo caminho.

Booz dirigiu seus passos até ela e lhe disse:

– Bem fez, minha boa menina, em vir respigar em minhas terras. Não procure outras para tal, pois aqui estará em segurança e ninguém a molestará. Junte-se às empregadas da plantação e colha com elas quantas espigas quiser.

Rute, surpreendida pela acolhedora recepção, lançou-se aos pés de seu benfeitor.

– Oh, senhor! Como pude agradar-lhe tanto, sendo uma estrangeira em Israel?

– Sei perfeitamente da dedicação que demonstrou para com Noemi, nas terras de Moab – disse Booz, com bonomia. – O fato de ter abandonado a sua gente e a sua terra para vir morar conosco, adotando nosso deus e nossos costumes, a tornam merecedora do nosso afeto e reconhecimento.

Os mimos, no entanto, não cessaram aí, pois o generoso Booz, na hora do

almoço, convidou Rute para que viesse juntar-se aos trabalhadores da eira.

– Coma livremente da minha carne e do meu pão – disse ele, estendendo-lhe, ainda, por acréscimo de gentileza, o vaso do vinagrete.

Rute, um pouco vexada, tomou o bocado de pão que ainda tinha nas mãos e roçou-o ligeiramente na superfície do molho, levando-o em seguida aos lábios.

Booz observava-a com um sorriso deliciado. Então, tomando ele próprio outro pedaço de pão, mergulhou-o até os dedos no molho saboroso e o ofereceu à parenta.

– Coma bastante – disse ele, observando com infinito deleite o constrangimento da jovem, que se lambuzara inadvertidamente com o pão encharcado.

Tomando do mesmo avental vermelho que usara para ajuntar as espigas, Rute enxugou graciosamente os lábios engordurados, enquanto o ruído ameno do canto dos pássaros e da brisa que filtrava por entre as largas folhas das árvores tornava tudo ainda mais aprazível.

Assim que o sol se tornou mais fraco, Rute retomou seu trabalho, enquanto Booz instruía seus homens para que deixassem cair de propósito algumas boas espigas dos feixes, para que ela não estivesse a levar somente a parte ruim das sobras.

De tudo isto resultou que Rute acabou levando para casa, no fim do dia, quase uma saca inteira de cevada.

– Deus seja louvado! – disse a velha Noemi, maravilhada, ao ver tanta fartura. – Onde conseguiu tantos grãos para nós?

– Fui respigar na colheita de Booz, um parente seu – disse a moça, cujo brilho nos olhos traía um encanto indisfarçado.

Então, vendo que Rute simpatizara poderosamente com o bondoso parente, a velha sogra lembrou-se de um velho costume de Israel.

– Booz é nosso parente, e sendo você viúva, tem ele o dever de dar-lhe descendência.

– Dar-me um filho? – disse Rute, intrigada.

– Sim, minha querida – disse a velha. – Booz, como parente mais próximo que é de nós, tem o dever de socorrê-la, não permitindo que você fique sem descendência.

Rute, a moabita, não ficou nem um pouco incomodada com aquele costume e quis saber como se dariam as coisas, afinal.

– Não podemos nos precipitar – disse Noemi. – Continue a realizar a colheita junto com os trabalhadores, até que ele tome a iniciativa.

Rute fez como a sogra mandara e nos dias seguintes foi colher na seara de Booz, levando sempre no coração a esperança de que o parente bondoso, cedo ou tarde, acabaria finalmente por fazer o gesto tão esperado.

A colheita acabou, mas Booz nada disse que pudesse dar algum alento à esperança de Rute. Noemi, então, sabendo que logo o parente iria fazer a separação do joio e da cevada no chão da debulha, tomou a nora pela mão e levou-a até o quarto.

– Vamos, esta é a sua chance – disse a sogra, tentando dar um tom impessoal à sua frase, pois sabia que era também a *sua* chance.

Noemi, depois de ter trazido um grande jarro cheio de água, despiu a nora até deixá-la nua em pêlo.

– Por que devo banhar-me agora, tão cedo? – disse Rute, sem nada entender.

– Porque você irá, depois que eu terminar com isto, apresentar-se ao nosso parente – disse a velha, enquanto lançava canadas de água sobre os cabelos negros de Rute. – Depois que eu lhe perfumar, você tomará o seu manto e irá até o pátio da debulha. Mas atenção, não deixe que ele a veja antes de ter jantado. Quando ele se dirigir para o seu lugar de repouso, que será ali mesmo, ao lado dos grãos, você se insinuará ao seu lado, deitando-se ao seu lado e unindo seus pés aos dele.

– Oh, mas e por quem ele me tomará? – disse Rute, parando de se ensaboar.

– É um empurrão no costume – disse a velha, sorrindo da sua ingenuidade.

Noemi enxugou o corpo da nora e perfumou-o inteiro com uma deliciosa essência almiscarada, desde os cabelos até seus desvãos mais secretos.

– Agora vai – disse Noemi, levando-a até a porta da casa. – Se tudo correr bem, você voltará já comprometida.

A velha sogra ficou observando a nora até ela desaparecer, e só depois retornou às suas lides.

Rute chegou ao campo da debulha e ali esteve a joeirar a cevada junto com os demais, procurando sempre ocultar-se do parente rico. As demais companheiras a receberam com a cortesia habitual, embora estranhassem o perfume.

Logo, porém, todos os trabalhadores começaram a sovar com paus e tábuas os feixes espalhados pelo chão. O lugar era aberto, ficando inteiramente à mercê dos ventos, para que quando o forçado lançasse para o alto todos os talos o vento separasse a cevada, fazendo com que os grãos pesados caíssem ao chão, enquanto os restos eram carregados pela ventania quase inclemente.

Rute, entretanto, evitou desta vez de fazer esforços demasiados – simulando uma providencial dor nas costas –, pois queria manter-se limpa e perfumada para a noite.

Assim que Booz terminou de comer, foi procurar descanso junto aos próprios grãos, pois era costume o proprietário dormir ao lado deles, temeroso de que ladrões lhes furtassem o produto de todo um ano de plantio e colheita.

Booz, que trazia consigo o seu manto xadrez, acomodou-se confortavelmente ao lado daquela verdadeira montanha dourada, que mais parecia um grande monte de ouro em pó.

Um vento muito forte ainda soprava, acrescido agora de uma chuva intensa, acompanhada de trovões e relâmpagos, o que obrigou-o a proteger-se com sua manta até a cabeça, pois o telhado de colmo alto que ali havia não era o bastante para protegê-lo das rajadas laterais.

Neste instante, Rute, que permanecera até então oculta atrás de um renque de feixes, aproximou-se do parente, pé ante pé, acobertada pelo ruído dos trovões e denunciada somente pelo espocar eventual de alguns relâmpagos. Bem de mansinho, ela ajoelhou-se aos pés de Booz, que ressonava profundamente depois de um dia de intenso trabalho, e após erguer a ponta do manto deslizou para baixo dele, unindo não somente os seus pés, mas o seu corpo inteiro ao do parente adormecido, encomendando-se de todo o coração ao deus que abraçara por livre e espontânea vontade ao chegar à sua nova morada.

Aflita pelas conseqüências do seu ato ousado, Rute cobriu também a própria cabeça, enquanto escutava o ruído violento da chuva, que o vento lançava em espirros continuados sobre eles, sabendo que tinha bem ao seu lado, com o corpo cosido ao seu, aquele que dentro de instantes seria o autor da sua ventura ou da sua desonra.

No meio da noite, como não poderia deixar de acontecer, Booz remexeu-se no leito improvisado e deparou-se com a moça deitada ao seu lado.

– Quem é você? – disse ele, sem a reconhecer.

Rute descobriu a cabeça e repetiu as palavras que sua sogra a havia feito

decorar antes de vir para o encontro:

– Sou Rute. Estende a barra de seu manto sobre mim, pois sou sua serva e você o meu redentor.

Booz ficou encantado com o gesto de Rute e logo acalmou seus piores temores.

– Bem aventurada é você, minha filha, pois não saiu a procurar homens entre o povo, mas antes veio a mim, conforme manda a lei. Antes, porém, é preciso que saiba que há um redentor mais próximo do que eu, e deverei antes consultá-lo para que me ceda o privilégio de tê-la para mim.

Rute ficou entristecida com aquela notícia.

– Agora permanece aqui ao meu lado e dorme até o amanhecer, pois o dia de amanhã decidirá o que será feito de nós.

Rute não deu mais uma palavra e permaneceu ali deitada, enquanto a chuva e o vento aos poucos cessavam, propiciando um sono grato e reconfortante.

Ainda estava escuro quando Booz levantou-se e disse a Rute:

– Agora vai, minha menina, pois não é bom que saibam de sua presença por aqui.

Antes de ela partir, porém, Booz tomou seu manto e foi até a pilha dourada, enchendo-o com seis boas medidas de cevada.

– E então, minha filha, como foram as coisas? – disse Noemi, ansiosa, ao receber a nora de volta.

Rute contou-lhe, passo a passo, todos os deliciosos incidentes da noite anterior.

– E isto foi um presente? – disse a velha, enterrando os dedos na cevada como uma avara enterra seus dedos num saco de moedas.

– Sim, deu-me seis medidas da melhor cevada – disse Rute, com orgulho.

“Tudo se encaminha pelo melhor!”, pensou Noemi.

Entretanto, teve sua felicidade ligeiramente empanada pela notícia de que havia, ainda, um outro parente mais próximo, com quem Booz deveria negociar para poder ficar com a sua nora.

Mas logo seus olhos voltaram-se para as seis medidas maravilhosas e cresceu em seu coração a certeza de que Booz daria logo um jeito de resolver o negócio.

– Não se preocupe, ainda hoje ele resolverá tudo – disse ela, confiante.

E resolveu mesmo. Enquanto as duas mulheres especulavam sobre o futuro, já Booz e o redentor estavam no portão da cidade, que era o melhor local para se fazer negócios, uma vez que as testemunhas enxameavam de lá para cá.

– Ei, você – disse ele, chamando um sujeito, e logo em seguida outros dez conselheiros da cidade. Depois voltando-se para o redentor, disse:

– Nossos parente Elimelec, como bem sabe, faleceu, e sua esposa Noemi pretende vender o terreno que era dele. Sendo o parente mais próximo, quero saber de você se deseja ser o redentor desta viúva.

– Sim, aceito – disse o sujeito.

– Junto com o terreno, entretanto, deverá levar a nora de Noemi, já que ela também enviuvou e não tem com quem fazer descendência.

Então o sujeito torceu o canto esquerdo da boca e disse, encaixando as pestanas de cima com as de baixo:

– É mau negócio.

Tomando de uma das suas próprias sandálias – que era a melhor garantia fiduciária da época –, o homem entregou-a a Booz, afirmando, assim, que renunciava à proposta.

Booz, radiante, afirmou diante das testemunhas ali reunidas que desde aquele instante assumia a propriedade dos bens do falecido Elimelec, bem com dos filhos deste, também falecidos, e que tomava por legítima esposa a Rute, nora de Noemi.

Booz foi a toda pressa, montado em seu jumento, levar a boa nova a Rute, que quase desfaleceu de gozo ao receber a confirmação de que se tornaria sua esposa.

Dentro de pouco tempo Rute engravidou e deu à luz a um menino, que se chamou Obed (“Servo”), que mais tarde geraria a Jessé, pai de Davi, rei de Israel.

DO LIVRO DE SAMUEL (1)

38. SAMUEL E O CHAMADO DIVINO

Havia no tempo dos Juízes, nas montanhas de Efraim, um homem chamado Elcana. Este homem de nome antipático era casado com duas mulheres: Ana, que era estéril, e Fenena, que tinha dois filhos. Elcana, apesar da infertilidade de Ana, amava muito mais a ela do que a Fenena. Por causa disto, aquela que era mãe odiava mortalmente aquela que não era, usando da vantagem que Deus lhe concedera para espezinhar de mil maneiras a rival.

Todos os anos Elcana subia com suas esposas até Silo, local onde estava erguido o Templo do Senhor, que abrigava em seu interior a arca da aliança. Aqueles momentos solenes eram perfeitos para que Fenena procurasse humilhar ainda mais a Ana, e ela nunca perdia a oportunidade de fazê-lo.

Então um dia Ana estava chorando, depois de ter sido novamente desfeiteada, quando seu marido chegou-se a ela:

– Por que chora assim? Por que aflige desta maneira o seu coração? Por acaso não sou melhor para você do que dez filhos?

Ana recolheu o choro no vaso largo do coração e calou-se, decidida a tomar, sozinha, uma providência. No mesmo dia foi até o templo, onde o sacerdote Eli – que era também o penúltimo juiz de Israel – oficiava o serviço divino com seus dois filhos, Hofni e Finéias.

No auge do desgosto, Ana fez uma promessa radical ao Senhor, que dava bem a medida do seu desespero.

– Se me der um filho eu o consagrarei, por toda a vida, ao seu serviço – disse ela.

Seu filho, caso nascesse, seria, pois, um sacerdote, ela assim o jurara mil vezes em voz baixa.

Ora, nesta ocasião o sacerdote Eli estava ali e acompanhou, do começo ao fim, a reza muda de Ana. Por algum motivo, o fato de a mulher orar ao Senhor sem emitir palavra alguma o irritou profundamente, e então ele a censurou, áspero.

– Como ousa vir bêbada à casa do Senhor? Vá curar longe daqui a sua bebedeira!

– Não estou bêbada! – disse ela, vexada. – Apenas expus a minha amargura ao Senhor na esperança de que me conceda um pedido ardentemente

desejado.

O sacerdote, diante da dor daquela pobre mulher, desarmou seu espírito e disse que ela fosse embora, pois o Senhor haveria de atender-lhe o pedido.

O trato com Deus deu certo, afinal, pois logo ao retornar para casa Ana uniu-se ao marido e concebeu dele um filho, que se chamou Samuel.

Ana criou com amor o pequeno Samuel até a época de desmamá-lo, quando, então, levou-o ao templo, conforme o trato.

– Aqui está o menino que lhe prometi – disse ela, ao entregar o filho nas mãos do velho sacerdote, junto com um novilho, duas arrobas de farinha e um odre de vinho.

Ana tinha a certeza de que seu bebê se tornaria grande entre os filhos de Israel, e quando se ajoelhou para orar foi tomada por uma súbita inspiração, começando a entoar um cântico no qual exaltava o poder soberano do deus de Abraão. Por causa disto o Senhor não cessou mais de abençoá-la, dando-lhe, ainda, mais cinco filhos, três meninos e duas meninas (para grande desgosto, imagina-se, da irmã invejosa).

Samuel, pois, foi criado no templo, junto com Hofni e Finéias, os filhos do sacerdote Eli. Estes, entretanto, eram perversos e tinham muito pouco das virtudes e da devoção do seu pai. Cúpidos e interesseiros, estavam sempre intrometendo-se nas atividades do sumo sacerdote, procurando tirar vantagem das ofertas contínuas que chegavam ao templo. Bastava, por exemplo, começar a assar a carne de algum novilho e já vinham os dois de garfo em punho dispostos a tomar para si a oferta.

– O que é isto? – dizia o sacrificante, ultrajado. – Esperem ao menos derreter a gordura, pois é a parte que mais apetece ao Senhor.

Mas Hofni e Finéias, desafiando a própria divindade, tomavam a carne para si antes mesmo que a gordura terminasse de gotejar.

– Carne sem gordura nem carne é – diziam, interrompendo a oferta.

Um dia chegaram aos ouvidos do velho sacerdote notícias do péssimo comportamento dos seus filhos – inclusive pela boca de um anjo do Senhor –, mas nem mesmo suas ásperas censuras serviram para corrigir-lhes o mau gênio, com o que se preparou, desde aquele instante, a ruína da casa de Eli, além de grandes desgraças para o povo de Israel, pois desde a aliança feita com Abraão o Senhor estipulara que o erro de um acarretaria sempre a calamidade de todos.

Samuel, enquanto isto, continuava a crescer, vestido sempre em sua veste talar e cada vez mais instruído nos mistérios da divindade. Para ele era uma experiência quase mágica dormir todas as noites nos aposentos silenciosos do

templo, tendo por companhia aquela arca misteriosa com os dois querubins faiscantes que pareciam velar seu sono como dois anjos estáticos de fogo.

Certa noite, entretanto, Samuel sentiu-se inquieto durante o sono e despertou com o peito oprimido. A luz da lâmpada ainda ardia, reverberando nas paredes e na arca dourada. O jovem fechou os olhos, tentando conciliar novamente o sono, quando foi despertado por uma voz reverberante.

– Samuel...! Samuel...!

Erguendo-se num pulo, o jovem correu até os aposentos onde Eli ressonava.

– Aqui estou – disse Samuel, postando-se aos pés do sumo sacerdote.

O velho, que dormia a sono solto, espantou-se da presença do jovem.

– O que quer aqui? – disse ele, vagamente irritado.

– O senhor me chamou e eu vim – disse o jovem, respeitosamente.

– Ninguém o chamou aqui – disse o velho. – Volte ao santuário.

Samuel fez o que o sacerdote dissera e foi repousar novamente a cabeça, ao lado da arca misteriosa. Mal fechara os olhos, porém, e novamente a voz cavernosa soou:

– Samuel...! Samuel...!

Num novo pulo, o jovem pôs-se em pé e correu até o quarto de Eli.

– Aqui estou – disse ele, outra vez.

– O que quer, meu Deus? – disse o velho, com a barba amassada.

– O senhor me chamou e eu vim – disse o jovem, que parecia meio sonâmbulo.

Então o velho, apesar do sono, compreendeu que era o Senhor quem tentava falar com seu discípulo.

– Quando ouvir a voz novamente, não venha mais até mim – disse o velho –, mas fique onde está e diga apenas: “Fala, Senhor, seu servo o escuta”. Vá e aguarde em oração, que logo o Senhor voltará a chamá-lo.

Samuel voltou, deitou-se, orou e aguardou – e não deu outra: logo a voz retornou:

– Samuel...! Samuel...!

– Fala Senhor, seu servo o escuta – disse ele, porém, obedientemente.

– Ouve, Samuel – disse a voz, tonitruante –, pois provocarei em breve um desastre tal em Israel que fará retinir os ouvidos de todos quantos dele souberem!

Uma coisa destas, dita neste tom e no meio da noite, mesmo vinda de Deus, não podia ter deixado de provocar grande alarme na alma do pobre

aprendiz, que, de fato, sentiu-se quase desfalecer por cima do leito.

– Desastre, Senhor? – disse ele, temeroso de ser ele próprio o culpado daquilo.

– Sim, uma terrível calamidade! – respondeu Deus, que estava inequivocamente irado. – Neste dia farei com que a casa de Eli pague por todas as iniquidades cometidas pelos seus filhos. Anteriormente já o tinha avisado, mas não teve ele pulso para endireitar os galhos tortos de sua árvore. Então corrigirei eu mesmo aos galhos, ao tronco e a toda semente que deles provier, pois declaro que a partir de hoje ninguém mais chegará à velhice nesta família amaldiçoada! Hofni e Finéias (os tais que não cessam de desfeitear-me dia e noite!) serão punidos com a morte num mesmo dia, e toda a sua descendência terá de mendigar seu pedaço de pão aos pés do novo e fiel sacerdote que elegerei para officiar em meu templo.

E foi isto que Deus teve a dizer a Samuel naquela noite verdadeiramente estranha.

Na manhã seguinte, Samuel abriu o templo discretamente, tentando esconder-se do velho sacerdote, mas este o perseguia avidamente com os olhos, esperando que lhe viesse espontaneamente dizer o que o Senhor havia lhe segredado durante a noite.

Mas nada. Samuel baixava os olhos todas as vezes que enxergava alvejar diante de si a barba branca de Eli, que estava sempre regamente aparada na base para não ocultar o peitoral adornado de jóias que ele trazia ao peito.

– Vamos lá, garoto, diga de uma vez o que o Senhor lhe confiou – disse finalmente Eli, perdendo a paciência.

Samuel tentou tergiversar, mas o velho não estava para tergiversações.

– Repita-me, seja lá o que for que o Senhor lhe disse – falou o sacerdote, certo já de que uma desgraça tremenda avançava sobre si.

O jovem repetiu, palavra por palavra o que Deus lhe dissera, enquanto o sacerdote escutava tudo de maneira perfeitamente contrita.

– Ele é o Senhor – disse Eli, ao final. – Que tudo se faça conforme a sua vontade.

Desde este dia, Samuel passou a ser respeitado como profeta de Israel, pois a exemplo de Moisés e Josué, conversava seguidamente com o Senhor, que o instruía e inspirava a bem orientar o seu povo no sentido de manter perene a aliança que unia os destinos de Deus e de Israel. Ele fora escolhido para estar próximo do Senhor e ser o seu porta-voz – e de Dã a Bersabéia, nada podia ser maior do que isto.

E então começou a grande provação prevista pelo Senhor. Os filisteus, inimigos encarniçados dos hebreus, haviam dado início a nova campanha para expulsar os israelitas de Canaã. Desta vez um forte contingente de soldados filisteus havia se arregimentado e acampado perto de Ebenezer, avançando logo até Afec, onde postaram-se em linha de combate.

Quando a notícia chegou aos ouvidos de Eli – o qual, como já dissemos, além de sumo sacerdote do templo, era também juiz de Israel –, ordenou que as tropas israelitas rumassem imediatamente para lá.

Eli, entretanto, temia que algo de desastroso pudesse resultar deste confronto.

– Oh, Senhor, não permita que tua ira desça sobre nós justo neste instante! – disse ele, postado diante da sagrada arca, vendo diante de si apenas o brilho fosco do objeto sagrado, já que havia se tornado um homem quase inteiramente cego. – Que tua punição desça sobre mim e também sobre os meus pecadores filhos, mas que as armas de Israel não se vejam humilhadas diante do opressor idólatra!

Mas do alto as coisas já estavam, há muito, desenhadas, e por isto as tropas israelitas foram derrotadas miseravelmente pelos filisteus, deixando espalhados pelo campo de combate mais de quatro mil soldados mortos.

Ora, havia uma lógica onipresente em Israel, a qual determinava que sempre que os israelitas fossem derrotados em qualquer batalha, esta derrota jamais seria atribuída aos inimigos – e muito menos aos seus pérfidos e falsíssimos deuses –, mas sempre ao abandono que o Deus de Israel havia imposto aos seus próprios exércitos.

Desta feita, não foi diferente.

– O Senhor nos abandonou, concedendo a vitória aos filisteus – disse a Eli um dos seus pérfidos filhos. – Não podemos sair novamente a campo sem a sua proteção.

– Israel está sob o peso do castigo divino – disse Eli, com a morte na alma. – Devemos, antes de mais nada, reconhecer diante de Deus os nossos pecados, para que sua ira não nos aniquile.

Mas seu filho não podia admitir uma nova derrota para os filisteus, e por isto exigiu que Eli permitisse o envio imediato da arca da aliança até o campo de combate.

– Tudo isto redundará apenas num desastre ainda maior – disse o velho

juiz, porém frouxamente, pois não tinha mais ânimo para opor-se a nada.

– A arca é infalível! – esbravejou o filho. – Lembre de Hai, de Jericó e de tantas outras vitórias que Israel conheceu quando os sacerdotes a levaram adiante das tropas. Nenhum inimigo poderá jamais resistir a ela, nem ao poder do Senhor!

O sumo sacerdote acabou permitindo que a arca fosse levada, mas um mau pressentimento lhe dava a certeza de que tudo aquilo terminaria muito mal.

Os dois filhos corruptos de Eli decidiram chefiar eles próprios a expedição contra os filisteus, e só por isto já se poderia auguriar o pior resultado possível. Apesar de todas as ameaças que pesavam sobre sua conduta vil de violadores dos rituais e de sedutores das mulheres que serviam no templo, ambos teimaram em postar-se arrogantemente diante da sagrada arca.

“O Senhor verá nosso triunfo e aprenderá, assim, a respeitar nosso valor”, dizia a soberba de ambos quando o grande cortejo militar partiu numa manhã escura e chuvosa das montanhas de Silo rumo ao campo de batalha.

Quando a arca da aliança chegou finalmente ao campo de luta, foi recebida com grande estrídulo e euforia pelos soldados de Israel que já lá estavam. Não houve ninguém que não tivesse a certeza da vitória ao ver cruzar diante de si, carregada pelos levitas paramentados, a grande caixa dourada encimada pelos dois querubins flamejantes.

– Viva Israel! Viva o Senhor! – clamavam os israelitas, enquanto as hostes filistéias os observavam de longe, com o medo entranhado na alma.

– Ânimo, soldados! – disse um dos chefes filisteus. – Se eles têm o seu deus, nós também temos os nossos, muito mais poderosos do que o deus destes ladrões de terras. Nossos deuses aqui estavam muito antes que este tal Jeová aqui chegasse. Por que haveria de ser este deus maior do que os nossos, que fizeram nossa grandeza?

Com estas e outras palavras os líderes filisteus encheram de coragem e de brio a alma dos seus homens, e assim esteve preparado o cenário para um tremendo combate.

Logo as espadas começaram a retinir, e as fundas, a assoviar, misturando seus ruídos inumanos ao das vozes inflamadas pelo ódio ou pela dor.

“Por Jeová!”, diziam uns; “Por Dagon!”, diziam outros. E os corpos tanto de uns quanto de outros tombavam sobre o solo, porém em muito maior número de soldados israelitas, os quais, expondo-se temerariamente diante das armas dos filisteus, não podiam compreender como elas os feriam com tanta facilidade.

Hofni e Finéias, os dois comandantes israelitas, entreolhavam-se

assustados, lançando também, de vez em quando, olhares desconfiados para a arca, suspensa pelos levitas, que em vão procuravam extrair dela alguma virtude guerreira.

– O que há com este negócio? – disse a certo momento um dos irmãos, aproximando-se ameaçadoramente da arca.

Então, como num castigo divino, foi abatido pelo arremesso de uma flecha, vinda das hostes filistéias. O outro irmão também terminou morto após o avanço fulminante de uma coluna inimiga, que não só matou a todos quantos protegiam a arca, como ainda apoderou-se do símbolo maior de Israel.

Nunca o castigo de Deus fora tão expressivo, pois desta vez envolvera sua própria humilhação diante dos deuses adversários.

– O deus falso dos hebreus está em nosso poder! – bradou o chefe filisteu, quase incapaz de acreditar que pudera obrar tamanho feito.

Quando os filisteus se retiraram do campo de batalha, deixaram atrás de si mais de trinta mil judeus mortos, levando consigo o prêmio maior que podia ser alcançado num campo de batalha daqueles dias: o símbolo da divindade rival.

Imediatamente a arca foi conduzida sobre ombros profanos até o santuário de Dagon, o deus principal dos filisteus, para ali estar, doravante, na condição de prêmio de guerra. Era como se o próprio Deus de Israel estivesse, a partir de agora, prisioneiro de Dagon, o deus rival e vitorioso.

Enquanto isto o velho Eli aguardava no templo de Silo as notícias da batalha, que uma convicção íntima e persistente o levava a crer que seria a mais funesta possível.

Sentado num banco, o sacerdote e juiz não tinha mais forças sequer para orar, e neste estado de prostração moral foi encontrado pelo mensageiro que viera diretamente do campo de batalha para trazer a confirmação de suas mais negras expectativas.

– Lamento informar, mas nossos soldados foram derrotados completamente e seus dois filhos pereceram na luta – disse o homem, que tinha as vestes rasgadas no peito e a cabeça coberta de cinza e de pó, modo tradicional em Israel para revelar a dor e o luto.

Cego e com 98 anos de idade, Eli abaixou a cabeça, como quem não esperasse escutar nada pior do que isto. Entretanto, ainda havia algo muito pior a ser dito pelo funesto mensageiro.

– Lamento dizer, também, que a arca foi capturada.

Neste instante o velho encurvado sentiu que algo estalava dentro de si.

– Oh não! – bradou ele. – Isto não!

Lançando-se para trás, num grande gesto de espanto, o velho juiz foi cair de costas sobre o chão, onde torceu violentamente o pescoço, morrendo naquele mesmo instante. Num lugar próximo estava sua nora, esposa de Finéias, a qual, ao saber da notícia da morte do esposo e do sogro, imediatamente começou a sentir as dores do parto, dando à luz a Icabod. Mas nada disto pôde suplantar a dor da humilhação suprema a que fora exposta a nação de Israel, por ter tido a sua arca capturada.

– Foi banida a glória de Israel! – disse ela, antes de expirar.

E foi assim que o penúltimo juiz de Israel perdeu a vida e que Israel sofreu a maior humilhação de quantas já tivera de suportar, tudo por culpa dos dois filhos mortos de Eli, que já não estavam mais neste mundo para serem acusados de nada.

39. O RESGATE DA ARCA

A arca da aliança – símbolo supremo da aliança que o Senhor Deus fizera com o povo hebreu – fora parar miseravelmente às mãos dos filisteus depois de uma guerra desastrosa travada contra estes tradicionais inimigos de Israel. Hofni e Finéias, os filhos do sumo sacerdote de Israel, foram os culpados de tudo, e pagaram com a própria vida os desmandos que haviam praticado na administração do templo.

O santuário do deus Dagon, situado na cidade de Azoto, recebera em festa o símbolo capturado. Colocada lado a lado com uma enorme imagem dourada do deus filisteu, a arca tivera de sofrer, de maneira silenciosa, os vilipêndios que o povo vencedor lhe dirigira desde o instante em que fora arrebatada às mãos dos sacerdotes levitas, em pleno campo de batalha, até sua instalação no templo rival.

Dagon, trepado em seu pedestal, e portando suas insígnias de mando e poder, parecia tomado por uma grande soberba, agora que estava ao lado daquela caixa quadrada, que mais parecia uma grande canastra banhada a ouro.

Todo o povo, e mesmo os sacerdotes, já haviam deixado o interior das suntuosas dependências do templo. A luz difusa da lua penetrava agora pelas reentrâncias dos frisos e das janelas, tornando parcialmente iluminada a grande sala central do santuário onde o deus doméstico permanecia naturalmente estático, com suas barbas de metal dourado perfeitamente solenes e entregue a uma disputa surda de fulgurância com a estranha representação do deus rival.

Realmente, um deus como aquele – sem rosto, braços ou pernas – nunca se tinha visto igual em toda aquela região. É verdade que havia espalhadas por toda a Canaã algumas divindades um tanto assemelhadas, ao menos psicologicamente, à dos israelitas, mas aquele negócio de arca, tinha-se de admitir, era uma coisa absolutamente original.

Confeccionada com sólida madeira de acácia pelo grande Beseleel (um dos mais hábeis artífices israelitas dos distantes dias de Moisés), a arca da aliança infundia respeito, além de ser, antes de qualquer coisa, um belíssimo móvel recoberto de ouro – e não há aqui nenhuma irreverência, já que servia para guardar objetos do culto e as famosas tábuas da lei. Observando-se melhor,

via-se, no entanto, que havia dois querubins instalados sobre a tampa da arca. Agachados e dotados de duas enormes asas, que cobriam todo o propiciatório, ali estavam eles, parecendo mais duas esfinges, voltados de frente um para o outro, como a vigiarem-se reciprocamente.

A noite avançava no seu passo calmo e sem pressa. Enquanto isto nas casas, nas tendas e nos palácios todos dormiam, exaustos dos acontecimentos dos últimos dias. Era a primeira noite após a vitória dos filisteus sobre os israelitas, e também a primeira na qual a arca divina “repousava” fora de sua casa, o Tabernáculo de Silo.

Para alguém dotado de uma boa percepção para as coisas divinas, não era muito difícil perceber que a arca dourada parecia um tanto “deslocada” naquele local, e que a estátua rival, ao contrário, parecia perfeitamente à vontade.

Então, a certa altura, um ligeiro e quase imperceptível tremor sacudiu o pedestal da estátua de Dagon, o deus de formas humanas, fazendo com que sua figura dourada e iluminada pela lua oscilasse um pouco, para frente e para trás. Com os olhos dourados permanentemente abertos, a estátua pareceu ligeiramente assustada.

Sim, algo a golpeara no seu sustentáculo, e ela acusara o golpe.

Na verdade, um duelo surdo e sobrenatural entre as duas representações divinas parecia estar, inegavelmente, em curso, mas ninguém podia assisti-lo.

Meio virada de lado, a estátua de Dagon parecia mesmo disposta a encetar uma fuga quando um novo tremor – desta vez muito mais violento – fê-la finalmente vir com pedestal e tudo para o chão, num grande estrondo que teria aterrado todos os cidadãos de Azoto, caso não estivessem embriagados demais para escutarem qualquer coisa menor do que a erupção de um vulcão.

Somente na manhã seguinte os sacerdotes de Dagon puderam verificar o resultado do primeiro *round* entre as duas divindades.

– Corram aqui! – disse um dos porteiros do templo, e disse bem, porque era realmente coisa de se ver o deus filisteu prostrado, de forma humilhante, aos pés da arca dourada.

Imediatamente vários homens suspenderam a pesadíssima estátua, deixando-a em pé novamente. Avaliado o estrago, verificou-se que apenas o nariz poderosamente aquilino de Dagon esborrachara-se um pouco, tirando um pouco do brilho das suas feições, mas nada que a mão hábil de um artífice não

pudesse restaurar.

Durante o segundo dia, legiões de curiosos passaram pelo templo para ver as duas estátuas lado a lado. Muitas brincadeiras foram ditas até que a noite caísse outra vez e o pobre Dagon se visse novamente a sós com aquele estranho baú.

Frente a frente, os dois rivais recomeçaram uma nova jornada de afrontas mudas à luz da lua que coava no interior do santuário, até que a estátua de Dagon viu-se novamente arremessada ao chão, ficando na mesma e ridícula posição da noite anterior.

– Aconteceu novamente! – bradou o porteiro ao encontrar na manhã seguinte o pobre Dagon prostrado aos pés da arca misteriosa.

– Deve haver algum maldito espião hebreu aqui dentro! – disse o porteiro.

Naquele terceiro dia foram proibidas as visitas e cada recanto do templo foi minuciosamente revistado, para que nenhum espião permanecesse ali dentro durante a noite. Entretanto, nem mesmo o sumo sacerdote de Dagon ousou passar a noite junto com a estátua do seu deus, temeroso de que aquela briga sobrenatural terminasse extrapolando do meramente divino e suas conseqüências terminassem por recair, como de hábito, sobre os miseráveis seres humanos.

Dagon e Jeová. Jeová e Dagon. Um dos dois teria de triunfar daquele último e mudo reencontro. E então aconteceu novamente, desta vez de uma maneira muito mais violenta. Sim, Dagon foi mais uma vez arremessado à lona pelo poder infinitamente maior do Senhor de Israel. Só que desta vez a queda trouxe à divindade filistéia um prejuízo perfeitamente lamentável, pois Dagon perdera no tombo nada menos do que as duas mãos e sua cabeça, as quais foram parar na entrada do templo.

Seria aquilo um sinal, ou uma resposta aos deboches do adversário? Sim, pois Dagon, descabeçado e desmembrado, era agora também, de certo modo, uma caixa, dotado apenas de tronco e pernas grudadas.

O fato de este último desastre ter abalado severamente a confiança dos filisteus no poder do seu deus, entretanto, não teria sido revés tão terrível caso a desavença entre Jeová e Dagon não houvesse realmente extrapolado do meramente divino, pois no mesmo dia em que a estátua do deus filisteu foi descoberta mutilada daquele jeito, os corpos dos filisteus também começaram a pagar a conta das afrontas feitas ao deus de Israel. Grandes tumores começaram a surgir por todo o corpo de homens e mulheres da cidade de Azoto.

– Esta arca é amaldiçoada! – bradavam os mais atilados, identificando na hóspede sinistra a causa daquela terrível moléstia que ameaçava exterminar com

toda a população da cidade.

– Levem-na embora da cidade! – disseram os anciãos da Filistéia.

Tomando nos ombros a arca ameaçadora, os filisteus a conduziram, então, até a cidade de Gat. Ali repetiram-se as mesmas pragas, e logo a arca peregrina seguiu para a cidade de Acaron, onde, não é preciso enfatizar, deram-se as mesmas coisas.

– Devolvam aos pérfidos hebreus o seu deus de castigos! – disse um dos anciãos de Acaron, acostumado à suavidade moral dos deuses da idolatria.

Depois de sete meses às mãos dos filisteus, finalmente a arca da aliança estava prestes a retornar às mãos do seu povo. O Senhor Deus de Israel não precisara do socorro de ninguém para libertar-se do jugo dos seus inimigos, e isto, inegavelmente, contava pontos para a sua respeitabilidade.

– Ponham-na em uma carroça e a devolvam aos israelitas – disse um dos magos convocados para dar um destino à canastra ameaçadora. – Coloquem junto, também, um baú com uma reparação por nosso grande pecado.

– Uma reparação? – disse um dos chefes filisteus.

– Sim, pois de outra forma a maldição deste deus poderoso continuará a pesar sobre nós – disse o mago, um sujeito de longo turbante e cavanhaque grisalho, com um olhar que lembrava vagamente o de um sapo. – Confeccionem cinco imagens feitas de ouro representando os tumores e outras cinco representando os ratos que lhes deram origem.

Fez-se tal como o mago dissera e logo estavam a arca e o pequeno baú contendo as jóias dentro da carroça, que, puxada por duas vacas não adestradas, tomou o rumo da estrada.

– Observem bem o rumo que o carro tomar – disse o sábio, suspendendo o cavanhaque. – Se ela tomar o caminho de Bet-Sames, então é porque tudo quanto nos acontece foi verdadeiramente por castigo deste deus poderoso. Caso tal não ocorra, saberemos, entretanto, que tudo se deu por acaso.

“Acaso” é uma palavra à qual magos e adivinhos devotam pouquíssima fé – embora alguns se intitulem “ledores da sorte” –, e por isto o mago a pronunciou com um evidente tom de desprezo. Mago escolado, ele sabia perfeitamente que a carroça tomaria o rumo que tomou, em direção a Bet-Sames, sem se desviar um milímetro para a direita ou para a esquerda.

Os chefes filisteus acompanharam de longe o avanço da carreta, até a sua chegada ao destino final. Quando os lavradores de Bet-Sames avistaram a parrelha de vacas a puxar a carreta que esplendia por causa da arca, correram em sua direção lançando grandes brados de alegria.

– A arca retornou! – diziam todos, dançando ao redor da carroça e fazendo mimos nos chifres dos dois animais.

Imediatamente surgiu um sacerdote levita, o qual ordenou imediatamente que fosse feito ali mesmo um oloroso sacrifício ao Senhor para celebrar o seu poder e a sua vitória. Quem pagou a conta desta idéia piedosa foram as duas pobres vacas, que foram abatidas ali mesmo, conforme o costume, e queimadas sobre as tábuas da carroça, depois de desmontada pedaço por pedaço.

Apesar disto, para que não se quebrasse a tradição da desobediência, não faltou quem mostrasse desagrado com tudo aquilo – sabe Jeová por que motivo, já que a tradição não refere –, de tal sorte que o castigo acabou recaindo sobre setenta dos descendentes de Jeconias, os quais morreram em pouco tempo.

Então os habitantes de Bet-Sames, a exemplo daqueles das cidades filistéias, começaram a se tornar inquietos e a não ver mais com bons olhos a presença em sua cidade da amada arca.

“Ela deve estar querendo ir para outro lugar!”, pensavam eles, temerosos de que aquelas setenta mortes fossem apenas o intróito para um novo e mais terrível desabamento de castigos.

Logo mensageiros bem orientados partiram na direção de Cariat-Iarim, para ver se convenciam os anciãos daquela cidade a receberem a relíquia sagrada, já que os habitantes de Bet-Sames, sabendo-se o pó de Israel, abriam mão da imerecida honra.

Os homens de Cariat-Iarim vieram e levaram, com efeito, a arca, onde pareceu estar perfeitamente à vontade, já que habitou o templo da cidade por mais de vinte anos. E é neste ponto da história que vemos Samuel – a esta altura já um profeta e um guerreiro de barbas grisalhas – ressurgir, pois tinha uma grave advertência a fazer ao seu povo, sempre metido nas mesmas apostasias e idolatrias.

– Enquanto este povo não abandonar a idolatria e deixar de prostituir-se aos deuses dos filisteus, estará sempre às mãos do seu inimigo! – bradava ele, em suas exortações, repetindo quase as mesmas palavras que Moisés empregara desde a saída do Egito.

Então Samuel convocou um grande jejum, em Masfa, para que o Senhor visse a contrição sincera do seu povo e assim se apiedasse dele, fazendo cessar sobre Israel a opressão filistéia, que parecia não ter mais fim.

Entretanto, os filisteus, sabendo daquela grande reunião – que certamente preparava e antecedia algum ataque militar –, decidiram antecipar-se aos fatos e levaram um grande exército até a cidade de Masfa para desbaratar os

conspiradores.

– Samuel, os filisteus estão às portas outra vez! – alertou um espião, que chegara esbaforido da longa corrida. – Ore por nós ou será novamente a nossa ruína!

O guerreiro profeta tomou, então, um cordeirinho novo e dirigiu-se à pedra dos sacrifícios, para imolá-lo ao Senhor.

Enquanto as forças filistéias avançavam, fazendo tinir os seus armamentos, Samuel, impassível, estava entregue ao seu colóquio com Deus.

– Samuel, o inimigo chegou! – disse um dos seus comandantes.

– O Senhor está conosco – disse o profeta, imperturbável. – Por que geme desta maneira? Acaso teme que ele nos abandone à mão do inimigo?

“Sim, pois ele já fez isto uma vez”, pensou o outro, com inteira franqueza.

De fato, ele já havia feito isto uma vez, mas apenas porque daquela feita Israel estava sob o comando de mãos indignas. Desta vez, porém, era o braço escolhido de Samuel quem comandava os exércitos do Senhor, e por isto Deus não falharia, como jamais falhara quando Israel estava sob o comando de um justo.

Antes que as forças filistéias pudessem encostar uma lança em qualquer cidadão de Masfa, desceu dos céus sobre as tropas filistéias um terrível temporal de raios e de pedras, espalhando as tropas e impelindo-as à fuga até os baixios de Bet-Car, onde as tropas de Israel completaram o massacre.

Finalmente os filisteus haviam sido expulsos de Israel, e durante o período do juizado de Samuel – que foi o último dos juízes – não mais estiveram os judeus submetidos ao duro império deste povo belicoso e agressivo e que tinha a desdita de não ter um deus poderoso como o deus de Israel.

40. SAUL, O PRIMEIRO REI DE ISRAEL

Samuel ainda era juiz de Israel quando, já envelhecido, decidiu dividir suas atribuições com os filhos Joel e Abias. Estes, entretanto, não estiveram à altura do pai e se deixaram fascinar pelo suborno e pela injustiça, fazendo com que se levantassem grandes brados em Israel.

– Seus filhos são uns ímpios! – diziam os anciãos hebreus, brandindo seus bordões diante do nariz do estarecido juiz.

E foi então que escutou-se uma lamúria nova em Israel.

– Queremos um rei, a partir de hoje, para nos governar!

O velho profeta quase caiu de costas, tal como Eli, o seu desastrado antecessor, ao saber da morte dos filhos e do rapto da arca pelos filisteus.

– *Rei?! – disse ele. – Ficaram loucos?*

– Não, não ficamos! – disse um dos resmungões. – Queremos um rei que una nossas tribos e dê segurança a Israel.

– Deus é quem dá segurança a Israel! – bradou Samuel. – Não percebem que ao pedirem um rei estão ofendendo ao Senhor, que é nosso único e verdadeiro rei?

Mas eles não queriam saber de conversa fiada. Como crianças que descobriram um novo e irresistível brinquedo, eles queriam agora um rei a todo pano.

– Queremos ser como todos os outros povos, que também têm um rei – disse o mais exaltado dos reivindicantes.

Samuel, amargurado, afastou-se daqueles insensatos e foi conversar com o Senhor, certo de que a notícia o desgostaria poderosamente.

– Não admira – disse o Deus de Israel ao tomar conhecimento das pretensões do seu povo. – Repetem o mesmo que seus avós e pais fizeram desde o primeiro instante em que os retirei do Egito. Verdadeiramente, este é um povo desprezível.

Porém, depois de algum silêncio, o Senhor acrescentou:

– Vá, faça o que eles pedem.

– C-como disse, Senhor? – tartamudeou Samuel.

– Não querem um rei? Dê-lhes um rei – disse o Senhor, verdadeiramente magoado. – Não querem ser como todos os outros povos? Pois que sejam. Já não adoram os seus deuses, porventura? Que tenham, como eles, um lindo rei

também.

Sim, Deus estava ofendidíssimo; quanto a isto não havia a menor dúvida.

– Antes, porém, dá-lhes a saber como agem os reis – disse o Senhor.

Samuel foi até o povo e lhes disse o que significava ter um rei.

– Ele tomará seus filhos, sem lhes consultar, para engrossar as fileiras do exército; a outros colocará nas lavouras suas e de seus favoritos para mourejarem de sol a sol; suas filhas serão raptadas de seus lares para se transformarem em perfumistas e padeiras de uma corte corrupta; suas colheitas, e mesmo seus campos, serão tomados e entregues aos eunucos da corte, para seu enriquecimento; seus servos e bois serão confiscados e postos a trabalhar para o rei e para a corte; e além disto tudo, terão ainda de recolher perpetuamente o dízimo de tudo quanto plantarem ou seus animais produzirem.

Samuel fez uma pausa e acrescentou com uma sugestiva inflexão:

– Isto basta para que mudem de idéia?

– Basta, sim, de lengalenga – disse uma voz anônima na multidão. – Dá-nos um rei e fecha de uma vez a matraca.

Então, com o começo das ofensas, Samuel compreendeu que nada mais havia a dizer.

– Voltem todos para as suas cidades – disse ele, laconicamente.

Samuel sabia que agora só tinha duas coisas a fazer: ou pedia ao Senhor para que exterminasse de uma vez com aquela raça ingrata ou saía a campo para arrumar o tal rei. Mais uma vez, para o bem ou para o mal, a piedade triunfou sobre a justiça, pois Samuel, a exemplo de Moisés, era impotente para decretar o fim de seu povo.

Alguns dias antes daquela reunião, Saul, um jovem da tribo de Benjamin, saíra cedo de sua casa com uma prosaica missão: a de encontrar algumas jumentas que haviam fugido do redil de seu pai, o velho Cis.

Junto com um criado, Saul percorreu as montanhas de Efraim e a região de Salisa, indo bem mais além, até chegar à terra de Suf. Então Saul, convicto de que jamais voltariam a pôr os olhos nas tais jumentas, disse ao criado:

– Voltemos, pois a esta altura meu pai já estará mais preocupado com nossa demora do que com o desaparecimento dos animais.

– Façamos antes uma consulta a um vidente que há nesta região – disse o criado, certo de que ele saberia indicar o paradeiro das alimárias.

“Bom, já que estamos aqui, não custa nada tentar”, pensou Saul, e assim lá foram os dois em busca do tal vidente.

Ao chegarem à entrada da cidade onde ele estaria, perguntaram a uma moça se sabia dizer do paradeiro do famoso vidente que todos conheciam.

– Ele está logo ali – disse ela, apontando para dentro dos portões. – Apressem-se, pois logo ele irá subir o monte para um sacrifício.

Assim que Saul e o criado atravessaram o grande portão, deram de cara com Samuel – pois outro não era o vidente –, o qual, na verdade, já os aguardava, pois Deus o havia advertido um dia antes que no dia seguinte colocaria diante dele aquele que ele, Samuel, deveria ungir como o primeiro rei de Israel.

“Vamos, é este”, disse uma voz na cabeça do velho profeta, que imediatamente dirigiu seus passos na direção do jovem. Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, foi o jovem quem lhe dirigiu a palavra:

– Por favor, ancião, diga-me onde posso encontrar um famoso vidente que há por aqui.

– Sou eu mesmo – disse Samuel, com um ligeiro sorriso. – Suba comigo até o monte, pois você será hoje o meu convidado de honra.

Saul, pobre filho de benjaminitas, sentiu-se vexado diante de tanta honra.

– Quanto às jumentas que está à procura, não se preocupe – disse Samuel. – Elas já foram encontradas, pois já não pertence a você tudo quanto há em Israel?

Sem entender nada do discurso do velho, Saul seguiu com ele e fez as vezes de convidado, recebendo das próprias mãos do profeta o pernil e o rabo da rês que fora ofertada ao Senhor, como penhor de sua eleição.

Saul dormiu no terraço da casa de Samuel, e na manhã seguinte foi acordado com os primeiros raios do sol. Os dois desceram até os limites da cidade, porém a certa altura Samuel ordenou que Saul colocasse o criado à dianteira.

– Preciso falar a sós com você – disse o profeta.

Assim que estiveram isolados da companhia do criado, Samuel e Saul foram abrigar-se debaixo de uma árvore. Ali, após fazer com que Saul se pusesse de joelhos, Samuel tomou de um pequeno frasco que guardava sob a túnica e derramou seu conteúdo sobre os longos cabelos do jovem, que estavam presos para trás.

Aquele era o óleo da unção (feito de mirra, canela, cana aromática, cássia e azeite de oliva), que os sacerdotes usavam para consagrar uma pessoa a Deus.

– Pronto, agora você está ungido, em nome do Senhor, para comandar os destinos do povo de Israel – disse Samuel a um Saul ainda incrédulo.

“Eu, rei de Israel?”, pensou o jovem, sem poder compreender direito o alcance daquela cerimônia a que estava sendo submetido.

Depois de receber algumas instruções de Samuel, Saul foi até Gabaá, onde deveria encontrar um grupo de profetas a descer dos montes, precedidos por uma pequena orquestra de tocadores de harpas, tamborins e pífaros.

Ali os encontrou, com efeito, e pôs-se imediatamente a profetizar como eles, pois estava dito que o espírito do Senhor desceria sobre ele tão logo encontrasse aquele piedoso cortejo.

Aparvalhados, alguns que o reconheceram no meio do grupo, diziam entre si:

– Veja, aquele não é o filho de Cis? Virou profeta, também?

Saul voltou, depois, à sua terra, onde foi inquirido pelo pai.

– Santo Deus! Onde esteve, moleque, que me fez esquecer até das jumentas?

“Ah, eu as estava procurando, como me ordenou, mas no caminho um velho me ungiu rei de Israel e aí, claro, esqueci das jumentas!”, pensou ele em dizer, mas algo lhe dizia que o pai lhe arrancaria o couro das costas caso dissesse tal gracinha.

Alguns dias depois, já em Masfa, Samuel reuniu novamente o povo para fazer a escolha de um rei para Israel, não sem antes adverti-los de que o Senhor estava profundamente magoado com aquela escolha do povo.

– Trocaram o deus que os tirou do Egito por um rei que nada fez – disse Samuel, mostrando ao povo a sua levandade e ignomínia.

Samuel ordenou que os chefes das tribos se apresentassem, e o primeiro sorteio recaiu sobre a tribo de Benjamin. Depois, num novo sorteio, caiu sobre o clã dos pais de Saul, e finalmente o sorteio final apontou para o próprio Saul. (Foi um sorteio meio fajuto este, pois todos sabemos que Samuel já havia escolhido o rei por indicação do próprio Deus, e que aquele povo todo estivera ali ajuntado apenas para ratificar a vontade soberana de Deus.)

Samuel chamou o ungido, mas este desaparecera. Foi preciso recorrer-se, afinal, ao próprio Deus para localizar o novo rei.

– Ele está atrás das bagagens – disse o Senhor, que enxerga tudo o que está oculto.

De fato, lá estava o jovem, completamente assustado, agachado atrás de gaiolas, tapetes e pilhas imensas de pacotes.

– Vamos, rapaz, venha assumir o papel que o Senhor lhe destinou – disse Samuel, com autoridade.

O jovem Saul ergueu-se em meio dos tarecos e causou verdadeiro espanto em todos, pois era um jovem extraordinariamente alto.

– Vejam a quem o Senhor, em sua infinita sabedoria, escolheu para ser o primeiro rei de Israel! – disse Samuel, convicto de que depois do primeiro “viva!” todo o resto do rebanho seguiria atrás.

– Viva! – disse alguém.

Logo seguiu-se um segundo “viva!”, e um terceiro “viva!”, e logo todo o vale retumbava de “vivas!”, de tal sorte que não havia mais como contestar-se a escolha.

Entretanto, não se podia contentar a todos, pois não faltaram alguns invejosos que torceram o focinho a Saul, dizendo entre si, à boca miúda:

– Este rapaz aí será mesmo capaz de nos salvar?

Saul, entretanto, desprezou-os solenemente, certo de que reinar, muitas vezes, equivalia também a ignorar.

Saul teve sua primeira prova de fogo como rei de Israel quando os amonitas – os mesmos que já haviam sido derrotados por Jefté – tentaram tomar posse da cidade de Jabes, da tribo dos galaaditas (Galaad, lembrando, era neto de José do Egito e filho de Manassés, tendo estabelecido sua tribo a leste do rio Jordão).

Estabelecidos nas cercanias, os amonitas, liderados por Naás, haviam sitiado de tal modo a cidade de Jabes que seus habitantes, intimidados, haviam feito uma proposta de paz aos agressores, a inteira revelia de Saul.

– Faça uma aliança conosco e seremos seus servos – haviam dito os anciãos da cidade, em desespero, ao líder amonita.

Naás, entretanto, vendo que os galaaditas confessavam abertamente a sua impotência para repeli-lo, tomara-se de uma arrogância inaudita.

– Muito bem, farei a aliança, desde que todos os habitantes da cidade arranquem fora o olho direito, para que se estabeleça assim a diferença entre os nobres amonitas e os servos hebreus.

Naás claramente tripudiava, provando que, de uma forma ou de outra, o que desejava mesmo era subjugar os israelitas.

Quando esta notícia chegou aos ouvidos de Saul, tomou-se ele de tal indignação que abateu com as próprias mãos uma junta de bois que conduzia, e depois de fazer os animais em pedaços, como se tivesse diante de si os próprios amonitas, mandou espalhar todas aquelas partes por Israel inteiro.

– Isto se fará aos bois de todos aqueles que se recusarem a tomar parte na campanha que moverei contra os pérfidos amonitas! – disse Saul, que parecia ter uma preocupante facilidade em perder o controle.

Impressionados pela demonstração de destempero do seu rei, os israelitas acorreram de todas as tribos até a cidade de Besec, onde Saul pôde contar mais de 330 mil homens transformados em valorosos combatentes.

Avisados por mensageiros de que o socorro de Saul chegaria no dia seguinte, os habitantes de Jabes encheram-se de esperança e disseram ao líder amonita que também naquele dia iriam ao seu encontro para firmar a falsa aliança – já que agora tinham a certeza de que expulsariam com facilidade os invasores.

No dia seguinte, tudo saiu conforme o planejado: Saul, tendo dividido seus homens em três batalhões, caiu com tanta fúria em cima dos amonitas que os inimigos de Israel viram-se desbaratados antes do final do dia.

Diante da vitória acachapante, ergueram-se vozes dentre o povo clamando pela punição daqueles que ainda recalcitravam em reconhecer Saul como rei absoluto de Israel.

– Matemos estes traidores! – disseram os mais exaltados, a maioria deles convertidos subitamente à causa real.

Mas Saul recusou a vingança, pois diante da vitória e da demonstração inequívoca de que o Senhor estava com ele, julgou não haver mais necessidade de intimidar seus adversários. Em vez disto organizou uma nova festa, na cidade de Guilgal, para confirmar a unção divina ao seu nome.

Diante da consolidação do poder de Saul, Samuel decidiu renunciar à sua condição de juiz de Israel, pondo fim, assim, à instituição obsoleta do juizado, que por tantos anos fora a responsável por guiar os destinos dos israelitas.

– Há alguém aqui que possa dizer, em sã consciência, que durante todos estes anos tomei de alguém um boi ou um jumento ou ainda que oprimi ou defraudei alguém em seus direitos? – disse ele, em seu discurso de renúncia.

O silêncio do povo era o melhor reconhecimento aos seus serviços prestados pelo velho líder que o tempo tornara encurvado e de cabelos brancos.

Então Samuel lembrou ao povo as suas infinitas apostasias, desde o tempo de Moisés, censurando-os ainda por terem desprezado a Deus em favor da obtenção de um rei, como se já não tivessem o maior de todos quantos possam andar sobre a terra.

– Porém, não se esqueçam de que seu rei não terá poder algum caso se revolte contra os decretos do Senhor de Israel – disse Samuel, numa advertência

que, desde os tempos de Moisés, havia se tornado tão necessária quanto inútil.

Então, para provar que nada se fazia em Israel sem a mão de Deus, Samuel pediu a ele que fizesse chover naquele mesmo instante sobre as plantações de trigo – já que era a época da colheita –, para que o povo entendesse, de uma vez por todas, que era o Senhor quem fazia e desfazia, e não o povo ou um rei saído do seu meio.

O céu escureceu rapidamente, e uma grande chuvarada desceu sobre a assembléia, enchendo a todos de medo.

– Sim, fizemos mal em pedir um rei! – clamava o povo, cobrindo a cabeça com o barro encharcado.

Samuel intercedeu, então, junto a Deus para que fizesse cessar o temporal, acalmando uma vez mais os temores do povo, porém não as suas inclinações naturais, que continuariam a ser sempre as mesmas, pois assim é a alma humana.

41. SAUL E JÔNATAS

Saul reinou em Israel por cerca de quarenta anos. Entre tantos inimigos que teve de combater, estavam, é claro, os arquiinimigos filisteus.

Prevenido desde o ataque em Galaad, Saul havia montado um corpo de elite de três mil homens, dois mil dos quais estavam com ele, em Macmas, enquanto os outros mil estavam a cargo de seu filho Jônatas, em Gabaá, sua terra natal, que ficava nas terras de Benjamin.

Jônatas, entretanto, era um tanto mais açodado que o pai, e num certo dia precipitou a guerra contra os filisteus ao investir contra um dos seus postos, na mesma Gabaá onde estava aquartelado.

– Jônatas matou o prefeito filisteu – disse um dos anciãos a Saul –, e a guerra agora tornou-se inevitável.

Saul sabia que ela seria inevitável, de qualquer maneira, e por isto ordenou que os exércitos de Israel entrassem em prontidão máxima.

Enquanto isto, os filisteus haviam reunido um exército verdadeiramente poderoso, dotado de três mil bigas de ferro, seis mil cavaleiros e um número incalculável de soldados armados de espadas, lanças e escudos. Acampados confiantemente em Macmas, eles esperaram a chegada das hostes israelitas para desafiar o seu novo rei.

– Então, agora, eles têm um rei? – disse o líder filisteu. – Muito bem, daremos um fim rápido em seu reinado!

A sensação entre o povo de Israel era quase a mesma, ou seja, a de que Saul não poderia jamais fazer frente àquele exército prodigioso.

– Vamos fugir e salvar a nossa pele! – diziam os mais acovardados dos hebreus, os quais começaram a deixar a cidade levando às costas tudo o que podiam.

Legiões de crianças, velhos, mulheres – e mesmo muitos homens sadios, que não tinham vontade alguma de arriscar suas vidas num enfrentamento que lhes parecia horivelmente desigual – começaram a atravessar as fronteiras da cidade, para longe das lanças filistéias. Cavernas e grutas das regiões inóspitas, porém afastadas do lugar do combate, começaram aos poucos a encher-se de famílias inteiras. Até simples covas e cisternas passaram a ser lugar de morada

para os intimidados israelitas.

Ainda acampado em Guilgal, que ficava a apenas a alguns quilômetros de Macmas, Saul recebia com apreensão cada vez maior a todas estas notícias.

– Onde está Samuel? – perguntava o rei, sabedor de que sem ele não poderia dar início aos sacrifícios propiciatórios.

Samuel havia desaparecido, ninguém sabia dizer onde estava.

Então os próprios soldados, imaginando que não só o velho profeta, como o próprio Deus os havia abandonado às mãos do inimigo, começaram a debandar das hostes de Saul.

Vendo que a situação era dramática, e que sem o auxílio declarado do Senhor soldado algum teria ânimo para marchar contra os filisteus, decidiu ele próprio dar início à cerimônia ritual.

Logo uma grande fogueira ardeu sobre as pedras – recebendo sobre suas labaredas vibráteis como mechas amareladas de uma grande cabeleira esbatida pelo vento as peças cortadas dos animais – enquanto Saul procurava seguir todos os passos da cerimônia, conforme fora prescrito nos velhos mandamentos mosaicos.

Saul preferira ignorar que ele, não sendo sacerdote, não tinha autoridade alguma para officiar aquele serviço divino. O receio de uma debandada geral o fizera desrespeitar esta determinação, que logo lhe traria funestas conseqüências às suas ambições de continuar a reinar soberanamente em Israel.

Somente instantes antes que a fogueira houvesse se extinguido foi que chegou, vindo não se sabe de onde, o velho profeta Samuel, com o ar tranqüilo de quem tinha tudo em suas mãos. Ao ver, porém, as carcaças queimadas e a gordura toda extinta, foi tomado por uma grande cólera.

– O que fez aí? – disse ele, apontando para a fogueira quase apagada.

– Diante de sua ausência, dei início eu mesmo ao holocausto, pois o povo estava apavorado e cheguei mesmo a temer que os filisteus já estivessem a marchar contra Guilgal.

– Insensato! – esbravejou Samuel, fazendo esvoaçar as mangas do seu manto. – Não sabe, então, que tais sacrifícios requerem a presença de um homem de Deus?

Saul ficou tentado a protestar que o culpado fora o próprio Samuel, que se demorara ninguém sabia onde, a ponto de pôr tudo a perder, mas não ousou contra-argumentar, pois grande era o respeito que naqueles dias cercava o líder espiritual dos hebreus.

– Por causa desta infração, perderá o lugar que Deus lhe havia

destinado, pois Deus já tem outro homem em vista, mais conforme o seu coração.

Saul sentiu-se arrasado – e até mesmo injustiçado, pois não agira com má-fé –, mas não teve muito tempo para exercitar sua defesa ou até mesmo a sua autocomplacência, pois era preciso partir a toda brida no rumo de Macmas.

Mais que tudo, o importante era a defesa de Israel, pensou Saul, e assim partiu de Guilgal no mesmo dia levando consigo apenas seiscentos dos dois mil homens que a princípio arregimentara. Em vez, porém, de ir a Macmas, fez um desvio, contornando a cidade até chegar a Gabaá, onde foi reunir-se com as tropas de seu filho Jônatas.

A coisa estava tão feia para o lado dos israelitas que somente Saul e seu filho estavam providos de espadas, já que o monopólio da tecnologia do uso do ferro permanecia um segredo guardado a sete chaves pelos filisteus. Não havia ferreiro algum em Israel, de modo que suas armas, naquele momento, não passavam de enxadas, relhas, machados ou foices, as quais, mesmo assim, há muito tempo não eram afiadas, já que mesmo esta técnica estava em poder dos filisteus.

Então sobreveio a pior das notícias, pela boca de um sentinela.

– Os filisteus marcham em direção a Macmas!

Então Jônatas, sem esperar mais qualquer ordem do pai – pois era tão açodado quanto ele –, resolveu ele mesmo atacar os filisteus, como fizera já no começo do conflito. Tomando pelo braço seu escudeiro, Jônatas lhe disse: – Vamos ao posto avançado dos desgraçados.

Avançando cautelosamente por um desfiladeiro, que estava situado entre dois grandes picos de rochedos, Jônatas e seu escudeiro ousaram fazer frente ao perigo, confiados apenas na fortaleza do seu deus.

– Dois com Deus é maioria – dizia Jônatas ao companheiro, enquanto ambos avançavam, junto às pedras. – Quando eles nos enxergarem ficaremos parados, à espera do que quer que eles digam. Se disserem que fiquemos parados em nosso lugar, assim faremos; se, contudo, disserem para que avancemos, iremos sem temor algum até eles, eis que será isto um sinal de Deus para nós de que os entregará às nossas mãos.

O escudeiro ficou grandemente admirado daquela audácia, mas resolveu apostar tudo nela, já que sentia no ar a presença favorável de uma força a impeli-los.

Depois de andarem mais um pouco, os dois judeus surgiram, finalmente, diante de um primeiro grupo de sentinelas, postados um pouco acima, numa

elevação.

– Vejam só quem vem lá! – disse um dos guardas filisteus. – São dois ratos israelitas, que resolveram abandonar as suas cavernas.

Então um dos companheiros do sentinela deu um grito aos forasteiros.

– Vamos, subam até aqui!

Jônatas dirigiu para o seu escudeiro um olhar que não mostrava o menor sinal de receio, mas antes o de uma profunda confiança.

– Subamos, pois o Senhor acaba de nos entregar às mãos o nosso inimigo – disse o filho de Saul, encetando com firmeza a marcha na direção inimiga.

Tão logo Jônatas teve o primeiro filisteu ao alcance de sua espada, atravessou-o sem hesitar. O escudeiro, vindo logo atrás, repetiu o gesto do amo, e logo, tomados cada vez mais por uma força e uma coragem indomáveis, foram abatendo os demais, um a um, até terem morto cerca de vinte filisteus do posto avançado.

Ao mesmo tempo, um grande terremoto sacudiu a terra sob os pés dos inimigos de Israel, infundindo grande pavor às suas hostes.

Então Saul, vendo do seu acampamento que reinava grande confusão entre o inimigo, resolveu reunir os seus homens e ir até lá para tentar um assalto vitorioso. Quando lá chegou teve a grande surpresa de ver que os filisteus fugiam para todos os lados, como que tomados por um grande pavor.

– Vamos cair em cima desta canalha! – disse ele, chamando à luta os seus poucos mas valorosos soldados.

Saul teve seu frágil exército engrossado por muitos israelitas, os quais, tendo inicialmente cometido a torpeza de alistarem-se entre as tropas dos filisteus, agora haviam retornado à companhia dos seus conterrâneos.

Então todos os judeus que haviam fugido para as cavernas retornaram, influídos por um novo ânimo, engrossando cada vez mais os exércitos de Saul, que avançou em cima do inimigo com um furor insaciável.

– Que ninguém coma alimento algum até que tenhamos exterminado com todos estes cães! – disse Saul, decidido a obrigar que o estômago dos hebreus os impelisse a uma vitória mais rápida.

Seu filho Jônatas, no entanto, sem saber da determinação, havia entrado com alguns homens num bosque onde havia mel abundante por toda parte, e comera à vontade do alimento. Todos viram seus olhos brilharem ao provar dos favos, e nem mesmo a reprimenda que sofrera de um seu soldado o levava a arrepender-se do feito.

– Bem fiz eu em comer! – disse ele, com a boca lambuzada. – Se os

soldados tivessem feito o mesmo, comendo dos despojos que tomaram ao inimigo, muito maior ainda teria sido a nossa vitória e a desgraça dos inimigos do Senhor.

Decididamente, desde a criação parecia haver-se entranhado nos genes dos israelitas uma compunção secreta e irresistível para a desobediência.

Animados pela atitude irreverente de Jônatas, os soldados hebreus continuaram a infringir a ordem de Saul, e alimentaram-se das ovelhas, bois e bezerros, sem sequer dessangrá-los, em flagrante infração à lei mosaica.

O rei hebreu ordenou que os hebreus imolassem seus bois e ovelhas num altar que ele erguera especialmente para aquele momento, para que não estivessem mais a ofender ao seu Deus comendo carne com sangue.

No dia seguinte, Saul decidiu consultar a Deus para saber se deveriam prosseguir a perseguir os filisteus até tê-los inteiramente exterminado.

Entretanto, naquele dia o Senhor não respondeu a Saul, senão depois que ele apontou, por meio de um sorteio, que Jônatas era o responsável pelo pecado que se havia cometido contra os céus.

– Jônatas, meu filho, o que foi que você fez para que a cólera de Deus se voltasse contra mim?

– Comi apenas um pouco de mel dos bosques – disse ele, inocentemente.

– Por causa disto deverei, porventura, morrer?

– Sem dúvida alguma, assim será! – disse Saul, transtornado.

Mas o povo revoltou-se ao saber que se pretendia matar a Jônatas, justamente o homem que, influído por Deus, havia dado início à vitória sobre os filisteus.

Saul, impotente diante da vontade do povo, e sentindo-se já abandonado pelo favor divino, deu as costas a todos e decidiu desistir da perseguição aos remanescentes dos filisteus.

As façanhas guerreiras de Saul, porém, não se restringiram a somente mais esta vitória. Saul derrotou ainda aos moabitas, amonitas, edomitas, contra os reis de Soba e novamente os filisteus, pois estes jamais desistiram de importunar aos israelitas.

42. SURGE UM NOVO REI EM ISRAEL

Saul, rei de Israel, enfrentou praticamente todos os inimigos de Israel durante o seu reinado, recebendo sempre de Samuel, o velho profeta, as instruções para sair-se vitorioso – o que equivalia a dizer, dentro da lógica daqueles dias, que as recebia diretamente do próprio deus de Israel.

Certo dia Samuel apresentou-se, então, ao rei hebreu e lhe disse:

– O Senhor seu deus decidiu que é hora de pedir contas aos amalecitas por terem barrado o caminho ao seu povo, quando este fugia das terras do Faraó.

De fato, os amalecitas, ao atacarem os judeus quando estes ainda erravam exaustos pelo deserto, haviam incorrido tão gravemente na cólera divina que o Senhor chegara a mandar registrar que “apagaria a lembrança de Amalec debaixo do céu” (Êx 17.14).

– Vá até Amalec e vote tudo ao interdito divino – disse o profeta, sem pestanejar. – Mate homens, mulheres, velhos, crianças e recém-nascidos, além de todos os bois, ovelhas, camelos e jumentos.

Tendo reunido mais de duzentos mil homens, Saul marchou contra Amalec, como ordenara o Senhor. Antes de atacar a cidade, porém, ordenou aos quenitas – pequena parcela da população de não-amalecitas – que se retirassem da região, pois haviam sido misericordiosos com os israelitas quando estes chegaram do Egito.

Amalec não teve como resistir ao avanço das tropas israelitas e sucumbiu após alguma resistência. Os soldados de Saul invadiram os portões de Amalec e cumpriram rigorosamente a determinação do Senhor, passando a cidade inteira a fio de espada.

Entretanto, o único que não cumpriu com rigor a ordem expressa do Senhor foi justamente Saul, pois decidira poupar, por conta própria, a vida de Agag, rei dos amalecitas, além da melhor parte dos rebanhos, tomando-os para si e seus soldados.

Deus, profundamente irritado, entrou imediatamente em contato com Samuel para condenar a atitude do rei que tão atrevidamente ousara desobedecer aos seus soberanos decretos, como se fora mais rei que o próprio Senhor de Israel.

– Arrependo-me de tê-lo tornado rei – disse Jeová-Deus ao seu sacerdote. Samuel passou a noite intercedendo pelo ungido, mas Deus guardara uma mágoa tão profunda que nem as súplicas ardentes do sacerdote puderam aplacar. Na manhã seguinte, Samuel rumou seus passos para Guilgal, onde estava Saul.

– Fez tudo, então, tal como Deus ordenou? – disse o velho profeta assim que pôs os olhos sobre o seu ungido.

– Sim, apliquei o interdito sobre as terras de Amalec – disse Saul, serenamente, embora o balido próximo de algumas ovelhas tivesse instantaneamente chamado a atenção para o seu pecado.

– Que ruído, então, é este de ovelhas que ouço? – disse Samuel, voltando significativamente a cabeça na direção dos balidos.

– São algumas ovelhas e bois que tomei para oferecê-los em holocausto ao Senhor teu deus – disse Saul.

Por algum engano, talvez, Saul tinha pronunciado “teu deus”, em vez de “nosso deus”, e isto terminou de enfurecer ao velho profeta.

– Por que fez isto? Não tinha ordem expressa de exterminar com tudo quanto caísse em suas mãos, pondo um fim definitivo a este povo de malfeitores?

– Mas fiz exatamente isto! – disse Saul, tentando defender-se. – Passei toda a cidade a fio de espada e trouxe para Israel, além do rei Agag, os despojos todos, para que fossem ofertados em holocausto ao Senhor!

– E o que você acha que Deus mais deseja? Holocaustos e sacrifícios ou a obediência à sua palavra? – rugiu Samuel, com as faces rubras.

Samuel deu uma volta ao redor do rei, que permaneceu de frente erguida, e depois acrescentou, num tom um pouco menos rude – o que, em se tratando de Samuel, era ainda bastante ríspido, pois era tão ou mais inflexível na observância estrita da palavra divina do que o próprio Moisés.

– Saul, quando aprenderá que ao Senhor vale mais a obediência do que a oferta, e a docilidade mais do que a gordura de carneiros? Saiba que a rebelião equivale à prática da magia, e a desobediência à prática da idolatria!

O rei de Israel sentia que aos poucos a força divina que até então estivera ao seu lado o abandonava. Ele podia sentir isto fisicamente, e assim, quando escutou as palavras seguintes de Samuel, compreendeu que para si tudo acabara.

– Porque rejeitou a palavra do Senhor, será agora, também rejeitado por ele. A partir deste instante, Saul, você não é mais rei de Israel.

Saul tentou ainda defender-se, alegando que temera a vontade do povo,

que era tomar para si os despojos.

– Perdoa meu pecado e voltemos juntos para sacrificar ao Senhor! – disse ele, quase implorando.

Samuel, entretanto, não lhe deu ouvidos, e Saul chegou a arrancar-lhe um pedaço do manto quando o velho profeta fizera os primeiros gestos de quem ia retirar-se.

– Da mesma maneira o Senhor retira hoje de você o reinado sobre Israel! – disse o velho, tomando nas mãos o pedaço rasgado do manto.

Ainda assim Saul insistiu tanto para retornar com o sacerdote que ambos voltaram juntos, e foram depois adorar ao Senhor – embora para Saul de nada mais adiantasse.

– Onde está o rei de Amalec? – disse Samuel ao rei deposto.

Saul mandou trazê-lo à sua presença.

Dali a instantes Agag surgiu, trazido por dois guardas hebreus. Despido de suas vestes militares e nobiliárquicas, parecia um homem comum, vestido apenas com a parte inferior do manto. Com as mãos amarradas solidamente às costas, tinha o peito robusto ainda mais dilatado. Gotas de suor e sangue estavam aderidas aos cabelos de seu peito, bem como aos de sua barba, mas por alguns instantes ele pareceu ganhar um novo ânimo, ao ver-se diante da presença do sacerdote. “Sacerdotes, afinal, costumam ser homens piedosos!”, pensou ele, num último fio de esperança.

Então Samuel, um velho que parecia ter readquirido nos últimos tempos todo o vigor da juventude, tomou de uma espada e foi postar-se detrás do miserável Agag, a quem fez ajoelhar-se.

– Assim como sua espada privou muitas mães dos seus filhos, esta espada privará sua mãe do seu filho! – disse o profeta, enrolando nas mãos, com duas voltas, a cabeleira do rei e dando um violento puxão para trás, a fim de expor-lhe o pescoço.

Num golpe rápido, o velho sacerdote seccionou a jugular de Agag, que começou a engasgar-se miseravelmente, ainda de joelhos.

Samuel permaneceu segurando os cabelos de Agag, cujo peito alagava-se do vermelho do seu próprio sangue, enquanto Saul, obrigado a assistir ao espetáculo de algo que ele próprio deveria ter realizado, sentia mais uma vez que seu reinado se acabara para sempre.

Somente depois que o rei amalecita havia deixado de respirar foi que Samuel liberou o seu corpo, que caiu de face sobre o pó melado do seu próprio sangue, num ruído repugnante que lembrava desagradavelmente o de uma saca

de cevada.

Mas a exibição de sagrada ferocidade ainda não se encerrara. Samuel, ajoelhando-se, começou então a estripar metodicamente o corpo do cadáver abatido. Arrancou-lhe, com a ajuda da espada, a cabeça, os braços, as pernas e as próprias vísceras, abandonando depois o corpo esfaçalhado diante de Saul, que não pôde deixar de pasmar para aquele gesto de inaudita ferocidade.

Samuel retirou-se, em seguida, para Ramá, enquanto Saul foi para sua casa em Gabaá – e esta foi a última vez que os dois se viram neste mundo.

Samuel chorou tão amargamente a rejeição de Saul que o próprio Deus resolveu um dia ordenar que o profeta cessasse com tais lamentos:

– Até quando terei de escutar seus lamentos, se fui eu próprio quem o rejeitou como rei de Israel? – disse o Senhor, certo dia, ao velho profeta.

Deus ordenou, então, que o profeta enchesse um chifre inteiro com o óleo da unção e se dirigisse à casa de Jessé, o velho neto de Rute e Booz.

– Já escolhi o sucessor de Saul – disse o Senhor. – Ele sairá da casa de Jessé de Belém.

Samuel, contudo, receava deixar sua casa, pois temia que Saul, descobrindo seu intento, mandasse matá-lo no caminho.

– Leva uma novilha contigo – respondeu o Senhor. – Quando alguém perguntar o que vai fazer em Belém, diga que vai oferecer um sacrifício.

Mas quem verdadeiramente assustou-se com a presença do velho profeta em Belém foram os anciãos que, tão logo o viram chegar aos portões da cidade, correram até ele com as faces pálidas como as suas barbas.

– Vem em paz, Samuel? – disseram todos, com as cabeças encolhidas nos pescoços.

Realmente, o feito violento que Samuel obrara, à vista de todos, com o miserável rei Agag, ainda não desaparecera da lembrança de ninguém.

– Venho em paz – disse ele, com o ar severo. – Vim fazer um sacrifício ao Senhor. Purifiquem-se e venham comigo.

Todos seguiram docilmente o profeta, que foi direto à casa de Jessé. Depois de conversar brevemente com este, deu-lhe a conhecer o motivo da sua visita.

– Deus seja louvado, oh! – disse Jessé, que já era um homem entradíssimo em anos. – Um homem vive quase a roer a corda do tempo, mas é no último fio

que lhe vê acontecer a maior das venturas! Deus seja louvado, oh!

Samuel disse a Jessé que trouxesse, então, todos os seus filhos, pois que faria verter sobre a cabeça de um deles o óleo da unção.

O profeta começou a observar um a um os filhos de Jessé, que estavam lado a lado. O primeiro que viu foi Eliab, o mais alto de todos. Como Saul também era um homem muito alto, Samuel imaginou que ali estava o futuro rei.

– Nada disso – disse-lhe o Senhor, interiormente. – Não se impressione com a aparência nem a estatura. Meu olhar não é o dos homens: enquanto estes vêm a aparência, eu vejo o coração.

Um a um foram sendo analisados os sete filhos de Jessé que ali estavam, e a todos o Senhor deu a sua negativa. Um ar de frustração inundou o rosto do velho, dono da casa, quando o último de seus filhos foi rejeitado pelo Senhor.

– Você ainda tem algum outro filho? – disse Samuel.

Então, como quem se lembra subitamente de uma coisa que não lhe parecera antes tão importante, os olhos de Jessé iluminaram-se.

– Oh, sim, ainda há Davi, o guardador de ovelhas!

Ao mesmo tempo, porém, Jessé não conseguia extrair muitas esperanças deste fato. Que haveria de querer o Senhor com um pastor de ovelhas bronco e franzino, que jamais empunhara uma espada em sua vida?

– Mande-o vir até nós – disse Samuel, laconicamente.

Davi estava apascentando as suas ovelhas quando viu chegar um dos servos da casa, aos brados.

– Davi! Davi! Seu pai manda que venha comigo!

O jovem ergueu sua cabeça, onde esbatiam-se ao vento tufos compridos de um cabelo farto e avermelhado.

Compreendendo pelo tom de voz do servo que era algo realmente fora do normal, Davi abandonou suas amadas ovelhas e foi correndo até a casa, com o cajado na mão.

– Aqui estou, meu pai – disse ele, fazendo também um gesto respeitoso a Samuel.

– Pode ungi-lo, pois é a este que escolhi – disse a voz do Senhor ao profeta.

Samuel aproximou-se do jovem e levou-o para fora da casa, onde derramou sobre a sua cabeça o óleo da eleição.

– Com este sinal declaro que você já é, em espírito, novo rei de Israel – disse o sacerdote, para pasmo do pobre guardador de ovelhas convertido subitamente em rei.

– Mas quem sou eu para ser rei? – disse ele, olhando para os demais como se estivesse imerso num sonho. – Não tenho saber nem virtude para isto.

– O espírito do Senhor o visitará a partir de hoje – disse Samuel, tomando para si a guarda e a instrução do novo pupilo. – Ainda é cedo para que comece a reinar, mas logo será colocado próximo ao rei Saul, para que veja, observe e aprenda.

– Ver, observar e aprender – disse Davi, mentalizando estas três palavras, que por si só eram o resumo de toda a difícil arte de viver.

Havia ainda, é certo, uma terceira e fundamental palavra, que se chamava “aplicar”. Mas para esta, o jovem Davi ainda era demasiado jovem.

43. DAVI E GOLIAS

Davi fora ungido novo rei de Israel, depois que Deus retirara de Saul o seu espírito de unção. Ainda assim, Saul continuara a reinar por algum tempo, enquanto Davi fazia seu aprendizado sob a orientação de Samuel, o profeta de Deus.

Saul, no entanto, não sofrera somente o abandono do espírito do Senhor, como também passara a ser acometido por graves ataques de melancolia, o que foi, paulatinamente, comprometendo a sua própria sanidade mental.

– O espírito da melancolia apossou-se novamente de Saul – diziam, à boca pequena, os anciãos de Israel, pois acreditavam que era Deus quem o enviava.

Então um dos conselheiros de Saul aproximou-se dele e lhe disse:

– O som da cítara é um bom remédio contra o espírito da melancolia. Buscaremos um tocador para acalmar o seu espírito.

Saul, que estava estirado numa espécie de divã, ergueu molemente os olhos empapuçados e disse, num fio rouco de voz:

– Traga até mim o maldito tocador.

Ora, não havendo, então, em todo Israel, melhor tocador de cítara do que o jovem Davi, condutor de ovelhas, foi logo ele convocado a prestar o relevante favor.

– Seus salmos já andam na boca do povo – disse o ancião –, e não há quem não os aprecie acompanhados do som melodioso de sua cítara. Dê este refrigério à alma combalida de Saul e estará agradando não só a ele, como ao Senhor teu deus.

Davi, honrado pela escolha, tomou imediatamente do seu instrumento e foi até o palácio de Saul. Assim que entrou em seus aposentos, entretanto, foi tomado por um forte sentimento de receio. Derreado sobre o divã estava o rei, com a cabeça apoiada numa grande almofada roxa. Apesar de ser ainda dia claro, quase toda fresta por onde a luz pudesse entrar estava vedada, e ele teve de buscar o caminho até o rei quase às apalpadelas.

Assim que Saul percebeu que o jovem estava ao alcance de sua voz, ergueu apenas ligeiramente a cabeça e lhe disse, num rouquejar sinistro:

– É você... o maldito tocador...?

– Sim, venho tocar para o rei, conforme me foi ordenado.

Saul deixou seu braço pender para fora do pequeno leito, como pende o braço de um morto. Apontando debilmente para um assento um pouco afastado de si, indicou que o queria ali, pois seus ouvidos não suportavam a intensidade de qualquer ruído, mesmo o de uma melodiosa cítara.

– Agora, tocador, toca à minha dor – disse ele, cerrando os olhos com tanta prostração como se fosse ingressar nos recessos mais profundos do Xeol.

Davi ajeitou-se na pequena banqueta, acomodando o rústico instrumento sobre a coxa esquerda. Enquanto exercitava os longilíneos dedos, separando-os um a um, para dar-lhes maior elasticidade, Davi observava o ambiente cercado de cortinas escuras. E então descobriu, no meio de todo aquele negror, uma pequenina luz a tremeluzir no pavio curto de uma lamparina. Afastada do leito do rei doente, aquele brilhaçozinho tênue era tudo quanto havia ali para alegrar o ambiente – pois Saul, há muito tempo, não era mais homem para alegrias.

Psicólogo hábil, Davi era inteligente e sensível o bastante para perceber que aos tristes não se deve aplicar, de saída, o específico violento da euforia, mas antes o cautério amargo da catarse.

“Ao triste deve-se entristecer ainda mais, para que então, exausto da tristeza, anseie por uma fagulha de alegria”, pensava ele de uma maneira intuitiva, pois ainda não tinha idade ou presunção bastantes para fabricar sentenças.

Davi começou sua peça fazendo uma pequena introdução, retirando das cordas muito esticadas, um a um, sons que pareciam pequeninas gotas vítreas de um bálsamo mágico e misterioso. De uma originalidade magnífica, aquelas notas lindamente tristes impressionavam à alma, pois quando surgiam pareciam absolutamente inesperadas, sem que se pudesse imaginar o que se seguiria a elas. Surgindo, no entanto, as seguintes, percebia-se que todas iam integrar-se num mesmo conjunto harmonioso, que a falta de uma única delas teria feito desmoronar inteiramente.

Saul escutou estas primeiras notas – lentas e espaçadas, que ficavam ainda um bom tempo a flutuar no ar antes que as seguintes se sucedessem – quase com o mesmo aspecto com o qual Davi o deixara em seu leito. Os olhos cerrados não faziam o menor movimento sob as pálpebras cerradas, mas sua respiração, aos poucos, ia ganhando uma regularidade que não era mais a regularidade da prostração, senão a de um prenúncio esperançoso de paz – e mesmo de harmonia.

“Graças a Deus, não é um tolo”, pensava Saul, aliviado, pois o tocador não tentara expulsar-lhe da alma a tristeza com uma alegria vulgar.

Finda a introdução, Davi fez então uma pequena pausa e começou a cantar, numa voz que rivalizava com a do próprio instrumento, como se dedos divinamente invisíveis estivessem também a dedilhar suas afinadíssimas cordas vocais.

– Até quando, Senhor, me esquecerás? Até quando me ocultarás o teu rosto? Até quando experimentarei aflições em minha alma e tristeza no coração a toda hora?

Um ligeiro tremor sacudiu as pálpebras cerradas do rei abatido ao escutar as últimas e reverberantes palavras. Davi, como se soubesse da importância e da necessidade de prolongar a força delas, fez uma pausa providencial nos versos, tocando de novo o seu instrumento, como se tecesse delicados arabescos ao redor das palavras ainda reverberantes.

Davi recomeçou a entoar, depois da ligeira pausa, os versos do seu poema, que evoluíram aos poucos para um desfecho que prenunciava uma esperança concreta de vitória e superação – tudo dentro daquele mesmo ritmo pausado, no qual a melancolia era forçada a espremer até a última gota do seu veneno.

E, fosse por causa de sua progressiva acomodação visual, ou por efeito da purificação do ambiente do espírito deletério que obsedava ao seu rei, o fato é que a luzinha, que antes lhe parecera de uma vibração tão tênue, fora, aos poucos, ganhando uma reverberação maior, de tal sorte que quando Davi terminou sua canção com os versos que diziam “Mas eu confiei na tua misericórdia. Alegre-se meu coração na tua salvação e cante ao Senhor, pelo bem que me fez!”, achou toda a peça admiravelmente iluminada – não de uma luz fosfórea e solar, mas suave como a de uma lua velada por uma gaze muito fina.

Davi percebeu, graças a esta luz diáfana, que uma gota de lágrima escapava furtivamente dos olhos sempre cerrados do rei doente e que sua respiração ganhara um ligeiro estímulo, como se algo da vontade de viver houvesse finalmente retornado à sua alma. O espírito da melancolia, exausto de agir, havia se retirado com as vestes inundadas do seu próprio veneno, deixando por algumas horas a sua presa livre do seu abraço pegajoso e abafado.

Sem abrir os olhos, Saul disse, então, com uma voz muito calma:

– A partir de hoje, em nome do Senhor, você fica sendo meu escudeiro.

Ao mesmo tempo, seu braço ergueu-se com a energia dos que ressuscitam e apontou virilmente a saída, pois não queria que o jovem tocador de cítara percebesse em seus olhos o quanto sua música havia tocado e reconfortado a sua

dor.

Mais uma vez os filisteus haviam se levantado em armas para atacar Israel. Desta vez, postados em Soco de Judá, estiveram dias ali a provocar e a ameaçar as hostes de Israel, sem que ninguém se decidisse a começar o conflito.

Desta feita os filisteus, decididos a mudar de tática, haviam apelado para o recurso do “duelo de campeões”, modalidade antiga de enfrentamento que se limitava a pôr os dois homens mais fortes de cada lado num duelo sangrento. A nação à qual pertencesse o vencedor seria também declarada a vencedora do conflito, evitando-se, assim, a perda desnecessária de homens em conflitos que muitas vezes podiam pôr em risco a própria sobrevivência humana destes grupos.

Um dia, pois, destacou-se da multidão dos soldados filisteus um gigante de prodigiosa estatura, o qual, metido dentro de uma faiscante armadura de bronze, trazia ainda à cabeça um enorme capacete enfeitado por uma crina negra e esvoaçante.

– A que vem aquela torre? – disse um dos soldados hebreus, que imaginara ver à distância não uma figura humana, mas algum traiçoeiro engenho de guerra.

Mas logo sua confusão transformou-se em assombro ao perceber nitidamente que a torre tinha duas pernas, revestidas de duas sólidas perneiras de bronze, e que esta criatura sinistra movia-se livremente a seu talante.

Apesar de toda a distância, pôde-se ouvir perfeitamente – e houve mesmo quem afirmasse sentir sob os próprios pés – o ruído da lança enorme que o gigante fez vibrar sobre a terra repetidas vezes, para chamar a atenção sobre si.

Pondo em seguida as duas mãos enormes e espalmadas próximas das orelhas, à laia de viseiras, o gigante deu então um berro fenomenal, que teria feito inveja ao mitológico Estentor, cujo grito atroador, dizia-se, era capaz de sobrepor-se ao retinir conjunto de um milhão de espadas e escudos.

– Há aí, entre os escravos de Saul, alguém corajoso e forte o bastante para vir enfrentar a Golias, o mais forte de todos os homens que já andaram sobre a terra? Escolham um dentre vocês para que duelemos até a morte!

Saul, liberto momentaneamente da sua doença, estava entre os hebreus, do outro lado, e sentiu-se igualmente intimidado pelas ameaças do atrevido gigante. Um silêncio constrangido desceu sobre as suas tropas. Parecia não haver

ninguém capaz de honrar, ao menos, o nome de Israel, entregando-se ao sacrifício de um duelo cujo resultado era muito fácil de prognosticar.

As ameaças repetiram-se regularmente, todas as manhãs, por cerca de quarenta dias, até que Davi, encarregado de levar provisões ao acampamento dos israelitas, acabou um dia por escutar com seus próprios ouvidos os deboches que Golias arremessava com uma impudência cada vez maior aos exércitos de Israel.

– Vão ou não mandar alguém para me enfrentar? – berrou o gigante, naquele dia. – Ou terei de ir eu mesmo aí para pôr saias e brincos em cada um de vocês, mariolas de Saul?

Davi sentiu um vermelhidão tornar suas faces da mesma cor do seu cabelo ruivo.

– Como permitem que este atrevido lhes diga tais coisas dia após dia, sem nada responder? – disse ele, furioso, a uns soldados.

– Ora, cale a boca, moleque! – disse um, mais nervoso. – Por que não vai você com seu bastãozinho de guiar ovelhas enfrentá-lo?

Os soldados ao redor caíram no riso, mas isto foi o mesmo que deitar palha à fogueira, pois Davi ficou tão enfurecido que deu um grande grito:

– Pois bem, eu o enfrentarei!

Naturalmente que ninguém lhe deu crédito, mas Davi tanto andou por toda parte, repetindo que iria, deveras, enfrentar Golias, que a coisa acabou chegando aos ouvidos de Saul.

– Tragam Davi até a minha tenda – disse ele, curioso para saber o que o jovem tocador de cítara andava aprontando.

Assim que Davi se viu diante de Saul, repetiu suas palavras.

– Deixe-me enfrentar o gigante!

– Vamos, deixe de bobagem – disse Saul, impaciente. – Você não pode com ele.

– Posso sim! – exclamou Davi. – Como pastor enfrentei e matei vários leões e ursos que se atreveram a atacar as ovelhas de meu pai.

– Oh, temos um novo Sansão? – disse Saul, divertido, a observar as formas franzinas do jovem matador de feras.

Davi, entretanto, assumiu um ar tão sério que suas últimas palavras calaram fundo na alma de Saul.

– O Senhor me livrou das garras do leão e do urso. Me salvará também das mãos deste filisteu.

Saul sabia, mais do que ninguém, o quanto podia um homem insuflado por aquela força avassaladora que um dia também já percorrera seus nervos e

tendões. “Há algo aqui!”, pensou ele, ao mesmo tempo animado e preocupado, pois desconfiava de que, pelas suas costas, já estava sendo urdida a trama de sua sucessão – uma sucessão em vida, o que representava a mais infamante das destituições.

Um misto de admiração e receio começou a crescer em seu coração com relação àquele jovem audaz, e por isto Saul decidiu que Davi iria enfrentar Golias.

“Qualquer que seja o resultado, estarei livre de uma ameaça”, pensou ele, pois intimamente já começara a desejar a morte do antigo protegido.

– Está bem, você enfrentará a Golias – disse, solenemente.

Davi caiu literalmente das nuvens. Seus olhos irradiavam um brilho extraordinário quando fez as vênias ao seu rei, antes de partir para o desafio.

Antes que saísse, porém, foi detido pela voz de Saul, pois este, tomado por um remorso – que poderíamos chamar de premonitório –, decidira que não podia deixar o jovem ir ao encontro do gigante totalmente desprotegido.

Tomando, então, de sua própria armadura, Saul revestiu o jovem com sua couraça, além de lhe pôr na cabeça seu elmo de bronze.

– Pronto, agora vai e que Deus esteja contigo – disse Saul, que obrara aqui com a melhor das intenções.

Para Davi, no entanto, aquela armadura e aquele capacete pesadíssimos representavam a sua derrota antecipada. Desajeitado, enrolou-se logo com as perneiras metálicas e foi ao chão, num tombo patético que arrancou risos de todos.

– Tirem isto de cima de mim! – disse ele, pedalando desesperadamente o ar, como uma tartaruga virada.

Vestido outra vez apenas com seu fino manto, e tendo todos os membros livres, Davi vasculhou o chão ao redor de um córrego que havia ali perto até encontrar cinco pedras bem lisas, as quais guardou no seu bernal de pastor.

Depois de se certificar que a sua velha funda também estava ali bem abrigada, Davi partiu finalmente para enfrentar Golias, o terror filisteu, sob o olhar de desmedido espanto de todo o exército dos israelitas.

Enquanto caminhava na direção das tropas filistéias, deixando para trás o sol que recém nascia e as fileiras expectantes dos seus companheiros perfeitamente imóveis, Davi sentia agitar-se todo o seu ser, em espasmos que lhe

repuxavam todos os músculos do corpo. Todas as vacilações humanas, incluindo-se o medo, o assaltaram num único ataque, pois, apesar de sentir que tinha pousada sobre si a mão de Deus – entendendo-se este fenômeno como melhor se queira –, Davi sabia que continuava a ser um ser humano como outro qualquer e que raio miraculoso algum desceria dos céus para fazer aquilo que cabia a ele próprio realizar.

Depois de caminhar um bom trecho, Davi parou, tendo à frente milhares de filisteus, que o observavam com desdém. Na certa imaginavam ser o frangote um mero leva-e-traz, trazendo alguma mensagem de seu pérfido rei.

– Alto lá, rapaz! – bradou um sentinela. – Diga o que quer e desapareça!

Davi gostou que o ofendessem, pois isto lhe trazia brio aos nervos.

– Vim para enfrentar Golias – disse o jovem, com um ligeiro tremor na voz.

E então descobriu que o simples fato de enunciar aquilo que era a razão suprema do seu medo o havia feito acalmar-se miraculosamente. Seu estômago, de fato, cessara de revolver-se, livrando-o da pior das possibilidades: o vexame infamante.

O sentinela ficou observando-o com um olhar onde errava a dúvida envolta com a impaciência. Por fim esta triunfou e ele assumiu um aspecto de pura raiva.

– Ora, dê o fora, idiota...!

– Idiota é você, seu verme, se não consegue compreender o que eu disse – disse Davi, pois sentira um súbito desprezo por aquele subalterno medíocre.

– O que foi que disse? – gritou o guarda, sacando imediatamente a espada.

– Não vim lutar com você – disse Davi, num tom tão firme que fez o outro adquirir uma consciência inexplicável da infinita distância que os separava.

– Chame logo Golias, pois é a ele que vim matar – completou Davi.

O soldado arreganhou o lábio direito, numa desafronta simbólica à sua honra espezinhada, enquanto movia o rosto na direção do acampamento, porém sem jamais desgrudar os olhos do jovem e atrevido hebreu.

– Chamem Golias! – disse o soldado, com energia.

O filisteu não era tão burro, afinal, para não perceber que aquele jovem estava inflamado por um sentimento ou poder que extrapolava ao normal. Impelido por esta sensação, ele começou a afastar-se de Davi até que o surgimento da figura colossal do gigante fez com que sua pobre figura se desvanecesse para sempre.

O gigante aparecera pela primeira vez sem armadura. Quase inteiramente despido, à exceção de um saiote que trazia preso à cintura, Golias demonstrava ser, de fato, um ser prodigiosamente forte. Sua musculatura, ainda gotejante da água que vertera por cima, luzia como os músculos de um lutador grego.

Davi teve de erguer muito a cabeça – apesar de estar ainda a uma razoável distância – para poder fixar as vistas nos olhos daquele verdadeiro monstro.

– O que quer, cabritinho hebreu? – disse Golias, num ronco gutural.

– Quero duelar com você – respondeu Davi, serenamente.

Golias, que estava ainda a enxugar-se com um trapo, teve de suspender sua higiene pessoal para ver se entendera direito.

– Duelar comigo...?

– Sim, sou o homem que o Deus de Israel escolheu para matá-lo.

Decididamente o gigante não tinha paciência para graças. Em vez de tentar convencer o frágil rival a voltar para casa, dirigiu os passos para a sua tenda e retornou de lá, em poucos minutos, aparelhado dos pés a cabeça para o embate.

– Se pensa que vou hesitar em esmagar um judeuzinho ladrão de terras, por mais fraco que seja, está muito enganado – disse o gigante.

Davi não conseguiu enxergar nada além de uma grande mancha ofuscante que quase o cegou, pois o sol, incidindo a partir de suas costas, refletia intensamente os seus raios sobre a couraça e o elmo do gigante postado à sua frente.

Caminhando numa direção em que pudesse enxergar o seu rival sem perder ao mesmo tempo a visão, Davi sentiu que uma nova desvantagem acrescera-se a todas as outras. Mas nem por isto esmoreceu.

“A maior das vantagens tenho eu”, pensou ele, empunhando seu frágil cajado.

Logo a torre de fogo de três metros de altura começou a avançar sobre si. Davi podia sentir os passos do gigante reverberarem sob os seus próprios pés.

– Sou um cão para que tente me correr a pauladas? – disse o gigante, verdadeiramente afrontado, ao ver que Davi empunhara com firmeza o seu bordão.

Golias suspendeu no ar uma lança enorme de bronze, cuja haste era grossa como um cilindro de tear, procurando mirar no adversário.

Entretanto, se Davi tinha a desvantagem de encarar o reflexo do sol na armadura de Golias, este tinha o próprio sol pela frente, e assim as coisas ficaram mais ou menos parelhas – se podia-se dizer tal coisa daquele confronto.

O gigante arremessou finalmente a lança, que zuniu no ar como um raio de ferro. Davi, que só pôde ver direito a haste no último instante, desviou-se num mergulho, lançando-se ao chão. Ainda estirado sobre o pó, o jovem regozijou-se por ver que a lança lhe passara ao lado, sem lhe causar dano algum. Entretanto, teve sua alegria muito diminuída ao ver que seu bernal se abrira, espalhando no chão as pedras que ele juntara.

Apalpando sofregamente o bernal, Davi descobriu, no entanto, que ainda restara, bem no fundo, não só uma das pedras, como a maior delas.

– Maldito, vou dar seus restos às aves do céu e às feras da terra! – rugiu Golias.

Davi pegou rapidamente a pedra e encaixou-a no resistente pedaço de couro da sua funda, enquanto o gigante brandia a espada, vindo rapidamente em sua direção.

– Pode vir com suas lanças e espadas, que eu tenho por mim o Senhor! – disse Davi, ao ver crescer sobre si o grande penacho negro do capacete do gigante.

Espichando bem as cordas da funda, Davi ergueu o braço direito e começou a imprimir um movimento veloz ao seu pulso experimentado – e não ao braço, como faria um arremessador inexperiente –, aumentando tão intensamente a rotação que o vento produzido pela primitiva lançadeira fazia sua cabeleira ruiva esbater-se no ar, como se estivesse sob a fúria de um vendaval.

Davi esperou que o gigante avançasse mais um pouco – pois sabia que tinha uma única chance de acertar a testa do seu adversário, prostrando-o morto por terra –, e somente quando sentiu finalmente que era o momento exato de efetuar o disparo, soltou uma das cordas de seus dedos, liberando o projétil.

Uma pedra bem arremessada – como certamente era o caso daquela – podia alcançar a surpreendente velocidade de 150 quilômetros por hora, e foi assim que, fendendo os ares, a pedra foi alcançar o rosto de Golias numa fração de segundo, esmagando sua testa e deixando nela enterrada, como um diadema, a pedra redonda.

Com o impacto do projétil, Golias teve sua cabeça impelida para trás, fazendo com que seu capacete fosse cuspidor para longe. Ainda de pé, o gigante deu dois passos para trás, e depois, contrariando todas as expectativas, inclinou-se para a frente, despencando para o chão como uma torre que desaba inteira.

Um tremor violento fez com que o próprio Davi perdesse o equilíbrio, antes que pudesse correr até o gigante abatido.

Um silêncio de morte envolvia os dois exércitos, que acompanhavam

estupefatos ao inacreditável desenlace.

– Davi derrotou o gigante! – disse, finalmente, uma voz, que parecia descida do próprio céu.

Antes que os filisteus pudessem ter qualquer reação, Davi tomou da espada de Golias e começou literalmente a serrar o pescoço dele, enquanto observava os olhos vidrados e melados de sangue do gigante mirando o vazio.

Mas foi somente quando Davi tomou nas mãos a cabeça decepada do gigante e a exibiu para os inimigos de Deus foi que os filisteus compreenderam que uma força suprema devia ter guiado o braço do campeão dos hebreus.

Neste mesmo instante, começou uma debandada total das hostes de Golias, a qual Saul, ainda no comando de suas tropas, não desperdiçou.

– Persigam-nos e os exterminem! – disse ele, empunhando sua espada.

Os israelitas começaram, então, a correr atrás dos filisteus, dando-se início a mais um dos tantos triunfos militares de que o livro sagrado dos hebreus está repleto.

E esta foi a primeira vitória das muitas que Davi experimentaria em sua longa e atribulada vida.

44. A IRA DE SAUL

Depois de ter morto o gigante Golias, Davi foi apresentar-se no palácio a Saul, rei de Israel, para receber os cumprimentos.

– De quem você é filho? – disse Saul, pois, apesar de mantê-lo na condição de escudeiro, quase nada mais sabia a seu respeito.

– Sou filho de Jessé, pastor de Belém – disse o jovem Davi, de cabeça erguida.

Saul decidiu que Davi não sairia mais de perto de si, pois além de hábil guerreiro era-lhe também muito útil com sua música nas suas crises agudas de melancolia.

Ora, ali estava também, naquele mesmo instante, Jônatas, o filho de Saul, que ao ver diante de si a figura do famoso matador de gigantes, encantou-se por ele.

– Eu sou Jônatas, filho do rei – disse ele, com o coração aos pulos.

Davi também simpatizou imediatamente com o jovem, e logo ambos selaram um pacto de lealdade. Jônatas, que desde este momento amou a Davi como a si mesmo, tirou seu manto e deu-o a Davi, além de suas armas e seu cinturão, como penhor do pacto que o filho da casa de Saul estabelecera com o ungido do Senhor.

– De hoje em diante seremos fiéis um ao outro – disse Jônatas, abraçando-se fraternalmente com o jovem triunfador.

Davi foi nomeado chefe dos guerreiros e desde então participou de muitas campanhas vitoriosas, aumentando a fama do seu nome por todo o Israel.

Num destes regressos, Saul, bem como seu chefe de armas, foram recebidos, como de costume, por grande cortejo popular. O rei israelita, seguindo à frente, tinha sempre nestes triunfos um refrigério à sua melancolia, e gostava de saboreá-los até a última gota.

“Ainda sou rei, em que pese as palavras de Samuel!”, pensava ele, lembrando-se da destituição simbólica que sofrera pela boca do velho profeta.

(Saul havia infringido a vontade do Senhor, quebrando o pacto feito entre ambos por ocasião de sua unção.) Neste dia, porém, estava reservada a si uma terrível decepção, pois logo após a sua passagem teve de escutar, vindo da boca

do povo, este odioso refrão: “Saul matou mil, mas Davi matou dez mil!”

Uma desfeita pública! Seu feito era citado apenas para servir de escada ao feito dez vezes maior de um subalterno. Que rei poderia suportar friamente tal injúria?

Desde este dia Saul tomou-se de um ódio mortal pelo jovem comandante. “Logo quererão transformá-lo em rei!”, pensou, vendo ressurgir diante de si o espectro infamante da destituição.

Naquela mesma noite, Saul foi tomado pelo espírito da melancolia, que o envolveu num abraço opressivo como o de um enorme urso marrom e encharcado.

Os conselheiros do rei, sabendo que Saul era vítima de um novo acesso, correram logo a chamar Davi para que fosse expulsar a tristeza da alma do soberano.

Davi sentou-se no mesmo lugar de sempre e começou a dedilhar a sua cítara, sem perceber que desta vez seu canto, em vez de transformar o espírito de melancolia em espírito de paz, o transformava cada vez mais num espírito de ódio.

“Desgraçado!”, pensava Saul, deitado, enterrando as unhas nas palmas das mãos.

Então, a certa altura, Saul abriu os olhos raiados de sangue e avistou, bem ao lado do divã no qual estava estirado, a sua grande lança. Num pulo, o rei ficou em pé, e tomando do temível dardo, arremessou-o num impulso cego contra Davi.

– Vou cravá-lo contra a parede! – disse o rei, tomado pelo delírio.

Davi, num ímpeto veloz, conseguiu desviar-se a tempo, enquanto a lança ficara cravada na parede, reverberando sinistramente.

Imediatamente o jovem deixou os aposentos, relatando o ocorrido aos guardas do palácio, dando a certeza a todos de que o rei enlouquecia progressivamente.

Saul, decidido a dar um fim em seu rival, decidiu enviá-lo em todas as expedições contra os inimigos de Israel, certo de que iria perecer em alguma escaramuça.

Porém, esta era uma artimanha perigosa, pois ao falhar poderia trazer, em vez do fim do rival, uma elevação ainda maior. E foi o que ocorreu. Davi saiu-se vitorioso em todos os confrontos, retornando sempre sob a aclamação do povo.

Saul, jogado sobre o divã e com as duas mãos pressionando inutilmente as orelhas, era obrigado a escutar as detestáveis e repetidas ovações da plebe: “Saul

matou mil, mas Davi matou cem mil!”

“Se continuar assim, matará um milhão sem sofrer um arranhão!”, pensou Saul, decidido a encontrar uma outra e melhor tática.

“Uma mulher!”, pensou o rei, lembrando-se, num repente, de Eva e Dalila. “Nada como uma pérfida mulher para liquidar com um homem ingenuamente vaidoso!”

– Chame Merab, minha filha mais velha! – disse o rei ao criado mais próximo.

Merab, que detestava ser chamada de filha mais velha, logo surgiu diante dele.

– Sim, meu pai? – disse ela, uma jovem nem bela nem feia.

– Prepare-se, minha filha, para casar-se com o homem mais cobiçado de Israel – disse Saul, no estilo sadio e franco dos dementes.

No mesmo dia, Davi foi chamado à presença do rei. Junto dele estava a radiante Merab.

– Aqui está minha filha mais velha – disse Saul, apontando para Merab. – Ela será sua, caso prossiga a defender Israel, com o mesmo denodo, dos seus piores inimigos.

“Que não a minha, mas a mãos dos filisteus acabe contigo!”, pensava Saul.

Mas Davi desconfiava de que Saul queria dar-lhe uma espiã em vez de uma esposa, e por isto declinou gentilmente do convite.

– Quem sou eu, filho de um pastor, sem qualquer nobreza ou estirpe, para casar-me com a filha mais velha do rei? – disse ele, esfarrapando uma desculpa e desaparecendo logo em seguida.

Saul rilhou os dentes, sem voltar os olhos para a pobre Merab desprezada. Mas Saul não desistia, e mandou chamar Davi outra vez.

“Merab não era nenhuma beldade, mas com Micol será diferente!”, pensou ele, pois a jovem Micol, além de bela, simpática, magra e alta, para combinar perfeitamente com o jovem Davi, que também era tudo isto, era sua filha mais nova.

– Aqui está Micol, minha filha mais nova – disse Saul. – Ela é sua, desde que honre para sempre a espada de Israel nos campos do Senhor.

Desta vez Saul trazia um olhar tão severo no rosto – além de ter espalhado alguns soldados armados dos pés a cabeça por todo o salão – que Davi não encontrou forças para rejeitar a oferta.

– Como dote quero apenas o prepúcio de cem filisteus – disse o rei, que

parecia ter perdido de novo o juízo.

“Cem prepúcios de filisteus!”, pensou Davi.

Saul pretendia converter à força os filisteus, circuncidando-os contra a vontade deles?

– Quero os prepúcios de cem filisteus mortos – disse ele, esclarecendo, pois pretendia vingar-se de seus inimigos.

Mas o que o rei queria mesmo era ver Davi perecer nas mãos dos arquiinimigos de Israel. Micol, sua amada filha, seria apenas o instrumento da traição.

Davi casou-se, afinal, com o instrumento da traição, como queria o rei, e foi pelejar novamente contra os odiosos filisteus.

Nada, porém, feria ou derrubava o ungido do Senhor, razão pela qual Saul encheu-se novamente de um misto de raiva e temor.

“Segredarei a Jônatas meus pérfidos intentos”, pensou Saul, sem saber que Jônatas amava a Davi como a si próprio.

– Não faça isto, meu pai! – disse Jônatas, alarmado. – Por que iria matar um homem que, além de ser seu genro, trouxe a honra para Israel ao derrotar o campeão dos filisteus?

Saul pesou os argumentos do filho e arrependeu-se de sua perfídia.

– Você está certo – disse ele, constrangido. – Pela vida do Senhor, que Davi não será morto!

Entretanto, Saul foi acometido novamente pelo espírito da melancolia, e novamente repetiu-se a cena de Saul derreado ao leito, de Davi tocando a cítara, de Saul irado tomando a lança, de Saul arremessando a lança e gritando ao mesmo tempo “Vou cravá-lo contra a parede!”, de Davi esquivando-se à lança e da lança ficando a trepidar sinistramente encravada à parede.

Davi fugiu a toda brida do palácio e foi buscar refúgio nos braços cálidos de Micol. Esta, entretanto, sabendo que emissários do pai viriam pela manhã testar o fio de suas espadas na garganta do esposo, decidiu alertá-lo, pois amava-o perdidamente.

Enquanto Davi fugia pelo mato, Micol tomou da estátua de um ídolo pagão (que ninguém pode imaginar o que estivesse fazendo na casa da filha do rei de Israel e do seu esposo ungido pelo Senhor) e, depois de envolvê-la numa pele de cabra, deitou-a no leito onde ambos repousavam, cobrindo-a até a orelha com o cobertor do casal.

“Os idiotas não vão perceber nunca a diferença!”, pensou ela, vaidosa do ardil.

Na manhã seguinte, os emissários do seu pai vieram, de fato.

– Viemos matar Davi – disse um deles, baixinho.

– Oh, hoje não será possível, pois ele está doente – disse Micol.

– Está bem – disse ele, gentilmente. – Quando ele melhorar voltaremos para matá-lo.

No dia seguinte, os soldados retornaram.

– Viemos matar Davi – disse o líder.

– Oh, ele ainda está de cama – disse Micol, tentando renovar o embuste.

Desta vez, porém, o stratagema falhou, pois o soldado retrucou violentamente:

– Não queremos saber; traga-o com cama e tudo!

Então eles invadiram o quarto de Davi e encontraram no leito a estátua envolta na pele de cabra. Um deles, sem perceber direito o truque, meteu a espada na garganta da estátua, mas esta resistiu ao golpe.

Por alguns instantes Micol chegou a pensar a levar a mentira adiante, dizendo que Davi havia morrido e que estava já em estado de rigidez cadavérica, mas teve seus planos interrompidos pelo grito do chefe dos soldados.

– Fomos enganados! Levemos a filha de Saul para que explique sua traição.

Micol viu-se frente a frente com o pai, que censurou asperamente sua conduta.

– Por que traiu minha confiança, deixando que meu inimigo escapasse?

Micol, que era fiel ao seu amor, porém ainda mais à sua pele, respondeu:

– Ele ameaçou matar-me caso tentasse impedir sua fuga.

Desde este dia Davi tornou-se um foragido em Israel.

Davi, depois da fuga precipitada de sua casa, dirigiu-se a Ramá, onde esperava encontrar Samuel, o velho e venerando profeta do Senhor, que ainda estava vivo.

– Davi, que faz por aqui? – disse Samuel, que, apesar de profeta, não era obrigado a saber de tudo.

– Estou fugindo de Saul – disse Davi, enxugando o suor que lhe empastava os cabelos na testa. – Creio que o rei de Israel enlouqueceu de vez e vê em mim um inimigo que pretende roubar-lhe a coroa.

Depois de terem uma longa conversa, ambos partiram para Naiot, uma

localidade nas vizinhanças de Ramá onde havia uma comunidade de profetas.

Saul, porém, descobriu que Davi lá estava e mandou emissários até Naiot, para prenderem-no. Mas, ao entrarem na cidade, depararam-se com o grupo de profetas, mergulhados num transe profundo. Imediatamente os emissários também foram tomados pelo espírito de Deus e começaram a profetizar, esquecidos de sua missão.

Quando Saul descobriu o que acontecera, mandou novos emissários. Estes, entretanto, caíram também no mesmo transe.

– Ora, mas o que é isto? – disse o rei, perdendo as estribeiras.

Saul, então, decidiu ir pessoalmente até Naiot para ver o que estava acontecendo.

Tão logo colocara seus pés nos limites da cidade, também foi tomado pelo transe misterioso até ver-se diante de Samuel, que oficiava um culto junto com os demais sacerdotes. Completamente tomado pelo espírito de Deus, Saul despiu, então, as suas vestes, diante de Samuel, e as entregou ao profeta, como que a simbolizar que entregava seu poder temporal ao poder maior do Senhor de Israel.

Durante o dia e a noite Saul jazeu nu e prostrado à frente de Samuel, enquanto Davi deu um jeito de escapar da cidade e ir procurar Jônatas, que amava a ele como a si próprio.

– Por que seu pai tenta matar-me? – disse Davi, tomado pela mágoa. – Que mal fiz a ele, afinal?

– Não é possível! – disse Jônatas, incrédulo.

– É sim – disse Davi, revoltado. – Seu pai esconde isto de você, pois sabe que somos amigos íntimos! Mas eu lhe juro, Jônatas, que estou a um passo da morte!

Então Davi pediu a Jônatas que lhe fizesse o favor de descobrir quais eram os planos de Saul para com ele, Davi, e que o avisasse o mais rápido possível.

– Deixe comigo, meu amigo – disse Jônatas, renovando sua aliança com Davi.

No dia seguinte, houve o grande jantar da lua nova no palácio de Saul, que era um antigo costume. O rei tomou seu lugar, enquanto Jônatas fazia o mesmo. A cadeira reservada a Davi, no entanto, permaneceu vazia. Saul percebeu, mas nada disse.

No dia seguinte – o segundo da lua nova –, repetiu-se o jantar e nada de Davi. Desta vez Saul encheu-se de ira e esbravejou, furibundo: – Onde está

Davi, que não veio nem ontem nem hoje?

– Ele pediu-me licença para ir a Belém, pois participaria lá de um sacrifício em honra da sua família – disse Jônatas.

– Filho de uma perdida! – rugiu Saul, fuzilando um olhar de ódio na direção do filho. – Pensa que não sei, então, que está protegendo o filho de Jessé, para vergonha sua e da nudez de sua mãe? e descarregou sobre o filho toda a sua bôlris acumulada.

– Imbecil! – disse ele, pondo-se em pé como que impelido por uma mola. – Não percebe que enquanto este vilão estiver vivo não estaremos em segurança, nem nós nem o reino que pretendo legar a você?

Jônatas baixou a cabeça, esperando que a coisa ficasse por ali. Mas Saul quis que a coisa fosse ainda muito adiante.

– Vamos, levanta daí e vai buscar o ladrão, pois ele é réu de morte em meu reino!

Então Jônatas finalmente revoltou-se e resolveu fazer frente à tirania do pai.

– O que fez Davi, afinal, para merecer a morte? – perguntou, com a voz trêmula.

Ofendido mortalmente pela afronta do filho, Saul tomou de sua lança, e antes que o pai resolvesse cravá-lo também contra a parede, Jônatas levantou-se da mesa sem tocar na sua comida.

“Agora tenho a certeza de que meu pai deseja mesmo a morte de Davi!”, pensou o filho de Saul, deixando o palácio e indo procurar a toda pressa aquele que ele amava tanto como a si próprio.

Jônatas levou consigo um menino, pois tinha combinado que iria lançar três flechas no campo onde Davi estava escondido, como se estivessem treinando a pontaria. Caso ele dissesse ao menino, que teria a missão de juntar as flechas, “Vai, as flechas estão atrás de você!”, isto significaria que estaria tudo bem e Davi não corria risco algum. Caso, porém, dissesse ao menino: “Vai, as flechas estão à sua frente!”, então é porque Davi deveria partir de uma vez para o exílio, pois sua vida corria grave risco.

Jônatas disparou as flechas e disse ao menino:

– Vai, as flechas estão à sua frente!

Davi compreendera tudo, oculto atrás de uma pedra.

Jônatas dispensou o garoto, e então Davi saiu do seu esconderijo e foi prostrar-se diante do amigo, que ele também passou, verdadeiramente, a amar como a si mesmo.

Os dois abraçaram-se e choraram juntos, até que Jônatas, um pouco mais sereno, disse, enfim, ao amigo: – Vai em paz, pois nosso pacto será para sempre indestrutível.

Davi partiu com o coração amargurado. Sabia que apesar de ter sido ungido pelas mãos de Samuel, em nome do Senhor, não passava agora de um mísero proscrito.

45. DAVI E ABIGAIL

Depois de ter sido ameaçado de morte pelo rei Saul, Davi fugiu da sua presença e rumou seus passos para Nob, onde foi buscar refúgio junto ao sacerdote Aquimelec.

– O que está fazendo aqui sozinho? – perguntou o sacerdote.

– O rei mandou-me em missão secreta junto com alguns companheiros – disse Davi, improvisando uma história qualquer. – Por favor, dê-me alguns pães ou qualquer outra coisa.

Na verdade Davi, tendo formado um bando, errava pelas montanhas como um verdadeiro fora-da-lei.

– Pão normal não tenho, mas somente pão consagrado – disse Aquimelec.

– Se vocês estiverem puros do contato com as mulheres, posso ceder-lhes alguns.

– Faz mais de dois dias que não conhecemos mulher – disse Davi, louco de fome.

O sacerdote trouxe então o pão, que ele e seus homens comeram avidamente. Mas um fugitivo nunca come sem estar já com a mente a planejar o próximo passo da sua fuga, e por isto Davi tratou logo de perguntar ao velho se ele tinha alguma arma para lhe ceder.

– Imagine! – disse Davi, com a boca cheia de farelos do pão consagrado.

– Saímos tão apressadamente que esquecemos até nossas armas!

– Arma? – disse o velho, meio surpreso.

– Sim, algumas espadas ou lanças.

– A única arma que tenho aqui é a espada de Golias, que você matou no vale do Terebinto. Está embrulhada ali no canto.

O velho apontou para o lugar e Davi correu até lá, como quem corre para a sua salvação.

– Posso levá-la? – disse ele, estudando a magnífica espada, cujo fio ele já havia provado na garganta do gigante.

– É claro, trata-se de um despojo seu, ganho em combate.

Davi agradeceu ao sacerdote a boa acolhida e partiu ligeiro com seus homens em busca de um novo refúgio, já que avistara por ali um dos

funcionários de Saul.

Praticamente expulso de Israel, Davi teve de buscar refúgio junto aos reis de potências vizinhas, e o primeiro que lhe deu acolhida foi o rei de Gat, que se chamava Aquis. Davi sabia que corria o sério risco de ser identificado como Davi, o matador de filisteus, mas mesmo assim resolveu arriscar. Porém, nem bem havia se apresentado ao rei – o qual não parecia tê-lo reconhecido –, viu erguer-se a voz de um acólito do rei, que o apontou para todos, dando grandes brados.

– Ora, mas este não é aquele de quem dizem ter matado dez mil, enquanto seu rei matou apenas mil?

Davi, encurralado, sem saber o que fazer, teve uma súbita inspiração e decidiu fingir-se instantaneamente de louco.

– Se sou Davi? Pelo Senhor dos exércitos que sou! – disse ele, pondo-se a fazer trejeitos heróicos. Depois, voltando-se para o rei, lhe disse de olhos vidrados:

– Mas é mentira que matei apenas dez mil filisteus! Oh, não, isto é muito pouco para um guerreiro do meu porte! Matei dez vezes dez mil!

Uma gargalhada insana escapou da garganta do forasteiro, que sujo e maltrapilho como estava era bem a figura de um louco do deserto.

Uma corda espessa de saliva lhe descia pela barba emaranhada enquanto improvisava uma grotesca marcha marcial, tamborilando pelas portas.

– Abram alas para Davi, o matador de Golias!

O rei Aquis lançou um olhar encolerizado aos seus homens.

– Quem trouxe este louco até mim? Acaso não temos loucos de sobra neste reino?

Expulso de Gat, Davi foi buscar refúgio nas cavernas de Odolam. Naquele esconderijo seguro ele montou um verdadeiro bando de foragidos, aos quais seus próprios parentes foram juntar-se, temerosos das represálias de Saul.

– Já temos um pequeno exército de quatrocentos homens – disse Davi aos seus auxiliares diretos. – Vamos fazer uma visita ao rei de Moab para pedir-lhe asilo.

Davi era neto de Rute, a moabita, e por isto achava que seria bem recebido pelo rei da nação idólatra, o que terminou, de fato, acontecendo. Não só ele o recebeu bem, como acolheu em sua terra os pais de Davi, para que não estivessem também eles a errar como bandoleiros junto com o filho.

Mas um profeta do lugar, chamado Gad, lhe disse para que não permanecesse nas cavernas de Odolam, mas partisse logo para Judá.

Davi fez o que Gad lhe dissera, e foi até Haret, nas terras de Judá.

Enquanto isto, Saul estava em Gabaá, sentado debaixo de uma tamareira, apoiado à sua lança. A vontade de cravar Davi contra uma parede ainda lhe era muito forte, e por isto ele não desgrudava nunca da sua lança.

Então o oficial edomita que avistara Davi – que se chamava Doeg –, junto com o sacerdote Aquimelec deu-lhe a notícia de que este não só o acolhera, como ainda lhe dera provisões e a espada de Golias.

– Traição! – disse Saul, apertando com tanta força o cabo da lança que as juntas dos seus dedos escuros tornaram-se brancas como a cal.

Imediatamente Saul mandou que trouxessem à sua presença não só Aquimelec, como todos os demais sacerdotes de Nob. Assim que estiveram diante de Saul, escutaram da boca deste a sua condenação à morte.

Os oficiais de Saul, entretanto, recusaram-se a cometer tal abominação, menos o delator Doeg, que chamou a si a execução dos sacerdotes.

Oitenta e cinco sacerdotes, incluindo Aquimelec, pereceram naquele dia às mãos do cruel Doeg. Mas só isto não bastou à sanha vingativa de Saul, que também ordenou fosse passada a fio de espada a população inteira da cidade de Nob.

De toda esta chacina escapou apenas Abiatar, da casta sacerdotal, que foi procurar Davi, único a esta altura em condições de lhe dar proteção.

– Fui eu o culpado de toda esta desgraça! – disse Davi, ao lembrar-se de que vira o oficial de Saul no dia em que fora buscar víveres e armas com Aquimelec. – Fica comigo, eu lhe protegerei da ira de Saul.

Neste dia o filho de Jessé compreendeu verdadeiramente o risco que corria.

Davi estava em relativa paz quando chegou-lhe aos ouvidos a notícia de que os filisteus haviam começado novamente suas hostilidades contra os israelitas, atacando a cidade de Ceila.

Davi viu-se imerso numa terrível dúvida: deveria ou não ir em socorro de seus irmãos hebreus? Consultando ao Senhor, recebeu dele esta resposta peremptória:

– Ataca os filisteus e salva Ceila.

Os homens de Davi, no entanto, não gostaram nem um pouco da idéia.

– Já não temos problemas bastante para nos envolvermos em novas

guerras contra os filisteus? – disse o porta-voz do grupo.

Mas o Senhor insistiu com Davi para que fosse a Ceila salvar os hebreus, e assim ele marchou contra os filisteus e os derrotou, conforme lhe dissera Deus.

Saul, naturalmente, ficou sabendo da aparição de Davi e esfregou as mãos.

– Deus entregou-o às minhas mãos! Que as autoridades de Ceila o prendam na cidade dotada de sólidas portas e ferrolhos!

Assim que Davi soube que Saul marchava contra si, prisioneiro que era, a esta altura, na cidade de Ceila, disse a Abiatar, o sacerdote que o acompanhava, que lhe trouxesse o casula, veste sacerdotal de linho, e clamou ao Senhor para que lhe desse uma certeza sobre o que aconteceria.

– Saul descerá até Ceila? – disse Davi.

– Sim, descerá – respondeu o Senhor.

– Os líderes de Ceila me entregarão às mãos de Saul?

– Sim, entregarão.

Então Davi, que não tinha vocação alguma para mártir, decidiu partir da cidade, tornando, assim, sem efeito, as previsões do Senhor, pois com sua fuga nem Saul desceu até Ceila, nem Davi foi entregue às suas mãos pelos governantes da cidade.

Escondendo-se nos desertos de Zif, Davi retornou à sua vida errante, ocasião em que foi visitado por Jônatas, seu fiel amigo. Ali reafirmaram seus votos e protestos de lealdade, enquanto Saul, tendo sido informado por alguns habitantes de Zif, tomava as providências para caçar o rebelado nas montanhas e ravinas da região.

Algun tempo depois, Saul chegou e deu início a uma perseguição implacável no deserto de Maon, que só não chegou ao final porque os filisteus – sempre eles! – haviam se aproveitado da discórdia entre os israelitas para atacar novamente Israel.

Com o afrouxamento do cerco, Davi foi buscar novo refúgio em Engadi. Mas como em todo lugar, havia ali também um delator, que tratou logo de ir comunicar a Saul o novo refúgio de Davi.

– Vamos parar aqui – disse Saul a seus mais de três mil homens, ao passar diante do rochedo das Cabras Monteses.

Depois de cavalgar um dia inteiro em perseguição a Davi, o rei israelita, como todo ser humano, sentira em sua carne o aguilhão da natureza.

Perscrutando ao redor, encontrara o lugar ideal para aliviar-se numa gruta discreta e bem protegida.

– Aguardem aqui – disse ele, entrando sozinho no lugar.

Do lado de fora ficaram os soldados, ajeitando-se como podiam sob as ondas de calor que o sol inclemente fazia descer do alto como o bafo de um fole gigantesco.

Saul, tateando na semi-escuridão, encontrara um recanto ideal e ali acomodara-se para dar cumprimento àqueles deveres que a natureza a todos prescreve.

Entretanto, o que ele não sabia é que escondidos mais ao fundo da mesma gruta estavam Davi e alguns de seus homens. Sem mexer um único dedo ou arrastar um milímetro as suas sandálias, permaneceram eles agachados, sem saber direito o que fariam. Um silêncio opressivo pairava ali dentro, embora Saul fosse o único a não dar pela coisa, talvez pela natureza premente de sua momentânea ocupação.

Então, sem fazer o menor ruído, Davi esgueirou-se como uma cobra até Saul, para espanto de seus companheiros. Sem que o rei percebesse, Davi esteve a alguns centímetros de si, segurando um punhal na mão.

Por alguns instantes, Davi chegou a pensar em vingar-se das perfídias de Saul, ao lembrar-se das tantas vezes que aquele homem já atentara contra a sua vida. Mas no último instante, quando já tinha o ventre de Saul ao alcance do seu punhal, Davi vacilou. Num gesto sutil, cortou apenas um pedaço da parte inferior do manto de Saul e esgueirou-se de volta ao esconderijo, onde estavam os demais.

Saul, tendo cumprido a sua ingente tarefa, erguera-se bastante aliviado e dirigira seus passos para fora da gruta.

Os companheiros de Davi, no entanto, revelaram-se indignados com a atitude deste, que consideraram de uma pusilanimidade revoltante.

– Por que perdeu a oportunidade? – disseram eles. – Você o tinha em suas mãos!

– Jamais minha mão poderia erguer-se contra Saul, pois ele é um ungido do Senhor – disse Davi, justificando-se.

Então, tomando da parte do manto que cortara, completou:

– Tenho aqui comigo a prova do que, podendo ter feito, não fiz. Talvez isto faça com que Saul veja a diferença que há entre nós.

Dizendo isto, Davi saiu da gruta, e após escalar um rochedo, onde estaria a salvo das mãos dos soldados de Saul, deu um grande grito na direção do rei de Israel.

– Senhor meu rei!

Todos os olhos voltaram-se para ele, inclusive os olhos atônitos de Saul. Davi inclinou-se até o chão, em sinal de reverência.

– Por que insiste em imaginar que desejo a sua ruína? – disse o jovem.

Saul estava tão pasmo com a audácia de Davi que não disse uma palavra.

– Está vendo isto? – disse Davi, brandindo no ar o pedaço do manto que cortara. – Hoje o Senhor o colocou em minhas mãos, na gruta, mas decidi que não ergueria a mão contra o ungido do Senhor.

Saul tinha no rosto uma expressão onde a humilhação misturava-se à vergonha.

– Admita que não há maldade em mim. Mas enquanto isto, você continua a tramar contra a minha vida. Porém, veja, eu nada sou. Quem sou eu perante a sua majestade? Por que perseguir, então, um cão morto? Sim, pois diante de você sou uma pulga!

Então Saul, diante destas palavras, começou a chorar amargamente.

– Qual o homem que tendo às mãos o inimigo, o deixa seguir livre? – dizia ele, com as barbas grisalhas úmidas de suas lágrimas. – Verdadeiramente, Davi, você é um homem bom, e que Deus o recompense pelo seu gesto de grandeza!

Saul percebera, mais uma vez, que estava diante do futuro rei de Israel, e por isto, tratou, ao mesmo tempo em que elogiava o adversário, de pedir-lhe que jamais eliminasse a sua descendência.

– Jura que não eliminará meu nome nem exterminará com minha descendência – disse Saul, tomado de medo por aquele usurpador audaz.

Davi jurou e partiu logo em seguida, pois apesar de toda aquela cena, Saul não chegara a decretar o perdão ao inimigo – nem o faria jamais.

Por esta época o velho profeta Samuel, depois de tantos serviços prestado a Deus, havia finalmente falecido. Toda Israel pranteou-o, sentindo-se como que órfão daquele velho homem que, a exemplo de Moisés, havia-se mostrado inflexível na obediência aos preceitos do seu deus.

Samuel foi enterrado em sua casa, em Ramá.

Davi, ao saber do passamento do profeta, ficara muito abatido, mas cedo viu sua consternação dissipar-se, impelido que estava sempre pelo seu modo errante de vida.

Seguindo pelo deserto de Maon, Davi e seus bandoleiros avistaram de longe a rica propriedade de um certo Nabal, descendente de Caleb.

– Veja, Davi, quantas ovelhas e cabras tem este homem! – disse um dos

seus auxiliares.

De fato, os animais, fortes e lanudos, espalhavam-se por todo o vale, enquanto Nabal (cujo nome significa “insensato”) fiscalizava a tudo com olhos vigilantes de proprietário.

– Vão até lá e vejam o que conseguem deste homem, pois temos fome.

No instante, porém, em que os emissários de Davi surgiram, os olhos de Nabal arregalaram-se poderosamente, a ponto de parecerem prestes a saltar de suas órbitas.

– O que querem, vilões? – disse ele, com extrema rudeza.

– Que a paz esteja em sua casa – disse o porta-voz. – Vimos que está na época da tosquia e vimos pedir que nos dê um pouco do muito que lhe sobeja, pois Davi jamais fez mal algum à sua gente em todo o tempo em que por aqui estivemos.

– Não sei quem é este Davi, nem vou dar do meu pão a homens que não conheço – disse este homem que só sabia das coisas que ocorriam nos limites de suas terras.

Os emissários regressaram até seu chefe com a notícia da má recepção.

– Tomem suas espadas e sigam comigo! – disse Davi, encolerizado.

Cerca de quatrocentos homens rumaram para as terras de Nabal, para tomar satisfações de sua arrogância.

Nabal tinha uma bela esposa chamada Abigail, e tudo quanto seu marido tinha de mau, Abigail tinha de bom. Se ele era estúpido, ela era afável; se ele era mesquinho, ela era generosa; se ele era arrogante, ela era humilde.

Quando chegou aos ouvidos da bela esposa de Nabal a notícia da péssima recepção que fizera aos homens de Davi, ela revoltara-se com a sua atitude.

Tomando, então, secretamente, de duzentos pães, dois odres de vinho, cinco cordeiros preparados e muitos outros alimentos, Abigail montou um pequeno comboio para levar os víveres até o local de pouso de Davi.

“Davi é um homem bom, segundo dizem, e jamais cometeu uma injustiça contra o povo”, pensou ela, convicta de que deveria ajudá-lo em sua dificuldade.

E assim fez. Depois de mandar reunir todos os alimentos, a esposa de Nabal partiu com alguns criados pela ravina que levava ao esconderijo do foragido.

A suave Abigail seguia, certa de que fazia o certo – embora temesse a reação de seu avarento esposo –, até que na confluência dos dois caminhos deparou-se com Davi, que vinha com seus homens para tomar à força a ajuda a Nabal.

Abigail desceu de sua mula e aguardou que o bandoleiro estivesse a sua frente.

– Saia daqui, mulher, pois vou castigar um homem mau e todos aqueles que o cercam! – disse Davi, pronto para promover um massacre no melhor estilo hebreu, passando a fio de espada tudo quanto visse pela frente.

– Não faça isto, meu senhor! – disse Abigail, prostrando-se. – Meu marido Nabal é um pobre idiota que faz jus ao nome e não merece que desperdice com ele a sua ira!

Como se vê, a doce Abigail odiava amargamente ao marido, porém não ao ponto de querer vê-lo atravessado numa espada.

Davi terminou sensibilizando-se com os rogos da mulher de Nabal.

– Está bem, nada farei contra seu esposo – disse ele, recebendo de bom grado os presentes que Abigail tão bondosamente lhe trouxera.

Quando, à noite, Abigail retornou à casa de seu esposo Nabal, encontrou-o em meio a um lauto banquete e completamente embriagado. Ela tinha a intenção de revelar ao esposo a oferta que fizera a Davi a fim de evitar a punição que ele e o Senhor preparavam para a sua casa, mas ao vê-lo naquele estado, preferiu deixar para o dia seguinte.

Porém nem assim as coisas correram melhor, pois Nabal, ao saber da diminuição em seu patrimônio, sentiu um desgosto tão forte que seu coração tornou-se doente.

– Admita, Nabal, que foi um bom negócio, afinal! – disse sua esposa, tentando justificar-se. – Escapamos a um preço muito pequeno à justa ira do Senhor, pois a mão dele está verdadeiramente pousada sobre esse homem.

Mas Nabal não podia aceitar como bom qualquer decréscimo em seus bens, e assim persistiu em seu desgosto até que terminou morrendo dez dias depois, para alegria de sua esposa e de Davi, que viu na morte do homem mesquinho um castigo inequívoco do Senhor.

Mas Davi tinha um motivo a mais para comemorar a morte do incômodo Nabal, pois com ela ficava aberto o caminho para que pudesse tomar por esposa a bela viúva, a qual, ao receber o pedido por meio de um emissário de Davi, caíra novamente com o rosto em terra, declarando-se serva perpétua do filho de Jessé.

Além de Abigail, Davi também tomou por esposa uma certa Aquinoam de Jezrael.

Mas e a pobre Micol, filha de Saul, que ajudara Davi a escapar dos assassinos enviados pelo pai? Micol, depois que Davi partira, regressara à casa

do pai e fora dada em casamento a outro homem de Israel.

46. A BRUXA DE ENDOR E A MORTE DE SAUL

Saul, rei de Israel, continuava a nutrir um temor doentio pela figura de Davi, a quem considerava um malfeitor, cujo único objetivo na vida era o de usurpar-lhe o trono. Depois de ter perseguido o jovem guerreiro, Saul escapara uma primeira vez de ser morto pelo seu desafeto, numa gruta dos desertos de Engadi.

Apesar da clemência que Davi demonstrara, nem por isto Saul deixara de votar a ele um ódio mortal, e logo partira em nova expedição para liquidar com aquele a quem considerava um odioso usurpador.

– Desta vez porei um fim definitivo a esta ameaça! – dissera o rei a seus oficiais.

Saul, atacado por uma severa moléstia mental, era agora um homem velho e esquizofrênico. Tomado por delírios cada vez mais freqüentes, o rei encaminhava-se a largos passos para sua própria perdição.

Acampado com seus homens nas proximidades da cidade de Zif, nas colinas de Áquila – onde, segundo informações seguras, Davi estaria escondido –, Saul estava estirado em sua tenda, profundamente adormecido. Ao redor, nas demais tendas, também o sono imperava, enquanto as lonas esbatiam-se levemente sob a brisa noturna do ermo descampado. Uma pátina suavemente prateada cobria as rochas e as tendas, contribuindo para dar uma atmosfera de calmo repouso ao acampamento.

Neste momento, surgiram por detrás de uma pedra, um pouco acima do local onde Saul e seus homens ressonavam, duas cabeças a espreitarem com toda a discrição.

– A hora é agora – disse um dos homens. – Vamos lá!

Os dois intrusos desceram a pequena colina pedregosa, ocultando-se sempre por trás das pedras e saliências, até alcançar a planície.

Davi e Abisai, um de seus companheiros mais fiéis, haviam decidido dar um novo susto no rei, na esperança de que este voltasse à razão, cessando assim de perseguir tão injustamente a Davi.

Deslizando sutilmente por entre as tendas, e ludibriando a atenção dos sentinelas – que pareciam misericordiosamente adormecidos pela mão de Deus –, Davi e Abisai logo avistaram a tenda do rei israelita.

– Eu vou na frente – disse Davi, resolutamente.

Assim que entraram na tenda, avistaram Saul estirado em seu leito, um amplo tapete tecido de peles. Sua respiração era profunda, e assim de longe parecia estar desfrutando de um sono calmo e reparador. Mas ao aproximar-se mais, Davi percebeu que estava diante de um homem que, mesmo narcotizado pelo sono, trazia ainda as feições alteradas de um homem atormentado.

Abisai, porém, não estava para psicologias, e depois de pegar uma lança que estava à mão, tomou a frente de Davi, sussurrando-lhe ao ouvido:

– Veja, o Senhor entregou o inimigo em suas mãos! Vou cravar-lhe a lança ao peito com tanta precisão que não será necessário um segundo golpe!

Abisai já tinha a lança erguida e preparava-se para desferi-la sobre o peito de Saul quando Davi a susteve em pleno ar.

– Não o mate! – disse Davi, num sussurro enérgico. – Deus me livre de erguer a mão contra o ungido do Senhor!

Abisai ficou extremamente irritado diante daquela nova vacilação.

– Vai perder outra vez a oportunidade? – disse ele, resistindo em largar a arma.

Saul, enquanto isto, ressonava profundamente, mal sabendo que a ponta afiada de uma lança estava prestes a descer sobre o seu peito.

– Não, não! – falou Davi, tirando qualquer esperança a Abisai de pôr um fim na tirania de Saul. – Cabe ao Senhor tirar-lhe a vida, e não a mim. Vamos embora.

Entretanto, antes de sair, Davi tomou uma bilha de água e a lança com a qual Saul estivera a um passo da morte. Outra vez pretendia demonstrar a Saul a sua magnanimidade, na esperança de que o rei reconhecesse as suas boas intenções.

Davi subiu outra vez ao topo do monte e de lá deu um grande grito, que acordou todo o acampamento.

– Saul, meu rei! – disse ele.

– Quem se atreve a gritar ao rei? – disse um sentinela.

– Aquele mesmo que teve a vida dele, há instantes, em suas mãos, e da qual você deveria ter sido guarda mais zeloso!

Saul, que acordara-se com a gritaria, correu para fora da tenda.

– É você, Davi, meu filho? – disse o rei, que costumava dar este

tratamento filial ao jovem toda vez que sentia-se ameaçado por ele.

– Sim, meu rei! – disse Davi, prostrando-se. – Por que continua a me perseguir?

O jovem proscrito repetiu, então, todas as suas queixas ao rei de Israel, que mostrou-se novamente sensibilizado pelas palavras do rival.

– Está vendo esta bilha e esta lança? – disse Davi, mostrando do alto os apetrechos que tomara à tenda de Saul. – Eles são a prova de que estive a um passo de tirar-lhe a vida, e de que a mão do Senhor deteve a minha antes de lhe dar a morte.

Então Saul mostrou-se arrependido, e chorou amargamente, e abençoou o jovem, e disse que o amava, e que só iria lhe querer o bem dali por diante – e depois disto tudo deu adeus a Davi, pois, afinal de contas, tinha de recomeçar no dia seguinte a perseguição. Davi, a seu turno, retornou ao seu esconderijo, comentando com Abisai que a empresa tivera excelente resultado, e que Saul chorara de arrependimento, e que lhe dissera muitas palavras tocantes, e que fora tudo realmente muito lindo, mas que o melhor mesmo era não deixar-se levar por pieguices, já que palavras e penas o vento leva, e que este mesmo vento também era ótimo no ofício de secar lágrimas, e que não havia, pois, que se fiar neste mundo em coisas tão sutis e rarefeitas.

– Antes ir buscar refúgio sob os filisteus do que viver sob a tirania de um tal rei – disse Davi, desistindo definitivamente de entender-se com Saul, que se tornara louco de pedra.

Davi fez tal como dissera e foi refugiar-se nas terras de Aquis, rei filisteu de Gat, aquele mesmo diante do qual fizera-se de louco para não ser reconhecido.

– O que este doido varrido está fazendo aqui outra vez? – disse Aquis ao pôr os olhos novamente sobre Davi.

Davi, entretanto, soube desta vez passar a conversa no soberano filisteu, e acabou tornando-se um mercenário dele, indo morar na cidade filistéia de Siceleg.

Para agradar ao rei, Davi passou a fazer sangrentas incursões nos reinos próximos, atacando povoações, dizimando suas populações e levando depois os despojos até Aquis, dizendo que atacara os judeus no Negueb ou em Judá, o que era uma solene mentira, pois Davi atacava somente as tribos inimigas de Israel.

Davi dizimava as populações para que não sobrasse ninguém para delatar o verdadeiro alvo de suas incursões – estratégia cruel, porém eficiente, que fez com que o rei filisteu o tivesse na conta de súdito fiel, uma vez que se declarava adversário impiedoso dos arquiinimigos hebreus.

Aquis ficou tão entusiasmado com estas pretensas provas de fidelidade que decidiu empreender nova campanha contra os israelitas.

“Com um soldado como este, minha vitória será certa!”, pensou o rei filisteu.

Então mandou chamar Davi e lhe disse:

– Vou esmagar os hebreus. Venha comigo e repartiremos o butim.

Davi fingiu estar imensamente honrado com o convite.

– Obrigado pela oportunidade. Verá do que é capaz o seu servo!

Enquanto isto, em Israel, Saul, cada vez mais obsedado pelo espírito da melancolia, sentiu-se invadido pelo terrível pressentimento de que aquela guerra iminente traria a ruína definitiva para o seu reinado e para si próprio.

Atormentado pela incerteza, Saul levou seus exércitos até Gelboé, que ficava junto à região de Sunam, onde estavam acampados os exércitos filisteus.

“Oh, Senhor!”, pensou Saul, intimidado. “São muitos e muito bem armados!”

De fato, os filisteus estavam em nítida vantagem diante das forças de Israel. Acostumados a enfrentarem os seus tradicionais inimigos nas regiões montanhosas do sul, desta vez os judeus teriam de enfrentá-los num terreno plano, ao longo das planícies lisas de Jezrael.

“Seus velozes carros de guerra correrão como o vento, trazendo uma morte rápida aos meus homens!”, pensou Saul, completamente atemorizado.

Naquele dia, ele sentiu como nunca a ausência de Samuel, o profeta do Senhor que falecera algum tempo antes. De joelhos, o rei fez apelos desesperados ao seu deus, pedindo que lhe desse uma confirmação sobre seus negros pressentimentos.

Mas o Senhor não lhe respondeu. Em pânico, Saul tomou da pequena bolsa que trazia no peito e tirou a sorte com as duas pequenas pedras que havia em seu interior, chamadas Urim (maldição) e Turim (perfeição). Mas nenhuma delas disse coisa com coisa, ora prognosticando a derrota, hora predizendo a vitória.

Os céus haviam se tornado miseravelmente mudos, e este mutismo era para Saul o signo evidente da derrota – e também da sua morte às mãos dos pérfidos filisteus.

“Os dias do injusto rei Saul estão no fim!”, dizia uma voz no fundo da sua mente, a qual nada podia silenciar.

Então Saul conheceu o pânico até o fundo da sua alma atormentada. De olhos vidrados e sobrancelhas arqueadas, o rei vagou de sacerdote em sacerdote, queimando sacrifícios em cada pedra, na esperança de que a voz do Senhor se fizesse ouvir.

– É um mistério, mas o Senhor Deus recusa-se a falar – disse-lhe, por fim, um dos principais sacerdotes de Israel, engolfado numa nuvem de fumaça.

– Maldição! – rugia Saul, arrancando aos tufos os seus cabelos brancos.

Então seu cérebro apavorado concebeu um último disparate – e que era, também, a última desobediência que praticaria contra os mandamentos do Senhor. “Vou consultar-me com uma feiticeira!”, pensou ele. “Somente ela poderá fazer com que eu ouça novamente os conselhos de Samuel!”

Saul, no limite do desespero, decidira recorrer às artes da necromancia para ver-se frente a frente outra vez com o velho e sensato profeta, sem ligar para o fato de que o Senhor proibira terminantemente tais práticas desde a época de Moisés.

“Não haja em teu meio (...) quem recorra à magia, consulte oráculos, interrogue espíritos ou evoque os mortos.” Assim dizia expressamente o Senhor no Deuteronômio, mas Saul, a esta altura, não conseguia mais discernir coisa alguma. Depois de ter tentado obter uma resposta com as pedras da sorte – embora estas não fossem consideradas malditas entre os hebreus (“magia boa é sempre a nossa”, deviam pensar, como todos os outros povos) –, Saul resolvera recorrer aos espíritos.

Depois de consultar-se com seus assessores, estes lhe indicaram, à boca pequena, que havia uma feiticeira em Endor, terra vizinha a Israel e habitada por cananeus.

– Não há melhor em toda a Canaã – dissera o informante.

Saul, tresloucado pela esperança, saíra de Gelboé com dois de seus soldados e rumara secretamente para Endor, para entrevistar-se com a feiticeira.

À noite, quando entraram na cidade, foram logo conduzidos até a casa da criatura, que a imaginação de Saul prefigurara o tempo todo como sinistra. No entanto, quando defrontou-se pela primeira vez com a bruxa, percebeu que ela nada tinha de assustadora, o que, por fim, acabou tornando a situação ainda mais assustadora.

– Quero consultar-me com o espírito de Samuel – disse o rei israelita, mortificado por uma sensação de vergonhosa abjeção.

A bruxa olhou para Saul com um olhar vagamente presunçoso.

– Diga-me, antes quem você é, e o que deseja deste tal Samuel – disse a bruxa, muito desconfiada. – O rei Saul banuiu todas estas práticas da região, e não quero ser descoberta por algum maldito espião!

Saul ocultou sua identidade e insistiu no pedido de uma entrevista com o profeta desaparecido, dando à bruxa algo melhor do que palavras: uma bolsa recheada de siclos de prata.

– Muito bem, logo ele estará entre nós – disse a feiticeira, enterrando a bolsa num recesso profundo do seu seio e tomando imediatamente de seus apetrechos com uma maravilhosa desenvoltura.

“Se eu soubesse reinar como ela sabe lidar com sua arte, Davi algum me destronaria!”, pensou Saul, invejoso da segurança da feiticeira.

A bruxa fez uma misturada numa panela, enquanto absorvia os odores fortíssimos que dela se subiam. Logo entrou numa espécie de transe profundo e começou a revirar os olhos, expondo, de maneira assustadora, a esclerótica branca dos seus dois globos oculares.

Assim ela esteve durante alguns instantes, até que subitamente lançou os braços para a frente, bradando enfurecidamente:

– Maldito traidor...! Você é Saul!

Algo subterrâneo sussurrara ao seu ouvido o nome do misterioso visitante.

– Nada tema! – disse o rei, tentando acalmar os furores repentinos da feiticeira. – Não estou aqui para condená-la, mas apenas para pedir-lhe encarecidamente o favor de chamar à presença dos vivos o espírito do grande profeta Samuel!

Então a bruxa disse, subitamente:

– Vejo um velho de barbas brancas, envolto num grande manto, subir à terra!

O sangue de Saul gelou em suas veias, pois tinha a certeza de tratar-se de Samuel. Imediatamente rojou-se de quatro sobre o chão, à espera da aparição.

Aos poucos foi saindo da boca da pitonisa uma espécie vômito esbranquiçado, que lembrava a rama comprida de um algodão intangível – que os afeccionados do oculto chamam de ectoplasma –, o qual foi lentamente ganhando o contorno de uma figura humana muito aparentada à do velho profeta desaparecido.

– Por que me chamou? – disse finalmente a figura gasosa.

– Samuel...! É mesmo você? – disse Saul, num misto de horror e alegria.

– Por que me chamou? – repetiu a figura, que parecia muito mal-

humorada.

– Chamei-o porque o Senhor não mais responde às minhas perguntas!

– Deus tornou-se seu adversário, pois você desrespeitou seguidamente as suas ordens, e agora mesmo ainda o faz, ao consultar os espíritos!

– Perdoa, Senhor, mas preciso saber o que me aguarda neste confronto que muito em breve terei de travar com os filisteus. Temo pela segurança minha e de Israel!

Ao escutar estas palavras, a figura vaporosa curvou a cabeça e sentenciou:

– Hoje o Senhor entregará Israel às mãos dos filisteus, pois não estará ao seu lado. Seus filhos perecerão, e já amanhã, tanto você quanto eles, estarão comigo.

Saul sentiu-se tão mortalmente atingido por estas palavras do espectro que terminou de rojar-se por terra, a um passo de perder inteiramente os sentidos.

A bruxa, tendo terminado sua tarefa, aproximou-se de Saul com um pedaço de pão, dizendo:

– Tome isto e coma, para que possa voltar à sua casa.

Saul recusou, mas seus dois acompanhantes fizeram-lhe ver que precisava tomar algum alimento, pois estava sem comer ou beber há um dia e uma noite.

– Vou matar e preparar o bezerro cevado que aqui tenho – disse a feiticeira.

Além de competente nos seus misteres sobrenaturais, a bruxa era também exímia cozinheira, e logo trouxe numa grande tigela de barro endurecido um apetitoso guisado de carneiro, junto com boa quantidade de pães sem fermento.

Só depois de haver feito a refeição foi que Saul retornou, um pouco mais revigorado, a Gelboé, para dar cumprimento ao seu negro fado.

Tudo correu exatamente como o profeta – ou o espírito infernal que tomara o seu lugar – predissera, para desgraça de Saul.

Assim que Saul retornara de sua malfadada expedição, já os filisteus haviam formado sua vigorosa linha de ataque. Davi, que fora obrigado a tomar parte entre os filisteus, ficara na retaguarda junto com o rei Aquis.

Entretanto, alguns oficiais deste rei haviam se indisposto diante da presença de um hebreu entre as fileiras filistéias.

– O que faz entre nós este cão israelita? – disseram os mais exaltados.

– Ele é Davi, e tem sido um servo fiel desde que o admiti em meu reino –

disse Aquis, tentando atrair a simpatia para o hebreu mercenário.

– Ora, mas não é este aquele acerca do qual se dizia que matara dez mil filisteus, ao passo que seu rei matara apenas mil? Se está em desavença com seu rei, que melhor ocasião para cair em suas graças do que cortar nossas cabeças?

Então Aquis viu-se obrigado a dispensar Davi daquele combate, agradecendo, porém, à sua boa vontade em ter vindo até ali.

Davi tentou contra-argumentar, mas a oposição dos outros chefes fora tão violenta que ele não teve outro jeito senão retornar a Siceleg, sem tomar parte no combate.

De volta à sua cidade, Davi teve, porém, a desgraça de encontrá-la pilhada pelos amalecitas, que estavam novamente em campanha militar contra os hebreus de Judá. Suas duas esposas – Aquinoam e Abigail – haviam sido levadas cativas, junto com as demais mulheres e crianças de Siceleg, para as terras de Amalec.

Então Davi, ainda com lágrimas nos olhos, consultou ao Senhor para saber se poderia libertar os cativos, e ele lhe disse que sim, que estaria consigo, e que sua campanha seria vitoriosa.

Tomando seiscentos homens, Davi rumou com eles no encalço dos seqüestradores, até alcançarem a torrente de Besor. Ali encontraram um egípcio quase morto, que há três dias não comia nem bebia água (apesar de estar próximo às margens da torrente de Besor).

– Quem é você? – disse Davi ao desgraçado.

– Sou escravo de um amalecita – disse o egípcio. – Fui abandonado por meu senhor por estar adoentado.

Então Davi espremeu do miserável toda a verdade, perguntando a ele onde estava o grupo que atacara a cidade. O egípcio disse que o levaria até lá caso promettesse não entregá-lo às mãos do antigo e cruel senhor. Davi prometeu que não o entregaria, nem lhe faria mal algum, e todos seguiram no encalço dos malfeitores, até encontrá-los refestelados, banquetecendo-se do que haviam pilhado livremente. Davi caiu em cima deles com seus homens e massacrou-os, de tal sorte que somente quatrocentos conseguiram escapar montados em camelos.

De posse novamente de seus bens e de suas duas esposas, e também de todos os reféns que os amalecitas haviam roubado, Davi retornou à torrente de Besor – às margens da qual o escravo quase havia morrido de sede – e ali reencontrou duzentos de seus homens, os quais, exaustos, não haviam se animado a atravessar.

Um conflito então se estabeleceu, pois os que foram combater não quiseram repartir o espólio da vitória com os que haviam ficado.

Davi, no entanto, enfureceu-se e disse aos primeiros:

– Que injustiças estão aí a rosnar? Estes que não foram, cumpriram, entretanto, útil tarefa, ao ficar aqui guardando nossas bagagens, enquanto íamos retomar aos amalecitas o que a todos pertencia. Que seja tudo dividido em partes iguais.

Enquanto isto, Saul estava em muito más voltas com os filisteus, pois assim como o Senhor acompanhara Davi em sua expedição contra os amalecitas, abandonara o rei de Israel em sua campanha contra os da Filistéia.

O monte Gelboé tornou-se palco de uma derrota terrível para os hebreus, os quais foram miseravelmente batidos pelos carros de guerra e pelas lanças dos filisteus. Por toda parte estavam lançados os corpos dos israelitas, cobertos de furos e pisaduras das rodas dos amaldiçoados carros de ferro do inimigo, incluindo-se Jônatas – o filho rebelado que sempre advertira ao pai dos erros cometidos contra Davi – e dois de seus irmãos, filhos igualmente do infeliz Saul.

Este, a descoberto com seus homens, tornara-se alvo dos frecheiros do rei Aquis, sofrendo grandes perdas, ficando ele próprio muito ferido dos arremessos dos certos dardos. Quando viu os filhos mortos e que os filisteus tinham a vitória nas mãos, Saul compreendeu que tudo se acabara. Tomando da espada – instrumento inútil para uma batalha vencida – dirigiu-se resolutamente a seu escudeiro.

– Livra-me da desonra de ser morto por um incircunciso! – disse ele.

O escudeiro, no entanto, recusou-se dramaticamente a tornar-se o seu assassino, o que obrigou Saul, num último gesto de dignidade, a pôr um fim à própria vida:

– Sem coroa e sem Deus, o que resta mais a mim? – disse ele, lançando-se sobre sua própria espada.

O escudeiro, seguindo os passos do seu senhor, fez o mesmo, e logo os dois corpos jaziam ao lado de muitos outros, irmanados todos na mesma morte.

Os israelitas, vendo o rei e seus filhos mortos, abandonaram o campo de batalha, deixando caminho livre para que os filisteus se apossassem das suas cidades.

Avançando sobre os mortos, os filisteus descobriam logo os corpos de Saul e de seus filhos. Imediatamente veio a ordem de cortar suas cabeças e de despojarem-nos de suas armas, as quais seriam enviadas ao templo de Astarte, uma das principais deusas do seu panteão, em voto de agradecimento pela vitória

alcançada.

Quanto aos cadáveres, ficaram ignobilmente suspensos na grande muralha de Betsã, para servir de escarmento aos israelitas, até que os hebreus de Galaad tomaram a decisão de retirá-los de lá, durante a noite, e levá-los para solo israelita, onde foram queimados e seus ossos sepultados debaixo da tamareira de Jabes, na mesma Galaad.

Este foi o fim lamentável de Saul, primeiro rei israelita que, por uma série de erros, apartou-se das veredas do seu deus para trilhar o caminho da perdição.

DO LIVRO DE SAMUEL (2)

47. DAVI CONTRA ISBAAL

Davi havia se tornado um mercenário a serviço do rei filisteu Aquis, depois que o rei de Israel passara a persegui-lo implacavelmente. Obrigado a tomar parte na expedição que o rei filisteu movera contra os israelitas, Davi fora, no entanto, dispensado de tomar parte no ataque graças a uma revolta dos oficiais do rei de Gat, que não queriam ter ao lado um israelita, ainda que rebelado.

Grças a este incidente, Davi vira-se poupado de atacar seu próprio povo, além de assistir à derrota e à morte de Saul e seu filho Jônatas.

Davi, na verdade, ao retornar à cidade de Siceleg, também envolvera-se numa contenda com os amalecitas, que haviam pilhado a cidade e levado cativas todas as mulheres e crianças, incluindo-se Aquinoam e Abigail, as duas esposas dele.

Davi saíra-se vitorioso e resgatara as esposas, derrotando seus inimigos, e estava ainda festejando o feito quando viu surgir, ao terceiro dia, um homem com as vestes rasgadas e a cabeça coberta de pó.

Assim que chegou próximo a Davi, o homem lançou-se ao chão.

– Quem é você? – disse o guerreiro, temendo pelo pior.

– Sou um amalecita, meu senhor – disse o homem, com voz chorosa.

– De onde está vindo? – falou Davi, ansioso por saber aquilo que já previa.

– Venho do monte Gelboé, onde vi Saul lançar-se sobre a própria espada – disse o homem, arrasado.

– *Saul está morto?*! – disse Davi, pondo-se em pé.

– Ainda não estava inteiramente morto quando o encontrei, meu senhor.

Ao aproximar-me, ele me perguntou: “Quem é você?”, e eu disse: “Sou um amalecita”. Então ele pediu que me aproximasse e terminasse de matá-lo.

– E você o fez? – disse Davi, com um ar impenetrável.

– Sim, dei-lhe o golpe de misericórdia, para que não caísse vivo às mãos dos filisteus, que já tomavam de assalto todo o campo.

Então o amalecita que se apiedara do rei israelita estendeu a Davi o diadema e o bracelete de Saul manchados de sangue, como penhor do que dissera.

Davi tomou as relíquias do seu rei e chorou amargamente sobre elas, pois, embora todas as perseguições que este lhe movera, amava-o sinceramente. Seu pranto aumentou ainda mais ao saber que Jônatas, filho do rei e amigo sincero, também havia sido morto no infausto combate.

Depois de ter pranteado o dia inteiro a morte do rei e do seu amigo, Davi mandou chamar o mensageiro.

– Como ousou erguer a mão para o ungido do Senhor? – disse ele, com o cenho carregado.

O pobre amalecita arregalou seus olhos de terror ao perceber o risco que corria.

– Mas meu Senhor...! Fiz o que ele me pediu!

Mas Davi não quis saber de conversa. Um maldito incircunciso havia tirado a vida do ungido do Senhor e isto era o bastante.

– Mata-o, já! – disse Davi a um soldado que estava ali perto.

O amalecita caiu de joelhos e implorou pela vida, mas nem rogos e súplicas puderam nada diante da ira descontrolada do filho de Jessé.

“Aí está, idiota, o que se ganha com servilismos!”, pensou o desgraçado, numa preciosa (porém já inútil) reflexão, antes de ter sua garganta cortada.

Davi, depois de ter expulso do peito até a última gota do seu ódio, compôs ainda um salmo sentimental em homenagem a Saul e Jônatas, com o que terminou de purgar o coração do que lhe restara da amargura, estando pronto para fazer gozo do que a desgraça lhe trouxera de vantajoso.

– Devo subir até Judá? – disse ele ao Senhor, pois sentia que chegara a hora de deixar de ser um fora-da-lei em sua própria terra.

O Senhor disse que ele deveria seguir para Hebron, e disse bem, pois esta cidade estava situada na terra natal de Davi, onde ele fora socorrido várias vezes pelos seus conterrâneos nos duros anos de sua proscricção.

De fato, nenhum outro lugar seria melhor para Davi dar início à sua ascensão ao trono de Israel do que a sua própria terra natal.

Mas enquanto Davi fazia isto, outras coisas ocorriam em Israel. Abner, sobrinho de Saul, havia decidido coroar Isbaal, filho de Saul, como o novo rei dos judeus.

E deste modo criou-se a crise que deflagraria uma nova guerra civil entre os hebreus. Davi, sabendo dos projetos de Isbaal, reuniu seus exércitos – comandados por um aliado muito fiel, chamado Joab – e foi postar-se em Gabaon. Do outro lado do curso d’água que havia no local estavam já acampadas as forças do filho de Saul.

Os dois chefes militares decidiram que a contenda seria decidida por um duelo entre jovens dos dois lados, e assim se fez. Doze jovens postaram-se de cada lado e atiraram-se uns aos outros de espada em punho – e o fizeram com tanta vontade que todos pereceram no mesmo lugar, sem que houvesse um

vencedor.

Então não houve outro jeito senão dar-se início a uma grande batalha, que terminou com a vitória das forças de Davi. Abner, o chefe dos exércitos de Isbaal, teve de fugir, levando no encalço as forças de Joab, e só deixou de ser perseguido depois de fazer um apelo dramático, no qual invocava o mesmo sangue que os unia.

Joab, sensibilizado pelo apelo, tocou sua corneta, fazendo com que a perseguição cessasse e Abner escapasse de ser massacrado, apesar de este ter matado o seu irmão Asael durante a perseguição.

Mas apesar daquela primeira vitória, a guerra entre a casa de Davi e a casa de Saul estendeu-se ainda por muito tempo, até que um desentendimento banal entre Isbaal, o filho de Saul, e seu comandante Abner deu início ao fim do conflito.

Abner havia tomado para si uma concubina de Saul, chamada Resfa. Ao saber do fato, Isbaal encheu-se de ira.

– Como ousou tomar para si a concubina de meu pai? – disse ele ao comandante.

– Ora, Saul não está morto? – disse Abner, que se ofendera poderosamente com a reprimenda. – Além do mais, é esta a paga que recebo por ter tomado o seu partido, e o da casa de Saul?

E aí está como uma mulher, quase anônima, teve o condão de mudar o destino – ou, ao menos, o de apressar o desfecho – de mais uma guerra, pois Abner, insultado mortalmente, decidiu passar-se para o lado de Davi, mandando ao diabo o ingrato filho de Saul.

Davi aceitou alegremente o novo aliado, mas antes exigiu que lhe fosse devolvida Micol, a sua primeira esposa, que Saul havia entregue a outro homem. Isbaal, por alguma razão, concordou com o pedido de Davi e retirou Micol dos braços do seu marido, entregando-a ao antigo esposo.

O marido, entretanto, não se conformou com a transação, e seguiu a esposa até os limites de Baurim, sempre em prantos. Nada disto, porém, bastou para impedir que sua doce Micol fosse restituída a Davi, pois Abner ordenou-lhe peremptoriamente que voltasse para casa e tratasse de arrumar outra esposa.

Junto com Micol, Davi recebeu a visita de Abner, o qual firmou a aliança com o antigo inimigo – e a traição ao antigo amigo – num grande banquete.

Mas Joab, o comandante de Davi, não gostou do negócio.

– Não vê que se trata de uma cilada? – disse Joab, talvez algo enciumado. Então Joab convenceu Davi a mandar trazer Abner de volta, pois

pretendia descobrir-lhe as reais intenções.

Abner voltou a Hebron, e o fez em uma péssima hora, pois Joab só queria uma oportunidade para eliminar o rival, além de vingar a morte de seu irmão Asael (Joab, portanto, guardara a mágoa no coração, apesar de ter, num primeiro momento, perdoado ao desafeto no primeiro combate).

Joab, tendo levado o rival para um recanto afastado, golpeou-lhe no ventre, acabando para sempre com a vida de Abner, antigo comandante de Saul.

Davi, contudo, ao saber do caso, tomou-se novamente de suas imprevistas iras.

– Que o sangue de Abner caia exclusivamente sobre a cabeça de Joab e de sua casa!

Davi pranteou a morte de Abner, e ordenou a todo o povo que unisse suas lágrimas às dele, recusando-se a provar de qualquer alimento antes do pôr-do-sol.

Quando Isbaal, o filho de Saul, soube da morte de seu antigo comandante, caiu em grande prostração. E teria caído em prostração ainda maior se soubesse que dois de seus comandantes de guerrilha haviam decidido matá-lo para cair nas boas graças de Davi – o que, como já vimos, será sempre uma imprudência.

Recab e Baana eram os tais, e chegaram numa tarde de grande calor à soleira da porta de Isbaal com o projeto sinistro em mente. A porteira da casa havia adormecido profundamente após joeirar o trigo, e assim os dois puderam entrar alegremente no interior da residência, onde perfuraram o ventre do filho de Saul. Depois cortaram sua cabeça e a levaram até Davi, em Hebron, conforme o delicioso projeto.

– Aqui está a cabeça de Isbaal, o homem que deseja a sua morte – disseram eles, orgulhosos do feito. – Hoje Davi toma a vingança sobre Saul e sua descendência.

Então Davi revelou aos dois emissários como costumava premiar aqueles que, pensando ajudá-lo, o injuriavam.

– Em Siceleg mandei matar o desgraçado que veio anunciar-me a morte de Saul, pensando dar-me uma boa notícia – disse Davi, com o rosto congestionado.

Então os dois patetas compreenderam – também tardiamente – que haviam pisado miseravelmente em falso.

– Imaginam que deixarei impune aqueles que após entrarem sem serem convidados na casa de um homem adormecido o apunham e cortam sua cabeça?

Os dois foram imediatamente entregues aos servos de Davi, os quais, após cortarem suas mãos e seus pés, os penduraram junto do lago de Hebron.

Após a morte do rival de Davi, todas as tribos judias vieram prostrar-se aos pés deste último, que foi ungido oficialmente novo rei de Israel.

Davi tinha apenas trinta anos quando começou o seu reinado, e tinha grandes projetos em mente. O primeiro era invadir a terra dos jebuseus – a futura Jerusalém – e torná-la a principal cidade de Israel.

A cidade, no entanto, era tão bem fortificada – além de estar instalada num planalto cercado por ravinas profundas – que os seus habitantes gabavam-se de que podia ser defendida “até por cegos e por coxos”.

Mas Davi, para sua felicidade, acabou descobrindo um meio engenhoso de penetrar na cidadela, pois havia uma galeria pela qual se levava água de uma fonte de Gion para dentro dos muros.

– Vamos entrar por ali – disse ele a seus homens.

Molhados como pintos, Davi e seus homens surgiram finalmente no interior da cidadela de Jebus e puderam, assim, tomá-la de assalto, com grande facilidade.

– Esta cidade passará a chamar-se, a partir de hoje, de “Cidade de Davi” – disse o próprio, e naturalmente todos acharam um nome muito lindo.

– Cidade de Davi! Cidade de Davi! – diziam todos, fazendo coro ao desejo do Alexandre hebreu.

A esta altura, Davi já tinha muitos filhos, os quais apenas a peneira do tempo tornaria dignos de menção. Ao mesmo tempo, recomeçaram os conflitos com os filisteus. Davi derrotou-os num primeiro confronto, em Baal-Farasim, tendo capturado os seus ídolos.

Mais tarde os filisteus retornaram e foram novamente derrotados, pois não podiam viver muito tempo sem sofrerem repetidas humilhações diante dos israelitas.

Depois destas duas vitórias, Davi sentiu-se confiante a ponto de mandar trazer até Jerusalém a famosa arca da aliança, a mais sagrada relíquia dos hebreus.

Instalada num carro devidamente paramentado, a arca deixou o seu lugar de origem e foi levada em triunfo pelos campos, tendo à frente Davi, o qual, tomado por uma espécie de êxtase divino, cantava e dançava em trejeitos que se

revelavam algo constrangedores para um rei.

Antes, porém, que chegasse aos portões de Jerusalém, houve um incidente digno de nota, que pode nos dar bem a medida do quanto o deus de Israel não estava para brincadeiras. Estando, pois, a arca, colocada em cima da carreta, houve um instante em que um solavanco ameaçou lançá-la para fora. Ora, um certo Oza, que seguia ao lado da carreta, temendo pelo pior, teve a infeliz idéia de estender a mão para escorar a poderosa relíquia. Então, viu-se no mesmo instante fulminado pelo Senhor, jazendo morto ao lado da perigosíssima arca.

Davi ficou tão entristecido com a morte do insensato auxiliar, que batizou o local do incidente de “Brecha de Oza”. E não só entristecido, mas justamente assustado, de tal sorte que mandou colocar a relíquia na casa de um outro homem, chamado Obed-Edom, e não na sua, antes de fazê-la ingressar em Jerusalém.

Somente depois que se descobriu que a arca havia trazido bênção à família do tal Obed-Edom foi que Davi permitiu a sua entrada em Jerusalém.

Foi uma linda procissão. A cada seis passos Davi sacrificava ao Senhor um boi e um bezerro gordo, e logo reiniciava os passos extravagantes de sua dança. Quase inteiramente nu, vestido apenas com uma espécie de tanga sacramental, o rei israelita parecia reincidir novamente no seu transe místico, sob os olhos atônitos do povo.

Micol, uma das esposas de Davi e filha de Saul, que acompanhava de uma janela o cortejo, ficou tão escandalizada com as atitudes de seu marido que se tomou de um profundo desprezo por ele.

Finalmente a arca foi depositada no santuário erguido no centro da cidade, depois do que Davi distribuiu comida farta ao povo. Então, depois disto, não havia mais nada, mesmo, para o populacho fazer, eis que já fizera tudo quanto nascera para fazer: comera e bebera e dançara e cantara e fizera disparates de toda casta, até enjoar.

Davi, por sua vez, regressando ao lar, teve de enfrentar a ira de Micol, sua mulher.

- Belo papel fez diante desta turba, dançando desnudo como um macaco!
- disse ela, envergonhada da postura que o rei tivera durante toda a procissão.
- Dancei para o Senhor, e não para esta malta, pois ele me escolheu no lugar do teu pai para ser o novo príncipe de Israel!

Depois, fazendo novos trejeitos, acrescentou:

- Sim, diante do Senhor seguirei sempre pulando!

Micol, desde aquele dia, ficou estéril, e não gerou mais filhos para Davi –

e não se sabe se encarou isto como uma benção ou como uma maldição.

48. DAVI E BETSABÉIA

Davi, rei ungido e efetivo de Israel, estava já no pleno comando dos destinos da sua pátria. Depois que o profeta Natã profetizara um destino glorioso para ele e sua casa, o novo rei sentira-se ainda mais confiante. Ninguém mais ousaria contestar o seu poder e a sua legitimidade. Isbaal, o filho de Saul, que tentara tirar-lhe o cetro, estava morto. O povo amava o seu rei, um homem belo, misto de guerreiro e poeta.

Mas Davi queria ainda dar novas provas de sua força, e por isto foi com alegria que enfrentou mais uma vez aos filisteus, que não cessavam de afrontar os hebreus.

Depois de uma guerra breve, Davi venceu novamente os arquiinimigos de Israel, tomando-lhes a cidade de Gat. Empolgado, lutou também contra os moabitas, derrotando-os com facilidade. Davi, graças, decerto, à sua inventividade poética, mostrou-se também um inovador nas práticas da conquista. Assim que teve os moabitas em suas mãos, ordenou que todos os prisioneiros deitassem no chão, mandando em seguida que os medissem com cordéis.

– Para cada dois cordéis de prisioneiros condenados à morte, que fique um outro de vivos – disse ele, dando mostras de uma tocante e inédita magnanimidade.

Depois disto, Davi ainda derrotou ao rei de Soba, aos arameus de Damasco e aos edomitas, sujeitando-os todos a tributação. Todas estas vitórias fizeram com que os soberanos das redondezas viessem render sujeição voluntária ao rei de Israel.

Mas apesar de todos os seus triunfos, ainda restara no coração de Davi um resto de amargura pela perda de seu amigo Jônatas, filho de Saul. Decidido a reparar, de alguma maneira, a dor que se abatera sobre a casa de Saul, Davi deu ordem para que buscassem algum descendente do rei morto, até que um antigo servo de Saul apareceu com uma boa notícia.

– Ainda há um descendente de Saul vivo – disse ele.

– Quem é este? – disse Davi, ansioso.

– É o filho de Jônatas, aleijado dos pés – respondeu o servo.

O jovem chamava-se Meribaal, e Davi mandou trazê-lo até si.

– Eis o seu servo – disse o neto aleijado de Saul, prostrando-se diante do rei.

– Nada tema, Meribaal, pois o trouxe até mim para poder demonstrar misericórdia ao filho de meu amigo Jônatas, tal como lhe havia prometido em antiga aliança.

Davi restituiu ao descendente de Saul todas as terras que haviam pertencido ao antigo rei, além de torná-lo seu protegido, garantindo-lhe uma pensão perpétua para alimentação.

Meribaal tinha uma auto-estima pouco elevada, pois escutou a tudo isto rojado aos pés de Davi e chamando-se de servo e cão morto, além de declarar-se pouco merecedor dos favores que o rei lhe prodigalizava.

Desde este dia, Meribaal de pés e orgulho aleijados ficou sendo o protegido de Davi, dependente em tudo de sua misericórdia, o que, por outro lado, era muito conveniente ao rei, já que mantinha assim, sob rígido controle, o único sucessor vivo de Saul capaz de reivindicar legitimamente o trono de Israel.

Tendo pacificado a sua consciência, Davi pôde entregar-se, então, às questões políticas. Com a morte do rei dos amonitas subira ao trono o filho deste, chamado Hanon. Davi, querendo fazer uso da boa diplomacia, enviou alguns representantes para os funerais do rei. Porém, os conselheiros de Hanon eram muito desconfiados, e logo convenceram ao novo rei de que os tais embaixadores eram espiões.

Como resultado da intriga, os embaixadores de Davi tiveram suas barbas raspadas pela metade, sendo enviados de volta para Jerusalém com as vestes cortadas também pela metade, até as nádegas.

Os pobres embaixadores ficaram tão vexados que não ousaram apresentar-se neste miserável estado diante de Davi, permanecendo em Jericó até que suas barbas tivessem emparelhado outra vez.

Os amonitas, sabendo que teriam de Davi uma resposta terrível, imediatamente começaram a preparar-se para a guerra, contratando mercenários por toda parte.

Davi, por sua vez, colocou novamente Joab, seu fiel comandante, e o irmão deste, Abisai, à frente de suas tropas, para enfrentar os perversos amonitas, conseguindo com isto desbaratar os inimigos. Os arameus, por sua vez – que também haviam se metido, em má hora, no imbróglio – reuniram seus exércitos para tomar satisfações, o que irritou tanto a Davi que ele próprio tomou a frente dos exércitos em direção a Helam, disposto a dar em seus inimigos uma

tremenda lição.

Tudo nadou em sangue nas planícies que medeiam entre o Eufrates e o Jordão quando Davi encarniçou-se contra os arameus. Ao final do combate, Davi havia destruído setecentos carros de guerra, além de ter exterminado quarenta mil homens, devolvendo a paz àquela parte amena do mundo – ao menos momentaneamente.

Momentaneamente, porque logo em seguida, na primavera – época em que tradicionalmente os reis saíam para a guerra –, Davi começara uma nova campanha contra aqueles mesmos e renitentes amonitas. Desta vez, porém, entregara o comando das tropas às mãos experientes de Joab, seu experiente comandante, enquanto ele próprio decidira ficar em Jerusalém, para que o povo não esquecesse do seu rosto.

Depois de dormir quase um dia inteiro no palácio, o jovem soberano erguera-se de seu leito, ao anoitecer. Rumando para o grande balcão do seu quarto, Davi escorara seus cotovelos rijos sobre a pedra ainda quente da balaustrada e ficara observando placidamente as tonalidades rubras e cambiantes do céu.

Neste instante, porém, teve sua atenção desviada do céu para o ruído de chapinhar de água que vinha de uma casa vizinha. Estando seu terraço situado muito acima das outras casas, pôde ele ver perfeitamente uma mulher banhando-se inteiramente nua numa espécie de terma a céu aberto. Acomodando melhor os cotovelos sobre a balaustrada, Davi ficou observando os movimentos delicados da bela mulher.

“Quem será esta encantadora criatura?”, pensou o rei, agradavelmente surpreso.

A mulher, sem perceber que era observada, continuava banhando-se despreocupadamente, recebendo na parte descoberta do seu colo a luz escarlate do poente. Então, num gesto súbito que pegou o rei desprevenido, ela lançou a cabeça para trás, a fim de mergulhar a negra cabeleira na água, ficando com o rosto inteiramente voltado para ele. Para sua sorte, ela cerrara seus lindos olhos, e assim se mantivera, imersa numa espécie de sono aquático, enquanto os cabelos iam lentamente se espalhando sobre a água, ao redor de sua face, formando um halo magicamente negro.

Sentindo uma atração irresistível apoderar-se de todo o seu ser, o

insaciável Davi não teve mais sossego em sua alma até descobrir quem era aquela bela mulher. Depois de indagar discretamente aos seus conselheiros, descobriu que ela se chamava Betsabéia, e que era esposa do heteu Urias, um oficial do exército israelita.

– Apesar de estrangeiro, é um dos nossos soldados mais valorosos – disselhe o conselheiro.

– E onde ele está neste momento? – disse Davi, com grande ansiedade.

– Está combatendo os amonitas, junto com Joab, no sítio de Rabá.

– Traga-me já esta mulher! – disse Davi, num repente de audácia. – Quero-a no palácio ainda hoje!

Davi tinha bons motivos – assim supunha – para agir deste modo. Não era ele o rei, afinal? Qual mulher não se sentiria honrada ao saber que o homem mais desejado de Israel a estava convidando para dividir o seu leito, dentro do próprio palácio real?

O rei ficou andando de um lado para o outro no seu quarto, como um tigre enjaulado – ou antes, como um bode num curral estreito –, voltando repetidas vezes ao terraço para ver se avistava algum movimento na casa da encantadora mulher.

Enquanto isto, a mulher de Urias era informada da ordem que recebera de comparecer à presença do rei.

Betsabéia fez uma cara de espanto quando o criado lhe disse tal coisa, mas logo pareceu recobrar a serenidade ao pedir licença para ir vestir algo mais apropriado.

Tão logo se fechara em seu quarto para trocar-se, no entanto, um sorriso estranho surgira nos lábios da esposa de Urias – um sorriso enigmático que nada jamais poderá explicar, já que palavra alguma saíra de sua boca.

Para Davi o suplício da espera pareceu durar horas, até que finalmente um servo anunciou a chegada da desejada.

– Mande-a entrar – disse Davi, com os olhos acesos.

Dali a instantes, Betsabéia surgiu diante dos seus olhos. Envolta numa mantilha roxa, ela curvou a cabeça e lhe disse, com profunda humildade:

– O que deseja de mim, ungido de Israel?

Davi, que não era homem de preâmbulos, agarrou-a com brutalidade, arfando nos cabelos dela o seu hálito escaldante de leão no cio.

– Quero dormir com você! – disse ele, enterrando suas narinas dilatadas na cabeleira negra que tanto o havia obsedado.

Betsabéia fez um gesto brusco de defesa, dosando, porém, sua intensidade

a um ponto tal que, parecendo uma justa defesa à sua honra, também não representasse uma ofensa aos justos instintos do rei.

Neste instante – que a argúcia do leitor poderá decidir entre o providencial ou o intencional –, a mantilha da jovem escorregou-lhe até os pés, deixando à mostra uma túnica de linho negra e dotada de um decote oblíquo que, a despeito de deixar um de seus seios inteiramente tapado, descobria o outro quase até o mamilo.

Imediatamente uma mão de dedos longilíneos foi em socorro daquela região desprotegida, pousando sobre ela com uma espontaneidade tão absolutamente natural – mas que poderia equivaler aqui, também, à destreza de uma arte perfeitamente consumada – que sábio algum poderia jamais afirmar a qual movimento da alma se devera o seu impulso original.

Davi (cujo rosto um violento surto de atavismo havia tingido das mesmas cores intensas do crepúsculo recente), sem poder controlar mais quaisquer dos seus movimentos, despiu inteiramente a fêmea de uma só vez e carregou-a até o leito, onde ambos consumaram o ardente desejo (que parecia ser recíproco) durante a noite inteira.

Alguns dias depois do intenso prazer, seguiu-se, quase na mesma medida, um profundo desgosto. Betsabéia descobrira-se grávida, e o filho não podia ser de outro, senão de Davi, eis que seu marido estava há muito tempo metido no sangrento assédio à cidade amonita de Rabá.

O rei de Israel – que era tão frio no raciocínio quanto impetuoso no instinto –, ao saber do infausto acontecimento, ficou a pensar num meio de remediar a situação, até achar a solução perfeita para o caso. No mesmo dia, mandou uma correspondência a Joab, o comandante das tropas, para que fizesse Urias retornar com a maior brevidade possível a Jerusalém.

Assim que o marido de Betsabéia retornou da guerra, foi avistar-se com o rei.

– Tive notícias de sua brava dedicação – disse Davi ao militar. – Por isto decidi premiá-lo com alguns dias de descanso junto à sua mulher.

Urias, no entanto, era um daqueles homens fanáticos que não prescindiam, em momento algum, do culto ao dever.

– Perdão, meu rei, mas não posso desfrutar das delícias do meu lar enquanto Joab e os demais lutam encarniçadamente contra o inimigo – disse

Urias, irredutível.

Uma frase como esta teria merecido, em outra ocasião, um admirável elogio por parte do rei. Porém aqui mereceu apenas este pensamento áspero e pouquíssimo justo:

“Irra! Que criatura boçal!”

– Nada disso – disse Davi, voltando à carga. – Um soldado, por mais dedicado que seja, necessita de descanso e dos carinhos da esposa.

– Meu coração quase desfalece diante de tanta generosidade, grande Davi – disse o obcecado Urias –, mas não vou deleitar minha carne enquanto Israel tem a sua dilacerada pelas lanças dos perversos amonitas.

Davi ainda insistiu, mas o máximo que o oficial heteu aceitou foi ir dormir numa tenda de campanha, montada ali mesmo no pátio do palácio.

“E agora?!”, pensou Davi, ocultando a raiva que inchava o seu coração. “Se Urias não dormir com sua mulher, jamais poderá ser-lhe imputada a paternidade do filho”, pensou o rei, maldizendo a virtude guerreira do soldado.

Davi voltou a dar tratos à bola para ver se encontrava nova solução, até que, já de madrugada, encontrou-a – porém, nem de longe, tão feliz quanto a outra.

Acendendo uma lamparina, Davi correu até sua mesa e pôs-se a redigir uma ordem a Joab, o comandante supremo dos exércitos de Israel.

“Convoque Urias imediatamente de volta para o campo de batalha e coloque-o na linha de frente, onde o combate for mais violento”, disse o rei na sua missiva. “Depois, abandone-o, para que pereça às mãos dos amonitas.”

Davi releu a breve mensagem e achou-a explícita demais. Mas como não podia nem pensar na hipótese de que o incômodo rival voltasse vivo da guerra, deixou-a assim mesmo.

Urias, por fim, recebeu a ordem de partir novamente, e o fez alegremente – ou seja, de expressão sombria, que em tais temperamentos é a expressão máxima de sua felicidade atípica.

O plano de Davi funcionou à perfeição: Urias terminou morto, ao ser colocado diante do portão da cidadela de Rabá, com o corpo crivado de flechas.

O mensageiro levou a notícia a Davi, que respondeu com sua frieza habitual:

– Na guerra, a espada é como a foice: ceifa ora aqui, ora ali. Prossigam o assédio até a vitória.

Betsabéia pôde chorar descansada a morte do esposo, já que nada sabia do cruel ardil de Davi. Mas o Senhor, que tudo acompanha, desagradou-se

profundamente do ato de Davi, e mandou o profeta Natã até ele para censurá-lo.

– Numa cidade havia dois homens, um rico e o outro pobre – disse o profeta, que adorava admoestar por parábolas. – O rico possuía milhares de ovelhas e bois, enquanto o pobre apenas uma ovelhinha. Então um hóspede chegou à casa do homem rico, mas este, não querendo desperdiçar com ele nenhum dos seus animais, ordenou que tirassem ao pobre sua única ovelha e a cozinhassem para o visitante.

Natã olhou firmemente para o rei e arrematou:

– Que tal lhe parece?

– Tal vilão mereceria certamente a morte! – disse Davi, revoltado.

– Pois este vilão é você! – disse o profeta, perolando sua barba de perdigotos irados.

Davi ficou mortalmente pálido diante da revelação.

– Porque usou da espada para matar o seu rival, a espada jamais estará afastada de sua casa! E de dentro dela sairá o mal que lhe trará incontáveis desgostos!

Então Davi, lembrando-se subitamente do que a lei prescrevia para a prática do adultério e dos maus tratos a estrangeiros, viu sua alma encher-se de remorso.

– Pequei verdadeiramente contra o Senhor! – disse ele, rasgando suas vestes.

Mas, no meio de tantas censuras, o profeta tinha uma boa notícia a lhe dar.

– Apesar de tudo, o Senhor o perdoou, e você não morrerá.

Com a vida segura nas mãos, Davi sentiu-se um pouco mais reconfortado, nem lhe passando pela cabeça indagar dos motivos pelos quais o severíssimo Deus de Israel o havia perdoado tão facilmente.

– Você não morrerá, mas seu filho sim – disse Natã, como se tivesse lido os pensamentos do rei e resolvido reafirmar a severidade de Deus.

O filho dele e de Betsabéia não viveria: tal era o primeiro castigo.

E este não demorou a sobrevir, pois, quando o menino era ainda um bebê, foi acometido por uma grave doença. Davi, desesperado, entregou-se a severos jejuns, e a tanto chegou seu desespero que passou a noite inteira deitado de bruços no chão. Os criados insistiam para que se levantasse, mas rogo algum era capaz de fazê-lo erguer-se do chão, nem comer alimento algum antes de ver seu filho são outra vez.

Mas Deus não se apiedou e feriu seu filho de morte. Tão logo se deu o

triste desenlace, os servos de Davi foram tomados por grave receio.

– Se antes de ver o filho morto está metido em tal prostração, que tal há de ficar depois que souber da triste notícia de seu passamento? – disseram eles entre si.

Estes criados, no entanto, fizeram tais comentários bem ao lado da peça onde o rei jazia estirado, de sorte que este pôde ouvir perfeitamente o que diziam.

– Entrem, idiotas – disse uma voz rija, de dentro do quarto.

Os trapalhões entraram, grudados uns contra os outros.

– Meu filho morreu? – disse o rei, erguendo a cabeça.

O mais audaz dos servos tomou, enfim, a palavra.

– Infelizmente, meu rei.

No mesmo instante Davi ergueu-se, de um pulo, e foi lavar-se. Depois, envergando sua melhor túnica, foi ao templo e adorou o Senhor.

– Por certo enlouqueceu! – diziam as vozes. – Pois que ainda hoje estava rojado ao chão, e agora está aí, firme, sem uma lágrima no rosto!

Davi orou ao Senhor e retornou para casa, onde fez uma boa refeição, esfomeado que estava do longo jejum.

– Meu senhor, não podemos entender sua atitude! – disse um dos servos.

– O que não podem entender? – perguntou ele. – Enquanto minhas orações e jejuns podiam, de alguma forma, comover o coração do Senhor, a eles me entreguei com todo o fervor. Mas agora que meu filho está morto, de que me adiantaria uma única súplica ou ficar sem comer? Isto não só não o traria de volta, como faria com que eu fosse ao seu encontro.

Davi, deste modo, fazendo uso da frieza admirável que lhe era peculiar – unido àquele sentimento característico da esmagadora maioria dos vivos –, decidira que não queria ir ao encontro dos mortos, e por isto tratara logo de esquecer o assunto.

No mesmo dia, o rei tratou de procurar a amante que dera origem a toda aquela desgraça e foi deitar-se novamente com ela, a fim de repor a criança que a mão do Senhor tomara em castigo.

Nove meses depois, com efeito, veio ao mundo um novo – e desta vez lícito – fruto desta união, que se chamou Salomão, e do qual a sabedoria dos séculos vindouros teria ainda muito a dizer.

49. DAVI E ABSALÃO

Antes, porém, que se fale do ilustre Salomão, é preciso falar-se do insubmisso Absalão. Depois que Davi havia conseguido finalmente tomar a cidade amonita de Rabá e condenado à servidão todos os seus habitantes, houve um episódio sórdido envolvendo os filhos do rei, pois a maldição que o Senhor lançara à sua descendência começara já a dar os seus amargos frutos. (Deus resolvera punir Davi depois de este ter provocado a morte do esposo de Betsabéia, com quem ele tivera um romance.)

São três os personagens desta pequena tragédia, todos filhos de Davi: Absalão, Tamar e Amnon. Absalão e Tamar eram irmãos por parte de pai e de mãe, enquanto que Amnon era o primogênito de Davi e irmão deles somente por parte de pai.

Tamar era, pois, meia-irmã de Amnon, mas isto não impediu que ele se apaixonasse perdidamente por ela, contrariando frontalmente o que prescrevia a lei mosaica: “Se alguém tomar a irmã por parte do pai ou da mãe e tiver relações com ela, é uma infâmia; ambos serão publicamente eliminados do povo” (Lev 20.17).

Tamar era virgem e muito linda e Amnon não conseguia mais refrear sua paixão. Um dia, então, um primo velhaco de Amnon, chamado Jonadab, lhe deu uma bela sugestão para que ele pudesse ter a irmã em seus braços.

– Finja estar adoentado. Quando seu pai vier saber o porquê de sua enfermidade, diga-lhe que deseja ardentemente ver sua irmã e que só comerá do alimento que sua mão preparar – disse o primo, hábil em artimanhas.

– Ela virá e cozinhará para mim...? – disse Amnon, meio confuso.

– Sim, cozinhará – disse o primo.

– E o que mais...?

– Aí, priminho, é com você! – disse o outro, com um sorriso que por si só dizia tudo.

Fez-se tal como o planejado, e no dia acertado a bela Tamar veio ver o irmão.

– O que houve Amnon? – disse ela, assustada com o seu aspecto abatido.

– Estou doente – disse ele, assoprando as palavras. – Faça-me alguns daqueles pastéis deliciosos que somente você sabe fazer.

Tamar, que era o retrato da solicitude, correu a preparar a farinha e a massa, e logo já tinha prontos os pastéis mais deliciosos de todo o Israel.

– Aqui estão os pastéis – disse ela estendendo ao irmão os manjares. – Espero que ajudem a colocá-lo em pé outra vez.

– Antes mesmo que os coma já me sinto revigorado – disse Amnon à irmã, com um olhar tão intenso que ela chegou a pensar que ele delirava.

– Acalme-se e coma devagar – disse ela, estendendo-lhe o prato.

Então Amnon atirou para o alto os pastéis e agarrou violentamente a irmã.

– Venha deitar-se comigo! – disse ele, enlouquecido.

Tamar tentou dissuadir o irmão com rogos e argumentos, mas ele estava surdo a quaisquer rogos e argumentos, e prosseguiu a investir sobre ela.

Entretanto, depois que havia consumado o ato, Amnon, inexplicavelmente, sentiu-se tomado de um ódio incontrolável por ela.

– Saia já da minha cama, pasteleira maldita!

Tamar, perplexa com a atitude de quem se dizia há poucos instantes tão apaixonado, implorou que não a expulsasse:

– Amnon, não vê que com este seu segundo gesto violento está a fazer um mal ainda maior do que fez com o primeiro? Como poderei andar pelas ruas de Israel, a um só tempo violada e repudiada?

Mais uma vez surdo às suas súplicas, Amnon chamou um criado e ordenou que a expulsasse de sua casa.

– Expulse-a e tranque a porta – disse ele, virando o rosto para a irmã.

Tamar rasgou as vestes, cobriu a cabeça de cinzas e foi queixar-se a seu pai Davi, que após escutar suas queixas disselhe simplesmente que fosse morar na casa de Absalão. (Amnon era seu primogênito amado, e Davi não quis castigá-lo.)

Absalão, entretanto, tramou em segredo a punição de Amnon e, dois anos depois, durante a época de tosquia das suas ovelhas, mandou reunir em sua propriedade todos os filhos de Davi. Houve ali um grande e fraternal banquete, durante o qual Absalão orientou seus criados a embebedarem Amnon.

– Quando eu disser “já!”, matem-no sem piedade.

E assim se fez. Amnon foi morto a punhaladas pelas mãos dos criados de Absalão. Quanto aos outros filhos de Davi, montaram ligeiro em suas mulas e tomaram o rumo da estrada como se levassem o diabo nas costas.

Algun mensageiro mais veloz se adiantou a dar a notícia a Davi, em Jerusalém, garantindo que não só Amnon, como todos os seus outros filhos, à exceção de Absalão, haviam sido mortos no massacre.

Davi ficou tão desorientado que quase sentiu sua alma escapar-lhe pela

boca. Mas logo em seguida viu erguer-se uma grande poeira na estrada, descobrindo logo que eram os demais filhos que retornavam, pálidos como espectros, mas vivos.

– Houve um engano! – disseram-lhe. – Somente Amnon morreu!

Davi, que até há poucos instantes vira-se reduzido a pai de um só filho – e justo o pior de todos –, viu-se, assim, restituído quase à mesma condição anterior, o que lhe acalmou um pouco o espírito abalado (mas não, decerto, a ponto de deixar de lamentar amargamente a morte do primogênito).

Quanto a Absalão, deixou suas terras para buscar refúgio no reino de Gessur, onde esteve durante três anos, período de tempo suficiente para aplacar o ódio do coração de Davi, pois o rei parecia decidido a não levar muito a sério os crimes praticados por seus filhos (talvez por não vê-los senão como agentes involuntários da desgraça, operada pela mão do Senhor, que há muitos anos prometera infelicitar a sua descendência por um crime cometido por ele próprio).

O tempo passava e Davi não tocara mais no assunto. Absalão continuava em seu duro exílio e as coisas pareciam ter retomado o seu curso normal.

Então um dia Joab, o comandante de Davi, descobrindo por certas palavras do rei que este já havia perdoado ao filho em seu coração, decidiu apressar as coisas mandando ao palácio uma certa mulher da localidade de Técua, habilíssima nas artes da parábola. (O expediente de se referir a um assunto espinhoso por meio de parábolas, já usado anteriormente pelo profeta Natã, tornara-se, desde há muito, verdadeira mania em Israel, mas que somente alcançaria sua mais perfeita expressão algumas gerações depois, com o surgimento de um certo rabi da Galiléia.)

– Salva-me, meu rei, pois sou viúva e querem dar cabo da última luz dos meus olhos! – disse a mulher de Técua, curvada aos pés do rei de Israel.

Davi observava atentamente os jeitos e trejeitos da velha senhora, envolta em seu manto escarlata e com olheiras negras que pareciam pintadas com rolha queimada.

– Até ontem tinha somente dois filhos, que eram meus dois olhos – prosseguiu a dizer a chorosa mulher. – Desgraçadamente um tirou a vida do outro, e então sobrou-me somente um. Mas a família, revoltada, decidiu que também este deveria morrer! E é assim, meu senhor, que querem me deixar sem mais uma única faísca neste mundo!

Davi garantiu que não permitiria que lhe tirassem também o último filho,

mas isto não bastou para que ela se acalmasse, pois repetiu novamente toda a lengalenga, e tantas outras vezes, que finalmente o rei chegou a suspeitar que havia gato atrás daquele caixote.

– Por acaso você não está aqui a mando de Joab? – disse o rei, imaginando a autoria do ardil.

A mulher de Técua confessou, afinal, que assim era, e Davi dispensou-a com uma boa recompensa. Depois mandou chamar com urgência a Joab.

– Vai a Gessur e chama de volta Absalão – disse o rei ao comandante.

Joab já ia se retirando, satisfeito, quando Davi complementou:

– Que ele vá direto para sua casa, sem se apresentar a mim.

Este acréscimo infeliz, que revelava ainda uma mágoa indisfarçada, acabaria sendo a causa da desavença fatal que oporia, muito em breve, Absalão a seu pai.

Ao retornar, Absalão era já um homem extraordinariamente formoso, no vigor de sua força, tendo já suplantado ao próprio pai, que se tornara, com o passar dos anos, um tanto decadente. Tal como Sansão, o filho de Davi tinha uma cabeleira tão vasta que era preciso cortá-la uma vez por ano, rendendo cerca de dois quilos de um pêlo tão espesso e lustroso que se assemelhava à crina retinta de um puro-sangue.

Davi murchava enquanto Absalão florescia – tal era o retrato que a natureza fizera destes dois homens, tornando-os progressivamente irreconciliáveis, pois o vigor que fenece encontra sempre forças para resistir ao rival que se aproxima.

Absalão, apesar de estar de volta a Israel, esteve dois anos em Jerusalém como um reles anônimo, sem merecer uma audiência de seu pai.

– Por que Davi se recusa a me receber? – queixava-se aos amigos.

Então mandou chamar a Joab para que lhe explicasse o silêncio paterno.

Mas Joab não atendeu o seu pedido, e não foi vê-lo.

Absalão chamou-o novamente, mas nada de ele vir.

Então o sangue quente de Absalão ferveu em suas veias e ele decidiu vingar-se de Joab, mandando queimar os seus campos.

E só aí Joab veio.

– Por que mandou queimar meus campos? – disse o comandante.

– Por que não veio quando o chamei? – respondeu Absalão.

Definitivamente, Absalão começava a tornar-se perigoso.

– Por que meu pai me trouxe de volta de Gessur? – disse ele. – Melhor teria sido, então, permanecer no exílio do que ser humilhado às portas do

palácio.

Joab foi até Davi e conseguiu, finalmente, uma audiência entre pai e filho.

Absalão prostrou-se aos pés de Davi e este deu-lhe um beijo. Mas deve ter sido um beijo muito frio, já que Absalão, em pouco tempo, começou a arregimentar desesperadamente homens e carros de guerra.

Em pouco tempo, Absalão havia reunido antigos auxiliares de Davi, e seu nome era citado pelas ruas como se já fosse ele o novo rei.

– Absalão conspira abertamente contra ti – disse um dia Joab ao rei, atemorizado do poder que o robusto filho de Davi concentrava dia a dia em suas mãos.

Davi fez ouvidos moucos às advertências de seu conselheiro, até que Absalão fez proclamar-se novo rei de Israel, à revelia de Davi, numa cerimônia em Hebron. Junto dele estava Aquitofel, um dos principais auxiliares de Davi, dando bem a medida e o alcance que a conjura tomara.

Quando a notícia chegou ao conhecimento de Davi, este não tinha mais outra medida a tomar senão fugir de Jerusalém, pois as forças de seu filho já desciam em direção à cidade, dispostas a passar tudo no fio de suas espadas.

Davi deixou no palácio dez de suas concubinas para tomarem conta de casa e partiu para provar, pela segunda vez em sua vida, do gosto amargo do exílio, levando consigo seus auxiliares mais fiéis, além da sua guarda pessoal composta de seiscentos mercenários filisteus, que ele arregimentara durante seu exílio em Gat.

Entretanto, Davi não parecia excessivamente abalado pelos acontecimentos, parecendo ver naquilo mais um lance do castigo divino há muito prometido por seu antigo crime. Era isto: Absalão, pensando ser gente, era apenas um instrumento.

“Não se odeia um instrumento”, há de ter pensado o rei expulso, enquanto tomava um rumo que nem mesmo ele sabia direito qual seria.

Após atravessar a torrente de Cedrom, Davi ganhou o caminho do deserto, sob o choro e as despedidas sentidas de boa parcela do povo, que ainda o amava.

Então surgiram os levitas, carregando consigo a arca da aliança, que julgavam ter de acompanhar o rei no seu périplo desafortunado.

– Levem-na de volta – disse Davi, pois sabia que não era digno de tê-la consigo. – Se o Senhor entender que um dia ainda serei digno de revê-la, então me reconduzirá de volta ao trono de Israel.

Davi, a despeito de todos os seus defeitos, era inegavelmente um homem de fé, e talvez por isto tenha tido seus pecados relevados pela onipotência do seu

deus – um deus que parecia antepor a tudo a fé inquebrantável ao seu pacto.

Subindo o Monte das Oliveiras, Davi tinha a cabeça coberta e os pés descalços, como que imerso numa espécie de penitência sombria. Algo ali parecia irradiar uma angústia profunda, que fez ele sentir-se extremamente abatido.

Quando estava próximo de alcançar o topo, alguém lhe disse:

– Aquitofel também está metido na conspiração!

Davi ergueu os olhos para o céu e clamou ao Senhor:

– Senhor, faça com que os conselhos de Aquitofel virem loucura!

Neste momento, o rei fugitivo enxergou a Cusai, um araquita que seguia com o grupo, e lhe disse:

– Sua presença será mais útil em Jerusalém do que aqui. Retorna para lá e declara-te súdito de Absalão, para que possa tomar parte no conselho dos iníquos, desfazendo tudo quanto a perfídia do traidor Aquitofel sugerir a meu filho desorientado.

Cusai fez o que seu rei pedia e voltou para Jerusalém no mesmo instante em que Absalão entrava na cidade sob as aclamações do povo, que continuava a ser o mesmo inconstante dos tempos de Moisés.

Enquanto isto, Davi, no deserto, ia provando não só das amarguras, mas também das doces – embora raríssimas – surpresas que às vezes vinham conjuntamente. Foi assim, por exemplo, que viu certo dia chegar até ele Siba, o servo de Meribaal, o filho aleijado de Saul, trazendo consigo dois asnos carregados de provisões.

– O que o traz aqui? – disse Davi ao servo.

– Trago tudo isto para o meu rei – respondeu Siba.

– Foi por ordem de Meribaal, por acaso?

– Não, meu rei. Meribaal continua em Jerusalém e está certo de que terá restituído o reino que era de seu pai.

Davi baixou a cabeça, ao ver tão mal recompensado o tratamento que dispensara ao filho de Saul, logo após a sua ascensão ao trono.

– Tudo o que foi de Meribaal passará, então, a ser seu – disse Davi, punindo assim a Meribaal.

Mas nem sempre os caminhos de Davi eram obstruídos por presentes de servos fiéis. Ao chegar em Baurim, teve a contrapartida do gesto de Siba, ao ver sair ao seu encontro um certo Semei, que se pôs a lançar pedras em sua direção e a amaldiçoá-lo em nome de Saul.

– Assim como usurpou o trono de Saul, assassino e vadio, agora seu filho Absalão lhe toma também o seu reino!

Os oficiais de Davi tentaram reprimir o inoportuno, mas Davi ordenou que o deixassem em paz.

– Deixem-no, pois não é ele quem me amaldiçoa, mas o próprio Deus! Que diga tudo quanto tem a dizer, pois, uma vez esgotada a taça das injúrias, talvez o Senhor conceda me restituir a antiga ventura.

Para Davi, totalmente imerso no seu sonho autopunitivo, todos os seres que dele se aproximavam eram parte indissociável e atuante do espetáculo do seu julgamento perante o Senhor. Não havia mais pessoas isentas no mundo, mas somente testemunhas, pró ou contra, a movimentarem-se incessantemente ao seu redor.

Durante todo o trajeto aquele homem sombrio acompanhou Davi, pela encosta do monte, lançando pedras, dizer injúrias e a espalhar poeira pelo ar.

Cusai, o araquita, havia conseguido convencer a Absalão de que se tornara seu súdito mais fiel, conseguindo infiltrar-se nas decisões do conselho pessoal do novo rei. Rival do traidor Aquitofel, Cusai aproveitava sempre toda oportunidade que tinha para desacreditar os conselhos dele e fazer prevalecer os seus, na esperança de que trouxessem a ruína ao usurpador.

Então, certo dia, Aquitofel decidiu lançar uma expedição de doze mil homens contra Davi, para liquidar de uma vez com o antigo rei, consolidando o poder de Absalão. Este, agrado da idéia, decidiu, no entanto, consultar antes Cusai, o espião de Davi, para saber que opinião tinha sobre esta estratégia.

– Não me parece bom este conselho – disse logo Cusai. – Seu pai não vai intimidar-se diante dos exércitos de um ex-aliado; antes isto lhe dará uma tal superioridade moral que tirará daí uma energia extra para combater.

As palavras de Cusai pareceram tão sensatas e despidas do veneno da traição que Absalão insistiu para que o conselheiro fosse adiante em seu parecer.

– Se Aquitofel for derrotado, dirão que não ele, mas que Absalão foi derrotado, ficando assim desmoralizado diante do seu povo. Quem deve comandar tal expedição é você, rei de todo Israel, para que vencendo, se diga: “Vejam! O Senhor está com Absalão, eis que lhe concedeu a vitória sobre a tirania do próprio pai!”

Inflamado pelo discurso de Cusai, Absalão decidiu comandar ele próprio o ataque, tal como o espião sugerira. No mesmo dia, Cusai deu um jeito de alertar Davi sobre os planos do filho, de modo a não ser pego desprevenido.

Davi atravessou o Jordão e aparelhou-se para o confronto. Aquitofel, por

sua vez, ao ver que seu plano fora desdenhado por Absalão em detrimento daquele propugnado por Cusai, foi para sua casa e enforcou-se, pois algo em seu coração dizia que o Senhor tomara novamente o partido de Davi, e que aquela batalha seria a perdição de Absalão – e a sua própria.

O filho rebelde de Davi, dando cumprimento à sugestão de Cusai, atravessou o Jordão em busca do pai, mas este já havia se retirado para a cidade de Maanaim, onde foi bem recebido pela população.

Quando as tropas de Absalão se aproximaram dos muros da cidade, Joab saiu-lhes ao encontro, enquanto Davi ficara junto à porta para evitar que, em perecendo, tudo o mais percesse junto com ele. Antes que as tropas saíssem, porém, Davi gritou, em altíssimo brado, aos seus comandantes, de modo que nem um só deles o deixou de escutar:

– Não inflijam mal algum ao jovem Absalão!

Levando esta recomendação na alma, partiram os exércitos de Davi, sob o comando de Joab e de seu irmão Abisai, rumo à floresta de Efraim, onde as tropas de Absalão já estavam dispostas.

Esta floresta era repleta de grandes carvalhos, cujas miríades de galhos estendidos em todas as direções tornavam, sem dúvida, extremamente dificultosa a movimentação das tropas, especialmente dos soldados da cavalaria.

Como resultado, ali pereceram cerca de vinte mil, a maioria dos exércitos de Absalão, que se viu, assim, derrotado inapelavelmente.

A confusão era tão grande quando o combate se aproximava do fim que a certa altura Absalão chegou a perder-se dos seus comandados, dando de cara com uma tropa de soldados fiéis a Davi.

– Vejam ali! – gritou um deles, apontando na direção de Absalão. – Não é ele o filho de Davi?

Imediatamente, lançaram-se todos no encalço do usurpador, que começou a chicotear violentamente a sua montaria. Seus cabelos negros e esvoaçantes pareciam um grande manto a erguer-se por trás de suas costas, até que subitamente, ao passar por debaixo de um dos compridos e baixos galhos de um frondoso carvalho, teve sua cabeleira emaranhada nos ramos mais baixos, ficando miseravelmente pendurado, já sem a sua montaria, que disparara alucinadamente em busca de sua própria salvação.

Risos espocaram entre os soldados quando viram o filho de Davi preso pelos cabelos aos galhos do imenso carvalho.

Joab, ao ser informado de que Absalão estava prisioneiro, tomou imediatamente o seu rumo, censurando asperamente ao soldado que lhe dera a

informação por não ter abatido logo o filho de Davi:

– Imbecil! – disse ele, encolerizado. – Eu teria lhe dado dez moedas de prata e um cinto por isto!

O soldado defendeu-se, lembrando a proibição expressa do rei de que se tocasse num fio de cabelo do filho.

Ao chegar ao local onde Absalão ainda jazia ridiculamente suspenso entre o céu e a terra, Joab desceu do cavalo e empunhou sua espada, dando as costas ao soldado, que estava ainda a invocar as palavras de Davi.

– Chega de perder tempo contigo! – disse ele, arremessando imediatamente três dardos no peito de Absalão.

O filho de Davi recebeu os dardos com três gritos de dor, mas ainda assim permaneceu vivo, o que obrigou os servos de Davi – que eram dez – a caírem-lhe em cima como cães quando se abatem sobre a presa ferida, terminando de retirar-lhe o último hausto de vida.

Com isto, estava tudo acabado. Joab suspendeu sua trompa de guerra e fê-la soar rudemente, conclamando o fim das hostilidades. Absalão estava morto e seu corpo, depois de ter sido lançado numa fossa, foi coberto de pedras.

Então Joab chamou um etíope e lhe disse que fosse dar a notícia a Davi.

O negro deitou a correr como o vento, mas Aquimaas, um dos soldados de Joab, quis dar antes a notícia, e por isto pediu autorização ao seu comandante para tomar a dianteira do etíope.

– Faça como quiser – disse Joab, que não estava para disputas menores.

Foi uma bela corrida aquela, mas a vontade de Aquimaas era maior, e por isto ultrapassou ao etíope no caminho das planícies.

Davi estava ainda à porta da cidade quando uma sentinela deu o aviso.

– Lá vem um homem!

Davi, erguendo-se num pulo, foi esperar a chegada do homem veloz.

– Esperem, há outro atrás dele! – disse o mesmo sentinela, num grito mais alto.

Davi, farto de desgrças, pensou consigo que ambos trariam boas notícias.

– Bendito seja o Senhor que deu a vitória a Davi! – disse Aquimaas, o primeiro mensageiro.

– E Absalão, como está? – quis saber Davi.

– Vi um grande tumulto ao seu redor, mas não pude saber o que dele foi feito! – disse o jovem, talvez querendo preparar o espírito de Davi para a funesta notícia.

Então, logo em seguida, chegou o mensageiro etíope, esbaforido.

– O Senhor fez justiça a todos os que se revoltaram contra o meu rei! – disse o negro, prostrando-se ao chão, num misto de reverência e exaustão.

– E meu filho Absalão, como está? – perguntou o rei.

– Que tenham a mesma sorte que ele teve todos quantos se rebelarem diante de seu poder e autoridade – disse o etíope, talvez um tanto enfaticamente demais.

Davi decididamente envelhecera. Desta feita, em vez de mandar cortar a cabeça do mensageiro – e, com mais razão ainda, a de Joab –, como fizera anteriormente, abandonou simplesmente a porta onde estava e subiu para um aposento num andar acima, onde deu livre vazão a sua dor.

– Meu filho Absalão! – gritava Davi. – Por que não morri em seu lugar?

E assim encerrou-se o capítulo mais negro da maldição que Deus lançara sobre Davi, o qual, por certo, pagou bem caro o grande pecado que cometera, muitos anos antes, contra o inocente Urias, esposo de Betsabéia.

DO PRIMEIRO LIVRO DOS REIS

50. O JULGAMENTO DE SALOMÃO E A RAINHA DE SABÁ

Depois de um longo período repleto de tribulações à frente do trono de Israel, Davi tornara-se um ancião quase decrépito. Sua habitual frieza de caráter migrara para seus ossos, tornando-o um velho friorento, suspeitando sempre de correntes de ar por todo o palácio. Por mais que o cobrissem de roupas, Davi estava sempre com frio.

Seus conselheiros decidiram, então, arrumar-lhe uma serva que o esquentasse durante as noites frias. Depois de muito procurarem, acharam a mulher ideal.

– Aqui está a jovem que haverá de lhe esquentar o sangue em suas gélidas noites – disseram eles, apresentando-lhe uma serva da região de Sunam, chamada Abisag.

A jovem – que era, de fato, encantadora – aproximou-se, quase apavorada, do velho rei, como se estivesse diante do próprio Jeová.

Davi, envolto em pesadíssimos mantos, lutou para retirar sua mão encarquilhada de dentro do emaranhado de panos. Quando Abisag encostou seus lábios na pele engelhada e coberta de manchas marrons, sentiu um arrepio profundo percorrer suas entranhas. A jovem não podia acreditar que um ser pudesse manter-se vivo naquela temperatura, chegando mesmo a pensar que Davi estivesse morto, e que alguém oculto debaixo da montanha de panos comandava os gestos do velho empalhado. Era com aquele espectro que ela, cheia de saúde, teria de coabitar todas as noites, como uma perfeita personificação da Vida a dividir o leito com a Morte. (Para seu alívio, Davi perdera já sua antiga virilidade, restando a ela acompanhar de olhos fechados o moroso escorrer das horas noturnas, com um estoicismo que beirava o martírio.)

Mas quem pensasse que para Davi toda a vida transcorria agora, apenas, neste dilema prosaico de esquentar-se todas as noites ao lado de uma serva de sangue quente, certamente que estaria laborando em erro. A maldição que o Senhor lançara sobre a descendência de Davi ainda dava seus últimos e venenosos rebentos.

Desta vez, o autor das desditas chamava-se Adonias. Sendo o quarto filho de Davi, decidira que depois de morto Absalão, chegara a sua vez de tomar posse do trono.

– Serei eu o próximo rei! – dizia ele por toda a parte, na fúria de arregimentar, com a máxima rapidez, número suficiente de adeptos.

Sendo o primeiro na linha de sucessão, após a morte de Absalão, Adonias não chegava sequer a provocar a ira de Davi, que parecia cada vez mais alheado

de tudo.

Então, certo dia, imaginando já ter número suficiente de adeptos, Adonias fez-se proclamar rei de Israel junto à fonte do Pisoeiro, à revelia do pai. A notícia correu por todo o reino, que parecia prestes a mergulhar em nova e sangrenta guerra civil.

Natã, o profeta de Israel, correu logo a dar a notícia a Betsabéia, mãe de Salomão.

– Apressa-te na defesa do direito de teu filho, eis que Adonias fez-se ungir rei por sua própria conta! – disse o velho profeta, que tomara o partido dela na disputa.

No mesmo instante, Betsabéia correu até o palácio de Davi.

– Meu senhor, não me disse um dia que Salomão o sucederia no trono? – disse a velha mulher, pondo-se de joelhos diante do trono. – Se não fizer algo para impedir que Adonias o suceda, tanto eu como Salomão pereceremos às suas mãos!

Davi custou a entender as palavras da antiga amante, mas de repente acendeu os olhos, como se algo repentinamente tivesse sido conectado em seu cérebro.

– Sim, eu lhe jurei, pelo Deus de Israel, que Salomão assumiria o trono depois de mim, e assim será! – disse o rei, com surpreendente firmeza.

Betsabéia prostrou-se aos pés do rei, enquanto este ordenava aos sacerdotes que conduzissem Salomão numa mula até as fontes de Gion – nascente de água situada fora das muralhas do lado oriental de Jerusalém – para que ali fosse ungido rei de Israel o filho seu e de Betsabéia.

Salomão recebeu sobre a cabeça o óleo consagrado, enquanto as trombetas soavam estridulamente, anunciando que Salomão era o único e efetivo rei de Israel.

O novo rei retornou a Jerusalém, sendo aclamado pelas ruas como o legítimo sucessor de Davi. Quanto a Adonias, tão logo tomou conhecimento do fato, viu-se abandonado por seus correligionários, que desapareceram cada qual por um caminho, restando-lhe procurar refúgio junto do altar, que era recinto considerado inviolável.

Quando o novo rei soube do pavor que acometera a Adonias, mandou-lhe que viesse até Jerusalém provar sua lealdade, pois caso contrário seria inapelavelmente morto. Adonias fez o que a benevolência de Salomão ditara e pôde, assim, retornar incólume para casa.

Com a consolidação definitiva do novo rei, Davi começou a fraquejar, dando mostras evidente de que se encaminhava para a morte. Não era mais nem sombra do jovem vigoroso que abatera um dia o gigante Golias (feito incrível que só teve rival naquele outro, perpetrado por um certo Jesbaal – talvez o maior de todos os prodígios que a Bíblia refere –, o qual, tendo empunhado sua lança contra oitocentos inimigos, matara-os a todos “num único golpe”, conforme 2 Sm 23.8).

Apesar de estar com o cérebro meio debilitado pela idade, Davi ainda era capaz de fazer algumas reflexões tardias sobre a vida. Uma delas era a de que, dentre todos os flagelos da existência, nenhum se igualava ao da odiosa velhice, e de que o festejado saber que diziam acompanhá-la não passava, na verdade, de um eunuco sentencioso, incapaz de reparar com suas recriminações quaisquer de seus erros – ou mesmo de impedir alguém da prática de um novo.

“Bem dizem que a sabedoria é um pente que a vida nos dá depois que perdemos todos os cabelos!”, pensava ele sob os cobertores, pressagiando as sombrias reflexões que um dia seu filho, já velho, também faria acerca dos desenganos do mundo.

Apesar de tudo, Davi persistia na sua fé, a mesma que o exaltara nos instantes de virtude e o cumulara de dor nas horas de vilania. Era ela, afinal, quem dava ainda uma aura de sóbria dignidade ao quadro lamentável de sua figura decrépita.

Agora, porém, estava tudo nas mãos de seu filho. Salomão ingressava na glória da vida que se chama juventude, época em que a energia, sobrepondo-se à reflexão, prepara alegremente os crimes que irão distrair, mais tarde, a enfadonha velhice.

“Sabedoria é vigor nos membros!”, talvez pensasse o velho matador de filisteus ao escutar os passos enérgicos do filho, herdeiro do trono e da vida, a rumar na direção do quarto onde tentava inutilmente dar algum calor aos seus fatigados ossos.

– Mandou chamar-me, meu pai? – disse Salomão, postado sobre suas pernas sólidas como colunas.

– Eis, Salomão, que estou prestes a seguir o caminho de todos os mortais – disse o arquívelho ao jovem, tocando num assunto de todo incompreensível ao outro.

Então Davi repetiu todas as recomendações que os lábios murchos de Adão, Noé, Abraão, Isaac, Jacó, Moisés e tantos outros haviam proferido desde a

aurora da terra, lembrando que a observância dos preceitos do Deus de Israel seria sempre o penhor maior da continuidade da aliança que este fizera com sua descendência.

– Se assim fizer, jamais há de faltar um sucessor no trono de Israel – disse Davi, completando sua breve peroração.

Apesar de toda a fraqueza, Davi ainda encontrou forças para praticar um gesto viril, que foi ordenar o castigo de seu velho comandante Joab, o mesmo que espetara três dardos no peito de seu filho Absalão quando este estava com os cabelos emaranhados nos galhos do carvalho fatídico.

– Não permita que os cabelos brancos de Joab desçam em paz à morada dos mortos – disse o velho salmista.

Então Davi ainda encontrou tempo para repassar na tela esgarçada de sua mente a figura de todos os seus antigos desafetos, vendo logo surgir a figura de Semei, o benjaminita que lhe arremessara pedras e impropérios durante a sua fuga de Jerusalém, nos primeiros dias de sua ocupação por Absalão.

– Bem sabe que perdoei-o no meu regresso a Jerusalém – disse o velho Davi, cujos olhos pareciam remoejar misteriosamente –, mas nem por isto você deverá deixar impune as injúrias que ele me assacou diante de todos. Que os cabelos brancos de Semei, pois, também desçam tintos de sangue à morada dos mortos.

E este foi um dos meios que o maior de todos os reis de Israel encontrou para permanecer vivo, mesmo depois de já ter ido reunir-se aos seus antepassados. O outro, muito mais famoso – e decerto, também, infinitamente mais suave –, foram os versos piedosos que deixou eternizados nos seus imperecíveis salmos, que as gerações futuras – crentes ou não do mesmo deus que ele cultuou com fervor – continuarão ainda a recitar, nas horas de desespero, pelos séculos dos séculos.

Salomão – que a sabedoria futura haveria de eleger como um dos homens mais sábios de todos os tempos – começou seu magnífico reinado matando um irmão.

E tudo se deu assim: estava um dia Betsabéia, a mãe de Salomão, entregue aos seus muitos afazeres de rainha-mãe, quando viu Adonias, o irmão de seu filho, adentrar os paços do palácio.

– Vem em paz, Adonias? – disse ela, precavidamente.

– Sim, venho em paz – disse o outro. – Você sabe, como de resto todo o povo, que o trono de Israel pertencia a mim, mas que o Senhor o destinou, por fim, a Salomão.

– Não há quem não saiba e não reconheça neste fato a expressão da vontade e da justiça absolutas do Senhor – disse Betsabéia, com firmeza.

– Também eu entendo assim – disse Adonias, com ar piedoso. – Entretanto, venho hoje à sua presença para fazer-lhe um único pedido.

A mãe de Salomão não moveu uma única ruga do seu rosto, certa de que aquele instante seria o primeiro de muitos outros desagradáveis.

Como Betsabéia nada dissesse, Adonias seguiu adiante:

– Quero que me conceda, como prêmio de consolação pela perda do cetro de Israel, a mão de Abisag, a concubina de Davi.

Betsabéia nada prometeu a Adonias, senão que iria falar a Salomão, o que fez logo em seguida. Este, entretanto, ficou extremamente furioso com a proposta, principalmente porque ficara com a mesma impressão desagradável da mãe.

– Começaram as importunações...! – disse ele a Betsabéia.

Então Salomão, entendendo que Adonias seria sempre uma pedra em seu reinado, e que era de pequena que se extirpava a erva ruim, decidiu eliminar de vez o irmão rival, encarregando um aliado fiel de levar a cabo a missão.

Mas o rei sabia que Adonias não era o único insatisfeito em seu reino, e por isto decidiu fazer aquilo que a sabedoria viril de seu pai lhe sugerira no leito de morte.

Num curto espaço de tempo, Salomão ordenou a morte também de Joab e Semei, conforme o desejo expresso de Davi, completando a “limpeza política” do reino, pois naqueles dias rudes de governos autocráticos e hereditários a eliminação física dos opositores era o meio mais seguro e irreversível de aplacar-se os rancores dos derrotados nas lutas quase sempre sangrentas pelo poder.

Joab, o velho comandante de Davi, que terminara sendo o responsável pela morte de Absalão, o filho insubmisso daquele rei, teve um fim lamentável, não lhe valendo de nada o expediente de ter buscado refúgio junto ao altar do Senhor (Salomão, sabendo disto, ainda assim ignorou o sagrado direito de asilo e mandou que o matassem ali mesmo, dentro dos limites do Templo).

Pacificados os ânimos e liquidados os focos de rebeldia, Salomão pôde, assim, dar início ao seu reinado de grandes realizações.

Na época em que começou a reinar, Israel era um estado solidamente constituído e merecedor de respeito das nações vizinhas. Graças a isto, Salomão

pôde tomar por esposa a filha do faraó do Egito, cuja nação havia perdido em muito o seu antigo poderio, vivendo agora à custa de alianças políticas. O casamento da filha do faraó com um potentado do porte de Salomão foi um bom meio de dar estabilidade aos dois países, além de garantir a paz numa época em que a conquista – ou seja, a pilhagem de reinos vizinhos – ainda era o grande meio de sobrevivência das grandes nações.

Salomão – influenciado, talvez, pelo exemplo do sogro – deu início, então, à construção de várias obras faraônicas, dentre as quais avultaria futuramente o famoso Templo de Salomão, uma das maiores maravilhas arquitetônicas da humanidade.

Até aquela época, contudo, o povo oferecia seus sacrifícios nos lugares altos de Jerusalém, e Salomão era obrigado a fazer o mesmo. Então um dia, ao subir as colinas de Gabaon (onde fora oferecer nada menos que mil holocaustos ao Deus de Israel), Salomão teve um sonho no qual o Senhor lhe apareceu.

– Peça o que deseja e eu lhe darei – disse o Senhor.

Salomão, imerso no sonho noturno, respondeu depois de alguns instantes.

– A sua grande benevolência fez com que eu pudesse estar hoje assentado no trono de meu pai Davi. No entanto, não sei se tenho sabedoria para governar um povo tão numeroso. Peço, então, que me dê um coração sábio e obediente, para que possa seguir sempre em suas veredas.

Foi uma bela resposta, digna de um sábio, já que antepunha a humildade à arrogância, e o Senhor agradou-se tanto dela que respondeu dizendo que estava encantado pelo fato de seu servo não lhe ter pedido o que qualquer espírito vulgar, em seu lugar, teria pedido, como riquezas e glória, e que por causa disto lhe daria a sabedoria que ele pedira, acrescentando-lhe como prêmio tudo o mais que não pedira.

Salomão voltou a Jerusalém e pouco tempo depois teve a oportunidade de fazer um uso verdadeiramente magnífico da sabedoria que Deus lhe infundira.

Aconteceu, pois, que estava Salomão a dar suas audiências quando lhe foram apresentadas duas prostitutas, as quais se mostravam extremamente irritadas, prestes a engalfinharem-se num luta de vida ou morte. Junto delas entrara um soldado carregando uma criança recém-nascida, que berrava mais alto do que as duas rameiras juntas.

– Meu rei e senhor! – disse uma das mulheres. – Morava eu até ontem com esta vadia que aí está, numa mesma casa. Então, há questão de dias, estando grávida, dei à luz uma criança. Três dias depois, ela também deu à luz outra criança. Assim ficamos durante alguns dias, até que na noite passada ela dormiu

sobre o seu bebê e o sufocou. Inconformada, a bruxa trocou o filho morto pelo meu, aproveitando-se do meu sono, de sorte que acordei com o bebê morto em meus braços, acreditando tratar-se do meu. Mas logo vi que não se tratava do meu bebê, e que esta bisca, além de ter sido descuidada com o seu, ainda havia pretendido tomar o meu filho para si.

No mesmo instante, a outra demônia retrucou, dizendo que era tudo mentira, e que o bebê vivo era o seu. E com estas acusações chegaram a lançar-se uma sobre a outra como duas cadelas de rua que eram, entranhando com tanta gana suas garras compridas, uma no cabelos da outra, que os guardas levaram um bom tempo até destrinçar toda a maçaroca.

– Basta, perdidas! – disse Salomão, gravemente soturno.

Então o rei pediu a um dos servos que lhe trouxesse a espada mais afiada que por ali havia.

– Já que são incapazes de chegar a um acordo – disse ele, com a máxima seriedade –, cortem a criança em duas, dando a metade a cada uma.

O servo aproximou-se, e tendo já deposto o bebê sobre o estrado, tinha suspensa a espada no ar, pronto para fazê-la descer sobre a inocente criatura.

Neste instante, a verdadeira mãe – que era autora da queixa – lançou-se no caminho da espada e implorou para que o carrasco suspendesse a execução, autorizando a que dessem a criança para a outra mulher, que se mostrara perfeitamente satisfeita com a solução arbitrada pelo rei e que dizia: “Já que não será meu, também não será seu!”.

Imediatamente Salomão suspendeu a execução, dizendo:

– Que o filho seja dado àquela que não o quis morto, pois esta é a mãe verdadeira.

Quanto à outra, foi dispensada, não sem antes, porém, levar uma surra de vara nas plantas dos pés que a obrigou a deixar o palácio de rastos.

Davi, pai de Salomão, havia anteriormente tido a idéia de construir um magnífico templo ao Senhor, mas como se envolvera demais em guerras, não tivera tempo nem recursos para levar adiante a tarefa. Além disto, o próprio Deus de Israel havia dito que ele não poderia erguer a sua casa, pois havia derramado sangue em seu reinado. Então Davi entregou as plantas do Templo ao seu filho Salomão (em que pese este também tenha derramado sangue no começo do seu reinado, inclusive ao pé do altar consagrado a Deus, quando da

morte de Joab), o qual deu início à construção da obra que se tornaria, ao cabo de sua construção, um dos mais belos monumentos arquitetônicos de todos os tempos.

Graças à ajuda que obtivera de Hiram, rei do poderoso reino de Tiro – que lhe enviara os mais belos cedros do Líbano, além de hábeis artífices sidônios para trabalhá-los –, Salomão pudera dar início, quatrocentos e oitenta anos depois da fuga dos israelitas do Egito, às obras do Templo.

Uma multidão de trabalhadores foi posta a trabalhar (oitenta mil homens, por exemplo, estavam encarregados somente de cortar pedras nas montanhas, enquanto outra multidão realizava as tarefas propriamente ditas da construção) até que a obra estivesse finalmente concluída, sete anos depois que a primeira plaina havia deslizado sobre a primeira tábua do majestoso templo.

Trinta metros de comprimento, dez de largura e quinze de altura tinha o Templo quando de sua inauguração. O pórtico principal, em frente à nave, tinha dez metros de altura, e era todo adornado de janelas e grades em toda a sua extensão. O teto foi todo erguido com traves e cobertura do mais puro cedro, enquanto que as paredes interiores também foram todas revestidas com madeira da mesma qualidade. O pavimento, por sua vez, foi coberto com tábuas de cipreste perfeitamente aplainadas.

Depois de tudo, Salomão mandou revestir o templo por dentro com ouro puríssimo, colocando correntes do mesmo material à frente do Santíssimo, revestido igualmente de ouro e cercado por dois querubins de madeira de oliveira, cada qual com dez côvados de altura e banhados também do precioso revestimento.

Enfim, não havia um único detalhe do Templo que não esplendesse aos olhos, e uma única vida não seria jamais o bastante para que se pudesse descobrir todos os detalhes de labores e marchetarias que a habilíssima mão dos artífices haviam espalhado por todos os recantos daquela obra de estonteante beleza.

Pronto o Templo, Salomão fez com que fosse transferida para ali a arca da aliança, que estava em Sião, debaixo de um grande cortejo, que terminou com a imolação ritual na nova casa do Senhor de incontáveis ovelhas e bois.

Quando os sacerdotes já haviam se retirado do santuário, uma nuvem encheu a casa do Senhor, trazendo a Salomão a lembrança de que ele dissera um dia que habitaria em densa nuvem, o que o fez ainda mais glorificar o seu deus.

Depois do Templo, Salomão ainda construiu o seu palácio, que nada ficou a dever ao esplendor do primeiro, e cuja construção levou treze anos para estar

pronta. (Tão grande ficou o palácio, e tal foi a quantidade de madeiras nobres empregadas na sua feitura, que quando ficou pronto foi chamado de “Floresta do Líbano”).

Depois da consagração do Templo, Salomão teve um segundo sonho com o Senhor, no qual este repetia todas as advertências que lhe fizera anteriormente, insistindo para que guardasse sempre o pacto feito entre ele e seu povo – advertência que, estranhamente, parecia ter mais o dom de provocar a desobediência do que a submissão (já que aqui não iria ser diferente, como logo se verá).

Com tudo isto, a fama de Salomão espalhou-se por todo o Oriente, fazendo com que embaixadas de todos os países chegassem quase todos os dias a Jerusalém para conhecer de perto o sábio estadista e suas obras prodigiosas.

A mais importante destas visitas, sem dúvida, foi a que a rainha de Sabá fez ao potentado hebreu, chegando a Jerusalém à frente de uma espantosa comitiva, repleta de camelos carregados das maiores preciosidades que pudessem haver no universo.

A rainha – cujo reino localizava-se no sudoeste da Arábia (atual Iêmen) – era obcecada por enigmas, e viera disposta a testar a sabedoria de Salomão. Ao cabo de suas muitas entrevistas, no entanto, desinteressara-se das prosaicas charadas, ficando inteiramente absorvida pelos discursos do sábio anfitrião – e, acima de tudo, por seus provérbios maravilhosos, que ele os espargia como que numa divina enxurrada:

“Defesa do rico é a sua fortuna; ruína dos pobres, a sua indigência”;

“Mulher bonita encontra a fama, e pessoas enérgicas encontram a riqueza”;

“Anel de ouro em focinho de porco; tal é a mulher bela, mas insensata”;

“Uma resposta calma, aplaca a ira; a palavra dura atíça o furor”;

“O suborno é uma pedra mágica para quem o dá; com ele, em toda parte, consegue-se tudo”;

“Ânimo alegre faz florescer a saúde; espírito abatido seca os ossos”;

“Corrige teu filho enquanto há esperança; não te descontroles, porém, a ponto de lhe tirares a vida”;

“O preguiçoso enfia a mão no prato e não é capaz de levá-la a boca”;

“Treina-se o cavalo para o dia da batalha, mas quem dá a vitória é o Senhor”;

“A porta se revolve nos gonzos; assim o preguiçoso na cama”;

“Como o cão que volta ao seu vômito, tal é o insensato que repete a sua

estupidez”;

“Maças de ouro em bandeja de prata; assim é a palavra oportuna”;

“Nuvens e vento e chuvas que não vêm, tal é aquele que se gloria, mas não cumpre as promessas”;

“O espírito é que sustenta a pessoa na enfermidade; se o espírito se abate, quem o sustentará?”;

“Revela ao Senhor tuas tarefas, e teus projetos se realizarão”.

E assim uma infinidade de outros provérbios Salomão proferia, os quais a rainha fazia seus servos anotarem às pressas, com grande temor de que no furor do entusiasmo se lhe escapasse algum.

A partir daquele dia, a rainha passou a ser a mais ardorosa colecionadora de provérbios do Oriente.

A rainha continuou sua visita num estado de permanente encanto, como se estivesse imersa num daqueles países de sonho e fartura de que a literatura oriental está repleta, sendo este seu estado ainda mais revelador da opulência de Salomão, já que ela própria dera de presente ao rei israelita cerca de quatro toneladas de ouro e grande quantidade de perfumes e pedras preciosas trazidas de sua terra.

E foi assim que, convencida de que o Deus de Israel era verdadeiramente poderoso e que fora ele o autor da riqueza daquele reino, a rainha de Sabá finalmente partiu de volta para a sua terra.

Mas, apesar de todas as riquezas que Deus cumulara às mãos de Salomão – e mesmo a própria sabedoria –, não foi o rei capaz mostrar-se inteiramente digno de tantas benesses, pois também ele chegou a pecar contra a fidelidade ao Senhor.

Salomão, contrariando a vontade divina, casou-se com setecentas esposas, além de manter trezentas concubinas no seu harém, muitas delas mulheres de nações idólatras, inimigas do Deus de Israel. Estas mulheres fizeram com que Salomão passasse a adorar também os seus deuses, enchendo de ira o coração do Senhor.

Então o Deus de Israel decidiu punir Salomão, dividindo o reino israelita – porém somente depois da sua morte, pois quisera fazer nisto uma homenagem a Davi, aquele que fora sempre fiel ao pacto com Deus.

Salomão, a esta altura, já era um homem velho. Terminado o verdadeiro festim do vigor e da fartura que fora a sua incomparável juventude, começava agora ele a trilhar o mesmo e áspero caminho que seu pai também um dia trilhara. Aproximava-se a hora do recolhimento e da reflexão, e Salomão – o homem que, mais do que qualquer outro, bebera do néctar delicioso da saúde, da

fortuna e da alegria – estava prestes a sorver, agora, a borra negra e amarga que se formara no fundo da brilhante taça.

O mais sábio dos homens estava a um passo de defrontar-se com o espectro da desilusão, da doença e da morte, e a um passo, também, de extrair deste encontro uma das reflexões mais poderosas já feitas sobre o sentido da vida.

51. O CÂNTICO DOS CÂNTICOS E O ECLESIASTES

Salomão, apesar da idade avançada, continuava a ser um homem de cultura impressionante. Embora sua sabedoria prática jamais tivesse sido absoluta – já que cedera com demasiada facilidade às tentações do luxo e da idolatria –, nem por isso deixara de ser um brilhante pensador. Seus “Provérbios” e o “Livro da Sabedoria” provam isto à sociedade.

Existem outros dois livros que, a serem mesmo de sua autoria, demonstram a enorme versatilidade de seu saber, já que nestas duas obras singulares ele revela-se muito acima da pregação de um mero moralista. O primeiro deles é o chamado “Cântico dos Cânticos”. Apesar de composto no séc. V a. C., depois do exílio babilônico, este texto tem sido normalmente atribuído a Salomão, e não consta de todas as Bíblias, já que muitas igrejas consideram-no “moralmente inadequado”. Outros, porém, defendem a sua inclusão no livro sagrado, fazendo verdadeiros malabarismos de exegese piedosa para tentar extrair das suas entrelinhas as mais diversas alusões místicas.

Entretanto, para além das interpretações e dos simbolismos extravagantes, o que temos de verdadeiramente concreto é o texto – sem dúvida, belíssimo –, no qual se descreve, de maneira clara e objetiva, o desejo lúbrico e irresistível de dois amantes.

Descrito sob a forma de um diálogo ardente entre dois amantes apaixonados, o poema começa com um grito de luxúria da mulher: “Que ele me beije com os beijos da sua boca!”, diz ela, uma jovem guardiã das vinhas, ali colocada pelos irmãos por causa de sua pele morena (“não me olhem com desdém por eu ser morena, pois foi o sol que mudou a minha cor”, diz a pobrezinha, desculpando-se).

Mas cedo ela abandona a guarda das vinhas, pois o que deseja mesmo é ir atrás do seu amante, um jovem e belo pastor. Este compara a amada a “uma potranca das carruagens do Faraó”. Depois os dois encadeiam uma troca gentil de elogios, até que ela começa a lembrar a noite em que saiu em busca do galante guardador de ovelhas. Depois de cruzar com os guardas que faziam a ronda pela cidade, a jovem finalmente encontrara o amado: “Segurei-o e não o

soltarei, até que o introduza na casa de minha mãe, no aposento daquela que me concebeu”, diz ela, aliviada.

Recomeçam, então, os jorros extasiantes dos elogios, nos quais o amante entrega-se, no melhor estilo oriental, a um jogo de comparações bucólicas acerca das diversas partes do corpo da amada: os olhos são os mesmos das pombas; os cabelos, como rebanhos de cabras; os dentes, um rebanho de ovelhas tosquiadas; os lábios, uma fita escarlate; e as faces, duas metades de uma romã. Já o pescoço é a torre de Davi, edificada com baluartes, enquanto os seios são os dois filhotes gêmeos da gazela – não esquecendo também de dizer que sob a sua língua escondem-se o mel e o leite.

Cessados os arroubos, a cena muda abruptamente, e vemos a amada deitada em seu quarto, prestes a dormir, quando, de repente, o amado se faz anunciar: “Abra, ó minha irmã e amada, minha pomba, minha imaculada, pois minha cabeça está cheia de orvalho, e meus cabelos, do sereno da noite!”, diz ele, numa agonia incontrolada.

Ela responde, então, com estas encantadoras palavras: “Já tirei minha túnica; devo vesti-la novamente? Já lavei meus pés; devo tornar a sujá-los outra vez?”.

Logo em seguida, o amante introduz a mão na fresta da porta, fazendo com que o ventre da amada “na hora estremeça”. Ela levanta-se, impaciente, e “com os dedos cheios de mirra escolhida” põe sua mão sobre a maçaneta da porta. Mas quando finalmente faz abrir o vão que os separa, o amado já partiu.

Num clima onírico, a jovem sai, desesperada, em seu encalço, tendo novamente um encontro – desta vez funesto – com os guardas da ronda, os quais, além de lhe baterem e ferirem, ainda arrancam-lhe o manto (sugestão de uma possível violação?).

No auge do desespero, ela arremessa os braços para o alto e clama com todas as suas forças: “Eu lhes conjuro, mulheres de Jerusalém: se encontrarem meu amado, o que lhe dirão? Que eu desfaleço de amor!”.

Surgem, então, as vozes das mulheres, ansiosas por saberem o que possui o seu amado, mais que os outros, para que as esteja a conjurar dessa maneira.

Feliz de poder revelar ao mundo as qualidades do seu amor, ela diz: “Meu amado é claro e corado, inconfundível entre milhares. Sua cabeça é ouro puro, e os anéis de seus cabelos, como cachos de palmeira, negros como o corvo”.

Depois de revelar mil outras qualidades espalhadas pelo corpo do amante, a jovem apaixonada recebe uma oferta de ajuda daquelas mulheres, sequiosas também de porem seus olhos sobre o irresistível pastor.

Mas a jovem da pele morena não é tola, e depois de declarar vagamente que ele descera ao seu jardim, reafirma com firmeza seus direitos sobre ele, ao afirmar que “eu sou para o meu amado, e o meu amado é para mim”.

Neste mesmo instante retorna, com a serena inconseqüência dos sonhos, o jovem que “apascenta entre os lírios”, novamente arremessando elogios à sua amada, embora repetindo algumas das comparações anteriores, de inequívoco sabor pastoril.

O coro põe-se, agora, a clamar: “Quem é esta que avança como a aurora que desponta, bela como a lua, incomparável como o sol, terrível como um exército em batalha?”, chamando-a, depois, pelo próprio nome: “Vira, vira, Sulamita, vira, vira, para que possamos ver-lhe!”.

O amante, inteiramente descontrolado, arremessa sobre a amada um novo jato de elogios, inundando-a de novas comparações, algumas francamente ousadas: “Seu talhe assemelha-se ao da palmeira, e seus seios, a cachos. Eu disse: ‘Subirei à palmeira e colherei seus frutos!’”. Ela, por sua vez, imersa num frenesi exclusivo dos sonhos, convida o amado para partirem para o campo, pernoitarem pelas aldeias, indo pela manhã visitar os parreirais e as romãzeiras, onde lhe dará os seus amores.

Passada a vertigem do delírio irrealizável, a jovem desce, então, às lamentações: “Quem dera fosse meu irmão, amamentado aos seios de minha mãe, para que eu pudesse encontrar-lhe fora e beijar-lhe, sem que ninguém me despreze!”. Rompido, curiosamente, o liame da proibição, por meio de uma solução ainda mais pecaminosa, ela sente-se livre, na sua ingenuidade, para abraçar-se livremente ao “irmão” e conduzi-lo até a casa de sua mãe – sempre à casa da mãe –, onde ele a “ensinaria”, com a mão esquerda pousada sobre a sua cabeça, e com a outra a abraçá-la. Enquanto isso, a voz de um deles – que não fica claramente identificada – pede às mulheres de Jerusalém que não perturbem nem façam “despertar a amada, até que ela o queira”.

Transportados pela mão onipresente do sonho – ou do delírio que a ambos empolga –, os dois amantes acordam deitados debaixo de uma inevitável macieira, onde, segundo ele, “te deu à luz a tua mãe”. O amante declara, num verso poderoso, que o amor é forte como a morte, e que o ciúme é cruel como o abismo, garantindo que nem as águas torrenciais poderão jamais extinguir esse amor.

Nesse ponto o coro propõe um assunto inesperado: “Nossa irmã é pequena e ainda não tem seios: que faremos com nossa irmã no dia em que lhe pedirem a mão?”, para logo em seguida responder com estas palavras: “Se ela

fosse um muro, construiríamos em cima um baluarte de prata; se fosse uma porta, nós a guarneceríamos com tábuas de cedro”.

O poema finalmente termina com versículos ainda mais estranhos, que falam de uma vinha que Salomão teria entregue a vinhateiros – dentre os quais estão o amante (ou será a amada?) –, até que a voz da mulher faz-se ouvir, pondo um fecho hermético ao poema: “Fuja, amado, imitando a gazela ou os filhos da corça, por sobre os montes perfumados”.



Contudo, a verdadeira obra-prima literária de Salomão ficara reservada para os anos finais de sua vida. Embora não se possa atribuir, com certeza, a sua autoria ao poderoso rei, especula-se que tenha sido escrita por ele – ou, ao menos, que reproduza as suas palavras, já que o primeiro versículo do livro as atribui ao “filho de Davi, rei de Jerusalém”.

O Eclesiastes é, em resumo, um longo discurso acerca da futilidade da vida. “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!”, diz a primeira sentença, espécie de refrão azedo que se repete ao longo desta diatribe amarga contra a vida. “Que proveito tira o ser humano de todo o trabalho com o qual se afadiga sob o sol? Uma geração passa, outra vem, e a terra continua sempre a mesma.” E reafirma, um pouco depois: “Uma coisa da qual se diz: ‘Eis aqui algo de novo’, ela já nos precedeu, nos séculos que houveram antes de nós”.

O leitor minimamente crítico, no entanto, logo percebe que qualquer pessoa sensata pode rebater, sem muita dificuldade, essas ponderações mal-humoradas. Tudo é o mesmo de sempre? Sim, mas não para aquele que chega, já que para este tudo tem o frescor da novidade. Logo percebemos que estas palavras são ditadas por um velho, que, tendo provado de tudo, pretende dispensar os novos de fazerem o mesmo. E, finalmente, chega-se à conclusão de que a beleza da obra pode não estar tanto na eficácia da sua argumentação, quanto na beleza da sua forma.

“Muita sabedoria, muito desgosto; quanto mais conhecimento, mais sofrimento”, prossegue o autor, deliciado com a posse de mais este conhecimento.

Depois de ter assentado a pedra fundamental do seu edifício cético, lembra que teve de tudo, bens e escravos, e que apesar de ter construído palácios e jardins, isto serviu apenas para lhe trazer “aflição de espírito”. Também a sua decantada sabedoria não lhe valeu de nada, já que o fim do sábio é o mesmo do idiota.

A esta altura, então, cansado do seu elogio da inação, o sábio decide fazer uma pausa fugaz para propor uma reflexão mais amena – e mesmo utilitária – acerca do tempo (ou antes, da ocasião). “Tudo tem seu tempo”, diz ele. “Um tempo de nascer e um tempo de morrer; um tempo de plantar e um tempo de colher; um tempo de matar e outro de curar.” Dando um passo atrás em seu ceticismo absoluto, o poeta já não parece mais o mesmo desencantado de antes, tomando novo vigor no papel do velho sentencioso, a pregar que para tudo há a sua hora.

Mas esta é uma breve pausa, já que nos versículos seguintes o orador retoma o velho mote anterior: “Que proveito tira o trabalhador do seu esforço?”.

Encadeado, porém, ao seu pessimismo, o autor nos propõe uma nova e verdadeira ousadia: Deus põe o homem à prova para mostrar que não passa, ele, também, de um animal. “Pois a sorte dos homens e dos jumentos é a mesma”, diz ele, sem rebuços. Ambos são movidos pelo mesmo sopro e “nada tem o ser humano mais do que os jumentos, pois tudo é vaidade”.

Nada tem o homem mais que os jumentos, disse o mais sábio dos homens.

Depois, dando uma nova guinada no seu pensamento, afirma: “Então compreendi que nada há de melhor para o ser humano do que se alegrar com as suas obras, pois esta é a sua parte”. O cético de antes nos dá agora, graciosamente, a chave de ouro da felicidade possível nesta vida (e quem quiser ouvi-lo, que o ouça).

Mas já o desencanto retorna outra vez às suas palavras, e agora ele debruça-se, meio que desajeitadamente, sobre as dores que pesam sobre os oprimidos (ele, que oprimiu metade do reino para a glória maior do seu nome): “[vi] as lágrimas dos oprimidos, sem que ninguém os console, e a violência dos opressores”, diz ele, laconicamente, congratulando-se em seguida com os mortos, e principalmente com aqueles que nunca nasceram, pois que jamais chegarão a ver “as maldades que se fazem debaixo do sol”. Depois de chegar ao franco exagero de propor que mais vale visitar-se uma casa em luto do que uma casa em festa, o sábio, então, recai nas delícias do moralista, sobrepondo a tristeza à alegria, já que a primeira “corrige o coração”. (“O coração dos sábios está na casa do luto, o coração dos insensatos está na alegria”, diz ele.)

Passado o acesso, porém, Salomão retorna às palavras mais amenas, ao afirmar que é tão boa a sabedoria quanto a riqueza, já que as duas nos dão proteção. Mas logo o moralista cede o passo novamente ao cético, e então podemos ouvir-lhe estas palavras verdadeiramente singulares: “Não seja demasiado justo”. Ou estas outras, ainda mais empolgantes: “Não se exceda na maldade”. Isto sim é ser realista.

O sábio avança impetuosamente no curso de suas reflexões até chegar ao inevitável instante da diatribe oriental contra a mulher: “Mais amarga que a morte é a mulher”, diz ele, cercado por mais de mil das mais belas mulheres do mundo. “Quem agrada a Deus, livra-se dela”, acrescenta, com os portões do serrallo cerrados e vigiados pelos olhos de Argos dos seus eunucos insones.

Entusiasmado, o Eclesiastes lança-se, em seguida, ao elogio dos justíssimos vereditos de Deus (“a sua palavra é cheia de poder, e ninguém pode dizer-lhe: ‘Por que procedeis assim?’”), até que, para alívio dos ímpios, o vemos recair noutra de suas deliciosas contradições: “Quanto a mim, louvo a alegria, pois nada existe de bom para o ser humano debaixo do sol, a não ser comer, beber e divertir-se”. E para quem duvida, ainda arremata: “É só isto que ele tira do seu trabalho nos dias de vida que Deus lhe dá debaixo do sol”.

Indo adiante, chega a exaltar a vida em detrimento da morte, já que “um cão vivo vale mais que um leão morto”, e que, portanto, apesar da vaidade da vida, não é pouca coisa se estar vivo (reflexão confirmada por esta sentença audaz: “Os mortos não sabem mais nada, nem terão mais recompensa, porque a sua memória caiu no esquecimento”). “Vá, pois, coma seu pão com alegria e beba gostosamente o seu vinho, porque já agradaram a Deus, há muito, as suas obras”, diz ainda o sábio, parecendo finalmente reconciliado com a vida. “Tudo que com sua mão puder fazer, faz com empenho, pois no mundo dos mortos, para onde vai, não existe trabalho, nem reflexão, nem sabedoria e nem conhecimento.”

Nada há, pois, além desta vida, diz o mais sábio dos homens.

Chega, então, a hora da parábola, o momento supremo da prédica hebraica. O sábio conta que havia uma pequena cidade que um rei poderoso e cruel sitiou com seus exércitos. Entretanto, dentro dela havia um homem pobre, mas sábio, que libertou-a (sabe Deus como), munido apenas de sua sabedoria. “No entanto, ninguém depois se recordou daquele pobre”, diz ele, sempre fiel ao seu ceticismo, embora tente, logo depois, valorizar o triunfo da sabedoria sobre a força (mas com a ressalva de que a sabedoria do pobre termina sempre desprezada).

Aproximando-se do fim, o sábio passa a ditar bons conselhos aos jovens – que é a maneira dos velhos de tomarem parte ainda nos arroubos da juventude –, até concluir que a sabedoria é um poço sem fundo, e que “a reflexão exagerada cansa o corpo”.

Salomão afinal se despede, desta vez como um autêntico crente, recomendando ao leitor que tema ao Senhor e observe zelosamente os seus mandamentos.

52. A DIVISÃO DE ISRAEL

Desde os dias de Davi já surgia em Israel uma separação econômica cada vez maior entre as tribos do Norte (“Israel”) e as do Sul (“Judá”). Estas últimas, compostas pelas tribos de Judá e Benjamin, foram, com o passar do tempo, ganhando ascendência sobre as demais, favorecidas que eram por privilégios de toda espécie, enquanto as tribos do Norte, oneradas por pesados impostos e um regime de vida muito próximo ao da escravidão, definhavam dia a dia.

Salomão, ao ascender ao trono, não fugiu à regra dos soberanos da época e governou seu país de maneira despótica, nada fazendo para tentar reverter esse processo de pauperização das tribos do Norte. Ao contrário, mais preocupado em aumentar sua aura de maior potentado da terra, o rei aumentou ainda mais os impostos sobre Israel para poder financiar as suas prodigiosas despesas.

As famosas minas de Salomão, a poderosa frota mercantil, os palácios magníficos, o soberbo Templo, os estúbulos majestosos – todas essas realizações tiveram um alto custo político e social, que desaguou na divisão virtual do país em duas partes antagônicas: o Sul rico e o Norte miserável.

Próximo do fim de seu reinado, Salomão já era um homem muito distante daquela figura de déspota sábio que a fama lhe atribuía. Velho e turrão, preferiu continuar ignorando as reclamações das tribos empobrecidas de Israel, sem se preocupar com os problemas que isto acarretaria ao seu sucessor. Tendo provado já do melhor da vida, do esplendor e da glória de um dos reinados mais famosos da história, o filho de Davi sabia que tinha seus dias contados. Carregado de anos e importunado cada vez mais pelos achaques da velhice, vivia retirado em seu palácio, paparicado por centenas de mulheres do seu harém e inteiramente dedicado ao seu ócio intelectual. Mas, embora velho e desiludido, ainda não chegara ao ponto de deixar as rédeas caírem de suas mãos.

Ora, nesta época, teve ele de haver-se com uma revolta liderada por um certo Jeroboão, seu oficial nas terras de Efraim, no Norte espezinado. Este tornara-se, aos poucos, porta-voz de Israel, em oposição a Judá.

“Isto não pode continuar assim!”, pensava Jeroboão, certo dia, ao sair de Jerusalém, depois de ter admirado as magnificências do Templo. As tribos do Norte, às quais pertencia, não tinham templo algum, e nem mesmo acesso

àquele, como se fossem párias dentro do reino, e este era um dos tantos motivos que serviam para alimentar ainda mais o rancor das populações desprezadas do Norte contra Judá.

Jeroboão ia nesse aflitivo estado de espírito quando se deparou subitamente com o profeta Aías, que vinha de Silo, com um manto novo. Este, ao ver o jovem do Norte, foi tomado por uma súbita inspiração e começou a fazer em pedaços as suas vestes.

– O que está fazendo, profeta? – perguntou ele, assustado.

Aías, entretanto, prosseguia imperturbável a rasgar seu manto, até tê-lo reduzido a doze tiras de comprimento exatamente iguais.

– Toma estes dez pedaços – disse o velho profeta, estendendo-lhe as tiras –, pois decidi dar-te o governo das dez tribos do Sul, enquanto que a Salomão ficarão apenas o governo de Judá e Benjamin, e isto em consideração a Davi, que seguiu sempre nas minhas veredas.

(O profeta falava como o próprio Deus, já que estava influído por ele.)

– Mas por que isto? – disse Jeroboão, tentando disfarçar a sua alegria.

– Salomão abandonou-me, permitindo que o culto dos deuses cananeus se imiscuísse ao meu – disse Aías, quase colérico. – Mas só tirarei as dez tribos de suas mãos após a sua morte, em consideração e respeito a Davi, deixando à sua descendência o governo da tribo de Judá, onde está o Templo de Jerusalém. Quanto a ti, governará o restante de Israel, se seguir em meus caminhos.

Jeroboão afastou-se do profeta, que ficara na estrada vestido apenas com a veste interna de saco, certo de que novos tempos haveriam de surgir para si e seus conterrâneos. Tempos de justiça e de liberdade.

Entrementes, Salomão descobriu a conjura em curso e decidiu matar o insubmisso Jeroboão. Este, obrigado a refugiar-se no Egito, ali esteve até a morte de Salomão, que foi sucedido por seu filho Roboão, um rei medíocre e sem carisma, que ajudou a apressar a separação definitiva das tribos do Norte e do Sul de Israel.

Morto Salomão, ungido Roboão. Mas havia ainda a figura de Jeroboão, que estava aguardando apenas a morte do rei decrépito para retornar à sua pátria.

Assim que se viu livre das ameaças de Salomão, o líder das tribos do Norte apresentou-se à assembléia de Israel para exigir mudanças no tratamento à sua gente.

– Seu pai impôs um jugo muito pesado sobre nós – disse Jeroboão –, e só lhe serviremos se aliviar esse jugo, dando-nos um tratamento justo e igual.

Roboão pediu um prazo de três dias para pensar na resposta que daria. Primeiro consultou-se com os anciãos de Judá, que lhe aconselharam moderação.

– Use de diplomacia e eles serão seus servos para sempre – disseram eles.

Mas Roboão não gostou muito do conselho, e por isto foi ouvir seus assessores mais jovens, ex-companheiros dos dias recentes de sua juventude.

– Qual nada! – disseram os conselheiros inexperientes. – Diga assim a eles: “Meu dedo menor é mais grosso que o lombo de meu pai. Portanto, se ele os castigou com açoites, eu os castigarei com escorpiões!”.

Roboão gostou da audácia verbal, e dali a três dias repetiu essas mesmas e rudes palavras a Jeroboão e seus partidários, os quais retornaram imediatamente para suas tribos. Dali a alguns dias Roboão, com efeito, lhes enviou o primeiro escorpião, na pessoa de Adoniram, o novo chefe do trabalho escravo, o qual foi tão infeliz em sua missão que terminou apedrejado pela população daquela região.

Estava declarada, assim, a guerra civil entre Israel e Judá.

Jeroboão foi aclamado rei de Israel, em oposição a Roboão, rei de Judá. Este, reunindo 180 mil homens, preparava-se para marchar contra Israel quando foi detido pela voz do Senhor, que o aconselhou, pela boca de um profeta, a não fazê-lo, pois fora ele próprio quem decidira fazer a separação entre as tribos.

Enquanto isto, Jeroboão, precavido, construíra fortificações ao redor de Siquém, nas montanhas de Efraim, a fim de precaver-se contra o ataque dos exércitos de Judá.

Mas, então, um pensamento insinuou-se em sua alma: e se o povo dali decidisse continuar a ir até o Templo de Jerusalém para oferecer seus sacrifícios? Não haveria o risco de terminarem sendo cooptados para a casa de Davi, de tal modo que ele próprio terminasse vítima da revolta de seus próprios súditos?

– Construirei dois templos aqui mesmo, um em Betel e o outro em Dã – disse ele aos seus auxiliares diretos.

Infelizmente o rei de Israel cometeu, logo em seguida, a loucura de entronizar nos dois novos templos a figura de dois bezerros, impondo sua adoração ao povo.

– Doravante ninguém subirá mais a Jerusalém – disse ele ao povo, na inauguração do templo de Dã –, mas prostrar-se-á aqui mesmo diante dos deuses que os tiraram do Egito.

Jeroboão tirou os sacerdotes do meio do povo, os quais, mesmo não sendo

levitas, foram autorizados a proceder às cerimônias de adoração dos novos deuses.

Depois de ter inaugurado o templo de Dã, Jeroboão subiu até Betel para inaugurar o segundo templo. Ali, contudo, foi visitado por um profeta que o Senhor enviara expressamente de Judá para adverti-lo.

– Que loucura é essa que está fazendo? – disse o profeta, ao ver Jeroboão no altar, queimando incenso aos bezerros.

Jeroboão não lhe deu ouvidos, mas este ameaçou-o, dizendo que o altar se partiria e que a cinza que estava sobre ele seria toda espalhada.

Então o rei encolerizou-se de verdade e disse, apontando o dedo para o profeta:

– Prendam imediatamente este insolente!

No mesmo instante, para horror de Jeroboão, sua mão tornou-se murcha e marrom, como um galho seco, sem que ele pudesse dobrá-la outra vez.

O altar partiu-se em dois e suas cinzas se espalharam pelo chão, deitando abaixo a estátua partida do bezerro.

Jeroboão ficou tão apavorado com o poder do Senhor que implorou ao profeta que intercedesse por si, a fim de ter novamente sadia a sua mão, o que, para sua felicidade, aconteceu logo em seguida.

A este profeta, no entanto, também estava reservada uma má sorte, já que ele próprio estava prestes (como de regra, entre os hebreus) a desobedecer ao Senhor.

O episódio merece menção por seu caráter insólito: o profeta estava retornando para casa, pela estrada, depois de ter cumprido com sucesso a sua missão, quando encontrou um profeta de Betel. Este segundo profeta havia sido avisado pelos filhos que o primeiro profeta estava de partida e resolvera, no mesmo instante, ir ter com ele, montado em seu jumento.

– É você o homem de Deus que veio de Judá? – perguntou o segundo profeta ao avistar o primeiro sentado debaixo de um terebinto.

– Sim, sou eu – ele respondeu.

– Venha até a minha casa, pois lá lhe darei do meu pão – disse o profeta de Betel.

O profeta de Judá, no entanto, recusou o convite, pois antes de partir para a sua missão o Senhor lhe havia proibido terminantemente de comer ou beber naquele lugar e também de retornar pelo mesmo caminho que viera.

Então o profeta de Betel, vendo que o homem possuía uma ordem divina, resolveu inventar outra que a desautorizasse.

– Ouve isto: também o Senhor falou para mim, e me disse: “Leva o profeta de Judá até a tua casa e dá-lhe pão para comer e água para beber”.

Enganado pela falsidade do outro, o homem de Judá foi até a casa dele e lá fez tudo quanto o Senhor expressamente lhe proibira. Ora, bem no meio da refeição, o profeta enganador foi assaltado pelo espírito de Deus, que começou a censurar sua atitude:

– Porque desobedeceste à minha vontade, fazendo o que te disse que não fizesses, teu cadáver não descerá ao sepulcro de teus pais.

Amargurado, o profeta de Judá montou no seu jumento e partiu da casa do profeta enganador, mas no caminho um leão o atacou e o matou. O estranho é que seu cadáver ficou intocado no chão, tendo de um lado o jumento e do outro o leão, como duas perfeitas sentinelas zoológicas.

Alguns homens passaram, viram aquele quadro incomum e foram avisar o profeta.

– Lá adiante está estirado o cadáver do profeta de Judá, entre um jumento e um leão imóveis.

O profeta montou em seu jumento e foi ver o que estava acontecendo. Quando lá chegou, avistou, na mesma posição, os três personagens do quadro insólito: o cadáver deitado, o jumento imóvel e o leão inteiramente manso, que por alguma razão oculta preferira não atacar nem o jumento nem o cadáver.

Tomou então o corpo do outro, colocou-o sobre o jumento e levou-o à cidade, onde sepultou-o longe do sepulcro dos seus pais, tal como Deus predissera.

– Quando eu morrer, sepultem meus ossos no mesmo sepulcro deste homem de Deus – disse ele aos filhos –, pois com certeza se cumprirão as profecias que ele fez contra os altares erguidos em Betel e nos demais lugares altos da Samaria.

Apesar da lição que recebera, Jeroboão, tão logo teve restabelecida a saúde de sua mão, reincidiu novamente na impiedade (pois tal é o ser humano), provocando a ira do Senhor, a qual, como de hábito, recaiu sobre a descendência do infrator.

Abias, filho de Jeroboão, adoeceu gravemente, o que obrigou o pai a tomar uma providência.

– Vá até o profeta Aías, levando estas ofertas – disse ele à sua esposa,

entregando-lhe dez pães, uma torta e um vaso de mel. – Ele há de lhe dizer o que acontecerá com o nosso filho.

Embora Aías (o profeta que rasgara o manto em doze partes, anunciando a Jeroboão que ele seria rei das tribos do Norte) estivesse cego, o ladino Jeroboão nem por isto bancou o desprevenido, ordenando à mulher que fosse até ele disfarçada de peregrina, para que não houvesse o menor perigo de reconhecê-la.

– Entre logo, mulher de Jeroboão – disse o velho cego, ao escutar os primeiros passos da criatura vindo em sua direção, carregada de presentes.

Iluminado pelo Senhor, Aías enxergava mais que um falcão.

– Volte ao seu esposo e lhe diz isto, da parte do Senhor: de nada adiantou lhe dar metade do reino de Israel, já que preferiu não seguir os meus caminhos, fazendo pior ainda que seus predecessores, ao fundir deuses de metal, a ponto de verdadeiramente me irritar. Por isso, a descendência de Jeroboão será varrida como se varre o lixo de uma casa, até que não lhe reste um único varão.

A mulher de Jeroboão partiu com a promessa de Aías de que seu filho morreria tão logo ela pusesse os pés de volta à sua cidade. Se tivesse o mesmo espírito ladino do esposo, a mulher poderia não ter jamais voltado para a sua cidade. Mas ela não tinha, e por isto, tão logo colocou o pé sobre a soleira da porta da sua casa, seu filho morreu.

Jeroboão reinou durante 22 anos em Israel antes que seu filho Nadab tomasse o seu lugar na administração das tribos do Norte, dando início a uma sucessão de reis medíocres que preparariam a catástrofe muito próxima de Israel.

53. O PROFETA ELIAS

A partir da separação das tribos hebraicas do Sul e do Norte, houve uma verdadeira série de reis em Judá e em Israel.

Se Jeroboão, o primeiro dos reis de Israel, havia incorrido na ira do Senhor, Roboão, seu rival de Judá, também não havia ficado atrás, atraindo sobre si a vingança divina. Tanto um como o outro haviam repetido o mesmo pecado da desobediência de seus pais, e avós, e bisavós, e trisavôs, remontando a imensa cadeia até Adão, pai imperfeito de todos. Roboão infestara a tribo de Judá (a exemplo do que fizera Jeroboão em Israel) de altares idólatras, introduzindo, inclusive, a prática da prostituição sagrada, muito comum na época, na maioria das nações vizinhas de Israel mas considerada abominação pelo Senhor.

Nesse meio tempo, sabendo da divisão reinante na nação israelita, seus inimigos naturais, sempre à espreita, aproveitaram-se para dela tirar vantagem. O rei do Egito, por exemplo, atacou Jerusalém, levando os tesouros do Templo (incluindo os cem magníficos escudos de ouro que ornamentavam as paredes do santuário, que o rei teve de substituir, de maneira humilhante, por escudos de bronze).

Mas os grandes inimigos dos hebreus continuavam a ser eles mesmos. Durante todo o reinado de Jeroboão e Roboão, ambos guerrearam incessantemente entre si, até que seus filhos os sucedessem. Nadab, como foi dito, sucedeu ao primeiro, enquanto Abiam sucedeu ao segundo. Tanto um como o outro reproduziram os pecados de seus pais. Depois de Abiam, no entanto, veio Asa, que retomou os caminhos do Senhor, perseguindo os idólatras – inclusive sua própria mãe, que se tornara devota da deusa Astarte. Mas nem por isso deixou de guerrear contra Israel, governado agora por um certo Baasa (que havia matado o seu antecessor, Nadab, numa cilada).

Este Baasa tinha muito ódio no coração, e por isto resolveu invadir Judá para dar uma lição aos hebreus do Sul. Entretanto, ao ver Judá invadida pelo rival, o rei Asa tomara todas as riquezas que restavam do Templo e as enviara, a título de presente, ao rei de Aram, velho inimigo dos judeus, a fim de firmar aliança com ele (pois a tal ponto havia chegado o ódio entre os filhos de Abraão

que já firmavam alianças com estrangeiros para guerrearem entre si!). E aí está como todo o fausto de que a soberba de Salomão, se servira para recobrir as paredes do interior da casa do Senhor, agora servia apenas como moeda de barganha para firmar alianças com os idólatras.

Com a morte de Asa, subiu ao trono Josafá.

Enquanto isso, em Israel, tudo nadava em sangue: Baasa, depois de ter chacinado toda a descendência de Jeroboão, a fim de garantir sua estabilidade no trono (confirmando, assim, a profecia funesta que o profeta Aías fizera acerca da casa do antigo rei), continuara sua política de ódio contra Judá, até que um dia um outro profeta também amaldiçoou a sua própria descendência, jurando que ela seria abatida pelo Senhor e depois comida pelos cães das cidades e pelas aves do campo.

Morto Baasa, Ela tornou-se o novo rei de Israel. Depois de passar a fio de espada toda a descendência masculina do antecessor (confirmando, assim, a outra profecia funesta), o rei enfrentou a rebelião de um de seus oficiais mais importantes, Zambri. Este, após embriagar-se na casa de um amigo, matou Ela, tornando-se o novo rei.

Mas se Ela governara por somente dois anos, ao pobre Zambri estava destinado o recorde da impermanência, pois governou Israel por apenas sete magros dias. Assim que o povo tomou conhecimento do seu crime, organizou uma rebelião para depô-lo. Ao tomar conhecimento da rebelião, Zambri encontrava-se em um cerco contra os filisteus e encheu-se de pavor, indo refugiar-se no palácio real de Torsa – a cidade que os hebreus estavam sitiando –, ao qual ateou fogo, morrendo queimado no seu interior. (O chefe dessa insurreição contra o rei chamava-se Amri, que se tornou, assim, novo rei de Israel.)

Mas se alguém achava que as coisas já estavam suficientemente confusas, enganou-se, pois é preciso saber que a partir daqui o povo de Israel – entendido sempre como o das tribos israelitas do Norte – dividiu-se em dois partidos antagônicos: enquanto metade apoiava o novo rei Amri, a outra metade apoiava Tebni.

O denodado Amri acabou vitorioso na disputa, tornando-se mesmo o novo rei de Israel. Um dos grandes feitos de seu reinado foi ter comprado a montanha de Samaria, pagando por ela sessenta quilos de prata. Entretanto, em matéria de idolatria, fez coisas ainda piores do que Jeroboão e toda a súcia de reis infiéis que o sucederam, incorrendo imediatamente na cólera do Senhor.

Um dia, Amri foi reunir-se aos seus, deixando em seu lugar o filho Acab,

um dos reis israelitas mais importantes do período, não tanto por si, mas pelas figuras ímpares de Elias e de Jezabel, que dividiram com ele a cena do seu reinado.

O novo rei de Israel excedeu a todos os seus antecessores em matéria de ofensas contra o seu Deus. Após assumir o trono, Acab casou-se com Jezabel – nome que boa parte da imaginação ocidental ainda costuma associar, com alguma justiça, ao da mulher traiçoeira e fatal. Jezabel era filha do rei de Sidon, cidade-estado fenícia situada ao longa da costa do atual Líbano. Ora, esta encantadora filha dos cedros libaneses era devota fanática do deus fenício Baal-Melcart, deus do clima e da fertilidade (que os judeus generalizavam, chamando simplesmente de “Baal”, assim como uma beata fanática de hoje trata de “Diabo” ao deus de qualquer outra religião que não a sua.)

– Não pense, Acab, que por ter me casado com você vou abandonar o culto do meu deus! – disse ela, um dia, ao rei israelita.

– Não posso adotar o culto de Baal – disse Acab, num assomo tímido de virilidade.

– *Como é que é?* – disse Jezabel, enfurecida.

Acab, nesses momentos, não podendo suportar a espantosa metamorfose de sua esposa, dava logo o braço a torcer, ansioso pelo retorno da bela e calma Jezabel.

– Está bem, vamos instituir em Israel o culto do seu deus – disse o rei, vencido.

Desde aquele dia foram espalhados diversos santuários do deus rival de Jeová, irritando este último tão poderosamente que imediatamente chamou Elias, da tribo de Galaad, um de seus mais poderosos profetas – o qual, além de apostrofador sublime, era também ressuscitador de mortos – e lhe disse:

– Vá até Acab e sua esposa idólatra e lhes diga isto.

Depois de escutar as palavras do Senhor, Elias tomou o seu manto e o seu cajado e foi a pé até o palácio de Acab. Tão logo esteve diante do rei – e também da rainha, sobre quem dardejou um profundo olhar de cólera –, Elias começou a falar.

– O Senhor decretou que a partir do dia de hoje nem chuva nem orvalho

tornarão a cair sobre Israel, pois que o irritou poderosamente ao estabelecer o culto conjunto dele e deste deus ímpio dos sidônios.

As sobancelhas finas e iradas da rainha eram como a crase e o acento agudo postos lado a lado, e foi com essa máscara soturna que ela acompanhou o discurso medonho do profeta. Sem ousar questionar a voz rascante que saía num rojo de dentro daquela boca emoldurada pelas cerdas amassadas de sua barba grisalha, tanto ela quanto o marido preferiram silenciar, temerosos de que alguma palavra equívoca os pudesse lançar mortos ali mesmo.

Mas assim que Elias retirou seus pés desnudos do mármore fresco do assoalho, Jezabel desceu de seu trono de rainha e foi até o trono do rei:

– Quero este Elias maluco morto imediatamente! – disse ela, escarlate, pois ficava verdadeiramente possessa quando alguém falava mal do seu amado deus.

– Elias... morto? – disse o rei, scandalizado.

– Não só ele, mas todos os outros profetas e sacerdotes do falsíssimo deus dos hebreus! – esbravejou a rainha.

Então começou a matança dos profetas, mas o Senhor não permitiu que a mão assassina da rainha descesse sobre o maior dos seus servos, e antes do sangue correr, dirigiu novamente a sua voz a Elias.

– Foge e vai esconder-te na torrente de Carit – disse o Senhor.

Elias fez tal como seu deus dissera e instalou-se às margens do riacho. Ali esteve um bom tempo até que a sede o acometeu e ele pôde saciá-la à vontade na água límpida e cristalina que fluía do serpenteante veio. Então ele percebeu que a sede nada mais fora do que o arauto da fome, já que ela fizera crescer a água em sua boca.

O profeta olhou ao redor, mas nada viu para comer, até que avistou dois corvos cortando o azulejo lustroso do céu. Depois de rodarem em círculos alguns instantes, como que numa saudação, os dois desceram até onde ele se encontrava.

– Mas o que é isto? – disse ele, com um sorriso feliz.

Cada um dos corvos trazia um presente para o profeta. O da direita espichou o seu bico preto até fazer chegar às mãos de Elias um pedaço de carne, enquanto o da esquerda lhe estendeu um pedaço tenro de pão. Os olhos das aves brilhavam como quatro continhas negras enquanto elas punham-se a subir e a descer pelas pedras cobertas de limo, como que a deixar o velho perfeitamente à vontade.

Somente depois de verem o profeta completamente satisfeito, alçaram

novamente vôo, desaparecendo como dois pontinhos negros no azul infinito.

Elias compreendeu que aquilo era obra do Senhor, e lhe rendeu graças por isso.

Esta cena repetiu-se durante alguns dias, até que o curso d'água finalmente secou, pois a profecia do Senhor começava a cumprir-se.

Elias ergueu a cabeça para o céu e também não viu mais os dois mensageiros, mas em compensação escutou novamente a voz do Senhor.

– Vai para Sarepta, na Sidônia – disse a voz.

O profeta tomou de seu bastão e fez o que o Senhor lhe ordenara. Depois de nova e penosa caminhada, Elias chegou à terra natal de Jezabel, onde avistou logo na entrada da cidade uma mulher juntando lenha.

– Dê-me um pouco de água – disse o profeta.

A mulher já ia buscar a vasilha quando Elias acrescentou:

– Traz-me, também, um pedaço de pão.

Infelizmente, as duas coisas eram demais.

– Lamento, mas não tenho mais pão – disse ela, vexada. – Sobrou-me somente um punhado de farinha e um resto de azeite.

A mulher – que se declarou viúva – disse que ia justamente preparar naquele instante o último bocado de pão para ela e seu filho doente.

– Depois disto vamos esperar a morte – disse ela, resignada.

Elias, no entanto, lhe disse para que não se preocupasse.

– Traz-me, ainda assim, um pãozinho, pois assim garanto, em nome do Senhor, que não faltará nunca azeite em sua bilha, nem farinha em sua vasilha.

Durante muitos dias, os três comeram sem que nunca, de fato, se acabasse a farinha ou o azeite. Mas nem isto foi o bastante para evitar que o filho da viúva tivesse agravada a sua doença, e, de piora em piora, acabasse entregando seu alento a Deus. Tão desesperada ficou a viúva que chegou a suspeitar que o andarilho tivesse parte na desgraça que lhe sucedera.

– Que lhe fiz, homem de Deus, para que trouxesse a morte à minha casa? – disse ela, abraçada ao corpo sem vida do filho.

Elias pediu, então, que o deixasse a sós no quarto com o garoto morto. A viúva pareceu indecisa, mas compreendendo, afinal, que nada de pior poderia suceder ao seu filho, fez tal como o velho andarilho dissera.

Por três vezes o profeta estendeu-se sobre o menino, clamando:

– Ó Senhor, quereis afligir até a viúva que me hospeda em sua casa, matando-lhe o filho?

Elias queixava-se, mas ao mesmo tempo clamava:

– Façai, meu Deus, com que o alento deste menino retorne ao seu corpo!

No mesmo instante o corpo do garoto sofreu um forte tremor, e um pouco depois seus olhos tornaram a abrir-se para a vida.

Elias, grato ao Senhor, tomou o garoto nos braços e levou-o, radiante, até a viúva, que não conseguia acreditar no que seus olhos viam.

– Meu filho... *vivo outra vez!*

A viúva abraçou-se ao garoto, enquanto dizia a Elias:

– Agora vejo que estou diante de um homem de Deus, e que a palavra Dele, posta em sua boca, é deveras verdadeira!

Elias provará à viúva o poder do seu Deus. Entretanto, ainda faltava provar o mesmo ao próprio rei Acab e sua detestável consorte, o que se daria em breve.

54. O DUELO DE JEOVÁ E BAAL

Três anos haviam se passado desde o começo do castigo que o Senhor fizera recair sobre as tribos do Norte. Nem mais uma única gota de chuva ou orvalho descera dos céus, fazendo com que a fome e a miséria se espalhassem por todo o Israel.

Então o Senhor voltou a falar novamente a Elias, o seu poderoso profeta.

– Vai até o rei Acab, pois farei chover outra vez sobre Israel.

Elias tomou do seu cajado e fez, como sempre, o que o Senhor ordenara.

Enquanto isto, no palácio real, o rei mandara chamar Abdias, seu administrador, um homem fiel, que salvara da morte cem profetas do Senhor, escondendo-os em cavernas.

– Vamos procurar água por todo o país – disse o rei a Abdias. – Eu vou por um lado e você vai por outro.

Então, pelo caminho que Abdias tomara, surgiu, de repente, a figura de Elias.

– Você é Elias...? – disse Abdias, prostrando-se aos pés do profeta.

O profeta encarou-o com a seriedade habitual e lhe disse:

– Vá dizer ao seu rei que já descobriu onde Elias está.

Abdias não podia acreditar no que ouvia. Como poderia entregar o profeta do Senhor às mãos do rei que o queria morto, a todo custo?

– Pela vida do Senhor, que ainda hoje irei apresentar-me a ele! – disse Elias, com inflexível decisão.

Abdias foi avisar ao rei, e no mesmo dia Acab veio até onde Elias estava.

– É você, então, que quer destruir Israel? – disse Acab, encolerizado.

– Você e seus antepassados é que são os responsáveis pela ruína de Israel, por terem abraçado a idolatria – disse o profeta, rebatendo a acusação.

Sem dar nova chance para que o rei retrucasse, Elias lhe propôs um desafio.

– Reúna todos os profetas de Baal no alto do monte Carmelo, e também os de Asera, mantidos por sua esposa.

(Asera era a deusa da fertilidade, consorte de Baal.)

Acab olhou o profeta com desconfiança, pois temia alguma armadilha.

– Nesse dia o Senhor Deus mostrará quem é o deus verdadeiro de Israel – acrescentou Elias, dando as costas ao rei.

No dia aprazado, o povo subiu as veredas íngremes que conduziam ao topo da longa cordilheira que se estende desde a região montanhosa da Samaria até a costa mediterrânea. Lá estavam instalados os altares que a rainha Jezabel havia mandado erguer para maior glória dos deuses da Sidônia.

Ao redor de uma grande pira estava amontoadada a multidão dos profetas das divindades cananéias do clima. Vestidos com seus extravagantes trajes sacerdotais, preparavam-se para fazer a sua oferta a Baal, sob os olhos atentos da malta arregimentada.

Nesse instante, surgiu a figura esfarrapada do profeta. Sem temer nada nem ninguém, Elias começou a xingar o povo, que parecia abestalhado na adoração do deus estrangeiro.

– Até quando, tropa de asnos, irão errar de um lado para o outro? – disse o velho profeta, brandindo o bordão. – Agora o Senhor fará ver a quantos ainda quiserem ver quem aqui é o deus verdadeiro!

Então Elias ordenou que dois novilhos fossem abatidos, cortados em postas e depois colocados sobre a lenha.

– Mas não acendam brasa alguma sob a lenha, pois irei fazer o mesmo no altar consagrado ao Senhor – disse Elias. – Aquele altar ao qual o fogo brotar espontaneamente será exaltado, pois este será o altar do verdadeiro deus.

Os profetas de Baal esfregaram as mãos de prazer, pois sendo uma pequena multidão contra apenas um, julgavam ser quase certa a sua vitória.

Elias lhes dera o benefício de serem os primeiros. Fazendo um grande círculo ao redor do altar do seu deus, começaram, então, a invocá-lo em altos brados, berrando e cantando e zurrando e dançando e implorando – importunando, enfim, toda a natureza, desde a primeira hora da manhã até o meio-dia.

Mas quanto mais invocavam, menos eram atendidos. Os pedaços do vitelo permaneciam intocados sobre a lenha seca. Alguns sacerdotes, em desespero, chegavam a soprar a galharia com todas as suas forças, como que para atizar alguma faísca escondida. Mas faziam tudo isto em vão, já que nenhum fogo descia do céu ou subia da terra.

Elias, sentado sobre um grande galho caído, assistia deliciado aos esforços da turba de profetas.

– Gritem mais alto! – dizia ele, batendo palmas. – Talvez Baal esteja dormindo, ou mesmo viajando! Quem sabe não estará ocupado com alguma

outra coisa?

Na vertigem do desespero, os sacerdotes de Baal começaram a cortar suas peles com espadas e lanças, a fim de estimular a resposta do deus.

O tempo passou e o povo terminou se aborrecendo com aquele espetáculo lamentável, voltando os olhos para o altar do Senhor, que a rainha Jezabel havia mandado derrubar e que Elias havia refeito com doze grandes pedras (para simbolizar as doze tribos de Israel), enquanto os profetas de Baal entoavam as suas rapsódias insossas.

– Aproximem-se do altar do Senhor! – disse Elias ao povo.

Uma grande círculo humano foi formado ao redor do profeta e do altar.

– Enchem quatro vasos de água e despejem sobre a lenha e a oferta – disse Elias ao povo incrédulo.

Apesar da escassez provocada pela seca tremenda, houve quem encontrasse com facilidade a água pedida, e por quatro vezes repetiu-se a operação, até que o rego ao redor do altar do Senhor estivesse inteiramente encharcado. Nesse momento, Elias ergueu seus olhos para o alto e clamou assim ao seu deus: – Senhor Deus de Israel, mostrai agora vosso poder, para que este povo entenda de uma vez por todas em seu coração que o Senhor é o único deus de Israel!

Apesar do céu estar límpido, um raio de fogo desceu atingindo o altar com tanta intensidade que uma labareda engoliu num segundo os restos do vitelo e da lenha, secando também toda a água que se formara ao redor dele.

O povo, aterrado, lançou-se com a face sobre o pó, reconhecendo como supremo o poder infinito de Jeová, enquanto os profetas de Baal pareciam murchos de tanto desânimo. Mas só entenderam que suas vidas corriam perigo quando Elias lançou um olhar de cólera em sua direção.

– Prendam todos estes e os levem até as torrentes do rio Quison!

Encantados pela oportunidade de dar vazão a sua selvageria, os homens do povo apoderaram-se rapidamente dos profetas e os conduziram ao local indicado, onde os exterminaram, um a um, com suas facas e lanças.

Depois Elias dirigiu-se a Acab e lhe disse:

– Volte para Jezrael, pois já ouço o ruído da chuva que retorna.

Subindo ao topo do monte Carmelo, Elias viu que do mar surgira uma pequena nuvem, do tamanho da mão de um homem. Logo ela converteu-se num exército de outras, as quais, compactadas, ganharam rapidamente a tonalidade do ferro, fazendo com que uma chuva torrencial desabasse sobre todo o Israel.

Nesse instante, o profeta de barbas brancas, influído pelo vigor

sobrenatural do Senhor, lançou longe o seu bordão, arregaçou as vestes e desceu do monte numa corrida vertiginosa, ganhando rapidamente a planície. Ali, com o mesmo vigor de um maratonista grego, ultrapassou velozmente a biga que conduzia o rei Acab, chegando, assim, a Jezrael muito à frente do próprio rei (neste que, indubitavelmente, foi o segundo grande milagre do dia).



Jezrael era a cidade onde o rei Acab havia construído um palácio real, que servia de segunda residência oficial (já que a primeira estava instalada em Samaria). Quando o rei chegou ao palácio, comunicou à sua esposa o morticínio que Elias havia provocado entre os profetas de Baal.

Tomada por uma fúria indizível, Jezabel mandou um mensageiro atrás do profeta, levando-lhe esta ameaça explícita de morte: “Que os deuses me cumulem de castigos se amanhã não fizer com você o mesmo que fez com os meus profetas!”

Elias, pálido de medo, arregaçou de novo o manto e caiu no deserto.

Depois de caminhar um dia inteiro sob a soalheira, o velho profeta, finalmente exausto, deitou-se à sombra de um junípero. Ali, ao abrigo do sol, pôde, enfim, dar largas às suas queixas: – Agora basta, Senhor! – disse o pobre velho. – Tirei de uma vez a minha vida, pois não sou melhor que meus pais!

E de tanto lamentar-se, terminou adormecendo, apesar da fome e da sede.

Mas um anjo do Senhor surgiu de repente e o retirou do seu sono.

– Levante e coma! – disse o anjo.

Elias, meio aturdido, olhou para o lado e viu um pão fresco e um jarro de água.

Agradecendo a Deus, Elias matou a sede e a fome e voltou depois a adormecer, mas não por muito tempo, pois logo em seguida o anjo reapareceu e o despertou, dizendo novamente: “Levanta e come!”.

Elias, meio aturdido, levantou-se e matou de novo a sede e a fome, e, imaginando que o Senhor não o deixaria mais dormir, pôs-se novamente a andar. Tão revigorado ia com a força deste único alimento que pôde andar durante quarenta dias e quarenta noites até chegar ao Horeb, o monte de Deus.

Ali, de maneira contrita, Elias adentrou a gruta onde pretendia passar a noite. Mas tão logo adormeceu, foi despertado outra vez pela voz do Senhor.

– Que fazes aqui, Elias? – disse uma voz cava.

O profeta, entendendo que o Senhor não queria vê-lo dormir, respondeu:

– Estou apavorado, pois os israelitas abandonaram a sua aliança e mataram os seus profetas, de tal sorte que só eu restei, mas agora querem matar-me também!

– Sai e posta-te diante do monte – disse a voz.

Elias fez o que o Senhor ordenara e passou a ser espectador de estranhos fenômenos. Primeiro, um vento forte e impetuoso sobreveio, desfazendo as montanhas e quebrando os rochedos (embora Elias sentisse que o Senhor não estava no vento); depois, um terremoto veio e abalou todo o chão ao redor (embora Elias sentisse que o Senhor não estava no terremoto); e para terminar, um fogo vindo do céu abrasou tudo (embora Elias sentisse que o Senhor não estava no fogo).

Aterrado, Elias cobriu com o manto a face esturricada pelo sol, até ouvir soar novamente a voz tremenda do Senhor.

– Que fazes aqui, Elias?

Elias repetiu novamente a mesma resposta, e já temia que o céu se rachasse em dois e que a terra se abrisse aos seus pés, quando o Senhor lhe deu, entre outras, esta ordem: – Vai até Israel e unge Jeú como o novo rei.

No caminho, Elias encontrou Eliseu, lavrando a terra. Lançou sobre o homem o seu manto, e imediatamente este compreendeu que fora escolhido para ser o seu sucessor (já que o Senhor lhe ordenara também isto, ao pé do Horeb), além de ter recebido a incumbência de ungir Jeú.

E foi assim que Elias e Eliseu tornaram-se companheiros inseparáveis.



Nessa época, Ben-Adad, o rei de Aram, havia decidido sitiar a Samaria, e porque assim havia decidido, assim o fez. Porém, terminou derrotado pelas tropas lideradas por Acab. Algum tempo depois, o mesmo rei tentou uma desforra nas planícies de Afec, mas foi novamente derrotado, tendo num só dia

perdido cerca de cem mil homens. Ben-Adad fugiu com a túnica na mão, e depois de ocultar-se em diversos esconderijos, foi aconselhado por um auxiliar a render-se.

– Talvez os hebreus lhe poupem a vida – disse o oficial.

Agarrado nesse fio de esperança, o rei de Aram enviou até Acab seus emissários vestidos com um pano de saco na cintura e uma corda na cabeça, os quais pediram humildemente pela vida do seu soberano.

– Ben-Adad é meu irmão – disse Acab, afinal, perdendo ao rival.

No dia seguinte, o rei de Aram foi até o rei de Israel e ambos fizeram as pazes, além de firmarem um pacto de amizade.

Entretanto, tudo isto irritou poderosamente a Deus, que mandou a Acab um profeta para alertá-lo de que seu gesto iria custar-lhe muito caro. Mas nem assim Acab emendou-se, pois logo deu um jeito de atizar novamente a cólera do Senhor. Desta feita, o objeto de seu pecado foi a vinha de um certo Nabot, localizada ao lado do palácio real, e que o rei desejou ardentemente tomar para si.

– Ceda-me a sua vinha, pois quero transformá-la num pomar – disse Acab ao vinhateiro. – Em troca lhe darei o valor em dinheiro, ou uma vinha em outro lugar.

Mas Nabot não queria dinheiro nem outra vinha, senão aquela mesma.

– O Senhor me livre de ceder a vinha que herdei de meus pais! – disse ele, de maneira um tanto imprudente, já que desafiava a vontade de um rei pouco liberal.

Acab ficou tão mortificado pela resposta que se dirigiu aos seus aposentos e deitou-se na cama, de rosto virado para a parede.

– Deixem-me em paz, não quero comer – disse ele, ao soar a hora do almoço.

Jezabel quis saber que estranha rabugice era aquela.

– Por que diabos não quer comer? – disse ela.

– Nabot não quer me ceder a sua vinha – disse o rei, de orelhas tapadas e ainda com os olhos fixos na parede. Sua voz parecia o resmungo de uma criança amuada.

– Ora, e quem é o rei em Israel, afinal? – disse ela, chispando fagulhas pelos olhos. – Anda, levanta e vai comer, pois eu mesma darei um jeito nesse imbecil!

Jezabel, na verdade, andava meio entediada depois dos episódios com Elias, e por isso abraçou com furor aquela nova oportunidade de exercer sua

maldade.

Tomando do caniço e do rolo de pergaminho, a rainha escreveu uma mensagem aos anciãos de Jezrael, na qual lhes ordenava que proclamassem um jejum e convocassem o malfadado Nabot a comparecer diante da assembléia. (Jezabel sabia que a proclamação de um jejum era sinal evidente de que algum crime muito grave havia sido cometido, e de que uma desgraça muito grave se abateria sobre o povo caso o culpado não expiasse com a própria vida o crime cometido.) “Assim que Nabot surgir, façam com que dois vagabundos o acusem publicamente de traição ao rei e ao seu deus”, disse Jezabel, apondo imediatamente o selo real sobre o documento e o selo da morte sobre a alma do pobre plantador de uvas.

Tudo correu às mil maravilhas. Tão logo Nabot apontou o seu ventre proeminente no meio da assembléia, dois vagabundos ordinários destacaram-se da plebe e apontaram seus dedos encardidos para ele, dizendo: “É ele o infame que amaldiçoou ao Senhor e ao rei!”.

No mesmo instante, Nabot foi despojado de suas vestes e levado para fora da cidade, onde foi apedrejado até a morte, apesar de todos os seus protestos de inocência.

Tão logo teve notícia do feliz resultado do seu ardil, Jezabel correu ao esposo para tirá-lo da sua melancolia.

– Pronto Acab, pode levantar, pois Nabot está morto – disse a rainha, triunfalmente.

Acab ergueu a cabeça com os olhos radiantes de feliz incredulidade.

– Nabot... morto?

Jezabel explicou-lhe tudo quanto sucedera, e Acab vestiu uma túnica nova para ir tomar posse da vinha ambicionada.

Entretanto, ao chegar lá deu de cara com Elias, que já o aguardava de semblante fechado, acusando-o abertamente, em nome do Senhor, de ladrão e assassino.

– Pois fica sabendo que no mesmo lugar em que os cães lambeiram o sangue de Nabot, assim também lambeirão o teu – disse ele, rugindo o veredicto. – Quanto à tua pérfida esposa, também terá um destino parecido com o teu, pois terminará devorada pelos cães de Jezrael.

Acab ficou tão arrependido – ou simplesmente apavorado, com receio da punição – que correu a pôr um cilício sobre a pele, dando início a um severo jejum.

Desde esse dia Acab passou a dormir vestido de saco, andando durante o

dia com o ar abatido dos penitentes e interpretando tão verazmente a sua dor que o Senhor apiedou-se dele, afirmando a Elias que pouparia Acab, mas que sobre os filhos dele faria recair toda a punição dos seus pecados.



Na época em que se deu o episódio da morte de Nabot, reinava em Judá o rei Josafá, filho de Asa. Um dia esse rei das tribos do Sul resolveu fazer uma visita a Acab, rei das tribos do Norte.

Acab, rei de Israel, estava em guerra outra vez com o reino de Aram, e convidou Josafá a auxiliá-lo nessa campanha, o que o rei de Judá fez de bom grado, pois os judeus só conseguiam entender-se quando tinham um inimigo em comum. Entretanto, o rei de Israel pediu antes permissão para ir consultar-se com quatrocentos profetas. Todos deram seu assentimento ao projeto.

– Não há mais nenhum profeta? – perguntou Josafá.

– Há ainda Miquéias, mas suas profecias são sempre desfavoráveis – disse Acab, torcendo o nariz.

– Vejamos, ainda assim, o que ele tem a nos dizer – falou Josafá.

Miquéias foi trazido à presença dos dois reis.

– Quatrocentos profetas já nos deram bons prognósticos – disse Acab ao profeta, com um olhar sombrio. – Trata agora de fazer o mesmo.

Miquéias respondeu que diria o que o Senhor lhe ordenasse dizer.

– Devemos ou não ir até Galaad para guerrear contra Aram? – perguntou o rei.

O profeta fechou os olhos e, depois de alguns instantes de opressivo silêncio, finalmente respondeu:

– Podem ir, pois o Senhor entregará o inimigo em suas mãos.

Inexplicavelmente, o semblante de Acab tornou-se ainda mais irado.

– Quantas vezes já disse para que falasse somente a verdade?

Então Miquéias abriu os olhos e inverteu o prognóstico.

– Vi todo o Israel disperso pelos montes como ovelhas sem pastor, enquanto o Senhor dizia: “Que voltem todos em paz para sua casa, eis que não têm mais dono”.

Acab voltou, então, o rosto para Josafá, numa exultação sombria.

– Não disse? Esta desgraça só profetiza desgraças!

Miquéias, ofendido com as palavras do rei, decidiu explicar como se dera o veredicto na corte celestial.

– Vi o Senhor sentado em seu trono, cercado de um e de outro lado pelos exércitos do céu. Então Ele disse: “Quem enganará Acab para que ele decida ir morrer em Galaad?”. Um espírito apresentou-se e disse: “Eu o enganarei!”. Então o Senhor autorizou-o a colocar o espírito da mentira na boca de todos os seus profetas, a fim de que Acab fosse levado a partir para uma guerra que lhe seria funesta.

Sedecias, um dos profetas preferidos de Acab, tomou-se de tamanha fúria que avançou até Miquéias e o esbofeteou.

– Mentiroso! Como o espírito de Deus sairia de mim para ir falar a você?
– disse Sedecias.

Miquéias, com a palma da mão do profeta rival estampada no rosto, lhe disse, então, com serena ira:

– Isto você verá no dia em que for de quarto em quarto para se esconder.

O rei Acab ordenou que Miquéias fosse imediatamente preso e posto num regime de pão e água, até a sua volta.

– Se Acab voltar, Deus não falou por mim – disse o profeta, ao mesmo tempo em que era arrastado rumo ao calabouço.

Os dois reis hebreus partiram, enfim, para a guerra. Porém, ao chegar diante do campo batalha, Acab resolveu ser esperto e trocou suas vestes, para não ser reconhecido pelo inimigo.

“Se é para enganar, então vamos lá!”, pensou ele, certo de que iria passar a perna no inimigo e, por extensão, também no Senhor.

Ora, havia um ordem expressa entre os soldados de Aram para que matassem o rei de Israel. Assim que viram Josafá, pensaram imediatamente que era o próprio e avançaram sobre ele. Mas Josafá não queria saber de morrer por engano, e por isto bradou com todas as suas forças que não era rei de Israel, mas de Judá.

Imediatamente as tropas inimigas receberam ordem de cessar fogo, o que não impediu que um dos soldados disparasse ainda uma última flecha na direção dos israelitas, atingindo Acab, ao acaso, numa fenda de sua couraça.

Apesar de ferido, Acab permaneceu combatendo de pé, sobre a sua biga, até que no final do dia, junto com o toque de recolher, soou também a hora da sua morte.

O rei de Israel foi levado a Samaria, onde foi sepultado, enquanto seu

carro era lavado na piscina, onde os cães lamberam o seu sangue – cumprindo parcialmente a profecia de Elias, já que este havia dito que o sangue de Acab seria lambido pelos cães no *mesmo local* onde Nabot fora apedrejado.

Morto Acab, subiu ao trono de Israel seu filho Ocozias, que repetiu todos os atos de idolatria do seu pai e de todos os seus antecessores.

DO SEGUNDO LIVRO DOS REIS

55. ELIAS E O CARRO DE FOGO

Depois da morte do rei Acab de Israel, Ocozias, seu filho, subiu ao trono. Mas o fato de ter subido ao trono não o impediu, certo dia, de cair da sacada do palácio real, em Samaria. Apavorado, ordenou que seus mensageiros fossem consultar o deus Beelzebub, de Acaron, para saber se sobreviveria à doença que o tombo originara.

Ora, esse deus menor, além de ser uma divindade rival do Deus de Israel, estava destinado a ser elevado um dia, graças a uma trapalhada teológica, à condição de príncipe das trevas (confundido que seria com Lúcifer, Satanás e outras potestades do mal). Por tudo isso, o Senhor considerou uma terrível afronta do rei dos hebreus ir pedir conselhos a esse deus amaldiçoado.

Mais uma vez o Senhor recorreu a Elias, seu servo fiel.

– Vai até os mensageiros do rei e pergunta a eles se porventura já não há um deus em Israel para que se lancem afoitamente a consultar um deus estrangeiro – disse o Senhor, enciumado.

Depois do encontro com Elias, os mensageiros decidiram retornar ao rei, sem consultar ao deus estrangeiro, e lhe deram o recado, que se encerrava com este fecho desagradável: – Por causa de sua apostasia, o Senhor decretou que não sairá vivo de sua cama.

– Quem foi o infeliz que lhes vaticinou a minha morte? – disse Ocozias.

Os mensageiros descreveram-no como um velho vestido com uma pele, tendo um cinto de couro atado à cintura.

– É o maldito Elias! – disse o rei, quase saltando do leito.

Ocozias sentiu suas reforças retornarem, pois desde os dias de Adão que nada há que revigore mais os nervos combalidos do que uma boa descarga de ira.

– Reúnam cinqüenta soldados e prendam esse miserável! – disse o rei, com as faces outra vez saudavelmente coradas.

Os cinqüenta soldados partiram, levando adiante o seu chefe, e encontraram Elias sentado no alto de uma montanha.

– Lá está ele! – disse o chefe, rumando a tropa para lá.

Assim que chegaram à base da montanha, o chefe colocou as mãos em concha e deu a intimação ao profeta.

– Em nome do rei, desça imediatamente!

Elias, que observara a tudo tranqüilamente, ergueu os olhos para o alto e disse:

– Se sou um homem de Deus, que um fogo devastador desça do céu e

consoma a você e a seus cinquenta homens.

No mesmo instante desceu do céu limpo de nuvens um poderoso jato de fogo que reduziu a cinzas os cinquenta soldados, e mais o seu chefe.

No dia seguinte, nova expedição foi enviada, com o mesmo número de soldados.

– Em nome do rei, desça imediatamente! – disse o chefe da segunda expedição.

Elias repetiu seu gesto, invocando novamente o poder de Deus, e um novo jato de fogo desceu dos céus, calcinando os cinquenta soldados, e mais o seu chefe.

No terceiro dia, uma nova tropa de cinquenta soldados foi enviada, só que dessa vez, ao passar pelas duas pilhas de cinzas, o terceiro chefe resolveu ser mais cauteloso. Caindo de joelhos, implorou ao profeta: – Homem de Deus, poupe a minha vida e a dos meus servos, vindo conosco!

Então o Senhor, ao ver seu profeta tratado com o temor devido, disse a Elias que descesse do monte, pois nada teria a temer.

O chefe retornou com Elias, enquanto os soldados, com os olhos arregalados de alívio, observavam os ossos negros dos seus companheiros mortos, regozijando-se por terem tido a ventura de integrarem o último e feliz pelotão.

Mas nem por isto o Senhor mudou seu decreto fatal, pois tão logo Elias esteve diante do rei, repetiu todos os seus termos, de tal forma que este rendeu sua alma, ainda no leito.

Como Ocozias não tinha filhos, subiu ao trono de Israel o seu irmão Jorão – embora quem continuasse verdadeiramente a governar fosse a astuta Jezabel.



Depois de mais esse feito, Elias sentira também o chamado do Senhor, pois estava já um homem envelhecido e cansado.

Disse então a Eliseu, seu companheiro e sucessor:

– Vou partir para Betel. Fique aqui, e continue a obra do Senhor.

Mas Eliseu não quis, em hipótese alguma, abandonar o seu mestre.

– Pela sua vida e a do Senhor, que não o abandonarei!

Deus já havia anunciado a Elias o que pretendia fazer com ele, mas parece que a notícia vazara, pois na chegada a Betel Eliseu foi assaltado por vários profetas que lhe perguntaram se sabia o que iria suceder com Elias.

– Sim, eu sei, mas guardem silêncio! – disse Eliseu, com gravidade.

Então Elias tentou novamente desvencilhar-se do colega, dizendo que ia sozinho a Jericó, mas Eliseu não consentiu, de modo que foram juntos também até lá.

Em Jericó repetiu-se a cena tediosa outra vez, com nova remessa de profetas mexeriqueiros e o pedido de Elias para que Eliseu ficasse ali, enquanto ele ia ao rio Jordão. Previsivelmente, Eliseu não consentiu, e os dois partiram juntos novamente.

Mas a curiosidade havia tomado de tal forma o espírito dos demais profetas, que cinquenta deles acompanharam, um pouco mais atrás, a chegada dos dois às margens do rio Jordão, assistindo ao primeiro prodígio daquele dia extraordinário, que prometia ser repleto deles. Tão logo Elias esteve ao pé do Jordão, tirou o seu manto e, depois de enrolá-lo, golpeou com ele as suas águas, que miraculosamente apartaram-se, formando um corredor enxuto, sobre o qual Elias e seu amigo puderam atravessar descansadamente, tal como Josué havia feito nos dias que antecederam à queda das muralhas de Jericó, e também Moisés, por ocasião da travessia do mar Vermelho.

Estando sós do outro lado, Elias voltou-se para o companheiro e lhe disse:

– Agora me peça o que quiser, antes que me aconteça o que já sabe.

Eliseu pediu que lhe fosse dado o dobro do seu espírito miraculoso, o que não era, decerto, pouca coisa. (Alguns comentadores tentaram explicar o pedido aparentemente descabido de Eliseu, afirmando que ele repetira apenas os termos de uma velha lei do Oriente Médio, que assegurava ao herdeiro primogênito a parte dupla dos bens da família; dessa forma, Eliseu estaria reivindicando simplesmente que Elias o reconhecesse como seu herdeiro espiritual.) De qualquer forma, Elias levou a coisa ao pé da letra, pois lhe respondeu desta maneira ambígua: – Está me pedindo algo muito difícil. Façamos o seguinte: se me enxergar enquanto eu estiver sendo arrebatado, é porque seu pedido lhe será concedido.

Enquanto conversavam, surgiu no horizonte um grande redemoinho, trazendo em seu interior uma carruagem de fogo puxada por cavalos do mesmo elemento. Antes que Eliseu pudesse fazer algo, viu o velho profeta ser sugado para dentro do poderoso vórtice, ascendendo aos céus, em pé, sobre a biga

ardente.

Eliseu ficou na terra, a rasgar as suas vestes de tristeza, enquanto clamava:

– Adeus, meu pai, condutor do carro de Israel!

Assim que o redemoinho desapareceu nos céus, levando para sempre o seu mentor, Eliseu abaixou os olhos e viu, caído ao chão, o manto de Elias. Tomando-o nas mãos, rumou então os seus passos para a cidade de Jericó, pois sabia que a partir de agora passara a ser seu o legado de profetizar em nome do Senhor e de enfrentar a idolatria que contaminava, de alto a baixo, a vida dos dois reinos hebreus.

56. OS MILAGRES DE ELISEU

Eliseu herdou de Elias um duplo poder, já que fez duas vezes mais milagres do que o profeta que Deus arrebatara aos céus num carro de fogo.

Seu primeiro milagre foi uma repetição daquele que Elias fizera momentos antes de desaparecer no redemoinho de fogo. Depois de tomar o manto do mestre, Eliseu dobrou-o e golpeou novamente o leito do Jordão, fazendo com que as águas outra vez se abrissem e provando, assim, que verdadeiramente herdara o poder do mentor.

– O espírito de Elias permanece com Eliseu – disseram os profetas, que continuavam a assistir a tudo, de queixos pendidos.

Imediatamente se prostraram diante de Eliseu e se ofereceram para ir procurar o corpo do profeta arrebatado.

– É inútil – disse o sucessor de Elias.

Mesmo assim, os profetas menores teimaram e vasculharam toda a região. Porém, depois de três dias de incessantes buscas, retornaram de mãos vazias.

– O que lhes disse? – falou Eliseu, pois sabia perfeitamente onde Elias estava.

Retornando a Jericó, Eliseu foi informado pelos seus habitantes de que a água do lugar estava estragada. No mesmo instante mandou que lhe trouxessem uma tigela que ainda não tivesse sido usada, cheia de sal e, dirigindo seus passos até a nascente que abastecia a cidade, despejou o conteúdo nela, tornando sadias as suas águas.

O milagre seguinte, no entanto, foi um tanto desconcertante, e deu-se quando Eliseu estava a caminho de Betel. Ia ele pensativo, e feliz com o milagre das águas, quando surgiu repentinamente diante de si um grupo de meninos insolentes, que começou a debochar da sua calva lustrosa.

– Suba, Eliseu careca! Suba! – diziam as crianças, numa algazarra ensurdecadora.

As pobres crianças deveriam saber que profetas não costumam ter lá muito senso de humor. Mas, desgraçadamente, continuaram a agir como se não soubessem, até que Eliseu chegou, de fato, a enfurecer-se, lançando-lhes uma terrível maldição. No mesmo instante surgiram, vindas não se sabe de onde, duas

ursas enormes e velozes, que começaram a perseguir implacavelmente os moleques.

Com as unhas de suas vigorosas patas espetadas para fora, as ursos monstruosas davam violentos tapas nos meninos, que voavam pelos ares com os corpos dilacerados pelos certos golpes – e o faziam com tanta gana que em pouco tempo o chão estava inundado do sangue de 42 deles.

Quando o massacre terminou, as cabeças e os membros decepados das pequenas vítimas se espalhavam por toda parte, recobertos por suas tripas ainda quentes e palpitantes, enquanto Eliseu, devidamente vingado, seguia placidamente no seu rumo, subindo até o monte Carmelo e depois enveredando para os lados da Samaria, onde tinha algo mais urgente a fazer.

Por esta época, como se sabe, Jorão reinava em Israel, tendo sucedido a Ocozias (aquele que caíra da sacada e morrera no leito). Não foi muito melhor que seu pai em matéria de fidelidade ao Senhor, mas ainda assim botou abaixo a coluna de Baal que seu pai mandara erigir, o que contou alguns pontos a seu favor na contabilidade divina.

Nenhum rei daquela época passava sem uma boa guerra, e com Jorão não foi diferente. Durante seu reinado os moabitas se insurgiram contra o domínio hebreu – já que, naqueles dias, ou se dominava ou se era dominado –, o que o obrigou a aliar-se com seus conterrâneos de Judá. Jorão e Josafá (rei de Judá) fizeram uma aliança e foram, pois, combater os moabitas. Quando passavam pelas terras dos edomitas, tiveram a grata surpresa de ver o rei desse povo aderir à sua causa, de modo que os três reis (de Israel, de Judá e de Edom) partiram para combater o rei de Moab.

Iam os três reis amigos com seus exércitos, até que um percalço pôs em risco a expedição, pois faltara água para manter as tropas e os cavalos.

– Ai de nós! – disse Jorão, a lamentar-se. – Foi para nos entregar às mãos dos moabitas que o Senhor nos enviou nesta funesta expedição!

Josafá, porém, que não era tão pessimista como Jorão, buscou logo uma saída:

– Não há aqui um profeta para que consultemos o Senhor?

Imediatamente alguém lembrou que Eliseu viera junto.

– Tragam-no já – disse o expedito Josafá.

Eliseu surgiu em meio aos escudos de bronze com sua careca venerável. Entretanto, não parecia novamente de muito bom humor, pois foi logo dizendo:

– Por que não vai se consultar com os deuses de seu pai e sua mãe?

– Foi o Senhor que reuniu nossos exércitos – respondeu Jorão.

– Está bem – disse Eliseu, um pouco mais amansado. – Farei o que me pedem, mas unicamente em consideração a Josafá, que tem sido fiel ao Senhor.

Antes, porém, de começar sua consulta divina, pediu que um tocador de lira viesse ajudá-lo a entrar em transe. Assim que as notas soaram, o profeta calvo deu início à sua consulta, dizendo:

– Cavem quantos fossos forem possíveis nesta torrente. Assim que tudo estiver pronto, eles se encherão de água a ponto de saciar a sede de homens e animais. Mas não será somente isto, pois estes mesmos fossos serão também a ruína dos moabitas.

Durante o restante do dia, os hebreus e os edomitas se afanaram cavando os fossos, de modo que na manhã seguinte, à hora dos sacrifícios, estavam todos prontos, embora sem uma única gota de água.

Mas isso foi por pouco tempo, pois logo os fossos começaram a encher-se de uma água límpida, que brotava miraculosamente do próprio chão. Um grito de euforia encheu o ar do vasto acampamento, atraindo a atenção dos espias inimigos, que se puseram a observar a cena com grande estupor – e isto porque seus olhos viam algo que o Senhor os fazia ver, mas que, de fato, não acontecia.

– Vejam, os fossos que eles cavaram estão repletos de sangue! – disse um dos espiões moabitas aos seus colegas.

Imediatamente ele correu até seus superiores para contar o que vira.

– Senhor! – disse ele, ao chegar à tenda do comandante supremo. – Os hebreus e edomitas brigam entre si a ponto de tingir de sangue as águas dos seus fossos!

– Benditos idiotas...! – disse o rei moabita, deliciado. – Vamos, aproveitemos a discórdia deles para pilhá-los em seu próprio acampamento!

Os exércitos de Moab partiram em desordenada correria e totalmente desprevenidos, já que imaginavam que tudo quanto tinham a fazer era recolher os despojos dos inimigos mortos.

Mas quando chegaram foram surpreendidos, pois não havia um único hebreu ou edomita morto, e as águas que Eliseu fizera cavar continuavam límpidas como sempre haviam estado. Iniciou-se, então, um massacre, que pôs os moabitas em retirada. Os exércitos dos três reis não só perseguiram e desbarataram os inimigos do Senhor, como ainda destruíram as suas cidades.

Com o fim da guerra, Eliseu voltou a Israel com as tropas vitoriosas, onde deu continuidade aos seus prodígios, desta feita operando um milagre bem mais singelo, mas, ainda assim, digno de nota.

Um dia, estava, pois, o profeta a caminhar distraidamente pela rua,

quando se viu se repentinamente agarrado por uma mulher que parecia inteiramente possessa.

– Pelo amor de Deus, salve meus filhos, Eliseu! – disse ela, estrábica de pavor. – Sou viúva de um homem que era pobre mas fiel ao Senhor!

O profeta pediu à mulher que se acalmasse, pois ela se agarrara com tanta força ao seu manto que estava a um passo de deixá-lo desnudo em plena via pública.

– Estou coberta de dívidas, e o perverso credor de meu marido está exigindo que lhe dê em paga meus dois filhos! – disse ela, reiniciando o jorro de suas queixas.

– Está bem – disse Eliseu, tentando acalmar o extraordinário nervosismo da viúva. – Diga-me exatamente o que ainda tem em sua casa.

– Ai de mim...! – disse ela, em prantos, esfregando o rosto. – Tenho apenas uma vasilha de azeite!

– Vá, então, e faça o seguinte: tome emprestada de suas vizinhas quantas vasilhas puder e leve-as para a sua casa. Depois disso, tranque a porta e comece a encher uma por uma com o azeite da sua vasilha.

O desespero da viúva não lhe permitiu raciocinar. No mesmo instante, passou de casa em casa recolhendo quantas vasilhas suas mãos desesperadas podiam carregar, de tal sorte que quando chegou à sua casa parecia mais uma vendedora de bilhas. Depois de trancar a porta, tomou da sua vasilha, na qual ainda havia um resto de azeite, e disse aos filhos que lhe alcançassem uma por uma as vasilhas que ela tomara emprestadas. Encheu a primeira e ficou abismada, pois sabia que não tinha nem a metade daquilo na sua. Ainda assim, pediu aos garotos que lhe dessem a próxima, que ela encheu novamente, e assim foi enchendo uma a uma até que a casa estava atopetada de bilhas repletas de azeite.

– Não há mais nenhuma? – perguntou ela aos filhos.

Não, não havia, responderam eles.

E foi somente nesse instante que o azeite da primeira bilha terminou.

A viúva ficou tão encantada diante daquelas dezenas de vasilhames repletos de azeite que largou tudo e foi correndo contar o espantoso caso ao profeta.

– Está bem – disse ele. – Agora vá e venda as bilhas, pagando o credor com o produto das vendas.

E foi assim que a viúva pôde sair, enfim, do seu desespero atroz.

Mas os milagres de Eliseu – ao contrário do azeite milagroso – não

estavam, nem de longe, perto de se esgotarem.

Dos milagres que o Senhor obrou por meio de Eliseu, dois se destacaram sobre todos os outros. O primeiro aconteceu numa de suas constantes idas a Sunam, onde passou a freqüentar a casa de um rico casal. Como fizesse isso com certa regularidade, o casal decidiu construir para o profeta um pequeno alojamento no terraço da casa.

Eliseu, comovido pela generosidade do casal, resolveu premiá-los. Estando no aposento, pediu ao seu servo Giezi – que geralmente o seguia nas expedições – para que trouxesse até ele a mulher sunamita.

Giezi cumpriu a ordem, e logo Eliseu tinha a piedosa mulher diante de si.
– A senhora tem sido muito boa para com este servo do Senhor, demonstrando que segue os caminhos do Altíssimo – disse o profeta. – Por isso resolveu ele recompensá-la de alguma maneira.

Mas a sunamita era tão modesta e despida de ambições que nada pediu.

Ainda assim, Eliseu resolveu consultar-se com o seu servo.

– O que acha que o Senhor poderia fazer por esta boa mulher?

Giezi, que já havia refletido sobre o assunto, não teve dúvidas em afirmar que a coisa que ela mais desejava – mas da qual, já há muito tempo, desesperava de alcançar – era ter um filho.

– Infelizmente, tanto ela quanto o marido já estão muito velhos – disse Giezi.

– Traga-a novamente – disse Eliseu, com decisão.

Assim que a sunamita retornou à presença do profeta, este lhe disse que dali a um ano ela seria mãe de um menino.

– Oh, homem de Deus, não engane esta mulher! – disse ela, com os olhos chorosos.

Um ano depois, contudo, ela deu à luz o seu filho, tal como Eliseu predissera.

O garoto cresceu com saúde, até que um dia, estando na ceifa junto a seu pai, colocou as mãos sobre a cabeça.

– Ai, a minha cabeça! – disse, com um grito lancinante.

O menino foi levado às pressas até a sua mãe, mas algumas horas depois faleceu em seu próprio colo.

A sunamita, sem dar qualquer mostra de dor, subiu até o quarto de Eliseu

e depositou o filho morto sobre o leito do profeta ausente. Depois, enrolando-se num chalé, pediu licença ao marido para tomar uma jumenta e partir em busca de Eliseu.

E assim partiu na direção do monte Carmelo, onde o profeta estava. Tão logo ela aproximou-se, Eliseu a avistou e mandou seu servo ir ao seu encontro para saber como ela estava.

– Está tudo bem – disse ela, laconicamente.

Mas assim que chegou diante do profeta, caiu de joelhos e pôs-se a abraçar os seus pés. Giezi quis retirá-la, mas Eliseu o impediu.

– Deixe-a – disse ele –, pois sua alma está amargurada.

Então ela ergueu os olhos para o profeta, e pela primeira vez um brilho de revolta acendeu-se em seus olhos.

– Por acaso lhe pedi aquele filho? – disse ela, com o rosto convulso. – A única coisa que lhe pedi foi que não me enganasse!

Giezi ordenou a seu servo Giezi que tomasse do seu bastão e fosse até a casa da sunamita.

– Toque meu bastão no rosto dele e ele ficará bom outra vez – disse o profeta.

Mas a mulher só aceitou voltar com o homem de Deus.

Eliseu apiedou-se da mulher e retornou com ela. Giezi, ainda assim, seguiu na frente e fizera o que seu amo dissera, mas sem qualquer resultado.

– Deixem-me a sós com o menino – disse Eliseu, entrando no quarto.

Depois de trancar a porta, o profeta pôs-se contritamente a orar a Deus, estendendo-se em seguida sobre o corpo do menino morto. Durante um bom tempo permaneceu assim estendido, com sua boca colada à boca do menino morto, até que o calor do seu corpo se comunicasse ao dele.

Erguendo-se, o profeta andou pelo quarto de lá para cá, deitando-se outra vez sobre o corpo do garoto, até que o espírito da vida lhe fosse infundido novamente.

Dali a instantes o garoto começou a espirrar com força, e na sétima espirrada abriu os olhos, vivo outra vez.

– Chame a sunamita – disse Eliseu ao servo, que foi correndo buscá-la.

A mulher, ao ver o filho novamente vivo e corado, lançou-se pela segunda vez aos pés do homem de Deus – desta vez, de pura gratidão.

Este milagre da ressurreição – que se assemelha muito àquele que seu mentor Elias havia praticado muitos anos antes – foi o primeiro dos dois grandes milagres que ainda restavam a Eliseu praticar. O segundo – e talvez o mais

famoso de quantos operou sob a inspiração do Senhor – deu-se depois de outros dois milagres menores, nos quais tornou inofensiva uma sopa envenenada e alimentou cem homens com vinte pãezinhos de oferenda.

Havia, pois, no reino de Aram (Síria) um homem atacado pela lepra que se chamava Naamã. Apesar de bem-sucedido – pois era comandante dos exércitos do seu rei –, esse homem tornava-se dia a dia mais infeliz devido à debilitante – e mesmo ultrajante – moléstia de que era vítima.

Um dia, porém, uma serva israelita da casa – que fora capturada numa das incursões dos arameus em terras judaicas – disse à ama, esposa de Naamã, que havia um profeta poderoso em sua terra natal.

Naamã, tomando conhecimento disto, foi pedir ao rei de Aram que lhe permitisse ir consultar-se com Eliseu, o tal profeta. O rei mostrou-se compreensivo e autorizou a partida do general, que no mesmo dia rumou para Israel, levando consigo trezentos quilos de prata, seiscentos de ouro e dez mudas novas de roupa.

Alguns dias depois o oficial arameu chegava diante da casa de Eliseu, num carro puxado por dois cavalos finamente ajeitados. O servo de Naamã desceu e foi comunicar o caso ao profeta, que estava descansando no interior da residência.

– Diz a teu amo que vá banhar-se sete vezes no Jordão – disse Eliseu, sem ir até o oficial arameu ou lhe permitir a entrada em sua casa.

Naamã ficou tão irritado com a desfeita de Eliseu que se recusou a seguir o alvitre do profeta.

– Desfeiteado por um adivinho hebreu! – dizia, enquanto a sua biga retornava a toda brida para a capital de Aram. – Qualquer córrego de Damasco é melhor do que todos os rios de Israel! – dizia, ainda, num despeito incontrolado.

Mas seus servos foram hábeis o bastante para fazer ver a seu amo que deveria seguir as palavras do profeta hebreu, e por isto Naamã resolveu ceder, indo banhar-se, afinal, nas águas do Jordão.

Após despir seu manto, o arameu pisou na corrente fresca que descia com impetuosidade do monte Hermon (pois sendo época da colheita, era também a época da cheia do famoso rio). Apesar do frescor da água, Naamã sentiu uma fisgada dolorosa na pele ulcerada do seu pé que quase o fez voltar para a margem. Ao mesmo tempo, porém, sentiu que não poderia protagonizar uma tal cena diante dos seus servos, que o observavam ansiosamente, junto ao seu manto.

“Malditos hebreus!”, pensou ele, mais uma vez envolto nas malhas daquela gente.

Tomado por um ímpeto de raiva, o arameu meteu-se de uma vez no curso estuante das águas, fazendo com que cada fibra e tendão do seu corpo fosse alvejado por centenas de pequenas agulhadas. Seu corpo era uma sucessão de feridas que o tempo, dia a dia, ameaçava tornar em uma única e pavorosa chaga.

Aos poucos, os pedaços necrosados das feridas começaram a se desprender, lançando na corrente pequeníssimos filetes de sangue semelhantes a serpenteantes cobrinhas d'água de coloração vermelha.

Depois de mergulhar inteiramente, até fazer desaparecer o último fio de cabelo sob a superfície da água, Naamã ergueu-se e retornou para a margem, repetindo a operação por mais seis vezes. A cada vez, porém, que saía do rio percebia que sua pele melhorava de aspecto, até que na sexta e última vez, percebeu que somente tinha espalhadas pelo corpo dúzias de cicatrizes fechadas.

“Não é que funciona, mesmo?”, pensou ele, ao emergir pela última vez e constatar que sua pele se tornara sadia e rosada como a dos bebês.

Feliz da vida, o arameu retornou até Eliseu, disposto a recompensá-lo com todas as riquezas que trouxera de Aram. O profeta, no entanto, recusou-se a receber óbolos ou dízimos de qualquer natureza por um dom que recebera dos céus.

– Pela vida do Senhor, que nada aceitarei – disse o profeta, irredutível.

Seu servo Giezi, entretanto, não pensava exatamente assim, e tão logo viu partir o oficial arameu, saiu-lhe no encalço, às escondidas.

Ao ver que era seguido, Naamã ordenou ao seu servo que freasse os cavalos.

– Houve alguma coisa? – disse ele a Giezi, que o alcançara, esbaforido.

– Meu senhor pede que lhe dê um saco de prata e duas mudas de roupa, pois lhe chegaram, vindos das montanhas de Efraim, dois discípulos muito pobres.

Naamã ficou alegremente surpreso ao poder retribuir o favor, e lhe deu não um, mas dois sacos de prata.

Giezi escondeu tudo rapidamente em seu alojamento e foi até seu amo.

– De onde está vindo, Giezi? – disse Eliseu, com ar severo.

– De lugar algum – disse ele, falsamente convicto.

– Deixe de fingimento – disse Eliseu, fulminando-o com o olhar. – De onde tirou a idéia de que era ocasião para obter prata e vantagens para si?

– Do que está falando, meu senhor? – disse Giezi, vexado.

– Eu vi tudo – disse Eliseu, liquidando o assunto. – Por causa de sua cupidez, a lepra de Naamã passará para você e toda a sua descendência.

No mesmo instante Giezi viu sua pele ficar branca como a neve,

descobrimo o quão grave era aos olhos do Senhor que alguém tentasse colher lucros pessoais de seu dom divino.

57. JEZABEL DEFENESTRADA

É preciso admitir que a genealogia dos reis israelitas pode tornar-se, às vezes, bastante confusa. Por exemplo: durante algum tempo os reinos hebreus de Judá e Israel foram governados, quase ao mesmo tempo, por dois Jorões. Assim, havia o Jorão de Judá (filho de Josafá) e o Jorão de Israel (irmão de Ocozias). O Jorão de Judá era casado com uma filha de Acab, e depois de ter tolerado a idolatria e guerreado contra os edomitas, falecera, passando a coroa a seu filho Ocozias (outro, não aquele de Israel), que reinou apenas um ano em Jerusalém. Durante esse curto período de tempo, ele juntou-se ao Jorão de Israel e foi guerrear contra os arameus.

Jorão, entretanto, tendo sido ferido num dos combates, retornou a Jezrael, ocasião propícia para que vejamos o profeta Eliseu retornar à cena. Este, depois de chamar secretamente um de seus profetas auxiliares, lhe disse:

– Toma este azeite e vai ungir novo rei a Jeú. Faz isso e foge sem demora.

Jeú era um prestigiado comandante do exército israelita, e Eliseu sabia que tal gesto implicava numa sedição. Mas o Senhor havia decidido eliminar Jorão e Ocozias a um só tempo, pondo um fim à descendência apóstata de Acab.

O profeta fez o que Eliseu ordenara, e depois de ungir secretamente a Jeú, deixou a casa às pressas. No mesmo instante, os colegas do oficial aproximaram-se dele, com o semblante alterado.

– O que queria com você esse doido? – disse um deles.

Jeú contou-lhes tudo quanto o profeta lhe dissera acerca de sua missão, explicando que o Senhor o havia escolhido para pôr um fim à idolatria patrocinada pela descendência de Acab, e em especial, por Jezabel, a velha esposa de Acab que ainda continuava a poluir a vida religiosa de Israel.

Tal discurso mostrou-se tão convincente que logo os demais prostraram-se diante de Jeú, em reverência, proclamando-o novo rei de Israel, dando início em seguida à rebelião que iria sacudir os alicerces dos reinos hebreus.

Jorão ainda estava acamado em Jezrael, em consequência dos ferimentos recebidos em uma campanha contra os arameus. Junto dele estava seu colega Ocozias, rei de Judá, que viera visitá-lo. Estavam conversando amenamente quando as tropas sediciosas de Jeú chegaram ao palácio. Um dos vigias observou

e mandou que um cavaleiro descesse até eles para saber o que havia.

– Tudo em paz? – perguntou o cavaleiro a Jeú.

– Que lhe importa se estamos em paz? – disse o comandante revoltoso, com estupidez. – Passe para o nosso lado, se ainda deseja permanecer vivo.

O vigia, percebendo que o primeiro cavaleiro unira-se à tropa, mandou, então, um segundo cavaleiro até eles.

– Tudo em paz? – perguntou o segundo cavaleiro a Jeú.

– Que lhe importa se estamos em paz? – disse o comandante. – Passe para o nosso lado, se ainda deseja permanecer vivo.

Alarmado, o vigia entendeu finalmente que Jeú e sua gente não vinham em paz, e foi correndo avisar aos dois reis que uma revolta estalara bem à sua porta.

De olhos arregalados, os dois reis puseram-se em pé e foram até onde Jeú estava.

– Tudo em paz? – perguntou Jorão ao comandante.

Mas Jeú, definitivamente, não queria nem ouvir falar nesta palavra.

– Que paz pode haver em Israel enquanto as prostituições de Jezabel continuam a campear livremente, ofendendo a honra do Deus de Israel? – disse Jeú, com o rosto tão carregado que o rei compreendeu logo que sua vida corria perigo.

Tomando as rédeas de sua biga, Jorão deu meia-volta, dando altos brados na direção do rei de Judá.

– Traição, Ocozias! Traição!

Uma flecha certa, contudo, acertou-o nas costas, impedindo-o de repetir o seu grito. Com o coração varado pela seta, Jorão caiu morto em cima do seu carro, enquanto Ocozias foi perseguido por Jeú até os campos de Magedo, onde também acabou morto.

A essa altura as notícias da sedição já haviam chegado a Jezrael, onde Jezabel ainda vivia encastelada em seu palácio real. O tempo passara e a única coisa que deixara intocada na velha rainha era a sua vaidade. Depois de pintar a pele ao redor dos olhos – pedaço engelhado de carne ao qual os anos haviam dado a mesma textura do papiro – e enfeitar elegantemente a cabeça, ela dirigiu-se à janela do palácio, a fim de assistir a chegada das tropas de Jeú.

Assim que viu o comandante apontar, deu um grande grito:

– Tudo em paz, matador do seu senhor?

Jeú, tomado pela ira, ordenou aos eunucos que estavam com Jezabel que a arremessassem pela janela.

– Como se atrevem, suínos infectos? – disse ela, tentando desvencilhar-se das mãos grossas e úmidas dos seus servos, que não pensaram duas vezes antes de darem cumprimento à ordem do novo e implacável senhor.

Jezabel lutou inutilmente durante alguns segundos, agarrando-se desesperadamente à janela, enquanto avistava, quase de ponta-cabeça, o abismo dançar-lhe abaixo. Mas a luta era desigual, e logo ela sentiu-se arremessada no espaço, caindo velozmente em direção ao chão de pedra do paço.

Um ruído pavoroso de ossos partindo-se ecoou no ar, sendo abafado logo em seguida pelo estrondo dos cascos dos cavalos, que pisotearam livremente a rainha, até deixar seu corpo inteiramente desfigurado e as paredes tintas do seu sangue.

Satisfeito com o pavoroso fim de Jezabel, Jeú rumou para o interior do palácio, onde foi comer e beber. Antes, porém, deu ordem aos soldados para que fossem enterrar a perversa rainha.

– Nada mais restou dela, meu senhor, senão o crânio, os pés e as palmas das mãos – disse o serviçal, após fazer a verificação.

E assim cumpriu-se a profecia que o Senhor ditara pela boca de Elias, de que os cães comeriam o corpo da rainha e de que seus restos ficariam espalhados como esterco sobre os campos de sua propriedade em Jezrael.

Decidido a exterminar com a descendência de Acab, Jeú fez com que os anciãos e chefes de Samaria cortassem as cabeças dos setenta filhos de Acab e as remetessem a Jezrael, acondicionadas em cestos.

No dia seguinte, Jeú mandou reunir o povo e disse com voz sinistra:

– Vejam o que sobrou da descendência de Acab! Agora sabem que a palavra do Senhor não fica jamais sem efeito!

Então Jeú decidiu ir até o reino de Judá, para fazer também uma limpeza por lá. Mas no caminho teve a felicidade de encontrar os irmãos do falecido Ocozias, que vinham na direção de Israel.

– O que querem fazer lá? – perguntou Jeú.

– Vamos saudar os filhos do rei e da rainha – disse um dos 42 homens da comitiva.

Sem dar chance a que o homem pronunciasse qualquer outra palavra, Jeú ordenou que fossem todos aprisionados e levados à cisterna de Bet-Eced, onde foram miseravelmente degolados, sem que houvesse sobrado nenhum.

Indo adiante, Jeú chegou em Samaria, onde apresentou-se diante do povo, proclamando que ali estava para dizer que o culto que Acab prestara ao deus Baal fora muito pouco, e que ele pretendia incrementá-lo muito mais.

Aquilo era, evidentemente, uma armadilha, pois deste modo ficaria mais fácil reunir num mesmo local todos os profetas do deus rival do Senhor.

– Vou oferecer um grande sacrifício a Baal – disse o novo rei – e quero que todos estejam presentes.

Depois que todos os servos de Baal estavam dentro do templo consagrado, Jeú mandou postarem-se oitocentos homens do lado de fora, os quais receberam ordem de entrar logo em seguida e passar a fio de espada toda aquela gente.

– Aquele que deixar que um só deles escape pagará com a própria vida – disse o novo rei.

Os soldados de Jeú entraram numa correria furiosa e massacraram todos quantos estavam dentro do templo. Depois rumaram, sob o comando do mesmo Jeú, até o santuário de Baal, onde atearam fogo à estátua do deus, pulverizando-a em seguida.

Naquele local onde se cultuara fervorosamente a Baal, restaram apenas latrinas, que Jeú mandou construir assim que foram apagados os últimos vestígios da idolatria.

Mas se alguém imaginava que Jeú estava destinado a ser o restaurador absoluto da fé do Deus de Israel, cometia ledó engano. Apesar de ter abolido o culto a Baal, não se mostrou tão intolerante com respeito a outras divindades, deixando que os bezerros de ouro que Jeroboão instalara nos santuários de Betel e Dã ali permanecessem.

E então o castigo do Senhor desceu outra vez sobre Israel, sob a forma de muitas derrotas militares, que sofreu frente ao velho inimigo de Aram.

Jeú morreu, malquisto pelo Senhor, e foi substituído pelo seu filho Joacaz.

Enquanto isso, em Judá, as coisas haviam ficado assim, desde a morte do rei Ocozias (que perecera, como vimos, às mãos de Jeú): Atalia, sua mãe, tão logo soubera da morte do filho, ordenara o assassinato de todo o restante da família real. Entretanto, a irmã de Ocozias conseguira salvar do morticínio o pequeno Joás, um dos tantos filhos do rei morto que deveria ser passado a fio de espada.

Durante seis anos o pequeno Joás esteve escondido na casa do Senhor, enquanto Atalia dirigia os destinos do reino de Judá, até que no sexto ano Joiada – o sacerdote do Templo – convocou os centuriões da guarda real e tomou-lhes o juramento de fidelidade, ordenando-lhes que montassem guarda permanente ao único filho que restara do rei.

– Matem qualquer um que tentar invadir o recinto – disse o sacerdote.

De posse das lanças e dos escudos de Davi, os centuriões cumpriram à risca as determinações de Joiada, que proclamou rei ao jovem Joás.

Atalia, que nada sabia dessas maquinações, correu ao templo tão logo escutou as aclamações de “Viva o rei!” somente para deparar-se com o espetáculo da coroação do seu novo rival.

– Traição! Traição! – começou a gritar a rainha, ao mesmo tempo em que rasgava desesperadamente as suas vestes.

Joiada, avançando alguns passos, ordenou que levassem a rainha dali, pois não queria que ela fosse morta dentro da casa do Senhor.

Atalia foi morta logo à saída do templo, no acesso dos cavalos ao palácio.

Depois disto, Joiada seguiu junto com o rei e o povo até o templo onde Baal ainda era cultuado, e mandou pô-lo abaixo, além de ordenar a morte do sumo sacerdote daquele culto considerado idólatra.

Desde esse dia Joás passou a governar Judá como rei efetivo. Como todos os reis hebreus, Joás teve de haver-se com os ataques periódicos que o rei de Haran movia aos territórios israelitas, até que num deles foi forçado a enviar todas as riquezas que havia no templo em Jerusalém para dissuadir o soberano estrangeiro de atacar Jerusalém. Joás terminou seu reinado morto numa rebelião e seu filho Amasias sucedeu-lhe no trono de Judá.

Mas voltemos a Israel. Joacaz, como vimos, havia assumido o trono com a morte de Jeú, e não fez nada mais do que seus miseráveis antecessores para agradar ao Deus de Israel, deixando que a idolatria voltasse a imperar livremente por todo o país.

Por causa disso, o Senhor permitiu que Israel padecesse grandes derrotas diante do inimigo arameu. (Na verdade, os hebreus tinham um modo muito particular de ver as coisas: assim, quando triunfavam em alguma guerra, era porque seu deus lhes dera o triunfo, e quando eram derrotados, era porque seu deus os havia abandonado – de tal sorte que nem os arameus, nem os filisteus, nem os edomitas, nem os amonitas, nem qualquer outro povo sobre a face da terra podia vangloriar-se de ter alguma vez realmente derrotado aos hebreus, já que, segundo esta mesma ótica, era sempre o Deus de Israel quem decidia o

resultado de qualquer conflito que envolvesse os israelitas.)

Depois de Joacaz, foi a vez de Joás (não o outro, de Judá!), sob cujo governo nada mudou, a não ser com o evento triste do passamento do profeta Eliseu. Assim que soubera que o profeta estava doente, Joás tomara da biga e fora até a sua residência. Ao chegar lá deparara-se com o quadro desolador do profeta à beira da morte.

Joás lamentou-se em altos brados, até que Eliseu interrompeu as suas lamúrias, pedindo-lhe que lhe trouxesse um arco e flechas.

– Atire uma flecha – disse o profeta, encostando a sua mão sobre a do rei, depois que este já tinha o arco aprestado.

Fazendo mira sobre a janela do oriente, ordenou o disparo.

A flecha partiu zunindo, até se perder na distância.

– Esta foi a flecha da salvação contra Aram!– disse Eliseu, num balbucio que era mais um estertor.

Depois disse ao rei que atirasse uma segunda flecha.

O rei atirou uma segunda, e ainda uma terceira flecha. Na quarta vez, porém, enfarou-se do brinquedo.

– Imbecil! Se tivesse disparado seis vezes teria exterminado com os arameus! – disse o profeta. – Por causa disto só os vencerá três vezes, sem jamais exterminá-los!

Depois desse lance curioso, Eliseu entregou a sua alma a Deus – mas nem assim seus milagres acabaram, já que quando estava sendo sepultado ocorreu o último – e talvez mais pitoresco – deles. Naqueles dias turbulentos, bandos de moabitas desordeiros andavam espalhando o caos por todo o país, e quando um desses bandos surgiu, havia um outro enterro em andamento, bem ao lado de onde se processava o sepultamento do profeta.

– Maldição! – teria dito um dos parentes do outro enterro. – Lá vêm os moabitas!

No mesmo instante largaram todos a correr, atirando o corpo do morto na mesma cova onde recém havia sido depositado o corpo de Eliseu. Para surpresa, entretanto, dos que haviam permanecido em seus lugares, o defunto ergueu-se novamente com vida tão logo entrara em contato com o corpo do profeta morto. (A crônica não refere se a partir daí estabeleceu-se o costume de se lançarem os corpos dos mortos na mesma sepultura, mas é de se crer que, mais de uma vez, algum parente inconsolável tenha tentado a sorte.)

58. A QUEDA DE JUDÁ E ISRAEL

A dança dos reis prosseguiu, tanto em Israel quanto em Judá, com a subida aos respectivos tronos de soberanos cada vez mais medíocres, os quais preparavam com sua insensatez a ruína célere e definitiva das duas nações hebraicas.

Por várias vezes ameaçados de conquista pelos poderosos assírios – a superpotência daquela época, que dominava quase todo o Oriente Médio desde 911 a. C. –, os reis de Israel e Judá viram-se muitas vezes compelidos a ceder às chantagens do soberano desse império quase invencível, a fim de evitar uma invasão militar.

Os judeus sabiam, na verdade, que a hora de sua capitulação estava muito próxima, e não foram poucos os profetas que surgiram nessa época para alertar os governantes cúpidos e incompetentes da catástrofe que se avizinhava. De todos esses últimos reis, houve, contudo, um certo Acaz, rei de Judá, que sobrepujou a qualquer outro por sua impiedade e desrespeito aos seus antepassados.

Tendo começado a governar com vinte anos de idade, Acaz submeteu-se desde cedo à idolatria dos deuses estrangeiros, chegando a cometer a abominação de imolar seu próprio filho às chamas do altar de Moloc, uma das principais divindades dos cananeus. Ao mesmo tempo, envolveu-se em disputas com os hebreus do norte e os arameus, os quais haviam unido suas forças para invadir Judá e pôr em prática mais uma das centenas de campanhas de pilhagens, corriqueiras naquela região (já que esse foi sempre o móvel oculto de qualquer guerra que já se fez debaixo do sol).

Acaz, vendo-se em desvantagem, mandou um emissário à Assíria para pedir ao soberano daquele país que lhe mandasse auxílio. Em contrapartida, declarou-se seu vassalo, pagando o auxílio com as riquezas surrupiadas do Templo.

O rei assírio cumpriu fielmente o pacto e devastou com seus exércitos o reino dos arameus, ocupando Damasco e deportando a sua população para a distante Assíria.

Entrementes, o rei Acaz foi encontrar-se na Damasco ocupada com o rei

invasor, onde comprovou que este não era amigo de ninguém, senão de si mesmo. Então viu-se obrigado a entregar aos assírios todas as riquezas do Templo e a trancar as suas portas. O resultado de tudo isso é que quando Acaz morreu, Judá não passava de um estado vassalo da poderosa Assíria.

Enquanto isso, Oséias reinava, sem saber que seria o último dos reis de Israel – prestes também a cair, como a vizinha Judá, sob o tacão impiedoso de Salmanasar, rei da Assíria. Oséias havia se tornado rei títere de Salmanasar depois de assassinar seu antecessor, Facéia – que havia se envolvido numa guerra desastrosa contra os assírios e perdido boa parte do território israelita.

Entretanto, alguns anos depois, Oséias também tentou lançar fora o jugo assírio, mandando secretamente emissários ao vizinho Egito para tramocar uma insurreição. Os espiões de Salmanasar, no entanto, descobriram a conspiração e Oséias terminou preso, ao mesmo tempo em que seu país era invadido militarmente.

Começava, assim, a queda definitiva de Israel. O último bastião da resistência israelita fora a cidade fortificada de Samaria, instalada no alto de uma colina. Durante três longos anos foi ela assediada pelos exércitos assírios, até capitular definitivamente em 721 a. C. Nesse ano terrível os israelitas provaram da mais amarga humilhação, vendo sua cidade arder enquanto levadas imensas de homens, mulheres e crianças eram retiradas da cidade com cordas amarradas nos pescoços, rumo ao exílio. Doravante, os israelitas teriam de viver nas distantes cidades assírias, afastados da terra que o Senhor lhes dera um dia.

Para ocupar o lugar dos hebreus escravizados foram enviados colonos estrangeiros, que passaram a habitar nas casas expropriadas, bem como a cultivar as terras, como se ali vivessem desde sempre. Entretanto, ou por descuido dos novos habitantes, ou por alguma maldição que o Deus de Israel lhes mandara, o fato é que passaram a ser atacados com frequência por leões ferozes das redondezas.

Diante disso, as autoridades providenciaram para que fosse repatriado da Babilônia um dos sacerdotes do Senhor, encarregando-o de tentar ensinar àqueles pagãos amaldiçoados a lei do verdadeiro deus. Infelizmente os assírios eram exatamente como os judeus, e uma vez que não se resignavam, de jeito nenhum, a adorar um deus abstrato, recaíram logo – com ou sem leões – na mais sórdida idolatria.

Já em Judá, as coisas pareciam se encaminhar para o bem. Morto o ímpio Acaz, seu filho Ezequias assumira o trono na condição de rei vassalo dos assírios. Ezequias, contudo, foi, ao contrário do pai, um rei que soube mostrar-se temente a Deus, combatendo toda forma de idolatria e destruindo os altares consagrados às divindades rivais do Senhor. Ezequias chegou a mandar despedaçar a serpente de bronze feita por Moisés (modalidade piedosa de idolatria instituída por ele, ainda no deserto), que os israelitas, maníacos pela forma, haviam passado também a adorar.

De todos os reis de Judá, nenhum outro houve tão fiel como Ezequias, e por isto não só revoltou-se com sucesso contra o rei dos assírios como também derrotou aos filisteus, conquistando várias de suas cidades.

– Finalmente um rei que anda nas veredas do Senhor! – dizia pelas ruas a pequena parcela dos justos, que ainda não havia se prostituído às divindades estrangeiras.

Mas apesar de tudo, alguma coisa deve ter feito que desagradou profundamente ao Senhor, já que no décimo quarto ano do seu reinado os assírios invadiram grande parte de Judá, fazendo com que ele enviasse esta mensagem pouco viril ao rei invasor: “Retira teus exércitos de Judá e farei tudo quanto quiseres”.

O rei assírio não se fez de rogado e exigiu a módica quantia de dez toneladas de prata e uma de ouro, que Ezequias retirou do tesouro da casa do Senhor, chegando a demolir-lhe as portas e os marcos cobertos de ouro para completar a pesagem. Mas nem isto bastou para deter a cobiça do rei assírio, que reuniu a massa dos seus exércitos e os lançou em direção a Jerusalém, disposto a tomá-la pelo ferro e pelo sangue. Estes foram os primeiros dias do cerco à Cidade Santa, que, ao contrário de Samaria, resistiria bravamente, sem cair às mãos do inimigo.

Assim que os exércitos poderosos de Senaquerib – então rei dos assírios – chegaram às portas da cidade fortificada, foram recebidos por emissários de Ezequias, os quais tiveram de escutar, de cara limpa, estas odiosas afrontas:

– A quem pensam que enganam com sua falsa confiança? – disse o porta-voz dos invasores. – De quem esperam socorro, afinal, se todas as nações vizinhas já estão subjugadas? É do seu deus, porventura, que esperam a salvação? Oh, não!, não dêem ouvidos ao seu rei quando ele lhes diz que seu deus os livrará! Conseguiram, por acaso, os deuses das outras nações livrá-las do poder de Senaquerib? Não está já a Samaria inteira em nossas mãos? O que poderá seu deus diante de nossos exércitos?

Ezequias ficou tão indignado ao saber dessas palavras insultuosas que rasgou suas vestes e foi, vestido de luto, procurar o profeta Isaías, um dos mais influentes que Deus fizera surgir entre o seu povo.

– Não tenha medo das palavras atrevidas do rei assírio – disse o Senhor, pela boca de Isaías –, pois farei com que ele retorne para a sua casa pelo mesmo caminho por onde veio. Protegerei esta cidade e a salvarei em atenção a mim mesmo e ao meu servo Davi, pois assim está prometido.

Ezequias escutou as palavras vigorosas do profeta com um grande alívio na alma e foi recolher-se aos seus aposentos, confiando na promessa do Senhor.

Naquela mesma noite o espírito da morte desceu sobre as tropas do arrogante rei assírio, que estavam acampadas em frente às muralhas de Jerusalém. Cento e oitenta e cinco mil homens pereceram silenciosamente dentro e fora de suas barracas, de tal sorte que quando o dia seguinte raiou estavam os corpos espalhados por toda parte, para grande espanto e consternação dos comandantes assírios.

Diante do insucesso do cerco, o rei Senaquerib levantou suas tendas e retornou para Nínive, onde terminou morto por dois de seus próprios filhos.

Para Ezequias, no entanto, aqueles episódios haviam sido muito desgastantes, e ele adoeceu mortalmente. Tendo mandado chamar, de seu leito, o profeta Isaías, recebeu deste a notícia desoladora de que iria, de fato, morrer.

Inconsolado, o rei voltou seu rosto para a parede e pôs-se a chorar em altos brados:

– Não me tirai a vida, Senhor! Lembrai de como segui vossos caminhos com firmeza e constância!

Ezequias chorou e levou (nesta que talvez seja a mais profunda lição que o Antigo Testamento deixou aos homens de espírito prático), pois antes que tivesse deixado o átrio Isaías recebeu uma inspiração do Senhor, lhe dizendo que retornasse ao rei e lhe dissesse estas suavíssimas palavras:

– Escutei o teu lamento e decidi curar-te. Daqui a três dias estarás são outra vez, diante do Templo, e com quinze anos acrescentados à tua vida.

Isaías mandou que um servo amassasse alguns figos num púcaro e passasse o cataplasma sobre o furúnculo (ou úlcera) do rei, curando-o no mesmo instante.

Mas o rei ainda tinha dúvidas – afinal, não bastava àquela gente de escassíssima fé a palavra do Senhor –, e por isto não sossegou enquanto não obteve dele o sinal de sua cura efetiva.

Isaías mostrou ao rei o relógio de sol que estava ali próximo .

– Quer que a sombra avance ou recue dez graus? – perguntou o profeta. Ezequias pensou bastante para não dizer uma besteira, e só depois respondeu:

– Que ela recue dez graus.

E assim Deus anunciou o primeiro milagre por meio de um segundo milagre, já que a sombra, contrariando a rotação solar, recuou, tal como Ezequias pedira.

Pois bem: algum tempo depois, o rei dos babilônios enviou emissários à corte de Judá carregados de presentes para o rei doente (ou que ele imaginava ainda doente).

Ezequias, encantado com a atenção, resolveu mostrar aos embaixadores todas as riquezas do seu reino, desde as riquezas do templo até as de sua própria casa (talvez numa tentativa de cooptar a amizade do poderoso soberano).

Isaías, ao saber da imprudência do rei, correu logo à sua presença.

– Quem eram estes e o que queriam? – disse o profeta, enraivecido.

– Eram emissários do rei da Babilônia – respondeu candidamente Ezequias. – Vieram saber de nossas riquezas, e, de fato, nada deixei por mostrar-lhes.

Isaías franziu o sobrolho e disse:

– Então saiba que cedo eles retornarão para levar até o último prego de tudo quanto seus pais acumularam desde os dias de Davi e Salomão!

Os restantes quinze anos de vida que o Senhor concedera a Ezequias, ele os desfrutou sob a sombra desta profecia funesta, deixando para seus descendentes o gosto amargo de vê-la cumprir-se.

E então a roda maldita da “apostasia-e-reconversão” recomeçou a girar: morto Ezequias, seu filho Manassés reintroduziu em Judá o culto aos ídolos, para exasperação renovada do Senhor, a ponto de este afirmar, aceso em ira, que em breve limparia Jerusalém “como quem limpa um prato e o vira para baixo”.

Depois desse ímpio Manassés ainda reinaram em Judá mais seis reis, até se dar a queda definitiva de Jerusalém e a primeira deportação do povo hebreu.

Amon – que foi tão mau rei quanto seu antecessor – governou por apenas dois anos e acabou morto numa conspiração, sucedendo-lhe seu filho Josias, de apenas oito anos. Este foi considerado reto aos olhos do Senhor, “tendo andado por todos os caminhos de Davi”.

Este Josias governou como um justo e procedeu à reforma do Templo, a qual, por um feliz acaso, possibilitou que se reencontrasse o Livro do Senhor, que se perdera durante os reinados apóstatas anteriores (os estudiosos até hoje disputam para saber se se tratava do Pentateuco completo ou apenas do livro do Deuteronômio).

De qualquer modo, foi com grande júbilo que Josias procedeu à leitura do livro sagrado diante da população reunida na reinauguração do Templo, para que assim todos voltassem a praticar tudo quanto nele se prescrevia. Josias procedeu também a uma vigorosa reforma religiosa, proibindo a evocação dos espíritos, a prática da adivinhação (exceto, é claro, a “adivinhação sagrada” praticada pelos profetas do Senhor) e a posse de ídolos domésticos. Também mandou destruir os altares pagãos, lançando sobre eles os ossos queimados dos sacerdotes que os haviam erigido.

Apesar de toda a sua virtude, Josias teve a infelicidade de perecer às mãos do rei do Egito, numa batalha em Meguido, deixando seu filho Joacaz como seu fugaz sucessor (já que este reinou por apenas três meses). Joacaz, porém, desfez tudo quanto o pai fizera, e talvez por isto mesmo tenha tido um reinado tão curto. Depois de ter sido aprisionado pelo rei do Egito, viu, antes de morrer, o soberano egípcio coroar Joaquim – outro filho de Josias – como novo rei de Judá.

Coube a Joaquim haver-se, afinal, com o rei Nabucodonosor, o flagelo dos israelitas, que começou justamente em seu reinado a campanha devastadora que levaria Judá à ruína definitiva. Chegara a hora do castigo há tanto tempo prometido pelo Senhor: atacado pelos babilônios – e também por caldeus, arameus, moabitas e amonitas –, Joaquim pagou as penas de todos os seus antecessores, tornando-se vassalo de Nabucodonosor e legando ao filho Joiaquin um reino sem soberania.

Então Jerusalém foi sitiada pelos babilônios. Nabucodonosor chefiei em pessoa o assalto, e não houve meios de os hebreus resistirem. Desta vez o Senhor dera as costas definitivamente ao seu povo, e Josias compreendeu logo que não poderia esperar auxílio algum dos céus, indo render-se ao invasor com sua mãe e toda a sua corte.

Nabucodonosor saqueou o Templo e levou cativos cerca de dez mil habitantes da cidade. Começava, assim, a primeira deportação dos hebreus para a Babilônia. A segunda parte da queda de Jerusalém – que, na verdade, cairia duas vezes – se daria no reino do sucessor de Joiaquin, o desgraçado Sedecias.

Sedecias, na verdade, se chamava Matanias, e era tio de Joiaquin. Ele foi

colocado no cargo pelo próprio rei da Babilônia, mas apesar disso rebelou-se contra ele, provocando o segundo sítio a Jerusalém, que durou cerca de quatro meses. Findo esse prazo, o rei fugiu por uma brecha no muro da cidade, mas acabou preso nas planícies de Jericó. Sedecias foi levado à presença do rei babilônio e, depois de assistir à execução de seus filhos, teve seus olhos furados, como Sansão, sendo levado à Babilônia preso numa corrente de bronze.

Dessa feita a ruína de Jerusalém fora total e definitiva: os muros foram postos abaixo, as casas, incendiadas e o Templo, destruído pelos exércitos invasores, enquanto a maior parte do povo era posta em ferros e levada para a Babilônia, ficando em Jerusalém apenas uma pequena parcela de agricultores.

DO LIVRO DE DANIEL

59. O FESTIM DE BALTAZAR

Após a queda de Jerusalém, milhares de judeus viram-se obrigados a partir para a Babilônia, onde permaneceram por vários anos, exilados da sua pátria. Dentre os milhares de expatriados havia um certo Daniel, jovem profeta que, a exemplo de seu ilustre antepassado José, se tornaria também decifrador de sonhos e personagem importante numa corte estrangeira.

Daniel era, antes da queda de Jerusalém, um jovem de elevada posição em Judá, tendo grande cultura e educação, o que fez com que o rei babilônio decidisse mantê-lo próximo a si, nos altos escalões de sua corte. Depois de ter sido instruído em toda espécie de sabedoria dos caldeus, ele foi levado à residência do rei, onde deveria servir na condição de pajem real. Esse rei, contudo, a exemplo do faraó egípcio da história de Jacó, costumava ter maus sonhos, e ficara tão impressionado com o último que resolvera recorrer a seus magos e adivinhos para que o interpretassem.

– Meu sonho foi verdadeiramente terrível! – disse o rei aos magos, com o semblante assustado.

Logo em seguida, porém, transformou a máscara de espanto numa carranca de fúria, ao perceber o ar presunçoso dos seus adivinhos.

– Isto não é uma brincadeira! Caso não consigam interpretar o sonho, farei com que sejam esquarterados e suas casas convertidas num monte de entulhos!

Os magos arregalaram os olhos, tomados eles próprios, agora, pelo terror que o sonho inspirara ao rei.

– Digam-me, pois, qual foi o sonho que tive – disse o rei, cruzando os braços.

Os magos entreolharam-se, abismados.

– Como disse, alteza? – perguntou o mago-mor do reino.

– Já estão querendo ganhar tempo, bem vejo! – atalhou o rei, enfurecendo-se.

– Mas alteza, como haveremos de saber que espécie de sonho teve? – disse o mago, atarantado. – Talvez sejamos capazes de interpretá-lo, mas como fazê-lo sem antes saber que espécie de imagens lhe assaltaram o sono, privando-lhe da tranqüilidade a que faz jus um soberano tão justo e magnânimo? Dignos, pois, que tal foi esse sonho e faremos todos os esforços para devolver-lhe a tranqüilidade.

– Imbecis! – rugiu o rei, pondo-se em pé. – Combinaram tapear-me, isto é que é! Digam-me qual foi o sonho que tive e terei, então, a certeza de que

saberão interpretá-lo corretamente. Não são, então, adivinhos?

Os magos, a essa altura tomados pelo pânico, tentaram ainda argumentar que o que ele lhes pedia era impossível de ser posto em execução, a não ser pelos deuses.

Mas nada disso lhes adiantou, pois no mesmo instante Nabucodonosor ordenou que fossem mortos todos os sábios da Babilônia.

Apesar de não ter comparecido àquela audiência funesta, Daniel também fora incluído no lote, já que era considerado um dos sábios daquele poderoso reino. Mas o jovem profeta não era homem de se intimidar – como tantas vezes teremos, ainda, oportunidade de comprovar: tão logo esteve diante do carrasco-chefe do rei, indagou-lhe, friamente, das razões de um decreto tão cruel e radical.

O carrasco contou a Daniel, em linhas gerais, o que se passara, e este pediu ao rei que lhe concedesse um prazo não só para revelar que sonho tivera, como ainda o seu significado.

Daniel não sabia de modo algum como faria para penetrar na mente do rei e descobrir-lhe o sonho, mas ainda assim quis levar adiante o projeto, já que, de qualquer modo, não lhe restava alternativa. À noite, andando pelo quarto, Daniel tentava enxergar o tal sonho, mas nenhuma visão lhe aparecia. Então, depois de muito pensar, resolveu orar ao Senhor para que o iluminasse, e, assim que terminou de fazer seu pedido, deu um grande bocejo.

Ora, esse bocejo foi como que uma revelação para o jovem hebreu.

– Mas é claro...! – disse ele, dando um tapa na testa. – Se quero descobrir que sonho alguém teve, nada melhor que sonhá-lo eu próprio!

Daniel deitou-se em seu leito e cobriu-se imediatamente, pronto para ingressar na região nebulosa do sono, tendo imediatamente uma visão de tudo quanto sucedera ao rei no seu sonho apavorante.

No dia seguinte, Daniel foi até o carrasco para solicitar uma audiência com o rei.

– Já sei que espécie de sonho atormentou o sono do rei, e tenho também a sua interpretação – disse ele, inteiramente confiante.

Levado à presença de Nabucodonosor, Daniel começou a narrar tudo quanto vira em seu próprio sonho – o qual, tinha a certeza, era o mesmo do rei.

– Nem sábios, nem magos, nem adivinhos são capazes de decifrar este sonho, mas aquele que está lá em cima, só ele pode verdadeiramente decifrá-lo – disse Daniel, apontando para o alto. – Diante de você, soberano, estava uma estátua enorme e reluzente, de aparência terrível. Sua cabeça era de ouro maciço,

o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas, de bronze. Já as canelas eram de ferro, e os pés, parte de ferro, parte de barro.

O rei anuiu significativamente, arregalando os olhos negros, como se tivesse novamente diante de si a figura a um só tempo majestosa e terrível daquele ídolo.

– O rei estava a admirar essa estátua portentosa quando subitamente uma pedra, vinda não se sabe de onde, a acertou bem na base, fazendo com que ela inteira desabasse ao chão com grande estrondo – prosseguiu Daniel. – Tudo se esboroou tão completamente que um vento poderia ter carregado para muito longe os destroços. A pedra que derrubara o colosso, no entanto, não só permaneceu no lugar como ainda cresceu desmedidamente, até tomar o lugar da antiga estátua, e mais ainda, ampliando-se a ponto de cobrir o mundo inteiro.

Daniel terminou, assim, a exposição do sonho, enquanto o rei tinha o rosto oculto pelas suas mãos recobertas de anéis.

– Agora vou explicar o significado do sonho – disse o sábio hebreu. – Você é hoje o rei soberano de todos os reis que andam pela terra e, portanto, é a cabeça dourada da estátua. Depois do seu reinado, contudo, haverá um outro de prata, inferior ao seu; depois um terceiro, de bronze; o quarto império será duro como o ferro, pois esmigalhará todos os outros. Os dedos de ferro misturados à argila, contudo, indiciam que esse reino estará um dia dividido, e que se por um lado ainda será forte, por outro estará enfraquecido. Nessa época, então, Deus fará surgir um império que nada será capaz de destruir, tal como a pedra que se converteu em montanha. Esse império permanecerá para sempre.

Nabucodonosor ficou tão impressionado pela sabedoria de Daniel que se lançou de joelhos diante dele, reconhecendo a veracidade de suas palavras.

– O seu Deus é, de fato, o maior de todos os deuses! – disse ele, contritamente. – Somente um deus poderoso poderia deslindar esse mistério!

O rei da Babilônia quis recompensar Daniel com riquezas e honrarias, mas este recusou tudo, contentando-se apenas em pedir que ele indicasse alguns amigos para governarem algumas províncias da Babilônia, enquanto ele lhe prestaria pequenos serviços na sua ante-sala.

Nabucodonosor, contudo, assim que teve o sonho deslindado, viu seu terror dissolver-se completamente. Afinal, a profecia iria realizar-se – caso viesse mesmo a realizar-se – somente muitos séculos após a sua própria morte, e

está sabido, desde Adão, que aquilo que não nos atinge não nos assusta.

De todo aquele episódio só lhe ficara mesmo na mente a menção à cabeça dourada da estátua, que representaria a si mesmo. No começo isto lhe vangloriara um pouco, mas logo ele pensou melhor e decidiu ampliar a honraria.

“Por que só a cabeça há de ser de ouro?”, pensou ele.

Então o rei decidiu mandar erigir para si uma estátua inteira de ouro, com trinta metros de altura por três de diâmetro, colocando-a na província babilônica de Dura.

Marcou-se o dia para a inauguração, no qual todos deveriam comparecer às festividades para prostrar-se em adoração aos pés da prodigiosa estátua.

“Quem não fizer isso será lançado imediatamente na fornalha acesa”, dizia o decreto soberbo que o rei mandara expedir.

Assim que as cornetas e as cítaras soaram, todo o povo presente fez o que o rei ordenara, caindo de quatro em frente ao ídolo colossal. Banhada pelo sol, parecia como que um demônio solar, a despedir flamas ardentes em todas as direções.

Entretanto, aqueles mesmo três companheiros de Daniel, que haviam sido nomeados para governar algumas províncias da Babilônia, recusaram-se terminantemente a pactuar com aquela idolatria – a pior de todas, já que tinha a pretensão de erigir em divindade um reles ser humano.

Assim que a notícia da desobediência chegou aos ouvidos de Nabucodonosor, este mandou que os três recalcitrantes fossem enviados à sua presença.

– É verdade o que dizem de vocês, que se recusaram terminantemente a adorar a minha estátua? – disse ele, enfurecido.

– Sim, é verdade – disseram os três hebreus.

– Pois bem: ou vocês voltam atrás e se prostram aos pés de minha estátua, ou serão lançados imediatamente à fornalha ardente.

O líder dos três, sem mostrar qualquer temor, adiantou-se e disse:

– Não nos sentimos obrigados sequer a dar-lhe uma resposta, já que jamais faremos tal coisa. Cultuamos somente ao nosso Deus, e ele tem poder bastante para nos livrar da sua fornalha. E mesmo que não o faça, ainda assim não nos prostraremos diante de tua estátua.

Diante dessa resposta, o rei caldeu ficou com as faces inteiramente brancas, palidez ainda mais acentuada pelo negror da sua barba.

– Acendam a fornalha com um fogo sete vezes maior que o habitual! – rugiu ele aos seus serviçais.

Amarrados, os três candidatos a mártires foram levados até a boca da fornalha, onde o pez acumulado ardia, despedindo para o alto enormes e sucessivas línguas de fogo.

Os primeiros a morrerem, entretanto, foram os lacaios que arremessaram os três judeus para dentro da fornalha, tal era o calor abominável que a boca da fuma irradiava para fora. A intensidade da luz era tão intensa que a grande assistência, colocada a uma distância prudente dos serviçais carbonizados, não pôde ver nada a um primeiro momento, gerando uma profunda decepção. Logo, porém, alguém gritou:

– Vejam, eles gritam e estorcem-se nas chamas! – disse alguém, reanimando-se.

Todos os olhos cerziram-se na tentativa de avistar algo, até poderem enxergar os três supliciados – porém não a estorcerem-se, mas a dançarem no meio das labaredas, enquanto entoavam cânticos ao Senhor de Israel.

– Bendito és tu, Senhor, Deus dos nossos pais! Que sejas louvado e exaltado para sempre! – diziam eles, a uma só voz.

Então um vento miraculoso surgiu dentro da própria fornalha, expulsando para fora as labaredas e tornando o ambiente tão fresco quanto o de um ameno prado.

Nabucodonosor também assistia ao espetáculo impressionante, ainda mais espantado que os outros, pois havia percebido um outro fato singular.

– Quem é aquele quarto homem entre os três? – disse ele a um auxiliar. De fato, havia lá dentro um quarto ser, de aparência verdadeiramente divina.

– Retirem-nos de lá – disse o rei.

Os três hebreus saíram da fornalha sem um único chamoisco em seus cabelos ou qualquer ferida em suas peles.

Diz o relato que o rei da Babilônia ficou tão impressionado com o prodígio dos hebreus – e do anjo do Senhor que os acompanhara – que decidiu lavrar um decreto no qual punia com o esquarteramento qualquer blasfêmia dirigida àquele deus tão poderoso, além de ter devolvido aos judeus os seus respectivos cargos.

Nabucodonosor, como já se pôde ver, não era lá muito saudável dos neurônios. Atormentado por sonhos funestos, o rei começou lenta e

progressivamente a perder o governo da razão, até chegar a um estado deplorável de completa demência.

– O rei ficou doido! – dizia-se, a boca pequena, tanto pelas alamedas lavadas de sol quanto pelos becos trevosos da esplendorosa cidade.

Diziam-se, de fato, coisas horríveis acerca do déspota ensandecido, e não se passava um dia sem que algum detalhe escabroso viesse juntar-se aos relatos já existentes.

A verdade é que, a certa altura, Nabucodonosor foi – tal como predissera Daniel após decifrar um dos sonhos mais aterradores do soberano – “tirado da companhia dos homens e obrigado a conviver com os animais silvestres”.

De fato, tendo abandonado o conforto do seu majestoso palácio, o rei começara a vagar pelos campos e florestas das adjacências, como um animal embrutecido.

Inteiramente despido e com as barbas e os cabelos emaranhados, Nabucodonosor tomara o aspecto de um lobisomem, errando pelas trevas com seu olhar raiado de sangue. Seu alimento passou a ser o capim e sua voz, um grunhido inarticulado, que punha a correr mesmo a sua guarda pessoal, encarregada de vigiá-lo.

– Daniel profetizou que seu padecimento há de durar sete anos – dissera o sábio encarregado de cuidar da saúde do rei.

Dessa forma, ninguém ousava declarar o seu impedimento definitivo, limitando-se toda a corte palaciana a vigiar atentamente os seus passos, até que se cumprisse o prazo do seu negro fado. Passaram-se, enfim, os sete anos, e Nabucodonosor pôde retornar ao convívio dos homens. Dobrada a cerviz do orgulho, o poderoso rei da Babilônia foi obrigado a reconhecer que devia ao criador do universo todo o poder que este, por qualquer motivo, lhe entregara um dia nas mãos. O rei parecia ter finalmente entendido que assim como Deus o fizera soberano da maior potência do mundo, poderia tê-lo feito também – como realmente o fez – uma pobre besta dos campos, a comer e a defecar abertamente sob os raios do sol e da lua.

“Agora, então, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico o rei do céu, porque tudo o que ele faz é honesto, seus caminhos são justos, e a quem anda com soberba ele sabe rebaixar!”, disse lapidariamente o rei, que apesar de não ter se convertido à fé dos hebreus, soube reconhecer com humildade o poder soberano de Deus – verdade suprema e infinitamente maior do que qualquer religião.

Os anos passaram e Nabucodonosor foi juntar-se, afinal, aos seus antepassados.

Hoje sabe-se que Baltazar – o rei que protagoniza mais este episódio da saga de Daniel – foi o último dirigente da Babilônia antes que o conquistador Ciro, da Pérsia, invadissem o país. Baltazar era filho de Nabonides (o verdadeiro último rei da Babilônia, já que o primeiro atuou como regente do pai enquanto este passava seus últimos anos de vida na Arábia) e não herdara nem a piedade nem a capacidade do seu antecessor.

Ora, um belo dia este Baltazar, provavelmente entediado, resolveu realizar um tremendo banquete no palácio real para demonstrar a toda a corte o quanto era poderoso. Mais de mil convidados tiveram o privilégio de assentar-se à sua larguíssima mesa e vê-lo embebedar-se até quase perder os sentidos.

A certa altura, porém, sentindo que chegara a hora de dar ao festim a costureira nota oriental de impiedade, Baltazar ordenou aos lacaios que trouxessem os cálices de ouro e de prata que Nabucodonosor havia pilhado do templo de Jerusalém.

– Quero beber meu vinho em taças dignas de um deus! – disse o rei, babujando as palavras.

Assim que as peças magníficas surgiram enfileiradas numa grande bandeja prateada, um coro de mil vozes ergueu-se até a cúpula do imenso salão. Mãos ávidas repletas de anéis e pedrarias disputavam o privilégio de poderem roçar seus lábios naquelas taças consagradas ao deus dos escravos hebreus.

Baltazar e a escumalha nobre da corte ergueram, então, longos e repetidos brindes aos seus deuses de madeira e bronze com as taças de ouro e de prata, sem atentarem para o fato de que algo estranho acontecia na grande parede situada às costas de onde o anfitrião estava sentado.

– Vejam! – disse uma voz esganiçada. – Em nome dos deuses, o que é aquilo?

Quase todas as cabeças voltaram-se na direção de Baltazar, que a esta altura já estava com a cabeça pendida sobre a mesa, a um passo de restituir tudo quanto comera e bebera.

– Há! Há! Há! – disse uma das concubinas do rei, tomada por uma crise de histeria, ao mesmo tempo em que apontava para um dedo sobrenatural que, no alto da parede, parecia rabiscar alguma coisa.

– É um truque! – diziam alguns, tentando retirar do episódio sua nota ameaçadora.

– Este Baltazar é um piadista! – diziam outros, com um sorriso de medo..

Logo um silêncio sepulcral tomou conta do salão, tornando audível somente o ruído rascante e tenebroso do dedo, que continuava a escarvar na parede seus sinais ininteligíveis.

Baltazar, instado a voltar-se para ver o que era aquilo, ergueu-se a muito custo e, agarrando-se ao espaldar da sua cadeira, voltou a cabeça na direção da sinistra mão.

– Pelo amor de Istar, o que está escrito ali? – perguntaram os mais curiosos.

Mas Baltazar estava na mesma situação dos demais, já que não conseguia entender nada do que o dedo rígido redigia no gesso.

– Mandem chamar os adivinhos! – disse Baltazar, vesgo de pavor.

Como de hábito, nenhum dos sábios soube decifrar coisa alguma do que estava escrito, até que a mãe de Baltazar irrompeu pelo salão trazendo a solução.

– Não deixe suas idéias confundirem-se a ponto de lhe tirar a cor do rosto – disse a mãe a seu filho inteiramente transtornado. – Por que não manda chamar aquele sábio que salvou antigamente da loucura a Nabucodonosor?

A rainha-mãe referia-se, naturalmente, a Daniel, que a essa altura era já um homem de idade, mas ainda perfeitamente capaz de realizar os prodígios que seu deus ordenasse.

Daniel foi levado até o salão, onde foi inquirido pelo rei.

– É você, então, o sábio que meu pai trouxe da Judéia?

Daniel assentiu.

– Se mostrar-se capaz de decifrar estes sinais amaldiçoados que um dedo ímpio gravou na parede do meu salão, farei de você a terceira autoridade do meu império – disse-lhe Baltazar, afundado no medo.

– Guarde suas recompensas para os outros – disse Daniel, com a altivez redobrada que os anos haviam lhe dado. – O dedo de Deus foi quem traçou estes sinais, em resposta à sua soberbia de ter mandado colocar à mesa os cálices que serviam outrora ao Senhor, para que com eles se erguessem brindes aos deuses da falsidade.

No mesmo instante, escutou-se o ruído de dezenas de cálices sendo lançados à mesa, como se ardessem em fogo às mãos e aos lábios dos libertinos e das cortesãs.

– Eis o que significam estes sinais – disse Daniel, aproximando-se da parede, como um professor – Mina, Siclo e Feres.

Todo mundo entendeu que aquelas palavras se referiam a três unidades de

moedas da época. Mina significava “contar”; siclo, “pesar”, e feres “dividir”.

– Mina significa que Deus contou o tempo de seu reinado, e que ele já se acabou – prosseguiu Daniel. – Siclo significa que Deus já o pesou na sua balança, e que faltou-lhe muito peso; e Feres, que seu reino será dividido em dois, ficando uma metade entregue aos medos e a outra, aos persas.

Segundo a crônica bíblica, Baltazar, tendo escutado o vaticínio, ordenou que Daniel fosse vestido de púrpura e proclamado terceira autoridade do império (embora este tivesse recusado, a princípio, a honraria). Depois, nesse mesmo dia, foi morto. (Embora a Bíblia não refira a causa da morte, temos hoje os depoimentos de Heródoto e Xenofontes, os quais asseveram que Baltazar morreu durante um banquete ocorrido em 539 a. C., ocasião em que os persas tomaram, num ataque surpresa, a Babilônia.)

60. DANIEL NA COVA DOS LEÕES

O profeta Daniel protagonizou diversos episódios, dos quais o mais importante foi, sem dúvida, o da cova dos leões. Antes, porém, que cheguemos ao episódio que o notabilizou, é preciso referirmos um outro, anterior, e que será narrado a título de introdução ao relato principal.

Havia, pois, naqueles dias de exílio na Babilônia, uma jovem e casta moça judia chamada Susana. Seu marido chamava-se Joaquim e era um homem muito rico, tendo uma grande propriedade na principal cidade dos caldeus. Nos arredores da casa onde Susana e seu marido viviam havia um grande bosque, que fazia as delícias da jovem esposa. Era ali também que muitas vezes Joaquim reunia os anciãos israelitas, encarregados de dirigir os atos da comunidade judaica no exílio.

Ora, dentre estes havia dois anciãos que estavam tomados pela luxúria com relação à esposa de Joaquim, sem que, no entanto, tivessem a coragem de confessar um ao outro o seu desejo. Seus olhos acompanhavam sempre os passos mansos da bela e casta Susana, como o lobo acompanha o andar macio da ovelha, de tal sorte que logo descobriram os seus hábitos diários. Havia um que lhe era particularmente caro: o de dirigir-se ao bosque da propriedade, sempre ao meio-dia, acompanhada por duas meninas.

Tomando coragem, um dos anciãos lúbricos resolveu, certo dia, saber do esposo o porquê daquelas saídas, e justamente naquela hora.

– Não quero, de maneira alguma, intrometer-me nos hábitos da casa – disse o velho intrometido –, mas não é uma hora muito quente para que sua esposa se meta naquele bosque úmido e abafado?

Joaquim, no entanto, respondeu num tom de suave indulgência.

– Deixe estar. Ela vai lá justamente para buscar alívio ao calor.

E então explicou que Susana aproveitava a hora mais intensa do calor para ir refrescar-se nas águas de um tanque que havia no bosque.

Desde esse dia os dois anciãos ficaram possuídos completamente pelo espírito da luxúria, e toda vez que viam a bela e casta Susana deixar a casa para introduzir-se no bosque sentiam um calor que não vinha do ar incendiar-lhes as faces sulcadas de rugas.

Ambos esperaram alguns dias para pôr em execução um plano sinistro, que cada qual planejava em segredo, e que consistia em seguir a jovem até o bosque para lá terem a oportunidade de vê-la no estado no qual Deus a introduzira no mundo.

Tão logo ela fora pedir permissão a Joaquim, num dia de calor escaldante, para renovar o seu passeio, os dois anciãos prepararam-se para saírem no seu encalço – sem que, no entanto, nenhum soubesse da intenção do outro.

Assim, quando o primeiro deles ergueu-se para sair alegando um compromisso urgente, o outro entendera que seu próprio plano corria risco, e apenas esperou que o outro desaparecesse na distância para alegar qualquer coisa e seguir também no encalço da bela e casta gazela.

Em instantes estavam os dois anciãos metidos no bosque, como predadores a farejar a caça, até que subitamente deram de cara um com o outro.

– Você... por aqui? – exclamaram ambos, e com tanto vigor que logo adivinharam as mútuas pretensões.

– Está bem, sabemos muito bem o que pretendemos aqui! – disse o mais velho dos anciãos, cujas bochechas escarlates mal ocultas pela barba eram a denúncia mais expressa da sua lascívia mal represada.

– Tomemos pela força o que ela não quiser nos dar pela gentileza – disse o outro, disposto a tudo para ter em seus dentes a carne tenra da suavíssima corça.

Depois de andarem um pouco escutaram finalmente a voz de Susana.

– Fechem os portões do bosque, pois vou banhar-me agora.

Como já tivessem há muito transposto o portão, os dois anciãos correram logo a ocultar-se atrás de uma moita espessa, de onde puderam observar livremente todos os atos introdutórios do banho. (A moita não era lá muito alta, mas a natureza, tendo encurvado as costas dos dois velhotes, emparelhara as coisas, de modo que ambos não precisaram de grandes esforços para estar perfeitamente ocultos.)

Antes que a bela e casta Susana começasse a despir-se, os dois velhos colocaram-se atentos, prontos para a visão há tanto tempo ansiada. Depois, assistiram tantalizados às primícias do banho, que teriam se revelado tão ou mais deliciosas do que o próprio banho se um dos anciãos não tivesse resolvido lançar-se logo na direção da jovem.

– Basta de espera...! – disse ele, surgindo por detrás da moita. – Aproveitemos que está inteiramente desprotegida para lhe fazermos nossa intimação.

Como dois lobos senis, os anciãos partiram para o local onde Susana

estava, já com o corpo oculto sob a ondulação refrescante da água.

– Muito bem, jovem gazela – disse o velho. – Estamos sozinhos aqui e os portões estão fechados.

– Bela Susana, estamos possuídos de desejo! – disse o outro, arfando como um fole. – Vamos manter relações e tudo ficará entre nós. Caso contrário, sairemos agora para espalhar por toda a Babilônia que havia um homem aqui com você.

A bela e casta Susana, porém, em que pese o susto da abordagem inesperada, não se mostrou tão assustada quanto seria de se esperar, pois no mesmo instante pôs-se a refletir em voz alta como uma perfeita argumentadora das sinagogas.

– A situação está difícil para mim por todos os lados – disse ela, como que a pesar a situação. – Se lhes ceder, minha honra estará perdida; se me opuser, ainda assim farão o que pretendem.

Depois de um curto espaço de tempo, porém, ela chegou a uma conclusão.

– Não, não lhes cederei, pois cometeria com isto um pecado gravíssimo contra o Senhor – disse ela, encarando seus algozes.

– Ora, bela corça! O que o Senhor tem a ver com isto? – disse o das bochechas vermelhas, parecendo prestes a lançar-se para dentro do tanque.

Então Susana entendeu que chegara a hora do grito, e o fez a plenos pulmões.

– Socorro...! Socorro...!

Os dois velhos, apavorados, começaram também a gritar:

– Adúltera...! Adúltera...!

Logo surgiram as duas aias de Susana e o restante do pessoal da casa, que acorrera ao bosque diante dos gritos.

– Acabamos de flagrar esta perda nos braços de um homem! – disse o velho, cuja vermelhidão lúbrica passava agora por ser o rubor irado da virtude.

Susana foi levada até a casa de seu marido, onde, no dia seguinte foi submetida a um julgamento, com a presença odiosa dos dois perversos anciãos, que serviriam de testemunhas de acusação. A jovem esposa trazia seu rosto oculto por um véu, o que provocou a ira dos dois anciãos, que ansiavam por ver outra vez os seus belos traços.

– Que lhe seja tirado o véu! – disse um deles, com autoridade.

O véu foi arrancado do rosto da jovem com enorme rispidez. Ali estava o rosto lavado de lágrimas da esposa de Joaquim, mostrando que a noite inteira fora ela vítima dos piores terrores.

Então os dois anciãos contaram as suas perfídias, asseverando que haviam

encontrado a jovem nos braços de um homem.

– O que resta a ela senão o apedrejamento? – concluíram eles, decididos a livrarem-se da principal testemunha de seu crime.

Não houve quem não desse crédito às suas mentiras, já que ambos eram homens respeitados na comunidade.

Nesse instante, Susana ergueu a voz para invocar o testemunho dos céus, o único que, nas suas condições, poderia então invocar.

– Ó Senhor, único ser ao qual nada está oculto nos céus e na terra, livrai minha inocência do testemunho falso que me movem estes dois homens perversos! Não permitai que eu perca a vida e a honra sob o peso de uma tão falsa acusação!

Mas de nada pareciam adiantar as suas súplicas, já que foi, do mesmo jeito, arrastada até o local de sua execução.

No caminho, porém, ergueu-se no meio da multidão a voz de um jovem – que não era outro senão o profeta Daniel – a proclamar a inocência da esposa injustiçada.

– Como são idiotas os israelitas! – disse ele, inflamado pela ira divina. – Com um arremedo de julgamento acabam de condenar à morte uma mulher inocente!

O tom de sua voz era tão categórico, que mesmo os demais anciãos pararam para escutar as invectivas do jovem.

– Voltem todos para o tribunal, pois é falso o testemunho que estes dois homens levantaram contra a esposa de Joaquim.

Todos retornaram ao local onde Susana fora condenada. Os anciãos haviam decidido escutar os argumentos de Daniel, pois seu poder profético já era amplamente conhecido entre os israelitas.

A primeira coisa que Daniel pediu foi que os causadores do incidente fossem separados um do outro.

– Agora tragam-me o primeiro – disse o jovem profeta.

O velho das bochechas escarlates foi trazido diante de todos.

– Ó homem envelhecido na malícia! – disse Daniel, convertido em julgador. – Debaixo de que árvore estava Susana quando a viu praticar relações com o outro?

O ancião alisou as barbas encanecidas com as mãos trêmulas até finalmente gaguejar:

– Estava debaixo de uma aroeira.

– Mentiu agora contra si próprio – respondeu Daniel –, pois o anjo do

Senhor já recebeu ordem de serrar-lhe ao meio.

Em seguida o outro velho foi também chamado.

– Diga, velho lascivo, desonrador das filhas de Judá, debaixo de que árvore estava Susana quando a viu manter relações com o estranho.

O segundo velho também pôs-se a alisar a barba comprida, tentando imaginar o que o cúmplice inventara, até dizer sem qualquer convicção:

– Estava debaixo de um carvalho.

– E você estará daqui a pouco debaixo da espada que irá separá-lo em dois – disse Daniel, pondo um fim triunfal ao julgamento.

E assim os anciãos receberam eles próprios a condenação que queriam aplicar a Susana, graças à luz que o Senhor fizera verter sobre a cabeça de Daniel.

O tempo passou e Daniel, já com cerca de oitenta anos de idade, ainda vivia na Babilônia. Dario assumira o cetro imperial da Pérsia depois da morte de Ciro, que conquistara o território dos babilônios em 539 a. C. Era sob as ordens desse imperador que Daniel atuava como ministro da corte, além de continuar a profetizar e a consolar seus compatriotas, submetidos ao jugo de uma servidão que parecia jamais ter um fim.

Entretanto, por ser filho de uma nação considerada bárbara, Daniel logo tornara-se alvo das intrigas dos poderosos da corte, que espreitavam todos os seus movimentos para detectar algum deslize de sua parte. Mas como não pudessem encontrar nada que o desabonasse, resolveram pegar Daniel pelo único lado que o poderia indispor contra o soberano.

Arquitetado isto, decidiram ir até o poderoso Dario, levando consigo uma insidiosa proposta.

– Promulga um decreto, grande imperador, pelo qual qualquer homem que seja visto erguendo preces a outro ser que não a você seja lançado na cova dos leões.

Dario, envaidecido pelo projeto, acedeu prontamente, e no mesmo dia mandou redigir o estapafúrdio decreto.

Assim que Daniel ficou sabendo da determinação, voltou para sua casa e foi orar, como sempre fazia, diante da janela do seu quarto, que apontava para a direção de Jerusalém. Os espiões dos invejosos, sabedores de que o profeta judeu repetia suas orações três vezes ao dia, surpreenderam-no, então, a fazer seu ato de devoção, que a nova lei passara a considerar como um ato de impiedade, e no mesmo instante foram dar conta ao soberano da infração.

– Bem sabeis, ó rei, que um decreto assinado por vossa alteza não pode

ser modificado – disse um dos conspiradores. – É preciso punir imediatamente este filho de Judá que ousou desrespeitar a vossa vontade!

Dario, embora tivesse ficado muito desgostoso com a idéia de ter de mandar punir seu velho ministro, não teve outro meio senão cumprir o que o malfadado decreto determinava.

– Que Daniel seja preso e lançado à cova dos leões – disse ele aos seus guardas.

No seu íntimo, porém, o imperador esperava ardentemente que o deus de Daniel o livrasse do apuro em que se vira obrigado a metê-lo.

Daniel foi levado até a gruta onde costumavam ser levados os prisioneiros e ali jogado. Logo em seguida, os guardas arrastaram a pesada pedra que servia de lacre à caverna, deixando o velho profeta na companhia exclusiva de quatro robustos leões.

Os leões estavam dormindo quando o profeta chegou, e ficaram com as vistas aturdidadas por causa da luz repentina que a introdução do estranho lhes lançou. Assim, permaneceram quietos durante alguns instantes, tentando fazer o mesmo que o intruso – ou seja, reacostumar a visão à escuridão quase impenetrável da gruta.

Como houvesse duas ou três frestas entre a pedra do lacre e a entrada da cova, logo as vistas de todos acomodaram-se e puderam ver-se uns aos outros com uma certa tranqüilidade. Daniel, com efeito, mostrava-se tão calmo quanto os leões estirados sobre suas lanudas patas, mantendo-se firme e em pé, bem no centro do penumbroso recinto.

Havia, como já dissemos, quatro enormes leões, um macho e três fêmeas, o que Daniel pôde observar pela juba avantajada que somente o macho galhardamente ostentava. Mas quem tomou a primeira iniciativa foram as fêmeas, que começaram a esticar seus membros e a erguer-se, suspendendo seus focinhos escuros, ornados de fios laterais compridos e vibráteis como antenas hiper-sensíveis.

O macho, a seu turno, permanecia deitado, a observar a um só tempo, com o ar severo de um sultão despótico, o movimento de suas concubinas e a postura estranha do intruso humano, que permanecia em pé, com as mãos espalmadas para o alto, numa pose que para ele, bruto irracional, parecia absolutamente incompreensível. Apesar de deitado, numa posição que denotava uma calma aparente, podia-se perceber, no entanto, o contraste inquietante que produzia a oscilação rápida do seu grande ventre – o qual, embora parecesse agora estar nitidamente flácido (fruto talvez de um jejum recente e indesejado), demonstrava

estar habituado a sólidas refeições.

Enquanto o leão arfava, produzindo uma discreta e cadenciada oscilação de sua enorme cabeça, as três fêmeas prosseguiram sua investigação, agora aproximando-se cada vez mais do velho, que prosseguia a resmungar sua oração, tomado por uma espécie de transe. Com seus focinhos triangularmente negros, elas chegaram a roçar-lhe a fímbria da túnica, sem que o sultão deitado deixasse transparecer qualquer emoção, a não ser a de fixar os seus belos olhos castanhos, com uma intensidade ainda maior, sobre todo o grupo.

Mas a situação mudou de repente, quando uma das leoas, fingindo ignorar que era alvo também de uma atenta observação, ergueu sua pata até a cintura do profeta, como a testar-lhe as reações. Tão logo a pata encostou na cintura da presa – ainda que com as adagas de suas unhas providencialmente recolhidas nos pequenos estojos de veludo dos seus dedos –, o grande leão suspendeu-se sobre as duas patas dianteiras, abrindo sua grande bocarra e despedindo um rugido tão aterrador na direção da infratora que esta deu um salto para trás, como uma gata imprudente apanhada numa travessura absolutamente irresponsável.

As outras duas leoas, contudo, vexadas pelo fiasco protagonizado por sua companheira – e imaginando, decerto, que seu sexo já fora suficientemente vilipendiado –, limitaram-se bravamente a desviar seus rostos do velho, porém sem se arredarem um passo de onde estavam, rosnando ainda um arremedo de protesto.

Com a respiração acelerada, o leão pusera-se, finalmente, em pé, solidamente instalado em suas quatro patas. Depois de sacudir a cabeleira acobreada, ele avançou, então, na direção de Daniel, que prosseguia a orar de uma maneira absolutamente imperturbável.

As três leoas afastaram-se, enquanto o Senhor das Jubas aproximava-se cada vez mais do profeta, passando sua grande língua ao redor da boca, como que para estimular a ação de suas poderosas glândulas salivares.

Somente quando sentiu que tinha algo imenso postado aos seus pés, foi que o profeta, afastando um pouco as mãos para os lados, cessou sua oração e, sem dobrar um centímetro a coluna, inclinou a cabeça na direção do rosto do tremendo animal, sentindo no rosto o bafo escaldante da boca completamente escancarada.

Daniel e o leão estavam, finalmente, cara a cara.



O imperador Dario passara o dia e a noite inteiros imerso em jejum, preocupado com a sorte do velho profeta, e assim que o dia amanhecera correra até a gruta, mergulhado numa aflição insuportável.

– Arrastem logo a pedra da entrada! – disse ele aos guardas.

Os guardas afanaram-se em cumprir a ordem com a máxima rapidez, enquanto os olhos do imperador tentavam divisar algo na escuridão da caverna.

– Cuidado, alteza – disse um dos guardas, que se postara à entrada da gruta com sua lança enristada.

Mas Dario estava tão nervoso que ficou quase colado aos guardas, tentando enxergar o que se passava – ou se passara – na prisão do profeta, que a essa altura bem podia já ter se convertido em seu túmulo.

Entretanto, para seu infinito alívio, percebeu, assim que a pedra foi inteiramente removida, que o velho profeta estava vivo, ainda em pé, e tendo a seus pés as quatro feras estendidas, como quatro felinos mansos e domesticados.

Dario ficou tão feliz ao ver o profeta completamente ileso que mandou retirá-lo imediatamente dali.

– Verdadeiramente seu deus é infinitamente poderoso! – disse ele, tomando o velho ministro pelo braço.

Mas Dario não ficara somente aliviado pela sorte de Daniel, revoltara-se contra a perfídia de que ele fora vítima, e ordenou que lançassem à cova no lugar do profeta não só os delatores como também suas esposas e filhos, que nada tinham com a questão. Não é preciso dizer-se que desta feita os leões não manifestaram o menor sinal de piedade, lançando-se sobre os prisioneiros e estraçalhando-os no mesmo instante em que foram jogados na gruta.

DO LIVRO DE ESTER

61. ESTER E MARDOQUEU

Era nos distantes dias de Assuero, rei da Pérsia. Os judeus, depois da conquista de Judá, estavam submetidos agora ao jugo do poderoso império que Ciro tornara quase invencível. Grande parte dos hebreus estava vivendo na Babilônia, na condição de exilados, submetidos a constantes maus tratos, e mesmo à ameaça de extermínio.

Ora, um dia esse poderoso rei decidiu dar um grande banquete em homenagem a si próprio – motivo mais do que suficiente naqueles dias de despotismo delirante para que um verdadeiro exército de cozinheiros e lacaios fosse posto em marcha.

Chegou o dia, afinal, da grande comemoração. O rei, sentindo que mesmo o amplo salão de seu majestoso palácio seria insuficiente para conter todos os convidados que sua vaidade mandara convocar, ordenara que fosse montada uma imensa e decorada mesa nos jardins de sua propriedade.

Todas as autoridades dos persas e dos medos estavam assentadas à extensa mesa, desfrutando das delícias e iguarias que a prodigalidade de Assuero mandara preparar, enquanto vaporosas cortinas de musselina farfalhavam suavemente acima de suas cabeças, presas pelas extremidades em elegantes colunas de mármore.

Espalhados pelas diversas alamedas sombreadas do jardim havia também diversos divãs dourados e prateados, onde os convidados reclinavam-se em almofadões franjados de fios de ouro, segurando pratos repletos e copos transbordantes dos mais finos vinhos. Esse banquete, contudo, era destinado exclusivamente aos homens, já que para as mulheres havia sido destinado um banquete à parte, nas dependências do palácio. Ali, a rainha Vasti reunira o vasto exército das mulheres, esposas e concubinas de todos aqueles homens que nas alamedas dos jardins se divertiam a contar suas peripécias amorosas, reais ou fingidas, entre goles fartos de vinho.

A certa altura, entretanto, o rei, talvez já um pouco tocado pela bebida, teve a feliz idéia de mandar chamar à presença daquela multidão de barbados a sua esposa.

– Talvez nem todos vocês conheçam a sua beleza – disse o rei, cuja louca vaidade (ou mera ingenuidade estulta) o levava a cometer desatinos imprudentes como esse. – Por isto, não quero que ninguém deixe estes jardins sem levar para suas províncias a notícia da beleza incomparável da mulher que tem a honra de dividir comigo o cetro da grande Pérsia!

Nenhuma das barbas ali presentes – negras, grisalhas ou alvas como a

neve – deixaram de fremir diante daquela expectativa excitante, e logo os sete eunucos do rei foram mandados até o palácio onde a rainha distraía as suas convidadas para levar-lhe a augusta intimação de seu esposo e senhor.

Mas uma surpresa os aguardava no palácio. Vasti, tão logo tomara conhecimento da intimação, recusou-se, rubra de cólera, a cumpri-la.

– Diga ao meu esposo e senhor que não me submeterei a isso – respondeu ela aos eunucos aparvalhados.

Assuero ficou tão indignado com a recusa que foi consultar-se com os sábios do reino para saber que castigo deveria aplicar à esposa insubmissa.

– O rei deve afastar a rainha das suas funções – disse o chefe dos sábios e legistas –, pois o exemplo de sua rebeldia poderá estender-se a todas as mulheres do reino.

Assuero assentiu prontamente e desde esse dia a digna Vasti deixou de ser rainha da Pérsia, sem que se saiba ao certo que destino tenha tido.

Mas o rei persa necessitava de uma nova companheira, e para tanto determinou que fossem procuradas por toda a vasta extensão do seu império jovens formosas e virgens, destinadas a ocupar o lugar deixado vago pela ex-rainha insubmissa.

É neste instante que entra em cena um judeu da cidade de Suda, chamado Mardoqueu. Descendente da tribo de Benjamin, viera deportado de Jerusalém junto com milhares de compatriotas, dentre os quais estava sua jovem e bela filha de criação, chamada Ester. Filha de um tio paterno de Mardoqueu, Ester vivia sossegadamente junto ao pai adotivo quando correu a notícia de que o rei procurava moças lindas e virgens para compor o seu harém, sabendo-se que dentre essas uma poderia ser escolhida para tornar-se a nova rainha da Pérsia.

– Ester, o que acha de apresentar-se ao chefe dos eunucos do palácio real? – disse-lhe um dia Mardoqueu.

A jovem, que estava entregue a seus pequenos afazeres domésticos, deixou cair o prato que enxugava distraidamente.

– O que disse, meu pai...?! – falou a jovem, estupefata.

– Isto mesmo que você ouviu – disse Mardoqueu, cansado de ver aquela jovem tão bela se estiolar em ocupações mesquinhas. – Você reúne todos os encantos de graça e beleza que poderiam torná-la facilmente a rainha da Pérsia.

Ester abaixou-se para recolher os cacos espalhados a seus pés. Seus olhos permaneceram pousados como que magneticamente sobre os pedaços de cerâmica.

– Mas meu pai... eu sou uma judia! – disse ela, instantes depois, intimidada.

– Ninguém precisará saber disto – respondeu Mardoqueu. – Vamos, menina, não procure subterfúgios, e pense bem nesta hipótese. Talvez seja sua única oportunidade de fugir à discriminação que pesa sobre todos nós. Caso aceite, levarei-a amanhã à presença de Egeu, que é o eunuco e guarda das mulheres do rei.

Ester passou o restante do dia entregue a seus pensamentos – sem que, curiosamente, pudesse esquecer-se também dos cacos do prato que quebrara durante a manhã –, até que no fim do dia deu a resposta a Mardoqueu.

– Está bem, meu pai, irei amanhã até Egeu.

Ester (e até mesmo Mardoqueu, homem experimentado na corte) ficou verdadeiramente espantada no dia seguinte diante do número de jovens belas e virgens que, tal como ela, atropetavam os corredores e as dependências externas da casa do eunuco-chefe, todas inebriadas pela esperança de serem elevadas à condição de esposa do rei – ou, ao menos, de concubinas do seu harém.

– Vamos voltar, meu pai! – disse ela, espremida em meio a um exército de jovens que tresandavam a todas as espécies de perfumes e essências aromáticas.

– Nada disso, vamos até o fim – disse Mardoqueu, impelindo-a para diante.

Depois de uma longa espera, Ester viu-se finalmente diante do poderoso Egeu, guarda das mulheres do rei, cuja reação mostrou-se além de qualquer expectativa, pois no mesmo instante em que enxergou a jovem judia pareceu extraordinariamente impressionado.

– Você! – disse ele, apontando autoritariamente o seu dedo para Ester. – Passe já para o vestibulo.

Mardoqueu separou-se da filha adotiva com um beijo carinhoso na testa, sem antes deixar de cochichar-lhe isto ao ouvido:

– Eu não disse?

Ester, tendo sido escolhida preliminarmente junto com outras candidatas, foi confortavelmente instalada numa das dezenas de dependências do palácio, fazendo jus, inclusive, a sete escravas belíssimas para seu trato pessoal.

Mardoqueu, contudo, jamais a abandonou, e durante os doze meses que precederam à apresentação de Ester ao soberano, jamais deixou de ir todos os dias ao vestibulo do palácio para saber notícias dela, embora tomasse sempre o cuidado de não revelar o grau de parentesco entre ambos.

No mês que os persas chamam de Tebet, Ester foi finalmente apresentada a um estupefato Assuero, que a levou imediatamente para os seus aposentos privados. Ali o rei dos persas consumou o amor com a bela filha de Judá,

ficando tão satisfeito com ela que imediatamente mandou pôr sobre a sua testa o diadema real.

E foi assim que, no melhor estilo oriental, a filha adotiva de um judeu obscuro tornou-se, da noite para o dia, rainha de toda a Pérsia.

Mas este não é, nem de longe, apenas um conto de fadas romântico ou de amenidades galantes, pois aos poucos vai tornando-se evidente que uma força oculta está a guiar todos os passos da ascensão de Ester (ainda que o próprio texto bíblico não faça menção explícita alguma neste sentido, sendo o livro de Ester, inclusive, o único livro da Bíblia a não mencionar Deus – excetuadas as versões que, tal como a católica, fazem uso indevido dos acréscimos gregos posteriores, desfigurando, dessa maneira, o texto hebraico original).

De qualquer modo, os passos desta história parecem seguir num caminho providencial, já que Mardoqueu, tendo tido o bom alvitre de continuar a freqüentar o átrio do palácio para saber as novas de sua filha adotiva, terminou presenciando algo muito importante.

Certo dia, estava ele assim, a perambular de lá para cá, quando escutou involuntariamente as vozes ciciadas de duas pessoas. Suspeitando que pudessem dizer respeito à sua filha, o velho pai apurou os ouvidos, sem se deixar perceber, até descobrir que se tratavam de dois eunucos do rei a conspirarem secretamente para tirar a vida de seu senhor.

No mesmo dia, o pai fez chegar à filha todos os planos dos conspiradores, os quais, depois de apurados os fatos, foram condenados a morte.

Mas o verdadeiro vilão desta história chama-se Amã. Alto funcionário da corte, fora promovido ao mais alto posto, passando a merecer todas as honrarias e rapapés do estilo. Mardoqueu, no entanto, recusava-se a prestar vassalagem ao novo figurão todas as vezes que este passava no átrio, e por isto Amã resolvera punir não só ao atrevido, como a toda a sua nação.

– Vou fazer com que o rei extermine toda essa raça mesquinha! – disse ele.

Logo Amã fez com que lançassem as sortes (ou “pur”) dentro de uma urna, para que se escolhesse a época mais propícia para o extermínio dos judeus.

As pedras haviam revelado que o mês de Adar (que era o décimo segundo do calendário persa) fora a ocasião escolhida para aquilo que modernamente se convencionou chamar de “limpeza étnica”. Depois de falar com o rei e pedir-lhe

autorização para exterminar aquele povo que dia a dia tornava-se uma ameaça ao seu reinado, Amã fez redigir o decreto que autorizava o genocídio dos hebreus.

Assim que a notícia chegou às províncias e cidades de todo o reino, o povo hebreu foi tomado de grande pavor, certo de que logo estaria nas mãos dos seus inimigos.

Enquanto isto, Mardoqueu fez saber à sua filha do perigo que rondava os lares de seus irmãos. Esta, porém, não julgava ter meio de ir falar ao rei, pois era sabido que ninguém – nem mesmo a rainha – podia aproximar-se da sala do trono real sem que tivesse autorização para tanto.

Mardoqueu, contudo, não gostou nem um pouco da resposta de Ester, e respondeu-lhe nestes termos algo ríspidos:

– Não pense em salvar sua própria vida, quando a de todos nós está em vias de perder-se. Cedo ou tarde se descobrirá que também você pertence à nação hebréia, e então chegará a sua vez de perecer. Não lhe passa pela cabeça que possa ter sido guindada à condição de rainha justamente para nos poder salvar a todos?

Ester pareceu finalmente compreender a trama do destino.

– Se for preciso morrer, morrerei – disse ela, disposta a apresentar-se ao rei, mesmo sem o seu prévio consentimento.

Três dias depois de anunciar seu intento, Ester rumou na direção do salão do trono, onde seu esposo dava as audiências.

Assim que Assuero avistou-a na entrada do salão, suspendeu a audiência e estendeu para a rainha seu cetro de ouro – pois de outra maneira ninguém podia aproximar-se do rei, tal era a paranóia de morrer assassinado que rondava todos os palácios daquela época.

– O que deseja, minha rainha? – disse ele, surpreendentemente calmo e mesmo feliz de vê-la interromper suas atividades.

– Vou dar um banquete em meu palácio – disse ela, pois rei e rainha não moravam juntos – e queria que levasses consigo teu influente amigo Amã.

Este, assim que soube do convite, não cabia em si de orgulho.

“Convidado a privar da mesa da própria rainha!”, pensava ele, ao deixar o palácio.

Entretanto, ao cruzar o átrio, passara novamente por Mardoqueu, o hebreu atrevido que insistia em recusar curvar-se diante de sua figura.

“Miserável!”, pensou Amã. “De que me adianta ser convidado ao palácio da rainha, se este verme não é capaz de curvar-se à minha passagem?”

Amã queria o maior, como queria o menor, e se não podia ter tudo sentia-se como o mais infeliz e desgraçado dos mortais. Por isto decidiu apressar a morte daquele judeuzinho insolente. Ao comentar o assunto, à noite, com sua esposa, esta lhe sugeriu a idéia de mandar enforcar Mardoqueu.

– Mande preparar uma forca de cinquenta côvados de altura e antes de partir para o banquete delicie-se preliminarmente com o espetáculo da morte deste verme – disse a megera, orgulhosa de sua fina ironia.

Ora, no dia seguinte, o rei estava aborrecido e resolveu, para distrair-se, ler um pouco os anais do reino.

– Vejamos o que se tem anotado aqui – disse ele, tomando o grande calhamaço.

A certa altura, contudo, deparou-se com o registro da identidade do homem que fizera a denúncia que o impedira de ser morto pelos dois eunucos.

– Quem será esse providencial Mardoqueu? – disse ele para si mesmo.

Então mandou chamar seus servos e lhes perguntou quem era Mardoqueu.

– É o homem que está sempre a rondar o palácio – disseram eles.

– Oh, que bom! – disse o rei. – E o que ele ganhou por sua dedicação?

– Nada – responderam eles, com uma cara de quem também recebia ordinariamente a mesma retribuição.

Nesse momento, Amã entrou no palácio e pediu para ser admitido à presença do rei, alegando um assunto de extrema urgência.

– Que entre – disse o rei, com um plano já concertado em sua mente.

Assim que Amã entrou foi assaltado por esta pergunta dirigida à queimadura pelo próprio rei:

– Que acha que deve ser feito a um homem que o rei deseja honrar?

Amã, imaginando que o rei preparava uma bela homenagem para si, enrubesceu violentamente, mas nem por isto impediu-se de fazer sua sugestão.

– Tal homem deveria ser revestido das vestes reais – disse Amã, entusiasmado – e ser levado pelas ruas e praças em cima de um cavalo ricamente ajaezado, levando à frente o mais nobre dos príncipes reais a proclamar, como um arauto, as seguintes palavras: “Assim é honrado aquele a quem o rei deseja honrar!”.

– Ótimo! Ótimo! – disse Assuero, pondo-se em pé, em grande euforia. – Desce, então, até onde está Mardoqueu e faz com ele tal e qual disse que deveria ser feito.

– E-eu? – disse Amã, empalidecendo profundamente.

– Sim, você será o arauto! – disse Assuero, batendo palmas. – Vamos, vá logo!

E assim Amã teve de conduzir a pé o cavalo real, com Mardoqueu regiamente vestido, enquanto proclamava pelas ruas e praças seu amaldiçoado pregão:

– Assim é honrado aquele a quem o rei deseja honrar!

Quando, ao final do dia, Amã retornou à sua casa, com os pés cobertos de bolhas, teve vontade de pendurar-se ele próprio à forca que mandara erguer nos seus jardins.

Mas ainda havia o banquete no palácio da rainha, e foi com a boca amarga que ele rumou para lá. Quando todos – o rei, a rainha Ester, Amã e sua pérfida esposa – estavam finalmente assentados em seus lugares, Ester resolveu fazer um pedido ao seu esposo.

– Darei a você qualquer coisa, mesmo a metade do meu reino, minha querida, se isto pedires – disse o rei, já meio tocado pelo vinho.

– Quero apenas que impeça o massacre do meu povo, coisa que está para acontecer nos próximos dias – disse Ester, pondo toda a doçura em seu olhar.

Assuero arregalou os olhos, num espanto meio ébrio.

– Quem ordenou tal monstruosidade? – disse ele, enfurecido.

Ester dirigiu, então, o seu olhar na direção de Amã.

– Este é o homem perverso que pretende matar o meu povo.

Assuero resolveu sair um pouco do salão e respirar um pouco nos jardins, para ver se podia acalmar seu ímpeto de esganar Amã, já que, afinal, era ele um dos seus auxiliares mais importantes.

Amã, entretanto, aproveitando-se da ausência momentânea do rei, lançou-se aos joelhos da rainha, clamando por sua vida.

– Poupe-me, rainha, pois Assuero já decidiu pela minha desgraça!

Sua desgraça mesmo, porém, foi ter o rei retornado nesse mesmo instante ao salão e visto a cena, que sua ira meio embriagada distorceu a ponto de imaginar que uma outra cena totalmente diferente estivesse a desenrolar-se diante dos seus olhos.

– Ainda se atreve a tentar violar a rainha, dentro do seu próprio palácio?

Amã, ainda de joelhos, foi imediatamente agarrado pelos eunucos da casa.

– Há um forca de cinqüenta côvados de altura na casa desse insolente, que ele havia preparado para Mardoqueu, o mesmo que salvou a vida do rei – disse um dos eunucos, selando a sorte de Amã.

Amã foi levado e enforcado na mesma forca que erguera para Mardoqueu, enquanto este passou a exercer o mesmo cargo que fora do seu perverso antecessor. Quanto ao decreto que determinava a morte dos hebreus, foi imediatamente anulado, e não somente isto, pois o rei, indo mais adiante, ainda pediu a Ester e seu pai adotivo que lavrassem outro decreto, conforme a sua vontade.

Mardoqueu não hesitou e ditou ao escriba uma carta que deveria ser levada a todas as partes do reino. Nela invertia-se os termos da outra, autorizando agora que aos judeus coubesse a liberdade plena de desforrarem-se dos seus inimigos – ou seja, de todos aqueles que pretendiam pôr em execução o antigo decreto –, podendo exterminá-los à vontade.

O novo decreto foi cumprido com a mesma eficiência dos dias sangrentos de Moisés e Josué, e por conta dele foram mortos, num mesmo dia, cerca de 75 mil pérfidos perseguidores (incluídos suas pérfidas mulheres e seus pérfidos filhos).

Esse dia sangrento ficou conhecido como o “dia da desforra”, mas a ele seguiu-se um dia mais ameno de alegres comemorações, com banquetes e trocas de presentes, numa data festiva que ainda hoje é comemorada e chamada de “Festa do Purim”. (“Purim” é o plural de “pur”, que quer dizer “sorte”, pois o destino dos judeus havia sido decidido num lance fortuito de dados pelos supersticiosos persas, costume também usual entre os filhos de Abraão, que tiravam a sorte por pequenas pedras ou cacos de cerâmica, bem ao desgosto do Senhor, já que este proibira terminantemente a prática da adivinhação no Livro da Lei.)

DO LIVRO DE JUDITE

62. JUDITE E HOLOFERNES

O episódio de Judite é dos mais famosos de toda a Bíblia, pois mostra como a coragem e a astúcia de uma mulher puderam salvar o seu povo.

A história começa com a decisão de um certo “Nabucodonosor, que reinou sobre os assírios, em Nínive” de espalhar o terror sobre todo o Oriente Médio, começando por atacar os medos, um dos povos vizinhos. (Discute-se hoje se o Nabucodonosor desta história é o mesmo que reinou na Babilônia de 605 a 562 a. C., ou se seu nome surge aqui como uma mera alusão mítica e generalizante para designar o conjunto dos inimigos de Israel, já que há várias incongruências espalhadas pelo relato. Talvez este Nabucodonosor não passe de um disfarce literário para identificar o imperador Alexandre Magno – ou o seu pífio sucessor Antíoco Epifanes –, uma vez que o texto teria sido escrito na época em que um destes dois soberanos espalharam seu poder por todo o Oriente Médio, tal como o déspota deste episódio.)

No entanto, Nabucodonosor viu frustrada a sua primeira investida contra os medos, pois nenhum dos povos aos quais recorrera em busca de auxílio se dignara a enviar-lhe suas tropas.

Ora, uma desfeita desse tamanho não poderia ficar sem resposta, e assim o “rei assírio” decidiu vingar-se de todos os povos que o haviam desdenhado.

– O furor de minha espada descera sobre suas cabeças! – disse o rei, encolerizado.

Depois de arregimentar todas as suas forças, o rei babilônio pôs em movimento a sua prodigiosa máquina de guerra, disposto a dar início a uma verdadeira “guerra mundial” para impor a sua dominação sobre todos os povos.

Seu primeiro golpe caiu sobre os medos, que foram desbaratados por seus exércitos. Logo em seguida o rei retornou para Nínive, onde foi planejar o prosseguimento de sua avassaladora campanha de conquistas. Mas para que ela tivesse pleno êxito, ele precisava de um comandante à altura da empresa. Esse homem ele encontrou na pessoa de Holofernes, um impiedoso general, que era o segundo homem do reino.

– Você será o instrumento da terrívelíssima vingança que farei desabar sobre toda a terra – disse ele, no estilo hiperbólico da época, ao seu comandante-em-chefe.

Holofernes organizou um poderoso exército de 120 mil guerreiros a pé e 12 mil cavaleiros e lançou-se para fora das suas fronteiras, disposto a cumprir rigorosamente as instruções do despótico rei.

– Que os rios transbordem de mortos e que os sobreviventes sejam

levados para todas as extremidades da terra – dissera Nabucodonosor, antes da partida das tropas.

Por onde os exércitos comandados por Holofernes passassem não havia quem lhes pudesse resistir – ismaelitas, madianitas, os habitantes de Sidon e Tiro, todos os povos, enfim, que tinham a desventura de estar no caminho daquela multidão inumerável de soldados provaram do amargo dissabor da espada de Holofernes.

Aterrados, os governantes dos povos ameaçados apressaram-se a enviar embaixadas de paz ao implacável agressor, externando-lhe sua submissão total e irrestrita, chegando a receber os exércitos invasores ao som de pífaros e tamborins.

Mas nada disso serviu para aplacar a ira do conquistador, que continuou a sua campanha de extermínio até chegar às portas da Judéia, onde os israelitas, que já haviam retornado do exílio na Babilônia, estavam, como todos os outros povos, assaltados pelo medo.

– Ai de nós! – clamava o povo pelas ruas. – Foi para nos entregar às mãos do assassino que o Senhor nos livrou do cativeiro seguro da Babilônia!

Não havendo, desta feita, um Moisés a quem pudessem pôr a culpa de suas desditas, o povo hebreu – que continuava a ser o mesmo ingrato dos dias do Êxodo – punha agora a culpa no próprio Senhor.

Mas apesar das queixas dos mesmos recalcitrantes de sempre, a maioria do povo parecia disposta e confiar no seu deus, e trataram de impor a sua proteção, ao mesmo tempo em que se preparavam para a defesa militar de suas cidades.

Durante vários dias o povo entregou-se a um severo jejum, na tentativa de afastar a terrível ameaça, enquanto os homens de Israel ocupavam os cumes das montanhas mais altas, numa vigília nervosa. Deus e as montanhas: tais eram as únicas esperanças de que os judeus dispunham para verem-se a salvo da ameaça do general impiedoso.

Holofernes era um homem cujo nome vagamente mefistofélico impunha o medo logo de saída. Que alguém bradasse pelas ruas este grito de alerta: “Holofernes está às portas!”, e nada mais era preciso para infundir o terror àqueles que o escutassem. Quanto a evocar a sua figura, é esta uma coisa que qualquer um de nós pode livremente fazer, sem precisar recorrer ao auxílio da

descrição, bastando que repitamos mentalmente – ou, melhor ainda, em voz alta – o seu nome sonoramente evocativo: *Holofernes*. Diga-se isto e logo vemos surgir na tela obscura de nossa mente uma figura de aspecto medonho, algo assemelhado a um homenzarrão na casa dos seus dois metros de altura, couraça metálica ajustada ao peito, olhos tenebrosos e uma espessa barba negra a emoldurar a fenda hirta de sua boca.

“Ora, mas isto é um estereótipo!”, dir-se-á, e com boa dose de razão, pois Holofernes – cuja figura exata o tempo não nos legou – é um desses personagens arquetípicos (ou seja, rigidamente padronizados) que o imaginário coletivo mantém aprisionado nas profundezas do inconsciente, misto de dragão e tirano, liberto de tempos em tempos pela mão de ferro da História para ser o flagelo de uma geração.

E foi diante desse misto de homem e encarnação do flagelo divino que um certo Aquior apresentou-se, logo que as tendas de campanha dos guerreiros de Nabucodonosor se instalaram às portas da Betúlia israelita.

– De onde é você? – disse o flagelo do oriente.

– Sou um amonita, grande comandante, e tenho algo a lhe falar sobre este povo habitante das montanhas que poderá ser útil aos interesses do seu poderoso rei.

Holofernes, que estava sentado dentro de sua enorme tenda, franziu as sobrancelhas a ponto de uni-las num único e espesso traço.

– Diga o que sabe sobre estes ratos das montanhas – disse ele, suspendendo um pouco as suas barbas.

Aquior contou, então, resumidamente, a história do povo hebreu, e das infinitas apostasias que cometera contra o seu deus, chegando ao ponto de ser expulso da terra que ele lhes destinara havia muitos séculos.

– Agora, no entanto, o período da sua dispersão encerrou-se – disse o amonita –, e eles estão de volta à sua terra, tendo reerguido novamente o seu santuário.

– E daí? – disse o comandante babilônio, impacientando-se.

– E daí que é preciso descobrir-se um meio de vê-los recair na apostasia, pois doutra maneira o melhor que o meu senhor poderá fazer será seguir adiante com seu exército, para que não venhamos todos a ser miseravelmente derrotados, tornando-nos alvo do escárnio de toda a terra.

Tão logo Aquior terminou de fazer o seu alerta, Holofernes ergueu-se de um pulo, com a cólera a manchar a sua testa de placas sangüíneas.

– E desde quando os exércitos babilônios têm medo de uma raça

desprezível de montanhese? E quem é Deus neste mundo senão Nabucodonosor, rei de toda a terra?

O comandante-em-chefe ficou tão furioso com as palavras do informante que ordenou que fosse levado até os israelitas e entregue a eles.

– Voltarei a ver a sua face no dia em que entrar na terra desses vermes e cortar também a sua cabeça! – disse ele, dando as costas ao pobre amonita, que foi levado amarrado até os limites da Betúlia israelita.

Aquior, tão logo foi descoberto, foi levado pelos judeus até o conselho dos anciãos e obrigado a confessar o que escutara da boca de Holofernes.

– Que Deus se arme de sua santa ira contra a soberba deste idólatra e tenha piedade da humilhação que está prestes a cair sobre todos nós! – disse um dos anciãos, vendo que um negro fado estava prestes a se abater outra vez sobre Israel.

No dia seguinte, Holofernes deu início, com efeito, ao cerco sobre a cidade de Betúlia, transformando em realidade as piores previsões dos israelitas.

Entretanto, as coisas não lhe pareceram tão fáceis depois de haver disposto seus homens em toda a linha fortificada da cidade, pois as defesas dela – colocada estrategicamente no meio de montes e cercada por sólidas muralhas – prometiam uma longa resistência e um número elevado de perdas para o seu exército

Estava, pois, a confabular isso com seus oficiais, quando recebeu nova visita de emissários locais. Desta vez eram homens vindos das tribos dos edomitas e dos moabitas, tradicionais inimigos de Israel, os quais estavam dispostos a aliar-se ao invasor, na esperança de verem derrotados seus tradicionais inimigos.

– Atente, meu senhor, para o fato de que são estas montanhas que fazem a segurança dos hebreus, mais que suas lanças ou o falso deus que dizem adorar – disse a Holofernes um desses espiões.

– Poremos abaixo todas essas montanhas, se for preciso – disse o arrogante general, que já de há muito havia chegado àquela conclusão, sem que, contudo, pudesse admiti-la em público, ainda mais a um embaixador estrangeiro.

Então, depois do rompante, acrescentou com estudada displicência:

– Mas vejamos, de qualquer modo, o que tem a me sugerir.

O moabita explicou, então, que o melhor meio de subjugar os israelitas seria cortando-lhes o abastecimento de água, e para isto bastaria represar a nascente que descia das montanhas e abastecia toda a cidade.

– Cercados pelas suas tropas e sem meios de ter acesso à água ou a

alimentos de fora da cidade, logo se verão obrigados a capitular – disse o moabita.

Holofernes aprovou inteiramente o plano e o pôs em execução imediatamente, de tal forma que em menos de um dia a água cessou de correr para dentro dos tanques e reservatórias de Betúlia, dando início a um período de duras privações aos israelitas.

Com as cisternas vazias, logo a população da cidade correu ao Templo para clamar, em desespero, que os chefes israelitas apresentassem uma solução – que, no seu entender, não podia ser outra senão a rendição incondicional.

– Vejam, nossos filhos morrem de sede e inanição! – clamavam as mães, suspendendo nos braços crianças famélicas, cujos membros desfalecidos pendiam à maneira dos mortos recentes.

Então a voz de Ozias, um dos chefes israelitas, ergueu-se no meio do clamor.

– Está bem! Resistiremos por mais cinco dias, prazo no qual a misericórdia do Senhor certamente se fará anunciar. Somente depois desse prazo, caso nada aconteça, procederemos então à rendição.

Só depois desta promessa foi que o povo se dispersou, disposto a aturar somente mais cinco dias de privação antes da libertação – ou da queda definitiva.

Mas nem só de mulheres fracas e homens temerosos era composta a população da cidade de Betúlia. Havia também entre os seus habitantes algumas poucas pessoas dotadas de espírito vigoroso e pouco dispostas a ceder, mesmo nas instâncias mais desesperadoras. Uma dessas pessoas era uma viúva chamada Judite, descendente da casa de Simeão, o filho irascível de Jacó.

Tendo herdado o sangue forte do seu longínquo ascendente, e sem ter perdido ainda a sua beleza, Judite era uma mulher extraordinariamente determinada. Depois que seu marido falecera durante a colheita da cevada, ela nunca mais pusera os olhos em homem algum, apesar das muitas ofertas e propostas. Vestida sempre de luto, tornara-se uma viúva discreta e bem estabelecida, tendo herdado do marido muitos bens que lhe garantiam uma sólida subsistência.

Fiel ao marido, tornara-se ainda mais fiel à sua memória depois da sua morte, fidelidade esta que só era inferior a que devotava ao deus de Israel. Foi, portanto, com infinito estupor que soube das palavras do ancião Ozias, prometendo a rendição dentro de cinco dias ao invasor.

Sem poder conter-se, Judite solicitou aos anciãos que haviam aprovado tão aviltante proposta que fossem debater o assunto em sua casa.

– Quem imaginam ser para se colocarem desta forma no lugar de Deus, a atarem e desatarem livremente a sua vontade? – disse ela, numa rude admoestação. – Quem disse que se o Senhor não quisesse nos ajudar nos próximos cinco dias não o poderá fazer em qualquer outro dia? Atentem para o fato de que hoje já não há mais entre nós quem adore deuses falsos de cobre ou madeira, e que, portanto, o Senhor não aprovaria que nos deixássemos entregar voluntariamente às mãos destes idólatras. Caso o façamos, estaremos cometendo uma blasfêmia contra ele, já que permitiremos que seu templo seja saqueado e conspurcado por mãos ímpias! Reconheçam este sofrimento pelo qual estamos passando como uma prova – apenas isto! –, pois é para advertir, e não para punir, que o Senhor flagela aqueles que dele se aproximam.

Ozias escutou atentamente as palavras de Judite, e somente depois que ela havia encerrado seu discurso foi que se pronunciou.

– Tudo isto está muito certo e justo, mas observe que fizemos um juramento ao povo, que está morrendo de sede e de fome, de que iríamos apresentar uma solução aos seus padecimentos. Ore por nós, mulher santa, e o Senhor enviará uma chuva milagrosa que possa encher nossas cisternas.

Judite, entretanto, era uma mulher prática demais para entregar-se passivamente a uma esperança (talvez algo no seu interior estivesse a lhe dizer que os tempos eram outros, e que nada mais desceria dos céus sem o concurso ativo dos homens.)

– Pois bem, esta noite sairei pelo portão da cidade, juntamente com minha serva, e realizarei algo que fará recordação às gerações futuras.

Todos ficaram paralisados diante daquelas palavras, mas Judite lhes asseverou que nada mais diria, senão quando estivesse de volta da sua missão.

Judite saiu dali e, depois de rasgar suas vestes e cobrir-se com um saco de aniagem, orou incessantemente no santuário, durante todo o restante do dia, a fim de reunir forças para a tarefa divina a que se propusera.

– Posso rezar junto com minha senhora? – disse a serva, querendo também buscar forças junto ao Senhor.

– Rezar não, *orar*! – disse Judite, com severidade, pois considerava a primeira expressão um hábito verbal impuro dos perversos adoradores de imagens.

As duas puseram-se, então, a orar fervorosamente a Jeová, até que a noite caiu sobre Betúlia e Judite ergueu-se, rumando às pressas para a sua casa.

Assim que chegou a seu destino, a viúva despiu-se inteiramente e foi banhar-se em seus aposentos (em que pese a ausência completa de água na

cidade), lavando desde as plantas dos pés até o último fio de cabelo da sua cabeça.

A serva observava a tudo, sem compreender direito o que a ama pretendia.

Depois de ter se lavado, Judite ungiu-se com um perfume irresistível e trocou suas vestes de viúva por um traje de festa verdadeiramente encantador, acrescentando ainda na cabeça um diadema ofuscante e nos braços, anéis e braceletes finíssimos.

Antes de sair, fez um farnel substancioso para ambas – já que não pretendia alimentar-se da mesma lavagem daqueles idólatras – e somente então tomou o rumo do portão da cidade. Ali encontrou Ozias e alguns outros anciãos, que ficaram muito abismados – e por que não dizer encantados? – com a figura surpreendente da austera viúva.

Os anciãos, porém, guardando o recato devido, desejaram boa sorte a Judite, fazendo votos de que o Senhor a iluminasse em todo o seu caminho.

– Abram a porta – disse Ozias, dando um último adeus àquela destemida mulher e à sua apavorada serva, que levava como certa a sua morte.

“O que podemos esperar desta aventura, duas mulheres vestidas como prostitutas e prestes a irem ao encontro de 132 mil bárbaros privados há meses de mulheres?”, pensava a pobre serva, antevendo já a cena apavorante da violação e da morte de ambas às mãos daquela malta endemoniada.

Judite e a serva transpuseram o portão – que tinha sido discretamente aberto, a ponto de não despertar a atenção dos sitiante – e desceram rapidamente a montanha, até perderem-se no vale, abrigadas pelo manto da escuridão.

– Por favor, minha senhora, atente bem para o que faz! – dizia a serva, sentindo-se completamente desprotegida naquela amplidão. – Olhe que isto não é brinquito!

– Calada, idiota! – disse Judite, ajustando os colares nos pulsos. – Quer que desconfiem de nosso objetivo com seu ar acovardado?

– E que outro ar poderia ter indo ao encontro de um exército de celerados? – disse a serva com duas grossas lágrimas debruçadas nos cílios.

Judite parou um momento e tomou nas mãos firmes o rosto da serva.

– O Senhor está conosco, sua tonta! – disse ela, com um olhar fulminante. – Será que não consegue perceber isto?

– S-sim... – disse a serva, um tanto frustrada, pois imaginara que a viúva iria dispensá-la do martírio.

Outra vez ambas reencetaram a marcha, até avistarem os primeiros sinais das fogueiras dos invasores.

– Há um acampamento ali – disse Judite, apontando para o clarão e arremetendo para ele com impressionante decisão.

– Ai, senhora, atente ainda uma vez para o que faz! – disse a serva, seguindo a ama com os braços pendidos dos condenados.

Judite aproximara-se tanto do acampamento que agora já era possível ser observada.

– Alto, quem vem lá? – disse um dos vigias.

Judite encarou-o com firmeza e respondeu prontamente:

– Somos desertoras e queremos falar com o grande Holofernes!

“Santo Deus!”, pensou a serva, colocando as mãos sobre a cabeça, como se o grande Holofernes fosse desabar naquele mesmo instante sobre si.

– Tenho informações seguras a dar ao comandante para que seus exércitos possam transpor com segurança as montanhas que cercam Betúlia – acrescentou Judite, lançando todas as fichas.

O guarda ficou estudando alguns instantes as duas mulheres – sem poder deixar de lhes admirar a beleza – até decidir-se a conduzi-las à tenda do seu superior.

– Fizeram bem em salvar suas vidas – disse o homem, erguendo sua lança. – Acompanhem-me, sem medo, pois as levarei à presença do nosso senhor.

Sem demonstrar o menor sinal de alívio, Judite avançou junto com a serva – que estava um pouco mais calma, já que não fora ainda violada e degolada pelos brutos.

Judite e a serva marcharam à frente dos sentinelas, enquanto escutavam alguns murmúrios e risinhos sórdidos pelas costas. A viúva, no entanto, mantinha uma postura tão severa que nenhum dos soldados ameaçara erguer um dedo contra si.

Assim que se aproximaram da tenda principal, houve um grande alvoroço entre a soldadesca, que se apinhou ruidosa e rapidamente ao redor das duas mulheres, como abelhas em torno ao favo.

– Se as demais mulheres judias forem iguais a estas, tratemos logo de exterminar com todos os homens de Betúlia! – disse alguém, arrancando risos do ajuntamento.

Mas logo Judite e a serva foram introduzidas na tenda de Holofernes, vigiadas escrupulosamente pelos guarda-costas do comandante.

Holofernes, que estava repousando no seu leito recamado de seda e de púrpura, ergueu-se e foi até a ante-sala da sua tenda para receber as desertoras.

Assim que ele surgiu, Judite prostrou-se ao chão junto com a serva – e em boa hora, já que esta última o teria feito de qualquer modo, desmaiada –, prestando uma fingida vassalagem ao preposto supremo do rei Nabucodonosor.

Holofernes, porém, revelou-se um homem surpreendentemente gentil.

– Nada tema, mulher de Betúlia, pois jamais minha lança ergueu-se contra quem quer que tenha escolhido servir a Nabucodonosor, rei de toda a terra. E se hoje seu povo está a um passo de ser exterminado se deve unicamente ao fato de haver afrontado o meu senhor.

As duas mulheres foram compelidas a erguerem-se novamente, causando uma renovada impressão de fascínio em todos, menos no comandante, que permanecia impassível na sua pose superior de dispensador da vida e da morte.

– Diga agora o que a levou a abandonar o seu povo e vir juntar-se ao meu rei – disse Holofernes.

– Meu senhor pode estar certo de que não lhe direi mentira nenhuma esta noite – disse Judite, externando sua primeira mentira. – Se seguir as minhas palavras, alcançará tudo quanto pretende diante deste povo rebelado. Antes, porém, é preciso que saiba que o amonita Aquior, que aqui esteve anteriormente, não mentiu quando disse que castigo algum recairia sobre os hebreus enquanto eles não pecassem contra o seu deus. Pois bem, eles já o fizeram!

Holofernes começou a cofiar a sua barba negra, enquanto estudava, mais do que as palavras, os movimentos faciais de sua interlocutora, pois sabia que eram eles os arautos da verdade ou da mentira que saía de qualquer boca humana.

– Assim que começaram a faltar alimentos e água – prosseguiu Judite a mentir –, o povo começou a alimentar-se de seus jumentos e de outros alimentos impuros que seu deus lhes proibira. Também lançaram mão – horrível blasfêmia! – das primícias do trigo e dos dízimos do óleo e do vinho votados ao templo do Senhor. Por tudo isso eu e minha serva decidimos fugir da companhia dessa gente perversa, certas de que o castigo descera dos céus pelas suas mãos, grande senhor.

Judite fez uma pausa e depois disse, sem anunciar, a sua única verdade:

– Eis por que a tua escrava está agora diante de ti, para realizar uma façanha da qual se admirará toda a terra e todos quantos dela ouvirem falar.

Então Judite pediu licença para estar no vale, onde rogaria a seu Deus para que lhe desse o sinal de que tudo estava pronto para o grande feito.

Holofernes, diante das últimas palavras, ficou tomado de admiração por aquela mulher, que julgava a mais bela e sábia que seus olhos já haviam visto.

– Se tudo sair conforme planejou, você será levada ao palácio de rei Nabucodonosor, tornando-se a mulher mais famosa de toda a terra.

Judite foi instalada logo depois numa tenda espaçosa do acampamento, onde lhe foram servidas as melhores iguarias e vinhos, que ela, no entanto, recusou, pelo motivo já anteriormente explicado.

– E agora, minha senhora? – disse a serva, sentindo que ambas haviam chegado numa encruzilhada fatal.

– Está tudo nas mãos do Senhor – disse Judite, que permanecia serena e inabalável em seu propósito.

Durante três dias Judite e sua serva permaneceram no acampamento, sob a estrita vigilância dos guardas – o que não impedia a viúva judia de ir banhar-se todas as noites na fonte que havia no vale de Betúlia.

No quarto dia Holofernes deu um grande banquete, que pretendia ser uma comemoração antecipada da vitória.

– Mande trazer a hebréia – disse ele, como se já a contasse no número das suas concubinas.

Judite recebeu o emissário do comandante com grandes mostras de humildade.

– Quem sou eu para recusar o convite de tão alto senhor? – disse ela, e a seguir enfeitou-se com seus melhores adornos e perfumes.

Holofernes perdeu a cabeça ao ver a judia retornar, ainda mais bela do que estivera na sua primeira aparição, e fê-la reclinar-se sobre os tapetes, para maior delícia dos seus olhos, enquanto ela comia e bebia da sua própria comida.

O comandante, porém, bebeu muito mais do que comeu, de tal sorte que terminou o banquete completamente embriagado.

Como já fosse muito tarde, todos os convivas retiraram-se, deixando Holofernes a sós com a desertora, sob piscadelas maliciosas. (A serva também fora retirada da tenda, para que o casal estivesse mais à vontade, pois ninguém mais duvidava do que estava para acontecer.) Judite, pretextando alguns conselhos a dar a sua serva, deixara o comandante a sós e fora levar a serva até a saída.

– Aguarde-me aqui até que eu saia para fazermos juntas a oração da noite – disse Judite, alto o bastante para que os guardas a escutassem.

Então Judite entendeu que chegara o momento supremo de sua vida.

Depois que a serva partiu, Judite permaneceu um pouco na entrada da tenda, fingindo estar ainda a dispensar sua serva. Sua esperança era que o vinho

vencesse os sentidos do inimigo, lançando-o logo sobre o leito, antes que ela pudesse estar outra vez na sua presença. Nesse instante, porém, ela escutou o som cavo de um trovão do lado de fora, e esse ruído soou-lhe como uma grave admoestação. Sem poder retardar mais a sua volta, a viúva dirigiu-se lentamente para o vestíbulo da tenda, onde teve a agradável surpresa de descobrir que o comandante não mais estava ali. Por certo o asqueroso comandante já se recolhera ao aposento interior, a preparar-se para as delícias de uma tempestuosa noite de amor.

Pé ante pé ela começou a rumar para o aposento, que estava situado na extremidade da grande tenda, ao mesmo tempo em que o temporal anunciado começava a desabar dos céus. Judite caminhou sob o som do vento açoitante e da chuva que tamborilava violentamente sobre o toldo da tenda – convertida agora numa grande casa toda feita de pano, a chacoalhar freneticamente as suas instáveis paredes.

O vento e a chuva forte impediram a viúva de escutar qualquer outra coisa quando colocara a cabeça para dentro do espaçoso quarto. Seus olhos imediatamente avistaram duas pequenas lamparinas, que faziam tremeluzir no seu interior duas minúsculas línguas de fogo. Graças a essa frágil luz ela pôde divisar o enorme leito cercado por quatro colunas de ébano e o melhor de tudo: o comandante caído sobre o leito, completamente adormecido – ou talvez desmaiado. Ao lado do leito, uma pequena poça de vômito.

Judite ergueu mentalmente ao Senhor uma prece de louvor e agradecimento. Agora ela estava livre para fazer o que devia ser feito.

Já inteiramente senhora dos seus nervos, a viúva pôs-se a procurar algo para levar a efeito o que planejava. Um martelo e um prego chegaram a passar-lhe pela mente, lembrando um ato piedoso praticado pela quenita Jael, havia muito tempo, mas que ela logo repudiou, já que fora perpetrado por uma estrangeira. Mas, enfim, descobriu algo muito melhor: a espada afiada de Holofernes, junto à coluna do leito.

Passando diante do comandante adormecido, ela tomou nas mãos o pesado cabo. A viúva, que jamais empunhara arma alguma, mesmo uma adaga, ficou extraordinariamente surpresa com o peso dela. E então compreendeu que precisaria da força de um deus para poder fazer o que devia.

Apoiada à espada, Judite curvou-se, implorando ao seu deus:

– Fortifica-me neste instante, ó Deus de Israel! É este o momento para que o Senhor aniquile o inimigo que se levantou contra ti e teu povo!”

Quando Judite ergueu-se, sentiu um novo ânimo e um novo vigor em seus braços. Encostando a lâmina na garganta de Holofernes – que bufava, no mesmo ritmo de um fole, o seu hálito malcheiroso de vinho –, ergueu-a outra vez, certa

de que não erraria o golpe. Um relâmpago ofuscante varou as paredes de pano quando Judite finalmente desceu o gume com toda a força sobre o pescoço de Holofernes.

Os olhos do comandante abriram-se e um rugido escapou de sua garganta, abafado pelo estrondo tremendo de um trovão. Seus braços estorceram-se no ar como os membros de um afogado, mas antes que ele pudesse fazer qualquer outro movimento, Judite suspendeu novamente a lâmina e fê-la descer com um vigor ainda maior.

Desta feita o golpe completara a obra de decapitação, e a cabeça de Holofernes inclinou-se estranhamente para o lado, ficando com o nariz pousado sobre o ombro direito, numa posição verdadeiramente grotesca. Sem pensar em mais nada, Judite tomou a cabeça gotejante pelos cabelos e suspendeu-a na mão direita, ensacando-a rapidamente na sacola das provisões.

Dali a instantes a bela desertora deixava a tenda para ir encontrar a serva, sob os olhares ainda maliciosos dos guardas.

– Linda coisa a devoção! – sussurrou baixinho para o outro um dos sentinelas, pois imaginavam ambos que a judia ia fazer suas orações, tal como prometera.

Mas Judite e a serva não fizeram tal, deixando rapidamente o acampamento e ganhando as montanhas que levavam até as portas de Betúlia.

– Abram as portas! Abram as portas! – gritava Judite, ao se aproximar.

Logo as duas estavam outra vez junto dos anciãos, aos quais a brava Judite mostrou o seu maior troféu.

– Aqui está a cabeça daquele que pretendia esmagar o nosso povo! O Senhor a cortou pela mão de uma mulher! – disse ela, erguendo a cabeça de Holofernes, como o fictício Jasão suspendera um dia a cabeça da Medusa.

Um rumor de espanto varreu toda a assembléia.

– Pela vida do Senhor que não foi preciso que eu pecasse, nem me cobrisse de vergonha para obrar o que o Senhor determinou – disse ainda a viúva, pois dava mais valor ainda à sua virtude que à sua vida.

Na manhã seguinte, a cabeça de Holofernes amanheceu suspensa no alto da muralha principal da cidade de Betúlia, para indizível espanto e horror das forças de Nabucodonosor. Logo o terror tomou conta das hostes invasoras, que correram em pânico até a tenda de Holofernes, onde, com efeito, dois guardas encontraram-no lançado sobre o chão, inteiramente nu e decapitado.

Aproveitando-se do choque dos assírios, os exércitos de Israel lançaram-se das portas na direção do inimigo, que abandonou suas tendas a correr, como se levassem atrás legiões de Judites demoníacas a portarem espadas de fogo.

Aquele dia terminou com a expulsão dos invasores e o triunfo completo de Israel. Aquior, o amonita que ajudara os israelitas, prostrou-se aos pés de Judite e desde aquele dia converteu-se ao deus de Israel, após submeter-se à prova da circuncisão.

Quanto à autora do inesquecível feito, foi aclamada pelas ruas como verdadeira heroína, recebendo das mulheres de Israel ramos de oliveira, que ela espargia em todas as direções, ao mesmo tempo em que entoava um canto vibrante e selvagem de louvor ao Senhor dos Exércitos.

Três longos meses duraram as festividades, ao cabo dos quais Judite continuava a ser a mesma mulher discreta e virtuosa de sempre. Apesar de cortejada por um sem-número de pretendentes, a viúva – que viveu até a proecta idade de 105 anos – preferiu permanecer intocada até o dia de sua morte, honrando sempre o nome de seu falecido esposo e, acima de tudo, do deus que lhe dera forças para abater o inimigo que todos haviam julgado invencível.

DO LIVRO DE JONAS

63. JONAS E A BALEIA

Jonas foi um profeta hebreu que viveu em Israel nos dias agitados de Jeroboão II (793 – 753 a. C.). Misturado entre tantos outros profetas de maior envergadura, como Daniel, Isaías, Jeremias e Ezequiel, Jonas poderia ser hoje tão anônimo quanto seus colegas menores Ageu, Habacuc, Sofonias e até o rancoroso Abdias, cuja única profecia se limita a uma minúscula invectiva contra os descendentes de Esaú.

Os anos, entretanto acabaram por tornar Jonas mais célebre do que qualquer outro profeta, graças à singular aventura que protagonizou. Um pouco menos famosa – mas certamente não menos surpreendente – é também a polêmica que se armou em torno da veracidade ou não do episódio central da narrativa, pugna curiosíssima que persiste ainda hoje graças à invejável tenacidade dos intérpretes “literalistas” da Bíblia, defensores intransigentes do milagre como meio superior de convencimento.

Mas vamos à história. Tudo começou, pois, no dia em que o Deus de Israel fez este solene chamamento ao seu profeta Jonas de Amati:

– Levanta e vai à cidade de Nínive, eis que suas injustiças tornaram-se tamanhas que bradam já aos meus ouvidos!

Nínive era a principal cidade da Assíria, construída pelo rei Nemrod, o mesmo que erguera a famosa Torre de Babel. Inimigos acerbos de Israel, os assírios eram odiados e temidos pelos judeus, e isto talvez explique por que o profeta recebeu com tão pouco entusiasmo essa missão.

“Que tenho eu a fazer entre idólatras?”, pensou Jonas, aborrecido, assim que o Senhor se retirara. “E o que tem a ver o Deus de Israel com estes infiéis, para que se meta a querer convertê-los à sua Lei?”

Na verdade, o profeta foi incapaz de prever que estava sendo utilizado como instrumento de um dos episódios mais extraordinários do Antigo Testamento, pois, pela primeira vez na história, uma divindade local ambicionava tornar-se universal. Através de Jonas, o velho Jeová exclusivo dos hebreus começava a tornar-se o Deus de todos, fazendo com que os assírios – até então meros adversários a serem exterminados pela espada – se convertessem subitamente em seres passíveis de salvação. (Coisa impensável, por exemplo, nos primeiros dias da conquista de Canaã, quando os chefes hebreus limitavam-se simplesmente a votar ao extermínio os adoradores dos “falsos” deuses, sempre com o beneplácito divino – a menos, é claro, que tivessem usado o seu santo nome em vão.)

Jonas, no entanto, resistiu, como dissemos, a cumprir tal missão, e para

tanto deixou de embarcar no navio que levava a Nínive, tomando um outro que seguia na direção de Társis, uma colônia fenícia situada no sudoeste da atual Espanha. Certo de que o Senhor já havia desistido do disparate de tentar converter os idólatras degenerados, Jonas deitou-se no seu camarote e entregou-se a um sono profundo.

Mas o Senhor estava longe de haver desistido do seu propósito, e por isto enviou naquela mesma noite um tufão para perseguir o navio no qual Jonas roncava descansadamente. Logo as águas do mar começaram a encapelar-se, sacudindo a embarcação a ponto de encher de terror os seus marinheiros. Cada um deles começou, então, a orar ao deus de sua devoção, ao mesmo tempo em que, todos juntos, lançavam ao mar o excesso de carga.

Enquanto o temporal fustigava o céu e o mar, o capitão pôs-se a percorrer os compartimentos em busca de braços para manter o navio sobre as ondas, até dar de cara com Jonas, ainda a roncar no seu camarote.

– Olha só o preguiçoso! – exclamou o capitão.

Depois de sacudir o profeta por diversas vezes, conseguiu finalmente despertá-lo com os seus gritos.

– Vamos, venha ajudar a impedir que o navio afunde!

Jonas pôs-se logo a orar e ajudar como podia, enquanto o capitão conferenciava, à parte, com seus homens.

– Aqui há coisa...! – disse ele, lançando olhares enviesados para o hebreu.

Todos fizeram o quanto podiam, mas percebendo que de nada adiantavam os seus esforços, resolveram recorrer ao acaso, que é o sobrenatural dos cétricos.

– Vamos tirar a sorte para ver quem é o culpado! – disse o capitão, já que é próprio do ser humano não poder ver uma desgraça sem procurar logo o culpado.

A sorte – ou antes, o *azar* – recaiu em Jonas, sobre o qual logo dardejaram-se imediatamente os olhares torvos de todos.

– Diga-nos quem é você, sua profissão, de onde veio, qual a sua terra, a sua gente, e por que nos aconteceu esta desgraça! – disse o capitão, que estava tão nervoso que lhe fez um questionário, chegando a perguntar uma mesma coisa três vezes.

Jonas explicou que era hebreu e que adorava ao Deus que fizera o céu e a terra, o mar e a terra firme, mostrando com esta dupla resposta que também estava meio nervoso. Depois teve a franqueza de explicar que fugia ao mandado de seu Senhor.

– E o que sugere que façamos com você, atizador de tufões? – disse o

capitão.

– Lancem-me ao mar, já que sou o responsável pelo desastre inevitável – disse o profeta, com destemor.

O capitão ainda tentou evitar a desgraça para Jonas e ordenou a seus homens que tentassem remar para terra firme, mas o vento tornou-se ainda mais forte, impelindo o navio para o centro do furacão.

– Agora basta! – disse o capitão. – Peguem este homem e lancem-no ao mar!

Jonas foi erguido nos braços e num segundo foi arremessado às ondas colossais, bracejando desesperadamente.

No mesmo instante, o mar acalmou-se, e também o capitão e seus marinheiros.

– Onde está o infeliz? – diziam uns aos outros, vasculhando o oceano, que se acalmara subitamente.

Porém Jonas havia desaparecido completamente sob o espelho liso do mar.

Tudo passou-se, para Jonas, numa velocidade de pesadelo. Tão logo vira-se suspenso no ar pelos braços fortes dos marinheiros, vira-se também arremessado para o interior da goela monstruosa do mar, sendo engolido numa fração de segundos.

Durante alguns segundos o profeta sentira-se afundar, vendo ao alto o casco inferior da embarcação tornar-se cada vez mais distante, até que tudo escurecera abruptamente ao seu redor. Jonas sentiu-se, então, deitado sobre uma superfície mole, uma espécie de colchão vibrátil que logo suspendeu-se, deixando-o de ponta-cabeça na direção de algo que ele pressentia ser um abismo profundo. Por alguns instantes ainda esteve agarrado a uma protuberância qualquer, tentando evitar a queda, enquanto escutava um ruído semelhante ao de uma cachoeira ao seu lado. Olhando melhor, viu que por entre as barbatanas da baleia era expelida para fora toda a água que o animal havia abocanhado junto com o alimento (de regra, pequenos peixes e plânctons que sua boca recolhia como uma grande peneira, fazendo escoar a água e deixando que apenas o alimento sólido descesse ao seu estômago).

“Meu Deus! Meu Deus!”, pensou Jonas, agoniadamente, até que o colchão molenga, tornado repentinamente rígido, catapultou-o num golpe único e violento na direção do abismo. Sentindo-se mergulhar junto com uma série de detritos, ele rolou por uma superfície escorregadia até ir parar numa espécie de alçapão escuro, úmido e malcheiroso. Imediatamente Jonas percebeu que podia

respirar, e isto era já uma conquista considerável.

– Obrigado, Senhor! – disse o profeta, que havia perdido todas as suas roupas, estando nu como estivera um dia no ventre de sua mãe.

Assim que pôde reorganizar minimamente os seus pensamentos, Jonas tentou perceber auditivamente onde poderia estar – já que a visão lhe era inteiramente inútil naquele lugar imerso na escuridão.

Uma batida poderosamente rítmica fazia-se sentir em todos os músculos do seu corpo, a ponto de fazê-lo escorregar de lá para cá no terreno juncado de peixes e detritos. Jonas tateou desesperadamente a escuridão, até alcançar as paredes quentes e úmidas de sua prisão. Tudo, com efeito, vibrava tão intensamente que ele parecia estar imerso dentro de um gigantesco odre de cabra molhado.

Alguns instantes angustiantes se passaram até que, subitamente, Jonas sentiu que sua prisão abafada começara a verticalizar-se, obrigando-o a tentar agarrar-se novamente às paredes úmidas.

– Oh, Senhor! Onde estou, afinal? – disse o profeta, ficando em pé outra vez, enquanto nova revolução fazia agitar-se todo o interior do gigantesco odre.

Nesse instante seus ouvidos foram surpreendidos por tamanho estrondo – como se um vulcão houvesse explodido acima de sua cabeça – que Jonas quase perdeu os sentidos. Ao mesmo tempo, ele sentiu como se estivesse imerso nas próprias entranhas do vulcão.

Então um alçapão enorme abriu-se no alto e uma luz débil aflorou para dentro. Jonas retirou os cabelos molhados do rosto e percebeu que um novo jorro de água começava a descer do alto, com incrível violência. Tentando abrigar-se do enxurro – já que ele trazia junto consigo nova remessa de detritos e mesmo alguns corpo sólidos que magoavam cada osso do seu corpo –, Jonas dobrou-se todo e assim esteve, como um perfeito feto, até que a escuridão voltasse e um novo e aterrador impacto o devolvesse à posição horizontal. Demorou mais um pouco até Jonas compreender, finalmente, que estava aprisionado no ventre de uma baleia.

Durante três dias e três noites Jonas esteve alojado na barriga da baleia. Para os que crêem ao pé da letra em tudo quanto diz a Bíblia, não há dúvidas de que estamos diante de um portentoso milagre: estar-se alojado dentro da barriga de um peixe durante três dias e três noites inteiras sem alimento, com pouco ar e

à mercê dos poderosos sucos gástricos que devem necessariamente agir no estômago de um animal deste porte.

Imerso na escuridão, o profeta sabia, agora, que era inquilino forçado de um enorme leviatã, e que este o carregava pelas profundezas do mar à sua livre vontade. Não, ele não morrera, e era justamente essa constatação surpreendente que dava ao profeta a íntima certeza de que Deus não o colocara nessa situação para desconhecimento eterno da humanidade. Havia ali, obviamente, um plano divino em curso, e cabia a ele, agente da trama, esperar e orar.

E foi o que Jonas, sepultado no ventre da baleia, começou a fazer. O profeta invocou ao Senhor “no ventre da morte”, e fez diante dele, nas profundezas do mar, a sua emocionante profissão de fé. Jonas não duvidou um instante de que o Senhor o livraria da sua prisão. Imerso nas trevas gosmentas do ventre da baleia, Jonas fez aquilo que muita gente, a céu aberto, não faz: ele confiou.

– Do Senhor é que vem a salvação! – clamava Jonas, repetindo sua prece nos três dias e três noites intermínios, enquanto o cetáceo subia e mergulhava seu gigantesco corpanzil, até que terminado o prazo de sua singular provação, viu-se o profeta vomitado, certa manhã, para fora da boca da baleia.

Jonas renascera das trevas. Envolto ainda na gosma, como um recém-nascido em sua placenta, o profeta rastejou na areia de uma praia até um local seguro, onde, depois de ainda ter encontrado forças para louvar o seu salvador, perdeu os sentidos.

Um tempo indeterminado passou-se até que o profeta rebelde acordasse, tempo suficiente para que escutasse novamente a voz do Senhor repetir praticamente o mesmo chamamento que lhe fizera da primeira vez.

– Levanta e vai à cidade de Nínive anunciar o que vou te dizer!

Jonas ficou perplexo. Depois de todo aquele sofrimento e angústia, o Senhor reaparecia para lhe dizer quase a mesma coisa, sem sequer comentar o fantástico episódio, como se todos aqueles incidentes, frutos da tentativa fracassada de despistamento, não tivessem tido a menor importância aos olhos do Todo-Poderoso.

Jonas finalmente entendeu que não lhe cabia argumentar. No mesmo instante ergueu-se e foi dar um jeito de arrumar um manto para ir fazer o que devia ser feito.

O profeta cumpriu sua missão com extraordinária fidelidade. Nunca sua oratória esplendera com tanto vigor. Estrangeiro numa terra hostil, foi ele capaz, no entanto, de exprimir-se tão perfeitamente num idioma que não dominava e de mostrar-se tão convincente na sua argumentação que logo todos os assírios haviam sido levados ao arrependimento. O próprio rei ficou tão impressionado com as insolências ditadas por aquele pregador de rua com aspecto de indigente (milagre, afinal, quase tão espantoso quanto o do passeio náutico do profeta) que marcou um dia nacional de penitência para que ele e todo o povo expiassem o grande e horrendo pecado de não adorarem o Deus de Israel. Despido de suas insígnias reais e sentado sobre um monte de cinzas, ele expediu um decreto rigoroso, no qual proibia, sob pena de morte, que nem gente nem bichos provassem de qualquer alimento ou água durante a data penitencial. Mais que isto, chegou a ordenar que “pessoas e animais” deveriam vestir-se de luto, “clamando a Deus com força”. Ignora-se se os animais trajados de luto também cumpriram a parte final do decreto, mas o fato é que o Senhor sentiu-se aplacado em sua ira e decidido a não mais punir o país dos assírios.

Jonas havia completado sua missão com sucesso, e foi graças a isto que escutou soar novamente a voz do Senhor.

– Levanta e deixa a cidade de Nínive – disse ele, no mesmo tom anterior –, já que seus habitantes retrocederam de seus caminhos perversos.

Jonas ficou perplexo. Apesar de toda a sua dedicação, ele tinha certeza de que as coisas se passariam exatamente como haviam se passado, muito tempo antes, com as perversas cidades de Sodoma e Gomorra. Mas como?, pensava ele, indignado. Não desceria, então, dos céus, uma chuva de fogo, para dizimar toda aquela escória pagã? Nenhum dilúvio vingativo afogaria a cidade da perdição? Onde fora parar, afinal, a boa e velha fúria do Jeová dos primórdios?

Jonas ficou tão irritado que decidiu expressar sua raiva ao seu Deus.

– Bem disse eu antes de vir para esta terra amaldiçoada! – falou ele, em sua oração. – Foi para ver o Senhor amolecer diante desta turba que me abalei de Israel até aqui? Verdadeiramente o Senhor é tolerante demais para com a injustiça! Já que é assim, tira a minha vida, pois prefiro morrer a ver esta gente perdoada!

– Será que está correto ficares irritado desse jeito? – disse o Senhor.

Mas Jonas estava sentindo-se tão terrivelmente traído que teve mesmo ganas de dizer a Deus, num ímpeto de cólera: “Eu sou um servo ciumento, e não admito parceiros na servidão!”. Na verdade, Jonas compartilhava de um sentimento que grassava naturalmente entre muitos israelitas na época em que

começara a ocorrer a progressiva integração dos estrangeiros à crença no “Deus único” dos judeus. Uma espécie de ciúme piedoso invertera os papéis dessa antiqüíssima e terna história de amor protagonizada pelo povo eleito e seu Deus, de tal forma que se antes coubera ao Criador encarnar o papel do amante enciumado, cabia agora ao povo eleito provar também dos tormentos da traição, real ou imaginária, do seu velho parceiro (e nada há de ofensivo nesta comparação, já que ela é um mote recorrente em toda a Bíblia).

Contrafeito, Jonas deixou os limites da cidade e foi sentar-se à sombra de um abrigo que improvisara, na esperança de que o Senhor ainda lançasse um tremendo castigo sobre toda Nínive, ao qual ele pretendia assistir em segurança.

Jonas estava à sombra – é o que diz o relato original –, mas nem por isto Deus deixou de fazer com que uma mamoneira crescesse ao seu lado para lhe dar uma segunda sombra, desta feita “sobre a sua cabeça” (talvez a outra estivesse sobre os seus pés). O profeta – que ainda estava com um nó entalado na garganta – sentiu-se bem mais calmo depois que a sombra refrescara a sua cabeça.

“Ótima esta mamoneira!”, pensou ele, imaginando que aquilo era o primeiro sinal de reconciliação com o Senhor.

Jonas aconchegou-se melhor e ficou no aguardo do começo do espetáculo apocalíptico, mas logo acabou pegando no sono. Nesse momento, Deus fez com que um “verme” surgisse e fizesse a mamoneira secar, acabando com a sombra sobre a cabeça de Jonas. Tão logo o sol nasceu, um vento insuportavelmente quente bafejou sobre o profeta, enquanto o sol inclemente lhe cozinhava os miolos.

E o desgosto retornou à sua alma com tal intensidade que chegou novamente a pedir a morte ao seu Senhor. Este, porém, retrucou:

– Está certo ficar com raiva por causa da mamoneira?

Jonas respondeu que estava certo, sim, e pediu outra vez pela morte.

Farto, então, Deus lhe disse, afinal:

– Se a morte de uma simples mamoneira, que tu não plantaste nem fizeste crescer, te causa tanta dor, por que razão acha que eu não haveria também de me entristecer e sentir dó desta cidade de Nínive, onde vivem 120 mil pessoas que não sabem distinguir a mão direita da esquerda, sem falar dos animais?

E foi assim que Jonas retornou à terra dos hebreus, feliz, afinal, por ter sido o artífice do primeiro grande ato de contrição a Jeová fora das fronteiras de Israel.

DO LIVRO DE JÓ

64. A IMPACIÊNCIA DE JÓ

Deus estava sentado em seu trono celestial quando viu surgir, certo dia, um grupo animado de seus anjos. Dentre eles destacava-se a figura de Satanás, que, por algum motivo, andava solto, junto com os demais anjos do Senhor. (Possivelmente não se trate aqui do temido Diabo, mas antes de uma espécie de acusador divino – já que os antigos judeus não acreditavam nem no diabo, nem no inferno, nem no purgatório, nem no céu, nem na vida após a morte, nem na ressurreição, nem na multidão de coisas que se inventaram depois, mas tão somente no Deus de Israel, autor solitário dos bons e maus dias do homem.)

– De onde estás vindo? – perguntou-lhe Deus, familiarmente.

– Estava dando uma voltinha pela terra – disse Satanás, no mesmo tom.

Deus fez uma pausa e depois lhe disse, com uma certa nota de orgulho na voz:

– Reparou no meu servo Jó? Não há em toda a terra outro servo como ele; é um homem íntegro e foge aos caminhos do mal.

Satanás sentiu-se tomado por um ciúme violentíssimo, que o fez corar de ódio.

– Oh!, mas e será que ele vos adora de graça? – disse o anjo da discórdia.

– Uma vez que o cumulou de bens, não poderia esperar dele outra coisa. Mas experimenta tocar uma única vez em seus bens para ver se ele não vos amaldiçoará com toda a fúria!

Deus pareceu refletir um pouco, e disse logo em seguida:

– Está bem. Retira o que quiser de Jó, mas não toca em sua pessoa.

O anjo esfregou as mãos e partiu para fazer o que mais gostava: o mal.

Jó era, com efeito, o mais rico de todos os habitantes do Oriente, sem, contudo, deixar de ser também o mais piedoso, a ponto de oferecer todas as manhãs holocaustos ao Senhor, no temor de que ele ou seus filhos lhe tivessem feito alguma ofensa involuntária. (Por viver numa cidade dos edomitas, pode-se supor, com boa dose de probabilidade, que Jó não fosse judeu, o que só contribuiu para dar ao seu drama um cunho ainda maior de universalidade.)

Judeu ou não, o fato é que um dia Jó recebeu esta notícia funesta de um esbaforido mensageiro:

– Desgraça! Os sabeus roubaram seu gado e mataram seus servos!

Nem bem este terminara de dar a sua negra notícia quando outro surgiu.

– Desgraça! Desgraça! Caiu um raio dos céus e matou todos os seus pastores e todas as suas ovelhas!

Logo um terceiro mensageiro surgiu, bradando deste modo:

– Desgraça! Desgraça! Desgraça! Os caldeus levaram todos os seus camelos, passando os criados a fio de espada!

Para completar, surgiu ainda um quarto arauto do infortúnio, com a pior das notícias:

– Desgraça! Desgraça! Desgraça! Desgraça! Um furacão rompeu do deserto e matou todos os seus dez filhos enquanto comiam na casa do irmão mais velho!

Findas as visitas, Jó ergueu-se da mesa onde estava e depois de ter rasgado suas vestes e raspado sua cabeça, rojou-se de quatro no chão, dando graças ao Senhor.

– O Senhor deu, o Senhor tirou! – disse ele, lançando punhados de pó sobre a calva lustrosa. – Bendito seja ele para todo o sempre!

Tendo sido provado, dessa forma, ao perverso filho de Deus que Jó era mesmo fiel ao seu Senhor, ainda assim quis Satanás levar adiante o seu intento perverso. – Estás vendo como a fé de Jó é gratuita? Ele continua a ser-me fiel, mesmo depois de haver perdido tudo quanto possuía! – disse o Senhor, com orgulho, ao avistar novamente a Satanás.

– Puá! – cuspiu o anjo. – Experimenta, então, tocar-lhe num fio de cabelo para ver o que dirá de vós o servo hipócrita!

– Vai e faz o que quiser com o seu corpo, mas poupa-lhe a vida – disse o Senhor, louco para assistir à nova derrota do seu teimoso antagonista.

Jó, que já estava acabrunhado pela dor da perda de seus filhos e de seus bens, teve muito mais motivos para sentir-se infeliz ao ser atingido por chagas malignas, que lhe tomaram o corpo desde a planta dos pés até o alto da cabeça.

O outrora homem mais rico do Oriente viu-se reduzido, assim, da noite para o dia, no homem mais desgraçado do universo. Praticamente nu, arrastou-se como um perfeito mendigo até um monte de lixo e ali pôs-se a raspar suas pústulas doloridas com um caco de telha.

A mão perversa de Satanás, contudo, havia poupado a vida da mulher de Jó, para que lhe servisse de último tormento e tentação.

– Aí está, imbecil, o que ganhou com sua integridade! – disse ela, sufocada em ira. – Ainda vai persistir nisto? Vamos, amaldiçoe a Deus e morra logo de uma vez!

Jó cessou um segundo de raspar suas chagas e disse mansamente:

– Silêncio, mulher. Devemos receber com a mesma cara os bens e os males que o Senhor nos envia.

Desde então o retrato que nos ficou do bom Jó é o do mendigo coberto de

chagas sentado sobre o monturo, a suportar as suas desditas com a melhor cara deste mundo.

Infelizmente, porém, a sua proverbial paciência não teve tão longa duração, a julgarmos pela seqüência do relato. Acostumados que estamos a associar o nome do famoso sofredor à mais exasperante das virtudes, talvez venhamos a nos surpreender, a partir de agora, com a explosão de sua eloqüente impaciência. Porque a verdade é a verdade: Jó, diante do grande infortúnio, foi tudo, menos um modelo de paciência.



Se compararmos a Bíblia com os livros modernos, por exemplo, logo veremos que ela é, de modo geral, um livro muito fragmentado – já que diversas mãos de diferentes épocas a redigiram –, e é graças a essas características que o Livro de Jó chega quase a tornar-se incompreensível àquele que o lê pela primeira vez.

Existem, na verdade, duas histórias de Jó, que o redator final mesclou numa só. A parte que lemos até aqui foi a antiga lenda folclórica, que fazia da paciência do herói a lição principal (lenda que já existia no mundo antigo, sob as mais diversas formas e denominações). A segunda parte, contudo, é uma interpolação que um redator posterior fez em cima da história original. Nela, Jó passa a ser a representação poética do povo judeu oprimido no exílio e sem esperanças de retornar à sua terra. Aqui o autor reproduz uma situação concreta, que todos estavam então vivendo, e talvez, por isso mesmo, o lamento de Jó nos pareça muito mais verossímil do que a confiança absoluta que demonstra na primeira versão. Ao fim de tudo, esse mesmo redator – ou um terceiro, que desaprovou o tom sombrio da interpolação – completou a confusão, acrescentando um final mais de acordo com a lenda primitiva. Ficamos, assim, com um verdadeiro sanduíche narrativo, no qual o começo e o fim pertencem à

lenda original, enquanto o “recheio” pertence à nova e mais problemática versão. Mas, dito isto, voltemos à história.

Jó, como já foi dito, fora atingido pela mais negra provação e reduzido à condição de um mendigo coberto de lepra. Como as más notícias desfrutavam de velocíssimas asas, logo o oriente inteiro ficou sabendo do estado miserável a que ele chegara.

O infortúnio tem a virtude altamente seletiva das peneiras: assim, depois de fazer escoar pelos furos estreitíssimos da sua superfície a afeição rala das falsas amizades, segurou em sua malha firme apenas estes três náufragos da solidariedade: Elifaz, Baldad e Sofar. Apesar de estarem prevenidos acerca da desgraça que se abatera sobre Jó, os três não puderam, contudo, evitar as lágrimas quando o avistaram pela primeira vez sentado em seu monturo. Verdadeiramente chocados, puseram-se, então, a rasgar suas vestes e a cobrir suas cabeças de pó, em sinal de profundo pesar. Depois, sentaram-se ao lado de Jó e permaneceram imersos, durante sete dias e sete noites, num maravilhoso e eloqüente silêncio (gesto tão sublime que quase somos tentados a dizer que se a história terminasse aqui teria chegado, também, ao melhor dos desfechos). Mas assim não quis a paixão humana pelo argumento, de tal sorte que em dado momento Jó decidiu começar a especular sobre a razão de sua desgraça.

Quando a manhã do oitavo dia se anunciou pelos primeiros raios de um sol ainda descorado, Jó rompeu, então, o silêncio, com as seguintes e amargas palavras:

– Maldito seja para sempre o dia em que nasci e a noite em que anunciaram: “nasceu um menino!”.

Os três amigos abriram os olhos e ficaram a observar, acabrunhados, o início do paroxismo da sua dor. Jó repetiu, por diversas vezes, a maldição que lançara sobre o dia do seu nascimento, lamentando amargamente não haver perecido nas entranhas de sua própria mãe.

– Sim, pois se tivesse morrido naquele dia, hoje estaria calado, a repousar mansamente no meu sono – disse o infeliz, com as lágrimas a lhe escorrerem pelo rosto sulcado de pústulas.

Jó não podia entender por que a vida fora dada àqueles “a quem Deus cercou de trevas”, já que eram chamados à vida apenas para sofrer.

– Não, não me calarei, nem dissimularei a verdade, pois a ira de Deus recaiu sobre mim! – disse ele, afinal, numa resposta ao ar de censura que parecia desenhar-se no rosto de seus silenciosos interlocutores.

Então Elifaz, o primeiro amigo, começou a falar.

– Não me leve a mal, Jó amigo, se lhe disser algo, mas não posso reprimir minhas palavras. Sendo você um notório consolador das desgraças alheias, por que se mostra agora tão desconsolado diante de sua própria desgraça?

Elifaz, como se vê, não conhecia lá muito bem a natureza humana – e, ao que parece, menos ainda a do seu amigo, já que logo em seguida o acusou de injusto.

– O Senhor é um deus que premia o justo e castiga o injusto – disse Elifaz, sentenciosamente. – Portanto, se você chegou a este estado deplorável é porque, por algum motivo, Deus o está punindo. Reconheça humildemente o seu pecado e suporte o peso da mão de Deus, já que ela jamais pende sobre o justo.

Percebendo, porém, que Jó não havia gostado nem um pouco de ser chamado de injusto – pois que tal não se julgava, de maneira alguma –, Elifaz voltou à carga, fazendo uso do argumento favorito da superstição: o miraculoso.

– Vi Deus esta noite! – disse ele, com um ar trágico. – Sim, no meio da noite fui assaltado por um terror tal que chegaram a tremer todos os meus ossos, e quando, abri os olhos – creia-me, Jó amigo! – vi um espírito passar diante de mim!

Jó observava Elifaz com o semblante inalterado.

– O espírito parou diante de mim – continuou Elifaz – e me disse isto, com uma voz suave como a brisa: “Pode o ser humano julgar-se mais puro do que Deus, a ponto de achar que tem mais razão do que ele?”. Então compreendi que o Senhor é um deus retribuidor e que você não deve rejeitar a repreensão de Deus, pois feliz é aquele a quem ele corrige!

O sofredor, no entanto, não se abalara nem um pouco com a argumentação do amigo. Se o sofrimento vinha em razão de uma punição, Jó não via, contudo, nenhuma razão para ser punido, já que continuava a considerar-se inocente.

– O asno zurra sem motivo? – disse Jó. – Tenho, por acaso, a consistência das pedras para suportar em silêncio tamanha dor? Não, amigos, esclareçam a razão de meu sofrimento e então me calarei. Se desconheço algo, instruem-me, em vez de censurarem-me asperamente. Mas se não possuem argumento melhor, então deixem-me a sós com Deus, que desde a manhã até o fim da noite se ocupa em me pôr incessantemente à prova.

Os três amigos escutaram as queixas em silêncio, mas não pareciam dispostos a ceder ao seu argumento: se Jó fosse mesmo o inocente que alegava ser, seria preciso admitir-se que Deus era injusto.

Baldad chamou, então, para si, a defesa de Deus.

– Sendo Deus infinitamente justo, como poderia ele distorcer a justiça? – disse Baldad, encarando com firmeza o seu desafortunado amigo. – Tudo isso que lhe aconteceu tem uma explicação evidente. Veja: se não foi você quem pecou contra o Senhor, então devem ter sido seus filhos os autores do pecado! Eles pagaram por ele com suas próprias vidas. Quanto a você, bastará que demonstre a mais perfeita contrição para que logo Deus volte a cumulá-lo de bens, como anteriormente fez.

Jó, contudo, não pareceu nem um pouco convencido com esse argumento.

– Por que deveria pagar por algo que não cometi? – disse ele, insistindo em sua tese. – Bem sei que não poderia jamais disputar com Deus, pois como poderia um homem ter razão diante dele? Além do mais, está claro que não pretendo ser justo. Mas como ignorar que ele extermina tanto o inocente quanto o culpado? Deve, então, o inocente merecer o mesmo destino do ímpio? Quando o inocente perece numa calamidade, ele se ri da sua aflição. Ao mesmo tempo, permite que o ímpio triunfe, encobrendo os olhos dos juízes que deveriam julgá-los. Não é assim, então, que se passam as coisas neste mundo?

Nesse instante, Jó cobriu o rosto com as duas mãos e exclamou:

– Oh, estou cansado de viver! De nada adiantam minhas queixas, pois sinto que Deus está muito acima de mim. Se ao menos não me ameaçasse com seu poder, quem sabe poderia falar-lhe sem medo? Quem sabe, então, se não se dignaria ele a me dar uma explicação para todos os sofrimentos de que padeço?

Mas logo Jó teve suas lamúrias atalhadas pela intromissão de Sofar, o terceiro amigo que até então acompanhara calado o debate do sofredor e de seus consoladores.

– Jó, seria tudo mais fácil se você aceitasse que Deus é capaz de reconhecer, sem qualquer esforço, a falsidade! – disse Sofar, convicto de que o amigo escondia algum crime. – Você saberia, então, com que facilidade ele é capaz de perdoar a sua culpa!

Diante desse último argumento, Jó perdeu definitivamente a paciência.

– Então serão vocês os únicos sábios sobre a terra? Julgam-me, então, um néscio desprovido de entendimento? Para vocês tudo já está resolvido de antemão: eu sou culpado, e só me resta aceitar uma punição que é mais do que justa. Mas agora lhes digo que estou disposto a empenhar minha própria vida para fazer a minha defesa!

Dos cantos dos lábios machucados de Jó borbulhava uma espuma abundante, que ajudava a tornar sua figura ainda mais repulsiva e assustadora.

– Basta! Quero falar diretamente com Deus, somente com ele quero

disputar!

Uma palidez mortal cobriu o rosto dos três amigos, que chegaram a temer pela sanidade de Jó, pois em momento algum o tinham visto tão descontrolado.

– Quanto a vocês, o melhor que poderiam fazer seria calarem-se – disse ele, fuzilando-os com o olhar. – Talvez isto viesse a lhes ser creditado como sabedoria! Não são capazes de compreender que ao fazer minha defesa perante o próprio Deus estaria já, só por isto, justificado? Pois qual ímpio ousaria apresentar-se diante de Deus com seus pecados?

Baldad pensou em retrucar que a maioria dos ímpios eram cegos para seus próprios pecados, mas preferiu silenciar diante da ira do amigo.

Jó, esquecido dos amigos pouco eficientes, resolvera recorrer ao próprio Deus, ao lançar-lhe um desafio direto.

– Preparei meus argumentos, e sei que serei declarado inocente! E se assim não for, que eu pereça às vossas mãos, mas não antes de saber a razão de minha punição! Apenas peço que afasteis a vossa mão e o vosso terror de mim, para que eu possa acercar-me de vós! Então, adiante: mostrai-me meus delitos e apresentai meus pecados!

Nesse instante Elifaz interrompeu o discurso de Jó para censurar-lhe a presunção de julgar-se imaculado – e assim tudo recomeçou novamente.

Elifaz e seus amigos insistiram outra vez na mesma argumentação: Jó era culpado, sendo justa, portanto, a pena que recaía sobre si. Deus, por sua vez, era um deus justo em qualquer circunstância. Senhor das retribuições, boas ou más, distribuía-as conforme a atitude que o homem tivesse perante ele – uma tese que ecoava estranhamente àquela defendida, desde o início, por Satanás.

E por que em vez de suplicar, Jó resolvera discutir, Elifaz viu nisso uma horrível blasfêmia. Como podia um verme pôr-se a enfrentar Deus, a discutir face a face com o Criador? Habitados à subserviência, não podiam Elifaz, Sofar ou Baldad entender aquela atitude ímpia de Jó.

– Você está destruindo a idéia da religião e da submissão diante de Deus! – disse Elifaz a Jó, com o rosto aceso em cólera. – Pretende acabar com o temor a Deus?

Jó precisava reconhecer, de qualquer maneira, que era o único culpado por suas desditas, para que somente então Deus fizesse cessar o castigo.

Mas algo em Jó o impedia de fazê-lo. Ele sabia que sempre agira com retidão. Mas se ele fosse mesmo culpado, então que o Senhor lhe dissesse isso, com todas as letras. Ele queria escutar da própria boca de Deus, e não da boca daqueles “consoladores importunos”. Jó chegara a imaginar uma “testemunha no

céu” para que pudesse interceder junto a ele, mas, ainda assim, não abria mão de contender com o próprio Deus.

– Onde está a minha esperança? – clamava Jó, para o alto. – Alguém viu por aí a minha esperança?

Nesse momento, porém, em que todos esperavam a intervenção direta de Deus, eis que surgiu um quarto e inesperado debatedor, vindo ninguém sabe de onde. Ele se chamava Eliú, e apesar de ser bem mais jovem do que qualquer dos ali presentes, também tinha algo a acrescentar ao palavrório.

– Estive a escutá-los, até aqui, em absoluto silêncio – disse ele –, pois imaginava que a velhice iria ensinar a sabedoria. Vejo, no entanto, que me enganei, pois acabo de descobrir que é unicamente a inspiração divina que tem o poder de transmiti-la.

O jovem Eliú, portanto, julgava-se o porta-voz de Deus, e foi animado por essa presunção que seguiu adiante em seu pequeno discurso.

– Vocês três estavam enganados – disse ele, olhando para Elifaz, Baldad e Sofar. – Não devemos procurar o “porquê” do sofrimento de Jó, mas sim o “para quê”. Jó não sofre por ser ou não um justo, nem tampouco por ter feito ou deixado de fazer algo. Jó, meus amigos, sofre para aprender.

Um silêncio fez-se entre os debatedores. Enquanto os três consoladores (ou seriam acusadores?) pareciam vexados por terem sido desautorizados, Jó parecia muito inquieto com aquele novo dado apresentado pelo enigmático intruso.

– Nem Jó é o inocente que julga ser nem tampouco Deus é culpado de seu sofrimento, como o levaram falsamente a crer com seus argumentos equivocados – disse ele, referindo-se novamente aos três acusadores. – Deus é maior que o homem, e portanto ninguém pode acusá-lo de injustiça. Que sabemos nós da sua justiça para que estejamos a chamá-lo de injusto? Por outro lado, você o acusou de surdo aos seus apelos. Deus, porém, responde todas as vezes, e sempre com a finalidade de afastá-lo do mal. Ele não é injusto, e se assim parece algumas vezes é apenas para dar uma chance aos verdadeiros injustos para que se arrependam.

Eliú, então, passou a censurar a atitude de Jó perante Deus, já que ao pecado do orgulho acrescentara o da revolta.

– No que imagina que a sua injustiça poderia afetar a Deus? E mesmo quando agisse com justiça, o que poderia, com isto, dar ao Senhor dos céus e da terra? Eis a razão pela qual Deus não o tem escutado – completou Eliú. – O seu orgulho e auto-suficiência têm impedido que seu clamor chegue aos ouvidos

Dele.

Jó, entretanto, não pensava em nada disso, e permanecia firme no seu pensamento, o que certamente deve ter obrigado Deus a manifestar-se, finalmente, ele próprio, para tentar pôr um ponto final naquela querela – o que fez logo depois de uma breve e retumbante introdução de relâmpagos e trovões.

Deus, entretanto, agira diferente. Em vez de valer-se de respostas, como um reles argumentador, optara por fazer a Jó uma série de perguntas desconcertantes (destinadas, por certo, a colocá-lo em seu devido lugar).

– Se tu és homem, estejas pronto: vou interrogar-te, e tu me responderás!

Jó, em que pese o medo, podia dar-se por satisfeito, pois conseguira finalmente ter uma conversa direta com seu algoz divino, livre de intermediários ineptos.

Então Deus começou a interrogá-lo, e nesse longo inquisitório fez-lhe mais de cinquenta perguntas absolutamente irrespondíveis. Pois qual ser nascido de homem teria sabedoria bastante para responder a uma única pergunta do Onipotente Criador do Céu e da Terra? Quem poderia responder a um tal e portentoso Ser qualquer coisa que só Ele poderia saber? Como poderia saber, por exemplo, onde estava quando Deus lançou os fundamentos da Terra? Como poderia dizer quem fechou as portas do Mar quando suas águas foram lançadas sobre a Terra? Poderia, por acaso, dar ordens à Manhã ou indicar à Aurora o seu lugar? O que poderia saber uma tal criatura acerca de passeios impossíveis dentro das nascentes do Mar ou das profundezas do Abismo? Como poderia ter franqueado um dia as portas da Morte ou visto os umbrais das Trevas? Poderia, pobre formiga, ter aferido a extensão de toda a Terra? Poderia, reles mortal, informar onde ficam a casa da Luz e a morada das Trevas? Saberia indicar onde se escondem os depósitos da Neve e do Granizo, que o Senhor guarda para o tempo da angústia? Saberia informar quais caminhos tomam a Luz ou o Vento sobre a terra? Ou quem é o pai da Chuva e das gotas do Orvalho? Ou, quem sabe, ainda, determinar o curso dos astros do Zodíaco? Conheceria, porventura, as leis do Céu a ponto de determinar sua influência sobre a Terra? Ou teria mando sobre os Raios para que a uma só palavra sua acorressem todos em numerosas hostes, a dizerem: “Eis-nos aqui!”? Teria sido ele a colocar a sabedoria nas entranhas do íbis ou a inteligência na cabeça do galo? Ou teria ele o poder de entornar os odres do Céu, transformando em lama e torrões a poeira da Terra? E quem caçava, afinal, a presa para a leoa e seus filhotes, ocultos nas brenhas de seus covis? Quem depositava o alimento no bico dos pequeninos corvos quando estes vagueavam esfomeados? Seria ele, ser limitado, conhecedor

do prazo no qual as cabras procriam no alto dos rochedos? Fora ele, por acaso, quem soltara as rédeas da Natureza que mantinham preso o asno selvagem? Teria ele o poder de manter amarrado em suas correias o touro indomado? Ou seria ele quem infundira a força ao cavalo, revestindo de crinas o seu largo pescoço? Seria ele quem o fazia pular alto como o gafanhoto? Ou seria graças à sua pobre sabedoria que o falcão se revestia de penas, estendendo suas asas para o sul? Imaginaria, então, que era graças a sua própria arte que a águia se alçava às nuvens, construindo seus ninhos nas alturas inacessíveis?

Deus fez uma ligeira pausa em seu discurso, antes de retomá-lo, nestes termos:

– Então, quem censura o Poderoso, quer ainda discutir? Pois seja! Quem acusa o próprio Deus, deve agora responder!

O pobre Jó estava curvado sob o poder daquele jorro tremendo. Incapaz de responder a qualquer das perguntas, foi num fio de voz que se dirigiu ao seu poderoso interpelador.

– Sim, fui leviano ao vos falar – disse ele. – O que poderia, pois, vos responder? A partir de agora selarei a boca com a minha mão.

O Senhor, contudo, ainda afrontado e absolutamente indiferente à submissão do seu servo, retomou imediatamente o seu desafio acachapante.

– Enrijece a tua espinha como um valente, pois vou interrogar-te uma vez mais. Pode ser que agora consigas me instruir!

Jó encolheu-se ainda mais, como quem vai receber sobre a cabeça e os ombros uma nova remessa de um enxurro esmagador.

– Pretendias, então, condenar minha justiça na tentativa vã de te justificar? – disse o Senhor, encolerizado. – Por acaso tens um braço igual ao meu ou uma voz que troveje igual à minha? Tens a minha majestade, que com um simples olhar abate o arrogante, esmaga o soberbo e humilha o ímpio, onde quer que ele se esconda?

Deus disse, então, a Jó que escutasse a descrição que ele faria do Beemot, “a obra-prima dos seus feitos”. Beemot era um animal mitológico, misto de hipopótamo e rinoceronte, que, a exemplo do Leviatã – ser igualmente exótico e aparentado ao crocodilo, com olhos e boca chamejantes –, Deus descreveu magnificamente, destacando seus atributos de ferocidade e indomabilidade.

Tinha o Homem o poder de pôr freio a qualquer uma dessas criaturas aterradoras?, perguntou o Criador, logo em seguida. Ele, no entanto, pudera fazê-lo! Deus – e só Deus! – pudera dominar essas duas feras colossais, verdadeiras personificações do mal. Sem Deus – parecia Ele querer dizer –, Jó e

todas as demais criaturas estariam à inteira mercê do mal que elas tinham o poder de espalhar.

Deus encerrara, finalmente, o seu nutrido discurso. Sem ter respondido diretamente à questão central que Jó propusera, conseguira, ainda assim, triunfar brilhantemente frente ao seu minúsculo oponente.

“Deus era Deus e o homem não era Deus.” Tal era o resumo de tudo quanto dissera, verdade que Jó tivera de aceitar humildemente.

– Reconheço que o Senhor pode tudo – disse Jó, não vitorioso, mas enfim pacificado. – Quem sou eu para obscurecer o vosso projeto? Quem sou eu para falar das maravilhas que ultrapassam o meu conhecimento?

Sim, Jó via um farelo de pedra enquanto o Senhor via o universo inteiro. Como poderia Jó, então, argumentar e debater com esse ser infinitamente superior?

Mas ao mesmo tempo em que estava humilhado, Jó também exultava. Afinal, conseguira fazer com que Deus se dignasse, ao menos, a lhe dirigir a palavra. A exemplo de Jacó, lutara com Deus até arrancar-lhe a bênção.

Os olhos de Jó estavam marejados de lágrimas quando dirigiu a Deus suas últimas palavras, antes de ser resgatado do triste estado em que se encontrava.

– Eu o conhecia só por ouvir dizer. Mas agora, vejo-o com meus próprios olhos!



Depois da reconciliação, Deus censurou asperamente aos interlocutores de Jó, porque não haviam falado corretamente Dele, como fizera seu servo Jó.

– Ofereçam um holocausto a mim, e meu servo Jó intercederá por vocês.

E agora vejam como se passam as coisas neste mundo: Jó, que questionara a Deus, passara, agora, à condição de intercessor dos seus ineficientes “defensores”.

– Em atenção a ele não tratarei como merece a sua insensatez – disse o Senhor, deixando bem claro a quem agora mais apreciava.

Depois disso Jó teve tudo quanto perdera duplamente restituído, recebendo a visita da multidão de parentes e amigos que até então haviam se

mantido afastados. Eles jantaram com ele, e enquanto comiam largamente, consolavam-no, também, de sua antiga desgraça, tendo-lhe ofertado cada qual uma moeda de prata e um brinco de ouro. Abençoado com outros dez maravilhosos filhos (já que os seus primeiros filhos haviam perecido por conta da aposta divina), Jó viveu até os 144 anos, cumulado de bens e de bênçãos.

Ignora-se se a disputa celestial teve fim após esse desfecho feliz. Mas não é inteiramente ilícito supor que o orgulhoso Satanás tenha se sentido plenamente vitorioso, já que, salvo melhor juízo, a história de Jó comprovara, ao fim e ao cabo, a tese satânica de que não existe fé gratuita e desinteressada. Afinal, não fora por ter se submetido novamente a Deus que Jó recebera de volta, e em dobro, a sua antiga riqueza? E não é em troca de sua sinceríssima fé que os devotos do Senhor receberão o prêmio da vida eterna?

DO LIVRO DE TOBIAS

65. A HISTÓRIA DE TOBIAS

Havia, no tempo do exílio, um homem justo chamado Tobit. Descendente da tribo judaica de Neftali, ele protagonizou uma história que é, ao mesmo tempo, a história de sua vida e também a de como a fidelidade ao seu Deus fez com que todas as suas adversidades tivessem um fim.

Os assírios haviam conquistado a Palestina, expulsando os hebreus da terra que o Senhor lhes dera em herança, desde os dias antigos de Abraão. “Pecamos e pagamos pelo pecado reiterado de darmos as costas – oh, e por quantas vezes! – ao nosso Deus”, pensava Tobit, sempre que refletia sobre a desgraça. Não havia, de fato, um único deles que não tivesse consciência da justiça que se fazia no instante em que viram suas famílias serem expulsas de suas casas para irem habitar numa terra estrangeira.

Vivendo entre um povo hostil, tiveram os judeus de se acostumar a suportar os maus tratos e o preconceito. Embalados pelas promessas de alguns profetas, que seguiram junto com o povo para Nínive, iam os degredados levando suas vidas como quem carrega um fardo, suavizado apenas pelo consolo que lhes dava a fé renitente que guardavam em seus corações de que um dia o Senhor se apiedaria deles todos, permitindo que retornassem às suas casas. Sim, pois apesar das rudes provações, podiam sentir eles a presença divina a acompanhá-los em cada momento de sua humilhação.

Fiel às promessas do Senhor, Tobit manteve-se fiel também à prática do bem, pois sabia que o Senhor amava a justiça. O Senhor era um deus justo e queria que seu povo praticasse a justiça. Por isso Tobit jamais deixou de dar esmolas a seus pobres irmãos, que se encontravam em situação pior do que a dele, no país dos assírios.

Tobit era casado com uma mulher chamada Ana, à qual Deus presenteou com um belo menino que se chamou Tobias. Desde que colocara os pés na terra dos assírios, Tobit mantinha-se fiel aos preceitos do Senhor, e devido a isso terminou por cair nas graças do rei Salmanasar, tornando-se fornecedor do seu palácio. Entretanto, apesar de gozar da simpatia do opressor, nem por isso Tobit deixou de colocar sempre adiante os deveres para com a sua gente. Além de dar esmolas, como já se disse, também nunca deixava de providenciar sepultura para qualquer deles que fosse lançado fora dos muros de Nínive. E foi graças a isto que, algum tempo depois, terminou caindo em desgraça.

Senaqueribe, que sucedeu a Salmanasar, deu início a uma sangrenta perseguição contra os judeus, depois que a mão de Deus o humilhara na Judéia. Esse rei perverso mandou matar muitos judeus, de tal sorte que Tobit viu-se

obrigado a lhes dar, ele próprio, uma sepultura, às escondidas. Logo um delator avisou o rei, que mandou imediatamente buscar Tobit para que recebesse o castigo que lhe julgava devido. Apavorado, o judeu fugiu da propriedade onde vivia, que foi imediatamente confiscada para o tesouro real dos assírios (Senaqueribe, porém, logo teria seu castigo, pois algum tempo depois foi morto por seus dois próprios filhos).

Morto este tirano, assumiu o trono o seu filho, que deu a Aicar, sobrinho de Tobit, o alto cargo de administrador das finanças do reino, e foi graças a isto que o bom judeu pôde retornar à sua casa, sem saber que um novo dissabor o aguardava.

Durante a comemoração do Pentecostes, pois, estava Tobit tão agradecido ao Senhor que pediu a seu filho Tobias que fosse procurar pelas ruas algum pobre irmão que estivesse sem alimento, o que ele imediatamente fez. Entretanto, ao voltar, trouxe, em vez do mendigo, uma terrível notícia.

– Não encontrou nenhum irmão necessitado? – disse o pai.

– Meu pai, há um irmão nosso que foi estrangulado e lançado à praça pública! – respondeu o filho, profundamente consternado.

Abandonando a mesa, sem nem mesmo ter provado de qualquer iguaria, Tobit foi providenciar o enterro do irmão vilipendiado, o que só pôde fazer depois do pôr-do-sol. No dia seguinte, porém, seus vizinhos lhe censuraram asperamente a conduta.

– Quando é que vai parar com essa mania de ajudar os outros? Não aprendeu, então, a lição? – disseram eles, com medo, decerto, de que o possível infortúnio de Tobit pudesse vir a respingar-lhes.

Nessa mesma noite, devido ao calor, Tobit decidiu ir dormir no pátio de sua casa. Estando deitado, sentiu que algo caíra sobre seus olhos, logo descobrindo que eram os excrementos de pardais de um ninho colocado bem acima de sua cabeça. Como resultado, surgiram algumas manchas brancas em suas vistas, que logo se disseminaram, a ponto de levarem-no à cegueira.

Desde esse dia, inutilizado que estava, viu-se obrigado a depender de seu poderoso sobrinho para sobreviver, além de contar com o inestimável auxílio de sua esposa, que fez o que pôde para fiar a lã e vender a seus patrões para ganhar algum dinheiro que ajudasse no sustento da casa.

Ora, numa dessas vezes, além de receber o salário habitual, a esposa recebera também um cabrito das mãos de um dos seus patrões. Tobit, entretanto, não quis que aquele animal permanecesse em sua casa, com receio de que os acusassem de furto, e isto acabou sendo o início de uma lamentável discussão.

– Até quando vai bancar o orgulhoso? Diga-me, onde está o resultado de suas boas ações? – disse ela, encolerizada.

Desolado, Tobit recolheu-se a seus aposentos, onde pôs-se a orar fervorosamente ao Senhor, implorando-lhe que não se vingasse nele por causa dos grandes pecados que tanto ele quanto seus antepassados haviam cometido contra o seu santo nome.

Nesse dia, Tobit pediu a morte ao Senhor, pois não suportava mais viver sob tamanha aflição, além de ser alvo constante de tantos insultos, até mesmo dentro de sua própria casa.



Na mesma ocasião, uma jovem chamada Sara, que vivia em Ecbátana, na Pérsia, também era insultada em sua própria casa por uma das criadas de seu pai.

Sara estava sob o peso da maldição do demônio Asmodeu, que impedira a consumação do seu casamento com sete maridos, e andava tão nervosa com esses dissabores repetidos que resolvera descarregar sobre a criada. Esta, contudo, lhe retrucou à altura.

– Que tenho eu a ver com seus insucessos matrimoniais para que me maltrate o dia inteiro? – dissera a criada. – Deve ser você mesma quem mata seus maridos antes de ter prazer com eles! Por que não vai juntar-se a eles em vez de me oprimir?

Diante da afronta, Sara sentira-se tão desgostosa da vida que decidira enforcar-se. Mas, a meio caminho, mudou de idéia, para que não pesasse ao pai mais este desgosto, preferindo orar ao Senhor para que Ele mesmo a retirasse desse mundo.

E tudo isso porque Sara, a exemplo de Tobit, preferia morrer a receber uma desfeita.



Tanto Tobit quanto Sara devem ter orado com muito fervor, pois na mesma noite o Senhor decidiu atender as suas orações. O anjo Rafael foi enviado para limpar a cegueira do pai de Tobias e acorrentar o demônio que oprimia a jovem de Ecbátana, sete vezes viúva.

No dia seguinte, Tobit, ainda cego, mandou chamar seu filho para lhe dar uma importante incumbência, pois tinha certeza de que iria morrer (já que havia pedido a morte ao Senhor, e o seu deus era um deus que nunca falhava).

– Quero que vá até Rages tomar de volta um dinheiro que lá investi – disse o pai.

Antes, porém, que partisse, Tobias teve de escutar de seu pai um longo sermão, como era de praxe naqueles distantes dias. O velho Tobit passou em revista todos os bons conselhos já dados a um jovem desde que o mundo é mundo, pondo uma ênfase especial no dever da caridade. Advertiu também ao filho de que deveria casar-se, quando decidisse fazê-lo, com uma jovem da mesma raça de seus pais.

– Em todas as circunstâncias bendiga ao Senhor, pedindo-lhe que torne retos os seus caminhos – acrescentou o velho Tobit, pondo um fecho piedoso ao seu discurso.

Tobias escutou com infinito gosto a pregação paterna, mas isso não o impediu de meditar sobre a parte prática da empreitada, que o velho Tobit descuidara.

– Como farei esse homem confiar em mim a ponto de me entregar o dinheiro, passados que são vinte anos desde a feitura do negócio? E como farei para chegar lá, se não sei para que lado fica essa cidade?

Tobit deu-lhe, então, a metade do documento onde ele e o sócio haviam firmado o negócio.

– A outra metade ficou com ele, junto com o dinheiro. Quanto a achar a cidade, procure aqui mesmo um guia que vá contigo. Eu pagarei o seu salário.

Tobias procurou um guia e o encontrou, afinal, na pessoa do anjo Rafael, que Deus colocara à disposição do jovem. Tobias, no entanto, não soube quem ele era, e tratou de ir logo apresentá-lo ao pai como um israelita qualquer.

– A que tribo você pertence? – disse o velho, pois, como vimos, era muito cioso em questões de descendência.

– Que lhe importa a minha tribo? – disse o anjo disfarçado, com certa rispidez.

Mas Tobit insistiu tanto nesse ponto que o anjo do Senhor não hesitou em mentir descaradamente, afirmando ser filho de um irmão do velho, resposta que alegrou a este sobremaneira.

– Seja muito bem-vindo! – disse o velho cego, que fixou ali mesmo uma remuneração generosa ao pretenso guia.

A mãe de Tobias, no entanto, mostrou-se desconsolada com a partida do filho.

– Por que afasta de nós o arrimo de nossa velhice? – perguntou ela, muito preocupada com o filho.

Tobit, contudo, a fez ver que tudo aquilo era para o bem de todos, e que o filho seguiria viagem protegido por um bom anjo (o que era uma força de expressão, pois não sabia que tal aconteceria de fato).

Tobias partiu, assim, junto com o anjo no rumo da cidade onde vivia a jovem Sara, a esposa infeliz de sete maridos mortos. Atrás deles seguia o cão do primeiro, que por antiquíssimo dever de fidelidade resolvera seguir os passos do seu dono.



Tobias e o anjo – que disse chamar-se Azarias – caminharam bastante, seguidos sempre pelo cão, até que chegaram, já de noite, às margens do rio Tigre. Exausto, Tobias tomou a iniciativa de ir lavar os pés nas águas do famoso rio, e ali esteve durante um bom tempo até que um peixe enorme saltou-lhe de repente sobre o pé –, mais especificamente, sobre o dedão do pé.

– Ai! Ai! – disse o jovem, pondo-se a saltitar de lá para cá com o peixe no seu dedão do pé.

Azarias logo viu-se atraído pelos gritos do jovem.

– Cuidado! Não o deixe escapar! – disse o anjo disfarçado.

Na verdade, era o peixe que não parecia disposto a deixar o jovem escapar, tal a gana com que se prendera ao seu pobre dedão.

Tobias, entretanto, venceu o terrível duelo, e logo tinha o peixe em suas mãos.

– Abra-o e guarda contigo o coração, o fígado e o fel – disse Azarias, o

anjo. – O resto jogue fora.

– Por que devo guardar essas três coisas? – disse Tobias, intrigado.

– O coração e o fígado queimados têm o dom de afastar os maus espíritos – disse o anjo –, enquanto que o fel, uma vez passado sobre os olhos de uma pessoa cega, tem o dom de restituir-lhe a visão.

Um peixe verdadeiramente providencial, eis o que era. E assim os dois seguiram juntos – levando sempre o cão – até chegarem a Ecbátana, a cidade do seu destino.

– Enfim, chegamos a Ecbátana – disse o anjo. – Agora ouça: passaremos a noite na casa de Ragüel, parente de teu pai, que tem uma bela filha chamada Sara. Essa pobre jovem tem sido acometida por um mau espírito, que já lhe levou sete maridos. Caberá a você tomá-la como esposa, conforme manda a lei de Moisés, pois é o seu parente mais próximo.

– Serei eu, então, o oitavo marido? – disse Tobias, alarmado.

– Sim, é o que manda a lei – disse Azarias, de maneira franca. – Seu pai irá se alegrar muito com esse casamento, já que a jovem pertence à sua raça.

– Mas e se esse demônio enciumado resolver tornar-me a oitava de suas vítimas? – disse Tobias, num justo reparo ao plano. – Como poderei deixar meu pai e minha mãe sem seu único filho?

Tobias, como podemos ver, pensava exclusivamente no pai e na mãe, e não em si próprio, o que dá bem a medida de seu maravilhoso caráter.

– Não se preocupe com esse demônio – disse o anjo. – Assim que entrar em seu quarto, tome do coração e do fígado do peixe e coloque-os sobre o incensório. Assim que o cheiro se espalhar, o demônio abandonará para sempre a vida dessa jovem e vocês dois poderão ser felizes para sempre como marido e mulher.

Então Tobias concordou em fazer o que o anjo dissera e ambos foram apresentar-se a Ragüel, que ficou imensamente feliz ao ter diante de si o filho de seu irmão Tobit, e mais ainda ao saber que o jovem pretendia desposar sua filha.

– Esteja tranqüilo, pois a ninguém mais caberá a mão dela senão a você – disse o tio de Tobias, enquanto estavam todos à mesa, saboreando um delicioso carneiro do rebanho do pai da doce, porém infeliz, Sara.

Logo em seguida, ela foi trazida à presença de Tobias, que ficou encantado com a beleza da prima. Ela, por sua vez, apesar da timidez, também mostrou-se muito agradada da pessoa do seu primo.

Tobias e Sara casaram-se na mesma noite, após Ragüel haver firmado o contrato de casamento à vista de todos.

– Agora Sara é sua esposa – disse o tio de Tobias, mandando preparar imediatamente o quarto para que o casal pudesse efetivar o matrimônio.

Tobias, contudo, levava consigo o coração e o fígado do peixe – que ele havia salgado previamente, a fim de evitar o mau odor. Assim que entrou no quarto de núpcias, fez como o anjo dissera, depositando os dois órgãos do peixe morto sobre as brasas do incensório. No mesmo instante, uma fumaça espessa ergueu-se e inundou o quarto, sufocando de tal modo o demônio Asmodeu – que estava escondido, à espreita, para liquidar com o oitavo rival – que este não teve outro remédio senão fugir do local com as mãos na garganta, indo refugiar-se nas regiões mais remotas do Egito. Ainda assim, o anjo Rafael seguiu-o em suas pegadas e só o abandonou depois de havê-lo amarrado e deixado bem preso numa cova profunda.

Enquanto isso, no quarto, a jovem Sara, conduzida pela mão de Tobias, pôs-se a orar ao Senhor junto com ele. Depois de cumprida a devoção, entregaram-se ambos às delícias da noite a que faziam jus como marido e mulher que agora eram perante Deus e os homens.



Na manhã seguinte Tobias foi despertado pelo ruído de pás a cavarem algo no terreno próximo da casa. Era seu novo sogro, que, junto com alguns criados, cavava a cova do genro, certo de que sua filha já estaria, a essa altura, viúva pela oitava vez.

Uma das criadas foi enviada ao quarto do casal para certificar-se de tudo, mas quando retornou, trazia o semblante radiante.

– O jovem ainda está vivo, sim, e muito bem vivo! – disse ela, com o ar de quem sabia o que dizia.

Ragüel e sua esposa bendisseram ao Senhor por ter afastado o mal daquela casa, mandando imediatamente aos servos que tornassem a encher de terra a cova, já que não haveria mais morto algum a sepultar. Depois começaram os preparativos da festa das bodas, que deveria estender-se por quatorze dias.

No mesmo dia, Tobias pediu a Azarias que fizesse o resgate do dinheiro junto ao sócio de seu pai – que era o motivo principal da viagem –, enquanto ele

e Sara aguardavam a sua volta, o que se deu alguns dias depois.

Tobit, entretanto, bem como sua esposa, estavam já imersos em grande aflição diante da demora do filho.

– Já não vive mais o meu filho! – gemia a mulher, inconsolada, enquanto o pai estava também com a pulga atrás da orelha, embora tentasse acalmar a esposa – e mais ainda a si próprio – dizendo que logo o jovem estaria de volta.

– É mentira, meu filho morreu! – dizia a mulher, sem querer mais comer nem dormir enquanto não visse a silhueta do filho apontar no horizonte.

E somente quando a noite misturava tudo num negror único ela recolhia-se para dentro de casa, a chorar a perda do filho.

Mas, enfim, terminaram os festejos em Ecbátana, e o jovem casal partiu no rumo da cidade de Tobit para lhe dar a boa nova.

– Que eu possa ouvir somente boas notícias suas, enquanto eu viver! – disse o velho Ragüel, ao despedir-se da filha.

O casal seguia viagem até chegar próximo a Nínive, quando o anjo Rafael – que ninguém ainda cuidara de saber quem era, de fato – disse a Tobias:

– Vamos à frente a fim de preparar seus pais para a sua chegada – disse ele.

E assim seguiram exatamente como haviam saído – levando atrás de si inclusive o cão figurativo da partida –, até estarem ao alcance dos olhos da velha mãe de Tobias, que ao vê-lo apontar na distância pôs-se a bradar pelo esposo.

– Tobit! Tobit! Valha-nos Deus, que é nosso filho quem volta!

Logo pai, mãe e filho eram uma coisa só dotada de três pares de braços afetuosos a se afagarem com emoção. Nesse instante Rafael disse a Tobias que tomasse do fel do peixe e o aplicasse nos olhos do velho pai, o que ele fez imediatamente.

– Não se preocupe, meu pai – disse o filho, aplicando o ungüento nos olhos do pai.

Não custou muito e logo as duas manchas brancas que obstruíam a visão de Tobit caíram como por mágica e Tobit pôde ver novamente o rosto do seu filho.

– Bendito seja o Senhor, que posso ver novamente a meu filho, luz dos meus olhos! – disse o velho Tobit, que só não via ainda perfeitamente o filho por causa da cortina de lágrimas que haviam substituído a película amarelada.

Tobias conversou longamente com seus pais, e lhes deu, entre outras tantas boas notícias, a principal delas, qual seja, a de que estava casado com Sara, filha de seu tio.

Tobit quase sentiu-se desfalecer de alegria e de ansiedade.

– Onde está minha nora? – disse ele, pondo-se em pé como que impelido por uma mola.

No mesmo instante, Tobias levou seus pais até o portão de Nínive, onde Sara já os aguardava.

– Seja bem-vinda, minha nova filha! – disse Tobit, abraçando a jovem Sara, que seguiu num alegre cortejo até a casa do sogro.

Mais sete dias de festejos coroaram a boda feliz, de modo que durante todo esse período só houve júbilo naquela família. Mas faltava, ainda, recompensar ao guia que acompanhara Tobias em sua feliz expedição, de forma que logo Tobias pôs-se a procurar Azarias, que era o nome pelo qual o anjo se dera a conhecer.

– Aqui está o prêmio pela sua dedicação – disse Tobias, entregando-lhe nada menos que a metade de tudo quanto Tobias havia conseguido trazer de sua viagem.

Então Azarias recebeu a ordem de Deus para que deixasse de ser Azarias e voltasse a ser Rafael, um dos sete anjos santos que estavam diante do trono luminescente do Senhor. E foi nesse estado que comunicou toda a verdade ao pai e ao filho, asseverando que tudo quanto se passara, de bom e de ruim, fora com o único propósito de pôr à prova a fidelidade de Tobit.

– Desde o instante em que você abandonou a mesa de sua fartura para ir dar sepultura ao seu irmão morto que o Senhor decidiu pô-lo à prova para ver se a sua piedade era mesmo tão forte quanto seu gesto fazia indicar – disse o anjo, resplandecendo num fulgor maravilhoso. – O mesmo Deus, contudo, enviou-me para curar você e aquela que elegera desde sempre para ser a sua nora.

Depois de recusar a oferta, o anjo Rafael despediu-se com estas palavras:

– Foi Deus quem me colocou, desde o começo, no seu caminho. Bendizei-o, portanto, em todos os dias de sua vida, pois já subo para ir outra vez ao encontro Dele.

Tobit e seu filho estavam prostrados diante do anjo, e por isso não chegaram a vê-lo a desaparecer na vasta estrada anil e sem bordas que conduz ao céu.

Tobit desfrutou da felicidade em todos os dias que lhe restaram de vida – os quais não foram poucos, já que viveu até os 112 anos –, continuando a praticar todas as virtudes de caridade e amor à justiça que o haviam tornado um favorito do Senhor. Antes de entregar a alma ao Senhor, porém, disse a seu filho que tomasse a esposa e partisse para a Média assim que sua mãe fosse juntar-se a

ele, Tobit, já que Nínive estava destinada, segundo os oráculos dos profetas, a sofrer a ira do Senhor.

Tobias fez o que seu pai dissera, e tão logo sua mãe faleceu partiu com Sara para a cidade de seu sogro Ragüel, onde teve uma vida ainda mais longa que a de seu pai, já que viveu até os 117 anos de idade, cumulado de bens e de bênçãos.

DO NOVO TESTAMENTO

66. DE COMO MARIA DE NAZARÉ CONCEBEU JESUS

A vida de Jesus Cristo está descrita nos quatro evangelhos, compostos por Mateus, Marcos, Lucas e João. Os três primeiros são tão parecidos que foram chamados de “sinóticos” (já que é possível extrair-se deles uma sinopse única, mais ou menos coerente). O de João, no entanto, difere em tantos pontos (especialmente na cronologia), que torna-se impossível conciliá-lo com os demais. Se ele afirma, por exemplo, que o episódio da “purificação do Templo” (ou dos “vendilhões”) aconteceu no início da pregação de Cristo, enquanto os outros afirmam que foi no fim, não há como conciliar isto (a menos que se siga a lição dos fundamentalistas, que não podendo admitir contradição alguma na Palavra Divina, costumam resolver o problema estabelecendo *duas purificações* – uma no começo e outra no fim –, submetendo, assim, os pobres vendilhões a duas sessões de fúria divina).

Decididos, pois, a não enveredar nessa selva cronológica, resolvemos adotar uma cronologia simplificada (nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo), agrupando os episódios dispersos de sua pregação em blocos temáticos, sem grandes preocupações com a exatidão temporal, já que, no nosso entendimento, o que realmente importa são os feitos e idéias do homem que um dia se disse o Messias.

Vivia-se os últimos anos do reinado de Herodes I, na Palestina, então parte integrante do grande Império Romano. Apesar de gozarem de uma relativa autonomia, os judeus estavam longe de ser um povo livre, mal suportando o peso da sujeição a Roma, que se manifestava por meio de altos impostos e da ocupação militar da Judéia. Apesar disso, Herodes fora hábil o bastante para permitir aos judeus a livre prática de sua religião, tendo, inclusive, autorizado a reconstrução do Templo, que era o centro religioso da comunidade judaica.

Por esta época também estava prestes a ocorrer um fato que iria mudar não só a história do judaísmo, mas da própria humanidade. Tudo começou com um casal de judeus, até então obscuro, que padecia de um problema que mais de uma vez fora o prenúncio de acontecimentos extraordinários: a esterilidade. Zacarias era sacerdote do Templo e vivia com sua mulher Isabel. Ambos já tinham uma idade bem avançada, mas ainda assim sonhavam com a possibilidade de ter um filho.

Zacarias, às primeiras horas da manhã, preparava-se para mais um dia de

trabalho e oração; depois de pegar o seu bordão, o velho sacerdote tomara o rumo do Templo, com o pensamento voltado para Deus e seu dilema pessoal – duas coisas naturalmente indissociáveis.

Ao entrar no Templo, entretanto, Zacarias deparou-se com a figura inequívoca de um anjo. Sim, um anjo estava postado ao pé do altar, bem à sua frente, fato que bastou para fazer com que o sacerdote arregalasse de maneira apreciável seus olhos de pupilas castanhas razoavelmente desbotadas.

– Não tenha medo! – exclamou a figura etérea, pois conhecia perfeitamente o pavor que assaltava a alma dos judeus todas as vezes que se viam diante do seu Deus ou de um de seus misteriosos mensageiros. – Sou o anjo Gabriel e vim para lhe dizer, em nome do Senhor, que suas preces foram atendidas.

Anjos eram mensageiros do Senhor, e Zacarias conhecia várias histórias sobre eles, relatadas nas escrituras. Dessa feita, porém, havia uma novidade: o anjo apresentara-se com um nome. “Sou o anjo Gabriel”, dissera ele. Ora, ao que ele lembrasse, nunca antes anjo algum havia se apresentado com um nome próprio. Zacarias sempre os tivera na conta de entes despersonalizados, quase como extensões do próprio Deus, e agora lhe aparecia esta bela novidade: um anjo com nome. Mas Zacarias não teve muito tempo para refletir sobre isso, pois logo o anjo recomeçou a falar.

– Sua mulher Isabel dará a luz à um filho que se chamará João – disse o anjo. – Como Elias, ele será grande aos olhos do Senhor e anunciará a chegada de outro que será ainda maior do que ele.

– Mas é impossível a um casal da nossa idade gerar um filho! – interrompeu-o o sacerdote, esquecido das histórias de Abraão, Isaac, Jacó e dos pais de Sansão.

– Não foi isto que pediram todas as noites? – disse o anjo, impassível.

– Sim, sim! – respondeu o velho sacerdote.

– E não estou aqui, enviado pelo Senhor, para comunicar a vocês essa boa nova?

– Sim, sim!

– Então por que ainda duvida?

“Duvido porque é próprio de um judeu duvidar dos milagres do seu deus, ainda que ele os esfregue em seu nariz”, poderia perfeitamente ter respondido Zacarias, mas não o fez, com o que perdeu uma bela oportunidade de tentar evitar o castigo que estava prestes a desabar sobre si.

– A bênção recairá sobre sua esposa, mas você não terá a felicidade de lhe

dizer isto, já que duvidou da palavra do Senhor.

Zacarias quis ainda argumentar, mas sua língua tornara-se morta dentro da boca e ele não pôde articular som algum, de maneira que foi assim, de boca aberta e olhos arregalados, que o pobre felizardo observou o anjo Gabriel desvanecer-se junto com a fumaça que subia em ondas do incensório.

Só então Zacarias caiu em si e, arrependido de sua pouca fé, correu para fora, onde os fiéis estavam rezando. Ali, postou-se sobre a escada de pedra e ficou a gesticular para os devotos, tentando atrair-lhes a atenção.

– Vejam, Zacarias acena para nós! – disse alguém.

– Homem de Deus, ele está completamente mudo! – disse outro.

– Deve ter tido uma visão! – disse um terceiro, acertando na mosca.

Desde esse dia Zacarias passou a comunicar-se com o mundo somente por meio de gestos, inclusive com sua mulher, que chegara a temer pela sanidade do marido quando este chegara em casa e apontara o dedo para o seu ventre murcho com o ar risonho dos dementes.



Decididamente, algo verdadeiramente estranho estava para acontecer. Isabel já estava no sexto mês da gravidez quando Deus decidiu que também a sua prima Maria, habitante da Galiléia, haveria de tornar-se mãe. Maria era virgem e estava prometida em casamento a José, da casa de Davi, mas dessa vez o Senhor decidira obrar algo verdadeiramente assombroso. Foi assim que ordenou a Gabriel que retomasse outra vez a sua função de arauto da maternidade.

Maria não era, decerto, a jovem loira e de aspecto ariano que a piedosa iconografia católica nos acostumou a idealizar. De pequena estatura, tez morena e cabelos escuros, a jovem possuía, porém, como todas as moças de sua raça, traços marcadamente semitas, que sua juventude devia tornar bastante atraentes. A par disso, era uma jovem piedosa que cumpria regularmente os atos de devoção de sua religião, orando fervorosamente a Jeová e procurando levar uma vida “reta”, como cumpria a uma jovem daqueles dias de sufocante rigidez moral.

Naquela manhã, Maria caminhava placidamente pelo pátio de pedra de sua casa, trajando um leve manto azul e branco e carregando um grande cântaro. No seu pensamento erravam idéias vagas sobre o futuro – e o que mais poderia passar na mente de uma jovem quase sem passado? – quando foi surpreendida pela brusca aparição do anjo do Senhor. Maria ficou tão surpresa com aquela presença inequivocamente sobrenatural, que deixou cair o cântaro que segurava, o qual se partiu em cacos aos seus pés:

– Salve, Maria! Nada tema, cheia de graça, pois o Senhor está contigo! – disse o anjo, erguendo o braço.

Maria estava estática, sem entender direito o que se passava.

“Que tenho eu com Deus para que me dirija a palavra?”, pensou ela, confusa.

– Deus escolheu você para ser a mãe do seu filho unigênito.

A jovem prostrou-se imediatamente aos pés do anjo.

– Levante-se Maria, pois você será a mãe do filho de Deus – disse o anjo.

– Ele se chamará Jesus e herdará o trono de Davi, reinando nele para sempre, sobre todas as gerações.

– Não entendo! – espantou-se Maria. – Como posso conceber, sendo virgem?

– O Espírito Santo de Deus virá sobre você, e por isso seu filho será chamado Filho de Deus – disse o anjo. – Para o Senhor nada é impossível, e a prova disso é que sua prima Isabel, velha e estéril, está já no sexto mês de sua gravidez.

Diante dessa notícia, Maria alegrou-se tanto que, pousando os olhos no anjo, respondeu-lhe mansamente:

– Que a vontade do Senhor se cumpra também em sua serva!

Completada a sua missão, o anjo retirou-se, enquanto Maria, felicíssima com a coincidência da vontade sua e do Senhor, correu para o seu quarto. Depois de cerrar cuidadosamente as cortinas, suspendeu o manto até descobrir inteiramente o ventre, que permanecia liso como o de uma menina. “Dele surgirá, também, um novo ser!”, pensava ela, suspendendo mais um pouco a veste até contemplar os seios delicados, que em breve estariam bem mais robustos para alimentar o pequeno ser que brotaria do seu ventre.

Maria estava feliz – humanamente feliz, pois não passava de uma adolescente, cujo sonho maior era o mesmo de todas as mulheres do seu tempo: o de ser mãe de uma criança, fosse humana ou divina.

No mesmo instante, a jovem correu, eufórica, até a sua mãe.

– Mamãe, vou passar uns tempos com a prima Isabel, até ela dar à luz o seu filho – disse a jovem, sem poder conter a euforia.

Maria estava em dúvida se contava ou não a sua mãe sobre a própria gravidez. Mas como explicar isso, sendo ela solteira e – pior ainda – virgem?

“Virgem e grávida? Está delirando?”, diria sua mãe, coberta de espanto.

E o povo, o que diria, então, santo Deus?! Oh, sim!, decerto que logo as pedras choveriam sobre si!

Maria fez rapidamente a sua trouxa e, depois de cobrir a cabeça com a mantilha branca, deu adeus à mãe, rogando-lhe que não se preocupasse com ela.

Assim que os primeiros raios de sol surgiram no horizonte, Maria já seguia pelo caminho montanhoso da Judéia, montada num jumento velho e meio cego que tentava escalar, a custo, a subida íngreme e pedregosa. A cesta de alimentos esbatia-se, enquanto a água transbordava da bilha de barro, num gotejar contínuo que ia saciar a sede da vegetação rala. Maria, porém, nada via, preocupada que estava com as conseqüências da sua insólita gravidez e com a maneira como daria a notícia a seu noivo José.

Nesse círculo tortuoso de pensamentos Maria rodou até finalmente avistar a casa da prima, já aos primeiros sinais do crepúsculo.

– Olá, primo! – disse a jovem, ao avistar o velho parente sentado na entrada da casa.

Zacarias abanou para ela, fazendo sinal para que entrasse. Um grande sorriso, produto de sua alegria recente, ainda iluminava o velho rosto barbado.

– A prima Isabel está em casa? – disse Maria, entrando na pequena casa, que, a exemplo da imensa maioria das outras, tinha o formato de um cubo caiado.

Isabel, atraída pelo alarido, avistou Maria da janela e rumou até a porta, no seu passo lento e pesado de gestante. Desde que engravidara, nunca mais a idosa senhora transpusera o umbral da porta ou ousara descer um dos quatro degraus de pedra que levavam ao pátio. Aqueles degraus, antes tão triviais, haviam se convertido nos últimos tempos numa terrível ameaça, e era sempre com um olhar próximo do ódio que ela observava de longe a pequena penugem esverdeada e escorregadia que o tempo acrescentara a eles.

Isabel deixou que sua jovem prima se aproximasse, deleitando-se com o ar de estupefação que se desenhava no rosto da visitante, e que ela, Isabel, muito compreensivelmente, tomava por uma certa inveja.

Maria, contudo, não sentia inveja alguma, vendo antes na felicidade da prima apenas uma confirmação da sua própria.

“Então é verdade tudo quanto o anjo profetizou sobre mim!”, pensou a jovem, e foi nesse estado de jubilosa vaidade que ambas se abraçaram.

Entretanto, dentro de Isabel algo remexeu-se intensamente, fazendo com que Maria, que estava abraçada ao ventre rotundo da prima, sentisse o vibrar intenso.

– Veja, veja...! – disse Isabel, afastando Maria, num ímpeto. – Meu filho pula de alegria em meu ventre!

Então as duas, por algum mistério reservado apenas ao seu sexo, coincidiram na opinião de que o bebê de Isabel regozijara-se com a proximidade do outro, que Maria ocultava já em seu ventre.

– Você também está grávida? – disse Isabel, num misto de alegria e pasmo.

Maria, que ficara tão eufórica com o último incidente, a ponto de esquecer tudo acerca das conveniências, confirmou alegremente.

– Sim, prima, aconteceu algo miraculoso! – disse ela, procurando não elevar demais a voz. – Estou não somente grávida, mas grávida do Senhor!

– Oh, minha querida, abençoada seja você! – disse Isabel, que parecia tomada por uma inspiração divina. – Meu filho se mexeu assim que ouviu sua voz! Bendito seja o fruto do seu ventre!

E foi nesse estado de exaltação quase mística que as duas mulheres entraram para dentro da casa, sob os olhares mudos de Zacarias e do exausto burrinho, que, alheio a tudo, ficara de rédeas soltas a pastar alguns solitários tufos de erva que encontrara pelo pátio.

– O que houve com meu primo que não mais fala? – perguntou Maria, depois que ambas haviam esgotado o primeiro paroxismo da maternidade.

Isabel e a prima observaram Zacarias entrar na estreita peça onde estavam.

– No dia em que ele perdeu a voz no templo foi que senti o primeiro sinal do fruto que trago em meu ventre – disse Isabel.

Zacarias acenava com a cabeça para confirmar que assim havia sido e tentava explicar o que mais havia acontecido no templo. Mas a única coisa que Maria entendeu foi o que todos já sabiam: que ele tivera uma visão no santuário e que sua voz desaparecera. Maria contou, então, que o mesmo anjo que havia aparecido a Zacarias havia também lhe anunciado o nascimento das duas crianças, a dela e a de Isabel.

– Bendita seja você e eu, que tenho a honra de receber em minha casa a mãe do filho de Deus! – exclamou Isabel, molhando as bochechas rosadas com

uma nova remessa de lágrimas.

– Mas você deve estar faminta! – disse a velha prima, alisando o rosto de Maria.

Em seguida, fez menção de ir apanhar lenha para levar ao fogo, certa de que seu esposo se adiantaria em fazê-lo, como de fato o fez. Isabel aproveitou a ausência momentânea de Zacarias para fazer nova indagação à visitante.

– Como fará, minha querida, para contar esse fato ao seu noivo? – disse Isabel, que temia já pela honra de sua jovem prima.

– Realmente não sei como o farei – disse Maria, que sentira subitamente todo o resto de alegria evaporar-se de sua alma.

Entretanto, algo lhe dizia que Deus, tendo-a colocado nessa situação constrangedora, não se furtaria a resolver tudo pelo melhor.

– Esqueça isso por ora, minha querida – disse a outra, alisando o cabelo desfeito da jovem. – Fique aqui por alguns meses e então tudo se resolverá.

– Cedo ou tarde o tempo tornará meu estado visível a todos os olhos – disse Maria, limpando o suor acumulado das pálpebras, ao mesmo tempo em que fixava os olhos no ventre abaulado da prima.

– O poder do tempo não é maior do que o poder de Deus! – exclamou Isabel, triunfalmente. – Não estou eu esperando um filho contra todas as leis do tempo?

Maria deu um sorriso condescendente.

– Tem razão – disse ela, aliviada por poder adiar por algum tempo o suplício de defrontar-se com seu noivo. Depois sentou-se no banco que Zacarias lhe oferecia, sem poder evitar um involuntário suspiro de pesar.

Maria esteve com Isabel durante os três meses que restavam a esta da sua gravidez, e quando se despediu a prima já estava nos últimos dias de gestação, exibindo uma barriga tão grande que a de Maria parecia miseravelmente plana, apesar de já estar saliente. Zacarias acompanhou Maria até a saída e a ajudou a montar no jumento, que abanou tristemente o rabo, sabedor de que teria de enfrentar novamente os pedregulhos e a renitente poeira da estrada.

Maria ainda olhava para trás quando a prima, que lhe acenava da janela, sorrindo com a cara redonda e inchada, desapareceu na distância, o que a obrigou a voltar seu olhar para a frente, e a partir daí só divisou o rosto severo de seu noivo José. Apesar do jumento andar num trote manso e devagar, Maria deixou-o seguir nesse mesmo ritmo, sem pressa alguma de chegar.

Quando Isabel acordou na manhã seguinte à partida de Maria, sentiu os primeiros sinais inequívocos do parto. A parteira foi imediatamente chamada e logo Isabel provou da delícia amarga pela qual tanto ambicionara. Contudo, apesar de sofrer algumas dores inevitáveis, tudo transcorreu bem para a esposa de Zacarias, que finalmente teve em seus braços o filho tão longamente esperado. Era um menino, conforme fora anunciado pelo anjo.

Logo ordenou-se que as portas de sua humilde casa fossem escancaradas de par em par, para que os vizinhos pudessem admirar o produto final da bênção que o Senhor derramara sobre a casa de Zacarias.

– É um belo menino, decerto – diziam todas as vizinhas, com maior ou menor grau de regozijo, já que havia algumas que, à boca miúda, acrescentavam este desagradável vaticínio – ...*Mas será que vingará?*

No oitavo dia o pequeno rebento foi circuncidado, conforme mandava a lei mosaica. Todos queriam dar-lhe o nome do pai, mas Isabel insistiu na negativa.

– Seu nome será João – disse ela.

– João?! – espantaram-se todos. – Nenhum de nossos antepassados têm esse nome!

Mas Isabel não arredava pé, até que Zacarias surgiu trazendo consigo uma pequena tabuinha de escrever.

– Vejam! Zacarias é quem vai decidir a questão! – disseram os homens, unanimemente aliviados. – Quem escolhe o nome é o pai da criança!

Todos espicharam o pescoço para enxergar o que Zacarias rabiscava com um instrumento pontiagudo na sua tabuinha revestida de cera. Então o nome surgiu na madeira, ante os olhares espantados de todos, espanto que chegou ao paroxismo quando Zacarias pronunciou, ele mesmo, o nome.

– Jo-ão! – disse Zacarias, que fora novamente agraciado com o dom da palavra.

– Louvado seja o Senhor! – disse Isabel, ao ver que Zacarias (e o próprio Deus) haviam adotado o seu ponto de vista.

– Louvado seja o Senhor! – repetiu Zacarias, sem conseguir mais parar de falar, pois estava iluminado pelo Espírito Santo.

O velho sacerdote profetizou, num cântico inflamado, que seu filho seria o anunciador do Messias que estava para vir e libertar o povo de Deus.

João, que mais tarde seria chamado de “o Batista”, passou a maior parte da infância e juventude no deserto, fortalecendo seu espírito para os dias de provação que sabia estarem reservados aos seguidores do Messias.

67. O ENCONTRO DE MARIA E JOSÉ

Após três meses de ausência, Maria de Nazaré retornou, enfim, para casa, depois de ter ido visitar sua prima que, a exemplo dela própria, também estava grávida. Maria decidira que era hora de enfrentar o grande problema, ao mesmo tempo sublime e angustiante, de abrigar em seu ventre um ser divino e de permanecer, contraditoriamente, uma mulher virgem. Montada no seu velho jumento, a jovem atormentada desceu a última encosta da montanha e se dirigiu à carpintaria, onde trabalhava seu noivo José. Na verdade, fora o burro quem, de livre vontade, dirigira seus passos naquela direção, o que surpreendeu a jovem.

“Certamente a esta hora não está mais trabalhando”, pensou ela.

Maria, no entanto, enganara-se. Assim que se aproximou da casa do noivo – que lhe servia, ao mesmo tempo, de carpintaria –, a jovem avistou-o, aplicado à tarefa de aplinar as últimas arestas de um grande pedaço de madeira, destinado a ser o assento de um comprido banco. As lascas de madeira juncavam o chão, metendo-se por entre os dedos dos pés do carpinteiro, que se esforçava para cumprir sua tarefa antes que o sol desaparecesse no horizonte.

Maria apenas observava o esposo (eles eram noivos, mas naquela época esse compromisso equivalia, para todos os efeitos, ao de uma união legal, a ponto de os noivos serem chamados de “marido e mulher”), procurando estudar a possível reação dele à notícia que lhe cumpria agora transmitir.

José era um homem bem mais velho que Maria, e ali, debruçado no trabalho, com a barba longa e suja de serragem, aparentava ser ainda mais idoso do que realmente era. As mulheres daqueles dias eram obrigadas, na maioria das vezes por injunções familiares, a casarem com homens bem mais idosos, e por isso Maria não se sentira demasiado infeliz ao saber que teria de casar com um homem às portas da velhice. Além do mais, velhice era sinônimo de honradez e continência (já que a lubricidade, mesmo no casamento, continuava a ser muito malvista).

Assim que ouviu um discreto relincho do jumento, José levantou os olhos vermelhos e avistou Maria montada no burrico. Imediatamente seu rosto iluminou-se num sorriso largo e inesperadamente infantil.

– Maria! Afinal, tenho-a de volta, depois de tanto tempo! E vem mais bela e cheia do que nunca! – exclamou o carpinteiro, largando a plaina e esfregando uma mão na outra para fazer cair a serragem. Depois, chacoalhou a barba com vigor, espalhando uma minúscula nuvem de poeira, que se tornou iridescente ao cruzar com uma réstia de sol.

– Mais cheia...? – repetiu ela, num visível desconcerto.

– ...mais cheia de graça! – emendou ele, com um sorriso gentil, sabendo que àquela jovem bela não estava vedada, decerto, alguma vaidade.

Maria, porém, não estava nem um pouco preocupada, ao menos dessa vez, com o lado estético de sua obesidade.

– José, preciso muito lhe falar! – disse ela, sem apear do burrico e dando graças a Deus por ter sobre si o manto que lhe ocultava a recente gravidez.

– Pois fale, Maria, fale sempre! – disse ele, estendendo-lhe os braços para ajudá-la a apear.

Maria fez um gesto débil de defesa, mas antes que pudesse impedir José já a tinha solidamente suspensa em seus fortes braços. Tão logo ele havia colocado a jovem de pé sobre o chão, o manto estendeu-se por sobre o corpo da esposa, tornando evidente o seu ventre proeminente.

– Estou esperando um filho – disse Maria, baixando os olhos.

– Um filho!? – balbuciou José, deixando cair os braços e recuando, sem conseguir compreender direito o que se passava.

Depois de alguns instantes, José pareceu recobrar o domínio suficiente de si para fazer a pergunta que faria qualquer outro homem em igual circunstância.

– Em nome de Deus!, espera um filho... *de quem?*

– Não sei explicar – disse ela, subindo o olhar até o queixo de José. – Sei apenas que não o traí, e que apesar de grávida permaneço virgem.

José continuou a olhar para a esposa com um olhar ainda mais aparvalhado.

– Maria, por favor, atente para o que está dizendo – disse, quase apiedado da ingenuidade da jovem.

– Não me pergunte mais nada, pois nem eu mesma saberia explicar-lhe – disse ela, convencida de que suas palavras cairiam ao chão e ali permaneceriam tão inúteis quanto as lascas de madeira espalhadas a seus pés.

No mesmo instante, ela tornou a montar no burrico, dando-lhe um tapa leve no lombo. O animal seguiu seu caminho com as orelhas caídas e o passo lento e cadenciado das alimárias.

José não fez um único gesto para retê-la, e ficou apenas observando-a

afastar-se, até que ela desaparecesse, envolvida pelo manto escuro da noite.

“Espera um filho que não é meu... mas diz que não me traiu... e que ainda permanece virgem!”, pensou José até a hora de pôr-se na cama, entrando noite adentro naquelas mesmas cogitações.

No dia seguinte, José entregou-se mecanicamente às suas tarefas, aplainando todas as madeiras abauladas que encontrava na oficina, até deixá-las lisas e retas como o ventre antigo de Maria, enquanto repetia de si para si as mesmas palavras: “Engravidou, permanece virgem, e ainda assim não me traiu”. Depois de repetir mil vezes para si esse triplo paradoxo, José chegou à conclusão de que deveria abandonar Maria silenciosamente para evitar o mal maior de ter de acusá-la publicamente de infiel.

Convicto da justiça dessa solução, o pobre carpinteiro foi deitar-se, mas tão obcecado estava pelo assunto que não tardou a ter um sonho quase tão estranho quanto o que sua jovem noiva tivera alguns meses antes. Diante dele surgiu um anjo resplandecente, o qual, sem identificar-se, lhe disse simplesmente isto:

– Nada temas, José, quanto a tua honra. O filho que Maria traz em seu ventre foi gerado pelo Espírito Santo de Deus e se chamará Jesus (“Deus-salva”), pois livrará teu povo de todos os pecados.

(O evangelista Mateus, que é quem nos conta essa passagem, acrescenta que tudo isso aconteceu para que se cumprisse a profecia de Isaías, que dizia que uma virgem ficaria grávida e daria à luz um filho chamado Emanuel – embora o profeta tenha usado a palavra “jovem”, em vez de “virgem”, no texto hebraico original, e o anjo tenha batizado o filho de Maria com outro nome bem diferente daquele profetizado por Isaías.)

De qualquer modo, José acordou-se convicto de que aquele sonho extremamente vívido era razão suficiente para desfazer todas as suas dúvidas. Não lhe passou pela cabeça, por exemplo, que ele pudesse ser uma ilusão arquitetada por algum demônio, ou muito menos uma criação tola e artificial de sua própria mente, coisa impensável naqueles dias em que um sonho podia ditar um destino. Maria estava grávida de Deus e seu ventre abrigava um menino prodigioso que se chamaria Jesus (ou Emanuel). Isto fora tudo quanto o anjo dissera e parecera explicação suficiente a José, que já às primeiras luzes do dia estava de pé para ir encontrar-se com sua adorada Maria.

O carpinteiro de Nazaré era agora um outro homem. Pai adotivo de um ser divino, sentia-se imensamente honrado com o encargo que Deus lhe outorgara. Não lhe passou pela cabeça um instante sequer, tão eufórico estava,

de que para o mundo a explicação ainda não havia sido dada – e tampouco de que pudesse ser crida com tanta facilidade quanto ele crera. Com toda a certeza nenhum anjo celestial surgiria para dizer ao povo maledicente: “Basta de murmúrios, eis que o filho que Maria traz em seu ventre não é fruto do pecado, senão da sua abençoada união com o próprio Deus de Israel!”. Mas nada disso passava pela cabeça de José quando ele rumou confiantemente ao pequeno espelho e pôs-se a pentear e aparar as cerdas enoveladas de sua barba grisalha. Ali estava um homem que *sabia*. Os outros eram pobres miseráveis que ignoravam, e por isso podiam perder-se livremente na teia disparatada de suas conjecturas. José, não. José era um homem tranqüilo, porque senhor da verdade. Um sorriso gnóstico de alegria foi surgindo lentamente em seus lábios, à medida que a tesoura ia desobstruindo a entrada da larga boca.

Completada a tarefa, o futuro pai de Jesus Emanuel foi, assobiando, procurar a sua doce Maria.



– Entre! Entre! Ela está lá dentro! – disse a mãe de Maria, recuando miúda e afobadamente para dar passagem ao corpulento pretendente da sua filha.

A velha mulher não cabia em si de felicidade ao ver José surgir com a barba meticulosamente aparada e o ar decidido de quem vem para assumir um compromisso. “Finalmente as coisas se encaminham para Maria, sem que ela tenha de enfrentar o mundo como uma réproba”, pensou a velha senhora, com um premonitório suspiro de alívio, ao mesmo tempo em que se cosia com a parede para deixar passar livremente o corpanzil do restaurador da honra de sua filha.

José entrou como um deus atabalhado naquele cubículo e foi encontrar Maria sentada num tamborete estreito colado à parede. Imediatamente as lágrimas turvaram sua vista e tudo o que conseguiu vislumbrar da noiva foi seu corpinho encolhido contra a parede e envolto por um halo enevoadado.

“Pobre menina!”, pensou ele, sentindo uma ternura imensa invadir seu peito robusto de carpinteiro. “Não deve ser fácil carregar ao mesmo tempo o filho de Deus e a vergonha de um enorme mal-entendido!”, pensou ainda,

misturando os dedos nervosamente, sem conseguir dizer uma única palavra.

Assim que Maria sentiu a presença de alguém, baixou os olhos cansados, como se a sua condição ambígua a obrigasse a desviar o olhar de toda criatura. Mas depois de alguns breves instantes viu o noivo diante de si, o que a deixou tão desconcertada que exclamou, intrigada:

– José...! O que faz aqui a esta hora?!

Na verdade a presença dele a teria espantado a qualquer hora, já que não era, de forma alguma, uma hora imprópria para um noivo ir visitar a sua noiva.

– Maria, minha querida! – disse José, correndo até ela e reclinando um dos joelhos sobre a terra. – Por que não me disse tudo? Oh, é tão maravilhoso!

Maria evoluiu de intrigada para estupefata. Não podia ser: um verdadeiro milagre acontecera com seu noivo, sempre tão comedido! Desde a reação calorosa até o aspecto remoçado, tudo naquele homem convidava agora ao espanto.

“Verdadeiramente há aqui o dedo do Senhor!”, pensou ela, próxima de um estado de beatitude humana tão intenso que quase confrontava com o divino.

– Um anjo apareceu-me em sonhos e me explicou tudo! – disse o carpinteiro, erguendo os olhos para a esposa, já que estava praticamente de joelhos.

Então seus olhos marejados pousaram sobre o ventre dela, o que deixou o carpinteiro tão descontrolado de felicidade que, tomando a fímbria do manto que roçava os calcanhares de Maria, suspendeu-o num único e impaciente gesto até descobrir inteiramente o ventre redondo da noiva.

– José...! – disse a jovem, cruzando as mãos sobre a sua vergonha e tornando-se vermelha até a raiz dos cabelos.

– O anjo falou sobre o filho que você espera! – disse ele, hipnotizado pela visão beatífica do ventre, sem atentar para mais nada. E depois acrescentou, ainda mais emocionado: – O *nosso* filho!

– Pelo amor de Deus, José, você está louco? – disse a jovem, lutando para fazer descer outra vez o manto, no receio pânico de ver sua mãe entrar a qualquer momento, ou mesmo de que os estivesse a espiar da outra peça.

– Jesus...! Será mesmo esse o seu nome? – disse José, com um sorriso absolutamente cândido, enquanto roçava a bochecha de barbas aparadas na pele lustrosa do ventre querido.

Maria respondeu alegremente:

– Sim, foi o que o anjo me disse.

José repetiu várias vezes o nome, deliciado, enquanto Maria aproveitou

para retroceder sobre os passos da alegria para ir resgatar alguma ofensa que ainda restara do episódio.

– Quer dizer que lhe é mais fácil, então, crer num anjo do que em mim? Foi a vez, então, de José tornar-se escarlate.

– Desculpe, mas você nada havia me dito sobre a visita do anjo – disse ele, ainda assim vexado.

Maria olhou para diante, procurando nas fraturas dos rebocos da parede algum argumento a opor, mas logo desistiu.

– Está bem – disse ela, não como quem admite, mas como quem condescende.

Afinal, ela também duvidara quando soubera da gravidez improvável de sua prima Isabel, chegando a ir até lá para conferir. Mas isso ela guardou para si.

Então Maria lhe contou em minúcias a visita do anjo e a conversa que ambos entretiveram. José, embora a curiosidade, não ousou entrar em detalhes sobre o que se passara depois do colóquio, pois sabia que isto permaneceria para sempre um segredo entre sua esposa e o verdadeiro Pai da criança.

Os dois saíram para a rua e ainda ficaram longamente a conversar, pois era sábado e eles não precisavam trabalhar, até que por fim José disse:

– Maria, venha morar comigo. Deixe-me ser o pai terreno desta criança e pai verdadeiro de todas as outras que você ainda terá.

E foi graças a esse gesto de desprendimento que José passou a ser considerado o pai verdadeiro de Jesus, a ponto de sua genealogia figurar nos evangelhos como sendo a do próprio Jesus. Quanto a este, soube bem retribuir o gesto, pois jamais em sua curta vida fez qualquer referência à sua miraculosa concepção.

68. O NASCIMENTO DE JESUS

Foi exatamente na época em que o filho de Maria e de José estava para nascer que o imperador romano Augusto decretou o recenseamento do povo da Judéia.

A notícia chegara logo à cidade de Nazaré, alarmando o esposo de Maria.

– Não há outro jeito, teremos de ir a Belém – disse ele à sua esposa, numa certa tarde, ao voltar da carpintaria. – Veio uma ordem expressa de Roma para que cada judeu se registre em sua cidade natal.

Maria ficou pálida de desgosto.

– Mas como hei de viajar neste estado? – disse ela, apalpando seu ventre abaulado. – Nosso filho pode nascer a qualquer momento!

– O Senhor irá conosco – disse José, que se tomara de uma coragem inaudita desde o instante em que fora investido no papel de tutor do filho que Deus colocara no ventre de sua esposa. Enquanto ajeitava os apetrechos de viagem sobre as costas do velho burro – que fixava os olhos úmidos em Maria, como a pedir-lhe clemência –, José dava mostras de que estava pronto para enfrentar qualquer coisa.

Diante das circunstâncias, não restava outra coisa à frágil Maria senão submeter-se aos decretos conjuntos do imperador e do seu esposo. Auxiliada por este, a jovem gestante teve seu pesado corpo colocado delicadamente sobre as costas do jumento e assim seguiu viagem, num sacolejar incômodo, até a distante Belém, que ficava a mais de cem quilômetros de Nazaré.

Maria e José, podemos crer, não cumpriram sozinhos o seu longo percurso, já que não eram os únicos a terem de obedecer ao decreto do imperador. Pelas estradas empoeiradas seguiam junto com eles levadas inteiras de judeus, agrupados em ranchos numerosos para evitar o perigo de assaltos. Ao mesmo tempo, porém, eram tantas as paradas a que se viam obrigados a fazer – ora pelo fato de Maria precisar fazer suas necessidades, ora pelas dores intensas que a acometiam –, que o casal acabava, na maioria das vezes, ficando para trás do apressado comboio humano. Puxando com vigor as rédeas do burro, o carpinteiro procurava sempre encaminhá-lo para a parte plana do terreno, de modo a evitar as oscilações bruscas, o que o fazia ziguezaguear continuamente,

encompridando ainda mais o caminho. Assim, depois de vários dias de penosa jornada e de noites maldormidas nos caravancherais montados às margens de alguns poucos oásis, finalmente chegaram à cidade que buscavam.

– Aí está Belém – disse José à sua esposa, ao avistar, profundamente aliviado, as primeiras construções da cidade.

Maria, a essa altura, já estava próxima de ganhar o filho, e por isso não pôde nem mesmo esboçar um sorriso de satisfação, o que deixou José bastante preocupado. Imediatamente o carpinteiro apeou Maria do burrico, recostando-a numa árvore, enquanto observava o seu verdadeiro estado.

– Vá sozinho à procura de uma hospedaria e, quando a encontrar, venha me buscar – disse ela, quase sem forças.

José, naturalmente, rejeitou o alvitre, e depois de perceber que Maria poderia ainda fazer um último esforço, partiu com ela na direção da primeira hospedaria que um camponês lhes informara existir nas proximidades.

– Mas apressem-se, pois as hospedarias de Belém já estão quase todas lotadas – disse o mesmo sujeito.

José e Maria andaram de casa em casa, mas foi tudo em vão. Não havia mais vaga em nenhuma delas – e foi justamente quando recebiam a última recusa que o sinal inequívoco do nascimento do filho fez-se sentir.

– José, vai acontecer! – disse Maria, agarrando-se ao seu braço.

Uma poça d'água aos seus pés era o sinal mais evidente do que se passava.

– Oh, senhora, a bolsa rompeu-se! – disse a criada que os atendera.

Nesse instante, o asno relinchou fortemente, apontando seu grande focinho marrom na direção do estábulo. Como ninguém lhe desse atenção, ele rompeu, então, numa corrida agoniada naquela direção.

– Ei! Espere aí! – gritou José, correndo atrás dele, mas só foi alcançá-lo quando ele já estava lá dentro, misturado aos animais da estrebaria.

Entretanto, assim que avistou o lugar, José foi assaltado por uma idéia. Imediatamente retornou até Maria e a criada, disposto a pô-la em prática.

– E se ficássemos no estábulo? – disse ele à mulher.

Maria não hesitou um segundo em aceitar a proposta.

– Antes lá do que no meio da rua – disse ela, rumando para o estábulo apoiada nos braços do marido e da bondosa criada.

Enquanto avançava penosamente, Maria podia avistar de longe a cabeça do burrico a espreitá-los da porta, como a ver se o estratagema dera resultado.

Os três finalmente entraram no estábulo e a criada correu logo a ajeitar a

forragem para que Maria pudesse acomodar-se com relativo conforto.

– Acho que aqui poderá dar à luz sem problemas – disse ela, antes de retirar-se para buscar um pouco de água quente e alguns panos que auxiliassem no trabalho de parto que já começara.

– José, ele está nascendo! – disse Maria, dilacerando o lábio inferior para poder suportar a dor.

O pobre carpinteiro estava atônito e não conseguia mover um único músculo, apoiando apenas a cabeça de sua esposa em suas mãos.

José estava quase desmaiando ele próprio quando a criada retornou, como um anjo carnal, assumindo o comando da operação e obrigando-o a se afastar.

Mas foi ao sentar-se sobre um monte de feno que se deu conta, subitamente, do que se passava ali dentro: “Meu Deus, estou presenciando o nascimento de um deus!”, pensou ele, com os dedos enterrados em sua cabeleira dura de pó.

Então cogitações terríveis tomaram de assalto o seu espírito de carpinteiro bronco, tornado subitamente supersticioso. Que prodígios tremendos se seguiriam ao instante em que o menino-deus abandonasse o ventre de Maria? Que abalo terrível estaria prestes a sacudir toda Belém – ou, quem sabe, o próprio universo –, uma vez que das entranhas do mundo brotava o filho do seu criador? Um deus tornado em carne...! Que aspecto teria o filho de Jeová, o deus colérico que num único gesto era capaz de inundar toda a terra?

Pela sua cabeça passaram, então, em sinistra rememoração, todos os episódios em que a cólera divina rompera em jatos de fulminante destruição. Num atropelo de profecias e relatos sombrios, José teve a antevisão do que se seguiria, e pela primeira vez desde o começo daquela aventura temeu verdadeiramente por si e por sua esposa. Sim, pois quem garantiria que, tendo-se cumprido o propósito divino, não decidisse o Todo-Poderoso tirar a vida do receptáculo que abrigara em seu ventre o fruto divino?

Diante dessa última cogitação, José sentiu um calafrio de pavor percorrer cada pedaço de sua pele, que ele comprimira até ali, com toda a força, de encontro aos ouvidos. Num pulo correu até onde estava sua esposa, na tentativa desesperada de salvar-lhe a vida. Ao defrontar-se, porém, com a cena, José ficou outra vez paralisado. Diante de si estava simplesmente a criada, convertida em parteira, a aparar em suas mãos a pequenina cabeça do menino, que rompia valentemente do meio das pernas da esposa. Seu cabelo escuro estava melado de sangue e inteiramente colado à cabeça. Nenhuma luz majestosa o envolvia.

Maria, que continuava a contorcer-se espasmodicamente para tentar

expulsar de dentro de si o produto de suas dores, ainda vivia, mas sob o peso evidente de um grande sofrimento. Ela suava, sangrava e gemia.

José – que estava mais surpreso com a cena naturalíssima do que se tivesse diante de si um acontecimento retumbantemente miraculoso – pôs-se a observar a marcha do padecimento de sua esposa: “A mãe do filho de Deus sofre como qualquer outra mulher”, pensou ele, desconcertado.

Mas foi justamente ao pôr em palavras essa óbvia constatação que o simplório carpinteiro sentiu-se assaltado por um relâmpago súbito de compreensão: Maria não sofria como qualquer outra mulher. Maria sofria *infinitamente mais* do que qualquer outra mulher. José compreendeu, nesse instante revelador, a natureza trágica da missão daquele que chegava ao mundo. Não, não haveriam prodígios no Céu nem na Terra. E aquele choro que ele escutara vindo do bebê – que já estava inteiramente fora do ventre de sua amada Maria – foi como uma confirmação de sua amarga premonição: Jesus viera ao mundo para sofrer. Para sofrer como homem nenhum jamais sofrera.

Mais alguns momentos se passaram até que o menino Jesus, enrolado em suas faixas, fosse colocado nos braços de sua mãe. José, dominado pelo pudor dos intrusos, afastou-se discretamente. Nesse instante sublime, sabia ele, cabia ao verdadeiro pai da criança admirá-la, junto da mãe.

José caminhou sem ruído para longe da cena, desviou de uma vaca que pastava e foi dar de cara mais uma vez com o seu velho burro, que nunca lhe parecera tão amigo como naquele instante. E assim estiveram ambos a mirar-se pateticamente até que, subitamente, as duas orelhas compridas do asno puseram-se em pé. Então ele voltou-se na direção de Maria e rumou para lá.

José ainda esteve um tempo parado, mas sentiu que às suas costas o burro ficara a esperá-lo.

– José, José! Onde está você? – dizia a voz angustiada de Maria.

– Está bem, vamos lá...! – disse ele ao companheiro, com um sorriso tão feliz que expulsou de sua alma qualquer vestígio de tristeza.

– Veja, é o *nosso* Jesus! – disse Maria, estendendo o minúsculo embrulho àquele que na terra seria, para todos os fins, o pai efetivo do filho de Deus.

José pousou os olhos no menino Jesus. Não, ele não resplandecia nem emitia raios mortíferos. E quando abriu sua boquinha não foi para trovejar um primeiro sermão miraculoso. Ele apenas bocejou, depois entreabriu ligeiramente os olhos de pupilas escuras e tornou a adormecer, como qualquer bebê do universo.

Foi então que José, chorando, sentiu-se também o verdadeiro pai de Jesus.

69. A FUGA PARA O EGITO

Jesus já estava entre os homens. Acomodado numa modesta manjedoura – único lugar que o mundo reservara para acolher aquele que as gerações futuras haveriam de chamar de Messias –, o pequeno ser repousava da primeira grande luta pela vida, observado amorosamente por seus pais, José e Maria.

Enquanto isso, nas cercanias de Belém, as coisas pareciam perfeitamente normais para um grupo de pastores que cuidava de suas ovelhas, envolto ainda pela escuridão que antecedia as primeiras luzes da aurora.

De repente, porém, viram-se retirados abruptamente de sua rotina pela aparição de um anjo. Um dos pastores – o primeiro a perceber o ser misterioso – alertou os demais para o espantoso fenômeno.

– Vejam, o que é aquilo? – disse ele, encolhendo-se.

Assustadas, as ovelhas começaram a balir e a espalhar-se para todos os lados.

– Nada temam – disse o anjo. – Vim para lhes anunciar que nasceu, na cidade de Davi, o Messias tão esperado. Alegrem-se, pois chegou o seu Salvador!

Mal o anjo acabara de falar e surgiu no céu uma multidão incalculável de anjos a entoar louvores a Deus e ao seu filho recém-nascido. Os pastores, no entanto, ofuscados por aquela estonteante visão, colocaram a mão sobre os olhos para tentar enxergar direito o que se passava à sua volta.

Mas de repente tudo emudeceu e o céu ficou novamente escuro.

– Os anjos subiram aos céus! – exclamavam os pastores embasbacados, ainda com os olhos postos no alto.

Petrificados de espanto, decidiram ir correndo até Belém para ver se encontravam o tal menino divino. Depois de percorrerem uma a uma todas as hospedarias da cidade, a perguntarem sempre pelo Messias – e de receberem pelas barbas o estrondo de portas arremessadas com fúria e os gritos de “Fora, bêbados!” – finalmente encontraram o local que abrigava o divino bebê.

José e Maria ficaram surpresos diante daquelas visitas, e ainda mais pela maneira pela qual aqueles simples pastores haviam sido informados do nascimento de seu filho. Na verdade ainda não haviam conseguido assimilar o fato de serem pais de uma criatura extraordinária.

Logo a notícia do nascimento de Jesus espalhou-se por toda a Judéia, fazendo com que o estábulo se enchesse rapidamente de curiosos aldeãos. Verdade que muitos, depois de espiar um tempo o menino deitado na manjedoura, mostravam-se um tanto decepcionados.

Outros, no entanto, acreditavam piamente na divindade do menino, e esperavam apenas vê-lo acordar para obter a confirmação de sua certeza.

Uma pequena multidão aglomerava-se na entrada da estrebaria, impedindo a saída dos animais. Vacas alarmadas imprensavam-se com roceiros simplórios, num burburinho que ameaçava degenerar em algazarra, até que se ouviu um grito.

– Vejam, ele está acordando...!

Num movimento espasmódico, dezenas de corpos aproximaram-se da manjedoura, colando tão fortemente seus ombros uns contra os outros que pareciam um único monstro circular de várias cabeças. Todos ansiavam por presenciar a primeira manifestação de vida consciente do filho de Deus.

– Pssst! – fizeram, em uníssono, diversas bocas.

Jesus menino, porém, continuava a despertar. Depois de lançar um pequeno bocejo inaudível, abriu seus olhos de pupilas escuras – ao qual o povo imediatamente atribuiu a mesma tonalidade do anil do céu – e pôs-se a observar aquele amontoado de rostos, que também o observavam fixamente.

Neste momento, porém, a população foi expulsa do estábulo pelo dono da hospedaria, poderosamente irritado com todo aquele tumulto. Não, ele não acreditava nas asneiras que o povo inventava, e fora até lá para dizer a José que partisse imediatamente com sua esposa e o bebê causador da anarquia.

– Não sabe, então, que nascem mil Messias por dia em Israel? – disse o rude homem, dando as costas ao casal, depois de lhes apontar a porta da rua.

Mas o hospedeiro também não sabia que naquele mesmo instante três homens misteriosos, vindos de muito longe, chegavam a Jerusalém com o propósito de ir, logo em seguida, a Belém, conhecer o Messias.



Não há quem não saiba que estamos muito próximos de ver entrar em

cena os famosos reis magos, vindos do distante Oriente para ofertar presentes ao ungido de Deus. Há, no entanto, graus no saber. Habitados ao laconismo das escrituras, costumamos, muitas vezes, deixar passar certas incoerências que uma curiosidade mais irrequieta apreciaria esmiuçar.

Fala-se muito, assim, nos tais reis magos. Mas o que é isto, afinal, de “reis magos”? Mateus, único evangelista a referir o episódio, os trata apenas de “magos”. De qualquer modo, algum leitor já parou alguma vez para se perguntar quem verdadeiramente eram eles? Eram reis, mas reis de onde? E magos de que?

– Seus nomes eram Gaspar, Melquior e Baltazar – dizem algumas vozes, seguras das lições do seu catecismo (embora em parte alguma Mateus refira o nome desses cavaleiros, e nem sequer que fossem apenas três).

Admitindo-se, pois, que a palavra dos sagrados evangelhos – bem como o seu impositivo silêncio – deva necessariamente se sobrepor a tudo o mais, sentimo-nos autorizados, então, a insistir: quem eram eles, afinal? Qual a verdadeira natureza de sua missão? “Vieram do Oriente, está dito”, asseveram-nos. Mas, em nome de Javé, de que parte do vastíssimo Oriente? Do Oriente Próximo ou do Extremo Oriente? Porque uma coisa é vir-se da Pérsia, e outra, muito-outra, do Japão. E que fé abraçavam? Se vinham de longe, judeus não eram; logo, possuiriam outras crenças. Então o que, exatamente, teria feito três reis se abalarem de seus países – admitindo-se mesmo que fossem soberanos de cetro e poder – para irem, numa solitária jornada, prestar vassalagem ao filho de um deus que, seguramente, não era o seu?

– Eles cumpriam a profecia de Isaías, que dizia que “as nações viriam à sua luz, e os reis, ao fulgor do seu alvorecer” – afirmam as mesmas vozes.

Mas e se, digamos, Mateus tivesse “plantado” piamente o fato em seu relato, apenas para fazer cumprir a profecia?

Entretanto, não jogamos com dois baralhos. Uma vez que já está sacramentada a veracidade dos evangelhos, refutamos como impertinente tal indagação. Apenas nos permitimos insistir na questão lícita de sabermos quem eram esses três personagens misteriosos e o que exatamente faziam na Palestina?

Esses piedosos peregrinos não passavam de magos de uma tribo sacerdotal da Pérsia, “dados à astrologia” (ou, seja, eram astrólogos efetivos).

Muito bem, temos assim Nosso Senhor Jesus Cristo, filho do Deus Único e inimigo de toda idolatria, homenageado por astrólogos. Já é um passo adiante, mas faltam ainda os motivos. Teriam seus intrincados mapas astrais (que muitas igrejas, ainda hoje, tratam de obra do Diabo), de alguma maneira, apontado Cristo como um ser favorecido por alguma excepcional conjunção astral, a partir

da qual uma nova era de luz se abriria no cosmo? Ou, quem sabe, representaria seu nascimento o advento terreno de algum novo deus solar?



– Gostaríamos de saber onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer – perguntou um dos magos a um dos sacerdotes do Templo de Jerusalém.

Apesar de estafados da longa viagem, os três magos demoraram para escolher o Templo para começar a sua investigação.

Para sua surpresa, no entanto, ninguém ali sabia de rei nenhum.

– Não sabemos do que estão falando – respondeu o sacerdote barbudo.

– Vimos um astro novo no Oriente, a nos indicar que estava para nascer o ungido dos hebreus. Queremos saber onde ele está – disse o segundo mago.

– Voltem às suas terras, pois não nasceu Messias algum por aqui – respondeu o outro sacerdote, já enfadado daqueles estrangeiros.

Para os magos daqueles dias o surgimento de um astro representava o nascimento também de um novo rei, em alguma parte do mundo. Daí a razão de sua peregrinação em busca do novo rei dos judeus – já que uma estrela cadente os guiara desde as suas terras até a Judéia.

Ora, logo a notícia foi parar nos ouvidos do rei Herodes, que governava a Palestina em nome dos romanos. Muito intrigado quanto ao “reis dos judeus”, tratou ele logo de saber dos seus sacerdotes o local onde, segundo a tradição, poderia nascer o Messias.

– As profecias dão Belém como o lugar onde o rei dos judeus nascerá – disse um dos mestres da lei.

Imediatamente Herodes mandou trazer até si os tais magos bisbilhoteiros.

– Está em Belém o menino que vocês procuram – disse o rei. – Mas não posso precisar o lugar exato. É melhor vocês mesmos irem até lá e informarem-se acerca do seu paradeiro exato. Assim que tiverem algo concreto, avisem-me, para que eu também possa ir até lá homenageá-lo.

Os magos despediram-se do rei e se puseram a caminho de Belém. Enquanto faziam a viagem, iam comentando entre si a respeito de Herodes.

– Não foi esse Herodes que o Senado Romano nomeou rei da Judéia? –

perguntou um deles.

– Sim – respondeu outro. – Dizem que foi sua amizade de longa data com o general romano Marco Antônio que lhe valeu o cargo.

– Ou antes, o seu casamento arranjado com uma princesa judia. Esse deve ter sido o golpe decisivo de sua ascensão – disse o terceiro mago, enquanto seus camelos avançavam pela noite do deserto, guiados pela estrela misteriosa.

Os magos viajaram por um longo tempo, seguindo sempre o astro luminoso, até que, em dado momento, viram-no estacar subitamente nos céus, bem acima da cidade que já estava à sua vista.

– Ali está Belém! – disse um deles, sorridente.

Apesar de noite fechada, era tão intensa a luz que irradiava da estrela que não lhes foi difícil adentrarem a cidade e encontrar o seu destino.

O menino Jesus, porém, já não estava mais na hospedaria onde nascera, mas numa outra casa ou hospedaria – não se sabe ao certo – que José arrumara.

Na verdade, desde aquele dia duas coisas importantíssimas já haviam acontecido na vida do recém-nascido: a primeira delas fora a oblação, no oitavo dia, do seu minúsculo prepúcio, e a segunda, a sua apresentação no Templo, em Jerusalém. Sim, Jesus já havia estado no famoso Templo, mas somente duas pessoas o haviam reconhecido ali como o Messias prometido: Simeão, um varão piedoso, ao qual Deus havia prometido que não morreria sem antes pôr os olhos sobre o Redentor, e Ana, uma velha e modesta viúva de 84 anos, que jamais abandonava o Templo, entregue ininterruptamente às suas fervorosas orações.

Simeão, ao ver o pequeno Messias no braços de Maria, o tomara em suas mãos e proclamara, num êxtase: “Oh, Senhor! Agora já pode pôr um fim à minha vida, uma vez que meus olhos viram a vossa salvação!”. (Com o que podemos concluir que o pobre homem já devia andar exausto de arrastar pela terra a cadeia pesada de sua velhice.) Depois, ainda profetizou a Maria que seu filho estava destinado a ser “um sinal de contradição, que faria revelar o pensamento de muitos corações”.

Maria, algo constrangida, sorria do que julgara ser um destino superior, até que o velho pusera um fecho sombrio em suas proféticas palavras, dizendo a ela que “uma espada atravessaria a sua alma”.

Para um bom entendedor das metáforas dos Templos, isso só podia significar que o filho de Maria teria um final lamentável. Podemos supor que a jovem mãe não recebeu com muito boa cara a parte final da revelação, porém sua ansiedade foi suavizada pelas palavras da profetiza Ana, que tratou o tempo todo o menino como “a redenção de Jerusalém”.

Mas voltemos aos magos. Depois de localizarem a casa onde estava Jesus, bateram à porta, certos de terem acertado, pois a estrela de Belém brilhava exatamente acima da pequena moradia. Os três estrangeiros entraram e viram o menino confortavelmente instalado no seu berço. Ele estava acordado e seus olhos negros pousaram imediatamente sobre a figura dos magos, que esplendiam em seus trajes coloridos. Um sorriso deliciado brotou dos lábios do menino, que começou a pedalar o ar freneticamente com suas perninhas rechonchudas.

Encantados, os magos se aproximaram e ofertaram, cada qual, ao menino-deus, uma pequena dádiva oculta dentro de escrínios dourados e esmaltados. Dentro do primeiro havia ouro, do segundo, incenso, e do terceiro, mirra, e todos simbolizavam a realeza do menino diante do qual prosternavam-se.

Depois de terem adorado o menino-deus, os magos foram repousar da longa viagem numa pequena peça que José lhes reservara, e então foram advertidos num sonho de que não retornassem a Herodes, pois que este desejava o mal ao recém-nascido. Por isso, ao amanhecer, tomaram outro caminho em direção às suas terras, que não passasse por Jerusalém.



José, desde o nascimento do filho, tornara-se uma mistura contraditória de homem feliz e sestroso. Pois ao mesmo tempo em que sentia um orgulho incontrolável inundar seu espírito todas as vezes que seu filho era alvo de profecias grandiosas e de bênçãos inumeráveis, também sentia-se despenhar, subitamente, no abismo da aflição, todas as vezes que algo vinha lembrar-lhe das atribulações que o aguardavam. Nesses momentos o velho carpinteiro relembra da noite em que sua esposa lutara para trazer Jesus ao mundo, aquele terrível momento em que tivera a sinistra certeza de que, ao lado da pomba da bênção, estava também pousada a ave agourenta da dor e da morte.

Desde a partida dos magos que José fora assaltado por maus pressentimentos, até que numa noite foi visitado novamente por um anjo, em um sonho, que lhe deu a confirmação de suas mais negras apreensões.

– Foge José! – dissera o anjo, com o semblante grave. – Toma teu filho e foge com Maria para o Egito, pois Herodes deseja matá-lo.

Tão logo acordou do terrível sonho, José pôs-se em pé e começou a tentar acender freneticamente a candeia.

– O que quer, José? – disse Maria, erguendo levemente a cabeça.

– Levante e embrulhe Jesus em dois mantos – disse o esposo, sem descer a explicações.

Maria ficou olhando para o marido, certa de que fora acometido por algum pesadelo, ou, quem sabe, por algum aviso do Senhor.

– Vamos partir – disse José, assim que a luz da lamparina iluminou fragilmente o pequeno quarto onde o casal e o filho se abrigavam.

Sim, José recebera alguma mensagem divina. Ela conhecia bem aquele estado alterado no qual seu marido estava imerso, pois ela própria já passara por aquilo, e de uma maneira mais intensa do que já experimentara qualquer outro ser humano.

Sem mais qualquer outra pergunta, Maria fez o que José ordenara, e logo ambos estavam prontos para partir rumo ao distante Egito. José só foi revelar a Maria o risco que Jesus corria quando estavam ambos deixando a cidade de Belém, levando consigo seu bem mais precioso: o pequeno e adormecido menino.

70. O MENINO DEUS NO TEMPLO

Herodes, rei nomeado pelos romanos para governar os judeus, sofria de um temor muito comum a todos os soberanos da época: o de ser deposto por algum rival mais poderoso. E isso porque quase todas as guerras dinásticas, desde o começo dos tempos, tiveram sempre por móvel a ambição de tomar ou o receio de perder. Herodes, sendo rei efetivo, estava, portanto, colocado na ponta mais aflitiva dessa espinhosa corda.

Na verdade, não era a primeira vez que rumores acerca do nascimento do tão esperado Messias haviam chegado aos seus ouvidos, e por conta disso já havia constituído uma verdadeira rede de espiões para percorrerem o país e verificarem que fundamentos possuíam. Desta vez, porém, algo lhe dizia que o negócio era para valer. Depois da visita daqueles magos e das conversas que mantivera com os sacerdotes e doutores da lei, Herodes ficara profundamente alarmado com os indícios.

“Desta vez é *ele!*”, pensava o rei, as 24 horas do dia, a ponto mesmo de esquecer-se dos padecimentos que lhe trazia uma moléstia dolorosa que adquirira nos últimos tempos, e que parecia cada vez mais irreversível.

Herodes, portanto, a um passo da morte, temia ser deposto por um bebê, sem cogitar que este deveria levar, pelo menos, de dez a quinze anos para poder se tornar uma ameaça concreta. (Mas onde está o homem que não acredita que possa viver mais vinte ou trinta anos, ainda que o peso dos anos já lhe tenha vergado a espinha a ponto de seus olhos mirarem o próprio umbigo?)

Este rei, contudo, como a maioria dos devotos de qualquer religião, tinha seus textos sapienciais preferidos, aos quais, como sempre, recorria para acalmar suas dores ou justificar suas ambições – pois qual ser humano já voltou alguma vez os olhos ao céu sem que fosse para temer, querer, ou, com menos frequência, agradecer? Fora por querer, por exemplo, que nos seus tempos de saúde Herodes fora leitor entusiasta do Cântico dos Cânticos. Oh, que delícia ler e reler, com os membros inteiros e sadios, aquelas piedosas passagens nas quais a suavíssima Sulamita proclamava, sem reboços, o desejo ardente que nutria pelo seu amado: “Ah, se ele me beijasse, se a sua boca me cobrisse de beijos...!”. E que sensação celestial quando escutava estas palavras não menos deliciosas que o amante lhe

endereçava por resposta: “Seu umbigo é uma taça redonda, onde nunca falta o vinho de boa mistura!”.

Mas lentamente o tempo e a dor haviam desenrolado, com seus dedos gelados, outros rolos menos amenos das escrituras, mostrando ao pobre Herodes algo mais apropriado ao seu lamentável estado. Desde algum tempo que o rei havia mandado escribas copiarem todos os trechos relativos à moléstia fatal que acometera o antigo rei Ezequias, e agora os tinha, o dia inteiro, postos diante dos olhos. Todas as noites, antes de dormir, Herodes ordenava a um dos sacerdotes que lhe lesse todas estas confortadoras passagens, que lhe serviam e agora à dor como aquelas outras, nos dias antigos, lhe haviam servido ao prazer.

– “Naquele tempo Ezequias ficou doente e quase morreu” – dizia o velho sacerdote, com sua voz roufenha, recomeçando outra vez a ladainha de todas as noites, enquanto Herodes, sepultado sob o peso de seus malcheirosos cobertores, observava-o com os olhos arregalados de esperança.

Assim que o sacerdote começava o trecho no qual Ezequias voltava o rosto para a parede para orar e chorar amargamente, o pobre Herodes fazia o mesmo, cobrindo a cabeça para ocultar seu próprio pranto.

“No vigor da minha vida tenho, então, de passar pelas portas da sepultura e ser roubado do restante dos meus anos?”, dizia o rei da velha crônica, palavras que Herodes fazia suas, repassadas de uma ímpia e maldisfarçada revolta.

Porém, subitamente, depois da súplica ardente, chegava a melhor parte: o Senhor, repentinamente apiedado do seu humilde servo, resolvia curá-lo, acrescentando-lhe mais maravilhosos quinze anos de vida!

“Oh, Senhor, mais quinze anos de saúde e vigor!”, pensava Herodes, enterrando o rosto no colchão (do qual evolava, havia anos, um odor persistente de vinagre apodrecido). “Como eu seria mil vezes grato ao Senhor!”

Oh, sim!, por certo que ele jamais esqueceria tamanha bênção!

O sacerdote, escutando os soluços abafados de premonitória gratidão, continuava, então, com renovada empolgação, a sua leitura:

– “Em teu amor me guardaste da cova da destruição (...) pois a sepultura não pode louvar-te; a morte não pode cantar o teu louvor”.

– Sim, oh, Senhor!, lembrai-vos disto! – repetia baixinho Herodes, debaixo das peles suarentas, tentando, num paroxismo de desespero, subornar o próprio Criador: – “Um morto não pode louvar-vos, *lembrai-vos disso!*”.

Mais um pouco e a leitura terminava. O sacerdote, retirando-se silenciosamente, deixava o rei todo entregue à degustação de suas esperanças, já que, sem poder conciliar o sono por causa das dores, passava o resto da noite a

repetir essas palavras poderosas de Isaías: “Os vivos, *somente os vivos* te louvam, como hoje estou fazendo (...) O Senhor me salvou!”.

Os médicos, mesmo sabendo que logo o Criador estaria privado de escutar os louvores do grande Herodes, aprovavam, contudo, esse expediente altamente reanimador.



De modo geral, a perversidade é burra nos seus propósitos e habilíssima no seu agir. Já a bondade – ai de nós! – é geralmente inteligente em seus propósitos, mas pouquíssimo hábil em alcançar seus resultados. Daí o desconcerto do mundo.

O perverso Herodes, numa vertigem apalermada de maldade, chegou a cometer uma abominação, produto conjunto do medo e da doença. Temor e tumor. Pois um homem que se sabendo no fim da vida, manda massacrar uma população de bebês no receio de que um desses lhe venha a tomar o cetro não anda fazendo bom uso do seu cérebro. Mas foi o que ele fez. Irritado pelo despiste dos magos – que tinham ficado de voltar a Jerusalém para dar ao rei a localização exata do local onde se encontrava o temido Messias –, Herodes decidira levar adiante o seu plano da maneira mais bárbara e estúpida possível.

– Matem todas as crianças com menos de dois anos de idade em Belém e nos arredores! – disse ele a seus oficiais, após perceber que seria incapaz de descobrir onde andava metido o favorito de Deus.

Mateus é, mais uma vez, o único a relatar o episódio (embora pareça novamente mais preocupado em fazer concordar o fato com as profecias, a fim de provar que seu biografado *é mesmo* o Messias, do que propriamente com o fato). Desta vez ele cita um trecho obscuro de Jeremias, que lhe parece um óbvio anúncio dos horrores que se seguiram em Belém: “Uma voz fez-se ouvir em Ramá, prantos e longo lamento: é Raquel que chora seus filhos e não quer ser consolada, porque eles já não existem”.

E foi assim que muitos bebês inocentes foram mortos cruelmente, indo parar em algum lugar incerto do universo (já que a Igreja ainda não havia inventado o limbo).

O pequeno Jesus, no entanto, graças ao aviso celestial, pôde escapar ileso, no rumo do Egito, junto com seus pais. Ali esteve a sagrada família, em completa segurança, até que José recebeu outra visita do anjo de Deus, o qual lhe deu a notícia da morte do cruel Herodes.

– Retorna com Maria e o menino, pois já está morto aquele que queria tirar a vida do inocente – disse o anjo.

Felizes da vida, os três retornaram a Israel. José, no entanto, ao saber que Herodes havia morrido e o filho de Herodes estava governando a Judéia em seu lugar, preferiu retirar-se com a esposa e o filho para a Galiléia, mais exatamente para a cidade de Nazaré, de onde eram originários. (Mateus aproveita esse fato para defender mais uma vez a legitimidade de Jesus como o Messias: “Assim cumpriu-se o que fora dito pelos profetas: *Ele será chamado de Nazareno.*”)

Maria apertou o filho nos braços e não disse uma palavra. Afinal de contas, que outra coisa melhor podia esperar do que retornar para sua cidade natal, levando o filho amado nos braços?



Mateus não diz mais nada acerca dos feitos do menino Jesus, razão pela qual devemos agora nos fiar somente nas palavras de Lucas e também na brevíssima referência que dele fez Isaías (se é que se referiu mesmo ao Filho de Deus). Mas o que teria dito o profeta acerca da infância de Jesus (que ele chama de Emanuel)? Muito pouco. Apenas que, após nascer de uma jovem – e não de uma “virgem”, como já se disse anteriormente –, ele comeria coalhada e mel até a idade em que fosse capaz de “rejeitar o mal e escolher o bem”.

Admitida a profecia, ficamos sabendo, então, que até os treze anos de idade (época em que uma criança, entre os judeus, era declarada adulta) Nosso Senhor Jesus Cristo alimentou-se de mel e coalhada e não foi capaz de diferenciar o bem do mal. Como seu pai fosse carpinteiro, podemos imaginar que tenha aprendido algo do seu ofício e que, vivendo em amplos espaços, tenha aprendido também a arte milenar dos andarilhos e dos peripatéticos.

Todos os anos Jesus ia com seus pais a Jerusalém para a festa da Páscoa. Ele já era um menino de doze anos – a um ano, portanto, de abraçar o bem e

rejeitar o mal –, quando ocorreu um incidente que deixou seus pais assustados. Após imolar um cordeiro no templo, como era costume entre os judeus no domingo de páscoa, José e Maria retornaram, sem perceber que seu filho havia ficado em Jerusalém.

– Como?! – dirá alguém, coberto de espanto. – De que maneira José e Maria retornariam sem o filho, sem se aperceberem disso?

Talvez tivessem ido e voltado todos em caravana, e as crianças seguidas juntas e separadas, dizem os comentadores. Há quem sugira, também, que tendo Maria levado consigo outros filhos, tivesse acabado se descuidando do maior (entretanto, como essa conjectura afronta um dos dogmas centrais da fé católica, preferimos abandoná-la como inconveniente). O fato é que, percebendo o desaparecimento, José e Maria saíram a bater de porta em porta, experimentando pela primeira vez a dura prova iniciática a que todos os pais e pastores parecem, desde sempre, destinados a enfrentar: a caça ao cordeiro desaparecido.

– Meu Jesus, porventura, está aí? – dizia Maria, sentindo descer pelas costas uma corda serpenteante de suor frio.

Não, não estava, diziam todas as vozes, com aquela indiferença aborrecida que nos espíritos vis geralmente adquire um tom de sádico desdém.

O jeito era pai e mãe retornarem sobre os seus passos e irem de volta a Jerusalém – e foi o que fizeram, o mais rápido possível.

Quando chegaram, encontraram tudo muito diferente da balbúrdia do dia anterior. Só havia agora silêncio e sujeira, e nenhuma viva alma pelo caminho. Cascas de frutas que os peregrinos haviam espalhado pelo chão, alguns trapos sujos e algumas sandálias rotas perdidas pelo caminho. Chumaços de lã também flutuavam pelo ar, enquanto o esterco seco de ovelha cobria quase todo o trajeto que levava ao Templo. Maria, apesar do cuidado para não pisar em algum desses pequenos torrões, tinha os olhos erguidos para a montanha que se dispunha imediatamente a subir, na esperança de ver, já dali, o menino adormecido sob uma árvore. Mas não havia sinal algum do garoto.

Procuraram pelas ruas até que finalmente o encontraram sentado entre os doutores do Templo, a conversar animadamente com eles. Fazia três dias que ele estava ali e tivera tempo de sobra para trocar muitas idéias.

Mas que espécie conversa teria um garoto de apenas doze anos entretido com sábios de barbas brancas? Que o garoto impressionou aos doutores, é fato. Jesus – diz-nos o evangelista – não só escutou-os, como também fez-lhes perguntas. Infelizmente jamais saberemos exatamente quais foram suas palavras, já que, desafortunadamente, não nos sobrou uma única frase desse encontro.

Alguns devotos mais tradicionais preferem imaginá-lo em pé, diante da assembléia de anciãos, a explicar-lhes, como um Tomás de Aquino precoce, os grandes mistérios da fé (pois sendo Filho Unigênito de Deus, deveria conhecê-los como ninguém).

Mas por tudo quanto conhecemos da psicologia infantil e do próprio Jesus, mais fácil é crermos que ele os tenha impressionado não por sua improvável erudição, mas por uma espécie de perspicácia superior, bem típica das crianças. De fato, tomando por base a futura e peculiar inteligência desse engenhoso rabi, podemos ter quase a certeza de que Jesus menino antes desconcertou do que doutrinou, fazendo uso, como um pequeno Sócrates, da técnica da resposta sagaz e imprevista, a qual desenvolveria plenamente nos anos de sua madura pregação.

Maria, entretanto, como uma mulher simples do seu tempo, não tinha compreensão bastante para absorver essas coisas, e por isto limitou-se a interromper a conversa para queixar-se amargamente do filho.

– Meu Deus, o que está fazendo aqui, Jesus? – disse ela, quase irritada. – Estamos a três dias procurando por você!

Pela primeira vez, então, Jesus deixa transparecer um certo desprezo por sua mãe (o que deve ter contribuído para aumentar ainda mais o estupor dos doutores do Templo):

– Por que estavam me procurando? – disse-lhe friamente o garoto, como se a interrupção da mãe o tivesse aborrecido mortalmente. – Não sabiam que eu devia estar na casa do meu Pai celestial?

Maria, ainda assim, achou melhor levá-lo para a casa do seu pai terreno “Graças a Deus que só falta um ano para o garoto abraçar o bem!”, pensava José, seguindo-os mais atrás e mergulhado em bendito silêncio.

71. O BATISMO DE JESUS

João, filho de Zacarias e Isabel, era primo de Jesus. Apesar disso, ambos cresceram separados. Enquanto Jesus vivia no povoado de Nazaré, João (provavelmente órfão desde muito cedo, devido à idade avançada dos pais) vivia solitariamente no deserto da Judéia, entre Jerusalém e o Mar Morto. Isso, contudo, não tornava impossível que os dois primos se falassem, eventualmente, nas festas religiosas que ocorriam em Jerusalém, havendo até quem diga que Jesus se tornara discípulo de João quando este começara a sua pregação. Mas tudo isso são suposições, já que os evangelhos nada dizem a respeito.

O certo é que João, muito cedo, se tornara um homem irascível, e francamente vocacionado à religião. Ora, uma das idéias fixas dos candidatos a profetas daqueles dias era a de encontrarem nos textos proféticos antigos alguma menção velada a si próprios. Um dia, então, depois de estudar linha por linha os rolos sublimes, João deparara-se com esse trecho de Isaías, que lhe pareceu um óbvio anúncio de si próprio (embora, na verdade, se referisse ao arauto que deveria anunciar o fim do cativeiro hebreu na Babilônia e a volta triunfal dos judeus a Israel – coisa, aliás, que nunca ocorreu): “Uma voz clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas. Toda ravina será aterrada, toda montanha e colina serão rebaixadas; as passagens tortuosas serão retificadas, os caminhos ásperos, aplainados, e todos verão a salvação de Deus”. Mas o que verdadeiramente virou sua cabeça foi este pequeno trecho de Malaquias, que, combinado com o outro, deu-lhe a certeza da inexorabilidade de sua “missão”: *“Eis que envio o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente”*.

Ao terminar de ler o trecho abençoado, João Batista soube que era ele o mensageiro. Nada podia ser mais claro e evidente sob a luz do sol. João sentira o chamado irresistível brotar de cada poro de sua pele e, tomado por uma gratidão total, beijara o pequeno rolo que continha as palavras definitivas de sua vida.

Por um instante, porém, ele vacilou, chegando a cogitar se não estaria tomado pelo espírito da presunção ao chamar para si o papel predito pelo profeta. Mas logo o ardor da missão sobrepôs-se ao prurido do escrúpulo, e João pôde envergar as vestes da humildade com o mesmo gozo áspero de um estóico.

Satisfeito com a modesta coadjuvância que deveria desempenhar no drama divino que já se desenhava, quis deixar isso bem claro ao repetir incessantemente que não era digno de desamarrar as sandálias daquele que anunciava.

João tornou-se, pois, um profeta, eis que nada lhe parecia mais honroso sobre a face da terra do que poder integrar aquela seleta galeria dos proclamadores das verdades divinas. Oséias, Amós, Isaías, Miquéias, Jeremias – todos esses nomes provocavam-lhe frêmitos de emoção e um desejo intenso de igualar-se a eles. João sabia-lhes de cor a maioria de seus discursos, embora não fossem esses, ainda, os seus preferidos. João era um exaltado e, como tal, buscava a companhia dos seus. Ezequiel, por seu espírito turbulento e suas duras invectivas, tornou-se o predileto, juntamente com Elias. Tal como este último, João passou a vestir-se apenas com um manto de pele de camelo e um cinturão de couro atado à cintura, alimentando-se de mel silvestre e gafanhotos (inseto considerado “puro” pelo Levítico e, portanto, plenamente comestível).

Assim trajado, João passou a percorrer toda a região do rio Jordão para pregar e batizar o povo, o que logo lhe granjeou o apelido de “João, o batista”. Outras vezes ele proclamava no deserto da Judéia para a multidão que ia até ele, enquanto seu primo Jesus, mais urbano, preferia pregar nas aldeias e nas cidades.

João Batista, como vimos, adorava acreditar que o fim do mundo estava próximo e que um restaurador celestial – que a tradição chamava de Messias (“o ungido”) – estava prestes a surgir para virar o mundo de cabeça para baixo – ou antes, de cabeça para cima, já que tudo nele ia contra a vontade do Senhor. Ele seria o arauto, e estava mais do que satisfeito com o papel que Deus lhe atribuía – ou que ele próprio, voluntariamente, arrebataria para si.

De qualquer modo, o Batista não lavrava no mar. Para o papel do Messias já havia encontrado, também, o homem certo.



Pôncio Pilatos era o governador da Judéia e Herodes administrava a Galiléia, quando João passou a batizar em massa os filhos de “Jacó-enganador” (como diz o profeta Malaquias), para que estes ficassem perdoados de todos os seus pecados. Certo dia, tendo-se feito um grande ajuntamento à sua volta, o

profeta, encantado com a oportunidade de desancar alguns fariseus e saduceus que avistara no meio do povo, subiu numa rocha que margeava as águas do Jordão e rugiu com voz de trovão:

– É chegada a hora da conversão dos pecados, pois já está na terra aquele que Isaías anunciou!

Depois, voltando os olhos para seus desafetos, exclamou, elevando ainda mais o tom de voz:

– Filhotes de víboras, quem os ensinou a fugirem da ira que já vem? Provem, pelos seus atos, que se arrependeram! Imaginam, então, que pelo simples fato de descenderem de Abraão já estejam salvos? Pois saibam que de simples pedras como estas Deus pode, se quiser, fazer surgir filhos a Abraão!

Isso deve ter soado terrivelmente aos ouvidos da platéia, já que ser chamado de “filhote de víbora” era o pior xingamento daqueles dias (supunha-se, então, que ao nascer certas espécies de víboras devorassem a própria mãe). Além do mais, ao serem informados de que o fato de pertencerem à descendência de Abraão não lhes garantia mais a salvação, sentiram-se alvos de uma espécie odiosa de defraudação espiritual, que ninguém ali estava disposto a admitir (afinal, não eram eles o “povo eleito”?).

João Batista ainda continuou a desancar os ouvintes, batizados ou não, durante muito tempo, até haver digerido o último pedaço de gafanhoto, insistindo que toda árvore que não desse bom fruto seria logo cortada e lançada ao fogo.

E tanto o profeta invectivou, que finalmente algumas almas fracas começaram a temer mesmo pela sua salvação. Cada vez mais inflamado por suas próprias palavras, João Batista começara a tornar-se verdadeiramente aterrorizante diante dos mais simples, com seus olhos chamejantes e seus cabelos longos e desgrenhados. Uma voz fina fez-se porta-voz daquela multidão assustada:

– Mas o que devemos fazer para que a desgraça não caia em cima de nossas famílias?

– Quem tiver duas túnicas, que dê uma a quem não tiver nenhuma...! – rugiu o profeta, com sua habitual aspereza.

Então foi um alívio geral. Como não houvesse ninguém nu nos arredores, todos admitiram seu preceito como justíssimo, e uma grande sensação de alívio preencheu a alma daquela boa gente.

João ainda disse que depois dele, que batizava com água, viria outro, mais poderoso, que batizaria com o Espírito Santo. Não esqueceu, contudo, de fazer nova ameaça, afirmando que ele traria consigo uma pá, e que depois de limpar a sua eira, juntaria o trigo no celeiro e lançaria a palha ao fogo que nunca se apaga.

Todos acharam magnífica a imagem, e não houve um único ali que não tivesse se julgado o trigo bem estocado, em vez da palha a arder eternamente.

Alguns dias depois, afirma-nos João, surgiram alguns sacerdotes e fariseus vindos de Jerusalém para saber quem era esse Batista e que coisas estranhas andava dizendo. (Um comentador astuto adverte para o fato de que os fariseus, àquela época, não eram fortes o bastante para enviar sacerdotes em missão a partir de Jerusalém, concluindo daí que João os metera nessa embaixada apenas para depreciá-los, já que, na época em que escrevia seu evangelho, cristãos e fariseus viviam às dentadas.)

– É você, por acaso, o Messias anunciado pelos profetas? – perguntou um dos emissários de Jerusalém.

– Não, não sou o Messias – disse João, laconicamente.

– É Elias? – disse outra voz (pois Malaquias afirmara que Elias, desaparecido nos céus numa carruagem de fogo, ressurgiria no final dos tempos).

– Não, não sou Elias.

– É, então, o profeta anunciado por Moisés?

– Não, não sou o profeta.

– Então por que batiza, se não é o Messias, nem Elias e nem o profeta? – insistiram os fariseus.

– Eu batizo pela água, para obter o perdão dos pecados – disse João. – Porém aquele que virá depois de mim é mais poderoso do que eu, e dele não sou digno de desamarrar as sandálias – respondeu João, repetindo seu bordão preferido.

O anúncio, pois, estava dado. O Messias estava, de fato, para chegar, e quem tivesse ouvidos para escutar que tratasse logo de fazê-lo.



Um novo dia despontava às margens febricitantes do Jordão, que parecia, naquele momento, ter suas águas varridas por um vento de loucura. Uma multidão de pessoas aglomerava-se ao redor do Batista, como abelhas sedentas ao redor do favo, enquanto o profeta esforçava-se em lavar os pecados de toda

aquela gente.

Auxiliado por alguns adeptos, João organizou uma fila e foi mergulhando os devotos, um a um, nas águas límpidas do rio, para vê-los ressurgirem do breve mergulho como que transfigurados (lavados que estavam de seus pecados, e certos, também, de terem adquirido um bilhete seguro para o céu).

Entretanto, chegava nesse momento, de maneira quase imperceptível, um homem para o qual aquela cerimônia teria um significado verdadeiramente transcendente. Pois, ao contrário daquela chusma, Jesus não vinha impelido pelo medo ou pela reles expectativa de um ganho, mas para cumprir um ato espiritual vital e transformador.

Em suma: um superior chegava.

De qualquer modo, Jesus apresentou-se às margens do Jordão, como qualquer um, até ser finalmente reconhecido por João Batista. Este, ocupado em reconhecer o primo, submetera involuntariamente um dos devotos a uma submersão tão demorada que quase o batizara para o outro mundo.

– Vejam, é o cordeiro de Deus que vem tirar o pecado do mundo! – disse o Batista, correndo a beijar aquele que ele há tanto tempo anunciava.

Jesus, sorrindo, retribuiu o beijo com outro e disse, à queima-roupa:

– Vim para ser batizado por ti.

João mostrou-se verdadeiramente perplexo.

– Como?! – disse ele. – Eu é que devia ser batizado por você, e não o inverso!

Jesus, então, curvou um pouco a cabeça na direção do primo e lhe disse, como que em discreta confiança:

– Por enquanto façamos assim, pois o que importa é que se cumpra a vontade divina.

Imediatamente Jesus desfez-se do seu manto, como todos os outros, e vestido apenas com uma proteção na cintura adentrou as águas do Jordão. João seguiu-o, logo atrás, enquanto a multidão observava atentamente a cena (já que, segundo Lucas, “quando todo o povo estava sendo batizado, Jesus também o foi”).

João Batista pôs, então, a sua mão direita nas costas de Jesus, enquanto com a outra empurrava delicadamente o tronco dele de encontro à água, até submergi-lo inteiramente nas águas do rio. Durante alguns segundos Jesus esteve de olhos fechados, com seus cabelos compridos a flutuarem no leito d’água como finíssimos tentáculos de um polvo, até que o Batista, num impulso firme de seus dois braços, trouxe o primo novamente à tona.

Jesus expirou com força o ar acumulado nos pulmões, enquanto a água prateada escorregava sobre os seus ombros rijos e morenos de carpinteiro. E foi nesse momento que, no dizer de três dos quatro evangelistas, “os céus se abriram” (João evangelista é o único a não referir explicitamente este detalhe) e dele desceu uma pomba branca, que foi pairar mansamente sobre Jesus.

Mas isso não foi tudo, pois tão logo a pomba acercara-se de Jesus, fez-se ouvir uma voz do mesmo lugar de onde surgira a pomba, exclamando:

– Este é o meu filho amado, em quem me agrado!

Ignora-se a reação do povo diante de tamanhos prodígios, pois Lucas nada refere. João Batista, entretanto, não se mostrou nem um pouco surpreso, porque, segundo suas próprias palavras, já havia sido avisado por Deus de que tais coisas se passariam e que aquele sobre o qual a pomba pairasse seria o que batizaria com o Espírito Santo.

– Eu vi e testifico que este é o Filho de Deus! – disse o Batista, com o enlevo típico dos extáticos.

Jesus nada respondeu, e os dois olharam-se, em silêncio. Ambos sabiam que esse batismo marcava o fim do ministério de João e o começo do de Jesus, que desde aquele instante passou a ser chamado de Messias (ou “Cristo”, que é a tradução grega do termo hebraico), pois acabara de ser ungido pelo Senhor.

Exatamente nesse ponto encerra-se também um ciclo: a velha idéia de um deus guerreiro desaparece para dar lugar a uma nova concepção divina. João Batista, que ainda fora um digno exemplar da velha escola dos profetas iracundos, também cede a vez ao novo e suave profeta (embora este venha a guardar, como bem se poderá ver em algumas de suas atitudes e palavras, um certo traço áspero da velha escola). O certo é que – pelo menos até a instalação do Juízo Final e a inauguração oficial do Inferno – o velho e impiedoso Jeová dos genocídios exterminadores tomará uma nova e mais suavizada feição.

72. A TENTAÇÃO NO DESERTO

Jesus, exilado no deserto por quarenta dias, pode ser comparado perfeitamente com o povo eleito do tempo de Moisés, submetido a quarenta anos de igual errância. O paralelo é possível, e poderá nos ajudar a compreender, em muitos pontos, o sentido desta estranha passagem, escrita ao molde dos debates rabínicos.

Dos quatro evangelistas, apenas João – mais afeito a dogmas do que a torneios de charadas – deixou de referir esta passagem em seu evangelho. (Marcos o faz, mas em apenas quatro linhas de escassa informação.)

Mateus e Lucas estão de acordo ao dizerem que Jesus, presumivelmente após o seu batismo, foi levado ao deserto pelo Diabo, onde este concebeu o inteligentíssimo projeto de tentar a Deus Todo-Poderoso (já que, segundo o dogma cristão, Jesus *é também o próprio Deus*). Mas antes de levar a cabo o seu plano, teve de aguardar que Jesus cumprisse um rigoroso jejum de quarenta dias e quarenta noites.

Mas teria mesmo Jesus, frágil criatura de carne e osso – coisa que provou ser durante o seu áspero martírio –, realmente ficado sem comer e beber durante todo esse período? Não necessariamente, pois é sabido que o número quarenta, entre os hebreus, pode designar apenas uma grandeza genérica de tempo. Assim, quando se diz que choveu sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites, que os hebreus erraram pelo deserto durante quarenta anos, e que Jesus ficou sem comer durante quarenta dias, tudo isso pode significar apenas que tais eventos duraram “muito tempo”.

De qualquer modo, ao cabo desse longo período de jejum, Nosso Senhor declarou – ou deu a entender – que estava com fome. Como não houvesse ninguém ao seu lado, senão o seu carcereiro diabólico, este mesmo aproveitou-se da vacilação do Messias para provocá-lo da seguinte maneira (dando início, ao mesmo tempo, à disputa de sabedoria):

– Está com fome? Se você é mesmo o Filho de Deus, manda, então, que estas pedras se transformem em pães!

Jesus não se intimidou, e após erguer a cabeça, respondeu com altivez:

– Está escrito que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra

que procede da boca de Deus.

Foi uma bela resposta, mas, como disse o próprio Salvador, não era dele, mas uma citação do Deuteronômio: “Ele te humilhou, fazendo-te passar fome e, depois, te alimentou com o maná que nem tu nem teus pais conheciam, para te mostrar que nem só de pão vive o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor” (Dt 8.3).

O Diabo recolheu-se ao silêncio, sinal evidente de que seu oponente saíra-se brilhantemente. Mas um torneio pressupõe sempre mais de um enfrentamento, e por isso o Tentador logo voltou à carga. Desta vez, num gesto de grande ousadia, tomou Jesus em seus braços e o transportou ao topo do Templo de Jerusalém, onde o deixou em grande risco de vida. (Imagina-se que tal fato tenha ocorrido durante a noite, já que de dia teria sido um espetáculo espantoso, que jamais passaria despercebido pela população da cidade.)

– Se você é mesmo o Filho de Deus – disse o Diabo –, atira-te daqui, pois não está dito que “Ele dará ordens ao seus anjos a teu respeito, e com as mãos eles te segurarão, para que tu não tropeces em alguma pedra?”

Aqui, o Diabo, nitidamente enciumado com a erudição de Jesus, mostrou-se, também, profundo conhecedor das escrituras, já que citou de cor um trecho do Salmo 91. Mas como o Diabo é sabidamente manhoso, citou o texto de maneira distorcida, pois o salmo refere-se a fatos sobrevividos e não a atos provocados, como o que pretendia que Jesus cometesse. Este, entretanto, deu uma nova resposta, tirada também do Deuteronômio:

– Também está escrito que não porás à prova o Senhor teu Deus.

(Agora já sabemos, em definitivo, qual é a regra da disputa: o Diabo tenta ao Senhor, enquanto este o refuta com alguma passagem retirada das escrituras.)

Depois da última resposta divina, Satanás, num arroubo tresloucado de arrogância, carregou o Senhor até o topo de um alto monte, de onde se podia avistar todos os reinos do mundo. (A ciência geográfica ainda não foi capaz de localizar um tal morro de onde se possa descortinar, ao mesmo tempo, todos os reinos do mundo, mas pode-se supor perfeitamente que o Diabo, como bom mago das trevas que é, tenha feito desfilar diante dos olhos de Jesus, como numa ampla tela de cinema, a imagem de todos os reinos da terra.)

De qualquer modo, Satanás, após haver mostrado ao Cordeiro de Deus o “esplendor” de todos os reinos do mundo, lhe disse, dessa vez sem citar trecho bíblico algum (já que viu que Jesus era inteligente o bastante para não cair em suas ciladas eruditas), que lhe daria tudo aquilo se o Filho de Deus se prostrasse a seus pés e o adorasse. (Lucas acrescenta em sua versão que o Diabo declarara

que todos aqueles reinos “lhe haviam sido dados”, e que por isto mesmo “podia dá-los a quem quisesse”. Alguns explicam isto dizendo que Deus passara ao Inimigo o governo do planeta, após a queda de Adão. Mas, nesse caso, o que sobra da citação bíblica (Dt 4.39) que diz que “O Senhor é Deus lá em cima no céu e cá embaixo na terra?”)

Adiante. Depois dessa generosa oferta, Jesus respondeu assim:

– Está escrito: “Adore ao senhor teu Deus, e só a ele preste culto”.

E com essa última citação deuteronomica, encerrou-se o maravilhoso debate. O Diabo, miseravelmente batido, teve de dar-se por vencido “até ocasião oportuna”, enquanto o Messias, vitorioso do confronto, retornava ao povo para dar cumprimento à sua missão.

73. AS BODAS DE CANÁ

O traço mais marcante da passagem de Nosso Senhor Jesus Cristo pela vida foi, inequivocamente, o escândalo que seus atos provocaram. Hoje, passados vinte séculos, ele se transformou num ícone, em símbolo da moralidade e do respeito às tradições sagradas. Porém, quando vivo, Jesus foi o homem mais escandaloso do seu tempo, e nenhum dos seus atos deixou de ser censurado pelos sacerdotes e devotos da época. Se voltasse hoje *exatamente como era* – ou seja, um andarilho, amigo de prostitutas, crítico feroz da religião estabelecida e adversário declarado da família –, ninguém pode ter dúvidas de que seria, outra vez, assassinado.

Seu primeiro e surpreendente milagre provará a tese.

Certo dia, Jesus foi convidado para uma festa de casamento em Caná, na Galiléia – ele adorava freqüentar festas e conversar descontraidamente com as pessoas (assim como não desprezava boa comida e um bom copo de vinho).

Ao chegar ao local do casamento, porém, encontrou ali sua mãe e seus irmãos. (Rios de tinta já correram para tentar explicar quem seriam esses “irmãos”, pois a existência deles afronta o dogma da virgindade perpétua de Maria. Uns dizem que seriam, na verdade, primos de Cristo; outros, que seriam apenas companheiros de seita. E assim encadeiam-se tantas outras explicações que continua a valer aquela velha sentença que diz que uma coisa muitas vezes explicada continua sem explicação.)

Voltando à festa: assim que Maria avistou Jesus, correu até ele e lhe disse que em bom tempo chegara, já que o vinho acabara. (A família de Jesus, como hóspede da casa, devia, segundo o costume da época, ajudar a custear as despesas das bodas.)

Jesus, entretanto, respondeu-lhe desta maneira inesperada:

– Que quer que eu faça, mulher? A minha hora ainda não chegou.

(A resposta foi, inequivocamente, ríspida, e tudo indica que, a essa altura, as relações entre ambos não fossem exatamente harmônicas, como se verá em outra passagem.)

Deixando Jesus, Maria dirigiu-se, então, aos serviçais, e lhes disse que

fizessem o que seu filho ordenasse, como se ele próprio fosse o noivo.

Jesus, enquanto isso, estava pensativo. De repente, porém, seus olhos pousaram sobre seis enormes jarras de pedra. No mesmo instante, pôs-se em pé e disse aos empregados, como se ele próprio fosse o noivo:

– Encham de água estas seis jarras.

Dito assim parece pouca coisa, mas é preciso saber que esses cântaros eram destinados aos rituais judeus de purificação, o que demonstra o pouquíssimo caso que Jesus Cristo dava às velhas usanças rituais (seria algo, mais ou menos, como se hoje em dia algum fortíssimo candidato à excomunhão usasse, durante uma festa profana, uma pia de água benta como recipiente para cerveja). Os homens que serviam o vinho, no entanto, não deram pela ousadíssima blasfêmia e correram a encher as talhas até as bordas.

– Agora levem uma taça desta água ao mestre do banquete – disse Jesus.

Eles fizeram tal como Cristo ordenara; porém, assim que o encarregado da festa levou a taça aos lábios, foi surpreendido com o gosto inequívoco de vinho.

– Que vinho delicioso! De onde vem? – perguntou, olhando para os embasbacados serviçais à sua frente, que não conseguiram atinar em como se operara aquele milagre digno de Baco.

Eufórico, o mestre do banquete dirigiu ao recém-casado (que não é dito quem fosse):

– Que grande anfitrião é você! – disse ele, com as bochechas escarlates e o ímpeto típico dos bons bebedores. – Todos oferecem primeiro aos convidados o melhor vinho e depois empurram-lhes a zurrapa. Mas vejo que você guardou o melhor para o final!

O noivo – mas quem seria o noivo? – ficou sem saber o que dizer, o que não aconteceu com os convidados, que se serviram à farta daquele vinho saborosíssimo, sem indagarem de onde surgira, senão de quanto ainda havia para dele se regalarem.

E foi esse o primeiro e surpreendente milagre que o estranhíssimo rabi operou sobre a terra – não um milagre de cura, nem de conversão, mas um milagre de prazer, que ajudou a manter uma festa animada, provando que este Homem-Deus, profanador de vasos sagrados e amigo de excelente bebida, viera mesmo para escandalizar.

Enquanto Jesus dava início ao seu ministério, João Batista prosseguia a batizar incansavelmente as suas ovelhas desgarradas. Mas como não abandonara o seu estilo ríspido de pregar, continuou a se exaltar cada vez mais, a ponto de censurar Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia, por este ter se casado com Herodíades, a mulher do próprio irmão. Decidido, talvez, a imitar o seu querido Elias – que também desafiara, em seu tempo, a esposa de um soberano –, Batista acabou colhendo dessa aventura a sua prisão (assim como aquele colhera, da sua, o exílio no deserto).

De fato, a prisão do Batista se dera por instigação da esposa de Herodes, que tomada por um ódio mortal ao seu antagonista, exigira do marido uma reparação.

– Como ousa deixar que esse louco fale de mim dessa maneira? – disse a esposa de Herodes, quase convulsa. – Vai permitir que esse maníaco celibatário continue a censurar publicamente a sua conduta?

Herodes tentou temporizar, mas sua esposa exigiu dele uma punição exemplar, já que, depois de pensar, chegara à conclusão de que aquele homem poderia arruinar a sua vida.

“É preciso que ele morra!”, concluiu Herodíades.

À noite, na intimidade com seu marido, ela lhe deu o ultimato:

– Querido, você deve matá-lo!

– Matar a quem? – disse o marido, esquecido já da história do batizador.

– Ao Batista, é lógico! – respondeu a mulher, que, ao contrário do marido, não pensava em outra coisa. – Não vê que ele não mede esforços para nos difamar?

– Vou mandar prendê-lo – disse Herodes.

– Não, ele poderá fugir – falou sua esposa.

– Então será acorrentado – retornou Herodes.

– Seus discípulos tentarão resgatá-lo de lá – insistiu a incansável Herodíades.

Então, finalmente, Herodes rendeu-se.

– Está bem, ele será preso, mas ainda não morto.

“Ainda” podia virar “logo”, e por isso a esposa resolveu condescender.

Assim que o dia raiou, o rei expediu a ordem para prender João, o que foi feito com toda a presteza.

74. JESUS E OS DOZE APÓSTOLOS

Um dia, ainda no começo de sua pregação, estava Jesus a andar pensativamente às margens do mar da Galiléia, refletindo, decerto, sobre as coisas do céu. Seus pés descalços já haviam sido repetidas vezes lavados pelas ondas, quando parou, subitamente, com as sandálias na mão. Seus olhos haviam avistado dois pescadores que lançavam uma rede ao mar. O resultado, porém, parecia pouco animador. Nem a tão louvada persistência dos pescadores havia, desta feita, frutificado, pois tantas vezes arremessaram a rede e tantas outras ela retornou às suas mãos tal como partira.

Então Jesus, tomado de súbita determinação, resolveu ir até eles.

– Ei, vocês! – disse ele, aproximando-se até discernir suas feições.

Eles se chamavam Simão e André e, ao serem chamados, levantaram os olhos cansados em direção a Jesus.

– O que quer? – disse Simão.

– Sigam-me e eu os farei pescadores de homens – disse Jesus, laconicamente.

Os dois largaram suas redes e, no mesmo instante, foram atrás de Jesus.

A atitude parece um pouco estranha e abrupta, de modo que somos obrigados a concluir que talvez os dois pescadores já o conhecessem (João evangelista, de fato, diz que os dois haviam sido apresentados anteriormente a Jesus por João Batista).

Os três caminharam um bom trecho até avistarem o barco onde estavam outros dois amigos dos pescadores: Tiago e seu irmão João, filhos ambos de Zebedeu.

Jesus, no mesmo instante, os convidou, também, para que seguissem com ele, o que eles prontamente fizeram, e imediatamente começou a ensinar-lhes a palavra divina.

Depois de sentar-se no barco onde Simão estivera tentando inutilmente pescar, e de ter feito uma bela pregação às pessoas que aos poucos haviam se reunido ao seu redor, Jesus disse repentinamente ao dono do barco: – Vão para dentro do mar e joguem as suas redes.

André tentou argumentar que o mar não estava para peixe, mas seu irmão

Simão – que Jesus apelidara de Pedro –, ainda assim, resolveu tentar mais uma vez.

– Talvez o Mestre saiba o local onde os peixes se escondem – arriscou ele, olhando para o mar esperançosamente.

Juntos adentraram todos o mar e lançaram as redes, que se abriram aos céus como duas imensas teias de aranha, indo cair sobre as ondas agitadas.

Então, quase que instantaneamente a água começou a borbulhar, como se o mar estivesse a ferver.

– O que é isso? – disse André, assustado.

Pedro, entretanto, havia entendido tudo e começou a gritar, quase histericamente, para o irmão: – Puxe...! Vamos, puxe...!

Os dois fizeram um esforço enorme para fazer subir à tona as redes, pois elas estavam tão pesadas de peixes que suas malhas quase rompiam.

– Tiago! João! Ajudem-nos! – começou a gritar Simão.

Rapidamente o barco dos amigos encostou na frágil embarcação onde estavam Simão, André e o próprio Jesus, que acompanhava a cena em pé, com um discreto sorriso.

Ao cabo de tudo, os dois barcos estavam tão pesados de peixes que quase afundaram. Pedro, entretanto, nem chegou a perceber isto, pois estava tomado por um profundo sentimento de temor com relação a Jesus.

– Senhor, afasta-te de mim, pois sou um pecador...!

Jesus pôs a mão sobre o ombro do simplório pescador e lhe disse:

– Não tenhas medo; de agora em diante tu serás pescador de homens.

Pedro e os demais compreenderam logo que uma tarefa maior os aguardava e no mesmo instante deixaram tudo para trás para seguir Jesus.



Além dos irmãos Pedro e André, e João e Tiago, mais dois discípulos tiveram o seu primeiro encontro com Jesus registrado: Filipe e Natanael (também dito Bartolomeu). Foi também na Galiléia que, segundo as palavras do apóstolo João – único evangelista a referir o episódio –, Jesus encontrou Filipe, com quem usou do mesmo stratagema.

– Siga-me – disse Jesus, e Filipe o seguiu.

Após caminharem um pouco, o novo apóstolo deparou-se com seu amigo Natanael (ou Bartolomeu), que estava sentado debaixo de uma frondosa figueira. Feliz com o encontro, Filipe separou-se de Jesus e correu até o amigo para lhe dar esta espantosa notícia: – Encontrei o profeta predito por Moisés! – disse ele, radiante.

– É mesmo? – disse Natanael. – E quem é ele?

– Jesus de Nazaré – disse o outro.

– *Nazaré?! – disse Natanael, com ar de mofa (pois, sendo grande estudioso da lei, sempre soubera que o Messias prometido viria de Belém).*

Repetindo um bordão da época, Natanael expressou, de maneira irreverente, a sua descrença: – E pode algo que preste vir de Nazaré?

Filipe, contudo, estava tão convicto do que dissera que retrucou, num desafio: – Então venha e veja com seus próprios olhos!

Filipe e Natanael foram até onde Jesus estava, a campo aberto.

– Você é Natanael – disse Jesus, surpreendendo outra vez.

– Sou, de fato – disse o outro, boquiaberto. – Mas de onde me conhece?

– Antes que Filipe te chamasse já tinha te reconhecido debaixo da figueira – disse Jesus, com o semblante iluminado por um vago sorriso.

Natanael, pasmo com a clarividência de Jesus, prostrou-se, então, aos seus pés, proclamando-o Filho de Deus e Rei de Israel.

– Crês somente porque eu disse que te vi debaixo da figueira? – disse Jesus, tornando ligeiramente mais acentuado o seu sorriso. – Pois saiba, Natanael, que tu verás coisas muito maiores do que essa!

E acrescentou ainda, com o semblante ligeiramente alterado:

– Vocês verão o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem!

O chamamento de Mateus, por sua vez – que é o mesmo Mateus evangelista –, deu-se da seguinte maneira: estava Jesus retornando de uma de suas andanças, quando, ao passar pela coletoria de impostos, viu Mateus (também chamado, às vezes, de Levi) sentado lá dentro, a exercer placidamente o seu ofício de arrecadador de tributos.

Assim que Jesus o viu, lhe disse, como de costume:

– Segue-me.

E Mateus também o seguiu.

Mas que negócio é este, afinal, de “segue-me, fulano, e fulano o seguiu”? Com esse modo lacônico de convocação, Jesus quer deixar bem claro que

o seu chamado não admite tergiversações. “Quem não está comigo, está contra mim; quem não ajunta comigo, espalha”, disse ele, a certa altura. Prova disso foram três convocações, não tão felizes, que fez em outra ocasião.

Na primeira, Jesus foi assediado por um escriba, que lhe disse:

– Mestre, eu te seguirei até onde fores.

– As raposas têm tocas, e as aves do céu, ninhos. Mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça – respondeu Jesus, como a dizer que um fariseu não teria força nem coragem para suportar as adversidades do apostolado.

Na segunda vez, foi interrompido por um de seus próprios discípulos, que lhe pediu permissão para, antes de segui-lo, ir enterrar o seu pai.

– Deixe que os mortos enterrem seus mortos. Quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus – respondeu Jesus, indiferente a pieguices terrenas.

Finalmente, na terceira vez, alguém lhe disse:

– Eu te seguirei, Senhor, mas permita que antes vá despedir-me dos meus familiares.

Jesus, porém, lhe respondeu secamente:

– Quem põe a mão no arado e volta para trás o olhar não é digno do Reino de Deus.

Voltando a Mateus: esse coletor, então, sendo também um bom garfo e amigo de celebrações, decidiu oferecer, logo em seguida ao seu chamamento, um banquete a Jesus e aos demais discípulos. Acontece que, pelo fato de exercer um ofício malvisto pelos judeus, e também por ter enchido a casa de publicanos e pecadores, logo o banquete tornou-se motivo de falatório entre os fariseus, que viviam nos passos de Jesus para desacreditá-lo.

– Vejam só, o homem que se diz o Messias, banquetecendo-se com pecadores de toda laia! – disseram os fariseus, indignados.

Jesus, porém, retrucou-lhes muito bem.

– Não são os sadios que precisam de médico, mas os doentes – disse ele, acrescentando, ainda, que não viera chamar os justos, mas os pecadores. – Vão aprender o significado de “misericórdia é o que quero, e não sacrifícios” – disse Jesus, despachando de vez os importunos com a velha citação de Amós.



Um dia, Jesus decidiu que era hora de definir um número exato de apóstolos, e por isso subiu até uma montanha, levando consigo os seus eleitos, que eram em número de doze. Diz a tradição que foram todos escolhidos a dedo entre a ralé dos judeus, sendo a maior parte deles homens pobres e incultos (“os interrogadores ficaram admirados ao ver a coragem com que Pedro e João falavam, sendo pessoas simples e sem instrução”, diz o livro dos Atos dos Apóstolos), embora haja quem afirme que não eram eles tão incultos assim, alguns devendo pertencer à “mesma seita” de Jesus.

Gnósticos ou ignaros, foram estes os apóstolos escolhidos por Cristo: Pedro, João, Mateus, Tadeu, Tomé, Filipe, Bartolomeu, Simão, os dois Tiagos, André e Judas.

Pedro tornou-se o mais famoso de todos, por ter sido o fundador da Igreja. Mateus e João tornaram-se os dois célebres evangelistas. Já Tadeu (ou Judas Tadeu) tornou-se popular como o santo dos aflitos. Tomé celebrizou-se por gostar mais de ver do que de crer (num episódio tão famoso quanto suspeito, como se verá adiante). Filipe protagonizou, junto com Jesus, o famoso milagre da multiplicação dos pães (e é por isso que normalmente o vemos nos vitrais carregando um cesto repleto de pães). Bartolomeu, por sua vez, celebrizou-se, como já vimos, por sua frase (“Pode algo que preste vir de Nazaré?”). Simão (dito também “o zelote”, por pertencer a uma seita judaica extremista) foi martirizado, segundo uma tradição mais que piedosa, aos 120 anos de idade. A André coube a honra, segundo João, de ter sido o primeiro apóstolo a ser escolhido por Cristo (daí o seu apelido grego de “Protóclito”). Logo depois, temos ainda os dois Tiagos, ditos “Maior” e “Menor”. Tiago Maior era irmão de João, e celebrizou-se por ser o primeiro dos apóstolos a sofrer o martírio (foi, segundo a tradição, decapitado). Tiago Menor, por sua vez, é um completo mistério: uns dizem que era filho de um certo Alfeu, enquanto outros, que gostam de mexer com fogo, juram ter sido ele irmão de Jesus. Para completar, temos Judas Iscariotis, do qual a história pouquíssimo sabe.

De todos esses, Pedro foi o que recebeu de Cristo o maior galardão (embora não fosse o “discípulo amado”, que a tradição identifica como sendo o evangelista João).

Estavam um dia, pois, todos reunidos num povoado da Cesaréia, quando Jesus, à queima-roupa, lhes perguntou: – Quem diz o povo que eu seja?

Todos pensaram um pouco, e logo surgiram as mais variadas respostas.

– Uns dizem que é João Batista – disse alguém.

- Outros dizem que é Elias – disse outro.
- Outros, ainda, dizem que é Jeremias – disse um terceiro.

Jesus olhou-os bem e perguntou novamente:

- E vocês, quem dizem que eu sou?

O silêncio foi quebrado rapidamente por Pedro, que tinha a natural espontaneidade dos rústicos: – Você é o Messias, filho do Deus vivo – disse ele, num jato.

Jesus aproximou-se de Pedro, sob o olhar intenso dos demais.

– Bem-aventurado é você, Pedro, porque não foi nem a carne nem o sangue que lhe inspiraram essa resposta, mas sim o meu Pai, que está nos céus – disse Jesus, tomando o apóstolo pelos ombros. – Pois eu digo, também, que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja, sobre a qual as portas do inferno jamais prevalecerão.

Jesus já havia apelidado anteriormente Simão de “Pedro” (que em aramaico quer dizer “pedra”), e aproveitou-se desse fato para compor o trocadilho sobre o qual seria edificada a mais poderosa instituição religiosa de todos os tempos.

– Darei a ti as chaves do reino – disse, ainda, Jesus, ao estarrecido pescador –, e, a partir deste instante, tudo o que tu desligares na terra será também desligado nos céus.

(E é por isso que, segundo alguns padres, quando alguém é excomungado da Santa Madre Igreja, fica, também, desligado do céu.) Curiosamente, João foi o único evangelista que não nos contou esta bela passagem.



Jesus ensinou por algum tempo os seus discípulos, até que um dia, tendo considerado-os aptos, decidiu mandá-los, dois a dois, por toda a Palestina, em missão evangelizadora. Antes, porém, deu-lhes alguns bons e úteis conselhos.

Em primeiro lugar, ordenou-lhes que fossem pregar apenas às “ovelhas desgarradas de Israel” e jamais nos países dos gentios ou nas terras dos samaritanos, que eram uma espécie de protestantes judeus. (Alguns católicos perspicazes identificaram nesse gesto uma “evidente” e profética condenação de

Cristo aos futuros “hereges” da Reforma.) Às ovelhas judias extraviadas, pois – e unicamente –, a elas deveria ser anunciada a chegada iminente do Reino dos Céus. Mas para que a retórica fosse mais convincente, deveriam também os apóstolos realizar alguns milagres, como curar doentes, ressuscitar mortos, purificar leprosos e expulsar demônios.

– De graça receberam, de graça dêem – disse Jesus, sem fazer uso de quaisquer parábolas obscuras para proibir expressamente o tráfico dos dons cedidos por Deus.

Disse, também, que não levassem consigo dinheiro algum, nem alforje, e nem duas túnicas. Quanto ao uso de um bastão, os apóstolos divergem: Mateus e Lucas, por exemplo, afirmam que Jesus os proibiu de levarem cajado (Mateus chega a radicalizar, dizendo que nem sandálias deveriam levar). Marcos, contudo, diz que Cristo os autorizou a levarem “um cajado, apenas”. Dia chegaria, porém, em que Jesus os aconselharia a venderem o manto para comprar não mais um cajado, mas uma espada.

Em contrapartida, Jesus disse que quando fossem hospedar-se à casa de alguém, poderiam ali comer e beber livremente, já que “o operário era digno do seu salário”. (Teve, porém, o cuidado de adverti-los que não andassem “de casa em casa”.) – Mas se, ao cabo, ninguém quisesse escutar sua mensagem, ou os expulsarem de lá, dirijam-se às praças e digam isto: “Até a poeira desta cidade, que se grudou aos nossos pés, nós a sacudimos para deixá-la para vocês. Saibam, no entanto, que no dia do Juízo haverá menos rigor para Sodoma do que para esta cidade!”.

(Era costume dos judeus, depois de terem viajado pelas terras “impuras” dos gentios, limpar a poeira das sandálias antes de reingressarem novamente na Terra Santa.) Os apóstolos escutavam esses conselhos com quantos ouvidos tinham, já que sabiam que suas próprias vidas corriam risco, como logo os fez ver o seu líder por estas três metáforas zoológicas: – Eis que os envio como ovelhas entre lobos. Sejam, pois, prudentes como as serpentes e mansos como as pombas.

Disse também que, por causa de sua pregação, os apóstolos seriam levados diante das autoridades para serem flagelados e darem testemunho de suas palavras, mas que não estivessem preocupados com o que haveriam de dizer, pois o Espírito de Deus é quem falaria por eles.

– Todos vocês serão odiados por causa do meu nome – disse Jesus. – Aquele, porém, que perseverar até o fim será salvo.

Os apóstolos, apesar dessa promessa consoladora, tiveram motivo de

sobra para preocupação ao escutarem as próximas palavras do mestre.

– Não pensem que vim trazer a paz à terra. Não vim trazer a paz, mas a espada. Vim tornar inimigos um homem contra o seu pai, uma filha contra a sua mãe, uma nora contra a sua sogra. Os inimigos de uma pessoa, doravante, serão os da sua própria casa.

E depois de encadear outras inquietantes profecias, concluiu com esta última: – Quem se agarrar à vida irá perdê-la, mas quem a perder por mim a conservará!

E foi sob o bálsamo desse consolo aterrador que os apóstolos partiram para fazer sua primeira viagem de evangelização.

75. O SERMÃO DA MONTANHA

Jesus Cristo proferiu o seu famoso Sermão da Montanha numa planície.

Pelo menos é isso o que afirma o evangelista Lucas, ao dizer que, momentos antes de proclamar as chamadas “bem-aventuranças”, Jesus descera da montanha onde estivera com seus discípulos, indo instalar-se “num lugar plano”. Mateus, porém, o coloca em cima de um monte (talvez no desejo de estabelecer um paralelo com Moisés no monte Sinai): “Vendo a multidão, subiu ao monte. Sentou-se, e os discípulos aproximaram-se”.

De qualquer modo, o fato é que Jesus proferiu aquela que é considerada, até hoje, uma das mais perfeitas peças de oratória da história.

Diante de Jesus havia se reunido uma multidão enorme e procedente de todas as partes, que aguardava ansiosa para escutar a sua palavra profética.

O sol descia do alto, num céu limpo de nuvens, quando o rabi, que estava profundamente inspirado, começou a falar, dizendo que bem-aventurados eram os pobres no espírito, porque deles era o Reino dos Céus; que bem-aventurados eram os que choravam, pois que seriam consolados; bem-aventurados eram também os humildes, porque receberiam a terra por herança; bem-aventurados os que tinham fome e sede de justiça, pois que seriam dela saciados; e os misericordiosos também, pois que obteriam a mesma misericórdia; bem-aventurados eram os puros de coração, pois que veriam a Deus; e os pacificadores, porque seriam chamados “filhos de Deus”; bem-aventurados os perseguidos por injustiças, porque deles seria o Reino dos Céus. Bem-aventurados, finalmente, seriam todos aqueles que o escutavam e que se tornassem, por sua causa, insultados, perseguidos e caluniados, tal como haviam sido os profetas antes deles, porque seriam recompensados nos céus.

Assim Jesus concluiu a primeira parte da sua ode à esperança. Depois disse aos seus discípulos que eles eram o sal da terra e a luz do mundo, e que a luz fora feita para ser colocada no alto e não debaixo da candeia. Disse que não viera para abolir a religião antiga, mas para fazê-la ser cumprida, e que cumprir até o menor dos mandamentos era o meio certo de ser engrandecido no Reino dos Céus. Lembrou-os, também, de que se a justiça deles não fosse maior do que a dos sacerdotes do seu tempo, de modo algum entrariam nele.

Afirmou, ainda, que não matar, somente, já não bastava mais, uma vez que se irar contra um irmão tornara-se crime de igual natureza, e mais ainda: que chamar alguém de louco era o meio mais certo de se ir chegar no fogo do inferno.

Jesus disse que de nada adiantava ir alguém apresentar sua oferta diante do altar, se ali chegasse odiando outro irmão, e que antes deveria ir reconciliar-se com ele para depois retornar ao cumprimento do ritual. Depois sugeriu – num primeiro assomo de viril arrebatamento – que mais valia arrancar um olho ou uma mão do que usá-los como instrumento do pecado, sendo melhor perder um pedaço do corpo na terra do que ir com ele inteiro para o inferno.

Jesus também proclamou-se contra o divórcio, o falso juramento – e mais que tudo, contra a hipocrisia, ordenando aos homens que o seu “sim” fosse “sim” e que o seu “não” fosse “não”.



Os discípulos e demais pessoas escutavam atentamente as palavras de Jesus. Entre o povo havia pessoas de todas as idades, jovens e velhos que tentavam compreender e assimilar tudo quanto saía da boca daquele homem que mais e mais se inflamava, porque tinha, ainda, muito a dizer (embora soubesse que a maioria dos que ali estavam tinham pouquíssimo a compreender).

– Vocês ouviram o que lhes foi dito – disse o filho de José: – “Olho por olho e dente por dente”, mas eu lhes digo: amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem! E se alguém lhes der uma bofetada, ofereçam-lhe também a outra face! E se alguém quiser que andem com ele uma légua, andem duas! E jamais digam não àquele que lhes for pedir algo emprestado!

Jesus tornava-se hiperbólico, ingressando nas províncias da utopia, lugares onde não se admite o meio-termo ou a transigência.

Para ele o mandamento de se amar ao próximo não significava mais nada, perto do acréscimo que viera introduzir:

– Vocês ouviram o que foi dito: amem o próximo e odeiem o inimigo. Pois eu lhes digo que amem seus inimigos! Porque se vocês amarem quem os ama, que mérito há nisso? E se saudarem apenas os seus irmãos, que estarão

fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso!

(Os “irmãos” aos quais Jesus se referia eram os adeptos de uma mesma seita, e, portanto, censurava aqui a inveja e o espírito de seita que predominava, então, entre os grupos rivais.)

Depois de atacar o sectarismo, Jesus fez o mesmo com a hipocrisia, que é o segundo braço do fanatismo religioso:

– Não façam nenhuma obra de justiça diante dos outros apenas para serem vistos, pois que de nada valerão diante dos olhos do Pai celestial. Quando forem dar esmola, não anunciem isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, pois estes já receberam a sua recompensa. Façam o bem em segredo, pois seu Pai, que enxerga o oculto, os recompensará.

Jesus disse, ainda, que o melhor meio de orar não era em público, nas igrejas do seu tempo, onde os hipócritas rezavam de maneira ostentosa, mas na solidão do quarto. Também recomendou que quando fossem rezar não estivessem sempre a repetir a mesma coisa, “como faziam os pagãos”, que por muito falarem pensavam ser escutados. (Posteriormente, alguns evangélicos identificaram nesse gesto uma “evidente” e profética condenação de Cristo aos futuros “idólatras” de Roma.)

Nesse passo, ensinou-os, então, a oração do Pai-Nosso, que atravessaria os séculos como a oração mais proferida em todos os tempos.

Depois de mais algumas censuras dirigidas aos hipócritas, Jesus censurou a ambição, sugerindo a todos que não acumulassem tesouros na terra, “onde a ferrugem e a traça corroem, e os ladrões arrombam e furtam”.

– Não se pode servir a Deus e ao dinheiro – disse Jesus, acrescentando que preocupações com comida e roupas eram secundárias, já que o Pai trataria de prover a todos. – Busquem, antes de tudo, o Reino de Deus, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.

Mais adiante, o Nazareno dá ao seu discurso radicalmente utópico uma muito diáfana nota realista, ao dizer estas palavras:

– Não se preocupem com o amanhã, pois basta a cada dia o seu mal.

Jesus Cristo ainda disse muitas outras coisas, sempre enfatizando que era preciso seguir a vontade do Pai, e que todo aquele que isso fizesse teria acesso ao seu Reino.

Quando concluiu, finalmente, o seu poderoso sermão, Jesus desceu do monte (ou recomeçou a andar na planície), sendo seguido pela multidão maravilhada.

76. JESUS E OS MILAGRES DE CURA (I)

Jesus, segundo os evangelhos, praticou uma infinidade de milagres, e, dentre estes, os chamados “milagres de cura”. Entretanto, a crer-se nos historiadores, Jesus não estava fazendo nada de novo, já que a coisa mais comum naqueles dias de absoluto atraso médico era a existência de taumaturgos espalhados por toda a Palestina. (Até o rei Vespasiano, segundo Suetônio, teria curado um cego, valendo-se da mesma técnica empregada por Cristo de misturar saliva com barro.)

“A medicina científica, fundada há cinco séculos pela Grécia, era, à época de Jesus, praticamente desconhecida dos judeus da Palestina”, diz-nos Ernest Renan. “Em um tal estado de conhecimentos, a presença de um homem superior, tratando o doente com carinho e dando-lhe por meio de alguns sinais sensíveis a certeza de seu restabelecimento, é freqüentemente um remédio decisivo.” Renan ainda acrescenta, com uma sã lógica: “Desde que se visse a doença como a punição de um pecado, ou como obra do demônio, e não como resultado de causas físicas, o melhor médico era o homem santo, que tinha o poder de ordem sobrenatural”[1].

Mas, então, eram falsos os milagres?

Segundo os evangelhos, eram absolutamente verídicos, e é sob essa ótica que devemos ler os relatos acerca deles, já que os profetas incluíam o poder de operar milagres como um dos componentes essenciais da pregação do Messias.

A cura da sogra de Pedro, por exemplo, é um dos seus milagres mais populares.

Estava, pois, certo dia, Jesus com seus discípulos, quando Pedro chegou-se a ele, muito assustado, para lhe fazer um estranho pedido.

– Mestre, minha sogra está à morte!– disse o pobre apóstolo. – Vem à minha casa e impede que ela morra!

Jesus foi imediatamente até a casa de Pedro e lá encontrou a pobre mulher deitada sobre um catre, de olhos fechados e coberta de suores. Pedro aproximou-se da sua sogra, acompanhando Jesus, com um brilho profundo de esperança no olhar.

Então, após tomar entre as mãos suadas da enferma, Jesus esconjurou a febre, e no mesmo instante os globos oculares da mulher deixaram de rolar inquietamente debaixo das pálpebras.

Pedro abriu um sorriso feliz para Jesus ao ver a sogra novamente sã – tão sã, dizem os evangelistas, que “ela pôs-se imediatamente a servi-los”.

Outro milagre famoso de cura é o do leproso, que certo dia aproximou-se de Jesus, a implorar desesperadamente:

– Senhor, se queres, tens poder para purificar-me!

Jesus esteve a observá-lo por um momento, até que lhe estendeu a mão, dizendo:

– Quero, fica curado.

Diante do simples toque, o leproso teve sua pele liberta de todas as pústulas e feridas. Jesus, porém, sabendo que, conforme a lei judaica, nenhum ex-leproso poderia ser readmitido na sociedade sem antes ir entrevistar-se com um sacerdote, autorizou-o a ir.

– Vai e mostra-te ao sacerdote, levando a oferta que Moisés ordenou, para que sirva de testemunho. Porém não conte isto a mais ninguém!

O ex-leproso foi até o sacerdote e logo depois já andava por toda a parte a alardear alegremente a sua cura. Desde esse dia Jesus não podia mais entrar publicamente em nenhuma cidade, já que era grande o tumulto que se estabelecia à sua chegada, permanecendo fora, em lugares ermos e solitários. Mas nem isso impedia que as multidões continuassem a procurá-lo, já que doença era coisa que não faltava naqueles tempos.



Foram dois milagres impressionantes, mas é preciso admitir-se que eles empalidecem quando comparados com outros mais singulares. Dentre tantos milagres de cura curiosos, há um, no entanto, que se destaca de todos os demais pelas peripécias quase grotescas que o antecederam. É o chamado milagre do “paralítico da maca”.

Esse episódio começa no instante em que Jesus, numa de suas peregrinações, entrou em uma casa, a qual rapidamente ficou tão repleta de

pessoas que, em breve, não era mais possível chegar-se nem à porta.

Mas isso não impediu a chegada de novos “pacientes”, desesperados por poderem alcançar a cura de seus males. Um desses era um parálítico, que seus parentes haviam levado até a casa deitado numa maca.

A partir desse instante os fatos adquirem uma feição quase surreal, já que, segundo o evangelista Marcos, havendo grande multidão aglomerada em frente à casa, não foi possível fazer-se com que o parálítico pudesse nela entrar.

Que solução encontraram, então, seus parentes, segundo o evangelista?

“Não podendo levá-lo até Jesus, por causa da multidão”, diz ele, “removeram parte da cobertura do lugar onde Jesus estava e, pela abertura no teto, baixaram a maca em que estava deitado o parálítico.”

Mas como chegaram até o teto, se não haviam conseguido chegar sequer à porta?

É que havia uma escada externa dando acesso à cobertura da casa, o que possibilitou a subida do parálítico até o teto e sua posterior descida ao interior, graças a uma abertura feita no forro.

Jesus, dentro da casa, deve ter ficado muito surpreso ao ver descer dos céus um parálítico.

Vendo, então, o grande esforço que se fizera, Jesus apiedou-se do homem e lhe disse estas palavras, que terminaram por excitar a ira dos sacerdotes, que por ali também estavam:

– Tenha bom ânimo, pois os teus pecados foram perdoados.

Quem era esse homem, afinal, para perdoar pecados?, pensavam os sacerdotes.

Jesus, entretanto, já sabia o que eles tramavam em seus corações, e lhes disse:

– O que é mais fácil: dizer “Os teus pecados estão perdoados” ou “Levanta-te e anda”?

Então, voltando-se para o parálítico em sua maca, lhe disse:

– Para que vocês saibam que o Filho do Homem tem autoridade para perdoar pecados é que lhe digo: Levanta-te, pega a tua maca e volta para a tua casa.

O parálítico ergueu-se e fez tal como Jesus lhe ordenara, enchendo novamente o povo de espanto, que não cessava de exclamar:

– Verdadeiramente, hoje presenciamos coisas extraordinárias!

Não menos extraordinárias são algumas gravuras que se vêem, ainda hoje, mostrando o sorridente parálítico a andar pelas ruas, carregando nas costas uma

enorme cama de madeira, tal como Sansão carregou, um dia, os portões de Gaza.



Outra cura sumamente original foi a do servo do centurião.

Jesus Cristo estava, dessa feita, em Cafarnaum, quando se aproximou dele um centurião romano, com o olhar vesgo dos aflitos.

– Senhor, o meu criado está em casa, deitado e sofrendo de dores atrozes!

(Segundo Lucas, não foi o centurião, mas alguns anciãos judeus que foram interceder por ele, graças ao fato de ele tê-los ajudado, anteriormente, a construir uma sinagoga.)

Jesus então disse:

– Eu irei curá-lo.

O centurião, entretanto, ficou tão emocionado que lhe disse estas famosas palavras:

– Senhor, não sou digno de que entres em minha casa. Basta que digas uma palavra e meu servo estará salvo!

(Lucas diz que tais palavras foram ditas a Jesus por intermédio dos mensageiros do centurião, quando Jesus já estava a caminho da casa do oficial romano.)

Os dois evangelistas, contudo, são unânimes em concordar que Jesus ficou tão admirado com as palavras do centurião, que, voltando-se para os demais, exclamou:

– Em verdade lhes digo que jamais encontrei em Israel alguém com tamanha fé! – E depois, voltando-se para o centurião (ou seus mensageiros), lhe disse: – Vai! Assim como creste, assim será feito!

E foi assim que Jesus curou o homem, sem sequer pôr-lhe os olhos em cima (o que, mesmo naqueles dias de curandeirismo exacerbado, era considerado um prodígio acima do normal).

A respeito, ainda, do mesmo episódio, o apóstolo João nos dá a descrição de outro tão parecido, que muitos exegetas concluem ser apenas uma variante do primeiro.

Na versão joanina, o pedinte desesperado é um funcionário real, que vem

interceder pela vida de seu filho (o que torna sua versão mais provável, já que é bem mais crível um pai implorar pela vida do filho do que um militar pela vida de seu servo).

Jesus, porém, o recebe aqui com palavras de indisfarçado enfado (que, reproduzidas pela pena de João, parecem ser mais uma indireta deste aos seguidores de Tomé):

– Só vendo prodígios é que se dispõem a crer!

Mas como o desespero é surdo, o funcionário não desiste.

– Senhor, venha, antes que meu filho morra!

Jesus, então, diz simplesmente:

– Vai, teu filho vive.

O funcionário acreditou nas palavras de Jesus e retornou. No caminho, encontrou-se com alguns servos, que lhe deram a boa notícia da cura do seu filho.

– A que horas foi isso? – disse o funcionário.

– Ontem, à uma da tarde – disse um deles.

Então o funcionário, lembrando tudo, confirmou que fora aquela hora na qual Jesus declarara o seu filho salvo.

[1] Renan, Ernest. Vida de Jesus. Trad. Eliana Maria de A. Martins. Martin Claret, 2003.

77. JESUS E OS MILAGRES DE CURA (II)

Jesus também curou por etapas, nas chamadas “curas gradativas”. Na primeira delas curou um surdo-mudo, que habitava em território pagão, “a leste do lago”(ou seja, do Jordão). Tão logo as pessoas avistaram Jesus, correram logo a trazer-lhe um surdo-mudo, para que o curandeiro lhe impusesse as mãos.

Jesus, entretanto, por algum motivo, preferiu, dessa vez, isolar-se da multidão para operar o seu milagre. Assim que esteve a sós com o surdo-mudo, impôs-lhe primeiramente os dedos nos ouvidos. Depois, molhou o dedo com sua saliva e tocou-o na língua do mudo, ao mesmo tempo em que erguia os olhos ao céu.

Jesus deu um breve gemido e pronunciou, em seguida, a palavra aramaica “*Effatha!*” (que significa “Abre-te”). No mesmo instante, os ouvidos do doente foram desimpedidos e sua língua, destravada.

O evangelista Marcos conclui de maneira irônica, dizendo que, tendo sido advertido por Cristo para que não contasse a ninguém o milagre, saíra o ex-mudo a alardear o fato, e que quanto mais Jesus proibia ao povo de divulgar seus milagres, “mais o anunciavam”.

O segundo caso de cura gradativa deu-se com o cego de Betsaída, e se desenrolou da seguinte maneira: tendo Cristo chegado a essa localidade, foi-lhe trazido um cego. Mais uma vez Jesus apartou-se da plebe curiosa e foi obrar seu prodígio secretamente.

Depois de ter ungido os olhos do cego com sua saliva, lhe disse:

– Estás enxergando?

O cego piscou várias vezes na direção do povo, que observava a tudo de longe.

Depois de olhar atentamente para tudo, o cego ficou curado “e distinguiu tudo perfeitamente”.



Mas além da cura gradativa, praticou também o Nazareno uma outra e surpreendente modalidade de cura: a cura simultânea. Também aqui os cegos são os protagonistas ao lado de Cristo, embora haja uma pequena controvérsia, já que Mateus, Marcos e Lucas divergem quanto ao número de cegos da história. Assim, enquanto o primeiro afirma que eram dois cegos, os outros juram tratar-se apenas de um.

Preferimos seguir a versão de Mateus.

Estava, pois, o Senhor, a caminho de Jerusalém, para cumprir a última e dolorosa parte de sua existência, quando, ao passar por Jericó, escutou os gritos de dois cegos.

– Senhor, filho de Davi, tende piedade de nós!

Entretanto, suas vozes foram logo abafadas pelos gritos da multidão que acompanhava Jesus, que ordenava aos dois cegos que se calassem.

Mas os dois ceguinhos não se assustavam fácil, e por isso repetiram seu clamor, com ainda mais força: – Senhor, filho de Davi, tende piedade de nós!

Escutando as suas vozes, Jesus parou a marcha e foi até eles.

– Que querem que lhes faça? – disse, com doçura, o nazareno de Belém.

– Senhor, faça com que nossos olhos se abram! – disseram os dois, num coro gemente.

Compadecido, Jesus tocou-lhe os olhos e, no mesmo instante, ambos recobram a visão, integrando-se ao séquito de Jesus. (Na versão de Marcos, só há um cego, como dissemos, e tem até um nome: chama-se Bartimeu.)



Mas se alguém achou que curar dois cegos ao mesmo tempo foi o máximo, saiba que Jesus ultrapassou-se, ao curar, doutra feita, nada menos que *dez* leprosos!

A coisa deu-se quando Jesus atravessava a Galiléia e a Samaria. Tão logo entrara numa aldeia, dez leprosos puseram-se a gritar por ele: – Jesus, Senhor, tende piedade de nós!

Jesus olhou para eles e lhes disse apenas que fossem apresentar-se aos sacerdotes.

Isso significava que a cura, apesar de ainda não ter sido operada, seria, com certeza, já que todo leproso, como impuro que era, deveria, antes de reingressar na sociedade, apresentar-se aos sacerdotes para obter o certificado de cura.

Os dez leprosos, cheios de fé, partiram, então, em direção à cidade.

Algum tempo passou-se até que um deles – e apenas um – retornou, completamente curado, para agradecer a cura a Jesus.

Pena que o leproso que retornara fosse um samaritano, considerado quase-pagão.

– Mas como? – disse Jesus, contrariado. – Foram curados os dez, mas não voltou senão este estrangeiro para dar glória a Deus?

Então Jesus o abençoou, dizendo-lhe:

– Levanta! Tua fé te salvou.



Como não pretendemos esgotar todas as curas milagrosas que Jesus operou, vamos narrar, somente, mais uma delas, que é a chamada cura do “paralítico do poço”.

Essa cura, narrada unicamente por João, é considerada por alguns como sendo uma versão modificada da cura do “paralítico da maca”. Entretanto, ela se diferencia tanto nos detalhes que dificilmente pode ser entendida como a mesma.

Diz João, pois, que estando Jesus nas proximidades de Jerusalém, chegou um dia à Porta das Ovelhas, onde havia o famoso tanque de Betsaida. Ali costumava se reunir a malta dos mendigos, doentes e inválidos de toda a região.

Dizia-se que, de tempos em tempos, um anjo costumava descer dos céus para agitar a água do tanque, e que o primeiro a banhar-se nessa água agitada ficava curado de todos os seus males. Estava ali, pois, quando Jesus chegou, um

paralítico que já há miseráveis 38 anos esperava pela chance de dar o seu mergulho restaurador.

Quando Jesus pôs seus olhos sobre ele, decerto compreendeu imediatamente a razão do seu drama, já que dirigiu-se diretamente a ele.

– Tu queres ficar curado? – disse o rabi, com autoridade.

O paralítico respondeu, muito lacrimosamente:

– Senhor, não tenho ninguém que me ajude a entrar no tanque pois, todas as vezes que o anjo surge para sacudir a água, alguém se adianta e toma a minha vez!

Penalizado, Jesus decidiu acabar de vez com aquela injustiça.

– Levanta e toma a tua maca – disse ele.

O homem ergueu-se, tomou sua maca e desapareceu.

78. JESUS, O POLÊMICO (I)

Jesus Cristo, como já dissemos antes, foi fértil em escândalos, e a maioria desses episódios degenerou em polêmicas, das quais ele saiu-se sempre muito bem, graças ao seu brilhante talento argumentativo, bem como ao seu profundo conhecimento da lei.

A primeira polêmica que pretendemos narrar é a do parálítico do poço. Como vimos, Jesus havia libertado o cego da necessidade de esperar o anjo que descia esporadicamente dos céus para agitar o poço milagroso que ele, pela sua própria condição de parálítico, jamais poderia alcançar, e que depois disso o parálítico saíra pelas ruas a carregar, todo sorridente, a sua maca.

Ora, acontece que o ex-parálítico, compreensivelmente esquecido de tudo, esquecera-se também de que aquele era o dia de sábado, dia sagrado do descanso, segundo a lei judaica. Assim, tão logo os sacerdotes colocaram o olho sobre ele, a carregar pelas ruas a sua maca, encheram-se de fúria.

– Não sabe que hoje é sábado, e que por isso não lhe é permitido carregar a sua maca ou qualquer outra coisa?

– Mas o homem que me curou disse: “Levanta e toma a tua maca” – argumentou o ex-parálítico.

– Ah, é? E quem é ele? – disseram os sacerdotes.

Mas o homem não lhes soube responder, já que não conhecia a Jesus, e este já havia desaparecido em meio à multidão.

Porém mais tarde ele encontrou Jesus num templo, e este lhe disse que não tornasse a pecar, para que algo pior não viesse a lhe acontecer.

Imediatamente o homem, tomado de medo pela punição dos sacerdotes, foi correndo contar aos judeus quem fora o homem que lhe tinha curado.

E então recomeçou a perseguição a Jesus, mas este saiu-se com esta resposta verdadeiramente magnífica:

– Meu Pai continua trabalhando até hoje, e eu também estou trabalhando.

Isso, porém, enfureceu ainda mais os sacerdotes, pois começaram a acusar Jesus de querer igualar-se ao próprio Deus.

Então Jesus ministrou-lhes um longuíssimo discurso acerca de suas

relações divinas, dizendo que o que o Pai fazia também o Filho fazia, e muitas outras e profundas coisas, até culminar no fecho costumeiro de que a salvação estava em quem nele cresse, e a perdição, em quem nele não cresse.



As polêmicas envolvendo Cristo começam invariavelmente por um mesmo pretexto: o de que ao curar no sábado, Jesus infringe a lei judaica (já que esta proíbe terminantemente que se mova um dedo nesse dia). Na verdade era um estratagema de que se valiam seus arquiinimigos fariseus para desacreditá-lo publicamente como um blasfemador.

Uma nova polêmica começou, pois, quando Jesus entrou numa sinagoga, numa linda manhã de sábado. Nem bem adentrara o recinto, quando avistou um pobre homem com sua mão entrevada.

Imediatamente um fariseu atento percebeu assomar nos olhos de Jesus a sua irreprimível vocação curativa. Adiantando-se, disse, então:

– O que achas, tu: é lícito ou não curar no sábado?

Jesus, porém, percebendo a cilada, retrucou-lhe desta maneira:

– Suponhamos que qualquer um de vocês tenha uma ovelha, e que ela caia num buraco em pleno sábado. Não a agarrarão e a retirarão de lá?

Um silêncio constrangido desceu sobre os acusadores.

– Muito mais que uma ovelha vale um homem! Portanto, é lícito fazer o bem no sábado.

E sem esperar qualquer resposta, correu Jesus a fazer o que pretendia.

– Estende a tua mão – disse ele ao homem da mão seca.

O desgraçado estendeu a sua garra entrevada, que logo se tornou sadia outra vez, tão logo Jesus a tocara.

Indiferentes ao milagre, os fariseus deliberaram entre si como matariam Jesus.

(Esta é a versão de Mateus. Nas outras duas, de Marcos e Lucas, é o próprio Jesus quem provoca a polêmica ao fazer a pergunta, sem qualquer provocação dos fariseus.)

Outra polêmica envolvendo o sábado começa assim (segundo Lucas):

“Certo sábado, ao passarem pelas plantações, seus discípulos arrancavam espigas e as comiam, debulhando-as com as mãos”.

Este ato praticado pelos discípulos foi encarado pelos fariseus como um ato de colheita, e, por isso, um trabalho. Logo alguns correram até o grupo a dizer:

– Olhe aí, Jesus, teus discípulos infringem o sábado debaixo de tuas barbas!

O primogênito de Maria, no entanto, retrucou-lhes:

– Não fizeram Davi e seus companheiros coisa parecida quando, famintos, invadiram o Templo e puseram-se a comer os pães destinados aos sacerdotes?

Jesus referiu-se ao episódio descrito em 1Sm 21.2-7, argumentando que, sendo a necessidade superior ao preceito, não havia delito algum no que praticavam.

E depois encerrou com este aforismo, tão famoso quanto brilhante:

– O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado.



Mas as críticas a Jesus não vinham somente dos sacerdotes farisaicos, vinham também dos próprios discípulos de João Batista, que ficavam escandalizados ao ver o quão pouco Jesus e seus discípulos praticavam o jejum.

– Nós jejuamos enquanto vocês comem e bebem à vontade! – disse um deles, com o ar de quem, há bom tempo não metia nada entre os dentes.

Jesus respondeu, ao seu modo elíptico:

– E por que deveriam os convidados ficar de luto enquanto o noivo está com eles? Quando ele lhes for tirado, aí, sim, poderão jejuar à vontade.

Jesus Cristo defendeu, pois, a alegria, quando o momento fosse de júbilo, atacando o hábito doentio de se praticar jejum sem qualquer motivo.

– Ninguém põe remendo novo em roupa velha – disse ele –, porque o

remendo novo repuxa o tecido, e o rasgo se torna maior. Nem se põe vinho novo em odres velhos, já que assim estes estouram e se perde o vinho. Vinho novo se põe em odre novo.

Seria essa uma maneira suave de Jesus anunciar ao Batista que suas práticas religiosas estavam já ultrapassadas, e que ele, Jesus, era o “odre novo”, capaz de armazenar o “vinho novo”?

Tudo indica que sim, a julgar-se pelo novo e velado confronto que se seguiu, dessa vez provocado pelo próprio João Batista, que, mesmo atrás das grades, acompanhava atentamente os passos da pregação de Jesus.

Um dia, o homem que havia pouco tempo batizara Jesus, e vira a pomba do Espírito Santo baixar sobre ele, e escutara a voz do Senhor ribombar pelos céus a proclamar que aquele era o Filho Unigênito no qual ele se comprazia, foi tomado por esta estranha dúvida, que repassou a um de seus discípulos:

– Vai de minha parte e pergunta a Jesus se ele é mesmo o Messias, ou se devemos esperar pelo verdadeiro.

(Talvez o Batista, tendo uma concepção mais “guerreira” do papel que deveria desempenhar Jesus – e, decerto, também, algo aflito por sua própria situação –, estivesse surpreso com as atitudes do pretenso Messias, que se limitava a pregar e curar, em vez de tomar nas mãos, de uma vez, a espada do libertador.)

Jesus, porém, disse aos discípulos que fossem contar ao Batista que era tudo verdade quanto lhe havia chegado aos ouvidos: que ele curava, ressuscitava e que levava sua pregação aos necessitados, e que feliz era aquele que não se escandalizava por isso.

Logo em seguida, fez um comentário público a respeito de João Batista, estranha espécie de elogio decrescente, que deve ter soado maravilhosamente aos ouvidos do homem que desde o começo de sua vida fizera profissão de fé pública de sua humildade.

– Digo-lhes a verdade – disse Jesus ao povo reunido –, entre os nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que João Batista. Entretanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele.

Depois comparou João Batista a Elias, dizendo que ele, de fato, era o Elias que devia vir (uma das profecias mais obsessivas então existentes era a de que o profeta Elias – que, segundo a tradição, não morrera – deveria retornar antes do advento do Messias), e que com ele se encerrava a época dos velhos profetas, na qual “o Reino dos Céus era tomado pela força” (numa possível alusão a Moisés, Josué e outros profetas guerreiros).

Quando terminou seu discurso, porém, Jesus parecia meio desencantado:

– A que posso comparar os homens desta geração? Parecem-se com crianças mimadas, que sentadas na praça resmungam umas às outras que não querem mais brincar: “Nós tocamos flauta, mas vocês não dançaram! Cantamos um lamento, mas vocês não choraram!”. Pois de João Batista, que jejuava, disseram tratar-se de um demônio, e de mim, que não jejuo, que sou um comilão e um bebedor!

Jesus descobria, amargamente, que cada vez menos pessoas estavam dispostas a escutar as coisas que ele tinha a dizer – inclusive em sua terra, como se verá a seguir.

79. JESUS, O POLÊMICO (II)

Jesus estava em Nazaré quando resolveu, certo dia, ir à sinagoga, onde procedeu à leitura dos rolos sagrados – no caso, o livro de Isaías, do qual leu esta passagem referente ao Ano do Jubileu (comemoração estabelecida pelo Levítico, na qual, a cada 49 anos, os escravos eram soltos e as dívidas, canceladas):

– “O espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para que dê a boa nova aos pobres; enviou-me para anunciar a liberdade dos cativos *e a visão aos cegos*, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar o ano do jubileu do Senhor”.

Jesus, entretanto, leu a passagem em que se anunciam as delícias desse período como se fosse o anúncio do seu futuro reino messiânico, acrescentando a parte grifada por conta própria (por ele ou pelo evangelista Lucas), a fim de enquadrar-se no papel do Messias.

E então, para arrematar, concluiu desta maneira audaciosa:

– Hoje cumpriu-se, diante dos seus olhos, o que a escritura prometeu.

Entre a assembléia, porém, correu um grande rumor de espanto.

– Este é o Messias? Mas não é ele o filho de José? Não se chama Maria a sua mãe, e os seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? E as suas irmãs não vivem todas entre nós?

(Foi dito, pois, que Jesus tinha quatro irmãos, fora as irmãs.)

Jesus, alheio aos rumores, decidiu fazer cessá-los com estas palavras:

– Bem sei que logo me dirão: “Médico, cura-te a ti mesmo! Por que não faz em tua terra os milagres que fez em Cafarnaum?” Grande verdade, porém, é aquela que diz que um profeta só é desprezado em sua pátria, em sua família e em sua casa. Elias e Eliseu que o digam!

Nesse instante, a fúria acendeu-se nos rostos dos fariseus, já que Jesus, além de ter deturpado deliberadamente um texto sagrado para provar que era o Messias, ainda os ofendera publicamente.

– Uma desfeita! – disse um dos sacerdotes, engasgado de cólera.

Então, pela primeira vez em sua vida, Jesus provou da ira humana. Agarrado pelos escribas e fariseus, foi levado até o topo da colina mais alta da

cidade, numa espécie de via-crúcis antecipada, onde esteve na iminência de ser lançado precipício abaixo.

Nesse ponto Lucas, que é o único dos evangelistas a referir o episódio, nos lança também ao precipício do subentendido, já que explica o que aconteceu desta maneira lamentavelmente lacônica: “Mas Jesus passou por entre eles e retirou-se”.

Jesus, solidamente preso e na iminência de ser lançado do alto de um penhasco, *passa por entre eles e retira-se*? Mas como? Teriam desistido do terrível ato os seus algozes? Algum milagre os teria feito ver, no último instante, a injustiça que estavam prestes a cometer? Ou ficaram paralisados por alguma força superior? (Ou quem sabe, ainda, seria Jesus imune a precipícios, já que o próprio Diabo havia falhado ao tentar lançá-lo num?)

Impossibilitados, então, de entender o que verdadeiramente se passou, resta-nos o consolo de termos à mão este poderoso versículo:

“Mas Jesus passou por entre eles e retirou-se” (Lc 4.30).



De todas as atitudes polêmicas de Jesus, porém, nenhuma parece ser mais constrangedora do que as ásperas prevenções que ele, mais de uma vez, pareceu nutrir contra a sua própria família (arroubos esses que exegetas piedosos procuram edulcorar, a fim de não estragar a imagem de harmonia familiar que, durante séculos, o catecismo e a arte sacra legaram a gerações enternecidas de crentes).

Mas a verdade é a verdade. Numa das tantas jornadas evangélicas a que Jesus se impôs, houve uma desavença tão cristalina entre ele e sua família, que somente uma grande piedade interpretativa poderá pretender negá-la.

Diz-nos, pois, o evangelista Marcos – único a relatar o episódio de maneira completa – que estava Jesus, certa feita, em sua casa, quando se reunira novamente ao seu redor uma grande multidão – tão grande, na verdade, que ele e seus discípulos não conseguiam nem comer. De repente, porém, o evangelista interrompe a narrativa para nos informar que os familiares de Jesus “saíram para detê-lo, porque diziam que ele enlouquecera”. (Não nos é dito quem eram

exatamente esses familiares, mas podemos supor, com boa margem de certeza, que fossem sua mãe e seus “irmãos”, já que são os únicos a figurarem nos evangelhos.)

Mas por que razão Maria e os demais teriam tomado essa decisão extrema de tentar retirar Jesus à força de sua própria casa, sob a alegação de que ele estava louco?

Existem diversas interpretações para essa atitude, mas talvez a mais coerente esteja mesmo nos versículos seguintes, que parecem explicar satisfatoriamente o que estava acontecendo naquela tumultuada reunião.

Diz, pois, o mesmo evangelista, que escribas haviam descido de Jerusalém para acusar Jesus de estar a serviço do Diabo, já que a lei judaica condenava à morte todo profeta acusado de profetizar inspirado por demônios.

Ora, tendo Jesus recém-expulsado um deles de um homem cego e mudo, foi imediatamente acusado pelos fariseus de expulsar demônios por ordem de Belzebu (antigo deus de Acaron, que mais tarde os rabinos rebaixaram, por conta própria, a príncipe dos demônios).

Desde esse instante, ficou Jesus sob o risco iminente de ser morto, e daí a razão, segundo alguns comentadores, de seus parentes terem tentado retirá-lo à força da casa, sob a alegação de que ele estava louco, antes que a situação se complicasse irremediavelmente.

Jesus, contudo, era perfeitamente capaz de defender a si próprio, e o fez, mais uma vez, à sua brilhante maneira.

– Toda casa dividida se arruina a si mesma – disse ele, enfrentando seus acusadores. – Se Satanás expulsa Satanás, está agindo contra si próprio. Como conseguirá, então, triunfar nos seus propósitos? E se eu expulso por Belzebu, vocês expulsam por quem? É pelo Espírito de Deus que expulso os demônios, e é por isso que digo que o Reino de Deus já chegou a vocês.

Com isto, Jesus queria dizer que era ele, de fato, o Messias esperado.



Marcos (a exemplo, também, de Lucas e Mateus) recomeça a sua narrativa dizendo que logo após o término da controvérsia sobre Belzebu,

chegaram a mãe e os supostos irmãos de Jesus, que, tendo ficado do lado de fora, mandaram alguém chamá-lo.

– Sua mãe e seus irmãos estão lá fora e querem falar com você – disse o emissário.

Porém, aqui, o nazareno teve outra de suas reações imprevistas, já que exclamou esta coisa desconcertante ao mensageiro:

– Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

E depois de percorrer com o olhar as pessoas que estavam à sua volta, exclamou, ainda mais inflamado:

– Estes são minha mãe e meus irmãos! Pois quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe!

Para seu espírito manso as coisas não eram assim tão rigorosas, e no fundo ele compreendia que Maria, mãe amorosa que era, tinha toda a razão em tentar protegê-lo, tomada que estava pelo receio de vê-lo meter-se em alguma encrenca mais séria – o que, de fato, terminaria acontecendo mais tarde, para felicidade de todos, já que ao cumprir digna e exemplarmente o papel que seu Pai lhe atribuiu, Jesus resgatou todos os nossos pecados.

80. AS RESSUSCITAÇÕES DE JESUS

Tirando a dele próprio, Jesus operou mais três ressuscitações.

A mais famosa delas é a de Lázaro – mas essa deixaremos para o fim. Em primeiro lugar contaremos o interessantíssimo caso da filha de Jairo.

Jesus estava pregando, pois, certo dia, às margens do lago, quando um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo, lançou-se a seus pés.

– Minha filhinha está morrendo! – disse ele, com o rosto em prantos. – Vem e salva-a da morte!

(Dos três evangelistas que narram o episódio, Mateus é o único que faz Jairo afirmar explicitamente que a filha “acabara de morrer”. Marcos e Lucas dizem, apenas, que ela “estava à morte”. Mas entre a partida de Jesus e a chegada à casa de Jairo, há um interlúdio curiosíssimo que não é possível deixar de referir. Ocorre, pois, que no caminho ia Jesus seguido pela habitual multidão, que insistia em permanecer ao seu redor, como as abelhas o fazem ao redor do favo. No meio da malta dos desassistidos havia uma mulher desgraçada que havia já doze anos sofria de uma hemorragia ininterrupta. Os especialistas imaginam que ela sofresse de um fluxo menstrual de trinta dias, o que a tornava, aos olhos da lei, permanentemente impura, conforme os ditames severos da lei: “A mulher que sofrer prolongadamente de hemorragias fora da menstruação, ou cujas regras se prolongarem além do costume, ficará impura enquanto durar a hemorragia, como no tempo da menstruação”. (Lev 15.25) Isso significava que ninguém poderia tocar na mulher hemorrágica, sob o risco de tornar-se impuro, também. Mas o desespero dela era tanto – convertida que estava em pária permanente – que decidiu apostar tudo e tentar obter de Jesus a sua cura e, conseqüentemente, a sua reabilitação social.

Aproximando-se, então, pelas costas de Jesus, a mulher tocou-lhe o manto com toda a fé, pensando consigo mesma: “Basta que eu toque a sua veste e estarei curada!”.

E pensou certo, pois no mesmo instante cessou sua hemorragia.

Jesus, no entanto, parou subitamente de andar e voltou-se para a multidão.

– Quem tocou em mim? – disse ele.

Segundo os evangelistas, Jesus sentira que “uma força saíra de si” (“Toda

a multidão tentava tocar nele, porque dele saía uma força que curava a todos.” – Lc 6.19).

A multidão amedrontou-se, pois imaginava que, assim como daquele homem saía uma energia curativa espontânea, podia sair também algum raio de ira mortífero.

Então, a mulher, tremendo de medo, caiu aos pés de Jesus, exclamando: – Perdoa, fui eu quem tocou nas tuas vestes!

Jesus ficou tão impressionado pela fé – ou pela audácia – da mulher, que lhe disse: – Ânimo, filha, a tua fé te salvou! Pode ir em paz!

Nesse instante chegaram alguns mensageiros, que disseram a Jairo:

– Tua filha morreu. Por que perturbas ainda teu mestre?

Mas Jesus atalhou os mensageiros, dizendo:

– Nada temas; creia somente.

Prosseguiram a marcha, até chegarem à casa do pobre homem, que parecia, como sua filha, mais morto do que vivo. Dentro do quarto já estava montado o cenário do velório, com grande alarido de choros e de vestes rasgadas.

Jesus, porém, interrompeu a choradeira ao dizer:

– Por que todo este pranto? A menina não morreu, está dormindo!

Então a choradeira converteu-se, segundo os evangelistas, em risos e caçoadas.

Depois de ter expulsado todos do quarto – à exceção de Pedro, Tiago e João –, Jesus aproximou-se da menina, tomou-lhe a mão e lhe disse “*Talitha kum!*” (expressão aramaica que, segundo alguns, foi mal traduzida pelos gregos para “Menina, levanta-te”, quando, na verdade, significa apenas “Toma minha mão direita”).

No mesmo instante a menina retornou da morte, como afirma Lucas, ou do seu “sono”, como afirmara metaforicamente Jesus.

De qualquer modo, Jesus comprou não uma, mas duas novas brigas com os fariseus, já que, segundo a lei judaica, havia ele incorrido em duas abominações: a primeira, por ter sido tocado por uma mulher menstruada, e a segunda, por ter tocado num cadáver, que era a forma mais aviltante de se adquirir impureza ritual.



Falemos, agora, da ressurreição do filho da viúva que morava em Naim. Naim era uma aldeia que ficava a meio caminho de Cafarnaum e a Samaria.

Jesus estava quase chegando às portas da cidade, acompanhado pelos discípulos e uma grande multidão, quando viu surgir por ela um préstito funerário.

À frente do grupo ia a mãe lamentosa de um jovem recém-morto. Ela era viúva e, por isso, sua aflição era ainda maior, já que viúvas sem parentes próximos podiam ficar completamente desassistidas.

Junto à mãe e ao filho morto seguia outro grupo numeroso de vizinhos, de tal sorte que logo as duas multidões viram-se frente a frente.

Jesus, ao ver a dor da pobre mulher, compadeceu-se dela e, aproximando-se, disse-lhe que não chorasse mais. Ato contínuo, foi até a maca onde estava depositado o corpo do jovem morto e ordenou: – Levanta-te, jovem!

No mesmo instante todos viram o jovem reabrir seus olhos, como quem retorna de um sono profundo, e logo começar a conversar.

O que exatamente o jovem recém-resgatado das sombras da morte disse, porém, jamais saberemos, pois o evangelista Lucas – único a referir a passagem – não se deu ao trabalho de nos esclarecer. Tudo o que sabemos é que as duas multidões – a que chegava e a que saía –, tendo presenciado o fato espantoso, levaram-no ao conhecimento, após o regresso às suas casas, de uma outra multidão dispersa e infinitamente maior, de tal sorte que, segundo o evangelista, “essas notícias sobre Jesus espalharam-se por toda a Judéia e regiões circunvizinhas”.



Chegamos, enfim, à mais famosa das ressurreições praticadas por Jesus: a ressurreição de Lázaro.

Mas quem é Lázaro, afinal?

Alguns dizem ser o mesmo Simão “leproso” da história da mulher pecadora, narrada por Lucas. João, por sua vez, diz que ele era irmão de Marta e Maria (esta última identificada como Maria Madalena, a misteriosa personagem integrante do séquito das seguidoras de Jesus, da qual, segundo Lucas, haviam sido expulsos sete demônios).

Lázaro, seja ele quem for, vivia, pois, na cidade de Betânia, junto com suas duas irmãs. Um dia, porém, “ficou doente”, fazendo com que imediatamente as duas irmãs mandassem um recado a Jesus, dizendo: – Senhor, teu amigo está doente.

Ele, porém, mandou-lhes este outro recado consolador:

– Esta doença não terminará em morte, mas vem apenas para que o nome do Filho de Deus seja glorificado.

(Aproveitando a deixa: “Filho de Deus”, segundo a esmagadora maioria dos comentadores bíblicos, não quer indicar nada além de um título temporal. “Filho de Deus” é o título terreno que se atribuía, desde os tempos de Davi, ao rei ungido (“messias”) de Israel, nada tendo a ver, portanto, com “filiação divina” ou sobrenatural.) Então Jesus disse a seus discípulos:

– Nosso amigo Lázaro está dormindo – disse ele. – Vou despertá-lo.

Eles responderam:

– Senhor, se ele está dormindo, ficará curado.

Jesus, porém – segundo João –, referia-se à morte de Lázaro.

– Lázaro morreu – disse Jesus, com todas as letras. – Vamos vê-lo.

Tomé – que estava por ali – surge, então, para lançar esta nota, que comentadores não sabem precisar se foi de dedicação ou ceticismo: – Vamos, então, morrer todos com ele.

(Alguns sugerem que o evangelista João tenha se aproveitado para lançar uma nova farpa contra Tomé, como fará mais de uma vez em seu evangelho, sugerindo fortemente que à época da composição da obra estava em curso uma disputa acirrada entre os seguidores dos dois discípulos.) Diz o relato que quando Jesus chegou diante do sepulcro, Lázaro já estava lá dentro há quatro dias. Marta, ao saber que Jesus chegara, saiu ao seu encontro, enquanto que Maria Madalena permaneceu em casa.

Marta foi até Jesus e lhe disse, lacrimosamente:

– Se estivesses aqui, Senhor, meu irmão não teria morrido. Mas sei que Deus concederá o que pedires.

Jesus olhou-a firmemente e lhe respondeu:

– Teu irmão ressuscitará.

Marta não pareceu muito consolada, pois pensou que Jesus se referia à ressurreição do último dia.

– Eu sou a ressurreição e a vida – disse Jesus. – Quem crê em mim, ainda que morra, viverá, e quem vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisso?

Marta disse que sim, que acreditava que ele era o messias.

Então foi correndo chamar sua irmã.

– Maria, o Mestre está aqui e te chama.

Madalena foi até onde Jesus estava e, depois de prostar-se, chorando, aos seus pés, lhe fez a mesma queixa que sua irmã havia feito: – Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido.

Jesus ficou muito comovido ao ver as lágrimas de Madalena, a ponto de “estremecer por dentro”.

– Onde o colocaste? – disse ele, muito agitado, e rompendo em grande pranto.

Então todos comentaram:

– Vejam, como o amava!

Outros, entretanto, murmuravam:

– Ele, que abriu os olhos do cego, não pôde, então, impedir que este morresse?

Jesus, ainda emocionado, foi até o sepulcro e ordenou que retirassem a pedra. Maria, porém, o advertiu: – Senhor, já cheira mal, pois faz quatro dias!

– Não te disse que se creres verás a glória de Deus? – respondeu Jesus.

Então, erguendo os olhos para o céu, tomou inspiração divina e disse: – Lázaro, vem para fora!

Dali a instantes todos viram surgir a figura espectral de Lázaro, com os pés e as mãos amarrados e o rosto coberto por um sudário.

(Céticos alegam, neste passo, que teria sido impossível ao ressuscitado sair andando da tumba, uma vez que tinha “os pés amarrados”. Os fundamentalistas, que não se detêm por ninharias, contra-atacam, dizendo que o fato denota apenas “um milagre acessório, embutido no principal”. Os chamados “teólogos liberais”, por sua vez, pretendem contornar a dificuldade alegando que Lázaro teria saído da tumba “aos pulinhos” – mas como isto terminaria fatalmente por comprometer o caráter solene do feito, o mais razoável, talvez, seja acreditar que as ataduras dos pés, por força do próprio milagre, tenham se afrouxado naturalmente.) De qualquer maneira, assim que Jesus viu o morto sair de sua sepultura, disse aos demais que o acompanhavam: – Desatem-no e

deixem-no ir.

Como conclusão desse espantoso episódio, João conclui que dele teria saído o motivo para que os sacerdotes judaicos decidissem pela morte de Jesus, já que temiam que depois desse milagre “todos passassem a crer nele”, do que discordam os outros três evangelistas, que, além de não fazerem qualquer referência ao episódio da ressurreição de Lázaro, parecem indicar que a verdadeira razão da morte de Jesus tenha sido mesmo política, consolidada após a invasão do templo perpetrada por Jesus e seus discípulos (episódio que João coloca estrategicamente no começo do seu evangelho, para afastar a teoria da conspiração política.) Mas tudo isso são teorias, e todas empalidecem diante do feito operado por Cristo.

81. MILAGRES AQUÁTICOS

Jesus pode não ter feito chover, mas fez, certa feita, parar uma tormenta – o que, *mutatis mutandis*, dá quase na mesma.

Mateus, Marcos e Lucas nos contam este famoso episódio – que é o primeiro dos chamados “milagres aquáticos” de Cristo –, variando apenas nos acréscimos acessórios, de modo que se pode fazer uma versão única e coerente dos três relatos (coisa difícilíssima, em se tratando de evangelhos).

Era, pois, num cair de tarde. Jesus, junto com alguns discípulos – nenhum evangelista menciona quais seriam –, entrou numa frágil embarcação pesqueira e atravessou para a outra margem do mar (ou lago) da Galiléia, a fim de continuarem por lá a sua “pescaria de homens”. (Marcos diz que havia outros barcos por ali.)

A barca principal ia, então, navegando, quando o balanço das ondas fez com que Jesus fosse tomado subitamente pelo sono. Depois de pegar um travesseiro, Jesus passou bocejando pelos apóstolos, até alcançar a popa. Ali, o Salvador acomodou-se o melhor que pôde – não sem antes afofar bem o travesseiro, para desfrutar melhor do seu sono –, até ingressar, finalmente, nas esferas amenas de Morfeu.

Ora, nesse mesmo instante, algo aconteceu, pois as ondas começaram a encapelar-se mais do que o normal para aquela época do ano. Apesar de ainda não ter morrido inteiramente o dia, os discípulos, assustados, viram o céu escurecer-se rapidamente.

Logo um vento forte foi juntar-se à fúria das ondas, fazendo com que a água começasse a entrar para dentro da barca. Trovões e relâmpagos completavam o quadro sinistro, que prenunciava uma desgraça iminente.

Jesus, porém, alheio a tudo, dormia profundamente, como se estivesse ainda em Belém, na sua velha manjedoura, com sua mãe Maria a embalá-lo docemente.

Então, no auge da tempestade, alguém decidiu acordar o Mestre (outra vez não se diz quem foi, mas podemos presumir, sem muitas conjecturas, que tenha sido nosso velho amigo Pedro).

– Senhor! – disse ele, com as barbas a escorrerem a água salgada. – Não

lhe importa que estejamos todos a um passo de perecer?

As lamúrias históricas do discípulo fizeram o que a fúria da natureza não pudera, e Jesus, assim, finalmente despertou. Ainda estremunhado, olhou ao redor e viu os elementos em convulsão.

Vendo outra vez o pavor desenhado no rosto dos seus discípulos, Jesus voltou-se para o mar e para o céu e repreendeu-os como um pai severo faria aos filhos fraticidas:

– Silêncio! Quietos!

Como num passe de mágica, tudo serenou. As águas voltaram ao seu doce remanso, enquanto o céu desanuviava-se rapidamente, descobrindo as estrelas, que fulgiam com um brilho intenso, como que polidas recentemente pelas espessas nuvens.

– Por que estas caras de medo? – disse Jesus, olhando para os discípulos.

– Ainda não aprenderam a ter fé?

Isto, porém, só fez com que lhes aumentasse o medo, pois diziam, agora, uns aos outros, bem baixinho:

– Quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?



O segundo milagre aquático é o da mansa caminhada que Jesus fez sobre as águas.

Jesus, dizem os evangelistas, depois de concluída mais uma de suas prédicas, subira à uma montanha para fazer suas orações, enquanto seus discípulos embarcavam na direção de seu próximo destino, conforme suas próprias instruções.

Ao cair da tarde, Jesus, concluídas as suas orações, desceu o monte e foi até a praia para ver se os discípulos já haviam chegado à outra margem.

Enquanto isso os discípulos, já em mar aberto, afanavam-se inutilmente por levar adiante a sua barca, já que os ventos estavam muito fortes.

Num dos intervalos do exaustivo esforço com os remos, um dos apóstolos olhou para a terra e viu uma figura espectral rumando em sua direção, a caminhar positivamente sobre as águas. Imediatamente sua vista turvou-se tanto

de medo que ele chegou a esfregar os dois olhos para aclarar o quadro. Sim, um homem todo de branco continuava a avançar, a pé enxuto, sobre as águas, como se caminhasse sobre a terra, até chegar muito próximo da barca!

Aí foi demais, e o remador rompeu a gritar:

– Ali, ali! Deus Todo-Poderoso, um fantasma!

Logo todos, de cabelos em pé, repetiam as palavras do apóstolo, ganindo de medo.

Aquele, no entanto, não era espectro algum, mas o próprio Jesus, que tratou de acalmar os receios dos apóstolos convertidos em marujos.

– Sou eu, não tenham medo.

A parte final deste episódio, que se segue, é de autoria exclusiva de Mateus, e nela o evangelista diz que Pedro, reconhecendo o seu mestre, lhe pediu:

– Senhor, se é mesmo tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas!

Pedro queria, pois, imitar ao seu senhor, e por isso colocou também os seus pés para fora da barca, certo de que, a exemplo de Jesus, também poderia permanecer em pé sobre as águas.

– Vem – disse Jesus.

Pedro permaneceu em pé sobre a superfície como se estivesse firme sobre um sólido e amplo espelho. Logo depois começou também a andar, com a mesma naturalidade com a qual seu Senhor o havia feito, de tal sorte que do emaranhado das suas barbas surgiu um sorriso satisfeito de conquista.

Entretanto, para mal dos seus pecados, o sopro súbito do vento esbateu-lhe sobre as vestes e, no mesmo instante em que sentiu o contato do vento, começou a afundar miseravelmente.

– Senhor, salva-me! – disse ele, afundando quase até o pescoço.

Jesus, num gesto rápido, tomou o discípulo pela mão, repreendendo-o ao mesmo tempo:

– Homem de pouca fé! Por que duvidou?

Então levou o apavorado discípulo nos braços até o barco, enquanto os demais, rojados de quatro sobre as tábuas, exclamavam:

– Verdadeiramente, és o Filho de Deus!

82. ALGUMAS PARÁBOLAS

É impossível falar-se de Jesus sem referir algumas de suas parábolas, pois são, ao mesmo tempo, a forma mais poética e acessível de se conhecer o seu pensamento.

Certa feita, Jesus deixara sua casa e, depois de atravessar a grande multidão que sempre o acompanhava, sentara-se dentro de um barco, para estar mais à vontade. Sua cabeça estava repleta de idéias, e ele tentava organizá-las observando o remanso do mar. Potência tremenda, nunca ele arremessava-se de uma única vez, em uma única e devastadora onda, dosando sempre seu ímpeto em pequenas ondas, que vinham suavemente sacudir a embarcação, indo em seguida refrigerar as areias da praia.

Jesus sentiu, subitamente, sua alma entrar em uma deliciosa sintonia, e, como um mágico verbal, recomeçou a falar e a encantar a todos quantos o escutavam.

Veio-lhe à mente, então, esta pequena parábola:

“O semeador um dia saiu a semear. Parte de suas sementes, no entanto, caiu pelo caminho, e os pássaros a comeram. Outra parte caiu no meio das pedras e chegou a brotar, mas, como o terreno era mau, não pôde criar raízes e logo morreu crestada pelo sol. Outra parte, ainda, caiu entre os espinhos, mas estes, ao crescerem, sufocaram e mataram a planta. A última parte, contudo, caiu em terreno bom, e ali cresceu e deu uma boa colheita, porém desigual: uma parte deu trinta por um, outra, sessenta, e outra cem.”

Jesus olhou bem para a multidão e acrescentou o seu fecho tradicional:

– Quem tiver ouvidos, que ouça!

O povo ouviu, mas infelizmente suas orelhas eram de asno. A massa, na verdade, era tão embrutecida que não entendia nem mesmo as mensagens do Mestre, cifradas em histórias singelas como esta, o que levou um de seus discípulos a lhe perguntar por que razão falava ao povo sob a forma de parábolas.

– É que a vocês foi dado o conhecimento das coisas do Céu, e a eles não. Pois a quem tem, mais será acrescentado, mas a quem não tem, até isso lhe será tirado.

Menos mal que poupava ao povo sua explicação, que certamente os teria deixado confusos (já que a mais de um teria ocorrido perguntar como se poderia retirar de alguém aquilo que ele não possuía.)

Porém, depois, Jesus explicou melhor a parábola para o povo, dizendo que quando alguém ouve a mensagem do Reino e não a entende, o Maligno vem e arranca o que foi semeado em seu coração. Essa fora a semente largada à beira do caminho. O terreno pedregoso era aquele que recebia a palavra divina com alegria, mas como não tinha raiz em si mesmo, logo ela fenecia. O terreno espinhoso, por sua vez, simbolizava toda pessoa que deixava os interesses mundanos se sobreporem até sufocarem a mensagem divina. Finalmente, o Cristo explicou que todo aquele que acolhia a palavra e a praticava era como o terreno fértil, que dava colheitas de trinta, de sessenta e de até cem por uma plantada.



Um alarido estrepitoso ergueu-se no meio do povo, mas quando Jesus começou a anunciar a sua segunda parábola, um coro severo clamou por silêncio:

“O Reino dos Céus é como um homem que semeou boa semente no campo. Mas, enquanto dormia, veio o seu inimigo e semeou o joio junto com ele e depois partiu. Assim, quando o trigo brotou, o joio brotou junto com ele. Os servos, vendo isso, foram então indagar do seu senhor de onde viera o joio. “Um inimigo fez isso”, disse o senhor. “Quer que o tiremos?”, disseram os servos. “Não, porque ao retirarem o joio poderão levar junto o trigo”, respondeu o senhor. “Deixem primeiro que ambos cresçam, e só então retirem o joio. Depois queimem o joio e guardem o trigo ajuntado no meu celeiro.”

Tal fora a parábola do joio e do trigo.

Um profundo trabalho cerebral começou a retesar aquela enorme multidão, fazendo com que lentamente as peças dispersas do mosaico narrativo comessem a juntar-se em seus cérebros de uma maneira coerente, de tal sorte que, ao cabo desse processo, bem poucos viram-se sem o seu prêmio, que era a mais absoluta compreensão do que o rabi quisera dizer.

– Não se deve dormir depois da colheita, é claro! – disse alguém, tomando ares de rabino do Templo.

Poucas vozes, porém, deram-se ao trabalho de refutá-lo – e não sendo necessária, desta feita, exegese alguma, Jesus começou logo a narrar a terceira parábola, também conhecida como “parábola do grão de mostarda”.

“O Reino dos Céus é como um grão de mostarda que um homem plantou em seu campo”, disse Jesus. “Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce torna-se a maior das hortaliças, transformando-se numa árvore tão frondosa que os pássaros vêm fazer ninhos em seus ramos.”

Desta feita a parábola fora tão curta e simples – para não se dizer óbvia –, que pôde-se perceber, nitidamente, um certo ar de empáfia ressentida na platéia.

Jesus, no entanto, sempre indiferente aos murmúrios do mundo, resolveu concluir com outra parábola ainda mais singela – a “parábola do fermento” –, que poderia ter soado como uma verdadeira provocação aos ouvidos do povo, caso este não tivesse se dado conta, a tempo, de que a caridade era o fundamento principal daquela alma docemente superior.

“O Reino dos Céus é como o fermento que uma mulher pegou e misturou numa grande quantidade de farinha”, disse Jesus, no seu mesmo e impassível tom. “Com o tempo, a massa inteira ficou fermentada.”



Mateus diz que Jesus falava por parábolas para que se cumprissem as palavras do Salmo 78 (“Abrirei minha boca em parábolas, proclamarei coisas ocultas desde a criação do mundo”), embora – *data vênia*, o ilustre evangelista –, lendo o salmo inteiro, seja difícil identificar ali alguma alusão ao Messias futuro. Além do mais, era prática corrente entre a maioria dos rabinos valer-se dessa técnica para doutrinar nas sinagogas.

Não podemos nos esquecer, contudo, de que os evangelistas estavam empenhados em uma áspera campanha de convencimento, sendo fundamental para eles provar aos judeus incrédulos que Jesus era mesmo o Messias esperado.

Mateus e Marcos nos dizem, também, que Jesus, após pregar suas parábolas ao povo, retirava-se com seus discípulos para lhes explicar em segredo

o significado oculto de tudo quanto dizia. Ou seja, ia revelar-lhes algo que estava completamente fora do alcance do entendimento rasteiro do povo.

Nós, entretanto, temos hoje a felicidade de conhecer pelo menos uma dessas explicações ministradas nesses secretíssimos conciliábulos, já que Mateus a reproduz no Capítulo 13 do seu evangelho – a qual reproduzimos, agora, com estudadas palavras:

Tendo os apóstolos pedido ao Mestre que lhes explicasse a parábola do joio, ele o fez, dizendo que aquele que semeara a boa semente era ele próprio, Jesus (ou Filho do Homem). O campo era o mundo, e a boa semente eram os Filhos do Reino (ou seja, aqueles que seguiam a vontade divina). O joio espargido eram os filhos do Maligno, e aquele que os semeava era o Diabo (aqui, entretanto, não especifica se o Diabo era um servo do Maligno, ou se ambos eram uma só pessoa). A colheita, por fim, se daria no fim daquela era e seria feita por operosos anjos.

– Assim como o joio é colhido e queimado no fogo – disse, ainda, Jesus –, assim também ocorrerá ao final desta era. O Filho do Homem enviará os seus anjos e eles retirarão do seu Reino todos os que forem pedra de tropeço e praticarem o mal, lançando-os na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no Reino do Pai.

Essa foi a explicação que, segundo Mateus, Jesus julgou o povo absolutamente incapaz de entender. Então, desdenhando o entendimento do povo, Cristo resolveu contar somente aos seus discípulos mais quatro parábolas. A primeira é a chamada “parábola do tesouro escondido”. Através dela ficamos sabendo que o Reino dos Céus é como um tesouro escondido no campo. Um homem, ao descobri-lo, tomado de alegria, foi vender tudo quanto possuía para comprar o campo que ocultava o tesouro. A segunda parábola – dita “a parábola da pérola valiosa” – nos informa que o Reino dos Céus é como um negociante que procura pérolas preciosas. Ao encontrar uma de grande valor, vende tudo quanto tinha e a adquire. A terceira é a “parábola da rede”, a qual ensina que o Reino dos Céus é como uma rede que os pescadores lançam ao mar. Quando ela retorna, há peixes bons e peixes ruins. Então, os pescadores guardam os bons em cestos e jogam fora os ruins. (Desta feita, dada a complexidade do simbolismo – que seus discípulos, na maioria homens rústicos do povo, certamente não poderiam alcançar –, Jesus, por meio de uma pequena exegese, explicou que aquilo tudo significava que, no fim daquela era, os anjos viriam para separar os perversos dos justos, lançando os primeiros na costumeira fornalha.)

Antes de enunciar a última parábola, Jesus fez uma pausa para perguntar

aos seus discípulos se haviam entendido “todas essas coisas”.

– Sim – responderam eles.

Então Jesus concluiu com a última parábola, a “do dono da casa”, a qual afirma que todo mestre instruído corretamente nas coisas do Reino dos Céus é como o dono de uma casa, “que tira do seu tesouro coisas novas e velhas.”

83. A MORTE DE JOÃO BATISTA

João Batista poderia ser conhecido hoje como o primeiro mártir cristão, caso tivesse morrido em razão de sua crença. Mas não foi assim. O Batista morreu, na verdade, por causa do desejo contrariado de uma mulher perversamente obstinada.

O profeta fora preso por ter criticado a vida pessoal de Herodes Antipas (filho de Herodes o Grande), rei-fantoches que governava a Judéia sob o tacão dos romanos.

Fora Herodíades, na verdade, a esposa de Herodes, quem instigara a prisão do Batista, já que a causa da censura era ela (“Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão”, dissera o profeta ao rei). Mas mesmo sabendo que ele estava metido numa prisão e preso a correntes, ainda assim ela não se sentia tranqüila.

“O lobo ainda rosna na caverna!”, devia pensar a rainha, sempre que lhe vinha à mente a figura sinistra daquele asceta que ousara intrometer-se no seu casamento.

Entretanto, havia um empecilho: o seu marido.

Herodes, com efeito, como todo espírito rasteiro criado no mimo das cortes, tinha um respeito supersticioso por qualquer criatura que demonstrasse um desprezo olímpico pela riqueza ou pelos aparatos do poder (Marcos nos diz que Herodes “tinha medo de João”, e que quando o ouvia “ficava muito confuso, escutando-o com prazer”.) Na verdade, só se decidira a mandar prendê-lo depois que as repetidas e diabólicas gritarias de sua esposa haviam chegado ao limite. (Havia, também, o método da sedução, mas este, além de requerer tempo, implicava ainda um preço tão exaustivamente parcelado (para não dizer indesejado) que a apressada Herodíades não se dispôs a esperar.)

Mas a grande oportunidade de ela poder ver-se livre, de uma vez por todas, da onipresença incômoda do Batista, surgiu por ocasião do aniversário do rei.

Para comemorar a data, Herodes mandara organizar uma estrondosa festa, convidando para ela dignitários, oficiais e todas as grandes personalidades da Galiléia. A sua vaidade recalcada de déspota subjugado não pedia nada menos

que isso, e assim toda a máquina estatal foi posta imediatamente em movimento.

Mas, ao final dos preparativos, Herodes dera-se de conta de que faltara o toque indispensável do *imprevisto*, sem o qual, sabia bem, a maioria das festas redundam em completo fracasso e no conseqüente descrédito do anfitrião.

Nesse instante, porém, o tetrarca da Galiléia teve uma brilhante idéia.

“Salomé dançará para mim!”, pensou ele, com um brilho lúbrico no olhar.

Salomé era a filha de sua esposa e do irmão de Herodes; uma ninfeta, ainda, mas à qual a natureza providente já revestira das formas definidas da mulher, já que naquele tempo as mulheres eram obrigadas a casarem muito cedo.

Herodes regozijou-se todo por dentro. O velho sátiro arrumara, finalmente, um pretexto para saciar uma curiosidade que a cada dia tornava-se mais e mais obsedante: a de ver as formas originais de sua querida sobrinha.

Herodíades, a princípio, enfurecera-se com a idéia do tetrarca de expor o corpo de sua filha aos olhos de uma platéia exclusivamente masculina (já que homens e mulheres costumavam ficar em locais separados em ocasiões festivas, como vimos no banquete do rei Assuero, narrado no livro de Ester). Mas ela sabia também que numa sociedade como aquela, organizada exclusivamente para os homens, a mulher só tinha um meio de chegar a ser alguém: valendo-se dos dons irresistíveis de que a natureza a dotara.

– Filha, você vai fazer o que Herodes quer – disse ela. – É nossa única chance de nos livrarmos de uma ameaça que, a qualquer momento, poderá nos lançar na lama das ruas.

Salomé escutava as palavras da mãe com um ar fingidamente atento, pois, na verdade, não estava nem um pouco preocupada pelo fato de ter de dançar para aquele bando de idiotas. A jovem já nascera com o instinto das conveniências, e nada podia ser mais conveniente para ela, a essa altura, do que agradar ao tetrarca e, ao mesmo tempo, a algum idiota daquela seleta platéia.

Antes que a mãe terminasse de falar, ela tomou as mãos dela nas suas e disse, com perfeita naturalidade:

– Eu o farei.

Então a mãe, suspendendo a arenga, deu um sorriso cabalístico para a filha. E a filha, empertigando o delicado queixo, deu um sorriso cabalístico para a mãe.

E estava tudo dito.

No dia seguinte, à hora da festa, tudo transcorreu com a mesma e estúpida rotina dos eventos festivos da corte. O grande salão masculino fervia de bajuladores e invejosos. Dentre todos os presentes, não se podia contar um único, não diremos amigo, mas um único simpatizante do decadente governador da Galiléia e Peréia.

E por isso mesmo abundavam os sorrisos, e os ditos sem graça, e as brincadeiras torpes, e os comentários sórdidos, e a vinhaça, e as comezainas, até que Herodes fez tudo parar para anunciar a grande supresa da noite.

– Minha sobrinha Salomé dançará, agora, para mim! – disse o aniversariante, com a respiração arfante e a careca escarlate dos lúbricos.

Então a jovem Salomé adentrou o recinto e pôs-se a dançar para o tio, na frente de todo aquele contingente de homens.

Não sabemos com exatidão que tipo de dança a jovem executou – já que os evangelistas, sabidamente, não estão interessados em tais detalhes –, embora acredite-se que executou a famosa “dança dos sete véus”. Imaginemos, então, que a quase-adolescente tenha se libertado deles, um a um, revelando aos poucos as formas que a natureza, originalmente, não pretendia ocultar de ninguém.

Finda a apresentação, Herodes, no último grau da empolgação, chamou-a até si.

– Minha encantadora sobrinha! – disse ele, arreganhando o resto de seus dentes apodrecidos. – Peça o que quiser, e eu lhe darei!

Salomé, bem orientada, fingiu uma certa reticência.

Então o velho, tomado por um paroxismo de generosidade, exclamou:

– Peça o que quiser, eu insisto! Darei a você até a metade do meu reino!

A jovem sabia perfeitamente que ele não lhe daria metade do reino coisa nenhuma, mas que aquela expressão hiperbólica era uma fórmula quase oficial que, a partir daquele instante, o colocava na obrigação de não recusar-lhe qualquer coisa humanamente razoável que ela lhe pedisse.

Antes, porém, de responder, Salomé foi até o salão onde estavam reunidas as mulheres, a fim de consultar-se com sua mãe.

– O que devo pedir? – disse ela, preferindo deixar nas mãos de Herodíades tão grave responsabilidade.

– Peça a cabeça de João Batista! – disse ela, eufórica.

A obediente Salomé retornou até Herodes e lhe disse:

– Quero a cabeça de João Batista posta sobre uma bandeja!

Herodes ficou pálido como a morte.

– Mas... o que disse?!

Salomé, no entanto, permaneceu irredutível.

– Quero a cabeça do Batista sobre uma bandeja.

Observado por centenas de pares de olhos inquisidores – ávidos por saborearem o macabro, depois de terem degustado a luxúria –, Herodes não teve outro jeito senão cumprir a vontade de sua surpreendente sobrinha.

– Cumpra-se a sua vontade – disse ele, após alguns instantes de acabrunhamento, arrancando um coro tão estrondoso de aplausos que as taças tremiam nas bandejas.



Se podemos ter certeza de alguma coisa com relação aos últimos instantes de vida de João Batista, é o de que o profeta não demonstrou o menor receio diante da morte. A exemplo de Jesus, o homem que o batizara também havia chegado, há muito tempo, àquele estágio extremo de fé e de resolução que elimina num homem qualquer preocupação com a vida.

O evangelista Marcos nos diz que Herodes ordenou a um soldado que fosse até a prisão e decapitasse Batista, o que ele fez prestimosamente.

Enquanto aguardava-se o retorno do executor, reinou no salão grande expectativa.

Uma indisfarçada admiração voltara a colorir o espírito dos assistentes, empolgados com o súbito ressurgir do veneno paterno no sangue diluído do Antipas.

Mais alguns instantes e o executor entrou no salão. Num único movimento, todos alçaram-se em bicos de pés para ver o que ele trazia sobre a bandeja. Mas esta estava tão erguida que não foi possível divisar-se nada, a não ser um emaranhado negro que escorria para as bordas, deixando pelo caminho um rastro respingado e escarlata, que encantou a todos.

– É digna do velho Herodes! – disse alguém, empolgado.

Então Herodes, o Pequeno, fez um sinal para que o executor levasse diretamente a cabeça até Salomé, que pôs-se em pé, outra vez, para ver o prêmio da sua arte.

– Aí está o que pediu, minha diletta sobrinha – disse o rei.

O braço do executor desceu, revelando aos olhos da doce Salomé a cabeça de João Batista pousada sobre a calda já quase ressequida do seu próprio sangue.

Seus olhos arregalados pareciam lançar um último anátema sobre o mundo.

84. JESUS EXORCISTA

Durante a sua curta peregrinação pela terra, Jesus Cristo teve de haver-se muitas vezes com o Diabo e seus sequazes. Em todas elas o Filho de Deus levou a melhor.

Já na primeira oportunidade, saíra-se brilhantemente, ao enfrentar Satanás em pessoa, no deserto, derrotando-o num curto mas intenso torneio de citações bíblicas.

Depois disso jamais tornaria a defrontar-se pessoalmente com o Pai da mentira, embora tivesse de enfrentar os seus filhos, que continuavam espalhados sobre a terra, a possuir livremente a alma da pobre humanidade sofredora.

Assim, certa feita estava Jesus pregando numa sinagoga de Cafarnaum, onde, no dizer de Marcos, “ensinava com autoridade, e não como os mestres da lei”, quando foi interrompido por um homem que a princípio parecia outro pregador mas que logo revelou-se estar possuído por um espírito imundo, o qual disse a Jesus, espumando pela boca:

– O que quer de nós, Jesus de Nazaré? Veio para nos destruir? Oh, sei bem quem você é! Você é o Santo de Deus!

– Cala-te e sai deste homem! – disse Jesus, sem manifestar o menor receio.

No mesmo instante, o desgraçado caiu ao chão, tomado por tremores, sendo logo em seguida abandonado pelo espírito imundo, que saiu aos berros.

O povo ficou pasmo. Ali estava um homem que, além de pregar magnificamente, ainda tinha o poder de despedir demônios!



Na verdade, todas as doenças à época eram vistas como sendo obra do

Diabo, como já vimos anteriormente. No caso da “possessão explícita”, imaginava-se que o príncipe das trevas, deixando de lado o disfarce da doença, apresentava-se ele mesmo – ou seus agentes subalternos – para levar adiante a sua obra nefasta de perdição da humanidade.

Um dos casos mais famosos de intromissão das forças diabólicas no corpo de alguém foi o do menino possesso – que algumas traduções mais racionalistas chamam de “menino epilético” –, narrado por Mateus, Marcos e Lucas.

Este caso é verdadeiramente singular, porquanto nele Jesus pode ter operado não um, mas dois milagres.

Jesus descia, pois, uma montanha com seus discípulos, quando viu um homem segurando um menino pela mão, cercado por grande multidão. Assim que o homem avistou Jesus, correu até ele.

– Mestre, mestre! – dizia ele, muito aflito. – Ajuda meu filho, pois sempre que um espírito imundo o toma, deixa-o num estado miserável, lançando-o muitas vezes no fogo e na água para que morra!

(Em Mateus, o pai diz que o filho é apenas “lunático”, tratando seu mal de uma mera “doença”, enquanto que Lucas e Marcos, fiéis à nomenclatura da época, tratam de “espírito mudo” e de “demônio” o causador dos males do garoto.)

O pobre homem contou, então, que já havia pedido aos discípulos de Jesus que curassem seu filho, mas que estes nada haviam conseguido. Nesse momento, Jesus foi tomado por outra de suas imprevisíveis reações.

– Ó geração incrédula e perversa ! – disse ele ao pai embasbacado. – Até quando terei de suportá-los?

Então ordenou que trouxessem o garoto até si – um garoto sujo e descabelado que, mesmo nas pausas da possessão, mantinha o ar endiabrado.

Assim que o menino pôs os olhos em Jesus, foi tomado novamente pelo espírito, que o lançou por terra a gemer e estorcer-se.

Nesse instante, o pai, sem atentar direito ao que dizia, rogou a Cristo:

– Senhor, se podes, tem compaixão e nos ajuda!

Jesus fuzilou-o novamente com um olhar e lhe disse, arremedando-o:

– *Se podes...!* Tudo é possível àquele que crê!

Então o pai pôs-se a gritar tão desesperadamente que acabou proferindo um novo contra-senso:

– Eu creio! Eu creio! Ajuda a minha incredulidade!

Jesus voltou-se para o garoto, que ainda estava a debater-se, e disse:

– Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: deixe-o e nunca mais entre nele!

E foi assim que, num mesmo gesto, Jesus conseguiu expulsar do garoto o

espírito mudo e surdo que o atormentava, o qual, após escutar a ordem de Cristo, deixou o garoto “gritando e agitando-o violentamente”.

Mas havia agora um novo problema (que só o evangelista Marcos registrou): depois de liberto do demônio, o garoto ficara “como se estivesse morto, de modo que muitos diziam que ele tinha morrido”. Jesus, então, tomou-o pela mão – tal como fizera com a filha de Jairo – e o fez erguer-se, numa possível ressuscitação.

O episódio conclui-se com o retorno de Jesus e seus discípulos, quando deu-se este pequeno e esclarecedor diálogo:

– Senhor, por que não pudemos curar o menino? – disse um dos discípulos.

Os evangelistas divergem quanto à resposta. Segundo Marcos, Jesus respondeu-lhe desta maneira lacônica:

– Esta espécie de demônio só sai com oração.

Já Mateus nos dá como sendo esta a resposta:

– Não o fizeram por causa da fraqueza de sua fé, porque se tivessem fé do tamanho de um grão de mostarda bastaria que dissessem a esta montanha: “Retira-te daqui e vai para lá!”; ela assim o faria, e nada lhes seria impossível.

Já o apóstolo Lucas não refere o desfecho, limitando-se a dizer que, após a cura milagrosa do menino, “todos se maravilharam com a grandeza de Deus”.



O novo caso de expulsão demoníaca que passaremos agora a narrar também é extremamente interessante, já que nele Jesus operou um “exorcismo à distância”. Mas talvez muito mais aproveitável para nós seja a extraordinária lição do valor da persistência humana que dele podemos extrair.

A história tem duas versões, a de Mateus e a de Marcos. A do primeiro se passa inequivocamente na rua, enquanto a do segundo, dentro de casa. (Não tendo encontrado solução alguma para essa contradição nos alentados manuais de resolução de “dúvidas aparentes” da Bíblia, tivemos de optar pela versão de Mateus, que, além de tudo, é infinitamente superior à de Marcos em termos dramáticos.)

Estava, pois, Nosso Senhor andando pela região de Tiro, sempre seguido

por seus discípulos e a chusma habitual dos desesperados, quando foi abordado por uma mulher cananéia.

– Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim, pois minha filha está terrivelmente endemoniada! – disse a estrangeira, lavada em pranto.

Jesus, no entanto, continuou a caminhar, como se nada tivesse escutado.

Mas a mulher cananéia continuou a gritar e a implorar e a chamá-lo de Senhor e de filho de Davi e de tudo quanto pudesse movê-lo à piedade, até que os discípulos, fartos daquela gritaria, chegaram-se ao mestre, mais implorativos do que a própria pedinte.

– Despede-a, Senhor, porque vem gritando atrás de nós!

Verdade que poderiam também ter dito: “*Atende-a*, Senhor, porque vem gritando atrás de nós!”, mas o fato é que Jesus tinha um bom motivo para ignorá-la.

– Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas de Israel! – disse o rabi, querendo dizer que a sua salvação destinava-se exclusivamente aos hebreus extraviados.

A mulher cananéia, entendendo que por ser pagã estava excluída da salvação, poderia, então, ter perfeitamente desistido de tudo e ido procurar solução em outro lugar. Mas entendendo que a salvação de sua filha se sobrepunha a tudo – mesmo à determinação do Filho de Deus –, voltou à carga, lançando-se de rojo adiante dos pés do Salvador:

– Senhor, socorre-me! – disse ela, obrigando Jesus a deter-se.

Este, porém, prosseguiu em sua renitência, dizendo-lhe esta coisa dura:

– Não fica bem tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos!

A mulher cananéia, então, no último grau do desespero, ousou retorquir àquele ser que era a sua última esperança sobre a terra:

– Isso é verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!

Foi uma estocada genial, tanto que Jesus, mudando inteiramente o seu semblante, exclamou, admirado:

– Mulher, grande é a tua fé! Que seja como tu queres!

Enlouquecida de alegria, a mulher cananéia foi correndo até a sua casa e encontrou sua filha atirada sobre a cama, liberta para sempre do demônio.

E assim vimos o quanto vale a persistência humana, que, mesmo diante da resistência do próprio Deus – aceitando-se que Jesus fosse o próprio –, pôde dobrá-la ao seu desejo.

Mas teria Jesus sido mesmo insensível aos rogos da mulher? Ou estaria

ele, psicólogo refinado, testando, apenas, a sua fé, para ver até onde ela ia?

O mais sensato é nunca subestimarmos a inteligência desse homem incomparável.



Até aqui foram todas histórias muito interessantes, mas nenhuma chega aos pés – ao menos em termos de celebridade – da magnífica história dos porcos endemoniados.

Tudo deu-se no país dos gadarenos, que fica do outro lado do mar da Galiléia. Jesus acabara de desembarcar naquela região quando subitamente veio-lhe ao encontro um famoso possesso da região – que Mateus diz serem dois, enquanto que Marcos e Lucas afirmam tratar-se de apenas um. Este doido é, de longe, o doido mais doido de toda a Bíblia. Basta dizer-se que vivia solto entre os túmulos, nu como um cabrito e a escoicear o dia e a noite inteiros. Ninguém podia mantê-lo preso, mesmo por meio de correntes, pois as fazia em pedaços quando influído pelos demônios que o possuíam.

Entretanto, ao ver Jesus, o possesso sentira imediatamente estar na presença de um rival infinitamente superior. Recusando-se ao enfrentamento, os demônios fizeram o gadareno lançar-se aos pés de Cristo, e através dele exclamaram:

– Que quer de nós, Filho de Deus? Por favor, não nos atormente!

Jesus, então, ligeiramente curioso, perguntou ao possesso:

– Como te chamas?

– Meu nome é Legião – disse o gadareno.

Legião é o termo romano para definir um destacamento de cinco mil soldados. Logo, se ele não estava fazendo uso de uma figura de linguagem, havia nada menos que cinco mil demônios dentro do pobre gadareno (o que, sem dúvida, explica toda a sua força descomunal).

Mas, apesar da aparente vantagem, esse amontoado de demônios ainda assim não sentiu-se em condições de enfrentar Jesus, e por isso resolveram propor uma espécie de rendição negociada ao seu invencível oponente.

– Manda-nos para aqueles porcos! – disseram os demônios, pela boca do

possesso, apontando para uma vara de porcos que, segundo Marcos, fossava ali por perto.

(Porcos andam em “varas”, e não em “manadas”, assim como “fossam”, em vez de “pastar”, mas o lapso do evangelista é perfeitamente desculpável, já que um judeu não podia entender nada de criação de porcos, por esta lhe ser vedada expressamente pelo Senhor. Mas, então, de quem eram aqueles porcos? “Certamente de alguns não-judeus que viviam na região da Galiléia.”)

Jesus, após estudar o caso, decidiu-se, enfim, por acatar a idéia.

– Está bem, vão para os porcos – disse ele aos demônios, que imediatamente lançaram-se na direção dos animais.

Os pobres guardadores que cuidavam dos porcos, vendo-se subitamente no meio de porcos endemoniados, largaram a correr com quantas pernas tinham, enquanto os pobres animais lançavam-se num precipício, indo morrer afogados dentro do mar.

Assim que a notícia chegou aos da cidade, acorreram todos para ver o prodígio. Quando chegaram, porém, encontraram o ex-possesso a conversar calmamente com Jesus, “vestido e em são juízo”.

Mas se Nosso Senhor esperou alguma gratidão, laborou em erro, pois a única coisa que os habitantes do lugar lhe disseram foi para que se afastasse do lugar, antes que todas as manadas de porcos da região terminassem dizimadas.

O ex-possesso pediu para seguir com Cristo, mas este negou-lhe o pedido.

– Volta para a tua casa e conta tudo quanto Deus fez por ti – disse Jesus, embarcando.

O gadareno fez tal como Jesus lhe ordenara, enchendo a todos de assombro.

85. A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

Único caso de milagre verdadeiramente coletivo perpetrado por Jesus caiu tão bem no gosto do povo que Nosso Senhor chegou a reprisá-lo algum tempo depois.

Na verdade, podemos ver nesse prodígio um eco fortíssimo de um outro milagre da mesma natureza praticado por Moisés durante a peregrinação pelo deserto, pois assim como Deus fizera chover o maná sobre o povo num lugar deserto, assim Jesus multiplicou alguns pãezinhos e peixes para uma grande multidão.

Desta feita os quatro evangelistas comparecem para dar a sua versão do episódio, enriquecendo, desse modo, a nossa própria versão.

Estava, pois, Jesus numa cidade chamada Betsáida fazendo uma grande prédica para uma multidão com tanto ânimo que ameaçava entrar noite adentro com ela.

Seus discípulos, porém, apiedados daquela pobre gente, e convictos de que nem só de oração vive o homem, foram pedir ao Mestre para que dispensasse logo toda aquela gente, para que tivessem tempo de chegar às suas casas e pacificar os seus estômagos.

– Dêem-lhes, vocês mesmos, o que comer – disse Jesus, friamente.

Então o apóstolo Filipe lhe disse:

– Como compraremos pão para toda essa gente, se temos apenas duzentos denários?

André, irmão de Pedro, anunciou:

– Há aqui um menino que tem consigo cinco pães de cevada e dois peixinhos. Mas o que é isso para tanta gente?

Jesus retorquiu desta maneira:

– Façam com que todos se sentem.

Imediatamente os apóstolos foram pedir às pessoas aglomeradas ao redor para que se acomodassem pela grama, enquanto Jesus tomava ao menino o seu pequeno e precioso farnel.

Uma expectativa intensa iluminava os rostos famélicos daquela gente, dotada de um sexto sentido profético em relação à comida.

Logo um burburinho ergueu-se da massa quando todos viram Jesus tomar os cinco pães, erguê-los ao alto e, depois de tê-los abençoado um a um, parti-los, ordenando a seus discípulos que os fossem distribuir liberalmente entre o povo.

Jesus fez o mesmo com os dois peixes, e ao cabo de tudo resultou que os cinco pães e os dois peixes haviam se multiplicado de tal forma que com eles foi possível alimentar toda a multidão, composta por mais de cinco mil homens, fora as mulheres e as crianças.

Todos comeram, e ainda sobraram doze cestos repletos, que o moleque desapropriado não cessava de espiar embevecidamente, com o queixo enfeitado de migalhas.



Jesus, agora, estava nas cercanias da Galiléia. Outra vez tinha ao redor de si outra grande multidão, apenas ligeiramente menor do que a anterior (em vez dos cinco mil homens anteriores, haviam agora quatro mil, fora mulheres e crianças).

Mateus diz que a multidão estava espantada ao ver “os mudos falando, os aleijados são, os coxos andando e os cegos a ver”. Talvez por isso mesmo tivessem deixado de perceber que estavam ali há três dias sem comer ou beber.

Mas Jesus (que nunca se descuidou do alimento) percebeu, e chamou logo um de seus discípulos.

– Tenho dó de toda esta multidão que já está há três dias sem comer – disse ele – e não quero despedi-los em jejum, de modo que venham a desmaiar pelo caminho.

Então repetiu-se mais ou menos o mesmo diálogo do episódio anterior, com a diferença de que desta vez encontraram-se não cinco, mas sete pães, “e alguns peixinhos” (o que, certamente, devia dar mais de dois).

Havia, portanto, três pães e alguns peixes a mais do que da vez anterior, e com esse farnel Jesus repetiu o milagre anterior.

Desta feita, porém, mesmo havendo mais pães e peixes à disposição e menos gente para alimentar, resultou, contraditoriamente, que as sobras fossem menores, restando apenas sete cestos, em vez dos doze anteriores – o que talvez

se explique pela maior fome que assolava aquele povo, já que ali estavam há três dias sem se alimentar.

Encerrado o piquenique improvisado, Jesus embarcou com seus discípulos para a região de Magadã (como quer Mateus), ou para a região de Dalmanuta (como quer Marcos). Como Deus e os cartógrafos é quem sabem se Magadã e Dalmanuta distavam a pouco quilômetros uma da outra – ou se eram, até, o mesmo lugar – não perderemos tempo com essa minúscula querela geográfica. O que importa saber é que em algum lugar feriu-se uma importante discussão entre Jesus e os fariseus, os quais haviam lhe pedido um sinal celeste que comprovasse tudo quanto dizia.

Jesus, porém, esquivou-se à prova com estas estudadas palavras:

– A esta geração perversa não será dado sinal algum, senão o sinal de Jonas!

Talvez quisesse dizer que ele, tal como Jonas, ressurgiria da morte depois de três dias no ventre da terra.

O fato é que logo depois disso Jesus embarcou novamente com seus discípulos, os quais, pouquíssimo atentos, deram-se conta de que haviam esquecido de levar os pães consigo para a viagem (Mateus diz que havia apenas um).

Jesus, escutando os resmungos, lhes disse:

– Fugam do fermento dos fariseus e dos saduceus!

Mas os discípulos não entenderam a mensagem do Mestre e puseram-se novamente a confabular entre si.

– Ele está se referindo aos pães!

Diante disso, Jesus voltou-se para eles com mais um de seus rompantes.

– Ainda não compreenderam, homens de pouca fé? Por que estão aí preocupados pelo fato de terem esquecido de trazer pão? Têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem? Pois não me viram dar de comer a cinco e, depois, a quatro mil homens?

Sim, eles haviam visto.

– E então? Nem assim compreendem que eu não falava de pão algum, mas dos ensinamentos equívocos dos saduceus e dos fariseus?

86. A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

Certa feita, Jesus chamou à parte três de seus discípulos – Pedro, Tiago e João – e levou-os consigo até o alto de um monte, dizendo-lhes que ia orar.

Os quatro subiram o monte, indo Jesus sempre na dianteira, enquanto os demais entreolhavam-se, vagamente assustados, certos de que algo insólito iria acontecer.

Ao alcançar o topo, Jesus pôs-se de joelhos a orar ao Senhor, sob o olhar dos demais, até que as previsões dos apóstolos se confirmaram quando Jesus começou a tornar-se ofuscante.

– Vejam as suas vestes! – disse um dos discípulos, sem poder acreditar.

As roupas do Mestre, de fato, tornaram-se de fulgurante brancura, “de uma alvura tal que nenhuma lavadeira sobre a terra poderia igualar”, segundo nos diz o evangelista Marcos.

Dali a instantes os três apóstolos viram surgir ao lado de Cristo duas outras figuras não menos brilhantes, que imediatamente reconheceram como sendo os profetas Moisés e Elias. Os três puseram-se, então, a conversar, sob os olhares de espanto dos demais (Lucas é o único que nos diz a natureza do assunto: segundo ele, falavam da partida de Jesus, “que iria se consumir em Jerusalém.”) Pedro, apesar de abismado, pôde, contudo, dizer ainda estas palavras:

– Senhor, é bom estarmos aqui. Se quiser, erguerei três tendas, uma para ti e outras duas para Moisés e Elias.

Sua voz, nesse momento, foi cortada por uma nuvem luminosa que desceu sobre eles, da qual saiu uma voz portentosa que dizia o seguinte: – Este é o meu Filho amado; escutem-no!

Apavorados, os três apóstolos curvaram-se com o rosto no chão e, ao erguerem-se novamente, não viram mais aos dois profetas, senão unicamente Jesus.

Todos desceram a montanha em silêncio, observando desde então a instrução que Jesus lhes dera para que não comentassem nada a respeito daquele misterioso incidente, até que a curiosidade deles sobrepôs-se, enfim, ao silêncio.

Jesus respondeu da sua maneira habitualmente hermética.

– Está escrito que Elias virá antes para restaurar tudo. Eu, porém, lhes digo que Elias já veio, mas não o reconheceram e fizeram dele tudo quanto quiseram, como farão ao Filho do Homem.

Mateus conclui dizendo que os apóstolos compreenderam, então, que Jesus se referia a João Batista – e os reencarnacionistas, que Jesus afirmara “inequivocamente” ter sido João Batista o próprio Elias reencarnado.

87. DOIS MILAGRES ESTRANHOS

Jesus Cristo operou dois milagres que soam sempre estranhos à ignorância dos leigos. O primeiro deles nada tem de hermético, mas desconcerta pelo insólito, e começa dizendo que estando um dia Pedro em Cafarnaum, foi abordado por um coletor de impostos que, aproximando-se, lhe disse: – O seu mestre não paga ao Templo o imposto das duas dracmas?

Pedro respondeu que sim (embora, pelo seguimento da história, pareça que não). Senão, vejamos: ao chegar em casa, Pedro estava pronto a contar a Jesus o episódio quando este, antecipando-se, lhe disse: – O que achas, Pedro? De quem os reis devem cobrar impostos: dos filhos ou dos estranhos?

Pedro, depois de pensar um pouco, respondeu que era dos estranhos.

– Logo, os filhos deveriam estar isentos – disse Jesus.

Pedro já ia concordar, quando o Mestre, revertendo tudo quanto dissera, acrescentou: – Mas, para que não digam mal de nós, vai ao mar, atira um anzol, e o primeiro peixe que fises, toma-o e abre-lhe a boca. Ali encontrarás uma moeda. Vai até o coletor e paga o imposto por mim e por ti.

Pedro foi de veras ao mar, pescou o peixe e pagou o imposto com a moeda que estava guardada na boca do peixe .



O segundo episódio começa dizendo que Jesus estava, certo dia, com muita fome e, ao retornar de suas andanças, avistou uma figueira.

“Vou comer alguns figos polpudos”, deve ter pensado o Salvador, e rumou celeremente os seus passos naquela direção.

Mas ao deparar-se com a árvore, percebeu que ela não tinha fruto algum, embora tivesse muitas folhas, o que o deixou tão enfurecido que apontou o dedo

para ela, exclamando: – Nunca mais produzas fruto algum!

Imediatamente a figueira secou.

Os discípulos, ao passarem na manhã seguinte junto com o Mestre, lhe apontaram a pobre figueira, que estava inteiramente seca, até às raízes.

– Veja, Senhor, a figueira que amaldiçoaste – disse Pedro. – Ela secou inteiramente.

Jesus, então, olhou bem para todos e disse estas palavras obscuras:

– Tenham fé em Deus. Em verdade lhes digo que se tiverem fé bastante, poderão dizer a esta montanha: vai daqui e atira-te ao mar, e desde que o façam com toda a fé no coração, assim acontecerá. Tudo quanto suplicarem, creiam que receberão.

Voltaire, ignorando as explicações, diz apenas que aquela não era a estação dos figos e que, por isso, Jesus não tinha razão alguma de sentir-se frustrado por não ter encontrado figo algum na árvore. Mas permanece, contudo, o mistério evidentemente simbólico do ato e das palavras subseqüentes de Cristo.

88. OUTRAS PARÁBOLAS FAMOSAS

Vamos conhecer, agora, outras parábolas de Jesus, que, a par de serem muito interessantes, são também modelos perfeitos de sua sabedoria.

A primeira é a “parábola do fariseu e do coletor”. Lucas, que é o grande reprodutor das melhores parábolas de Cristo, nos diz que ela fora dirigida àqueles “que confiavam em sua própria honradez e desprezavam os demais”.

Dois homens, pois, haviam subido ao templo para orar. Um era fariseu e o outro, coletor de impostos (ofício, como já vimos, malvisto pelos judeus). O fariseu, tendo se postado à frente, começou a orar em altas vozes:

– Ó Deus, rendo-lhe graças por não ser como os outros homens: ladrões, injustos, adúlteros, ou como este coletor!

O fariseu apontou para o coletor, que estava mais atrás, e prosseguiu a fazer o elogio ululante de si mesmo, afirmando que jejuava duas vezes por semana, além de pagar regularmente os seus dízimos.

Enquanto isso o coletor orava lá à sua maneira, de olhos baixos e a bater no peito, dizendo apenas e tão somente isto:

– Ó Deus, tem piedade deste pecador...!

Jesus, então, comparando a atitude dos dois, afirmou que o coletor voltou para casa absolvido, e o outro não.

– Pois quem se exalta, será humilhado, e quem se humilha será exaltado – disse o nazareno, concluindo a parábola.



Jesus gostava muito de utilizar-se em suas sábias histórias de imagens relativas às videiras. Esta parábola, contada pelos três sinóticos, tem esse pano de fundo vinícola, sendo conhecida como a “parábola dos vinhateiros”.

Jesus começa dizendo que havia certo proprietário que, tendo plantado uma vinha, cercou-a com uma sebe, abriu nela um lagar (espécie de tanque onde se espremiam as uvas) e construiu uma torre. Depois disso, arrendou a vinha a alguns vinhateiros e partiu para o estrangeiro. Quando chegou a época da colheita, enviou três servos para receberem os rendimentos. Os vinhateiros, no entanto, espancaram o primeiro, mataram o segundo e apedrejaram o terceiro. Assim que soube da notícia, o proprietário enviou novos servos – dessa feita, em maior número – para receber seus frutos. Mas o desastre se repetiu, e os servos foram tratados da mesma forma. Então, o proprietário pensou consigo mesmo: “Mandarei meu próprio filho, pois não ousarão maltratá-lo”. Mas o efeito foi justamente o inverso, pois sabendo que aquele era o herdeiro do dono, os vinhateiros o mataram, na esperança de se apoderarem da herança.

A essa altura, Jesus conclui com esta pergunta:

– Quando regressar o dono da vinha, o que fará com esses vinhateiros?

Os que o escutavam, responderam:

– Certamente que lhes dará um horrível castigo, entregando a vinha, em seguida, a novos e mais justos vinhateiros.

Jesus, então, retorquiu com estas palavras:

– Nunca leram nas escrituras: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular?”. Por isso lhes digo que lhes tirarão o reino de Deus e o darão a um povo que dê os frutos devidos.

Os fariseus compreenderam que Jesus falava para eles.



A “parábola dos dois filhos”, narrada só por Mateus, também lida com as vinhas, e começa com Jesus dizendo assim aos seus ouvintes:

– Ouçam isto: Um homem tinha dois filhos. Um dia dirigiu-se ao primeiro, dizendo: “Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha”. Ele disse que ia, mas não foi. Depois o mesmo pai disse ao segundo filho que também fosse. Este respondeu: “Não quero”, mas depois arrependeu-se e terminou indo. Qual dos dois cumpriu a vontade de seu pai?

Os que o ouviam disseram:

– Foi o último.

Jesus retrucou:

– Pois eu lhes asseguro que os coletores e as prostitutas entrarão antes de vocês no Reino de Deus, porque tendo vindo João Batista, que ensinava o caminho da honradez, vocês não creram nele, ao passo que as prostitutas e os coletores creram. E, mesmo tendo visto isto, vocês não creram nem se arrependeram!



Existem duas parábolas sobre um banquete alegórico no qual os convidados exercem um papel de destaque. A primeira é a chamada “parábola do banquete e dos convidados”, que Lucas e Mateus nos contam mais ou menos da mesma maneira, comparando o banquete ao Reino dos Céus (o acréscimo no desfecho, porém, é apenas de Mateus).

Jesus disse, pois, certo dia:

“O Reino dos Céus é semelhante ao grande banquete que um rei fez para celebrar o casamento de seu filho. Tendo aprontado tudo, mandou que seus servos fossem chamar os convidados, mas estes não quiseram ir. Desapontado, o rei enviou novos servos, encarecendo as delícias que os esperavam, mas mesmo assim os convidados deram as costas, indo cada qual para um lado, enquanto outros maltrataram e mataram os servos.

“Diante disso, o rei enfureceu-se e mandou suas tropas matarem os assassinos e devastarem suas cidades, dizendo, em seguida aos servos: ‘Já que os convidados não eram dignos, vão aos caminhos e encruzilhadas e tragam para o banquete todos quantos encontrarem’.

“Os servos foram e trouxeram gente boa e má, de modo que o salão estava repleto de convidados quando o rei o adentrou. Ao fazê-lo, porém, deparou-se com um homem sem a veste nupcial.

“ ‘Amigo, como entrou aqui sem a veste nupcial?’, disse o rei.

“O homem permaneceu calado, o que irritou tão profundamente o soberano que este mandou que o amarrassem e lançassem para fora do palácio, nas trevas exteriores, lugar onde há choro e ranger de dentes.”

E Jesus conclui com esta famosa sentença:

“Pois muitos serão os chamados, mas poucos os escolhidos.”



A segunda parábola ligada a banquetes é a chamada “parábola dos lugares”, narrada apenas por Lucas. Antes dela, há uma pequena introdução, na qual ficamos sabendo que tendo sido Jesus convidado para ir comer na casa de um fariseu, percebeu logo como os convidados afanavam-se por ocupar os lugares de honra.

Então narrou-lhes a seguinte parábola, que tem mais jeito de conselho:

“Quando alguém te convidar para um casamento, não ocupes o primeiro lugar, para que não aconteça de sofreres a desfeita de, tendo surgido outro convidado mais importante, seres obrigado a ceder-lhe o lugar de maneira humilhante e ires ocupar o último lugar. Quando fores convidado, vai e escolhe o último lugar, para que o anfitrião possa te dizer: ‘Amigo, senta num lugar melhor’. E assim serás exaltado diante de todos.”



A “parábola dos talentos” é uma das mais famosas e foi registrada por Mateus. Começa dizendo que o Reino dos Céus é como um patrão que antes de partir para o estrangeiro confiou os seus bens aos seus servos. A um deu cinco talentos, a outro, dois, e a outro, um, conforme a capacidade de cada. O que havia ganho cinco talentos fez um bom negócio e ganhou outros cinco. O que havia ganho dois fez o mesmo e também duplicou a quantia. O que ganhara um, entretanto, achou melhor cavar um buraco no chão e esconder o seu talento. Passado muito tempo o patrão retornou e pediu contas aos servos do seu

dinheiro. O que havia ganho cinco, devolveu dez, o que alegrou muito o patrão. “Muito bem, servo fiel e cumpridor”, disse ele, “você foi confiável no pouco, e eu te ponho à frente do importante. Entre na festa de seu patrão!”. O que havia ganho dois devolveu quatro talentos, e o patrão, satisfeito, lhe disse as mesmas palavras que dissera ao primeiro. Por fim, chegou o terceiro, que disse ao patrão: “Senhor, sei que é exigente e que colhe onde não semeou e recolhe onde não espalhou. Por isso, temendo que se perdesse o seu dinheiro, enterrei-o para que ninguém o roubasse. Aqui está o seu talento”. Dessa vez, porém, o patrão enfureceu-se: “Servo mau e preguiçoso!”, ele disse. “Se você sabia que colho onde não semeio e recolho onde não espalhei, devia ter depositado o dinheiro num banco para que fosse acrescido de juros.” Então o patrão ordenou que fosse retirado o dinheiro dele e entregue ao que tinha ganho dez talentos, ordenando, ainda, que o servo inútil fosse expulso para as trevas de fora, onde haveria choro e ranger de dentes.



Lucas nos reproduz, agora, a “parábola da figueira”:

“Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Um dia foi colher seus frutos, mas não os encontrou. Então disse ao vinhateiro: ‘Há três anos venho colher frutos nesta figueira e nunca os encontro. Corte-a de uma vez, pois, além disso, está esgotando o terreno’. O vinhateiro, porém, lhe respondeu: ‘Senhor, não a corte, ainda. Dê-lhe mais um ano, pois cavarei ao redor e porei adubo para ver se dará fruto. Se assim não for, a cortará o ano que vem’.”

O evangelista deixa a parábola inconclusa, dando a entender que um bom argumento pode ser muitas vezes decisivo diante dos propósitos radicais da divindade (como pode-se notar em diversas passagens do Antigo e do Novo Testamento).



A “parábola do rico e do pobre” tornou-se famosa, segundo alguns cristãos, por “provar” a existência do inferno e também por seu toque pitorescamente fabular.

Vamos à parábola, que, vazada em outras palavras, diz o seguinte :

Havia um homem muito rico que se vestia de púrpura e linho e que vivia a banquetear-se esplendidamente todos os dias. De outro lado, havia um miserável chamado Lázaro (que nada tem a ver com o Lázaro ressuscitado), que vivia deitado na soleira da porta do rico, a comer dos seus restos e com o corpo coberto de chagas. Tão imundo era ele que até os cães iam lamber suas chagas.

Ora, não custou muito para que o pobre rebentasse de fome e sua alma fosse levada pelos anjos a habitar “no seio de Abraão”, como se dizia nos velhos dias da Torá. O rico também morreu e foi condignamente sepultado. Entretanto, para além da sepultura, o rico fora parar num lugar muito desagradável, que o redator original – ou seu tradutor – chamou de Hades (que é o inferno dos gregos), introduzindo, assim, o pagão nas sagradas escrituras. Ali reinava o mais terrível tormento, e o rico não sofria pouco, de tal forma que, ao erguer seus olhos, avistou o pobre Lázaro a desfrutar das delícias do seio de Abraão (ou seja, do paraíso). Então o rico, ao avistar Lázaro e Abraão (pois o próprio estava também ali, em pessoa), pediu que o pai dos crentes tivesse piedade dele: “Pede a Lázaro que molhe a ponta do seu dedo e venha refrescar a minha língua, pois estas chamas me consomem!”. (A que ponto haviam descido as exigências deste homem!)

Mas Abraão, infelizmente, lançou um balde de fogo quente sobre as pretensões do rico, dizendo-lhe estas duras palavras: “Recorda que em vida desfrutaste das delícias, enquanto que Lázaro, das desgraças. Agora ele é o consolado, e tu, o atormentado”.

Mas ainda havia mais: “Entre nós e ti há um abismo imenso”, disse Abraão, “de modo que, ainda que quiséssemos, não poderíamos ir até ti, nem tu até nós.”

O rico, perdidas todas as esperanças, resolveu salvar aos menos os seus parentes, que ainda viviam. “Manda Lázaro à casa de meus cinco irmãos”, disse ele, “a fim de preveni-los para que não venham também eles parar neste lugar de tormento.” Abraão, contudo, não cedeu: “Eles têm Moisés e os profetas. Que os escutem”. O rico insistiu: “Mas se um morto os visitar, eles se arrependerão!”. Abraão, inflexível, conclui assim a parábola: “Se não escutam Moisés nem os

profetas, tampouco darão ouvidos a um ressuscitado”.



“Quem é o meu próximo?”

Com esta pergunta singela inicia-se aquela que seja, talvez, a obra-prima das parábolas de Cristo: a “parábola do bom samaritano”.

Não há crente ou descrente que não se sinta naturalmente impelido a admirar a piedade e justiça supremas que emanam desta história, exemplo perfeito da ética humanitária pregada por Jesus Cristo.

Antes, porém, de a conhecermos – ou, simplesmente, de a relembrarmos –, é preciso saber que sacerdotes e levitas evitavam tocar em cadáveres, já que isto os tornaria “impuros” para o cumprimento de suas funções sacerdotais, e que os samaritanos pertenciam a uma seita judaica rival dos fariseus, vista por estes como “herege” ou “semi-pagã”.

Em resposta, pois, à pergunta inicial, Jesus assim disse, conforme Lucas:

“Um homem descia de Jerusalém em direção a Jericó quando se deparou com assaltantes, que retiraram sua roupa, moeram-no de pancadas e o abandonaram como morto. Dali a instantes, passou um sacerdote que, vendo o estado do outro, se afastou rapidamente. O mesmo fez um levita, que também passou ao largo. Um samaritano, porém, ao ver o homem caído, compadeceu-se dele e foi ver se ainda podia ajudá-lo. Ao perceber que ele ainda vivia, pôs-se a tratar as suas feridas com azeite e vinho, atando-as em seguida. Depois, montando-o em sua cavalgadura, levou-o até uma hospedaria, onde permaneceu a cuidar dele. No dia seguinte, tendo consigo dois denários, deu-os ao dono da hospedaria, dizendo: ‘Cuida bem dele. Na volta, pagarei o restante da despesa’.”

Jesus, então, fazendo uma pausa em sua narrativa, diz àquele que lhe perguntara:

- Qual dos três agiu como o próximo daquele infeliz?
- Aquele que o tratou com misericórdia – disse o outro.
- Vá, então, e faça o mesmo.

89. PARÁBOLAS POLÊMICAS

Existem algumas parábolas que podemos chamar de “polêmicas” – embora, certamente, a dificuldade não esteja nelas, mas no entendimento curto daqueles que, as lendo, não as compreendem. (Outro elemento a levar-se em conta é o fato de estarmos lidando com um intelecto infinitamente acima do vulgar.) O fato, porém, é que, na maioria das vezes, essas parábolas deixam no espírito da maioria dos leitores um vago “desconcerto” que, às vezes, nem mesmo uma reflexão mais aprofundada consegue dissipar.

De todas estas, sem dúvida, a campeoníssima é a famosa “parábola do filho pródigo”, que os pródigos do mundo todo têm tomado, no correr dos séculos, como um verdadeiro “hino” à sua causa. Recontêmo-la, pois.

Um homem tinha dois filhos, que trabalhavam consigo em suas terras. O mais jovem, porém, disse um dia ao seu pai: “Dê-me a minha parte na herança, pois vou partir”. O pai fez tal como este lhe pedira e dividiu seus bens entre os dois filhos. Assim que pôs as mãos na sua parte da herança, o filho mais jovem partiu e foi esbanjar seu dinheiro num lugar distante, vivendo como um libertino. Entretanto, quando sua última moeda se acabou, viu-se ele reduzido à mais negra miséria, a ponto de ter de ir servir a um fazendeiro estrangeiro como guardador de porcos, não lhe sendo permitido sequer comer os frutos da azinheira, dos quais até os porcos podiam servir-se livremente. Então, no último grau do desespero, chegou à seguinte conclusão: “Enquanto sobra pão aos servos de meu pai, aqui estou eu a passar fome!”. Imediatamente ele organizou o seu plano: “Voltarei já à casa de meu pai e lhe direi: ‘Pequei contra Deus e lhe ofendi. Já não mereço mais ser chamado de seu filho. Trate-me, pois, apenas como um de seus servos e estarei contente’.” O filho pródigo estava já próximo de casa quando seu pai o avistou e foi correndo abraçá-lo e beijá-lo, enquanto este lhe repetia as mesmas palavras que havia ensaiado anteriormente: “Pai, pequei contra Deus e te ofendi, e já não mereço que me chames de teu filho!”. O velho, entretanto, estava tão feliz que mandou imediatamente que lhe fossem dadas as melhores roupas que havia na casa. Depois ordenou que matassem o melhor bezerro e que fosse organizado um banquete em homenagem ao maroto regenerado. “Faço isso porque este meu filho estava morto e ressuscitou”, disse

o velho, como que a justificar-se. “Tinha se perdido e foi novamente encontrado.” O filho mais velho, entretanto, que permanecera sempre ao lado do velho, não gostou muito do negócio e foi queixar-se ao pai. “Esta é boa!”, disse ele, escarlate de raiva. “Então eu passo a vida a obedecer-lhe cegamente e nunca me deu um cabrito para eu confraternizar com meus amigos. No entanto, este que aí está agora é homenageado como um príncipe depois de ter devorado a parte de sua herança com prostitutas!” O velho, porém, tentou acalmar o filho indignado com estas palavras: “Filho, você está sempre comigo, e tudo quanto é meu é seu. Era necessário festejar a volta de seu irmão, pois que ele, estando morto, renasceu, e estando perdido, foi novamente encontrado”.

E assim termina esta complexa parábola.



Outra parábola que resulta espinhosa – sem dúvida alguma, devido à sua grande obscuridade – é a “parábola do administrador desonesto”.

Diz ela que havia um homem rico e seu administrador. Um dia foram queixar-se ao homem rico de que o administrador esbanjava seus bens. Imediatamente o homem rico mandou chamar o administrador desonesto e lhe disse: “O que andam dizendo de você? Preste-me contas já ou o demitirei do seu cargo!”. O administrador desonesto, temendo perder o cargo, e sabendo-se preguiçoso para cavar e orgulhoso demais para esmolar, decidiu empregar um ardil para que, no caso de ser descoberto em suas falcatuas, pudesse ainda ser recebido em alguma casa. Assim, mandou chamar todos os devedores do seu patrão. “Quanto deve a ele?”, perguntou ao primeiro dos devedores. “Cem barris de azeite”, disse o devedor. “Sente aí e escreva no recibo ‘cinquenta’”, disse o administrador. “Você aí, quanto deve?”, perguntou ao segundo. “Devo cem medidas de trigo”, respondeu. “Muito bem, pegue este recibo e escreva ‘oitenta’”. Ora, ao fim e ao cabo o patrão terminou louvando ao administrador desonesto pela sua astúcia, “pois, segundo ele, os homens do mundo eram mais astutos entre eles do que os homens da luz”. “Na verdade lhe digo”, disse o patrão ao administrador desonesto, “que use o dinheiro sujo para ganhar amigos, de tal sorte que quando lhe chegar o fim, eles o recebam na morada eterna. Pois

quem é confiável no pouco, é confiável no muito; e quem é desonesto no pouco, é desonesto no muito. E se com o dinheiro sujo não é você confiável, quem lhe confiará o legítimo? Se no alheio não é confiável, como será no seu? O patrão fez uma pausa e concluiu: “Um empregado não pode estar a serviço de dois patrões, pois odiará um e amará o outro. Não se pode servir, ao mesmo tempo, a Deus e ao dinheiro”.

E aqui termina esta parábola inegavelmente obscura. De modo geral, a impressão que ela deixa à maioria dos leitores é a de que Jesus faz aqui o elogio da desonestidade, o que, evidentemente, é um disparate.

Quanto ao resto, é matéria para reflexão dos púlpitos, e não da literatura.



A “parábola do rico acumulador” não chega a ser exatamente polêmica, mas decerto chegará a ferir muito diafanamente os ouvidos dos amigos da previsão e da poupança.

Ei-la, com nossas palavras:

Um fazendeiro teve uma enorme colheita. Preocupado com a fartura (pois tais são as preocupações dos ricos), disse ele a si mesmo: “Que farei? Meus celeiros são muito pequenos para abrigar toda esta colheita!”. Então decidiu pôr abaixo os velhos celeiros e construir outros, novos e mais espaçosos, nos quais colocaria a sua colheita e os seus bens. “Quando tudo estiver pronto”, pensou ele, “direi a mim mesmo: ‘Querido, você já tem bens acumulados para muitos anos. Descanse, pois, a partir de agora, e coma e beba e desfrute à vontade!’”. Deus, entretanto, escutando esses pensamentos, lhe disse: “Insensato! Se esta noite lhe pedirem a vida, tudo quanto acumulaste ficará para quem? Assim é aquele que acumula para si e não para Deus”.

Logo em seguida, como corolário à parábola, Jesus encadeia o seu famoso discurso acerca das benesses divinas, que o Senhor distribui gratuitamente aos homens.

Ali se diz, por exemplo, que os homens, a exemplo dos corvos, não devem perder tempo se preocupando com o que haverão de comer ou vestir, já que seu Pai celestial sabe perfeitamente de tudo o que necessitam.



A “parábola dos diaristas” é outra história que deixa sempre um travo amargo na boca daqueles que fazem da prestimosidade a sua razão de viver.

Narrada apenas por Mateus, é também uma das tantas nas quais o Redentor procura fazer uma comparação das coisas humanas com o Reino de Deus.

“O Reino de Deus”, começa a dizer Jesus, “se parece com um proprietário que saiu pela manhã para contratar trabalhadores para a sua vinha. Aos primeiros que contratou pagou um denário por dia. Logo depois encontrou outros ociosos na praça e também os contratou, dizendo que lhes pagaria uma quantia justa. Ao meio-dia e no meio da tarde contratou outros. Ao final do dia encontrou outros ociosos e lhes disse: ‘O que estão fazendo aí, parados?’, e estes responderam: ‘Ninguém nos contratou’. Então o proprietário mandou-os para a sua vinha. Finalmente, ao anoitecer, o dono da vinha chamou o seu capataz e lhe disse: ‘Reúna os trabalhadores e lhes pague as suas diárias, começando pelos últimos e acabando pelos primeiros’. Os do entardecer (ou seja, os que haviam chegado por último) receberam um denário, tal qual os primeiros, razão pela qual estes enfureceram-se. ‘Não é justo!’, disse um deles. ‘Estes últimos trabalharam somente uma hora e receberam o mesmo que nós, que trabalhamos o dia inteiro, sob o calor do sol!’ O dono, porém, assim lhe respondeu: ‘Amigo, não lhe faço injustiça alguma: não combinamos um denário? Portanto, pegue o que é seu e vá, pois quero dar ao último o mesmo que dei a você. Ou não posso fazer o que quero com o meu dinheiro? Porque sou generoso, tem você de ser mesquinho? Pois assim quero que seja: que os primeiros sejam os últimos, e os últimos sejam os primeiros’.”

“Os primeiros serão os últimos”, diz o Senhor.



A “parábola do amigo importuno” não é exatamente polêmica, mas pode levar algum preguiçoso a pensar que passar o dia inteiro importunando a Deus pode ser a solução para todos os seus problemas.

“Suponham”, diz Jesus a seus discípulos, “que alguém tem um amigo que, à meia—noite, lhe vem bater à porta para lhe pedir três pães, sob a alegação de que chegou de viagem um amigo seu e de que ele nada tem a lhe oferecer. O de dentro, então, diz: ‘Não me importune, já estamos deitados eu e meus filhos. Não posso levantar-me para dar os pães que me pede’. Eu, porém, lhes digo que se ele não se levantar por amizade, o fará por aborrecimento, para dar, afinal, o que lhe pedem.”

Jesus complementa esta pequena parábola com as seguintes palavras: “Portanto, se vocês, sendo tão maus, sabem dar coisas boas a seus filhos, quanto mais o Pai do céu *saberá dar o Espírito Santo* àqueles que lhe pedirem”.

Estamos nos referindo, é claro, aos pobres de espírito.



A última parábola polêmica é a chamada “parábola do homem rico”, que todo cristão, desde o Pentecostes, lê.

Tendo alguém dito a Jesus: “Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?”, este começou por lhe responder com esta surpreendente tirada:

– Por que me chamas de bom? Ninguém é bom a não ser Deus!

“Logo, Jesus não é Deus!”, poderá pensar algum afoito (eis a primeira polêmica).

Em seguida o Mestre passa à resposta, dizendo que todo aquele que quiser herdar a vida eterna deverá observar estes mandamentos: “Não cometer adultério, não matar, não roubar, não perjurar e honrar pai e mãe”.

– Cumpri todos desde a juventude – disse o sinceríssimo interlocutor.

Então, Jesus, decidido a desmascarar o modelo de virtudes, diz:

– Falta-lhe, ainda, uma coisa: venda tudo quanto tem, reparta tudo com os pobres e terá um tesouro no céu; depois siga-me.

Lucas diz que o homem desanimou, pois era muito rico, fazendo com que Jesus pronunciasse, então, a sua famosa sentença:

– Verdadeiramente, é mais fácil um camelo atravessar o buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus!

Os discípulos, embora não fossem ricos, sentiram, porém, tão grande dó pela perdição destes, que perguntaram ao Senhor:

– Mas se é assim, quem poderá salvar-se?

– O que é impossível para os homens é possível para Deus – disse o Mestre, aliviando um pouco a aflição dos ricos ao alargar, e muito, o buraco da agulha.

90. JESUS E AS MULHERES

Jesus, segundo entendimento unânime dos teólogos, jamais casou, ou sequer teve qualquer relacionamento de ordem sentimental ou sexual.

Entretanto, nem por isso deixou de relacionar-se com as mulheres, tendo sido, inclusive, sustentado por várias delas durante o período de sua pregação (dentre as quais estão a famosa Maria Madalena e a esposa do mordomo de Herodes Antipas).

Um dos episódios mais famosos envolvendo Jesus e as mulheres deu-se quando o Redentor passava pela região da Samaria. Ao chegar à entrada de Sicar, ele parou em um poço para descansar, enquanto seus discípulos iam à cidade comprar comida.

Esse poço, porém, não era lá qualquer poço, mas o famoso poço de Jacó, o mesmo local onde o antigo patriarca conhecera sua futura esposa Raquel. (Os poços, na tradição judaica, estão fortemente associados ao relacionamento homem-mulher, pois foi também num poço que Isaac conheceu sua futura esposa Rebeca.)

A mulher – que era samaritana e, portanto, malvista pelos judeus, já que estes odiavam de morte a seita rival à qual ela pertencia – encontrou Jesus sentado à beira do poço, descansando da caminhada.

O rabi sabia perfeitamente que não seria nada conveniente puxar conversa com ela – pois além de ser uma samaritana, viera sozinha apanhar água, o que era um mau sinal acerca de sua reputação –, mas, por isso mesmo, decidiu-se a fazê-lo, já que desafiar preconceitos era uma das coisas que mais adorava.

– Dá-me um pouco de água – disse o rabi, ainda sentado.

A mulher ficou muito surpresa, pois jamais poderia esperar que um judeu lhe dirigisse a palavra, quanto mais lhe pedir para beber da água que colocara em seu jarro (já que o jarro de um não-judeu era considerado impuro para matar a sede de um judeu).

– Por que você, um judeu, ousou pedir água a uma samaritana? – disse ela a Jesus.

– Se soubesses quem eu sou, seria tu quem teria pedido a mim, e não uma água qualquer, mas a água da vida.

Confundida pelo argumento, ainda assim ela tentou retrucar.

– Mas você não tem vasilha alguma para encher. E onde conseguiria esta “água da vida” de que está falando, senão do poço que nosso pai Jacó nos deu?

Jesus, que já havia se erguido, lançou uma olhada de desdém para o interior do poço.

– Quem beber desta água – disse ele – terá sede novamente, mas quem beber da minha água, nunca mais tornará a ficar sedento. Pois a minha água é uma fonte inesgotável, que jorrará para a vida eterna.

Impressionada pelas palavras do judeu, a samaritana lançou-se a seus pés.

– Senhor! – disse ela. – Dê-me, então, dessa água, para que eu nunca mais tenha sede, nem precise voltar aqui novamente!

Jesus fez uma pausa, e disse:

– Vá e retorne com seu marido.

– Não tenho marido – disse a samaritana, baixando os olhos.

– De fato, não tens marido – retrucou Jesus, como quem já soubesse disso desde o começo. – Já tiveste cinco e moras agora com um que não é teu marido.

– Você é um profeta, pelo que vejo – disse a mulher, acrescentando logo em seguida: – Vocês, judeus, querem que prestemos culto em Jerusalém, mas nossos pais adoram a Deus neste monte.

Jesus, então, lhe respondeu:

– Acredite-me, boa mulher, que logo virá o dia em que eles não o adorarão nem neste monte nem tampouco em Jerusalém. Pois meu Pai quer que o adorem em espírito e em verdade.

– Bem sei que o Messias está para vir – disse ela –, e quando ele vier explicará tudo para nós.

Então Jesus lhe disse, inesperadamente exaltado:

– Eu sou o Messias! Eu mesmo, que estou, agora, falando contigo!

Neste momento seus discípulos chegaram, o que obrigou a mulher a afastar-se, com receio de que a expulsassem ao vê-la conversar com um judeu.

Mas ninguém disse nada, e ela pôde regressar em paz à sua cidade, onde relatou à cidade inteira o seu encontro com Jesus.

– Será que ele é mesmo o Messias? – disse ela, intrigada.

Imediatamente o povo correu em grande número até o local onde Jesus estava e ali ficou embasbacado a escutar as palavras daquele novo e estranho pregador.

Seus discípulos, no entanto, tentavam interromper sua prédica, para que ele se alimentasse.

– Será que a mulher deu-lhe algo, antes, para comer? – comentou um deles.

Jesus respondeu ele próprio, com estas palavras:

– A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra.

Sua pregação agradou tanto aos samaritanos que estes logo o reconheceram como o Messias, oferecendo-lhe hospedagem em sua cidade por dois dias – o que foi um novo escândalo, já que o ódio que reinava então entre judeus e samaritanos jamais teria permitido tal abominação.



O segundo episódio é o da clássica “unção em Betânia”. Aqui vemos surgir, pela primeira vez, Maria Madalena, a misteriosa mulher à qual alguns chegam a atribuir o papel de amante – ou mesmo de esposa – de Jesus, para grande fúria da ortodoxia.

Estava, pois, Jesus na cidade de Betânia, em casa de Simão, o leproso – ou seja, de Lázaro, que ele recentemente ressuscitara –, quando se aproximou dele, portando um jarro de perfume, uma mulher, que apenas o evangelista João diz se tratar explicitamente de “Maria”. Imediatamente ela começou a verter sobre os pés de Jesus o “nardo puro e caríssimo” (Mateus e Marcos dizem que ela o fez sobre a cabeça dele), fazendo com que Judas, que também estava ali, se enfurecesse com o desperdício.

– Por que não vendeu este perfume caríssimo para dar o dinheiro aos pobres? – disse ele, rudemente.

Jesus, porém, justificou o ato de Maria com estas palavras:

– Por que aborrecê-la por causa disso? Na verdade, sempre terão pobres para lhes fazer o bem, mas a mim nem sempre terão. Ela antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura.



O terceiro episódio envolvendo Jesus e as mulheres é extremamente controverso, a começar pelo fato de muitos verem nele apenas uma segunda versão da “unção em Betânia”. A própria mulher que contracenava com Jesus não é identificada, embora muitos afirmem se tratar da própria Madalena, que protagoniza aquele famoso episódio.

Entretanto, os episódios são tão diferentes nos detalhes, que convém contá-los separadamente, como se fossem dois, e o leitor que decida por si próprio.

Esta unção começa, pois, no dia em que Jesus foi jantar na casa de um fariseu. Enquanto comia, o rabi estava confortavelmente reclinado num divã romano chamado *triclinium* (não nos esqueçamos de que o Filho de Deus estava longe de ser um asceta, tendo sido acusado até de “comilão e bebedor” por seus desafetos).

Estavam, pois, Jesus e o fariseu trocando idéias diante da mesa já posta quando surgiu do nada uma “mulher pecadora pública”, que adentrou a sala muito naturalmente, trazendo consigo um jarro de perfume. (Não nos é dito de onde teria surgido essa possível prostituta, e de que maneira teria entrado livremente na casa de um fariseu, já que o contato com uma dessas mulheres o teria tornado impuro. Outro elemento complicador é o fato de Jesus chamar o fariseu de “Simão”, que era o outro nome de Lázaro, o irmão de Madalena, fazendo suspeitar que estejamos, mesmo, diante de uma variação da outra história.)

A verdade é que a moça aproximou-se do divã e começou a molhar os pés de Jesus com suas lágrimas e logo em seguida a perfumá-los e beijá-los, como se fosse a coisa mais natural deste mundo. O Nazareno, contudo, permaneceu impassível, deixando que a prostituta fizesse o que quisesse com seus pés.

O fariseu, segundo Lucas, estranhou o fato (não o fato de uma prostituta entrar livremente na casa de um sacerdote e pôr-se a lavar, a beijar, a perfumar e a secar com seus próprios cabelos os pés de um seu convidado, senão de que este, sendo um profeta, tivesse permitido que uma tal mulher o tocasse).

Mas Jesus, sabendo perfeitamente o que ia pela cabeça do fariseu, antecipou-se à sua censura, contando-lhe esta pequena parábola:

– Dois homens deviam a um certo credor. Um devia quinhentos, outro,

cinquenta. Nenhum tinha como pagar-lhe, e por isso o credor resolveu perdoar-lhes as dívidas. Qual deles lhe será mais grato?

O sacerdote não teve muito trabalho para responder que era o que devia mais.

– Você está certo – disse Jesus.

Então, apontando para a mulher, disse ainda ao mesmo fariseu:

– Vê esta mulher? Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés. Ela, porém, lavou meus pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Você não me saudou com um beijo, mas ela cobriu meus pés de beijos. Você não ungiu minha cabeça com óleo, mas ela perfumou meus pés. Por isto lhe digo que os grandes pecados dela foram todos perdoados, já que demonstrou amor. Pois aquele a quem pouco se perdoa, pouco afeto retribui.

– Tua fé te salvou – disse ele, por fim, à mulher. – Vai em paz.



O terceiro episódio envolvendo Madalena deu-se quando Jesus estava na casa dela, juntamente com Marta, irmã de Madalena.

Jesus, como sempre tivesse muitas coisas a dizer, estava sentado expondo suas idéias, tendo aos pés a atenta Madalena. Marta, por sua vez, afanava-se de lá para cá, nas tarefas de casa. Então, a certa altura, Marta, visivelmente contrariada – ou talvez mesmo enciumada –, parou e disse a Jesus:

– Mestre, não se importa que minha irmã me deixe a fazer sozinha as tarefas?

Jesus, então, lhe respondeu:

– Marta, Marta, tu te preocupas e te inquietas com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.



O último episódio famoso a que faremos menção é o da adúltera perdoada, que somente o apóstolo João se deu ao trabalho de referir.

Jesus estava no templo, em Jerusalém, quando os letrados e fariseus lhe apresentaram uma mulher surpreendida na prática do adultério. Depois de colocarem-na no centro, disseram a Jesus:

– Mestre, esta mulher foi pega em flagrante adultério. A lei de Moisés ordena que seja, por isto, apedrejada. O que tem a nos dizer?

João nos diz que os fariseus faziam isso para armar uma armadilha para Jesus, mas como este não era de fugir a um desafio, pôs-se de cócoras a rabiscar algo sobre a areia do chão. Infelizmente o evangelista não nos diz o que os dedos de Jesus inscreveram sobre o pó, mas apenas que, farto da insistência dos fariseus, ergueu-se e disse-lhes:

– Aquele entre vocês que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra!

E imediatamente retornou à mesma posição, recomeçando a escrever sobre o pó, de modo que todos entenderam que de sua boca nada mais sairia, razão pela qual começaram a deixar, um a um, o lugar.

Quando o templo estava vazio, e só havia restado Jesus e a adúltera, o filho de Maria pareceu acordar de um transe, pois ergueu-se e disse isto à mulher:

– Onde estão todos? Ninguém a condenou?

– Ninguém, Senhor – disse ela.

Então, Jesus a dispensou com estas palavras:

– Tampouco eu a condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais. E ela foi.

91. ENTRADA TRIUNFAL EM JERUSALÉM

A partir de agora nos manteremos fiéis à cronologia dos últimos dias de Jesus Cristo sobre a terra, já que estão próximos os eventos de sua paixão e morte, os quais pedem uma continuidade para que melhor se possa avaliar a importância do drama final.

Depois de haver predito várias vezes a sua morte, Jesus partira com seus discípulos para Jerusalém, onde pretendia fazer uma entrada espetacular. No caminho mandou que dois emissários fossem à frente até uma aldeia de samaritanos, para avisá-los de sua chegada. Estes, no entanto, impenitentes que eram, disseram que não o receberiam, já que seu objetivo era ir a Jerusalém, a terra dos seus rivais.

João e Tiago, chamados também de “Boanerges” (“filhos do trovão”), disseram, então, a Jesus:

– Senhor, quer que mandemos um raio do céu para aniquilar esta aldeia?

Jesus, porém, não só se negou a aceitar a oferta, como ainda os repreendeu.

Logo depois, ocorreu-lhes o episódio do cego – ou dos cegos – de Jericó, já narrado anteriormente, que antecedeu ao que agora passaremos a narrar.

Jesus havia entrado na cidade de Jericó, cercado por uma grande multidão, de tal sorte que se tornara difícil, mesmo às pessoas de elevada estatura, poderem enxergá-lo. Mas se para estes a coisa já era difícil, o que se poderia dizer de um certo coletor de impostos chamado Zaqueu, cujo tamanho não ultrapassava em muito ao dos anões?

Pobre Zaqueu, coletor de impostos e perdido na multidão!

Mas algo dizia a Zaqueu que aquele era o grande momento da sua vida e que ver e ser visto por Jesus significava algo de muito importante. Então, depois de cansar de rebolar por entre aqueles gigantes suarentos, ele chegou à conclusão de que teria de alçar-se sobre as pernas de pau da sua esperteza. Cômico disto, largou a correr até um grande sicômoro que avistou adiante. Algo dizia a Zaqueu que aquele ser que ali ia era superior. Zaqueu não podia enxergá-lo, mas sabia que um gigante avançava.

Decidido, pois, a ver o gigante de uma altura digna, o coletorzinho

lançou-se numa corrida que, embora miudinha – pois que outra corrida poderiam oferecer as suas perninhas? –, era também velocíssima. Zaqueu correu como o vento, e logo deixou a massa para trás, alcançando a árvore, que, entre as árvores, era tão baixa quanto ele.

Então, quando a multidão já estava a coisa de dez metros, Zaqueu pôs-se a trepar pelos galhos como um macaco, até alcançar o galho mais alto. Nem bem conseguira acomodar-se para olhar e já tinha diante de si a figura de Jesus, que lá embaixo destacava-se soberanamente dos demais.

No mesmo instante em que seus olhos pousaram nos do Mestre, os olhos do Mestre pousaram nos seus. E então Jesus, abrindo um sorriso franco, disse ao coletor empoleirado esta coisa maravilhosa:

– Zaqueu, desce depressa, pois hoje vou hospedar-me em tua casa!

O coletor ficou tão pasmado com aquelas palavras que perdeu o equilíbrio, indo esborrachar-se no chão.

“É um verdadeiro profeta, já que sabe meu nome!”, pensou ele, sem lhe passar pela cabeça que Jesus poderia ter facilmente perguntado a alguém da multidão quem era ele.

Imediatamente Zaqueu desceu do sicômoro e foi conduzir Jesus até a sua casa, o que desagradou o restante da população, já que Zaqueu, por força do seu ofício, era malvisto pelos judeus.

Já em sua casa, o pequeno coletor decidiu dar uma prova a Jesus de que lhe era grato.

– Veja, Senhor – disse ele –, neste mesmo dia darei a metade de meus bens aos pobres, e a quem extorqui devolverei quatro vezes mais.

Jesus, satisfeito, respondeu:

– Hoje chegou a salvação a esta casa, pois também tu és filho de Abraão, e o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.

E foi assim que Zaqueu, graças à sua força de vontade, superou suas limitações naturais e também os seus pecados, sendo distinguido por Cristo de todos os demais.

Assim que Jesus deixou Jericó, dirigiu-se finalmente a Jerusalém. Já nas proximidades, pediu a dois discípulos que fossem a um povoado próximo, onde encontrariam amarrados um jumentinho e uma jumenta.

– Tragam-nos até mim – disse ele. – Se alguém reclamar, digam que o

Senhor está precisando deles e que logo os devolverá.

Mateus diz que isto se fez para que se cumprisse a profecia de Zacarias acerca do Messias, a qual dizia: “Vê o teu rei que está chegando, humilde, cavalcando um asno, uma cria, filho de uma jumenta” (Zc 9.9). É com base nela que nos é dito, desde a infância, que o ato de Jesus foi um ato exclusivo de humildade.

Entretanto, pode não ter sido exatamente assim. Em primeiro lugar, porque a profecia de Zacarias foi deturpada por Mateus (prática corrente entre os evangelistas para provar, de qualquer maneira, que Jesus era o Messias). Originalmente, o profeta do Antigo Testamento chamara o Messias não só de humilde, mas também de “justo e vitorioso”, o que lhe dá uma conotação bem mais viril. Mas o principal engano pode estar no mito do jumento como símbolo exclusivo da humildade, já que estar montado nele podia significar também – e aqui, muito mais provavelmente – uma manifestação política de poder e majestade. (A mula era, tradicionalmente, a montaria característica dos reis: Absalão, quando vai ao encontro de seu pai Davi, para reivindicar a condição de rei, o faz montado em uma mula (2 Sm 18.9); Salomão, por sua vez, foi ungido rei de Israel “montado na mula do rei Davi”, conforme (1Rs 1.38-40.) Assim, é possível que Jesus tenha feito sua entrada em Jerusalém montado numa mula não exatamente para expressar humildade, mas, ao contrário, para expressar autoridade e poder, requisitos necessários para poder reivindicar para si a condição de rei de Israel (ou seja, de “Messias”, título que Davi e todos os reis de Israel sempre ostentaram).

Alguns estudiosos, alheios aos possíveis propósitos celestiais de Jesus, vêem nessa entrada triunfal uma espécie de preâmbulo para o “assalto fracassado” ao Templo, que ocasionaria, em seguida, a prisão e morte do “subversivo”. Mas se quisermos ser fiéis ao espírito do Novo Testamento, devemos olhar todos os atos de Jesus como atos que pretendem transcender ao meramente terreno. Jesus Cristo, para os evangelistas, não é um ativista em busca do poder político, mas o agente sobrenatural de Deus, preocupado apenas em salvar os homens para o reino sobrenatural de Deus.

É sob esta ótica bíblica, pois, que continuaremos a observar os passos de Jesus.



Não sabemos a que horas Jesus fez sua entrada em Jerusalém. Tudo o que sabemos, segundo os quatro evangelistas, é que Jesus foi ovacionado por “numerosa multidão”, que lhe estendia as vestes, espalhando ramos pelo chão, que eram dois sinais claros de que o povo o reconhecia como o Messias prometido.

– Hosana ao Filho de Davi! – dizia o povo, com euforia. – Bendito o que vem em nome do Senhor!

Jesus parecia inegavelmente satisfeito com aquela demonstração, e assim rumou para o Templo, sempre seguido pela multidão. Ali curou cegos e coxos, enquanto continuavam a ressoar os gritos chamando-o de Filho de Davi.

Então, alguns fariseus, temerosos de que aquela ousada proclamação pudesse provocar alguma subversão na cidade – e a conseqüente repressão dos romanos –, censuraram asperamente a postura de Jesus, que parecia não se importar nem um pouco que o povo continuasse a proclamá-lo como rei de Israel.

– Repreende teus discípulos! – diziam eles, irritados.

Jesus, no entanto, respondeu-lhes assim:

– Deixe que gritem, pois, do contrário, as próprias pedras gritarão!

Os fariseus compreenderam, então, que aquele homem começava a se tornar verdadeiramente ameaçador.

Não sabemos se o episódio seguinte – o da chamada “purificação do templo” – deu-se naquele mesmo instante, mas tudo leva a crer que assim tenha sido, ou, no máximo, um ou dois dias depois (a julgarmos pelos evangelistas sinóticos). João, como já vimos, é o único que não refere o episódio, já que colocou-o no começo do seu evangelho, a fim de afastar qualquer possibilidade de que a morte de Jesus possa ser entendida como resultante de um ato meramente político.

92. A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO

Jesus, após a sua chegada a Jerusalém, foi visitar o Templo, local sagrado dos judeus. Considerada a casa de Deus, começara a ser construído por volta de 19 a. C., por Herodes, o Grande, e só fora concluído em 63 d. C.; portanto, era um obra incompleta quando Jesus, acompanhado por seus discípulos, foi visitá-lo.

Jamais saberemos se o gesto de Jesus que se seguiu foi calculado ou intempestivo, já que a fúria costuma brotar repentinamente. Talvez, tomado por um grande espanto, seguido pela revolta por ver a verdadeira feira-livre na qual havia se transformado o átrio do templo – onde comerciantes apregoavam avidamente as suas mercadorias à multidão turbulenta de fiéis, com centenas de gaiolas repletas de pombas brancas, além de cordeiros e bois, destinados aos sacrifícios a atravancarem o caminho –, tenha decidido cometer o que pareceu, então, um desatino.

Planejado ou não, o fato é que Jesus, depois de ter improvisado um chicote de cordas (João é o único a referir esse detalhe, que podemos tratar de “chocante”, dada a proverbial mansidão do nazareno), começou a investir alucinadamente contra os mercadores, como um verdadeiro possesso. Gaiolas e mesas – nas quais cambistas e agiotas trocavam dinheiro despudoradamente – foram espalhadas para todos os lados, enquanto o açoite zunia nas costas de toda aquela gente (a menos que o Messias o tenha usado apenas para assustar, o que é pouco provável, dada a raiva que sentia).

Jesus não cessou de vergastar os vendilhões, ao mesmo tempo em que exclamava:

– Tirem todas estas coisas daqui! A casa de meu Pai não é um mercado!

Não sabemos se seus discípulos tomaram parte na baderna, pois a única coisa que nos é dita acerca deles é que, a certa altura, um deles exclamou:

– Vejam, ele cumpre o que diz o salmo: “Pois o zelo pela tua casa me consome, e o insulto daqueles que te insultam caem sobre mim”.

Cessado, então, o ímpeto de raiva, Jesus foi levado até os fariseus, que queriam saber dele que autoridade tinha para fazer aquilo tudo.

Jesus, que, a exemplo das crianças, não se preocupava em responder

exatamente ao que lhe perguntavam, afirmou:

– Destruam este Templo e eu o reconstruirei em três dias.

Difícil saber se os sacerdotes ficaram mais confusos com o despropósito ou com a aparente arrogância da resposta.

– Que disparate está dizendo? – falou um deles. – Este templo levou 46 anos para ser construído, e você diz que o reerguerá em três dias?

Ninguém, obviamente, entendeu o sentido das palavras de Jesus, já que profetas, de modo geral, só admitem ser entendidos retrospectivamente. Hoje, no entanto, sabemos – a crermos nas palavras de João – que Jesus estava se referindo ao “templo do seu próprio corpo”, que deveria ressuscitar três dias após a sua morte.



A essa altura, os fariseus e saduceus já estavam de acordo que se tornara imprescindível acabar com a vida de Jesus. Por isso, resolveram adotar o estratagema de indispor-lo contra as autoridades romanas.

Jesus, pois, estava com os seus, quando recebeu uma delegação daquelas criaturas, que traziam debaixo de suas túnicas uma pequena cilada verbal.

– Mestre, sabemos que você é um profeta verdadeiro e que não põe diferença entre os homens – disse o porta-voz do grupo. – Diga-nos, então: devemos continuar a pagar nossos impostos a César, ou não?

(Com “César” eles queriam dizer Roma, que, como é sabido, oprimia os judeus.)

Jesus, porém, percebeu logo a malícia daqueles embaixadores do Diabo e lhes respondeu com novo rompante de ira:

– Hipócritas! Por que pretendem me enredar?

Então ordenou aos visitantes que lhe mostrassem uma moeda romana.

– De quem é esta face e esta inscrição? – perguntou ele, mostrando um dos lados da moeda.

– De César – responderam eles.

– Então dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus – disse Jesus, e eles se viram-se obrigados a partir sem mais tardança.

Mas nem isso bastou para que cessassem as conspirações. Reunidos todos no pátio do Sumo Sacerdote, chamado Caifás, começaram novamente os padres daqueles dias a tramar a morte de Jesus.

João – que quer deixar sempre bem claro que a motivação da conspiração é o reconhecimento de que Jesus é, de fato, o Messias, e que isso põe em risco toda a hierarquia judaica – coloca, então, na boca de um dos conspiradores, estas palavras:

– Que faremos? *Este homem realiza muitos sinais!* Se o deixarmos livre, todos crerão nele, e os romanos nos destruirão!

Então, segundo o mesmo evangelista, Caifás tomou a palavra, dizendo que seria muito útil que aquele homem morresse no lugar do povo e da nação – e desde então ficou decidida a morte de Jesus.

– Mas que não se faça durante a Páscoa, para que isso não gere tumultos entre o povo! – disse, precavidamente, um dos conspiradores.



Raríssimas conspirações triunfam sem um traidor – e desta feita a coisa não seria diferente.

Uma vez decidida a morte de Jesus, os conspiradores começaram a procurar pela figura indispensável do traidor. Porém, a darmos fé aos evangelistas, não foi preciso que procurassem muito pelo personagem, já que o próprio foi apresentar-se aos sacerdotes para se oferecer a desempenhar o papel abjeto.

Seu nome – quem não sabe? – era Judas Iscariotes.

– O que me darão se eu o entregar? – disse ele, com os olhos cobiçosos, já que entendia que a venda da honra merecia ser regamente paga.

É de se supor que tenha havido um bom regateio entre as partes antes que se chegasse a um consenso quanto ao preço final.

– Trinta moedas de prata – disse um dos conspiradores.

Judas cerziu os olhos e assentiu com a cabeça.

Desde esse dia Judas passou a estudar um meio de entregar Jesus.

93. A SANTA CEIA

Ninguém sabe precisar onde exatamente terá se passado a Santa Ceia, um dos eventos mais importantes de todo o Novo Testamento. Trata-se, no entanto, de um enigma curiosíssimo, que fica ainda mais palpitante quando se lê o relato dos quatro evangelistas acerca da escolha do local.

Mateus nos diz apenas que, indagado a respeito pelos discípulos sobre onde se daria a ceia, teria dito Jesus que fossem “à casa de alguém” e lhe dessem o aviso de que “o tempo de Jesus estava próximo”. Marcos, por sua vez, põe as seguintes palavras na boca do Mestre: – Um homem levando uma bilha d’água lhes virá ao encontro. Segui-o. Onde ele entrar, digam ao dono da casa: “O Mestre pergunta: onde está a sala na qual comerei com meus discípulos?”. Ele lhes mostrará, então, uma grande sala arrumada com almofadas, a qual vocês deverão arrumar e preparar para o nosso encontro.

Já Lucas parece ter copiado letra por letra a versão de Marcos, acrescentando apenas o detalhe de que foram João e Pedro os emissários enviados ao encontro do misterioso “homem da bilha d’água” (podemos supor que se tratasse de um criado).

Seja lá onde for o local da ceia, o fato é que no dia apazado Jesus e seus discípulos chegaram à casa – presumivelmente encapuzados, ou fazendo meio de algum outro ardil para não serem percebidos, pois, à essa altura, deviam estar sendo procurados como sediciosos – e, depois que todos estavam assentados, a Santa Ceia principiou. Mas parece que foi interrompida logo no início – os cronologistas disputam sobre o assunto –, já que em meio à ela teria estalado uma discussão acerca da “precedência” (possivelmente se tratasse aqui de uma disputa por lugares, já que todos deveriam querer estar o mais próximos possível de Cristo).

O fato é que a discussão acabou derivando para uma verdadeira disputa de vaidades.

– Qual de nós é o maior? – teria dito alguém, tomado momentaneamente pelo demônio da soberba.

Jesus, porém, acalmou-lhes os ânimos ao dizer-lhes, bem ao seu modo:

– Quem é o maior? Aquele que serve ou o que está à mesa? Não é aquele

que está à mesa? Eu, porém, estou entre vocês como aquele que serve!

E talvez aqui esteja a explicação para o próximo e inusitado incidente, que impediu, mais uma vez, o prosseguimento da ceia, já que em dado momento Jesus, tendo se levantado, tomou de uma toalha e uma bacia e foi lavar os pés dos seus discípulos.

Pedro, no entanto, scandalizou-se com o gesto:

– Senhor, tu vais lavar meus pés?!

Jesus, contudo, lhe respondeu:

– O que faço não compreendes agora, mas mais tarde o compreenderás.

Mas Pedro insistiu, e quase chegou a esbravejar:

– Jamais me lavarás os pés!

– Se eu não te lavar, não terás parte comigo – disse Jesus, irredutível.

Diante disso, Pedro rendeu-se aos argumentos – e muito mais do que isto:

– Senhor, lava-me, então, não apenas os pés, mas também as mãos e a cabeça – disse ele, com a maior naturalidade.

– Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está inteiramente puro – disse Jesus.

E depois, aproveitando, acrescentou aos outros:

– Vocês também estão puros, *mas não todos*.

Só depois que voltara à mesa é que Jesus explicou o sentido do seu gesto:

– Compreenderam o que fiz? – disse ele, ainda a enxugar os braços. – Se eu que sou o Mestre e o Senhor lhes lavei os pés, também vocês devem lavar os pés uns dos outros. Pois em verdade lhes digo: o servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou.



A Santa Ceia parecia que ia finalmente começar quando Jesus parou tudo novamente para anunciar, desta feita, que um dos presentes iria traí-lo.

No mesmo instante todos puseram-se a se indagar quem seria.

João diz, então, que nesse momento Pedro fez um sinal para que o “discípulo amado”, que estava sentado ao lado de Jesus – que a tradição aponta como sendo o próprio João –, interrogasse a Jesus.

– Serei eu, Senhor? – disse o bem amado, reclinando-se sobre o peito do Mestre.

Jesus, porém, deixando de lado, desta vez, o seu estilo elíptico, deu uma pista certa da identidade do vilão: – Aquele a quem eu der o pão umedecido no molho, este me trairá.

Jesus, então, tomou um pedaço de pão e mergulhou-o placidamente no molho do seu prato, até torná-lo encharcado e sumamente apetitoso. Os apóstolos seguiam seu gesto com a alma presa na garganta. Antes de passar o pão ao canalha, Jesus ainda sacudiu delicadamente o pedaço encharcado no molho gotejante – e só então estendeu sua mão na direção de Judas Iscariotis.

Judas tomou o pão, enquanto Jesus lhe dizia:

– Vai e faze o que tens de fazer.

Então Judas, claramente indicado como o homem que iria trair Jesus, ergueu-se e retirou-se pacificamente da sala para poder concluir a sua obra de traição, sob os olhares complacentes dos apóstolos. Depois disso, Jesus tomou outro pedaço de pão, abençoou-o e repartiu entre os que ficaram, dizendo: – Peguem e comam, pois este é o meu corpo.

Todos comeram, reverentemente.

Depois, tomando um cálice, disse:

– Bebam dele, pois este é o meu sangue, o sangue da nova aliança.

Todos beberam reverentemente.

Depois que tinham comido e bebido, Jesus acrescentou:

– Todas as vezes que isto fizerem, façam-no em minha memória.

Jesus fez, então, um grande sermão, anunciando que a sua hora chegara e que, sem razão, o odiariam, mas que os apóstolos deveriam estar certos de que ele retornaria dos mortos para cumprir a promessa de sua ressurreição.

Ouvindo isso, os discípulos se entristeceram.

– Daqui a pouco não me verão, mas pouco depois me verão – disse ele, numa frase que, ao mesmo tempo, os encheu de tristeza e alegria.

– Quando uma mulher vai dar à luz está triste, pois chegou a sua hora – disse ele, explicando melhor as suas palavras. – Porém, depois que deu à luz a criatura, não se lembra mais da angústia, por causa da alegria de que um novo ser tenha nascido para o mundo. Assim, vocês estão tristes, agora, mas eu voltarei a lhes visitar, e vocês se encherão outra vez de alegria, e ninguém lhes tirará essa alegria.

Depois, erguendo os olhos ao céu, ele disse:

– Pai, chegou a hora! Dá glória ao teu filho, para que ele também te dê

glória!

Encerrado o discurso, Jesus disse, então:

– Levantem! Partamos todos daqui!

94. A PRISÃO DE JESUS

Mateus e Marcos nos dizem que antes de deixarem o local da Santa Ceia, Jesus e seus onze apóstolos – já que o décimo segundo, como vimos, havia sido dispensado mais cedo, pelo próprio Jesus, com a ordem expressa de ir preparar os últimos detalhes da sua traição – cantaram um hino, que os comentaristas apontam como sendo os “Salmos do Hallel”, os quais consistem dos salmos bíblicos 113 a 118.

Logo em seguida, o Mestre teve este diálogo tremendo com seus discípulos: – Quando os enviei para evangelizar, sem bolsa, nem alforje ou sandálias, lhes faltou alguma coisa?

– Nada – responderam.

– Agora, porém, lhes digo que aquele que tiver uma bolsa, leve-a consigo, e que faça o mesmo aquele que tiver alforje. E quem não tiver uma espada, que venda sua capa para comprar uma! Pois eis que vai cumprir-se o que foi dito: “Ele foi tido como malfeitor”.

Alguém, então, se aproximou e disse:

– Aqui estão duas espadas, Senhor.

Jesus olhou-as e disse:

– É o bastante.

Depois disso, o galileu seguiu com todos para o Jardim das Oliveiras, onde anunciou novas traições, fazendo uso, mais uma vez, de uma citação dos profetas.

– Esta noite todos vocês me darão as costas, pois assim está escrito: “Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão”.

Porém, Pedro adiantou-se e disse, com grande altivez:

– Ainda que todos te dêem as costas, eu não darei!

Jesus, então, respondeu-lhe friamente:

– Em verdade te digo que ainda esta noite, antes que o galo cante, me negarás três vezes!

Mas Pedro era homem de palavra.

– Mesmo que tiver de morrer contigo, não te negarei!

(Marcos é o único dos evangelistas a dizer que o galo cantaria “duas

vezes” antes que Pedro mudasse espetacularmente de idéia.) Jesus, então, levando consigo Pedro, Tiago e João, retirou-se a um recanto isolado para orar. O Mestre tornara-se extremamente angustiado, e suas palavras, subitamente amargas: – Minha alma está triste até a morte! – disse ele aos três companheiros. – Permaneçam aqui e vigiem comigo!

Deixando Pedro, Tiago e João, Jesus afastou-se para um local isolado e ali, depois de prostrar-se por terra, pôs-se a orar fervorosamente a Deus.

– Ó Pai! – disse ele, com o rosto congestionado. – Se for possível, afasta de mim este cálice! Mas que seja feita antes a tua vontade que a minha!

Assim esteve por um bom tempo, tomado por um suor copioso e semelhante ao sangue, que caía por terra, até que resolveu voltar até onde deixara os companheiros.

Para sua surpresa, porém, encontrou todos a ressonar profundamente.

– Mas o que é isto? – disse o rabi. – Não são capazes, então, de vigiar comigo por uma hora! Acordem e vigiem, para que não caiam em tentação, pois se o espírito está pronto, a carne é fraca!

Jesus voltou para o local solitário e repetiu suas preces, retornando novamente dali a instantes para encontrar os discípulos outra vez a dormir.

Então, como nas fábulas, tudo repetiu-se pela terceira vez: Jesus foi, orou, voltou e encontrou-os novamente a dormir.

Dessa vez, porém, Cristo pôs um ponto final na situação, dizendo-lhes:

– Isto, durmam e repousem à vontade, pois agora já nada mais há a fazer, eis que o Filho do Homem já está sendo entregue às mãos dos pecadores!

Então os discípulos finalmente acordaram, apenas para ver que uma multidão de homens chegara, trazendo consigo archotes, cacetes e espadas.

Adiante do malsinado cortejo vinha o traidor anunciado, o qual aproximou-se rapidamente de Jesus para beijá-lo na face.

– Saudações, rabi – disse ele, depositando um beijo gelado na face de Cristo.

Beijo de Judas, eis o que foi, já que não passava de uma senha destinada a identificar para a malta armada o chefe dos sediciosos.

Jesus olhou bem para o rosto do traidor e lhe disse mansamente:

– Amigo, por que estás aqui?

Depois, acrescentou, desolado:

– Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem?

Mas logo as mãos dos captores caíram sobre o nazareno, tirando-lhe a liberdade.

Nesse momento, porém, Pedro decidiu mostrar que era mesmo homem de palavra e, sacando rapidamente a sua espada, arremeteu contra um dos soldados, decepando-lhe, num golpe viril, a orelha direita. Jesus, porém, impediu que Pedro levasse adiante sua corajosa resistência: – Basta, Pedro, guarda tua espada, pois todo aquele que pega da espada perecerá pela espada. Não imagina que, caso assim eu quisesse, meu Pai enviaria doze legiões de anjos para me defender? Mas a ser assim, como se cumpririam, então, as escrituras?

Jesus, como se vê, fazia questão de seguir rigorosamente o roteiro prescrito pelas escrituras, de tal sorte que não só abortou a reação armada, como ainda, num gesto verdadeiramente sublime, curou a ferida do soldado. Os apóstolos resolveram, também, seguir à risca as escrituras e saíram correndo em todas as direções. (Marcos, a respeito dessa fuga, acrescenta ainda o detalhe extraordinário de que havendo também entre eles um misterioso jovem, “vestido apenas com um lençol”, foi ele agarrado, mas logo em seguida, tendo adotado o mesmo e feliz stratagema que José do Egito empregara para escapar às garras da mulher de Purifar, “desvencilhhou-se do lençol e fugiu inteiramente nu”.)

95. O JULGAMENTO DE JESUS CRISTO

Desde esse instante Jesus Cristo prepara-se para levar a cabo o gesto que o tornará, indiscutivelmente, o homem mais importante de todos os tempos.

Messias verdadeiro – como quer a fé poderosa dos seus mais sinceros seguidores –, ou apenas um homem ferreamente determinado a levar até as últimas conseqüências a sua decisão de encarnar o papel do Filho de Deus, o fato é que, num único e poderoso gesto, ele dissolve todas as objeções que se possam fazer à sua pessoa ou às suas idéias, tornando-se digno de ostentar o título a que sempre disse fazer direito.

Foi a revolta com a situação da humanidade que empolgou gigantes como Gandhi, Martin Luther King e um punhado de outros homens de exceção que, ao chegarem ao mundo, depararam-se com situações de insuportável aviltamento. Outros houve, além destes, e que só não chegaram também ao martírio por meras circunstâncias de momento. Todos eles, mártires ou não, levaram adiante o carro empacado da humanidade – pouco importando as loucuras que seus seguidores minúsculos tenham feito depois, já que parece ser uma sina inescapável da história que o servo nunca esteja à altura do mestre, como disse o Mestre.

A morte e a ressurreição de Jesus, como a maioria das outras passagens dos evangelhos, estão repletas de pequenas contradições e detalhes mal explicados, que convém esmiuçar.

Porém o que avulta aqui é a coragem e a dignidade com a qual Jesus Cristo suportou o seu áspero martírio.



Após a sua prisão, Cristo teve de desfilar diante de um cortejo

inacreditável de nulidades, que ia, num decrescendo vertiginoso, desde Anás (sogro de Caifás), até os anônimos debochadores que, ao pé da cruz, lhe lançavam gracinhas.

Diante de Anás – que João também chama de Sumo Sacerdote –, Jesus Cristo sofreu o primeiro interrogatório. Indagado acerca de suas idéias, o Messias respondeu que nada tinha a dizer, já que tudo quanto dissera o dissera abertamente.

– Pergunta aos que me ouviram – disse Cristo. – Eles sabem tudo quanto eu disse.

Por recompensa a esta resposta, o Messias recebeu de um guarda uma bofetada no rosto.

– Assim responde ao Sumo Sacerdote? – disse o lacaios.

– Se falei mal, mostra onde está o mal. Mas se falei bem, por que me bates? – disse Jesus, em resposta à agressão.

Enquanto tudo isso se dava, Pedro estava do lado de fora, no pátio. Nesse momento uma criada chegou e o reconheceu.

– Você também estava com o galileu! – disse ela.

Pedro, apavorado, negou.

– Não sei o que está dizendo!

Segundo Marcos – e somente ele –, nesse instante o galo cantou pela primeira vez. (Podemos presumir que Pedro, atarantado pela perspectiva da sua prisão, não tenha escutado o galo.) Fugindo dali, Pedro foi atacado no pórtico por outra criatura, que o apontou novamente como cúmplice de Cristo.

– Nunca vi esse homem! – exclamou Pedro.

Então, uma terceira vez foi apontado como cúmplice do prisioneiro.

– Vejam, o seu próprio sotaque o denuncia! – diziam os acusadores.

– É mentira, não o conheço! – gritou Pedro, e nesse exato instante o galo da predição rompeu a cantar (para Marcos, pela segunda vez) com toda a força.

Era cerca de meia-noite e meia, segundo os cronologistas, e somente então foi que Pedro deu-se conta de que havia se cumprido a funesta predição de Cristo.

Com o rosto coberto pelas mãos, abandonou o local, chorando copiosamente.



Findo o inquérito com Anás, foi Jesus passado às mãos de Caifás.

Pedro, consciente do seu grave erro, seguiu os passos do seu Mestre, indo aquecer-se discretamente junto aos criados, num local do pátio onde ardia uma fogueira.

Logo começaram os sacerdotes a recrutar testemunhas de acusação, para que tivessem um pretexto razoável para condenar a Cristo. Mas essas testemunhas improvisadas mostravam-se tão estúpidas que não diziam coisa com coisa, até surgirem dois cretinos com razoável poder de articulação que conseguiram, ao menos, fazer-se entender: – Ouvimos ele dizer que poria abaixo o Templo e o reergueria três dias depois! – disseram eles, visivelmente envaidecidos de sua prodigiosa memória.

Pronto, era o suficiente, pensou Caifás.

– Nada respondes? – disse ele para Cristo.

Ele nada respondeu.

Então, irritando-se poderosamente, Caifás ergueu-se, num pulo:

– Eu te conjuro, pelo Deus vivo, que digas se és realmente o Cristo, Filho de Deus!

– Tu o disseste – respondeu o prisioneiro. – E de agora em diante o verás sentado à direita de Deus Todo-Poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu.

Enlouquecido de raiva, Caifás pôs-se imediatamente a rasgar suas vestes.

– Blasfêmia! Basta de testemunhas!

E voltando-se para os julgadores, acrescentou:

– O que acham disto?

– Ele é réu de morte – disseram os julgadores.

Cristo foi retirado dali, debaixo de uma saraivada de cuspidas e de bofetadas. Alguns guardas chegavam a cobrir-lhe o rosto e a interrogarem-no, em tom de mofa: – Vamos lá, profeta, diga quem o esbofeteou!

E assim foi levado até Pôncio Pilatos, governador da Judéia, para cumprir a segunda parte de seu martírio.

Amarrado e já bastante machucado, Cristo foi apresentado ao governador, que o recebeu com mostras de relativa piedade. No entanto, Jesus recusou-se, dessa feita, a responder às suas indagações.

– Veja de quanta coisa o acusam! – dizia Pilatos, tentando forçar o

prisioneiro a defender-se.

Jesus Cristo, porém, continuou encerrado em seu mutismo, enchendo de admiração o governador romano, que preferia entregar o prisioneiro ao julgamento dos judeus.

Então, levando Jesus à parte, interrogou-o a sós.

– O que você fez, afinal? É ou não o Messias? – disse Pilatos.

– Meu reino não é deste mundo – disse Cristo. – Vim a este mundo para dar testemunho da verdade.

Pilatos, então, vendo que nada mais poderia arrancar daquele prisioneiro que se obstinava em não se defender, deu-lhe as costas, exclamando: – E o que é a verdade?

Diante dos judeus, Pilatos voltou a dizer que não encontrava culpa alguma no prisioneiro, e resolveu repassá-lo a Herodes Antipas, sob a alegação de que o crime de Jesus Cristo não pertencia à sua jurisdição.

E o Cristo foi levado até Herodes, o mesmo que havia mandado cortar a cabeça de João Batista. Esse rei estava muito curioso em conhecer o Messias, e por isso ficou também muito satisfeito ao poder interrogá-lo pessoalmente.

Como, porém, o prisioneiro nada lhe respondesse, Herodes, ofendido, mandou pôr-lhe um manto brilhante nas costas, em sinal de escárnio, e devolvê-lo ao governador romano.



Jesus foi apresentado novamente aos judeus pelo governador romano, que teimava em não ver em Cristo qualquer motivo para condenação.

Então, teve aquilo que julgou ser uma brilhante idéia, na tentativa de pôr um ponto final naquela questão: – Tragam Barrabás! – disse ele, referindo-se a outro conhecido agitador, responsável por várias mortes.

(Marcos diz que Barrabás não era um bandido vulgar, como geralmente se pensa, mas um sedicioso, “que num motim havia cometido um homicídio”.) Colocando, então, lado a lado, os dois “sediciosos”, Pilatos ordenou aos judeus que escolhessem entre um deles para ser libertado.

O povo pediu, aos gritos, que Pilatos libertasse Barrabás.

– Mas e quanto a este? – disse ele, apontando para o Cristo.

– Crucifica-o! Crucifica-o! – gritava freneticamente a multidão.

Neste ínterim a esposa de Pilatos fez chegar ao esposo uma mensagem:

“Não te envolvas com este justo, porque padeci muito esta noite em sonhos por causa dele”.

Incomodado por mais esse inconveniente, Pilatos ordenou que Cristo fosse levado da sua presença e açoitado, na esperança de que esse castigo servisse para aplacar a sede de sangue do povo. Depois da surra, Cristo foi despido e recebeu nas costas um manto escarlate, tendo, ainda, sua cabeça ornamentada por uma coroa de espinhos.

– Tome também esta cana. Ela é o seu cetro! – disse um dos guardas, vaidoso da idéia e rinchando feito um cavalo.

– Salve, rei dos judeus! – diziam os demais, prosternando-se diante dele, ao mesmo tempo em que o esbofeteavam, cobrindo-o de escarros.

Depois dessa desfeita ignominiosa, Jesus retornou para Pilatos. Mas de nada adiantou o castigo dos açoites, já que o povo teimava em querer a crucificação do prisioneiro.

Farto, então, daquela gente, Pilatos tomou uma bacia e nela lavou suas mãos, dizendo: – Estou inocente desta morte. Façam dele o que quiserem.

Começava, assim, o drama final da crucificação.

96. A CRUCIFICAÇÃO

Jesus Cristo, depois de ser exposto diante do povo e condenado inapelavelmente à morte, teve tirada das suas costas a capa escarlate e foi vestido outra vez com seu manto, pois era assim que deveria rumar para o local onde seria crucificado.

Nenhum dos evangelistas especifica se o condenado levou consigo a cruz inteira do seu suplício, ou se apenas a sua trave horizontal (que parece ter sido a prática habitual), e muito menos se alguma Verônica tenha se adiantado para enxugar o suor do rosto do martirizado, ficando com a imagem dele desenhado no pano. A única coisa que nos é dita acerca do caminho para o local do seu suplício é que, a certa altura, um certo Simão Cireneu – ou seja, “Simão de Cirene”, que era, então, a Líbia de hoje – foi obrigado pelos soldados romanos a carregar a cruz (ou a trave) no lugar do Filho de Deus, até alcançarem o Gólgota (palavra hebraica que quer dizer “Caveira”).

Disputa-se, ainda hoje, qual seria o local exato desse sítio. A tradição o identifica como um morro, mas existem outros que, muito longe disso, afirmam tratar-se de uma espécie de cemitério privado (daí a denominação macabra).

Junto de Cristo iam também dois malfeitores, e assim chegaram todos os três ao local do último ato da chamada “paixão e morte de Jesus Cristo”. Antes, porém, que fosse suspenso à cruz, foi-lhe oferecida uma mistura de vinho e mirra, espécie de bebida anestésica, que ele se recusou a beber.

Logo em seguida à sua crucificação, os soldados puseram-se a sortear entre si as vestes do condenado, costume usual, na época, entre os romanos, enquanto Cristo permanecia suspenso entre os dois bandidos, tendo inscrita acima de sua cabeça estas palavras: “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”.

Transeuntes escarneciam do “Rei dos Judeus”, dizendo-lhe para que descesse da cruz e salvasse a si mesmo, já que era o Messias, coisa que um dos malfeitores repetia acrimoniosamente: – Não é o Cristo? Salve-se, pois, e também a nós!

O outro, porém, censurou as suas palavras:

– Não teme a Deus, estando misturado na mesma condenação? A nós é justo tudo quanto padecemos, mas este, que mal fez?

Então, voltando-se para Cristo, lhe disse, aproveitando o último instante para livrar-se de uma possível condenação: – Senhor, lembre de mim quando estiver em seu reino!

Jesus respondeu àquele que ficou conhecido como “o bom ladrão”, dizendo-lhe que, ainda naquele mesmo dia, ambos estariam no paraíso.

Perto da cruz estavam algumas mulheres, dentre as quais sua mãe, Maria – que, misteriosamente, somente reaparece aqui –, e Maria Madalena.

Jesus Cristo, segundo João, vendo sua mãe ao lado do “discípulo amado”, disse-lhe, então: – Mulher, eis o teu filho!

Depois, disse ao discípulo:

– Eis a tua mãe!

E desde então Maria passou, segundo o mesmo João, a residir com o “discípulo amado”, seja ele quem for.

Depois, Cristo deu um grande grito, exclamando:

– Eli, Eli, lemá sabachtáni? (palavras que significam “Senhor, Senhor, por que me abandonaste”?) Esta frase, que tanto constrangimento tem causado aos cristãos, não era, contudo, uma reclamação ou demonstração de descrença por parte do Filho de Deus, mas apenas a recitação da primeira frase do salmo 22, que termina numa manifestação de esperança e vitória: “Do Senhor se falará à geração futura; anunciarão a sua justiça; dirão ao povo que vai nascer: Eis a obra do Senhor!”.

Alguns cretinos, no entanto, escutando as palavras de Cristo, pensaram que ele chamava a Elias e disseram: – Ouçam, ele chama por Elias!

Mais alguns instantes se passaram até que se ouvisse novamente a voz de Cristo: – Tenho sede! – disse ele, pendendo a cabeça.

Um dos guardas fez chegar, então, até a boca do condenado uma esponja contendo uma mistura de vinagre.

E aqui é a hora, também, de desfazer-se um outro equívoco grave, que vem manchando a honra do desgraçado que fez chegar a esponja à boca do Redentor, pois, segundo a maioria dos especialistas, o homem fez, na verdade, a Jesus Cristo, um ato de caridade, já que esta bebida era normalmente usada para saciar a sede dos soldados romanos. (E dizemos “homem” porque, na verdade, também não é dito, em momento algum, que foi um soldado romano quem lhe fez chegar aos lábios a mistura.) Jesus molhou os lábios, pois, e pronunciou suas últimas palavras, que somente dois evangelistas – Lucas e João – registram. O primeiro diz que Cristo, após beber da mistura, exclamou: – Pai, em tuas mãos entrego meu espírito!

Já João dá como sendo estas suas derradeiras palavras:
– Está tudo consumado!



A morte de Jesus Cristo não poderia ocorrer sem algum evento prodigioso. Pelo menos foi assim que entenderam os três evangelistas sinóticos, e por isso trataram de reproduzir, em seguida, alguns fatos espantosos que, segundo eles, teriam então se passado. Primeiro, o véu do Santuário, no Templo de Jerusalém, “rompeu-se em duas partes, de cima a baixo”.

E por aqui se detêm Marcos e Lucas.

Mateus, porém, não satisfeito, vai adiante, e afirma que um terremoto sacudiu a terra, fendendo as rochas, e acrescenta, ainda, num adendo quase apocalítico, que “os túmulos abriram-se e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram, entrando na cidade santa, onde foram vistos por muitos”.

97. A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Jesus morrera, mas parece que nem todos haviam se dado conta disso, já que, logo depois do seu passamento, alguns judeus foram pedir aos romanos que quebrassem as pernas dos condenados, a fim de apressar-lhes a morte, evitando, com isso, que seus corpos ficassem expostos na cruz durante o sábado de Páscoa (Páscoa judaica, naturalmente). Os soldados fizeram tal como lhes fora pedido, e depois de terem quebrado as pernas dos dois ladrões, iam fazer o mesmo a Jesus quando lhes foi dito que ele já estava morto. Ainda assim, tomaram a precaução de transpassar-lhe o flanco direito com uma lança – a *pilum* romana, que media cerca de 1,15cm –, de onde brotou um jorro de sangue e água (proveniente, especula-se, do chamado “saco pericárdio”, que abriga em seu interior um líquido aquoso). Outros, porém, mais amantes do maravilhoso, preferem ver aqui um inequívoco milagre, já que não havendo mais circulação sanguínea, teria sido difícil que um jorro de tal intensidade escapasse da ferida (*a menos, é claro, que ainda estivesse vivo*, como pretendem alguns).

João, que é o único a referir esse episódio, acrescenta, ainda, que tudo isso aconteceu para que, mais uma vez, “se cumprissem as escrituras”, citando dois trechos de diferentes autores: “Nenhum osso lhe será quebrado” e “Olharão para aquele que transpassaram”.

Essas citações, contudo, podem ser outro exemplo da tática evangelista de acomodar os eventos da vida de Cristo às profecias antigas acerca do Messias, pois, segundo alguns comentadores, no primeiro caso a referência diria respeito a uma velha lei da época do êxodo, que proibia quebrar-se qualquer osso do cordeiro pascal, e não ao Messias futuro: “Não levareis para fora da casa nada das carnes, nem lhe quebrareis osso algum” (Êx 12.46). Já a segunda citação também teria uma interpretação diversa, no seu contexto original, significando apenas que Deus, em certa ocasião, sentira-se “transpassado de dor” pelo povo de Jerusalém. (Parece, assim, que estamos mais uma vez diante da famosa “fraude pia”, da qual a propaganda cristã se valeria ainda muitas vezes para fins de evangelização.)



O único momento, a partir de agora, no qual os evangelistas mostram-se inteiramente de acordo é quando se trata de mencionar a figura misteriosa de José de Arimatéia e o curto episódio que ele protagonizou, de forma que, pela última vez, poderemos unir suas vozes num mesmo coro harmonioso.

Mas o que dizem eles?

Depois de apresentar o personagem como sendo “um homem rico de Arimatéia”, “membro ilustre do Conselho” e discípulo de Jesus – já que também “esperava pelo Reino de Deus” –, os evangelistas dizem que ele foi apresentar-se, na véspera do sábado, diante de Pôncio Pilatos, para pedir o corpo do homem que recém acabara de falecer.

Pilatos, porém, ficou muito admirado ao saber que Jesus já estava morto – e não à toa, já que um crucificado levava, em regra, vários dias para morrer.

De fato, um dos enigmas a respeito da morte de Jesus está justamente na rapidez com que ela se deu, o que tem servido de alimento a mais de uma teoria excêntrica acerca da sua “não-morte”. (Pululam diversas variantes acerca dessa curiosa tese, a maioria das quais postulando que Jesus, na verdade, não morreu na cruz, tendo sido o seu corpo retirado do madeiro ainda com vida, depois de uma sucessão rocambolesca de eventos. Depois disso teria ele ido viver incógnito nos mais diversos lugares da terra, tendo sido pai de um filho de Maria Madalena, ou tornado-se monge budista na Índia, e uma infinidade de outras hipóteses extravagantes.)

Depois de certificar-se da morte de Jesus pelo depoimento de um centurião, Pilatos cedeu, finalmente, o corpo do morto a José de Arimatéia, o que foi, sem dúvida, uma altíssima deferência, já que a regra clara nos casos de crucificação – a morte mais infamante que se podia dar a alguém no Império Romano – era a de o corpo ficar exposto aos animais de rapina, sendo-lhe negado qualquer tipo de sepultura.

José de Arimatéia, feliz com o sucesso da sua embaixada, retirou da cruz o corpo de Jesus, auxiliado por outro discípulo, chamado Nicodemos, e depois de envolvê-lo em um lençol de linho e de recobri-lo com uma mistura de mirra e aloé, levou-o a um jardim que havia no mesmo local da crucificação, onde enterrou o corpo num sepulcro novo, sob as vistas da mãe de Jesus e de Maria

Madalena.

Feito isso, foi rolada, então, uma grande pedra, selando a entrada do sepulcro.

No dia seguinte, porém, os sacerdotes e os fariseus acordaram ressabiados e foram correndo até Pilatos preveni-lo de que os seguidores do “impostor” poderiam tentar retirar o corpo da sepultura para declarar ao povo que ele ressuscitara.

– Essa última impostura – disseram eles – seria pior do que a primeira.

Pilatos cedeu-lhes, então, uma guarda para que ficasse a vigiar a entrada do sepulcro onde Jesus fora enterrado. Porém, como todas as hipóteses têm de ser estudadas, caberia aqui a pergunta: teriam esses soldados arrastado a pedra para ver se Jesus *ainda estava* lá dentro?

Parece que não, já que João nos diz que eles apenas “selaram a pedra, montando guarda”.



As versões que os evangelistas apresentam acerca dos atos subsequentes são tão conflitantes que o melhor, a partir de agora, é apresentá-las separadamente, para que o leitor não termine se perdendo num emaranhado inextricável de fatos discordantes.

Ouçamos, primeiro, a versão de Marcos, já que o seu evangelho é considerado pela maioria dos estudiosos como sendo a “matriz” de todos os outros.

Marcos é extremamente sucinto em sua versão e começa dizendo que, tendo passado o sábado, Maria Madalena e Maria, “mãe de Tiago Menor e Salomé”, foram até o sepulcro, bem cedinho, para embalsamar o corpo já sepultado de Jesus (coisa que José e Nicodemos, por algum motivo, não haviam feito). Entretanto, ao chegarem à entrada da caverna encontraram a pedra rolada, e seu espanto foi ainda maior ao avistarem dentro do local a figura de “um jovem vestido com um traje branco, sentado à direita”.

Em momento algum Marcos diz tratar-se explicitamente de um anjo, nem que elas tenham pensado estar diante de um (os sacerdotes do templo, por

exemplo, usavam um traje branco), embora possam ter feito, eventualmente, tal associação.

– Não se espantem – disse o misterioso jovem. – Jesus, o Nazareno, ressuscitou e não está mais aqui. Vejam o lugar onde o haviam colocado.

O jovem de branco apontou para a tumba vazia.

– Digam a Pedro e os demais discípulos que ele irá encontrar-se com eles, como lhes havia dito – acrescentou o misterioso jovem.

Marcos, então, põe um ponto final inesperado no seu relato, afirmando que as mulheres “fugiram do sepulcro, tremendo e fora de si. E, por puro medo, nada disseram a ninguém”.

Este é o fim do Evangelho de Marcos.

Mais tarde alguém, inconformado com essa indigência de detalhes, decidiu por conta própria acrescentar um epílogo (e isto é quase consenso dentro da própria Igreja), no qual se adicionam novos elementos à narrativa do evangelista.

“No primeiro dia da semana, pela manhã, Jesus ressuscitou e apareceu a Maria Madalena, da qual havia expulsado sete demônios”, começa a dizer o trecho espúrio. Madalena, tendo a honra de ser a primeira pessoa a pôr os olhos no Cristo ressuscitado, foi contar aos demais, mas ninguém lhe deu crédito.

Depois Jesus teria aparecido “disfarçado” a dois discípulos, que iam passeando pelo campo. Estes, porém, também não tiveram melhor sorte ao irem contar o fato aos demais, já que também não lhes deram ouvidos.

Então, Jesus resolveu aparecer ele próprio a todos os onze apóstolos, enquanto estes estavam à mesa, e depois de repreender-lhes pela incredulidade, concluiu sua obra na terra, ordenando aos discípulos que fossem pelo mundo proclamar a boa-nova a toda a humanidade.

Dito isso, Jesus foi alçado ao céu, sentando-se à destra de Deus Pai, enquanto os discípulos saíram a pregar, conforme seu mestre os ensinara.

Este é o trecho que foi acrescentado ao Evangelho de Marcos – talvez, quem sabe, para compensar um outro trecho que, segundo descoberta recente, teria sido expurgado do texto original por conter uma versão considerada inconveniente para a ressurreição de Lázaro (já que nela torna-se evidente, por exemplo, que Lázaro *não estava morto* quando Jesus foi ressuscitá-lo, e que talvez a própria ressuscitação não tenha passado de uma “encenação iniciática”, semelhante às aquelas que, ainda hoje, se praticam na maçonaria).



Segundo Mateus, tudo se deu assim: Maria e Madalena, “ao despontar da aurora do primeiro dia da semana”, foram até o sepulcro. Ao chegarem lá, foram surpreendidas por um terremoto, e logo pela aparição de um anjo, que após descer dos céus, às vistas das duas, arrastou a pedra do sepulcro, sentando-se sobre ela.

O aspecto do anjo era de “relâmpago”, e sua veste, “branca como a neve”. Atento aos detalhes, que Marcos negligenciara, Mateus inclui aqui a reação dos guardas, que deviam estar guardando o sepulcro, dizendo que eles ficaram naturalmente apavorados com a aparição. As palavras do anjo, no entanto, são as mesmas que o jovem vestido de branco pronunciara na outra versão.

Depois disso, Mateus também põe as mulheres a correr – só que aqui tomadas de “medo e alegria”.

Mas o atento Mateus não esquece dos guardas, e os faz ir até os sumos sacerdotes contar tudo quanto haviam presenciado. Estes os subornam regamente para que não espalhem o acontecido.

– Digam que, durante a noite, enquanto dormiam, os discípulos vieram e levaram o cadáver.

“E assim se espalhou esse boato entre os judeus até hoje”, diz o evangelista.

O encontro dos discípulos com o mestre ressuscitado é brevíssimo. Depois de prostrarem-se diante de Cristo, alguns duvidando e outros crendo, este lhes dá um recado parecido com o da primeira versão, lhes mandando pregar pelo mundo a boa-nova.

“Eu estarei convosco sempre, até o fim do mundo”, diz Cristo pela boca do evangelista, e aqui encerra-se a versão, também lacônica, de Mateus.



Com Lucas, porém, as coisas tornam-se mais esmiuçadas. Para começar, sua versão da ida das mulheres ao sepulcro vazio difere um pouco da dos demais. Se aqui nenhum anjo desce do céu, sob tremores apocalípticos de terra, há, no entanto, *dois* mensageiros misteriosos, em vez de um, aos quais o evangelista trata apenas de “dois homens com vestes fulgurantes” (os fundamentalistas, para evitar a contradição, dizem que o segundo anjo sempre esteve presente nos outros relatos, “deixando apenas de ser citado”. Mas se é assim, então pode-se dizer, também, que haviam mais trezentos anjos ali dentro, que nenhum dos evangelistas deu-se ao trabalho de mencionar).

Diante desse quadro, as mulheres, assustadas, puseram-se a olhar para o sepulcro vazio, o que provocou este comentário ríspido dos dois homens resplandescentes:

– Por que procuram entre os mortos aquele que está vivo? Ele não está mais aqui, pois ressuscitou!

Então eles recordaram a promessa do Nazareno, de que ressuscitaria ao terceiro dia.

Feito isso, as mulheres foram até os discípulos e lhes contaram tudo (Lucas inclui no grupo uma certa Joana, que os outros evangelistas, a exemplo do segundo anjo, também não quiseram mencionar).

Os onze apóstolos, porém, acharam tudo “um delírio”, e não lhes deram crédito. Isto é, nem todos, já que Pedro resolveu ir sozinho até o sepulcro, onde encontrou apenas os lençóis, retornando intrigado para casa.

Então, naquele mesmo dia, iam dois de seus discípulos a caminho de uma pequena aldeia chamada Emaús, quando Jesus aproximou-se deles, embora não o tivessem reconhecido.

Jesus perguntou-lhes sobre o que conversavam. Cléofas, que era um dos dois, irritou-se com a pergunta.

– É você, então, o único que não sabe de tudo quanto se passou em Jerusalém nos últimos dias?

Jesus fingiu que não sabia. Cléofas fez, então, um resumo de tudo, acrescentando o relato das mulheres e a sua descrença a respeito do fato.

– Insensatos! – exclamou o ressuscitado. – Como são lentos para crer em tudo quanto disseram os profetas! Não tinha, então, o Messias de sofrer tudo isso para entrar em sua glória?

Ainda assim permaneceram cegos para Cristo, e só o reconheceram quando chegaram em casa, no instante em que, repetindo o gesto da Santa Ceia, ele repartiu o pão entre todos.

Infelizmente, logo em seguida, Jesus “desapareceu de suas vistas”.

Ao retornarem a Jerusalém e reunirem-se com os onze, ficaram sabendo que Cristo também havia aparecido a Pedro, e, enquanto ainda comentavam o fato, o ressuscitado outra vez lhes apareceu, dizendo:

– A paz esteja convosco.

Todos tremiam, pensando tratar-se de um fantasma.

– Por que estão assustados? – disse Jesus. – Sou eu mesmo, vejam minhas mãos e meus pés. Toquem-me: um espectro não tem carne e osso como eu!

Mas como ainda assim não lhe acreditassem, Jesus pediu algo para comer, e tendo-lhe sido alcançado um pedaço de peixe assado, o comeu à vista deles (o que significa que, mesmo após a ressurreição, o corpo ressuscitado continua a sentir fome).

Depois de mais algumas explicações sobre a razão de seu martírio e ressurreição, Jesus levou-os à Betânia, onde subiu aos céus à vista de todos – e, ao fim de tudo, os onze retornaram a Jerusalém muito contentes, passando o tempo no Templo, bendizendo a Deus.



Chegamos, finalmente, a João, que relata o episódio da ida de Madalena ao sepulcro em dois tempos. Primeiramente, diz que Madalena foi até lá pela manhã, quando viu a pedra rolada. João faz um corte narrativo, dizendo apenas que ela foi correndo relatar a Pedro e ao “discípulo amado” (presumivelmente o próprio evangelista) o que vira – ou antes, o que não vira.

– Tiraram o Senhor do sepulcro! – disse ela.

Pedro e o discípulo amado disputaram, então, uma corrida apostólica, da qual o segundo saiu-se vitorioso, chegando primeiro ao sepulcro. Mas apesar de João ter saído vitorioso, curiosamente foi Pedro o primeiro a entrar, e comprovou que o corpo de Cristo realmente sumira e que os panos estavam caídos no chão, à exceção do sudário que envolvera a cabeça, que estava “enrolado à parte”.

Só então o discípulo amado entrou, vendo e crendo imediatamente em tudo.

Nesse passo João retira os dois discípulos do cenário, deixando-o vazio para a chegada de Maria Madalena, que fora lá chorar a morte do mestre amado.

Maria estava chorando, já do lado de dentro, quando avistou dois anjos vestidos de branco, sentados um à cabeceira e o outro aos pés do sepulcro.

– Mulher, por que estás chorando? – perguntaram eles.

– Levaram meu senhor, e não sei onde o puseram – disse Madalena.

Ao erguer-se, porém, deparou-se com a figura de Jesus, embora não o tivesse reconhecido, já que este assumira o disfarce de um jardineiro.

– Senhor, se foi você quem o levou, diga-me, por favor, para onde o levou! – disse ela ao suposto jardineiro, que lhe respondeu chamando-a pelo nome:

– Maria!

Madalena, finalmente reconhecendo-o, também exclamou:

– Mestre!

Presume-se que ela o tenha abraçado, ou tocado-o de alguma outra maneira, já que ele a censurou nestes termos:

– Solta-me, pois ainda não subi ao Pai!

Então ordenou a ela que fosse avisar seus irmãos (aqui entendidos como os seus discípulos), o que ela prontamente fez.

Mais tarde, ele próprio se apresenta a eles, apesar de estarem escondidos em casa, “com as portas bem fechadas”.

Jesus surgiu e, depois de saudá-los, soprou sobre eles o Espírito Santo.

– Recebam o Espírito Santo – disse ele. – A quem perdoarem os pecados, ficarão perdoados, a quem os mantiverem, ficarão mantidos.

Mais tarde Tomé, que não estava naquele momento, ficou sabendo da visita, mas não acreditou, e disse que só acreditaria se visse as marcas do martírio e pusesse a mão no flanco ferido do Salvador.

Jesus aceitou o desafio, segundo João, e apareceu outra vez, para dar uma lição no descrente.

– Ponha o dedo aqui e veja as minhas mãos – disse o ressuscitado a Tomé, que reconheceu, finalmente, estar diante do seu mestre.

– Porque me viu, acreditou. Felizes aqueles que crerão sem ter visto.

Mas João quer mais, e por isso faz Jesus reaparecer novamente, desta feita às margens do lago de Tiberíades. Pedro, tinha ido ao lago pescar junto com alguns discípulos. A pescaria não deu em nada, mas na manhã seguinte avistaram Jesus na praia (embora não o tivessem reconhecido, já que Cristo, depois do jardineiro e do caminhante anônimo, havia assumido seu novo disfarce

de “homem parado na margem do lago de Tiberíades”).

Jesus, então, lhes gritou:

– Jovens, têm algo para eu comer?

– Não – disseram eles, mal-humorados.

Então Jesus lhes disse que lançassem a rede à direita da barca, e assim puderam pescar grande quantidade de peixes, numa espécie de recapitulação da primeira pescaria milagrosa.

O discípulo amado disse, no mesmo instante, a Pedro:

– É o Senhor!

Pedro, depois de vestir a roupa de baixo – “pois não levava outra coisa” –, atirou-se à água, enquanto os outros foram até Cristo na barca repleta de peixes.

Quando chegaram às margens, Jesus já estava com uma fogueira cesa, tendo sobre as brasas pão e peixes.

– Tragam algo do que pescaram – disse o mestre, e eles trouxeram os 153 peixes que haviam pescado.

Jesus repartiu o pão e o peixe e pela segunda vez, depois de ressuscitado, comeu com os discípulos. Logo em seguida fez esta pergunta estranha a Pedro:

– Pedro, tu me amas mais que os outros?

– Sim, Senhor, tu sabes que te amo – disse o apóstolo.

– Então cuida dos meus cordeiros – disse Cristo.

Dali a pouco Jesus repetiu a pergunta:

– Pedro, tu me amas?

– Sim, Senhor, tu sabes que te amo.

– Então cuida das minhas ovelhas.

Mas Jesus, ainda assim, não pareceu convencido.

– Pedro, tu me amas?

Desta vez, Pedro perdeu a paciência.

– Senhor, tu sabes tudo, logo sabes que te amo.

– Então cuida das minhas ovelhas – disse Jesus.

Depois acrescentou:

– Quando eras jovem, tu mesmo te cingias e ias aonde querias; quando ficares velho, estenderás as mãos, outro te cingirá e te levará aonde não queres.

Segundo João, com essas palavras Jesus profetizava o martírio futuro de Pedro (que, segundo a tradição, morreria crucificado, em Roma, de ponta-cabeça).

– E o que será dele? – disse Pedro, apontando para o “discípulo amado”.

Jesus, voltando-se então para Pedro, lhe diz estas palavras obscuras:

– Se quero que permaneça até a minha volta, que tens tu com isso?

João – ou quem quer que tenha redigido seu evangelho – explica a conversa dizendo que correu entre os discípulos o boato de que aquele discípulo não morreria.

“Jesus, porém, não disse que ele não morreria”, acrescenta o redator, “e sim: “se quero que permaneça até a minha volta, que tens tu com isso?”

João põe um ponto final em sua prolixa narrativa, dizendo que restavam ainda muitas coisas a serem ditas sobre os feitos de Jesus, mas que a ser assim, o mundo não comportaria tantos livros.

DO LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS

98. O PENTECOSTES

Com a morte de Jesus Cristo, a responsabilidade de levar adiante a sua mensagem ficara a cargo dos onze apóstolos – e não doze, já que Judas, segundo Mateus, se enforcara após a sua traição. Segundo Pedro, porém, Judas morreu ao cair de cabeça para baixo, “arrebentando-se pelo meio e despejando suas entranhas”. (O apóstolo Matias foi escolhido para o seu lugar.)

Pentecostes vem do grego *pentekoste*, que significa o dia quinquagésimo, fazendo alusão a uma data festiva judaica comemorada sete semanas depois da Páscoa.

Nesse dia os apóstolos estavam reunidos num local em Jerusalém – presumivelmente no Templo –, orando e trocando idéias a respeito do Mestre, havia pouco desaparecido.

Um maravilhoso clima de união parecia congregá-los, quando, de repente, um grande ruído soou, vindo do céu, como o de um furacão.

Os apóstolos entreolharam-se, assustados, enquanto o ruído ecoava por toda a sala. Então, para maior espanto de todos, perceberam que pequenas línguas de fogo pairavam acima de suas cabeças. Era o Espírito Santo que havia descido sobre eles, tal como Cristo havia anunciado antes de partir.

Imediatamente começaram a falar, não em sua língua, mas em diversas outras, que jamais haviam conhecido, invertendo o acontecido na mítica torre de Babel.

De fato, pessoas de diversas partes do mundo que ali estavam presentes escutaram os apóstolos falar, cada qual num idioma, num notável milagre lingüístico.

Alguns, porém, preferiram caçoar dos apóstolos.

– Estão bêbados! – disse um daqueles.

O apóstolo começou, então, a falar de Jesus, garantindo que ele era o Messias prometido pelos profetas, e que os judeus deviam reconhecê-lo como tal, batizando-se e invocando o nome de Jesus Cristo, a fim de terem remidos os seus pecados.

Nesse mesmo dia, cerca de três mil pessoas foram batizadas, engrossando as fileiras dos convertidos à palavra divina.

Nessa época, os fiéis viviam em estreita comunhão, possuindo tudo em comum, repartindo os bens conforme as necessidades de cada um. Havia um clima sincero de alegria e simplicidade, que tornava a todos felizes, congregados que estavam em torno da onipresença do Cristo, que anunciara que não os abandonaria até a sua volta.



Desde que haviam incorporado o Espírito Santo, uma força milagrosa se apossara também dos apóstolos, tornando-os capazes de operar milagres, tal como o Mestre desaparecido. Pedro, no começo do seu apostolado, curou um paralítico de nascimento, acrescentando que o fizera em nome e honra de Jesus Cristo.

– Porque acreditei em seu nome, recebi Dele o seu vigor – disse Pedro à multidão ajuntada, que estava maravilhada com o prodígio.

Mas logo começaram, também, as perseguições, e por conta disso João e Pedro foram levados à presença dos sacerdotes do Conselho para se explicarem, o que eles fizeram alegremente, felizes por poderem repetir os passos do Mestre.

Logo depois de serem soltos, retornaram à sua comunidade, onde Pedro protagonizou, junto com o Senhor, uma poderosa cena de ira divina.

Estava, pois, Pedro a recolher certo dia os bens dos membros da comunidade, quando se apresentou a ele um certo Ananias, que era casado com uma certa Safira. Tendo vendido um terreno, Ananias tomara para si uma parte e fora dar o restante a Pedro, porém sem avisá-lo da retenção indevida.

Ora, no mesmo instante Pedro percebeu e disse ao infeliz:

– Ananias, como é que Satanás te levou a mentir ao Espírito Santo, ficando com parte do produto da venda? Não mentiste aos homens, mas a Deus!

Ao ouvir essas palavras, Ananias caiu fulminado, e seu corpo foi retirado da sala.

Umas três horas depois a esposa do morto chegou, sem saber que já era viúva. Pedro lhe disse, então:

– Não está te faltando nada, Safira?

A desgraçada disse que não e caiu morta, também, aos pés do apóstolo.

Depois desse singular episódio, diz-se que os apóstolos continuaram a obrar milagres, e em tal quantidade que os doentes chegavam a ser espalhados pelas ruas, para que, ao menos, a sombra de Pedro os cobrisse durante a sua passagem.

A essa altura, entretanto, os judeus saduceus haviam se encolerizado tanto

contra os judeus cristãos que resolveram meter Pedro e João na prisão. Mas não sabiam que o Céu conspirava a favor deles, de tal sorte que durante a noite um anjo do Senhor abriu-lhes as portas da cela – nesta que é a primeira das várias libertações milagrosas de que o Livro dos Atos está repleto.

Pedro e João, uma vez libertos, retornaram ao Templo, onde puseram-se a pregar as idéias de Cristo, conforme as ordens do anjo. Enquanto isso, o Sumo Sacerdote, alheio a qualquer milagre, ordenava aos seus esbirros que fossem à prisão trazer os prisioneiros, sem saber que os dois já estavam doutrinando, há horas, dentro do próprio templo.

Quando os emissários voltaram com a notícia espantosa de que Pedro e João haviam sumido, o Sumo Sacerdote e sua piedosa claque foram tomados de grande espanto.

– Eles estão no templo, pregando para o povo! – disse alguém, afobadamente.

Imediatamente o comissário do templo foi encarregado de trazê-los ao Sumo Sacerdote, diante do qual Pedro e João tornaram a defender desassombradamente as suas idéias, só sendo dispensados porque havia nessa audiência um certo Gamaliel, doutor da lei, que recomendou cautela no trato com eles.

– Se o projeto deles for exclusivamente humano, eles fracassarão – disse o doutor. – Mas se for de Deus, de nada adiantará opor-se a eles, já que isso seria lutar contra o próprio Deus.

Então Pedro e João foram soltos, mas só depois de serem açoitados – o que muito os alegrou, por terem sido julgados dignos de sofrer injúrias pelo nome de Cristo.



Ora, havia entre os novos convertidos um certo Estevão, judeu helenista que, junto com outros seis, fora escolhido pelos apóstolos para levar adiante a obra de evangelização.

Dotado pelo Espírito Santo com o dom de curar, Estevão tornou-se grande defensor das idéias cristãs, até que uma intriga o lançou às mãos dos judeus do

Conselho. Testemunhas falsas foram arregimentadas para acusar o bom Estevão de impiedade e blasfêmia.

– Ouvimos você dizer que o seu Jesus Nazareno destruirá o Templo, mudando os costumes que Moisés nos legou! – disse um dos caluniadores.

Nesse momento o narrador suspende o relato para dizer que todos no Conselho fixaram o olhar em Estevão “e viram que seu rosto parecia o de um anjo”.

O acusado, tendo recebido permissão para falar, fez, então, a sua defesa – nesse livro tão repleto delas –, começando por uma longa recapitulação que retrocedeu até o patriarca Abraão, passando por Isaac, Jacó e José do Egito, até alcançar os dias amargos da escravidão no Egito. Durante mais um bom tempo os acusadores tiveram de escutar, razoavelmente satisfeitos, a velha história de Moisés, seu nascimento, sua criação, o assassinato do egípcio, a fuga do Egito, a sarça ardente, os sinais ao Faraó e a travessia do Mar Vermelho.

Tudo ia perfeitamente bem, até que Estevão fez Moisés pronunciar, temerariamente, estas palavras: “Deus, entre vossos irmãos, suscitará um profeta como eu”, sugerindo que não era outro senão o próprio Jesus que ele afirmou enxergar, ali mesmo, à direita de Deus Pai.

Então a coisa mudou.

Os judeus, que até ali haviam contido a raiva, despediram um grande grito e lançaram-se ao prisioneiro como lobos encarniçados.

Estevão, agarrado por eles, foi levado até os limites da cidade – até o local onde hoje está a porta de Santo Estevão, onde começou a ser furiosamente apedrejado.

A um passo de tornar-se o primeiro mártir cristão, Estevão portou-se exemplarmente. Quase alheio à barbárie de que se tornara vítima, só teve palavras para pedir ao Senhor Jesus que acolhesse o seu espírito, além de clamar por misericórdia aos seus agressores:

– Senhor, não lhes leve em conta esse pecado! – disse ele, antes de render sua alma.

Um pouco afastado, um homem de ar severo acompanhava a tudo, tendo aos pés os mantos dos assassinos.

99. PAULO, O “DÉCIMO TERCEIRO” APÓSTOLO

Saulo de Tarso era o nome do homem que acompanhara, impassível, a execução do primeiro mártir da cristandade. Seu nome se celebrizara rapidamente entre os judeus como aquele que “devastava a igreja, agarrando homens e mulheres e os pondo na prisão”.

Então, certo, dia, Saulo prontificou-se a ir pessoalmente a Damasco continuar por lá a sua obra nefasta de perseguição aos cristãos. Estando, porém, quase às portas da cidade, foi ofuscado por uma luz repentina que descia do céu.

Caindo da sua montaria, Saulo escutou uma voz a lhe dizer, nitidamente:

– Saulo, Saulo, por que me persegues?

Ainda estendido sobre o pó da estrada, ele indagou aos céus:

– Quem é você, Senhor?

Aqueles que acompanhavam Saulo permaneceram mudos de espanto, pois podendo escutar a voz, não podiam saber de onde ela vinha.

Saulo, que até então estivera cego para a mensagem de Cristo, conseguiu reerguer-se, mas somente para descobrir que agora que enxergava Cristo tornara-se cego para tudo o mais (numa belíssima alegoria acerca da fé).

Levado pelos demais, Saulo entrou em Damasco sem enxergar um palmo adiante do nariz, e ali permaneceu, durante três dias sem ver, comer ou beber.

Enquanto isso, na mesma cidade de Damasco, havia um certo Ananias (que, naturalmente, não tem nada a ver com o outro fulminado por Deus). Esse homem, sendo cristão, foi avisado por uma visão celestial de que deveria procurar Saulo numa determinada casa da rua Principal. O notável é que Saulo, tomado pela cegueira, teve também uma visão, na qual esse homem lhe entraria pela casa para impor as mãos sobre si, curando-o da cegueira.

Ananias, a princípio, refugou a missão.

– Mas, Senhor, esse homem é inimigo contumaz de seus discípulos! – disse ele.

Mas a voz insistiu, dizendo que Saulo fora escolhido para ser, agora, o instrumento para divulgar o seu nome.

No mesmo dia, Ananias fez o que o Senhor lhe ordenara e adentrou a casa onde Saulo estava, realizando a visão que ele tivera. Assim que o visitante colocou suas mãos sobre os olhos do enfermo, caíram dos olhos deste as escamas que o impediam de ver.

Saulo – que a partir de agora, para evitar-se confusões, será chamado sempre de Paulo, seu nome romano –, uma vez curado, foi batizado e começou a pregar as idéias de Cristo, para grande espanto dos judeus.

– Não era este o homem que massacrava os cristãos? – diziam todos, apalermados.

Logo, de perseguidor, Paulo passou a perseguido, de sorte que muito em breve teve de fugir de Damasco escondido dentro de um cesto, que seus amigos baixaram do alto dos muros da cidade.



Enquanto isso os apóstolos continuavam a sua obra extraordinária de conversão.

Filipe, um dos evangelistas, tendo descido à cidade de Samaria para ensinar a palavra de Cristo, fez muitos milagres, além de expulsar demônios de toda casta.

Um dia o anjo do Senhor apareceu a Filipe e lhe disse:

– Filipe, vá para o sul, pelo caminho que leva a Gaza.

Ele partiu imediatamente para fazer o que o anjo dissera.

Quando estava a caminho, passou por ele um eunuco etíope, administrador dos bens da sua rainha, que regressava de uma peregrinação a Jerusalém. Enquanto a carruagem rolava pela estrada pedregosa, o eunuco fazia o possível para entender o sentido de uma passagem de Isaías, que trazia consigo, arregalando tanto os olhos que estes deixaram, por alguns instantes, de serem amendoados.

Novamente Filipe ouviu a voz do anjo, que lhe disse o seguinte:

– Corre e alcança aquele coche!

Filipe alcançou-o rapidamente, a tempo de escutar, ainda, a voz do negro a pronunciar um certo trecho do famoso profeta: – E então, consegue entender o

sentido do que está lendo? – disse o apóstolo.

O eunuco, no entanto, não estava com cara de muito bom entendedor, não.

– Como hei de entender, se ninguém me explica? – disse, amuado, o pobre homem.

Então o eunuco convidou Filipe para que subisse com ele à carruagem, o que este fez prontamente.

Assim que estava ao lado do eunuco, Filipe viu aberto o capítulo 53 do livro de Isaías, no qual aparece prefigurada, de maneira espantosamente fiel, a paixão e morte de Cristo: “Como o cordeiro levado ao matadouro, como a ovelha muda diante do tosquiador, assim também ele não abriu a boca. Na sua humilhação, foi-lhe negada a justiça. Quem meditou em seu destino? Pois arrancaram da terra a sua vida”. (Os outros versículos também merecem uma leitura, pelo que de semelhante apresentam aos últimos passos da vida de Cristo.) Enquanto a carruagem prosseguia seu caminho, o eunuco perguntou:

– Não entendo a quem se refere o profeta! Fala de si próprio ou de outra pessoa?

Então Filipe explicou tudo, mostrando ao eunuco que o profeta estava se referindo a Jesus, que havia pouco tempo cumprira todas aquelas predições.

O eunuco ficou tão entusiasmado com a explicação que, ao ver uma nascente de água, à beira da estrada, pediu para ser ali batizado, o que Filipe realizou, com grande prazer.

Tudo transcorria normalmente, até que subitamente Filipe “foi arrebatado pelo Espírito do Senhor”. A alegria do eunuco, contudo, era tamanha que ele logo partiu, ofuscando os caminhos com seu sorriso alvíssimo de felicidade.

Quanto a Filipe, foi surgir em Azoto, onde prosseguiu a sua eficiente pregação.



Pedro, a essa altura, também dava o que falar. Depois do martírio de Tiago, irmão de João – que o Livro dos Atos refere de maneira lamentavelmente lacônica, dizendo apenas que Herodes Antipas mandara degolá-lo –, o fundador

da Igreja foi lançado novamente na prisão.

Dessa feita, para evitar novas fugas, Herodes mandou confiar a sua custódia a quatro piquetes de quatro soldados cada um.

Era noite. Pedro, acorrentado a duas correntes, dormia entre dois soldados. As demais sentinelas guardavam a porta. Tudo estava mergulhado em maravilhoso silêncio, quando uma luz súbita resplandeceu no recinto. Do meio da luz surgiu o indefectível anjo do Senhor, que tocou no flanco direito de Pedro, despertando-o do seu sono.

– Levanta, depressa! – disse o ser ofuscante.

Automaticamente as correntes caíram de seus pulsos como barbantes. Pedro ergueu-se, calçou suas sandálias, cingiu-se, pôs o manto e deixou a cela, sem ser importunado por qualquer membro da guarda (não nos é dito se dormiam ou o quê). Quando Pedro chegou à porta de ferro que dava para a rua, esta se abriu sozinha, deixando-o entregue mais uma vez à liberdade.

Quanto aos soldados, foram todos executados.

100. AS VIAGENS DE PAULO

Paulo, decerto, bem que mereceria o título de padroeiro da navegação, pois poucos homens entregaram-se com tanto gosto a navegar como ele. Animado pela sua nova fé, o “décimo terceiro” apóstolo entregou-se à pregação com extraordinário ímpeto.

A verdade, porém, é que Paulo nunca foi apóstolo efetivo, mas nem por isso deixou de ser mais importante na história da Igreja do que quaisquer dos outros – sendo superado, talvez, somente por Pedro e João.

Tal como Cristo e Pedro, Paulo curou e ressuscitou, enchendo de espanto todas as terras por onde passou. Em Listra, estando junto com outro pregador chamado Barnabé, curou um mutilado de nascença, o que lhe valeu sérias complicações, já que o povo tomou-o por um “deus”. Nem o fato de ter explicado àqueles pagãos incultos que não se tratava disso pôde evitar que a coisa terminasse muito mal, pois que acabou sendo apedrejado por alguns judeus que moravam na cidade e levado como morto até a saída da cidade.

Estranha-se apenas que, logo em seguida, ao ser rodeado pelos discípulos, Paulo tenha se levantado e entrado na cidade, partindo já no dia seguinte para outro destino.

Depois de retornar a Antioquia, andou por outros lugares até chegar novamente a Jerusalém, para o famoso concílio que ali se realizou, sempre cercado por polêmicas ruidosas que o opunham não só aos judeus como também aos cristãos judaizantes, que se recusavam a abandonar as práticas da lei judaica, como a circuncisão.

Ao encerrar-se o concílio, Paulo foi chamado por Deus a pregar na Macedônia e, depois, em Roma, onde outra grande tribulação o esperava. E tudo deu-se assim por causa de uma profetisa do lugar – na verdade, uma modesta criada, que levava o lucro do seu negócio aos seus patrões. Ora, essa mulher, tão logo pôs os olhos sobre Paulo e seu acompanhante, decidiu persegui-los por toda a parte, exclamando sempre a mesma coisa:

– Estes homens são servos do Deus Altíssimo e nos pregam o caminho da salvação!

Por algum motivo que os comentadores não sabem precisar (sugerem

alguns que ela estivesse a referir-se ao paganíssimo Zeus), o fato é que Paulo acabou irritando-se com esse pregão piedoso e, depois de voltar-se para a criada profetisa, lhe disse:

– Em nome de Jesus Cristo, eu te ordeno que saias dela!

Imediatamente o espírito que a fazia dizer essas coisas abandonou-a, deixando-a impotente para realizar as lucrativas previsões que faziam a alegria de seus patrões. Por causa disso, estes inventaram uma acusação qualquer contra Paulo, acusando-o de subversão.

Como resultado, Paulo terminou açoitado e preso com seu companheiro, que se chamava Silas. Mas o Senhor, decidido a repetir as fugas de Pedro, fez com que também Paulo fosse protagonista de uma, igualmente miraculosa. (Desta feita, um terremoto sacudiu os alicerces da prisão, fazendo com que as correntes se soltassem e as portas se abrissem.)

Antes de escapar, Paulo ainda teve tempo de abençoar um dos guardas, que foi lançar-se aos seus pés.



Um episódio sumamente curioso, entre tantos outros que cercam a vida desse verdadeiro prodígio de energia, ocorreu durante uma de suas tantas estadias por terras gregas.

À véspera de sua partida do lugar onde estava, Paulo decidira fazer uma extensa prédica aos discípulos, e pôs-se a falar incansavelmente até a meia-noite num local tão cheio de espectadores que um deles, chamado Êutico, teve de sentar-se no parapeito de uma janela.

Era, pois, meia-noite, quando esse desastrado jovem, visivelmente narcotizado pela pregação de Paulo, acabou por perder o equilíbrio e despencar do terceiro andar no chão do prédio, onde perdeu a vida.

Paulo, ao saber do desastre, desceu correndo as escadas e foi ver o que acontecera ao pobre jovem.

– Está morto! Está morto! – bradavam os amigos, de dor.

Paulo, num gesto rápido, lançou-se, então, sobre o corpo e, depois de estreitá-lo fortemente em seus braços, acalmou o desespero dos demais:

– Não se assustem, pois ainda está vivo! – disse ele.

Depois de ressuscitar o jovem, Paulo subiu novamente até o terceiro andar, onde retomou sua pregação até a madrugada.



Depois de várias outras viagens e peripécias menores, Paulo foi parar em Jerusalém, onde acabou aprisionado pelos judeus. Depois de fazer uma vibrante defesa de sua fé, acabou sendo remetido a Roma, na condição de prisioneiro, o que acabou sendo a melhor solução, já que um grupo de judeus da cidade havia jurado não comer nem beber nada sem antes acabar com a sua vida.

Durante a viagem marítima, porém, desencadeou-se fortíssimo temporal, que durou vários dias. Perseguidos pelo temido vento de furacão chamado Aquilão, os ocupantes do navio tiveram motivos de sobra para lamentar o fato de terem ignorado as advertências que Paulo fizera antes que as âncoras tivessem sido erguidas.

Depois de alijarem quase toda a carga, o navio foi encalhar nuns baixios, ficando a proa encravada entre os rochedos. Os soldados já haviam decidido matar os prisioneiros – dentre os quais Paulo – quando o oficial encarregado os proibiu, fazendo com que todos fossem levados a terra, a nado ou agarrados em pranchas e peças do navio.

Todos, afinal, chegaram são e salvos, graças, em grande parte, ao bom senso que Paulo usou para acalmar a tripulação durante todo o período da tempestade, exortando-os a confiar no poder do Senhor, que, por meio de um anjo, lhe dissera que Deus decidira poupar a vida de todos, já que era preciso que Paulo chegasse a Roma para levar a cabo a sua obra de evangelização.

Já a salvo, Paulo deu outra prova de que o Senhor andava nos seus passos. Estando na ilha de Malta, foi picado por uma víbora, arrancando dos nativos este comentário:

– Certamente este prisioneiro é um assassino, já que a justiça divina não se cansa de persegui-lo!

Porém, Paulo lançou sobre a fogueira a víbora que se prendera à sua mão? e continuou impassível, sem sofrer qualquer dano em sua saúde, o que arrancou

dos mesmos nativos este outro comentário, ligeiramente diferente:

– Certamente este homem é um deus, já que a justiça divina não se cansa de protegê-lo!

O Livro dos Atos dos Apóstolos conclui dizendo que Paulo viveu dois anos inteiros em Roma, numa casa alugada, vigiado por um soldado. Ali proclamou o Reino de Deus, ensinando tudo quanto dizia respeito a Jesus “com toda a liberdade e sem impedimento”.

Não há nesse livro, portanto, qualquer referência ao martírio de Paulo, nem tampouco ao de Pedro, ficando esses relatos a cargo de outras fontes da tradição cristã.

GLOSSÁRIO DOS PERSONAGENS

AARÃO: irmão de Moisés, era sacerdote e três anos mais velho que ele. Esteve junto com Moisés e foi seu braço direito durante todo o período do êxodo pelo deserto, após a fuga do Egito.

ABEL: filho de Adão e Eva, foi morto por seu irmão Caim.

ABDIAS: administrador do palácio do rei Acab, salvou cem profetas da morte, após as perseguições patrocinadas pela rainha Jezabel.

ABDON: décimo primeiro juiz de Israel, nada fez de notável em seu juizado.

ABESÃ: nono juiz de Israel, sobressaiu-se unicamente pelo grande número de filhos que teve.

ABIAM: filho de Roboão e pai de Asa, foi, como estes, rei de Judá.

ABIAS (1): filho de Samuel, foi rejeitado como sucessor de seu pai no juizado de Israel por suas práticas corruptas.

ABIAS (2): filho de Jeroboão, foi morto por Deus como castigo às idolatrias perpetradas por seu pai.

ABIDAM: um dos três judeus insubmissos que desafiaram a autoridade de Moisés, às portas de Canaã. Foi morto por Deus, ao ser engolido pela terra com sua família.

ABIGAIL: era esposa de Nabal, um rico criador de ovelhas que se negou a ajudar Davi. Abigail ajudou-o, às escondidas, e por isso acabou tornando-se, após a morte de Nabal, mulher de Davi.

ABIMELEC (1): rei de Guerar, raptou a esposa de Abraão, mas restituiu-a logo depois, temeroso de uma punição divina.

ABIMELEC (2): primeiro tirano de Israel, Abimelec era filho de Gedeão e mandou matar seus irmãos para usurpar o poder. Morreu de uma pedrada que levou na cabeça, lançada por uma mulher, durante um cerco em Tebes.

ABISAG: concubina de Davi, foi-lhe dada na velhice para esquentar o corpo do velho rei.

ABISAI: companheiro de Davi; durante o exílio, acompanhou-o numa incursão que fez ao acampamento de Saul, onde quase matou-o com uma lança, não fosse a intercessão de Davi.

ABIU: filho de Aarao, cometeu um deslize no culto ao Senhor e acabou fulminado por ele.

ABNER: comandante militar de Saul, terminou morto numa cilada armada por Joab, amigo de Davi, durante a guerra civil que opôs este a Isbaal, filho de Saul.

ABRAÃO: patriarca dos hebreus e dos árabes, pai de Isaac e de Ismael.

ABSALÃO: filho de Davi, tentou usurpar-lhe o trono e terminou morto por Joab.

ACÃ: membro da tribo de Judá, furtou alguns despojos de guerra após o cerco vitorioso a Jericó. Josué puniu-o e à sua família, a mando de Deus, com o apedrejamento.

ACAB: filho de Amri, foi rei de Israel, casou-se com Jezabel, mulher de Sidon, que favoreceu o culto do deus estrangeiro Baal-Melcart. Acab foi também o responsável indireto pela morte do vinhateiro Nabot e terminou morrendo nos campos de Galaad, num combate contra os exércitos de Aram.

ACAZ: rei de Israel, incentivou a idolatria a níveis nunca vistos, chegando a sacrificar o seu próprio filho ao deus Moloc, tornando-se posteriormente vassalo do rei assírio.

ADÃO: o primeiro homem criado por Deus, pai da espécie humana, foi expulso do Paraíso por haver desobedecido a Deus.

ADONIAS: filho de Davi, pretendeu usurpar o trono de Salomão e acabou morto por ordens deste.

ADONIBEZEC: rei cananeu que teve os dedos das mãos e dos pés cortados pelos judeus após a sua derrota.

ADONIRAM: emissário de Roboão, foi enviado às tribos rebeladas do norte, onde morreu apedrejado pela população, fato que consolidou a separação de Judá e Israel.

ADONISEDEC: rei de Jerusalém que se aliou a quatro outros reis para atacar o reino de Gabaon, aliado de Josué, dando origem ao célebre episódio em que o sol “parou”.

ADRIEL: casou-se com Merab, a filha mais velha do rei Saul, depois que Davi se negou a tomar a sua mão.

AGAG: rei amalecita derrotado por Saul, foi depois degolado e estripado por Samuel.

AGAR: escrava de Abraão, teve deste um filho chamado Ismael. Terminou sendo expulsa para o deserto, graças à inveja que provocou em Sara, esposa de Abraão.

AÍAS: profeta de Judá que anunciou a Jeroboão que ele seria rei das tribos

do norte de Israel.

AICAR: sobrinho de Tobit, auxiliou a este no desterro de Nínive.

AMÃ: potentado da corte do rei persa Assuero, que tentou provocar o genocídio dos hebreus, sendo impedido pela habilidade de Ester, judia tornada esposa do rei.

AMALEC: neto de Esaú, deu origem à tribo dos amalecitas, que vivia nas penínsulas árabes e do Sinai. Inimigos contumazes dos israelitas, foram os primeiros a atacá-los quando estes vagavam pelo deserto, sob o comando de Moisés.

AMNON: filho de Aquinoam, era o primogênito de Davi. Depois de ter violado a meia-irmã Tamar, foi morto por ordem de seu meio-irmão Absalão.

AMON: sucessor de Manassés, governou por apenas dois anos em Judá, antes de ser assassinado.

AMÓS: profeta que viveu no século 8 a. C., tornou-se famoso por suas preocupações sociais.

AMRI: chefe militar israelita que se revoltou contra o rei Zambri, tomando-lhe o cetro de Israel. É conhecido por ter comprado as montanhas da Samaria.

ANA (1): esposa de Elcana, era estéril, mas concebeu a Samuel, o último dos juízes de Israel, depois de tê-lo prometido para o serviço do Senhor, no templo de Silo.

ANA (2): esposa de Tobit e mãe de Tobias.

ANA (3): profetiza que, junto com Simeão, esteve presente à apresentação do menino Jesus no Templo, reconhecendo no filho de Maria o redentor de Israel.

ANANIAS: judeu convertido a Cristo que foi morto por Deus por ter tentado enganar a Pedro na hora de ceder seus bens à comunidade.

ANÁS: sogro de Caifás, que era o Sumo Sacerdote por ocasião da morte de Jesus.

ANDRÉ: irmão de Pedro e discípulo de João Batista, tornou-se o primeiro apóstolo a ser recrutado por Jesus Cristo.

AOD: segundo juiz de Israel, assassinou pessoalmente o rei de Moab, enterrando-lhe um punhal em seu ventre.

AQUIMELEC: sacerdote de Nob, foi morto por Saul por ter ajudado seu rival Davi.

AQUINOAM: uma das esposas de Davi.

AQUIOR: amonita que auxiliou os judeus de Betúlia na resistência ao

cerco patrocinado por Holoternes, no episódio de Judite.

AQUIS: rei de Gat, diante do qual Davi, fugitivo de Saul, se fez de louco para não ser reconhecido.

AQUITOFEL: ex-aliado de Davi, passou-se para o lado de Absalão na disputa que opôs este a seu pai.

ASA: rei de Judá, firmou um pacto com o rei de Aram para guerrear contra o rei Baasa, de Israel, depois da cisão entre as tribos do norte e do sul.

ASAE: irmão de Joab, foi morto por Abner durante uma perseguição, após a batalha que opôs os exércitos de Davi aos de Isbaal, filho de Saul.

ASENAT: esposa egípcia de José, filha do sacerdote de On.

ASER: filho de Jacó e da escrava Zelfa, é pai de uma das doze tribos de Israel.

ASERA: deusa cananéia da fertilidade.

ASMODEU: demônio que causou a morte de sete maridos de Sara, futura esposa de Tobias.

ASTARTE: deusa cananéia, era a deusa do amor e esposa do deus Baal.

ASSUERO: rei da Pérsia, casou-se com a judia Ester.

ATALIA: mãe do rei Ocozias, de Judá, ordenou o assassinio de todos os sobreviventes da família real depois que Ocozias foi assassinado por Jeú. Joás, entretanto, foi salvo pela irmã de Ocozias e tornou-se rei alguns anos depois, ao mesmo tempo em que Atalia era morta.

AZARIAS: nome fictício que o anjo Rafael assumiu quando apresentou-se a Tobit como guia para conduzir seu filho Tobias até a cidade de Ecbátana.

BAAL: deus cananeu da fertilidade, rival do Deus de Israel.

BAANA: chefe militar que matou Isbaal, filho de Saul, para agradar a Davi. Terminou morto a mando deste.

BAASA: rei de Israel, matou o seu antecessor, Nadab, numa cilada.

BALA: escrava de Raquel, deu dois filhos a Jacó (Dan e Neftali).

BALAC: rei de Moab, contratou o profeta Balaão para que amaldiçoasse os hebreus acampados nas fronteiras de suas terras.

BALAÃO: profeta não-israelita que abençoou os hebreus. Teve um curioso episódio com um jumento falante. Acabou morto pelos israelitas num confronto com os madianitas.

BALDAD: um dos amigos de Jó, que censurou-lhe a revolta contra Deus.

BALTASAR (1): rei babilônio, patrocinou o famoso festim no qual surgiu uma inscrição na parede, que o profeta Daniel decifrou como sendo um prognóstico divino do fim do seu reinado.

BALTASAR (2): segundo a lenda, um dos reis magos que teriam visitado

o menino Jesus recém-nascido.

BARAC: comandante hebreu que derrotou a Sísara, comandante dos cananeus, a mando da juíza Débora.

BARNABÉ: discípulo que viajou com Paulo em várias expedições evangelizadoras.

BARTIMEU: cego que, segundo Marcos, Jesus curou em Jericó.

BARTOLOMEU: um dos doze apóstolos, também chamado de Natanael, ficou famoso pelo chiste com que pretendeu ridicularizar Jesus antes de tornar-se seu discípulo.

BEELZEBUB ou BELZEBU: divindade de Ascaron à qual o rei Ocozias recorreu para tratar de uma doença. Teria, mais tarde, o seu nome associado à figura do Satanás dos cristãos.

BEEMOT: animal fabuloso citado no Livro de Jó, tido como personificação do mal.

BEN-ADAD: rei de Aram, foi derrotado duas vezes pelo rei Acab, de Israel, mas teve sua vida poupada graças a um pedido de clemência.

BEN-AMIN: filho incestuoso de Lot com uma de suas próprias filhas, deu origem à tribo dos amonitas, que se tornaria ferrenha inimiga de Israel em Canaã.

BENJAMIN: filho de Raquel e Jacó, foi o caçula dos filhos do patriarca judeu.

BESELEEL: hábil artífice, confeccionou a arca da aliança, a pedido de Moisés.

BETSABÉIA: esposa de Urias, um heteu convertido ao judaísmo, teve um romance com Davi, rei de Israel, o que provocou a morte de seu esposo. Mais tarde tornou-se mãe de Salomão, sendo o pai o mesmo Davi.

BETUEL: filho de Naor (irmão de Abraão), era pai de Rebeca, esposa de Isaac.

BOOZ: casou-se com a moabita Rute depois que seu marido faleceu, deixando-a sem descendência.

CAIFÁS: Sumo Sacerdote dos judeus à época da morte de Jesus.

CAIM: primogênito de Adão e Eva, cometeu o primeiro assassinato ao matar seu irmão Abel.

CALEB: tomou parte, junto com Josué, na primeira expedição à terra prometida.

CAM: filho de Noé, é pai dos cananeus e dos egípcios. Foi amaldiçoado pelo pai por tê-lo visto nu e embriagado em sua tenda.

CETURA: segunda esposa de Abraão, deu-lhe mais seis filhos, além dos já existentes Isaac e Ismael.

CIS: pai de Saul, o primeiro rei de Israel, havia mandado o filho em busca de algumas jumentas perdidas, sem imaginar que no caminho seria ele ungido rei de Israel pelo profeta Samuel.

CLÉOFAS: discípulo de Cristo que, a caminho de Emaús, avistou-se com o mestre ressuscitado.

CORÉ: tomou parte numa rebelião contra Moisés e terminou, por conta disso, tragado pela terra, junto com seus familiares.

COZBI: mulher madianita que foi morta por Finéias por ter se envolvido com um israelita.

CUSAI: espião de Davi que se infiltrou no conselho de Absalão e provocou a queda deste por meio de um comentário desfavorável.

DÃ: filho da escrava Bala e de Jacó.

DAGON: um dos deuses mais importantes dos filisteus, estava associado à agricultura. Foi durante um grande sacrifício ao deus que Sansão destruiu seu templo, matando a todos e a si próprio.

DALILA: amante filistéia de Sansão, traiu-o após fazê-lo contar o segredo de sua prodigiosa força.

DANIEL: um dos mais importantes profetas bíblicos, acompanhou os judeus no exílio, tornando-se figura de destaque na corte babilônica. Num dos tantos episódios em que se envolveu, terminou lançado numa cova cheia de leões, sendo salvo pelo Senhor.

DARIO: rei persa, viu-se obrigado a mandar lançar o profeta Daniel na cova dos leões por força de uma intriga urdida por cortesãos invejosos.

DATÃ: tomou parte numa revolta contra Moisés e foi punido por Deus quando o chão abriu-se a seus pés, sepultando-o vivo com seus familiares.

DAVI: filho de Jessé, foi o mais importante dos reis de Israel. Depois de derrotar o gigante Golias, tornou-se rei dos hebreus. Apaixonado por Betsabéia, livrou-se do marido desta enviando-o para a linha de frente do campo de batalha. Mais tarde teve de enfrentar a revolta de seu próprio filho, Absalão, que terminou morto, garantindo Davi no comando de Israel.

DÉBORA: única mulher a governar os judeus; era juíza e derrotou os cananeus em combate.

DOEG: oficial de Saul que reconheceu Davi quando este foi a Nob pedir auxílio ao sacerdote Aquimelec. Foi o autor da chacina dos sacerdotes de Nob, a pedido de Saul.

EDOM: outro nome de Esaú, que deu origem à tribo dos edomitas.

inimigos de Israel.

EFRAIM: segundo filho de José do Egito, tornou-se líder de uma das doze tribos de Israel.

EGEU: chefe dos eunucos que cuidavam do harém do rei persa Assuero. Foi ele quem escolheu Ester para levá-la à presença do rei, que procurava para si uma nova esposa.

EGLON: rei moabita que morreu apunhalado por Aod, juiz de Israel.

ELA: sucessor de Baasa no trono de Israel, matou toda a descendência do antecessor para evitar ameaças ao seu governo. Foi morto por Zambri, seu oficial.

ELCANA: esposo de Ana (futura mãe do profeta Samuel), tinha também uma outra esposa, chamada Fenena. Foi o pai de Samuel.

ELDAD: homem que se pôs a profetizar em meio ao povo, no deserto, depois que Deus repartira os dons do seu espírito sobre diversos membros da comunidade israelita.

ELEAZAR: filho de Aarão, assumiu as funções sacerdotais do pai, após a morte deste.

ELI: sumo sacerdote do templo de Silo, foi também o penúltimo juiz de Israel.

ELIAB: filho mais velho de Jessé, foi preterido por Samuel em favor de Davi para receber a Unção que o tornaria novo rei de Israel.

ELIAS: um dos mais importantes profetas de Israel, censurou asperamente as apostasias dos reis hebreus, em especial de Acab e de sua esposa Jezabel. No fim da vida foi elevado aos céus numa carruagem de fogo.

ELIFAZ: um dos amigos de Jó que o assistiram em sua provação.

ELIÉZER (1): servo de Abraão, foi encarregado de encontrar uma esposa para Isaac.

ELIÉZER (2): filho de Moisés.

ELIMELÉC: esposo de Noemi, faleceu em terras de Moab, obrigando-a a retornar para Israel com sua nora Rute.

ELISEU: profeta hebreu, foi o sucessor de Elias. Fez diversos milagres, ao mesmo tempo em que tentou deter, sem sucesso, a marcha inexorável de Israel para a sua queda.

ELIÚ: quarto contestador de Jó, que surgiu quase ao final do debate entre este e seus três amigos Elifaz, Baldad e Sofar para lhe dizer que seu sofrimento era um aprendizado.

ELON: décimo juiz de Israel, governou por dez anos.

ENAC: homem que deu origem a tribo dos anecitas, uma raça de gigantes da qual se originaria Golias, rival de Davi.

EVA: a primeira mulher e mãe do gênero humano. Por ter comido do fruto proibido, foi expulsa, juntamente com Adão, do Jardim do Éden.

ENOQUE (1): filho de Caim, foi homenageado por seu pai quando este fundou uma cidade na região de Nod.

ENOQUE (2): descendente de Set, foi levado por Deus no final da vida, sem passar pela morte, por causa de sua grande retidão.

ESAÚ: filho primogênito de Isaac, foi enganado pelo irmão Jacó no episódio da bênção furtada.

ESTER: filha adotiva de Mardoqueu, casou-se com o rei da Pérsia, impedindo, mais tarde, que se consumasse o genocídio dos judeus que viviam nas terras do rei.

ESTEVÃO: judeu convertido a Cristo, tornou-se o primeiro mártir cristão após morrer apedrejado pelos judeus.

ÊUTICO: jovem que caiu de uma janela enquanto Paulo pregava. Depois de morto, foi ressuscitado pelo mesmo Paulo, que prosseguiu a pregação.

EZEQUIEL: profeta hebreu que teria vivido em cerca de 6 a. C. e que se caracterizou por suas visões e crítica ácida aos líderes hebreus que, no seu entender, haviam levado Israel à ruína.

EZEQUIAS: filho de Acaz, tornou-se rei de Judá. Conseguiu impedir a tomada de Jerusalém pelos assírios.

FACÉIA: rei de Israel, foi assassinado por Oséias, que se tornou o novo rei.

FARA: escudeiro de Gedeão, foi com este até o acampamento dos madianitas inimigos para descobrir seus planos antes de um combate.

FARÉS: primogênito de Tamar e de Judá, tornou-se ascendente de Davi e de Jesus.

FENENA: uma das esposas de Elcana, pai de Samuel.

FILIPPE: apóstolo de Jesus, celebrizou-se por pregar entre os gentios e por ter protagonizado junto com Jesus o episódio da multiplicação dos pães.

FINÉIAS (1): filho de Eleazar e neto de Aarão, foi sacerdote do Templo. Matou o hebreu Zambri com uma lança por este ter-se envolvido com uma mulher madianita.

FINÉIAS (2): um dos filhos do sacerdote Eli, levou a casa de seu pai à perdição por abusar dos direitos que lhe conferia o cargo do pai.

FUA: uma das parteiras egípcias que descumpriram a ordem do Faraó de matar os bebês do sexo masculino dos israelitas.

GAAL: tentou deter a tirania de Abimelec, tirano israelita, mas foi derrotado e expulso de Siquém.

GAD (1): filho da escrava Zelfa e de Jacó.

GAD (2): profeta que acompanhou Davi em seu exílio, durante a perseguição de Saul.

GALAAD: neto de Manassés, fundou a tribo dos galaaditas, que se instalou a leste do Jordão.

GAMALIEL: doutor da lei que recomendou a libertação de Pedro e João, após a prisão destes por estarem pregando idéias cristãs entre os judeus do Templo.

GASPAR: um dos três reis magos míticos (seu nome, a exemplo dos outros, não consta na Bíblia).

GEDEÃO: quinto juiz de Israel, derrotou os madianitas graças a um hábil ardil.

GÉRON: filho primogênito de Moisés.

GIEZI: servo do profeta Eliseu, teve o corpo tomado pela lepra ao tentar tirar vantagem de uma cura que o profeta operara num oficial arameu.

HAMOR: governante das terras de Siquém, foi morto pelos filhos de Jacó depois que estes vingaram o rapto de Diná.

HANON: filho de um rei amonita, entrou em guerra contra Davi, depois que desfeiteou os embaixadores que este enviara à sua coroação.

HEBER: um dos descendentes de Noé, cujo nome serviu de raiz ao termo “hebreu”.

HER: filho primogênito de Judá, morreu após casar-se com Tamar.

HERODES, O GRANDE: governador da Judéia, foi o responsável pelo massacre dos inocentes, logo após o nascimento de Jesus.

HERODES ANTIPAS: filho de Herodes, o Grande, governou a Galiléia sob mando romano. Ordenou a morte do profeta João Batista a pedido de sua sobrinha Salomé.

HERODÍADES: esposa de Herodes Antipas e mãe de Salomé.

HIRA: amigo de Judá, foi com ele até Tamna, onde o primeiro teve um envolvimento com sua nora Tamar, que se disfarçara de prostituta.

HIRAM: rei de Tiro, ajudou Salomão a construir o seu famoso Templo.

HOFNI: um dos filhos do sacerdote Eli que levaram o pai e Israel à perdição por culpa de seus abusos na administração do templo de Silo.

HOLOFERNES: comandante de Nabucodonosor, que chefio o cerco à cidade de Betúlia e terminou morto por Judite em sua própria tenda.

HUR: ajudou Moises a manter erguido o cajado durante a batalha que Josué manteve contra os amalecitas, ainda antes da entrada dos hebreus na terra prometida.

ICABOD: filho de Finéias (um dos filhos do sacerdote Eli), nasceu órfão, pois seu pai morrera às mãos dos filisteus, e sua mãe, durante o parto.

ISAAC: filho de Abraão e de sua esposa Sara. Depois de quase ter sido sacrificado por seu pai, num teste que Deus lhe impôs, casou-se com Rebeca e tornou-se pai de Esaú e Jacó.

ISABEL: mãe do profeta João Batista.

ISAÍAS: um dos profetas mais importantes do Antigo Testamento, foi incansável em alertar as lideranças hebréias sobre os efeitos nefastos da idolatria no futuro de Israel e Judá.

ISBAAL: filho de Saul, disputou a coroa de Israel com Davi numa sangrenta guerra. Terminou morto por dois de seus aliados, numa traiçoeira armadilha.

ISMAEL: filho de Abraão e da escrava egípcia Agar, foi expulso com a mãe para o deserto.

ISSACAR: filho de Lia e de Jacó.

ISTAR: deusa cultuada em quase todo o Oriente antigo, foi muito combatida pelos profetas judeus.

JABIN: rei cananeu de Hasor, enfrentou a juíza Débora e foi por ela derrotado.

JACÓ: segundo filho de Isaac, era irmão gêmeo de Esaú, a quem enganou ao tomar o seu lugar na hora de receber a bênção de morte do seu pai. Foi pai de José do Egito e dos fundadores das Doze Tribos de Israel.

JAEL: mulher quenita que vingou os israelitas ao martelar um prego na cabeça de Sísara, comandante cananeu, enquanto este dormia.

JAFÉ: filho de Noé, é o pai dos povos gentios.

JAIR: sétimo juiz de Israel, é tido como um juiz menor.

JAIRO: pai da menina que Jesus ressuscitou.

JECONIAS: revoltou-se contra Deus, logo após o retorno da arca sagrada (que fora raptada pelos filisteus) a Betsames. Foi morto junto com outros setenta de seu clã.

JEFTÉ: oitavo juiz de Israel, derrotou os madianitas, mas ao preço de um juramento que acabou por custar a vida de sua filha única.

JEOVÁ: pronúncia aproximada do nome hebraico do Deus dos judeus (YHWH).

JEREMIAS: profeta hebreu que viveu nos séculos 7 a 6 a. C., tornou-se

célebre por suas Lamentações, conjunto de textos nos quais lamenta a destruição de Jerusalém.

JEROBAAL: apelido dado a Gedeão, juiz israelita, que significa “Deixa Baal brigar”.

JEROBOÃO: oficial do rei Salomão que se rebelou, tornando-se rei das tribos do norte de Israel.

JESUS CRISTO: filho de Maria e José, é considerado pelos cristãos como o Messias da tradição judaica.

JEZABEL: filha do rei de Sidon, tornou-se rainha de Israel após casar-se com o rei Acab. Devota do deus Baal, introduziu no país dos judeus o seu culto, provocando a ira de Deus. Terminou lançada da janela do palácio real depois que Jeú, comandante militar israelita, encabeçou uma rebelião que pôs fim à vida dos reis de Israel e Judá.

JESBAAL: um dos “valentes de Davi”, teria matado oitocentos inimigos com um único golpe de sua lança.

JESSÉ: filho de Obed, pai do rei Davi.

JETER: filho amedrontado do juiz israelita Gedeão, recusou-se a matar dois reis madianitas aprisionados pelo pai.

JETRO: sacerdote de Madiã, sogro de Moisés. Às vezes é também chamado, na própria Bíblia, por outros nomes, tais como Ragüel ou Hobab.

JEÚ: comandante militar israelita, foi ungido rei a mando de Eliseu, depois que Deus decidiu pôr um fim ao reinado dos reis de Judá e Israel. Jeú comandou um massacre, na tentativa de pôr fim à idolatria do deus Baal, mas acabou sendo condescendente com outras formas de apostasia, o que levou seu reinado a um mau termo.

JÓ: habitante de Edom, a quem Deus testou a fé por meio de uma dura provação.

JOAB: chefe militar de Davi, matou a Abner, comandante de Isbaal, para vingar a morte de seu irmão Asael.

JOACAZ (1): filho de Jeú, retornou, depois da morte do pai, às práticas da idolatria de seus antecessores, fazendo com que o Senhor punisse os hebreus com grandes derrotas militares.

JOACAZ (2): rei de Israel, desobedeceu a Deus, o que provocou sérias derrotas aos seus exércitos.

JOANA: mulher que, segundo Lucas, acompanhou as duas Marias ao santo sepulcro.

JOÃO BATISTA: filho de Zacarias e Isabel, foi o precursor de Jesus

Cristo. Morreu decapitado, a pedido de Salome, sobrinha de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia.

JOÃO EVANGELISTA: um dos doze apóstolos, é considerado também como sendo autor do evangelho que leva seu nome e do Apocalipse, embora poucos estudiosos considerem que seja realmente ele o autor dos dois textos (ou ao menos da sua totalidade).

JOAQUIM (1): filho de Joacaz, tornou-se vassalo de Nabucodonosor, preparando a ruína definitiva de Judá e a queda de Jerusalém.

JOAQUIM (2): marido de Susana, jovem judia que protagonizou um episódio de pretenso adultério durante o período do exílio babilônico.

JOÁS (1): pai de Gedeão, impediu que o filho fosse morto por ter destruído o altar do ídolo Baal.

JOÁS (2): filho do rei Ocozias de Judá, foi salvo por sua irmã do massacre que Atalia promoveu contra a família real após a morte do esposo, e tornou-se rei de Judá.

JOATÃO: irmão do tirano Abimelec, era, como este, filho de Gedeão, e foi o único sobrevivente do massacre que este fez contra seus irmãos.

JOCABED: mãe de Moisés, lançou o filho no Nilo dentro de um cesto para que este fosse encontrado pela filha do Faraó.

JOEL: um dos filhos de Samuel no juizado de Israel, foi rejeitado pelo povo como sucessor do pai devido às suas práticas corruptas.

JOIADA: sacerdote que liderou a rebelião que elevou Joás ao trono de Judá, provocando também a morte de Atalia.

JOIAQUIN: sucessor de Joaquim no trono de Judá, foi feito prisioneiro pelos babilônios depois do cerco que Nabucodonosor impôs a Jerusalém.

JONADAB: primo de Amnon, sugeriu a este filho de Davi um meio para que pudesse violar sua meia-irmã Tamar.

JONAS: profeta encarregado por Deus de censurar os habitantes de Nínive, recusou-se a cumprir a missão. Após ser lançado ao mar durante uma tempestade, foi engolido por uma baleia e cuspidos de volta à terra três dias depois.

JÔNATAS (1): descendente de Moisés, misturou o culto de Jeová com o de um deus menor cananeu.

JÔNATAS (2): filho de Saul, ajudou a derrotar os filisteus num lance pessoal de audácia. Amigo íntimo de Davi, terminou morto, mais tarde, às mãos dos filisteus, juntamente com o pai.

JORÃO (1): irmão de Ocozias, sucedeu a este no governo de Israel. Durante seu reinado derrotou os moabitas, embora tenha feito pouco para pôr

fim a idolatria.

JORÃO (2): filho de Josafá, tornou-se rei de Judá. Era casado com uma filha de Acab, antigo rei de Israel.

JOSAFÁ: sucessor de Asa, foi rei de Judá.

JOSÉ (1): filho de Raquel e de Jacó, foi vendido pelos irmãos a mercadores árabes, tornando-se posteriormente poderoso ministro do faraó egípcio.

JOSÉ (2): considerado pela tradição como pai “adotivo” de Jesus, foi esposo de Maria. Os evangelhos não referem mais nada acerca de sua vida ou de sua morte.

JOSÉ DE ARIMATÉIA: judeu influente que deu sepultura ao corpo de Jesus.

JOSIAS: um dos reis mais piedosos de Judá, procedeu à derrubada dos altares pagãos, além de fazer uma reforma no Templo. Morreu num combate contra os egípcios.

JOSUÉ: guerreiro hebreu da tribo de Efraim, foi um dos grandes heróis de Israel.

JUDÁ: filho de Lia e de Jacó, tornou-se chefe de uma das mais importantes tribos de Israel.

JUDAS ISCARIOTES: talvez o mais famoso dos doze apóstolos depois de Pedro, foi o responsável direto, com sua traição, pela prisão de Jesus e sua posterior crucificação.

JUDAS TADEU: um dos doze apóstolos, tornou-se um dos santos mais famosos do calendário cristão. Segundo a tradição, foi morto a golpes de machadinha em 70 d. C., junto com Simão Zelote.

JUDITE: viúva judia que decepou a cabeça de Holofernes, livrando os judeus do cerco que este promovera à cidade de Betúlia.

LABÃO: irmão de Rebeca, obrigou Jacó a servir-lhe durante sete anos para que este pudesse tomar em casamento a sua filha Raquel. Por um ardil, acabou impondo-lhe antes a outra filha, chamada Lia.

LAMEC (1): descendente de Caim, compôs um poema no qual narrava o crime de seu avô e dois outros de sua própria autoria.

LAMEC (2): filho de Matusalém, era pai de Noé.

LÁZARO: irmão de Maria Madalena, foi ressuscitado por Jesus num famoso episódio.

LEVI: filho de Lia e de Jacó.

LEVIATÃ: monstro mitológico citado no livro de Jó e também no de

Jonas (aqui identificado com as baleias).

LIA: esposa de Jacó, foi impingida a este graças a um estratagema de seu pai, Labão.

LOT: sobrinho de Abraão, fugiu com sua família da corrupta Sodoma, antes do castigo divino.

LUCAS: um dos evangelistas, tornou-se famoso por divulgar as parábolas mais famosas de Cristo.

MAALON: um dos dois filhos de Elimelec, faleceu em Moab sem deixar descendência.

MADIÃ: filho de Abraão e Cetura, deu origem à tribo nômade dos madianitas.

MALCO: soldado que teve a orelha decepada por Pedro, quando da prisão de Jesus.

MANASSÉS (1): filho primogênito de José, foi líder de uma das doze tribos de Israel.

MANASSÉS (2): um dos piores reis que Judá teve, entregou-se a todas as práticas da idolatria, tendo, inclusive, sacrificado o próprio filho num dos altares profanos.

MANUÉ: pai de Sansão, conversou com o anjo que dera a notícia da concepção do filho à sua esposa estéril.

MARCOS: um dos quatro evangelistas, é considerado o autor do primeiro dos quatro evangelhos canônicos.

MARDOQUEU: pai adotivo de Ester, ajudou-a a impedir o massacre dos judeus submetidos ao poder do imperador persa Assuero.

MARIA DE NAZARÉ: mãe de Jesus, tornou-se a principal personagem feminina de toda a Bíblia, para os cristãos, sendo venerada de modo especial pelos católicos, que a chamam “Mãe de Deus”.

MARIA MADALENA: irmã de Marta e Lázaro, é uma das personagens mais enigmáticas e polêmicas de todo o evangelho (alguns chegam a sugerir que tenha sido esposa de Jesus).

MATEUS: um dos quatro evangelistas, é considerado patrono da contabilidade, por ter sido coletor de impostos antes de ter se tornado apóstolo de Cristo.

MATIAS: apóstolo escolhido para suceder a Judas, que se enforcara.

MEDAD: homem que se transformou subitamente em profeta, quando Deus espalhou os seus dons no deserto para aliviar a carga que pesava sobre os ombros de Moisés.

MELCART: deus fenício da fertilidade, teve seu culto instituído em Israel

pela rainha Jezabel.

MELQUISEDEQUE: sacerdote de Salém, abençoou Abraão após sua vitória contra os quatro reis.

MELQUIOR: um dos três reis magos, segundo a tradição cristã.

MERAB: filha mais velha do rei Saul, que Davi se recusou a tomar como esposa.

MERIBAAL: filho aleijado de Saul, ficou submetido a Davi quando este tornou-se rei.

MICAS: habitante de Efraim, misturou o culto do deus de Israel ao de um deus menor, por sugestão da sua mãe. No fim teve a imagem roubada por um bando de guerreiros da tribo de Dan que seguiam numa expedição de conquista às terras da região de Lais.

MICOL: filha mais nova do rei Saul, que Davi tomou por esposa. Ela salvou-o, mais tarde, de uma cilada que seu pai havia montado para assassiná-lo.

MILKÁ: esposa de Naor, irmão de Abraão.

MIQUÉIAS: profeta que vaticinou a morte do rei Acab nos campos de Galaad.

MIRIAM: irmã de Moisés, ajudou a colocá-lo no cesto para que a filha do Faraó o encontrasse. Mais tarde, já no deserto, foi castigada com a lepra, por ter-se rebelado contra o irmão.

MOAB: filho de Lot e de sua própria filha, deu origem à tribo dos moabitas, inimiga de Israel.

MOISÉS: um dos principais personagens do Antigo Testamento, libertou os judeus do cativeiro no Egito, além de ter conduzido seu povo pelo deserto até a terra prometida, embora ele próprio não tenha conseguido nela ingressar.

MOLOC: deus cananeu, foi particularmente venerado pelos judeus no período do rei Acáz.

NAAMÁ: esposa de Noé, segundo a tradição (pois seu nome não consta na Bíblia).

NAAMÃ: comandante arameu que teve sua lepra curada pelo profeta Eliseu.

NAÁS: líder amonita que impôs um cerco à cidade israelita de Jabes e acabou derrotado por Saul.

NABAL: rico criador de ovelhas que se negou a oferecer ajuda a Davi quando este estava proscrito de Israel. Morreu de desgosto ao saber que sua mulher Abigail havia traído sua confiança e levado víveres a Davi e seus homens.

NABONED: rei da Babilônia, que levou em cativeiro o rei da Judá, Jeconias.

NABONIDES: ultimo rei da Babilônia, foi substituído no fim do reinado por seu filho Baltasar, antes da conquista promovida pelo persa Ciro.

NABOT: plantador de vinhas, morreu apedrejado graças a um ardil da rainha Jezabel, que pretendia apossar-se do seu terreno, ambicionado pelo rei Acab.

NABUCODONOSOR: rei da Babilônia, efetuou campanhas vitoriosas, tendo sido o responsável pela tomada e destruição de Jerusalém.

NADAB (1): foi morto por Deus quando cometeu um deslize diante do Senhor, no Tabernáculo.

NADAB (2): filho de Jeroboão, tornou-se rei das tribos do norte de Israel.

NAOR: irmão de Abraão.

NATÃ: profeta do tempo de Davi, censurou asperamente a este por ter mandado Urias deliberadamente para a morte, a fim de ficar com sua esposa Betsabéia.

NEFTALI: filho de Jacó e da escrava Bala.

NEMROD: descendente de Cam, era um misto de rei, caçador e construtor. Segundo a tradição, teria sido ele o arquiteto da Torre de Babel, situada na região da antiga Babilônia.

NICODEMOS: discípulo de Cristo que, junto com José de Arimatéia, ajudou a sepultar o corpo de Jesus Cristo.

NOEMI: esposa de Elimelec, foi com ele para Moab, onde enviuvou, tendo de retornar a Judá com a moabita Rute, sua nora.

OBED (1): pai de Gaal, que tentou deter a tirania do usurpador hebreu Abimelec.

OBED (2): filho de Booz e de Rute, foi pai de Jessé e avô do rei Davi.

OBED-EDOM: recebeu a arca sagrada em sua casa antes que ela fosse levada para Jerusalém.

OCOZIAS (1): sucedeu ao seu pai Acab como rei de Israel. Patrocinou, tal como o pai, a idolatria, e por isso não foi bem visto pelo Senhor.

OCOZIAS (2): filho de Jorão, rei de Judá, reinou apenas um ano.

OG: rei de Basã, atacou os judeus quando estes se aproximaram de suas fronteiras. Como resultado obteve a derrota total, não restando um único sobrevivente dessa empreitada funesta.

ONÃ: segundo filho de Judá, morreu depois que se recusou a fertilizar a viúva de seu irmão.

OREB: rei madianita morto por Gedeão, teve sua cabeça cortada.

ORFA: uma das noras de Noemi que ficou em Moab, depois de enviuar de um dos filhos desta.

OSÉIAS: último rei de Israel, matou seu antecessor Facéia para assumir a coroa. Pressionado pela poderosa Assíria, tornou Israel um estado vassalo desse império.

OTONIEL: primeiro juiz de Israel, era irmão de Caleb e pôs fim à sujeição de oito anos que o reino de Aram impusera a Israel.

OZIAS: chefe dos anciãos da cidade de Betúlia, organizou a defesa da cidade quando os exércitos de Holofernes a sitiaram.

PAULO: a princípio ex-perseguidor de cristãos, tornou-se depois um dos maiores propagandistas da fé cristã, protagonizando episódios de extraordinária importância para o estabelecimento da Igreja.

PEDRO: um dos doze apóstolos de Jesus, o fundador da Igreja Católica.

PILATOS: governador romano da Judéia, por ocasião do julgamento de Jesus. Tornou-se famoso pelo gesto de “lavar as mãos”, entregando Jesus ao julgamento dos judeus.

POTIFERA: sacerdote de On, era pai de Asenat, esposa de José.

PUTIFAR: despenseiro-mor do Faraó, acolheu José como administrador.

QUELION: um dos dois filhos de Noemi, que, tendo ido com a mãe e o pai para Moab, terminou morrendo lá e deixando uma viúva sem descendência.

RAAB: prostituta de Jericó que deu asilo aos espiões hebreus quando estes foram espionar a terra que Josué pretendia invadir. Antepassada de Davi e Jesus, segundo Mateus.

RAGÜEL: pai de Sara, tornou-se sogro de Tobias ao ceder a este a mão de sua filha.

RAQUEL: filha de Labão, casou-se com Jacó, tornando-se mãe de José do Egito.

REBECA: filha de Betuel, era prima de Isaac, com quem se casou. Foi mãe de Esaú e Jacó.

RECAB: um dos chefes militares que matou Isbaal, filho de Saul.

RESFA: concubina de Saul que se tornou motivo do desentendimento entre seu filho Isbaal e Abner, chefe militar deste.

ROBOÃO: filho do rei Salomão, substituiu ao pai, tornando-se rei apenas das tribos de Judá e Benjamin, após a separação entre as tribos do norte e do sul.

RUBEN: primogênito de Jacó, era filho de Lia. Perdeu a condição de primogênito por ter ido para a cama com uma das servas do pai.

RUTE: nora de Noemi, era moabita e foi para Israel com a sogra, adotando os costumes e o deus de Israel. Mais tarde casou-se com Booz, tornando-se ancestral de Davi e de Jesus.

SAFIRA: esposa de Ananias, foi morta por Deus por haver tentado enganar o apóstolo Pedro.

SÁLMANA: rei madianita derrotado e morto por Gedeão.

SALMANASAR: imperador assírio, submeteu os judeus no seu império.

SALOMÃO: filho de Davi, foi um dos reis mais importantes de Israel.

Idealizador de obras famosas, como o Templo que levava o seu nome, tornou-se célebre também por sua sabedoria, sendo autor dos Provérbios e do Livro da Sabedoria, além de ter atribuído à sua autoria o Cântico dos Cânticos e o Eclesiastes.

SALOMÉ: filha de Herodíades e sobrinha de Herodes Antipas, pediu a cabeça de João Batista em recompensa por haver dançado para seu tio.

SAMGAR: terceiro juiz de Israel, matou seiscentos filisteus com a relha de uma charrua.

SAMUEL: um dos mais famosos líderes hebreus, venceu os filisteus e encerrou a fase dos juízes hebreus ao ungir Saul como primeiro rei de Israel.

SANSÃO: décimo segundo juiz de Israel, era dono de uma prodigiosa força. Foi traído por sua amante filistéia, chamada Dalila. Preso pelos inimigos, provocou a morte deles e a de si próprio, ao derrubar as colunas do palácio onde estava aprisionado.

SARA (1): esposa de Abraão, era estéril, mas graças à vontade de Deus pôde tornar-se mãe de Isaac depois dos noventa anos de idade.

SARA (2): filha de Ragüel, casou-se com Tobias, filho de Tobit.

SAUL: Foi ungido por Samuel como primeiro rei de Israel. Grande guerreiro, enlouqueceu no fim da vida e passou a tramar a morte de Davi, a quem via como um perigoso rival. Matou-se durante uma batalha, ao perceber que seria capturado pelo inimigo.

SAULO: dito Saulo de Tarso, é o mesmo Paulo que se tornaria santo cristão (ver “Paulo”).

SEDECIAS (1): profeta menor que esbofeteou Miquéias numa discussão acerca da conveniência ou não do rei Acab ir guerrear contra os exércitos do reino de Aram.

SEDECIAS (2): rei títere indicado por Nabucodonosor para governar Judá depois da tomada de Jerusalém. Seu verdadeiro nome era Matanias, e era tio paterno de Joiaquin, que o rei conquistador levava prisioneiro para a Babilônia.

SÉFORA: esposa de Moisés, era uma das sete filhas de Jetro, sacerdote de Madiã.

SEFRA: parteira egípcia que se negou a matar os bebês masculinos, conforme ordem do Faraó.

TEDDY 10 A 0 1 01 1 1 7 1 1 1

TEBNI: disputou com Amri o cetro das tribos do norte de Israel, levando a pior.

TIAGO MAIOR: irmão de João, foi um dos doze apóstolos e o primeiro destes a ser martirizado.

TIAGO MENOR: apóstolo de Jesus, cuja identidade é extremamente confusa, alguns chegando a considerá-lo como irmão de Jesus.

TOBIAS: filho de Tobit, casou-se com Sara, filha de seu tio Ragüel.

TOBIT: pai de família judeu que vivia no exílio babilônico com sua esposa Ana. Testado pelo Senhor, ficou cego, mas recuperou a visão após a intervenção do anjo Rafael.

TOLA: sexto juiz de Israel, é considerado um dos juízes menores.

TOMÉ: um dos doze apóstolos de Cristo, tornou-se famoso por haver duvidado da ressurreição de Cristo.

VASTI: esposa do rei Assuero da Pérsia, perdeu a condição de rainha ao recusar-se a comparecer diante do rei e de seus convidados durante um banquete.

YHWH: “Eu Sou Quem Sou”. O nome hebraico de Deus, também dito “Javé” ou “Jeová”.

ZABULON: filho de Jacó e de Lia.

ZACARIAS: pai de João Batista, ficou mudo por haver duvidado do poder de Deus em torná-lo pai na idade avançada em que estava.

ZAMBRI (1): judeu que foi morto por Finéias por ter-se envolvido com uma mulher madianita.

ZAMBRI (2): oficial de Ela, rei de Israel, matou a este, tornando-se o novo rei. Governou, porém, apenas sete dias e terminou matando-se num forte, durante uma rebelião.

ZAQUEU: coletor de impostos de Jericó que subiu numa árvore para poder ver a chegada de Jesus.

ZARA: segundo filho de Tamar, que esta teve com seu sogro Judá.

ZEB: rei madianita morto por Gedeão.

ZEBÁ: um dos reis madianitas que Gedeão capturou e matou com sua própria espada.

ZEBUL: prefeito de Siquém, aliou-se ao tirano israelita Abimelec.

ZELFA: escrava de Lia, teve dois filhos com Jacó (Gad e Aser).

BIBLIOGRAFIA

Livros

Alter, Robert e Kermode, Frank (orgs.). Guia literário da Bíblia. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997.

Archer, Gleason. Enciclopédia de termos bíblicos. Trad. Oswaldo Ramos. Vida: São Paulo, 2001.

Bernheim, Pierre-Antoine. Tiago, irmão de Jesus. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Bessiére, Gerárd. Jesus, o Deus surpreendente. Trad. Lídia da Mota Amaral. São Paulo: Objetiva, 1993.

Bíblia Sagrada. Trad. CNBB. São Paulo, 2002.

Costecalde, Claude-Bernard (edit.). A Bíblia da família. Zero Hora: Porto Alegre, 1984.

Dattler, Frederico. Sinopse dos quatro Evangelhos. 6ª ed. Paulus: São Paulo, 2003.

Espinosa, de Baruch. Tratado teológico-político. Trad. Diogo Pires Aurélio. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

Feuerbach, Ludwig. A essência do Cristianismo. Tradução de José da Silva Brandão. 2ª ed. Papirus: Campinas, 1997.

Finkelstein, Israel; Silberman, Neil Asher. E a Bíblia não tinha razão. Trad. Tuca Magalhães. A Girafa: São Paulo, 2003.

Frye, Northrop. Código dos Códigos – a Bíblia e a literatura. Trad. Flávio Aguiar. Boitempo: São Paulo, 2004.

Gardner, Laurence. A linhagem do Santo Graal. Trad. Marcos Malvezzi Leal. Madras: São Paulo, 2004.

Geisler, Norman; Howe, Thomas. Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia. Trad. Milton Azevedo Andrade. Mundo Cristão: São Paulo, 1991.

Paulo, 1991.

Johnson, Paul. História dos judeus. Trad. Henrique Mesquita e Jacob Volfzon Filho. Imago: Rio de Janeiro, 1995.

Keener, Craig S. Comentário bíblico – Atos – Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said. Atos: Belo Horizonte, 2004.

Mann, Thomas. José e seus irmãos. Trad. Agenor Soares de Moura. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2000.

Méier, John P. Jesus, um judeu marginal. Trad. Laura Rumchinsky. Imago: Rio de Janeiro, 1996.

Miles, Jack. Deus, uma biografia. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

Reese, Edward e Klassen, Frank. A Bíblia em ordem cronológica. Trad. Judson Canto. Vida: São Paulo, 2004.

Renan, Ernest. Paulo, o 13º apóstolo. Trad. Tomás da Fonseca. Martin Claret: São Paulo, 2003.

_____. Vida de Jesus. Trad. Eliana Maria de A. Martins. Martin Claret: São Paulo, 2003.

Rogerson, J. W. O livro de ouro da Bíblia. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Rohden, Huberto. A mensagem viva do Cristo (O Novo Testamento). Martin Claret: São Paulo, 2004.

_____. Sabedoria das parábolas. Martin Claret: São Paulo, 2004.

Schökel, Luís Afonso. A Bíblia do peregrino. Paulus: São Paulo, 2002.

Wangerin, Walter. O livro de Deus – a Bíblia romanceada. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. Mundo Cristão: São Paulo, 2003.

Revistas

Profetas (Coleção Grandes Heróis Bíblicos); “Revista das Religiões Especial”, Abril, 2004.

Apóstolos (Coleção Grandes Heróis Bíblicos); “Revista das Religiões Especial”, Abril, 2004.

Coleção Grandes Heróis Bíblicos. Edição especial “Revista das Religiões”. Abril Cultural: São Paulo, 2005.

Capa: Marco Cena
Preparação de original: Caroline Chang, Jó Saldanha
Revisão: Renato Deitos

F816c

Franchini, Ademilson S.
As 100 melhores histórias da Bíblia/ Ademilson S. Franchini, Carmen
Seganfredo. – Porto Alegre : L&PM, 2011.

ISBN 978.85.254.2317-7

1.Bíblia-Histórias.2.Seganfredo, Carmen. I.Título.
CDU 22.046

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© A. S. Franchini e Carmen Seganfredo, 2005

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br